



OPAL REYNE

A SOUL TO  
HEAL

---

DUSKWALKER BRIDES BOOK 2

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM



OPAL REYNE

A SOUL TO  
HEAL

---

DUSKWALKER BRIDES BOOK 2



# DUST WALKER BRIDES

ORDEM DE LEITURA





# ΣΙΝΟΠΣΕ

*Tudo o que a Delora sempre quis foi desaparecer.*

Jogada no véu por um crime que cometeu, Delora foi descartada pelo mundo. Embora com medo de sua morte, ela a aceita, pois seria uma fuga mundana de seus problemas. Ela não esperava que ela acordasse de sua queda mortal, nem que a pessoa que a salvou fosse um Caminhante do Crepúsculo.

Ela desconfia dele no início, mas Delora começa a perceber que há mais nele do que apenas um monstro sem rosto.

*Tudo o que ele sempre quis foi um nome.*

Depois de descobrir que os humanos podem ser mantidos como companheiros, ele começa a planejar para o dia em que encontrar sua própria noiva. Ainda lhe falta humanidade e há muito a aprender primeiro. Uma manhã, ao sair de sua caverna, uma humana de repente se choca com ele do céu. Partida e dormindo, ele começa a trabalhar para curar a mulher.

Ele não leva muito tempo para entender que ela está ferida de uma maneira que a magia dele não pode curar.

Mas será que ele será capaz de ganhar o afeto dela, ou será que ela virá a odiá-lo enquanto ele tropeça em seu caminho, aprendendo sobre ela - e mais importante, sobre si mesmo?

# AVISO DE GATILHO

*Grande spoiler abaixo*

Por favor, leia apenas se você não tiver gatilhos, caso contrário, você estragará seriamente o livro para si mesmo.

Em primeiro lugar, listarei quais gatilhos **NÃO ESTÃO** no livro para que você possa parar de ler para não estragá-lo: nenhum estupro, não-condenação, dano proposital, tortura, suicídio/automutilação, drama, abuso mental/emocional, incesto, aborto, abuso de drogas/álcool, procriação ou abuso de animais.

Há gordofobia APENAS no primeiro capítulo. O resto do livro está abraçando nossos belos e voluptuosos eus.

Há reflexos vívidos de ter sido traída (não pelo MMC). Delora sofre de TEPT e depressão.

Este livro tem o tropo de gravidez.

Se isso não é algo que você está interessado em ler, peço que você leve em consideração que este é um livro sobre monstros. Você estaria perdendo algo muito engraçado, fofo, interessante e também vital para a série. Você experimentará tudo, a gravidez, o nascimento e depois. Se isso não é algo que você pode lidar com a leitura devido ao trauma, lamento muito que você tenha enfrentado dificuldades.

A criança é colocada em situação de perigo. Nenhum dano acontece à criança, mas os vilões são cruéis e tentarão destruir tudo o que você ama sem se importar com a moralidade. Meus vilões sempre tentam ser o mais horríveis possível, mas não tema! Meus personagens são fortes e *sempre* salvam o dia.

Como sempre, meus livros têm pouco sangue.

**Para todos os MonsterFuckers deprimidos por aí,**

**Este livro é para você.**

*Às vezes, só precisamos que um monstro grande e mau apareça e nos lembre de que vale a pena viver. Ajuda quando eles são assustadores o suficiente para afugentar nossos pesadelos e travessos o suficiente para nos provocar com seu pau.*

*Este livro também é para minhas amigas gatas de tamanho grande.*

*Nós também merecemos amor, e meus Caminhantes do Crepúsculo não discriminam. Eles amam todas nós, mesmo as macias e moles.*



Delora mexeu os ombros de um lado para o outro enquanto abria e esticava os dedos, ambos na tentativa de se livrar das amarras da corda em seus pulsos.

Enquanto ela era conduzida pela densa floresta, sua respiração pesada saía como abafados bufos contra o pano que havia sido amarrado em sua cabeça. Enquanto absorvia a saliva dentro de sua boca seca, sua garganta parecia pegajosa.

O chão estava enlameado por causa da chuva que caía recentemente, e seu vestido, que era fosco, cinza e simples, agora estava sujo de tanto andar. Embora a parte de cima dela estivesse apenas suja devido ao leve suor que ela tinha, a parte de baixo do vestido estava coberta de lama por cair de joelhos várias vezes.

Ela sabia que seu longo cabelo preto estava terrivelmente emaranhado pelo que ela tinha visto cair em sua testa, obscurecendo sua visão mais vezes do que ela poderia contar. Também estava emaranhado com galhos e folhas perdidas.

A copa das folhas acima brilhava com a suave luz do sol no início da manhã deste dia de outono. A maior parte estava sombreada, o que fazia com que a brisa que agitava as folhas parecesse mais fria do que antes. A neve ainda não tinha começado a cair, mas ela tinha certeza de que em duas ou mais semanas, o lindo pó começaria a cobrir o chão.

Isso apenas os deixava com os sons de folhas mortas e gravetos triturando alto sob seus passos. Havia cerca de vinte e duas pessoas fazendo esta caminhada, e a maioria delas eram soldados blindados.

Ela lutou contra seus captores, apesar de saber que era inútil. Eles achavam que ela merecia isso e, de alguma forma, ela também.

Quanto mais eles caminhavam, mais sua luta diminuía.

Nem uma vez eles encontraram Demônios. Ela tinha certeza de que eles a teriam empurrado na frente dele e corrido para salvar suas vidas se tivessem feito isso.

É por isso que eles estavam aqui, afinal.

Na primeira noite em que partiram com ela, a cerca de um dia

de caminhada de sua cidade relativamente grande, eles montaram uma fogueira para a noite. Quase todo mundo estava atento aos seus arredores desde que a escuridão trouxe terrores sibilantes e uivantes.

Apenas uma pessoa ficou no acampamento para vigiá-la com um sorriso de desgosto horrivelmente distorcido.

O homem de meia-idade que havia permanecido como seu guarda tinha rugas de riso ao redor dos olhos e marcas de expressão na testa devido a anos de estresse. Sua barba castanha escondia a maior parte de sua idade, mas seus olhos verdes diziam que ele tinha pouco charme por trás de suas expressões sombrias.

Toda vez que ele olhava para ela, Delora estreitava os olhos com desprezo, assim como ela fazia agora quando o homem se virava para olhar por cima do ombro.

Quando ele viu a expressão dela, ele ergueu os olhos para o homem atrás dela com um certo olhar. O soldado atrás dela empurrou o cotovelo em suas costas para forçá-la a tropeçar.

Isso foi feito muitas vezes durante seu *agradável* passeio.

— Você deveria aprender a abandonar esse olhar. — O homem balançou a cabeça enquanto trazia os olhos para a frente para observar onde pisava. Então ele levantou um braço para dar a ela um encolher de ombros acenado. — É sua própria culpa que você está nessa bagunça.

Delora tentou falar ao redor do pano que foi enfiado tão fundo em sua boca que estava pressionando seus molares traseiros. Suas palavras só saíram distorcidas.

— Ouça ela bufar como um porquinho! — um dos guardas que caminhava com eles riu.

A visão de Delora se voltou para ele com um olhar ameaçador pelo canto do olho. A princípio, sua expressão de alegria foi interrompida. Então ele se lembrou de sua situação e se afastou dela com um sorriso torto.

Ela começou a gritar contra seu pano e parou de andar. Mesmo quando ela foi empurrada novamente, ela se recusou a cair ou se mover.

— *Ugh*. O que é agora? — Jetson, o líder desta excursão, gritou

enquanto se virava. Ele acenou com a mão para alguém desamarrar a boca dela. — O que você está...

— Eu preciso mijar, porra! — A voz de Delora quebrou uma oitava devido ao desuso, e estava muito mais rouca do que o normal.

Depois de começar com o grito dela, o lábio superior dele se contorceu em desgosto com a função corporal normal dela - como se ela não fosse nada além de uma criatura irracional e devesse apenas fazer xixi em si mesma.

Jetson deu um passo à frente para agarrar o rosto dela com uma das mãos, apertando suas bochechas contra a lateral dos dentes. Ele a puxou para mais perto. Felizmente ajudou a massagear sua mandíbula dolorida.

— Mais um de seus truques, sem dúvida?

— Não foi nas últimas cinco vezes que perguntei!

Ele mostrou os dentes para ela.

— Foram as duas primeiras, no entanto.

Ah sim. Nas duas primeiras vezes que Delora pediu para usar a natureza como seu banheiro pessoal, ela tentou fugir. Na primeira vez, ela correu quando eles estavam de costas. A segunda, enquanto ela estava sendo observada, ela tentou silenciosamente estrangular o homem.

Não tinha funcionado. Jacob, o guarda designado para ela, gritou antes que ela conseguisse colocar as mãos em volta de sua garganta.

Ele não tinha conseguido lutar contra ela. Infelizmente para Delora, seus grandes amigos tinham.

Quando sua bexiga deu um latejar desconfortável, como se estivesse prestes a estourar, as sobrancelhas de Delora se contraíram com uma carranca enrugada.

— Apenas... — Ela cerrou os molares antes de desviar os olhos de Jetson. — Só me deixe fazer xixi. Eu realmente preciso ir. Por favor.

Ele jogou a cabeça dela para trás, mas pelo menos a palavra — Tudo bem — saiu de seus lábios finos e rachados.

Delora foi conduzida ao redor de uma árvore, mas não teve a privacidade que teria preferido. Não importava. Não muito fez neste

momento. Ela teve que fazer isso várias vezes ao longo dos dois dias desde que eles deixaram o primeiro acampamento.

Nenhum Demônio apareceu na primeira noite, nem na segunda, e os homens estavam impacientes para voltar para suas famílias. Eles também eram mais corajosos do que ela jamais imaginou, pois a aproximavam a cada passo do que a maioria acreditava ser o Inferno na Terra.

Enquanto seus olhos examinavam os homens de vinte braços que Jetson tinha com eles quando ela contornou a árvore, não era de admirar que eles estivessem dispostos a enfrentar uma caminhada tão perigosa.

Com ela como uma oferenda, eles estavam livres para lançar seu corpo e correr para casa para salvar suas próprias bundas.

— Amarre o rosto dela.

— Com medo de dizer algo para chateá-lo novamente? — Delora disse com um bufo sem humor.

Foi dado um sinal de silêncio.

— Ela chorou por você! — Delora riu quando as mãos agarraram seus bíceps doloridos, prendendo-os atrás dela para enfiar o pano novamente. — Oh papai! Por favor, me ajude, papai!

Tudo o que ela disse era mentira.

— Não zombe de mim! — Ele interrompeu seus homens de amarrar os pulsos dela novamente quando ele a golpeou no rosto com as costas da mão. O golpe foi tão forte que sua cabeça virou para o lado e saliva espirrou de seus lábios. — Minha filhinha era uma linda inocente que você destruiu!

— Inocente? — Delora deixou o choque de suas palavras transparecer em seus olhos arregalados. — Ela tinha o pau do meu marido dentro dela!

— Talvez se você parecesse menos com um porco gordo, então ele poderia ter sido fiel a você.

Um nervo foi atingido dentro de Delora, um que enviou uma raiva fervilhante e uma insegurança ardente correndo por ela ao mesmo tempo. Suas roupas que foram feitas sob medida para seu tamanho arredondado de repente pareciam muito apertadas.

Restritivas mesmo.

Suas palavras foram ditas baixinho, mas soaram com o último pedaço de veneno que ela tinha dentro dela e a derrota que ela sentia.

— Sua filha não passava de uma prostituta madura, e meu marido não passava de um bastardo arrogante. Eles mereciam seus fins.

— Nosso comandante foi um herói — uivou um guarda. Ele agarrou a gola da camisa de seu vestido e puxou-a até a ponta dos pés. Seu corpo se arqueou contra o dele. — Ele matou três Demônios no curto espaço de tempo em que era nosso líder.

Delora deixou seus lábios se curvarem em um sorriso mortal.

— E, no entanto, ele falou merda sobre todos vocês pelas costas. — Depois que seus olhos deixaram seus longos cabelos loiros, olhos castanhos e queixo forte, eles vagaram por seu uniforme de couro. Um brasão de família havia sido lindamente esculpido no peitoral de metal situado sobre seu torso. — Lester é o seu nome, certo? Aparentemente, você tem o menor pau que ele já viu.

Suas bochechas esquentaram instantaneamente antes que seus olhos disparassem entre os homens que ele havia comandado depois que ela matou Hadith, seu marido.

*Bingo.* E ele também sabia disso. Todos desviaram os olhares, a vergonha estampada em suas feições. *Eles também disseram a mesma coisa.* Ela quase quis rir.

Ela não entendia como os homens podiam ser tão *cruéis* uns com os outros, especialmente aqueles que chamavam de amigos ou camaradas.

— Independentemente disso — Jetson murmurou. — O assassinato ainda é punível.

— Sim, por prisão, — Delora retrucou. — Mas, porque você é nosso *maravilhoso* major, estou sendo jogada na selva. Não sabia que nossa cidade estava cheia de idiotas sádicos. Tudo seria diferente se não fosse sua filha que eu tivesse matado.

— Tornar-se uma merda de Demônio é o máximo que você merece, — Lester riu enquanto soltava a gola do vestido dela. — Terminamos de falar com ela? Tenho medo que ela comece a roncar

igual um porco, e podemos comê-la em vez disso.

Delora sabia que eles estavam sendo abertamente e desnecessariamente cruéis porque estavam com raiva. Eles estavam tentando de tudo para irritá-la, mas eram estúpidos demais para perceber que seus comentários sobre o peso dela não significavam quase nada.

— Você pode dizer isso de novo, — outro guarda riu. — Estou com tanta fome, e minha esposa me prometeu uma boa refeição quando eu chegasse em casa.

— Sim — Jetson suspirou. — Vamos continuar. Tenho uma esposa para consolar quando voltar para casa.

O pano foi enfiado na boca de Delora e ela foi forçada a andar novamente. Pelo menos a pequena pausa lhe deu um momento para descansar os joelhos e pés doloridos.

Como havia feito nos últimos dias, ela refletiu sobre suas ações enquanto viajavam. Era difícil não fazer.

A Vila Lampshire era uma cidade relativamente grande com altos muros de pedra para protegê-la dos demônios. Os Demônios nem sempre estiveram lá. Eles não estavam por perto quando partiram para sua jornada ou ela teria sido alimentada com eles lá, mas seu povo tinha se assegurado de que eles estivessem protegidos.

Eles viviam a cinco dias de caminhada do Véu e estavam situados perto das montanhas. Eles estavam muito longe para o suposto Caminhante do Crepúsculo que visitava as cidades menores abaixo no vale. Muitas vezes eles acreditavam que as outras cidades mentiram sobre a existência da criatura. Ou isso, ou era inteligente o suficiente para não se aproximar deles, já que estavam fortificados e provavelmente atacariam pelas paredes antes de enviar um pequeno exército para se defender contra eles.

Sua aldeia era militar.

Eles acreditavam em sua força em um grau tão alto que eram uma das raras aldeias a ter árvores dentro de suas paredes tão perto do Véu. Eles também eram grandes o suficiente para ter grandes fazendas e casas de dois andares.

Ao longo do dia, dezenas de guardas percorriam todos os

níveis da aldeia, separados por anéis que criavam plataformas muradas de tijolos de pedra. Esses anéis eventualmente chegavam ao meio da enorme colina em que a cidade residia no prédio bem no centro. A fortaleza da guarda.

À noite, eles dobravam o número de guardas patrulhando e ficavam nas paredes como vigias.

O major, Jetson, supervisionava a aldeia, pois já foi o comandante dos soldados. Ele era um homem duro e rígido, mas sempre foi dito que ele amava sua esposa e filhos sem questionar.

Então, ao matar sua única filha, Delora havia assinado a mais suja das sentenças de morte.

Jetson também estava fazendo isso como um movimento político. As pessoas começaram a pensar que ele havia amolecido. Era por isso que ele estava liderando esta expedição em primeiro lugar, em vez de apenas matá-la.

Ele estava tentando provar que ainda era um líder destemido e implacável. Delora acaba de ser pega no fogo cruzado de seus esquemas, colocando-se em uma bandeja de prata como punição.

*Eu realmente fodi tudo.* Ela não sabia se faria isso de novo.

Delora apertou o pano com a boca como se estivesse tentando transformá-lo em pó entre os dentes.

Ela se arrependeu de suas ações, mas foi empurrada e empurrada e *empurrada* para um canto desolado. Ela havia deixado suas emoções correrem soltas e fora de controle no dia em que encontrou a filha de Jetson abaixo de seu marido.

Sua grande aldeia estava cheia de pessoas adoráveis que eram amigáveis e acolhedoras, mas também podiam ser cruéis à sua maneira. A fofoca era uma fonte constante de entretenimento e, com o passar dos anos, depois que ela foi trazida de sua pequena aldeia para se casar com Hadith em um casamento arranjado, ela começou a se tornar alguém para ridicularizar.

Ela não saberia sobre suas palavras ofensivas se não fosse por Hadith ter contado a ela sobre elas.

Delora já foi o que alguns chamariam de bonita. Ela realmente não achava que não era mais, mas outros tinham a tendência de olhar



para a beleza com sua própria percepção distorcida.

Quando ela se casou com Hadith, ela se apaixonou pelo homem forte e corpulento quase instantaneamente. Parecia que ele também gostava dela.

No entanto, como guarda, ele costumava patrulhar e começou a voltar para casa cada vez mais tarde.

Para Delora, isso significava que ela se encontrava sozinha por mais horas do dia em uma vila estreitamente ligada àqueles que foram criados lá. Fora difícil assimilar-se nos grupos de mulheres que cresceram juntas.

Houve quem a acolhesse, mas tinham suas próprias vidas e não puderam atender o coração solitário de Delora quando ela foi forçada a sofrer em sua casa vazia.

Ela aprendeu a se consolar, o que deixou seu corpo estagnado. Sua aparência começou a ficar gorda conforme ela envelhecia nos cinco anos em que morou lá.

Sua beleza foi o custo da negligência de Hadith. E, claro, ele não gostou disso. Ele só concordou em se casar com ela ao ver sua beleza. Esse era o único valor dela para ele.

O marido caloroso e amoroso com quem ela se casou se transformou em alguém rancoroso.

*Se eu pudesse ter me divorciado dele...* Isso nunca foi uma opção. Ela tocou no assunto uma vez e se arrependeu desde então. As coisas tinham piorado.

Ela cerrou os punhos, causando uma dor em seus braços cansados amarrados atrás das costas.

*Pelo menos ele nunca me bateu.* Ele era um cavalheiro dessa forma, mas suas ações em torno dela eram duras - e igualmente assustadoras.

Delora nunca reclamou. Ela continuou a desempenhar o papel de esposa amorosa, apesar do fato de ele ser mau, xingá-la de nomes vulgares e tocá-la como se ela fosse um urso indisciplinado.

*Eu deveria ter visto isso chegando...*

Ela pensou no dia em que ele se divertiu extraordinariamente com ela, pedindo-lhe para preparar uma grande refeição naquela noite

para seus amigos da guarda, que as coisas estavam mudando.

Ele estava envelhecendo e os dois precisavam trabalhar em seu casamento - era uma via de mão única neste momento.

*Depois de tudo que aguentei... Sou tão estúpida.*

Depois de dois anos de terrível depressão, onde ela se sentia como uma nuvem triste sobre a aldeia, foi a primeira vez que ela se sentiu leve dentro dela quando Hadith a conduziu para fora de casa com um beijo e um tapa brincalhão na bunda. Ela correu para a cidade na esperança de retornar rapidamente.

Uma parte dela desejava nunca ter partido. Uma parte diferente dela desejou que ela não tivesse deixado sua lista de compras para trás. Então, outra parte disse a ela que não teria importado, pois ela duvidava que essa fosse a primeira vez que Hadith a traía. Foi apenas a primeira vez que ela soube disso.

Ela voltou para casa e silenciosamente abriu a porta para o caso de ele estar cochilando, já que ele estava trabalhando no turno da noite naquela semana.

O que ela ouviu foi duas pessoas no meio do sexo. *Bom sexo.* O tipo em que a mulher gemia como se estivesse no cio e o homem estava tão apaixonado quanto. Hadith estava dando elogios, algo que Delora não recebia há anos, enquanto uma mulher chamava seu nome.

Delora fechou os olhos com força, desejando poder apagar aquela memória para sempre. Especialmente quando atingiu um calor abrasador em seu torso. Não de raiva, mas de uma dor emocional horrível que parecia quase física.

O ciúme a havia atravessado. Aquele era o marido distribuindo o apreço que ela implorava a outra pessoa. Era o marido dela em cima de outra mulher.

A escuridão estava crescendo dentro dela há anos. Uma escuridão que lhe dava noites sem dormir por causa dos sonhos horríveis que a atormentavam. Escuridão que consumia sua consciência como uma doença quando ela estava acordada e sozinha naquela casa mal iluminada porque ela não tinha mais energia para *iluminá-la* adequadamente.

Ele nunca tinha batido nela, mas ainda abusava dela, ainda a

chamava de nomes selvagens que ela não merecia. E agora ele teve a audácia de se aprofundar em outra mulher depois de tudo que ela passou?

Não. *Foda-se* não.

Ainda assim, Delora não sabia se pegar sua faca de cozinha mais afiada e enfiá-la repetidamente em suas costas era uma boa ideia. A garota, Cindy, gritou por ajuda debaixo dele, mas Delora não conseguia superar o fato de que ela tinha vindo para sua casa para dormir com seu marido. Eles estavam na cama *dela*. Eles a sujaram fazendo amor depois que ela a lavou e limpou naquela manhã, depois de outra noite dormindo sozinha.

Cindy sabia que eles eram casados. Ela era uma ruiva rechonchuda e jovem, com apenas dezenove anos, algo que Hadith parecia preferir, embora Delora tivesse apenas vinte e seis.

Cindy até passou por ela na rua naquele mesmo dia com um sorriso e um aceno amigável, subindo a colina enquanto Delora descia. Um caso planejado. Cindy a olhou bem nos olhos com toda a intenção de rastejar em cima do pênis de seu marido.

*Eles riram pelas minhas costas?* Há quanto tempo eles estavam fazendo isso?

Cindy era tão culpada quanto Hadith.

Foi culpa de Hadith, pois ele deveria ter mantido seu pau medíocre nas calças e permanecido fiel, mas Cindy sabia muito bem que o que eles estavam fazendo era errado.

O único pensamento que passou por sua cabeça quando enfiou a faca entre os seios empinados foi: '*Foda-se* você também'.

Talvez outro erro, porque desde então, Delora se sentia inegavelmente *vazia*. Ela pensou que isso a faria se sentir melhor, mas quando ela se sentou no chão segurando o rosto com as mãos encharcadas de sangue e cravando as unhas, foi horrível.

Era difícil manter a sanidade em um mundo cheio de monstros – não apenas além dos muros que faziam a cidade parecer uma prisão, mas também em sua casa, seu coração e sua mente.

Arrependimento tinha instantaneamente navegado por ela uma vez que ela ficou sóbria de sua sede de sangue. Então, nem mesmo

momentos depois, os guardas correram para dentro para ver a carnificina que ela havia produzido.

Os gritos de socorro de Cindy foram ouvidos.

Delora estava lânguida quando a agarraram. Ela não se importava mais com o que acontecia com ela.

Ela tinha feito algo que quase todas as pessoas secretamente desejavam poder fazer quando eram traídas. Mas isso é o que deveria ter permanecido; nada além de um pensamento intrusivo e desejoso.

Ela queria apodrecer na prisão – não seria diferente da vida vazia que ela estava vivendo. *A prisão teria sido igualmente fria, solitária e entediante.*

Ela nunca imaginou que seria forçada a andar pela floresta por suas ações, mas deveria saber que Jetson iria querer uma justiça mais mórbida para sua filha. Sua esposa, com as bochechas manchadas de lágrimas, foi quem cuspiu em seu rosto quando foi forçada a atravessar os portões da vila.

Se ela merecia esta caminhada? Ela também merecia.

*Pelo menos vou conseguir desaparecer,* pensou ela ao ver o mundo se abrir além das árvores e saber que finalmente haviam chegado ao seu destino.

Não que Delora quisesse morrer, ela realmente não queria, ela simplesmente não via sentido em tentar viver mais. Ela estava apenas existindo, e não havia muita felicidade em apenas seguir os movimentos da vida.

— Chegamos — disse Jetson. Então seu rosto se contorceu em uma carranca antes de cobrir o nariz e a boca com um lenço que tirou do bolso do casaco. — Quando eles disseram que o Véu cheirava mal, eles não estavam exagerando.

O estômago de Delora revirou quando ela foi forçada a respirar o fedor que emanava do desfiladeiro do Véu. Uma névoa negra cobria as árvores até onde a vista alcançava.

Parecia que um gigante havia arranhado a terra para criar a cena.

Ela olhou para a extensão de árvores antes de ser empurrada para mais perto da borda, permitindo que ela olhasse para a queda de

pelo menos um quilômetro. O cheiro de podridão era ainda mais pungente e rançoso no limite.

Lágrimas brotaram em seus olhos, não de tristeza, mas do ardor dela. Ela tentou se afastar enquanto balançava a cabeça.

*Isso cheira nojento.* E cair para a morte era a última coisa que ela queria experimentar. *Por quanto tempo eu vou cair?* Alguns segundos? Minutos? Ela não queria passar seus momentos finais sabendo que iria cair no chão.

— Olhe para ela! — Lester riu. — Ela está com medo agora que estamos aqui. Você achou que estávamos brincando o tempo todo?

*Com medo?* Curiosamente, ela não estava com medo. Ela queria desaparecer, e a morte era uma forma de desaparecer; ela só não queria *saber* quando chegaria. Ela também não queria que fosse doloroso.

Seus olhos encontraram o sol e se perguntaram se esta seria a última vez que sentiria seu calor suave.

*Cair vai doer?* Ela ocasionalmente tinha uma sensação nauseante no estômago quando pulava de saliências de brincadeira quando criança. Ela temia que o sentimento fosse intensificado quanto mais ela caísse.

— Vamos acabar logo com isso, — um guarda murmurou, seus olhos austeros olhando ao redor da área. — Quem sabe quanto tempo levará até que um Demônio venha por aqui. É o Véu. Estamos apenas procurando problemas quanto mais tempo ficarmos aqui, mesmo à luz do dia.

Ela ficou surpresa que nenhum deles já tivesse vindo com o fato de que havia tantos deles. Era sorte? Cair para a morte pelo menos parecia mais agradável do que ser comida viva.

— Ele está certo, precisamos ir, — outro exigiu. Sua armadura de metal retiniu quando ele se moveu com um som repentino à distância.

O grupo começou a arrastar os pés nervosamente. Estes não eram Caçadores de Demônios, e logo seu medo crescente traria monstros sobre eles.

— Tudo bem então, — Jetson suspirou, acenando com a mão

como sempre fazia.

Lester a empurrou direto para a beira do penhasco, as pontas de suas botas quase batendo nele, enquanto dizia: — Espero que você ainda esteja viva depois de atingir o chão.

Delora deu um sorriso cruel quando se virou para encará-los.

Ela pode ter se arrependido do que fez, mas ainda assim foi incrível ter feito isso. Ela se libertaria, não importa o seu fim. *Melhor do que viver com aquele idiota.*

— Você não pode nem parecer arrependida, sua puta de merda! — Jetson gritou quando ela encontrou seu olhar. Ele era tão irritantemente alto.

Só para irritá-lo, Delora baixou os olhos e fingiu chorar antes de jogar a cabeça para trás e rir contra o pano.

*Faça isso!* Ela pensou enquanto seus ombros tremiam de sua risada enlouquecida. *Apresse-se e faça isso antes que eu grite!* O pânico estava borbulhando dentro dela como uma espuma. Ela podia sentir isso, a vontade de chorar de medo do que estava para acontecer.

*FAÇA ISSO!*

Lester empurrou seu peito com força e ela caiu para trás com o vestido balançando no ar ao seu redor. Delora despencou. Ela fechou os olhos com força e conteve o grito.

*Ah, porra. Ah, porra!*

*Não sou bom nisso*, pensou o Sem Nome. Atrapalhou-se com sua camisa preta, o terceiro botão que ele estava tentando enfiar no buraco escorregou sob as pontas de seus dedos grandes.

*Minhas mãos são muito grandes.*

Elas tremeram com a luta de fazer esta tarefa simples, bem como a sensação desconfortável de ter suas garras afiadas embainhadas.

*Por que não posso fazer isso?* Ele tentou mais uma vez. Prendendo a língua com os dentes de trás em concentração, ele segurou o pequeno botão redondo e tentou enfiá-lo pelo buraco aberto.

Não ajudava que seu focinho ossudo fosse longo e atrapalhasse. Ele teve que torcer a cabeça para poder ver com um olho enquanto escurecia o outro.

Escorregou. Suas garras desembainhadas por acidente, uma delas perfurando o delicado material.

Ele deu um gemido terrível e angustiado quando percebeu que rasgou a camisa e caiu em uma posição agachada enquanto segurava seus chifres.

*Não importa quantas vezes eu tente... é difícil.*

Depois de alguns momentos de preocupação, ele caiu de joelhos, esperando que tentar se concentrar em ficar de pé o estivesse atrapalhando. Ele só recentemente pegou o jeito de ficar de pé corretamente nas patas traseiras, e andar por um longo período sobre elas ainda não era realmente confortável. Isso distorcia os músculos das pernas e da parte inferior das costas.

Ele conseguiu deslizar o botão, e então seus olhos brilhantes, que pairavam dentro de suas órbitas vazias como vórtices rodopiantes, ficaram de um azul profundo nos outros dois que ele precisava fazer. Quanto mais alto ele subia, mais difícil ficava, pois ele não conseguia ver.

No entanto, ele praticou, aprendendo. E todos os dias ele se sentia tão inútil quanto o anterior.

Ele suspirou de alívio quando conseguiu fazer o último antes

de abaixar os braços e deixá-los cair para descansar sobre as coxas cobertas pelas calças.

*Mas estou melhor do que na primavera.*

O outono era sua estação menos favorita, pois, mesmo na floresta do Véu, algumas das folhas murchavam e ficavam laranja e vermelhas. Essas folhas então caíam de seus galhos e se espalhavam por toda a entrada de sua caverna, ousando entrar nela.

Todas as manhãs ele limpava o lado de fora e sempre ficava consternado porque no dia seguinte encontrava uma folha em cima dele quando acordava no meio da tarde.

No entanto, também era sua temporada favorita.

*Eu comi dois outros humanos desde a primavera.* Eles o haviam mudado. Eles o tornaram um pouco mais inteligente, deram a ele um pouco mais de destreza.

Não era o suficiente. Sem Nome sabia disso.

*Não sou como Orpheus.* Orpheus, o Mavka que sempre andava sobre as patas traseiras, sempre encadeava frases inteligentes. O Mavka que sabia fazer tudo com pouco esforço e raramente lutava com suas tarefas.

Sem Nome levou a mão ao focinho em forma de raposa e bateu na lateral dele com uma garra afiada em pensamento. *Eu quero ser melhor.*

Isso exigia caçar mais humanos e Sem Nome estava... perdendo o interesse em caçá-los. Ele queria a humanidade que isso trazia, mas não queria mais vê-los despedaçados e ensanguentados por suas próprias garras e presas.

Em vez disso, ele queria saber como eles se sentiam – quentes e cheios de vida.

Ele olhou para a escuridão de sua caverna. Só era iluminada na entrada porque o sol ainda estava se pondo, mas nunca realmente iluminava algo no Véu. Estava sempre escuro aqui, sempre frio, e ele estava sempre sozinho.

Orpheus nunca o visitou, mas Sem Nome tentou encontrar qualquer desculpa para encontrá-lo em sua casa. *Ele não gosta de mim perto de lá.*



Ele não entendia por quê.

*Não pretendo fazer mal a Reia – sua fêmea.*

Abrindo sua mandíbula de osso para separar suas presas superiores e inferiores, ele soltou um suspiro mais alto do que o normal. *Ela é legal. Eu quero um humano como ela.* Talvez uma que não cheirasse a gravetos e espinhos, mas ainda assim uma humana.

Ele queria um humano para tocar. Ele não entendia muito bem a diferença entre um homem e uma mulher. Ele só queria um amigo. *Um amigo.*

Alguém que ele não comeria.

Depois de se levantar, limpou as calças sujas o melhor que pôde. *Primeiro, tenho que encontrar um que não cheire a medo.* Caso contrário, ele iria comê-lo.

Ele não era bom em controlar seus impulsos de consumir. Medo e sangue, independentemente da criatura de onde vierem, incutiriam uma necessidade insaciável de alimentar e destruir em uma névoa enlouquecida e frenética.

Ele estava *sempre* com fome. Nunca satisfeito, não importa o quanto ele comesse. Então, ele se perguntou, como ele poderia se impedir de comer o humano que ele queria fazer amizade?

Ele poderia lidar com um pouquinho de medo, um pouquinho de sangue, mas se fosse mais do que uma gota em seu cheiro, ele arranharia e morderia até que estivessem totalmente em seu estômago.

Isso tudo era inútil para ponderar se ele se recusasse a ir caçá-los. Ele precisava ir acima da superfície do Véu, escalar a parede do penhasco e ir para o mundo humano acima, para encontrar um.

Soltando outro suspiro, ele começou a andar sobre dois pés e uma mão para sair de sua caverna, já que era mais confortável. Ele sabia que tinha uma longa caminhada pela frente – uma caminhada na qual tentaria caminhar sobre as patas traseiras.

Ele tinha muito o que fazer hoje. Ele estava construindo algo, e era uma boa distância para caminhar até lá.

Ele teria que evitar a Serpente Demônio que era dona do território da floresta do lado de fora de sua caverna. Ele não gostava de Sem Nome andando por sua floresta, mas precisava se aventurar por

ela para chegar aonde queria chegar.

Sem Nome entrou no pequeno pedaço de terra do lado de fora. Havia um círculo de sal mágico que ele esculpiu em torno de sua casa que protegia sua casa dos demônios. Depois que Mavka, ou Caminhantes do Crepúsculo como os humanos os chamavam, consumiu pelo menos um Sacerdote ou Sacerdotisa, um humano raro com afinidade com a magia, eles poderiam começar a produzir magia por conta própria. Ele não se lembrava de quando havia consumido um, apenas que devia ter, considerando que podia usar magia.

Sem Nome verificou se o círculo protetor ainda estava intacto para que ele pudesse planejar seu dia sem se preocupar que sua casa pudesse ser invadida enquanto ele estivesse fora.

*Devo cortar outra árvore e remover sua casca. Então devo moldá-la. Qual árvore devo remover?*

Ele podia pensar nos humanos o quanto quisesse, podia ponderar e desejar, mas não era como se alguém fosse cair do céu.

Um som de assobio chamou sua atenção, e ele torceu a cabeça em pensamento. *O que é aquilo?*

Enquanto agachado em uma mão e ambos os pés, ele começou a se virar em direção ao som que vinha, estranhamente, de cima.

Ele só teve a chance de vislumbrar algo embaçado antes que colidisse com ele, caindo diretamente em cima de seu corpo. O impacto disso o lançou violentamente em direção ao chão e inconsciente.

Sem Nome acordou sobressaltado.

Quando ele notou algo pesado descansando em suas costas, ele torceu o pescoço para olhar por cima do ombro. Então ele inclinou a cabeça para o que viu. *Um humano?*

O som de ossos chocalhando e ruídos de gemidos chamou sua atenção, e ele olhou ao redor de sua caverna onde estava deitado. Atraídos pelo cheiro do humano, três pequenos Demônios vieram para ficar um pouco além de seu protetor círculo de sal, oscilando na borda dele.

Eles não diziam nada, pareciam muito pequenos para falar, mas seus ruídos animaiscomos incomodavam.

Muitas folhas de outono estavam espalhadas, dizendo a ele que muito tempo havia se passado desde a última vez que ele acordou. Com a falta de dor, ele sabia que devia estar inconsciente por um ciclo solar inteiro.

Mavka curavam em um dia. Eles permaneciam feridos, incapazes de se curar até que um dia se passasse, e então o que quer que os afligisse se curaria em um minuto. Um pequeno corte, um braço faltando, até o corpo inteiro. Enquanto seu crânio sem carne estivesse intacto, eles voltariam à vida.

O humano deve ter quebrado o pescoço quando caiu em cima dele e sua mandíbula caiu no chão. Ele teve sorte de o osso de seu crânio ser a parte mais forte dele e quase indestrutível – o que provavelmente era a única razão pela qual ele ainda estava vivo.

Desde que ele não estava com dor quando acordou, ele não foi enviado para uma fúria de agonia. Ele foi capaz de registrar o que havia acontecido com a cabeça limpa.

Sem Nome começou a se levantar, deixando o humano deslizar para fora dele descuidadamente enquanto olhava para a parede do penhasco que abrigava sua casa.

*Caiu?* Um humano havia literalmente caído do céu.

Ele caminhou ao longo da larga extensão do círculo de sal para se certificar de que ainda estava intacto e seguro antes de retornar ao

humano.

Ele virou a cabeça mais uma vez, vendo que tinha aquelas protuberâncias no peito que indicavam que era uma fêmea. Elas sempre tinham um cheiro mais doce do que os machos, e ele se agachou para cheirar o cabelo dela. O cheiro de maçãs vermelhas crocantes e neve gelada vindo dela fez seu corpo estremecer de prazer.

Então ele colocou seu ouvido contra esses montes. Ele esperava que estivesse morta, considerando sua queda maciça, mas surpreendentemente ainda respirava – embora fracamente.

*Eu suavizei sua queda?*

Isso não significava que ele não notou seus múltiplos membros quebrados. Ela não estava sangrando, mas partes de sua carne estavam vermelhas como se houvesse sangue se acumulando sob sua pele. Muito dela parecia inchada.

Usando as costas de suas garras, ele cuidadosamente inclinou a cabeça dela para que pudesse olhar em seu rosto. Um lado estava terrivelmente machucado e quando ele cheirou mais de perto, notou que havia sangue seco saindo do nariz e da têmpora. Havia também um pedaço de pano amarrado em sua cabeça e enfiado entre os dentes – não que ele soubesse o que significava, embora tenha usado sua garra para libertá-la.

Ele olhou para os Demônios. Agora que o sangue estava seco, não faria nenhum deles entrar em frenesi, mas ele podia ver suas marcas de garras cavando a terra rochosa. Ele só podia imaginar o quanto eles deveriam estar espumando para chegar até ela quando estava fresco.

Ainda era desagradável e fazia com que suas orbes verdes ficassem vermelhas de fome. Ele enfiou os dedos no buraco do nariz molhado de seu focinho ossudo para se esconder, então começou a sentar ao lado dela em sua posição agachada em pensamentos desesperados.

*Ela está quebrada. Muito quebrada.*

Suas costas estavam torcidas de uma maneira que obviamente não era natural, e seu tornozelo, descoberto porque ela não estava usando sapatos, estava do lado errado. Seu braço parecia solto de seu

ombro, apesar de ele poder ver que suas mãos estavam amarradas atrás das costas.

Ele imaginou que havia mais ferimentos sob suas roupas compridas.

Ela não acordou desde a queda, e ele agarrou seu ombro não solto e a sacudiu. Ela não acordou, não fez nenhum som. Suas pálpebras nem piscaram.

Sem Nome sabia que ela não estava morta, mas não parecia que ela iria acordar tão cedo.

*Ela vai sentir dor se acordar. Parece que humanos caindo do céu não é uma coisa boa.*

*Eu sou a causa disso?* Seu pensamento positivo causou dor a essa mulher? Suas orbes ficaram rosa-avermelhadas de vergonha. A vergonha agarrou seu estômago e o torceu.

O certo seria consertá-la, por causa de seu erro de fazer uma humana cair do céu, mas ele não sabia como fazer isso.

Ele ergueu a mão livre e segurou o focinho para poder bater com uma garra na lateral dele. Pensar era difícil para ele e geralmente exigia a ação para ajudá-lo a se concentrar.

*Eu poderia comê-la.* Isso pararia sua dor e aliviaria sua culpa desde que ela se tornou comida. Não havia mal nenhum se a humana não soubesse que era sua culpa.

Ele moveu as mãos e se inclinou para cheirá-la novamente, estremecendo com seu cheiro. *Mas eu gosto do jeito que ela cheira.* Ele deslizou sua língua roxa entre os dentes para lambê-los, o desejo de lamber sua pele incomodando-o.

Ele se perguntou quantos outros humanos teriam dado a ele a mesma reação se não estivessem cheios de medo.

Enquanto o vento soprava suavemente uma leve rajada de ar e folhas ao seu redor, ele ficou sentado com ela por um longo tempo, pensando no que deveria fazer. Ele ignorou descaradamente os Demônios.

*Eu como ou ajudo ela? Como posso ajudar?*

Ele bateu a junta da frente contra a testa de seu crânio, tentando forçar os pensamentos em sua mente por pura vontade.

A única razão pela qual ele pegou seu corpo quebrado por um braço e a arrastou para dentro foi porque ela cheirava a maçãs vermelhas e geada. Ele queria que aquele aroma enchesse sua casa pelo tempo que levasse para consertá-la.

Aparentemente, Mavka podia curar feridas, mas não sabia como, e achava que Orpheus também não. Eles só aprenderam isso recentemente. A ideia de ser capaz de fazer algo que o outro Mavka não poderia fazer o excitava. Ele sempre se sentiu inadequado em comparação com Orpheus.

Sem Nome poderia praticar com essa humana que estava dormindo. Se ele não pudesse fazer isso, então ele a comeria e não contaria a ninguém sobre seu fracasso.

*A Bruxa Coruja disse que eu só precisava de um motivo para aprender feitiços.* A Bruxa Coruja era estranha. Ela já havia sido humana, mas não era mais desde que tinha uma magia forte e com cheiro nojento. Ele não tinha certeza se confiava nela, embora ela sempre parecesse sair de seu caminho para ajudar Mavka, para ajudar Sem Nome.

Ela era de pele escura com cabelos longos, cacheados e castanhos. Seus olhos eram pretos como carvão, talvez porque as sombras do Véu não revelariam sua verdadeira cor, mas ela tinha uma voz adorável e profunda que ele sempre achou... reconfortante.

Ela também podia se transformar em uma coruja branca de tamanho humano com seu manto de penas e capuz.

Ela sobrevoava sua casa com frequência, e ele sempre se perguntou por quê. Ela nunca disse a ele nas poucas vezes que ela falou com ele.

Ele colocou a humana quebrada em seu ninho que protegia o frio e a sujeira de rastejar sobre ele enquanto ele dormia.

Esta humana não estava deixando-o com fome, e ele *queria* ajudá-la.

*Não sei o que precisa ser sacrificado.* Para fazer a maioria dos feitiços de proteção, o sangue deve ser sacrificado - seja animal ou humano. Ele não achava que seria necessário, já que estava tentando remover as feridas dela, não aumentá-las.

*Talvez meu próprio sangue?*

Ajoelhado ao lado de seu ninho, ele apresentou sua garra dianteira e o pulso da outra mão. Se isso não funcionasse, pelo menos ele esconderia um pouco do cheiro dela com o seu.

*Vou precisar perguntar a Orpheus como esconder o cheiro de um humano.* Que Mavka sabia como, e Sem Nome obteria seus óleos de limpeza quando tomasse sua decisão final sobre a vida desta mulher.

Havia uma grande probabilidade de que ela estivesse com medo dele quando acordasse, e ele iria enlouquecer ao sentir o cheiro de seu medo. Se isso acontecesse, significava que tinha funcionado e ele poderia exibir seu recém-descoberto e glorioso poder! Também concederia a ele um pouco mais de humanidade em sua morte.

*Eles não poderiam mais me chamar de estúpido!* Mais excitação vibrava quando ele passou a garra sobre o pulso e a deixou pingar no tornozelo dela.

Ele agarrou-o com força com as duas mãos e exigiu: — Agora, cure.

Nada aconteceu.

— Hum. — Ele tirou as mãos e bateu no focinho algumas vezes. Ele ouviu o tilintar dentro de seu crânio. — Palavras erradas?

Ele o agarrou novamente, fechou a visão e se concentrou.

— Eu te curo de sua ferida.

Nada.

Sem Nome tentou várias coisas durante o dia e a noite. Ele colocou folhas e terra no tornozelo dela e depois derramou água sobre ele. Ele não falou nada, então começou a gritar em intervalos diferentes. Ele até tentou endireitá-lo em frustração e então estremeceu quando ouviu um som ruim, como ossos molhados se movendo.

Seus rosnados, bufos e ganidos ecoavam nas paredes rochosas de sua casa.

Quando amanheceu na manhã seguinte, ele se sentou ao lado dela sentindo-se desanimado. Ele não poderia fazer isso.

Orpheus mostrou a ele como lançar um círculo de proteção, e ele produziu um após sua terceira tentativa. Ele estava nisso há *horas*. Cansativas, longas horas que se arrastavam para sempre e geravam frustração dentro dele.

Segurando o tornozelo dela e desejando que sarasse, ele inclinou a cabeça para a frente para descansar o topo contra os braços estendidos, o focinho aninhado no meio deles.

Sem Nome queria curar o tornozelo quebrado dessa mulher humana mais do que qualquer coisa.

*Se eu a curasse, ela ficaria comigo?*

Esse pensamento cresceu durante a noite.

Talvez esta humana devesse cair do céu para que ele pudesse consertá-la e então ela poderia se tornar dele. Ele queria uma companheira; ele queria alguém para segurar. Ela já enchia sua mente com pensamentos sobre ela, em vez da solidão ecoante que ele sempre sentia. A presença dela já era um conforto para ele.

Ela era bonita.

Seu cabelo era o de um corvo. Preto com manchas reflexivas, devido ao seu brilho, brilhando contra qualquer luz. Seu nariz pequeno e pontudo, suas bochechas redondas, seu lábio superior fino que ficava acima de um inferior rechonchudo... Suas feições eram estranhas para ele, pois ele não tinha lábios ou carne em seu rosto como ela, mas isso não importava, não a tornava menos fascinante.

Seu corpo era macio, tão incrivelmente *macio*. Era grosso, grande e tão curvilíneo que mergulhava e enchia parte de seu ninho com seu calor maleável. Era bronzeado e coberto por pequenas manchas escuras aqui e ali, como na parte de trás da panturrilha e na lateral da mandíbula.

Ele queria saber o que aquelas manchas significavam.

Sem Nome teve muito tempo para ficar obcecado com sua aparência, com seu cheiro. A maneira como seu coração batia em seu peito e enchia sua mente com um ritmo em vez de quietude.

*Eu não quero mais comê-la.* Cada segundo em sua presença preenchia parte do vazio interior. A ideia de comê-la por causa de seu próprio fracasso parecia uma poça doentia de ácido em seu estômago.

Ele também temia que se a salvasse, ela ficaria assustada e ele perderia sua presença maravilhosa para a fome. Ele se preocupava com esse resultado, e parte dele considerou não curá-la e permitir que ela continuasse sendo uma presença reconfortante, mas adormecida,



em sua vida.

Mas Sem Nome queria que ela abrisse os olhos e mostrasse a cor deles. Ele queria que ela falasse e o deixasse conhecer o som de sua voz na esperança de que ele a achasse reconfortante. Ele queria que ela o cumprimentasse da maneira que Reia cumprimentava Orpheus - com os braços abertos e um lábio pressionado ao lado do focinho bem atrás do buraco do nariz.

Sem Nome queria que ela ficasse.

— Eu suportaria sua dor por você se pudesse, humana suave.

A frieza da magia irradiava entre eles.

A agonia disparou por sua perna e ele soltou um grito angustiante quando o osso do tornozelo estalou com um *estalo distinto*. Ele agarrou sua própria perna em confusão, sem saber o que estava acontecendo.

Branco encheu sua visão de medo enquanto gemidos terríveis escapavam. Suas mãos trêmulas levantaram a perna da calça.

Estava quebrada. Sua perna estava quebrada!

*Como isso aconteceu?* A raiva deveria tê-lo preenchido como resultado da dor, mas não havia inimigo para atacar. Ninguém lhe tinha dado esta ferida.

— Espere. — Ele virou a cabeça para encarar a mulher e descobriu que a perna dela estava reta e sem hematomas.

Outro ganido rasgou através dele quando ele perturbou sua perna ferida para se aproximar e segurar seu membro.

— E-eu tirei o ferimento dela? — Ele olhou para o próprio tornozelo quebrado. Irradiava uma sensação penetrante por toda a perna, como se seu osso estivesse pegando fogo. — Esse é o sacrifício? Devo suportar seus ferimentos em vez disso?

Sem Nome não sabia o que fazer então. Todos os Mavka odiavam a dor.

*Eu fiz isso.* Ele descobriu o feitiço. *Eu descobri o que deve ser feito, mas não gosto disso.*

A única coisa que o empurrou para frente, para forçar seu corpo a se quebrar em sacrifício pelo dela, foi saber que ela acordaria.

Ele consertaria esta humana, e ele a faria dele. Ele enfiaria lama

no nariz para conter o pior cheiro do medo, se necessário.

Deslizando as mãos pelas pernas dela, ele a tocou em todo o corpo enquanto pensava continuamente em tomar seus ferimentos para si mesmo. Duas de suas costelas quebraram e provocaram gemidos agudos dele. Seu estômago doía como se alguns de seus órgãos estivessem machucados e inchados. Ele até começou a inchar em algumas áreas.

Ele foi forçado a parar quando não conseguia mais usar nenhum de seus membros, como se sua coluna tivesse quebrado. Ele esperou por um dia, observando-a o tempo todo, grato que sua espinha cortada o impediu de sentir qualquer dor.

Seu peito subia e descia no mesmo ritmo. Ele podia ouvir seus pulmões e batimentos cardíacos como um ritmo calmante que o acalmava. *Tha-tum. Tha-tum.* Sua mente relaxou com aquele som e seu aroma agradável que ele absorveu a cada respiração.

Assim que ele foi capaz de se mover, ele fixou o ombro dela e descobriu que os dedos de uma das mãos dela estavam quebrados. Então, finalmente, ele trabalhou até a cabeça dela, revelando o quão... bonito seu rosto realmente era.

No momento em que ele tirou as feridas ao redor de seu crânio, sua cabeça latejou. Ele se sentia inegavelmente tonto. Seu próprio crânio estava sob imensa pressão, como se estivesse fraturado, mas quando ele o tocou, felizmente não estava.

Isso não significava que o dela não tinha sido.

*Talvez eu não consiga quebrar meu próprio crânio assim.*

Ele não permitiu que a tontura o fizesse desmaiar.

Os humanos precisavam de comida e água, e ele não sabia quanto tempo esta tinha estado sem. Embora fosse perigoso, ele tropeçou para fora de sua caverna com uma direção em mente.

*A casa de Orpheus tem legumes e frutas próprias para consumo humano.* Sem Nome entraria furtivamente em seu território para roubar alguns.

Isso pode ser tão perigoso, se não mais, do que a jornada até lá em seu estado desorientado com os Demônios à espreita no Véu.



Delora acordou com a boca seca, como se estivesse coberta de areia grossa. Ela estava tão desidratada que nem tinha saliva para ajudá-la a engolir e tentar a fez engasgar quando sua garganta ficou presa.

*Água.* Ela tentou implorar por isso, como se alguém pudesse estar lá para ouvi-la, mas tudo o que saiu de sua boca foi um chiado. *Água.* Erguendo a mão para agarrar algo, qualquer coisa, que pudesse saciar sua sede, ela mal se moveu sob o poder de sua letargia.

Seus olhos se abriram levemente quando algo redondo, como uma tigela rasa, foi pressionado contra seus lábios. Sua visão estava turva, pois seus olhos pareciam desidratados como o resto dela. Também estava escuro, pois não havia luz do sol ou de uma vela.

A tigela virou e água fresca começou a entrar em sua boca. Ela engoliu em goles desesperados e gananciosos. Ela não se importava que estivesse enchendo sua boca muito rapidamente e pingando de seus lábios e descendo pelo queixo para encharcar a frente de seu vestido.

A tigela foi retirada.

— Por favor, mais, — ela implorou com uma voz quebrada e rouca.

A tigela veio mais uma vez. Delora engoliu em seco e quase chorou quando estava vazia a foi embora.

Em vez de responder a seu apelo com mais, algo mais foi pressionado em seus lábios. Era duro, pontiagudo e tinha um gosto vago de cenoura coberta de terra. Ela estava muito fraca para dar uma mordida.

— M-Muito duro, — ela disse à escuridão.

Na verdade, não era apenas escuridão. Havia uma luz, mas não iluminava nada além de si mesma.

Duas orbes verdes flutuantes dançavam em sua visão turva, destacando a brancura ao seu redor, mas nada mais. Ela não conseguia

entender o que era, mas aquele verde flutuante era estranhamente... reconfortante.

Isso afugentou sua apreensão por estar no escuro.

Havia luz com ela. Ela não estava sozinha. Isso era tudo o que importava.

*Onde estou? Eu morri?* A vida após a morte parecia um pouco real demais. Sua sede e fome eram muito predominantes, mas ela esperava que esse fosse o vazio de qualquer maneira.

Algo muito mais suave foi colocado contra seus lábios. Era redondo e, quando ela deu uma mordida, soube que era um mirtilo pelo sabor que explodiu em sua boca. Mais foram dados a ela antes que uma fruta mais grossa fosse dada, uma framboesa.

No momento em que ela foi capaz de dar uma mordida singular em um morango, Delora usou toda a energia que tinha e desmaiou. Quem quer que a estivesse ajudando continuava pressionando a comida em sua boca, mas ela não conseguia mais abrir as mandíbulas. Não conseguia levantar um braço. Ela não conseguia nem manter os olhos abertos.

Uma mistura de cheiros veio até ela. O mais prevalente foram os dejetos humanos. Assim que sua mente encontrou aquele cheiro pungente, ela se apegou a ele e ela se sentiu inegavelmente envergonhada.

Ela não podia expressar isso, nem mesmo reagir fisicamente. Nenhuma lágrima caiu, mesmo quando a pessoa começou a lavá-la com um toque leve e cuidadoso e um pano.

*Se esta é a vida após a morte, gostaria que houvesse uma maneira de morrer ainda mais.*

Delora teve que permitir que essa pessoa, de quem ela ainda não tinha visto uma única peça, a limpasse. A comida e a água foram suficientes para matar sua fome e sede, mas só lhe deram energia suficiente para continuar respirando, para que seu coração continuasse batendo.

Ela sucumbiu ao sono no meio da limpeza.

Delora acordou na penumbra. Quase não havia luz, exceto por uma grande entrada em forma de anel, mas era silenciosa contra as sombras que permaneciam presentes, apesar de obviamente ser dia. Pelo menos, permitia que ela visse a marca das formas ao redor da área em que estava.

Não havia mais um cheiro terrível. Em vez disso, ela estava cercada por algo mais delicioso. *Cheira a fava de baunilha e creme.*

Sua grande aldeia teve a sorte de obter sementes para cultivar algumas nas estufas que possuíam, mas apenas aqueles que viviam luxuosamente podiam consumi-las. Isso não significava que Delora nunca tinha cheirado com inveja aquele aroma doce e tentador quando ela passava por suas casas.

Deitada de lado, Delora se enrolou naquele cheiro *rico* e algo que fez cócegas na ponta de seu nariz, lábios e bochecha enquanto ela inalava e exalava. Ela passou a mão contra o que ela estava descansando.

*Isso é pelo?*

Suas sobrancelhas franziram quando ela também sentiu algo mais, algo solto. Seus olhos estavam se ajustando à escuridão, e ela os apertou como se isso lhe permitisse ver melhor.

*Uma pena? Uma preta.*

Ela não sabia por que se sentiu compelida a cheirá-la, mas suas pálpebras piscaram de contentamento quando ela encontrou o cheiro cremoso de baunilha capturado nela. Na verdade, ela notou que tudo cheirava a isso - o pelo, até seu próprio pulso.

Um pedaço de tecido bateu levemente contra sua bochecha. Era preto e difícil de ver, apenas visível por causa do contraste com sua pele bronzeada. Ela percebeu que era a manga longa de uma camisa.

Ela não estava usando nenhuma manga quando foi jogada do penhasco. Olhando para baixo, ela descobriu que seu vestido havia sido substituído por uma longa camisa preta. Era tão grande nela que a cobria até os joelhos.

Os botões tinham sido abotoados terrivelmente, um perdido e

outro pelo buraco, criando um laço que quase fez seu seio escorregar.

Delora agarrou-a ao seu corpo enquanto seus olhos começaram a se mover.

*Esta é a camisa de um homem.* Ela estava na casa de um homem.

Ela não podia estar morta.

Ela ficou aliviada porque nunca quis realmente morrer, mas também desapontada porque se preparou mentalmente para isso. Ela sentiu a perda de não ser capaz de desaparecer alegremente de sua própria vida sombria. Agora que ela estava se sentindo um pouco mais coerente, ela sabia que a vida após a morte não teria sido preenchida com a sede e a fome que ela sentia, a mortificação de estar tão suja que precisava ser limpa e ser trocada.

Um soluço saiu dela quando suas lágrimas começaram a escorrer sobre o nariz e a bochecha enquanto caíam sobre o que quer que ela estivesse. *Eu sobrevivi?*

Ela foi jogada na porra do Véu! *Eu deveria estar morta.*

E, no entanto, de alguma forma, ela havia sobrevivido. Ela nem estava com dor. Ela deveria estar quebrada, deveria pelo menos estar morrendo. Algo deveria ter vindo e comido ela agora. *Como isso é possível?*

Ela não tinha ideia de onde estava, mas se perguntou como um humano a tirou do Véu e a curou.

Sacerdotes e sacerdotisas não podiam curar feridas extensas, então como esse homem poderia?

Suas bochechas aqueceram. *Um anjo?* Mas ela não achava que eles eram reais.

No entanto, o rico cheiro que invadiu seus sentidos era divino. Ela quase quis começar a lamber a camisa que estava encharcada nela.

Suas lágrimas eventualmente secaram. Mesmo que um anjo a tivesse salvado... O que isso significava para ela? Ela não tinha nenhum lugar para onde pudesse ir com segurança, a menos que essa pessoa decidisse ajudá-la levando-a para uma nova aldeia.

*Estou muito cansada para andar mais.* Depois de caminhar por cinco dias, ela queria nada mais do que descansar. Embora seus sonhos tivessem sido atormentados por pesadelos, deixando-a ainda mais

cansada, dormir parecia... seguro.

Era uma fuga mundana.

Ela era covarde demais para se matar, mas também sabia que não era mais corajosa o suficiente para viver.

*Não sei mais o que quero.*

O amor era um fardo. A amizade era um fardo. A família era um fardo. Ela era uma assassina; ela não merecia a liberdade.

Sua cabeça parecia uma selva de pensamentos confusos e conflitantes, e ela já sabia que não tinha vontade de não se perder nela.

Ela pensou que mais lágrimas cairiam, mas nenhuma veio.

Delora se sentia vazia de emoções. Oca a ponto de não haver nem mesmo cócegas de lágrimas em seus seios da face. Ela apenas ficou lá e olhou para o teto sombrio com olhos sombrios.

Depois de um tempo, alguém se abaixou pela abertura da câmara em que ela estava, mais alta que a entrada e bloqueando a luz quase completamente. Quem quer que fosse, congelou quando percebeu que ela estava acordada.

Ela franziu a testa ligeiramente quando não viu nada além de duas esferas verdes flutuantes. Cada uma delas tinha o tamanho do punho de uma criança pequena e parecia girar como um vórtice de fogo, movendo-se lentamente em uma rotação.

*Essa é uma luz muito estranha.* Mas, como antes, ela notou que eles não iluminavam nada.

— Você está acordada. — A voz era um barítono tão profundo, tão pesado e carregado de suavidade aveludada que cantava por seu corpo como um tambor silencioso.

Era tão agradável que ela quase quis fechar os olhos de satisfação por poder ouvir uma voz tão bonita.

*Definitivamente um anjo.*

Nenhum homem humano poderia ter produzido um som tão decadente, nem poderiam cheirar tão bem. Ela esperava que a voz dele pudesse ricochetear nas paredes e atormentar seus ouvidos novamente.

— Eu consegui mais água para você, — ele afirmou, e ela finalmente fechou os olhos só para poder ouvi-lo. Ela não conseguia se

lembrar da última vez que alguém falou tão baixinho com ela, com uma emoção tão suave. — Eu usei o resto lavando você antes.

Isso a fez abrir os olhos com a pontada de mortificação. Não havia acusação em seu tom, nenhuma zombaria ou escárnio, mas Delora sentiu vergonha do mesmo jeito.

Ele começou a se mover pela câmara, deixando a luz fraca do lado de fora preencher o espaço, mas isso não ajudou muito para mostrá-lo. Ele parecia alto, *muito* alto, quando colocou o balde que estava segurando no chão. Suas costas sombreavam a frente dele contra a luz, tornando impossível ver, além de uma única orbe verde flutuando onde ela achava que seu rosto deveria estar.

*Isso é algum tipo de farol?* Os humanos costumavam usar faróis de chama para enxergar no escuro.

— Há quanto tempo estou aqui? — ela perguntou fracamente.

Ela encontrou uma maneira de se apoiar em algo para apoiar sua posição ereta. Era difícil quando ela esperava que um travesseiro suavizasse sua posição ligeiramente ereta na cama.

— Alguns dias. — Ela não pôde deixar de notar que ele continuava de costas para ela. A maioria das pessoas já teria acendido uma vela para permitir que falassem na luz, mas ele permaneceu onde estava, agachado ao lado do balde. — Você estava muito quebrada. Levei um tempo para curar você.

— Como eu sobrevivi? — ela sussurrou, mais para si mesma do que para ele. — Quando eu bati no chão, eu deveria ter... me quebrado.

É isso que ela queria?

— Você caiu em cima de mim. Acho que amorteci sua queda e sofri o impacto sozinho.

O rosto de Delora empalideceu.

— Oh meu, eu sinto muito. — Seu horror desapareceu rapidamente e ela começou a franzir as sobrancelhas. — Como você sobreviveu então?

— Eu me curei. Então eu trouxe você para minha casa.

*Curar?* Ela pensou. *Humanos não podem curar.*

Ela desejou que ele se virasse para que ela pudesse vê-lo, mesmo que apenas um pouco. Ela queria olhar para seu salvador, para



saber se ele era tão bonito quanto sua voz e seu perfume.

— Você é um anjo?

Seu coração não disparou como poderia se ela fosse qualquer outra pessoa.

Encontrar algo tão fantástico quanto um anjo deveria tê-la deixado maravilhada. Em vez disso, ela sentiu o vazio frio que sentira ao caminhar até aqui.

Ela queria sentir admiração, sentir-se viva, sentir qualquer coisa em vez do vazio que sentia agora que não podia mais atormentar Jetson por toda a dor que não podia distribuir em Hadith. Ela nunca soube que tinha um lado rancoroso assim. Ela sempre fez o que lhe foi dito sem reclamar.

— Não sei o que é isso, mas não sou nenhum *anjo*.

*Não um anjo.* Ele disse que ela caiu em cima dele, o que significava que ele estava dentro do Véu.

— Você é um Demônio, então? — Nenhum medo entrou nela. Ser comida significava que ela iria desaparecer, mas ela não gostava muito da ideia da dor que viria primeiro. — Você me preparou para poder me comer quando eu estiver melhor?

*Talvez eu tivesse um gosto melhor assim.*

— Não. — A palavra foi dita suavemente, mas continha uma escuridão. Isso deu a sua voz um baixo ainda mais profundo que fez sua pele formigar.

— Você não é um Demônio, não? Ou você não vai me comer, não?

Ele estendeu a mão e cobriu a bola verde brilhante com a mão, como se a estivesse escondendo.

— Ambos.

— O que você é então?

— Algo que não planeja te machucar, — ele respondeu. — Você não precisa ter medo. Vou ajudá-la a se sentir melhor.

— O que você é? — Delora pressionou com mais firmeza, não gostando que ele estivesse fugindo dela.

O raio de luz entrando permitiu que ela visse que ele suspirou pesadamente, seus ombros levantando em uma grande respiração

antes de soar fora dele.

— Eu sou Mavka.

— Mavka? — Suas sobrancelhas se uniram ainda mais, e seus lábios se franziram junto com elas. — Nunca ouvi falar de um Mavka.

— Significa criatura da floresta. É como os Demônios nos chamam.

— E os humanos?

Ele estendeu a mão para pegar algo raso do chão e mergulhou no balde, então ele ofereceu a ela. Ela pensou ter visto o *brilho* de algo preto e liso, mas mais importante, afiado nas pontas de seus dedos segurando a borda da tigela.

Sua mão era tão grande que quase engoliu a parte de baixo completamente.

— Você deveria beber mais água. Eu ainda tenho a comida que você não comeria antes.

Delora não sabia onde estava deitada, mas tinha paredes finas como se estivesse em algum tipo de recesso com peles para amortecê-lo. Não era uma cama, ela percebeu. Ela não sabia o que era, mas ele estava ao pé dela.

— Estou cansada demais para chegar tão longe. — Uma mentira completa.

Bem, ela pensou que poderia ser uma mentira, já que ela nem tentou. Ela só queria que esse chamado *Mavka* se aproximasse para que ela pudesse vê-lo.

Ele se inclinou mais para o lado e apenas diminuiu a distância em alguns centímetros enquanto se inclinava para longe. Ela não aceitou o que ele estava oferecendo.

Quando ele percebeu que ela não iria, ele puxou o braço para trás e o segurou na frente dele. Ela pensou que ele poderia estar olhando para a tigela de água.

— Você ainda está muito fraca para beber sozinha? — Ele parecia desapontado, talvez até um pouco consternado.

Delora ergueu o queixo desafiadoramente.

— Sim.

Ele ficou quieto e imóvel, olhando para a tigela que refletia as

luzes verdes.

Então ele soltou outro grande suspiro.

— Acho que não há outro jeito então.

Ele começou a se aproximar lentamente, parecendo estar rastejando com uma única mão e ambos os pés. Algo bateu levemente contra o chão junto com seus movimentos, em vez do bater de pés ou sapatos. Ele se moveu na frente da luz, obstruindo sua visão, enquanto se aproximava dela.

Houve um momento em que ela pensou ter visto *chifres* no topo de sua cabeça. Seus lábios se separaram em um suspiro quando ela percebeu que aquelas luzes verdes não eram luzes, mas estavam flutuando em seu rosto como olhos.

Orbes brilhantes que destacavam o rosto sem carne de um crânio de raposa.

— Você é um...

Antes que ela pudesse terminar a frase, ele já havia colocado a mão grande na parte de trás do crânio dela e forçado a cabeça dela para trás para que ele pudesse colocar a tigela em seus lábios entreabertos. Ele derramou o conteúdo em sua boca. Ela engoliu para não se afogar quando seus olhos se arregalaram, olhando para ele.

Ela agarrou a manga da camisa dele, aquelas orbes verdes pareciam olhar diretamente para sua alma como se estivessem perscrutando todos os seus pecados.

— Você é um Caminhante do Crepúsculo, — Delora conseguiu ofegar quando ele puxou a tigela para permitir que ela respirasse.

Ele apertou de volta depois de algumas bufadas.

— Sim. É assim que vocês, humanos, nos chamam.

Delora fechou os olhos com força quando a água veio um pouco rápido demais desta vez, escorregando de sua boca para pingar em seu peito. Ela puxou a manga dele e ele recuou.

Delora começou a tossir, soltando-se para pressionar a parte de trás do pulso contra a boca.

— Foi muito rápido? — Ele parecia genuinamente preocupado.

*Eu deveria ter feito isso sozinha.*

— N-Não, tudo bem.

Ela estava muito assustada para dar qualquer outra resposta.

— Serei mais cuidadoso, — ele ofereceu, levando a tigela de volta aos lábios dela.

Ela virou a cabeça o melhor que pôde com a mão quente dele ainda segurando-a.

— Não quero mais.

Não, em vez disso ela queria ficar boquiaberta com a criatura na frente dela. Ele não podia permitir que ela descobrisse o que ele era e não deixá-la absorver. Não é de admirar que ele hesitasse em vê-la!

Claro, ele não era um Demônio, mas isso não era tecnicamente melhor. Ele ainda era um monstro, apenas um que não tinha uma maldita cara!

Diante de seus olhos, suas orbes brilhantes flutuando na frente de suas órbitas ocas ficaram rosa-avermelhadas.

— Eu não tive a intenção de te machucar.

Ele colocou a tigela no colo dela, e ela percebeu que ele havia chegado à conclusão de que ela não confiava mais nele para lhe dar água. Ela olhou para baixo, vendo suas pernas nuas logo abaixo da camisa preta de botão que ela usava.

Ela viu algo semelhante cobrindo seu peito, bem como um par de calças pretas enroladas em torno de pernas obviamente unglígradas. Ela não podia ver seus pés, mas as costas de suas mãos eram visíveis e, mesmo com a luz fraca, ela podia ver que eles tinham ossos brancos salientes desde os nós dos dedos até os pulsos. Carne cinza escura cobria o resto, e eles eram *enormes*.

Não é de admirar que ela sentisse o calor irradiando por suas costas. Ela apostaria que se ele colocasse a mão em seu rosto, ele o cobriria completamente.

Seus olhos viajaram ao longo deles, de seus braços para os ombros largos que eram aureolados pela luz fraca. Então ele se inclinou para trás, indo para aquela luz para destacar os chifres que ela percebeu que *não tinha* visto errado.

Mesmo agachado, ele se elevava sobre ela. Ela só podia imaginar o quão grande ele seria em comparação com ela se ambos ficassem de pé.

Sua mão se ergueu para acariciar seu cabelo em estado de choque, enquanto seus olhos corriam ao redor da área em que ela estava. Ela foi capaz de definir melhor as paredes, pisos e teto. Ela pensou que estava tão escuro que não podia ver a madeira, mas ela estava olhando para a rocha o tempo todo. Paredes da *caverna*.

O quarto não era tão escuro ou tão grande quanto ela pensava. Ela olhou para onde estava sentada.

— Isto é um ninho? — ela gritou.

As paredes estavam cobertas de peles com um grande galho ocasional saindo.

— Sim. Esta é a minha cama. — Ele estendeu a mão e colocou uma tigela de comida no ninho ao lado dela. — Eu não tinha outro lugar para colocar você que fosse macio.

*Estou em um ninho... Na caverna de um Caminhante do Crepúsculo. Casa? Aquele que me lavou, me viu nu e me vestiu com suas próprias roupas. Ela o olhou cuidadosamente. Aquele que está me alimentando e me dando água.*

— O que você pretende se não vai me comer? — Delora estreitou os olhos. — Eu não vou ser um animal de estimação.

A cabeça dele se inclinou, fazendo um som estridente que ela só ouvia dos Demônios fora dos muros de sua aldeia. Era como o som de ossos secos estalando uns contra os outros.

*Bem, isso é nojento.*

— Bicho de estimação? Eu não sei o que é. Eu só queria te deixar melhor depois que você caiu do céu. — Ele virou a cabeça para o outro lado, inclinando-se para mais perto, o que a fez se afastar. — Você não tem medo de mim.

Não, Delora não estava com medo. Ele poderia comê-la, poderia machucá-la, mas ela não se importava se isso significasse sua morte. O que era um pouco de dor antes de tudo terminar alegremente?

Ela não tinha medo de morrer, portanto não podia temer seu possível ceifador. Isso não a impediu de se preocupar com o quanto ela gostava do cheiro e da voz de um Caminhante do Crepúsculo, um monstro.

Seus lábios se contorceram em um estremecimento.

Ele não era feio, mas quando se deparou com o crânio de uma raposa que era muito grande para qualquer animal ter – como se fosse maior nele – ela achou difícil de olhar. Mas talvez fosse porque ela não o achava realmente desagradável.

Essas esferas brilhantes eram bastante bonitas, especialmente quando voltavam ao verde e pareciam rodopiar com tanta vida.

Os chifres em sua cabeça ramificavam-se e bifurcavam-se três vezes e pareciam de uma cor ruiva pelo que ela podia dizer.

Ele tinha presas, notáveis na frente por causa das duas longas na parte superior e as curtas na parte inferior. O resto eram dentes afiados, pontiagudos e triangulares.

Era óbvio que ele tinha uma mordida que poderia matar em um segundo.

Ela também tinha visto aquelas garras longas e levemente curvadas nas pontas de todos os seus dedos cinza-escuros, pretos e brilhando contra a luz fraca.

– Por que você me salvou? Sua espécie come humanos.

*Por que ele simplesmente não me tirou do meu maldito sofrimento antes que eu acordasse?*

– Não comerei, – ele rosnou em um tom sombrio, o baixo enviando uma onda de arrepios sobre sua carne novamente. Então ele empurrou a tigela de comida para mais perto dela. – *Você deve comer.*

Seu estômago roncou alto com raiva por ela não ter mergulhado imediatamente para ele. Atendendo à demanda de seu estômago e do Caminhante do Crepúsculo, Delora terminou sua água para que pudesse colocar a tigela de madeira com comida em cima dela.

Ela pegou o último morango disponível, vendo que o que ela havia mordido antes estava apodrecendo agora que ela expôs seu interior ao ar.

– Você é o Caminhante do Crepúsculo que visita as aldeias para uma oferenda humana em troca de uma ala de proteção?

Ela esperava sinceramente que não; ela não estava interessada

nisso.

— Não, ese é outro. — Ele lentamente alcançou o ninho em que ela estava e agarrou a mão que ela não estava usando para comer.

A única razão pela qual ela o deixou pegar foi porque ela estava curiosa sobre o que ele faria. Ele a examinou, espalhando calor em suas pontas dos dedos frios, enquanto roçava seu polegar em forma de garra sobre ela.

— Suas mãos são tão pequenas, — ele comentou com uma nota de admiração em sua voz. Ela notou então que ele nunca abriu suas mandíbulas ossudas para falar, como se estivesse falando de sua mente. — Sua pele também é muito lisa.

Delora afastou sua mão.

— Você obviamente nunca falou com um humano antes, mas eu realmente não quero ser examinada.

Ela encolheu quando seus orbes brilhantes ficaram vermelhos, e um leve rosnado veio dele.

— Isso não é verdade. Falei com outra humana, mas não tenho permissão para tocar.

Ele estendeu a mão para ela novamente, e ela se esquivou de suas mãos agarrando.

— Ei, não — ela retrucou, antes de apontar o dedo para ele. — Eu não me importo que você me salvou. Não me toque.

Ela esperava que ele ficasse mais bravo, mas em vez disso seus orbes ficaram verdes. Ele ergueu a mão para poder bater na lateral do focinho.

— Não? Não tocar? Não entendo porque não posso. Eu disse que não queria fazer mal e já toquei quando tirei sua roupa suja.

Delora baixou a cenoura que não teve forças para comer antes.

— Por que você continua trazendo isso à tona? — Ela tinha certeza de que era óbvio que ela estava desconfortável com isso! — Eu não sou sua para tocar, e você não deve ficar lembrando uma pessoa que ela fez xixi!

Ela tinha certeza de que era mais do que apenas xixi, mas não ousava *pronunciá-lo*.

— Por que não? Esta não é uma função humana normal?

Seus lábios se separaram em choque. — Você é estúpido ou o quê?

— Sim. — Ele agarrou o lado do focinho e esfregou-o, antes de olhar para o lado. — Já me disseram que sou estúpido.

Delora levou os lábios à boca para mordê-los. *Alguém disse isso a ele?* Ela não sabia por que achava isso lamentável e engraçado ao mesmo tempo.

— Olha, é porque eu não *queria* fazer isso. Apenas... pare de tocar no assunto. Prefiro esquecer.

— Ok, então não vou.

Ela voltou a comer sua cenoura e a mastigou mal-humorada. Quando ela terminou com tudo o que podia comer na tigela, ela colocou ao lado dela.

O Caminhante do Crepúsculo a cutucou de volta para ela.

— Você deve comer mais.

— Eu não posso comer isso. Por que você me daria uma cebola ou batata crua?

Com a rejeição dela, ele abaixou as mãos dentro do ninho para pegar a tigela. Ele agarrou a cebola e levou-a até o buraco em seu focinho onde deveria estar seu nariz, cheirando-a antes de espirrar como se isso irritasse seus sentidos.

— Existem certos alimentos que devem ser cozidos para que os humanos os comam?

Delora ficou terrivelmente consternada. Ela não tinha vontade de viver, por que ela teria alguma força em seu coração para ensinar a uma criatura o ABC de sua espécie?

— Sim, — ela murmurou antes de se deitar, já que ainda se sentia fraca. Comer havia esgotado toda a sua energia, mas pelo menos ela se sentia melhor. Ela rolou para lhe dar as costas. — Estou cansada. Eu gostaria de dormir mais.

*Apenas a minha sorte de merda. Eu me deparo com um dos únicos Caminhantes do Crepúsculo que prefere salvar um humano do que matá-lo. Claro, seria assim. Por que a vida seria tão fácil para ela?*

Nunca tinha sido misericordiosa antes.





Sem Nome olhou para as costas da humana com a cabeça inclinada.

*Achei que ela ficaria grata.* Ele esperava que *ela* fosse. Sempre que Orpheus fazia coisas para Reia, ela o tocava afetuosamente no focinho ou lhe dava um sorriso.

Aqueles sorrisos eram hipnóticos até mesmo para Sem Nome. Ele esperava que esta mulher lhe desse um para que ele pudesse ver como era receber um sorriso. Em vez disso, ela parecia miserável, e as olheiras sob seus olhos que ele originalmente pensou serem contusões não desapareceram.

*Talvez quando ela estiver se sentindo melhor ela sorria para mim.* Os humanos precisavam de energia para sentir emoções positivas? *Eu sei tão pouco sobre eles.*

Sua visão se desviou para ela deitada em seu ninho, enrolada em suas peles, em cima de suas penas e vestindo uma de suas camisas. Suas coxas grossas e bem torneadas chamaram sua atenção simplesmente porque pareciam suaves e macias sob seu toque quando ele a lavou e trocou.

Havia muito dela que era diferente dele, que era basicamente tudo da cabeça aos pés. Dedinhos do pé que ele estava curioso para tocar desde que os viu mexer. Mexer!

Ele olhou para baixo, para seus próprios pés com cascos. Eles eram semelhantes aos de um cervo, exceto por três dedos – eles haviam passado de dois para três recentemente após o último ser humano que ele comeu. Ele tentou mexê-los, mas, infelizmente, eles mal se moviam, pois ainda não tinha destreza total com eles.

O amarelo da alegria desapareceu em sua visão. *Seus olhos eram como casca de árvore.* Eles eram tão ricos e mantinham uma certa força neles. Sem Nome havia encontrado muitos tesouros na terra, e ele se perguntou quantos ele veria em seus olhos cor de canela.

Seus orbes brilharam em sua cor amarela para significar sua

alegria.

*Ela não tinha medo de mim!* Nem uma vez ele farejou seu medo e sentiu uma emoção correr por ele. *Uma fêmea minha.* Alguém que não teve medo, foi capaz de olhar para ele e não se preocupou em deixar seu ninho ou caverna.

Sem Nome esperou até que ela estivesse realmente dormindo, sua respiração superficial e uniforme como nos últimos dias. Então ele lentamente colocou a mão dentro de seu ninho e se inclinou para cheirar a parte de trás de seu cabelo e sentir seu aroma.

Ele fechou a visão enquanto a deixava preencher seus sentidos.

Ele levantou cuidadosamente a outra mão e usou a ponta de sua garra para colocar o cabelo dela atrás da orelha para que pudesse ver seu rosto. Ele não se importava que ela não tivesse sorrido, que ela tivesse olheiras e cabelo bagunçado.

Ela era linda com seu cabelo preto que era parecido com o pelo dele – ele gostava que eles compartilhassem uma característica comum entre eles. Seus olhos castanhos estavam fundidos, e sua pele levemente bronzeada parecia deliciosa de uma forma que ele nunca tinha experimentado antes. Ele pensou que ela ficaria extremamente confortável contra seu corpo duro.

*Não tocar significa que também não posso segurar?* Ele queria saber como era sentir o corpo de outra pessoa contra o seu. Ele queria protegê-la em seu calor, em seu perfume, em seu corpo, e protegê-la completamente de tudo além dele.

*Eu sou forte,* pensou confiante, recuando para começar a recolher as penas soltas no ninho e colocá-las em cima dela. *Posso proteger.*

As penas vieram de seu próprio corpo e estavam saturadas de seu cheiro. Elas serviriam por enquanto para esconder o dela.

*Devo deixá-la segura.*

Da melhor maneira que pôde com seus cascos cortantes, ele se moveu silenciosamente em torno de sua pequena caverna enquanto pegava uma grande tigela do chão e a colocava dentro de um saco de sal.

Ele verificou o círculo de sal, observando os quatro Demônios

que continuavam a oscilar em torno de sua casa, que procuravam a fêmea dentro dele. Eles o evitaram, movendo-se para o outro lado do círculo, mas se recusaram a sair enquanto chacoalhavam, rosnavam e gemiam.

*Devo me livrar deles.* Sem Nome sabia que não poderia tê-los à espreita aqui.

Ela pode não ter medo dele, mas ele tinha certeza de que ela ficaria angustiada ao ver esses vermes. Ele deu-lhes um rosnado, e eles se dispersaram momentaneamente antes de voltar.

Se eles fossem a causa de seu medo e ele a comesse acidentalmente em um frenesi, ele ficaria furioso.

*Mas como me livro deles?* Ele olhou para o sal restante em sua tigela. Claro, ele poderia matar esses Demônios, mas eventualmente viriam mais.

Ele não tinha ido ver Orpheus para obter um óleo que permitisse um feitiço para esconder a parte humana do cheiro de um humano. Ele estava hesitante em fazê-lo. Ele não queria que Orpheus soubesse que ele tinha uma.

Sem Nome estava preocupado que ele a pegasse para si ou a comesse apenas para que Sem Nome não pudesse tê-la. Fazia pouco sentido, mas ele já estava se sentindo bastante possessivo com ela.

*Devo enganar os Demônios escondendo o cheiro dela sob muitos outros que me distraem.*

Uma ideia veio à mente, uma que Orpheus certamente o repreenderia.

— Que desperdício de sal, — ele zombou de si mesmo, fingindo ser aquele Mavka sabe-tudo enquanto saía da proteção para esculpir um círculo completo fora dela com suas garras. O som de terra raspando encheu seus ouvidos. — É usado para proteger, não para caçar. Mur-mur-mur. Ele começou a polvilhar sal dentro de metade da escultura que havia feito, deixando uma metade sem sal. — Olhe para mim, sou um Mavka inteligente que faz o cervo parecer inútil. Que diz a ele que todas as suas ideias são estúpidas, embora ele as ache fantásticas.

Orpheus certamente zombaria de Sem Nome pelo que estava

prestes a fazer, mas ele não tinha outras ideias e achou que esta poderia ser adequada.

Ele começou a persuadir gentilmente os Demônios na direção do círculo de sal meio cheio, caminhando em direção a eles e desviando-os quando eles iam para o lado errado. Eles recuaram lentamente, rosnando e rosnando, mas não o atacaram.

Eles sabiam que ele os mataria se tentassem, não que estivessem cientes de sua morte iminente.

Uma vez que eles estavam dentro do círculo, o sal que ele já havia colocado os impediu de ir mais longe. Suas cabeças giravam incertas, pois não conseguiam escapar.

Eles não tiveram a chance de acabar antes que ele borrifasse mais nas linhas de escultura que ainda não havia preenchido. Eles estavam completamente presos dentro dele.

— Que desperdício de sal, Mavka — continuou ele. — Agora você terá que adquirir mais antes do que precisava.

Independentemente disso, ele conseguiu o que queria, não importa como o fizesse. Ele tinha um humano para manter seguro; ele desperdiçaria qualquer recurso necessário.

Ele casualmente agarrou um dos pequenos Demônios pela cabeça antes que pudesse mordê-lo. Enquanto ele uivava, ele caminhou com ele para a floresta e procurou por um grande galho quebrado no chão.

Quando encontrava um, ele o pegava e caminhava com os dois até ficar a uma distância segura de sua casa. Então ele rasgou a garganta do Demônio com suas garras e propositadamente derramou seu sangue no chão em um arco largo.

Ele empurrou a ponta mais afiada do galho através de seu corpo e o cravou no chão, dando a qualquer Demônio na área algo para caçar. O cheiro dele e seu sangue derramado na terra deveriam ajudar a esconder que ele tinha um humano além dele.

Ele estava grato que o cheiro de sangue de Demônio não era atraente para Mavka desde que era sujo – embora ele tivesse comido muitos no passado.

Ele repetiu essa ação com os outros três que tinha, criando um

semicírculo de corpos de demônios mortos na floresta para abrigar sua casa. Ele não sabia quanto tempo isso iria durar, mas verificaria se podia sentir o cheiro dela depois de sua outra ideia.

Usando suas próprias garras, depois de lavá-las do cheiro pútrido de podridão que veio do derramamento de sangue de Demônio, ele cortou seus pulsos. Ele espalhou seu sangue sobre a entrada de sua caverna e ao longo das paredes rochosas do lado de fora.

Seu perfume era leve e suave. Uma vez que seu sangue secasse, não deveria atrair os Demônios, pois não haveria um corpo fresco, mas abrigaria o cheiro dela.

Ele checou a área farejando o ar antes de dar um aceno de aprovação. Não era perfeito. Se um Demônio se aproximasse apenas vagando, eles notariam seu cheiro apesar de tudo isso, mas deveria servir por enquanto.

Ele entrou em sua caverna para encontrá-la ainda deitada onde estava antes. Ele se agachou para não se erguer sobre ela caso ela acordasse.

*Estou cansado... e ela está na minha cama.* Sem Nome não tinha dormido desde que ele a trouxe aqui.

Havia algo envolvendo Delora em calor completo e absoluto.

Era difícil determinar onde começava e terminava, pois o calor vinha de seus pés, subia pelas costas e ia até o topo da cabeça.

Também veio da frente dela quando dois membros grandes e longos a seguravam com força. Eles se enrolaram por baixo de sua cabeça, como se a apoiassem como o travesseiro que faltava, depois cruzaram seu peito e envolveram seu braço. O outro membro veio de cima, correndo sobre o estômago para agarrar a parte externa da coxa em que ela estava deitada.

Um peito grande e forte empurrou contra ela como grandes pulmões cheios de oxigênio antes de encolher silenciosamente sob uma expiração.

O cheiro de baunilha e creme invadiu seus sentidos tão completamente que atordoou sua mente grogue.

Delora não conseguia se lembrar da última vez que ela foi segurada assim. Era terno e tão protetor que a fez se sentir pequena e necessitada de proteção.

A escuridão penetrou em sua visão quando ela abriu as pálpebras. Ela se sentiu desorientada. Ela deu um tapinha no braço involuntariamente grosso que a cobria. Ela franziu as sobrancelhas, achando aquilo estranho. Então ela finalmente tocou o rosto dele - para descobrir que não era um rosto, mas sim uma caveira.

Sua mente ficou séria instantaneamente e acordou da névoa em que ela estava. Delora lutou, sentindo-se perdida no escuro. Ela arranhou os braços da criatura que estava deitada com ela *intimamente!*

A escuridão deu lugar a dois orbes verdes brilhantes que de repente ganharam vida.

— Qual é o problema? — o Caminhante do Crepúsculo perguntou.

Perguntou! Como se o que ela estava fazendo fosse estranho em comparação com ele segurando-a enquanto ela dormia.

Ela não gostou de achar a sonolência presente na voz dele tão leve e gentil e... e agradável que ela quase ficou chateada consigo

mesma por acordá-lo.

*Isso mesmo. Estou no Véu e um Caminhante do Crepúsculo me salvou.*

— Por que você estava deitado comigo?

Ela não viu o braço envolvendo sua cintura antes de puxá-la de volta para dentro. Pontas de garra cravaram em seu lado enquanto ela era puxada, lutando para ficar onde estava, sem sucesso. Em instantes, ela se viu de volta à posição em que acabara de acordar.

— Escondendo seu cheiro, — ele afirmou, antes que ela o sentisse se enrolar em torno dela mais apertado, como se o que ele dissesse fosse apenas um disfarce. — Eu me assegurei de que os Demônios não descobririam que um humano está dentro de minha casa. Isso também vai ajudar.

*Sim, sem merda.* Tudo o que ela podia sentir era o cheiro dele, e ela sabia que estava em cima dela.

Um de seus braços se moveu para borrifar algo em cima dela enquanto ela segurava os lados de sua cabeça.

— O que é isso? — ela guinchou, imaginando que coisa terrível ele havia colocado sobre ela.

Ela esperava que não fosse algo tão bárbaro quanto folhas ou sujeira.

— Penas. Elas vão cobrir o que eu não posso.

*Penas, ela repetiu em sua mente. Não muito melhor.*

— Você pode... você pode, por favor, me deixar ir?

— Não — ele rosnou. — Não tenho dormido direito desde que te trouxe aqui. Curá-la e cuidar de você foi exaustivo, e devo dormir para protegê-la. Este caminho é o melhor.

Seu único consolo era que ela não conseguia sentir nenhuma genitália masculina, o que era fácil de determinar, já que ele a pressionava contra ele com tanta força que ela podia sentir a falta dela com o traseiro.

*Ele vai dormir.* Delora ficou imóvel, sem ousar se mover na esperança de que ele desmaiasse mais rápido. Ela se recusou a permitir que sequer um dedo se contorcesse. Como se ele estivesse realmente exausto, a respiração do Caminhante do Crepúsculo se acalmou, e seu

aperto afrouxou apenas o suficiente para dizer a ela que ele estava dormindo.

Depois de um longo período de tempo, ela cuidadosamente embaralhou sua posição até que ela estava deitada de costas para olhar para o teto.

Ela não sabia quanto tempo estava dormindo, mas foi acordada por sonhos distorcidos. Estava escuro agora, e aquele invólucro de nada era reconfortante. Seu peso a manteve presa ao lado dele tanto quanto sua falta de vontade de se mover, mas era reconfortante à sua própria maneira.

Seus olhos se desviaram para onde ela achava que o rosto dele deveria estar.

*Estou apenas deitada aqui ao lado dele.* Ela estava esperando o impulso de se afastar para crescer dentro dela, mas isso nunca aconteceu. *Por que estou aqui?*

Ser cativa de um Caminhante do Crepúsculo era sua punição pelo que ela havia feito? *Eu sou cativa, embora?* Ele não disse a ela que ela não podia sair, mas não havia sentido em fazê-lo.

*Ele disse que não iria me comer, então o que ele quer comigo?* Ela apertou os lábios. *Eu me importo?* Desde que ele não planejasse machucá-la, ela realmente não conseguia pensar em nenhum lugar para ir que não terminasse em sua morte.

Também não haveria felicidade. Delora não tinha mais fé em viver com seus companheiros humanos.

*Eu realmente quero morar em um lugar como o Véu?*

Seus pensamentos ficaram em silêncio quando nenhuma resposta veio a ela.



Sem Nome andava ansiosamente ao lado de seu ninho enquanto a humana continuava dormindo perto dele.

*Algo está errado com ele.* Fazia dois dias desde que ele descansou ao lado dela e acordou novamente para encontrar a criatura feminina ainda deitada lá e então continuar a fazê-lo.

Pelo que ele sabia dos humanos e tinha visto de Reia, eles eram geralmente criaturas ativas e tagarelas. Reia costumava falar com Sem Nome, e quando ele se deparava com humanos, eles geralmente conversavam entre si em pares antes de atacá-los.

Ele não tinha certeza de quando esta fêmea estava acordada, pois ela só se movia para se virar ou quando ele a forçava a comer e beber com suas próprias mãos. Ele relutou a princípio, mas quando percebeu que ela não se alimentaria sozinha, Sem Nome assumiu o dever de fazer isso por ela.

Ele tentou tirar suas feridas invisíveis, mas não sentiu nenhuma mudança dentro de si, como se ela estivesse bem.

Mas ela não estava.

Ela continuou a ter olheiras sempre que os abria, e seu olhar parecia... sombrio? Morto mesmo.

Se ela estivesse doente, sua magia deveria tê-la curado e transferido para ele.

*O que tem de errado com ela?* Sem Nome sentiu que estava falhando, e não importa o quanto ele tentasse falar com ela novamente, parecia que ela havia perdido a voz.

Sua linda voz, que era suave e de tom médio.

Ele queria que ela compartilhasse com ele novamente.

Ele estava começando a se sentir agitado por não saber como ajudar a humana que parecia... quebrada.

Inquieto, ele saiu. Sua visão caiu em um pedaço de terra que continha sementes podres de endro. Orpheus disse a ele para plantá-las em um local onde recebessem água e luz solar adequadas. Aquele era o único local que recebia alguma luz, mas apenas uma hora por dia, talvez menos. Estava fora das sombras do outro lado de um

pequeno caminho próximo à parede do penhasco, onde a linha das árvores mergulhava ligeiramente.

*Ela é como uma planta? Ela precisa de sol para ficar bem?*

Ele estendeu a mão para coçar o pelo ao lado de suas omoplatas com incerteza. Ele sabia tão pouco sobre como cuidar de um humano, mas muitas vezes tinha visto Reia sentada ao sol em seu jardim.

Em pouco tempo, aquele pedaço de terra - que ele se certificou de estar dentro de seu círculo de sal - receberia a única luz do sol perto de sua caverna.

Ele voltou sua visão para o céu para observar o arco de rotação da bola, então arranhou logo abaixo de seu crânio onde as penas cresciam dele. Uma se soltou e balançou enquanto flutuava em direção ao solo.

*E se for uma má ideia movê-la? Um pequeno gemido sacudiu seu peito antes de tomar sua decisão. Se ela precisar de mais sono, ela pode fazê-lo apenas no chão.*

Então ele se virou e parou com um pensamento. *Não preciso plantá-la no chão, preciso?* Ele balançou sua cabeça. Ele nunca tinha visto Reia fazer isso.

O mais silenciosamente que pôde com seus cascos cortantes, ele se aproximou da mulher e timidamente deslizou suas grandes mãos sob ela. Ela se mexeu apenas por um momento antes de relaxar em suas grandes palmas.

No momento em que ele a pegou para embalá-la em seus braços, ela acordou e empurrou seu peito.

— O que você está fazendo? — ela perguntou com os olhos arregalados e cheios de pânico.

Um leve emaranhado de medo dançou em sua pele. Era como um cheiro delicioso de apertar o estômago no ar, e seus olhos imediatamente ficaram vermelhos carmesim.

— Controle seu medo, — ele advertiu, parando com ela em seus braços. — Eu não quero comer você, mas não poderei me controlar se você não parar.

— Por que você está me pegando? — Seu batimento cardíaco

parecia extraordinariamente rápido pelo que ele podia ouvir, e seus olhos continuaram a olhar ao redor. — E-eu não gosto de ser pega.

— Você está muito fraca para se mover, mas vou levá-la para fora.

Isso pareceu acalmá-la, e seu cheiro de medo suavizou - mas não era forte para começar.

— Sou muito pesada, você vai me derrubar. — Ela estava em uma posição relaxada, como se estivesse preocupada com ele deixá-la cair, mas ele podia sentir a tensão dentro de seu corpo. — Ponha-me no chão.

— Pesada? — Sua cabeça se inclinou bruscamente. — Você não é pesada. Eu levantei coisas muito mais pesadas do que você.

Ignorando seu pedido, Sem Nome caminhou de sua caverna para onde o sol já estava enchendo aquele local.

Ele observou suas sobranceiras escuras unidas com suas palavras enquanto seus lábios se franziam e quase escondiam o de cima completamente. Eles pareciam excepcionalmente maleáveis, e ele ficava mais curioso sobre eles cada vez que ela fazia qualquer expressão com eles.

— Eu não quero sair, — ela murmurou enquanto seus olhos se desviaram dele para olhar para o chão.

Ele não sabia por que ela desviou o olhar, mas seu coração se apertou com a ideia de ser porque ela não gostava de olhar para ele.

— Gostei da escuridão da sua caverna.

— Você não está bem. — Ele a colocou no chão com as costas contra a parede. — Estou colocando você no sol.

— Eu não sou uma planta, você sabe.

Seus olhos caíram sobre a floresta, e algo pareceu sombrear sua expressão enquanto ele se movia para se sentar a alguns metros dela.

— Não, não uma planta, — ele murmurou, esperando que ela não chegasse à conclusão de que ele pensava que precisava cuidar dela como se ela fosse uma. — Humana — acrescentou.

— Eu acho que é meio legal. — Ela levantou os joelhos e colocou os antebraços sobre eles antes de descansar o queixo contra eles. — É quentinho.

Seus olhos piscaram para ele momentaneamente antes de voltar para a floresta.

— Você meio que senta como um cachorro.

Ele torceu a cabeça até quase ficar de cabeça para baixo para poder ver a maneira como estava sentado. Sua bunda estava contra o chão enquanto seus pés estavam pressionados contra ele.

— É difícil voltar com os cascos. Esta é a maneira mais fácil. — Ele levou a mão ao focinho para poder dar um tapinha na lateral dele. — Você preferiria que eu não me sentasse assim?

Não era muito diferente de como ela estava sentada, exceto que tinha uma parede apoiando suas costas.

— Não. Eu não ligo.

Ela virou a cabeça para olhar para o nada.

*Isso está ajudando.* Isso foi o máximo que ele falou com ela desde a primeira vez que ela acordou. *Os seres humanos precisam de luz solar.* Ele estava anotando mentalmente todas as coisas que precisava lembrar para cuidar do bem-estar dela.

Sua cauda, que tinha formato de raposa e era fofa, batia no chão duas vezes.

— Você tem um nome?

— Claro, eu tenho um nome, — ela resmungou. — Que tipo de pessoa não tem nome?

— Eu não. —

Deslizando o rosto contra os joelhos, ela o trouxe para ele com uma carranca apertada.

— Você não tem nome?

— Não. — Então ele se arrastou um pouco mais perto. — Qual é o seu?

— Delora. Meu nome de solteira era Delora Theralia. — Seus olhos baixaram antes de acrescentar: — Acho que não preciso mais adicionar a parte de solteira.

Sua visão mudou de seu tom verde normal para um amarelo escuro enquanto a curiosidade o dominava.

— Você tem dois nomes?

— Bem, sim. A maioria dos humanos tem.

— Qual é o propósito disso?

— Eu acho que é assim que se houvesse outro humano chamado Delora, você seria capaz de nos separar porque nossos sobrenomes provavelmente seriam diferentes.

Sem Nome bateu no longo comprimento de seu focinho.

*Os humanos têm coisas tão complexas para se identificar. Um rosto e um único nome não são suficientes?*

— Você vai... você me dará um nome?

Ele não seria egoísta e pediria dois. Um nome o faria feliz.

Delora ergueu a cabeça um pouco enquanto suas pálpebras tremulavam. Ele notou que a cor de seus olhos castanhos ficava mais clara ao sol e quase parecia ter manchas de mel e ouro. Ele tentou controlar seu rabo de bater contra a terra de alegria ao ver essa diferença hipnotizante.

— Você quer que eu te dê um nome?

Ele colocou a mão contra o chão para se inclinar mais perto em antecipação. Ele assentiu.

— Sim, isso me agradaria muito.

— Não sei. — Ela esfregou a lateral do pescoço com a palma da mão antes de desviar o olhar. — É meio estranho para mim nomear você. Isso é algo que um pai geralmente faz por alguém.

Sua cauda se acalmou quando uma frieza percorreu seu coração. Seus ombros caíram. *Por que ninguém deseja me dar algo especial para ser chamado?*

Quando Reia lhe disse pela primeira vez o que era um nome, ele perguntou isso a ela. Ela também o rejeitou. *Eu não mereço um nome?* Parecia ser algo importante, mas era algo que lhe faltava severamente.

Ele também perguntou a Orpheus, mas não gostou de nenhum dos nomes que lhe deu. Cara de raposa. Aborrecimento. Cabeça de chifre.

O silêncio que estava sempre presente em sua vida era pesado entre eles enquanto ele refletia sobre isso, seus orbes brilhando com um profundo poço de azul.

Delora trouxe seus olhos de volta para o Caminhante do Crepúsculo depois de um tempo evitando olhar para ele. *Que tipo de pessoa pede um nome?*

Ela deveria conhecer alguém melhor antes de dar a ele algo tão importante quanto um nome. Ela não queria a responsabilidade ou a vergonha que sentiria se tentasse dar a ele uma que ele não gostasse.

*Eu nunca dei um nome a alguém.*

Apesar de sua rejeição, muitos nomes vieram até ela. Robert, Klaus, Andreas, mas nenhum deles parecia certo para ele. Eles eram... eles eram muito humanos.

No entanto, ela baixou a mão do pescoço quando viu que ele estava olhando para o lado com uma postura derrotada. Ela estava começando a ficar curiosa sobre as mudanças nas cores dos 'olhos' dele, já que aconteciam com bastante frequência.

*O que significa azul?* Não demorou muito para ela perceber que eles mostravam a tristeza dele, seu próprio peito ecoando o mesmo poço profundo disso.

Seu coração doeu terrivelmente, fazendo com que o canto de seus olhos se curvasse e seus dentes afundassem em seu lábio inferior por dentro.

*Que tipo de monstro você precisa ser para deixar um Caminhante do Crepúsculo triste?*

Ele era uma criatura de aparência tão estranha.

Era a primeira vez que ela o via em qualquer forma de luz, e agora que ela podia vê-lo corretamente, todos os seus detalhes eram visíveis para ela. Os chifres ruivos no topo de sua cabeça eram grandes e ramificados, com os garfos inferiores curvados acima de sua testa. Seu crânio de raposa era completamente branco, em vez de creme, e as sombras eram de um azul frio por causa do contraste.

Seu corpo era maciço; ela pensou que ele devia ter pelo menos dois metros e meio, e ainda mais alto com aqueles chifres. A maneira como ele se sentava tornava óbvio que suas longas pernas combinavam com seu corpo longo e esbelto. Seus ombros eram largos,

enquanto sua cintura era extraordinariamente estreita.

Músculos pressionados em sua camisa de seu peito, braços e pernas, mas ela pensou que também poderia ser outra coisa que o fazia parecer mais musculoso - como se talvez ele tivesse *pelo* sob a roupa.

Ela podia ver seus pés com cascos. Eles eram estranhos porque estavam separados em três dedos, mas não eram tão estranhos quanto os ossos brancos salientes que corriam sobre o topo de suas mãos cinza-escuras que descansavam frouxamente contra o chão.

Ele parecia forte, largo e ainda, de alguma forma, esguio por causa de sua cintura e quadris estreitos... e seus membros! Eles eram um pouco mais longos do que um humano teria. Ele tinha braços longos que quase alcançavam a parte inferior de suas coxas musculosas, em vez do meio.

Ele usava roupas pretas que pareciam novas, mas estavam um pouco empoeiradas. Pelos pretos apareciam nas bainhas das calças e nas mangas da camisa em volta do pulso. Ao passo que penas negras formavam um halo na parte de trás de seu crânio como os colares vitorianos que muitas mulheres usavam em esboços que ela vira nos livros da biblioteca de sua aldeia.

As esferas flutuantes que pairavam nas órbitas de seus olhos eram etéreas, quase belas à sua própria maneira, e sentiu culpa ao vê-las em um azul tão profundo.

A luz em que ela estava sentada de repente ficou muito forte, como se ela não merecesse sentar em algo tão agradável.

Delora se levantou fracamente.

Sua cabeça disparou para ela.

— O que você está fazendo?

— Não quero mais me sentar ao sol. Vou pegar uma queimadura de sol se fizer isso. — Porém, ela não achava que isso fosse verdade, já que mal conseguia sentir o sol através da névoa do Véu.

— Humanos podem queimar com o sol? — Delora notou o toque de curiosidade em seu tom, mas seus olhos permaneceram com aquela cor triste.

— Sim. — Ela caminhou em direção a ele já que ele estava

sentado na frente da entrada de sua caverna, mas parou momentaneamente quando ela estava ao lado dele. Ela disse baixinho: — Você não quer que eu te dê um nome.

Finalmente, seus olhos mudaram para outra coisa. Amarelo escuro mudou para seus orbes quando ele deu uma inclinação de cabeça questionadora.

— Por que? — ele perguntou.

Delora ouviu a sujeira sendo remexida quando ele se moveu para segui-la dentro da caverna.

— Porque eu sou uma pessoa terrível, — foi sua resposta enquanto ela rastejava em seu ninho quase duro. Ela deitou de lado com as costas voltadas para qualquer tipo de luz para que não pudesse vê-la.

— Como você é uma pessoa terrível? — O tom de sua voz parecia genuinamente confuso, mais agudo, mas sua voz de barítono ainda era profunda e sombria.

Delora fechou os olhos com força.

— Quantos humanos você matou? — O silêncio seguiu sua pergunta, e ela finalmente torceu as costas apenas o suficiente para poder vê-lo agachado ao lado do ninho. — Quantos você comeu? Você é um Caminhante do Crepúsculo. Não é nenhum segredo que sua espécie é como os Demônios, então não se preocupe em esconder isso.

Ele se arrastou nervosamente em seus pés.

— Mas você vai me odiar ou ter medo se eu contar.

— Eu não vou, — ela respondeu sem hesitar.

O ódio era uma emoção muito intensa para ela ter vontade. O vazio que ela sentia estava consumindo, e apenas a menor das emoções era capaz de escapar.

Ele coçou a lateral do pescoço enquanto virava a cabeça para olhar ao redor das paredes da caverna antes de trazê-la lentamente de volta para ela, encontrando-a ainda olhando para ele e bravamente segurando seu olhar. Ele fez uma pausa quando percebeu isso.

Sua resposta foi calma, como se ele realmente não quisesse que ela ouvisse.

— Vinte e nove, eu acho.



*Só mais vinte e sete, e vou alcançá-lo.* Ela enrijeceu e rolou, ficando em uma bola.

— Você...

— Eu não te odeio, — ela interveio, caso ele entendesse seu movimento assim. — Eu nem estou com medo.

Como ela poderia estar? Ele só tinha feito o que era natural para sua espécie, enquanto o que ela tinha feito era *errado*. Ele matou por comida, uma parte normal de ser uma criatura na cadeia alimentar. Não era diferente de um humano matando uma galinha para comer sua carne.

O que Delora fez foi agir contra a moralidade normal porque ela foi rancorosa, ciumenta e furiosa. Ela estava enojada consigo mesma por ainda estar feliz por ter matado Hadith e Cindy. Ela não queria que eles estivessem vivos e felizes quando eles eram a razão pela qual ela se sentia tão infeliz.

*Eu sou o monstro, não ele.*

Delora se encolheu quando sentiu algo duro, como as costas de garras curvas, tocar seu cabelo para mover parte dele para trás de sua orelha.

— O que há de errado com você?

— O que você quer dizer? — Seus lábios se apertaram enquanto ela fechava os olhos com força.

— Você não é o que eu vi de outros humanos. Eu... não te curei completamente?

O peito de Delora subia e descia com respirações maiores enquanto o líquido começava a borbulhar contra seus cílios fechados. Foi a primeira vez que ela sentiu vontade de chorar desde que acordou aqui.

— Isso não é culpa sua.

Ela estava realmente tentando consolar um Caminhante do Crepúsculo? No entanto, a ideia de expor seus pecados para ele não parecia uma ideia terrível. Ele não era um humano que iria julgá-la. Ela também duvidava que ele realmente entendesse.

Essa foi a única razão pela qual ela abriu a boca para revelar parte da verdade.

— Eu não quero mais estar viva, — ela sussurrou. — Mas eu também não quero morrer.

Delora desejou que houvesse um plano de existência diferente para onde ela pudesse ir, onde toda a sua dor, desejo e tristeza desaparecessem para que ela pudesse sentir algo bom. Um lugar que existia além do Céu e do Inferno, da Terra e do Veu.

— Eu não entendo.

*Pelo menos ele é honesto.* Ela pensou que poderia ter ficado chateada se ele fingisse entender o que ela estava passando.

— Estou com muita dor. — Ela abriu os olhos para deixar as lágrimas que estavam se acumulando caírem e respingarem em seu rosto. Ela estendeu a mão para agarrar a camisa com a qual ele a vestiu, agarrando-a no peito enquanto cruzava os tornozelos e tentava desesperadamente se colocar ainda mais em uma bola, como se essa fosse a resposta para desaparecer. — Dói muito por dentro.

Era um tipo de dor insensível, que parecia muito pior do que qualquer corte de uma lâmina ou qualquer queimadura de fogo.

— Como posso curá-la desse tipo de ferida?

Ela o sentiu inclinar-se para o ninho atrás dela.

Delora balançou a cabeça, sua voz quebrando uma oitava enquanto ela gritava: — Você não pode.

Parecia que no momento em que ela começou a chorar, ela não conseguiu parar. Suas emoções reprimidas estavam transbordando, e ela não sabia como deixá-las sair e se sentir melhor. Ela se sentia entorpecida e tinha uma queimadura dolorosa persistente, como se estivesse em sua carne.

— Não é uma ferida que possa ser curada. Está bem lá no fundo, em um lugar que só pode ser tocado por mim, e eu odeio tanto isso.



*Ela está quebrada*, Sem Nome pensou enquanto se inclinava para mais perto de Delora enquanto ela chorava e desamparada em sua cama. O vermelho carmesim surgiu em sua visão enquanto a raiva e uma fome como ele nunca tinha experimentado antes encheram todo o seu ser.

Os músculos intrincados em seus bíceps e ao redor de suas omoplatas se contraíram em agressão, fazendo com que suas garras cravassem nas peles de animais que cobriam o chão do ninho.

*Eu vou consertar ela*. Ele lutaria contra qualquer inimigo invisível até que o vencesse. Ele a protegeria disso até que ela não sentisse mais dor.

Mas primeiro, ele *precisava* de algo dela.

— Se você não quer sua vida, então dê para mim, — ele ordenou com uma voz rouca.

Apenas a ideia disso enviou uma emoção agradável por todo ele.

— P-perdão? — ela perguntou surpresa, sua voz embargada devido às lágrimas. Ela rolou ligeiramente para cumprimentá-lo.

— Se você não quer ser responsável por sua vida, então me dê sua *alma*.

Ele iria protegê-la, alimentá-la e mantê-la seguro para ela se ela não quisesse. Ele a faria sua, e então a faria sua.

*Minha*. Ele rosnou a palavra sombriamente dentro de sua mente.

Sem Nome escolheu esta humana para si mesmo, e ele a faria sua noiva. Seu cheiro era formigante e sua voz era trêmula. A beleza dela, por outro lado, era um assunto completamente diferente, e ele não tinha inteligência para formular as palavras de apreço que tinha por ela.

Ele estava desesperado para tocá-la, mas ela disse que não era dele para tocá-la. Sem Nome *corrigiria* isso.

Um toque suave de medo surgiu em seu cheiro, mas não foi o suficiente para distraí-lo do cheiro de dar água na boca de maçãs vermelhas e neve gelada. Sua língua coçava para lambar sua pele.

— Minha... minha alma?

Ela rolou de costas, seu cabelo longo, liso e preto reunido em seu ninho como uma poça brilhante. Ele queria cravar suas garras em cada fio individual, sabendo que havia milhares deles – não que ele soubesse contar. Ele queria tocar cada um individualmente, saber sua sensação, seu comprimento em relação aos outros.

A dor dela o chamou de uma forma que ele nunca sentiu, e ele iria apagá-la, mesmo que levasse uma eternidade.

Quando ele não respondeu, em vez disso, apenas se aproximou enquanto seus orbes ficavam mais vermelhos, ele sentiu uma pitada de calor em seu perfume. As mãos dela voaram para o peito quando ele viu uma faísca de luz saindo dela.

— Vai doer? — ela sussurrou.

— Não. — Pelo menos, ele não achava que seria. — E eu vou protegê-la, sempre, para que você nunca mais se machuque.

Seus cílios longos e bonitos piscaram com suas palavras, e ele pensou ter visto as bordas afiadas de suas pálpebras suavizarem. Os hematomas escuros sob seus olhos ainda eram aparentes, mas apenas a pequena mudança a fazia parecer mais relaxada.

*Ela quer alguém para protegê-la?*

— Tudo bem, — ela disse quando o cheiro de seu medo se dissipou. — Não é como se eu realmente precisasse. E eu não... eu realmente não quero mais minha vida.

Sem Nome ficou surpreso por ser tão fácil, considerando quanto tempo levou para Orpheus obter a alma de Reia. Mas Delora apenas puxou as mãos em concha para longe de seu peito, e ele viu.

Ele inclinou a cabeça em confusão quando não era o que ele imaginava.

Enquanto a alma de Reia tinha a forma de uma mulher humana com cabelos flutuantes feitos de fogo pairando entre os chifres de antílope Impala de Orpheus, a de Delora era... *negra*, como carvão. Ela também não parecia estar flutuando, já que ela a segurava por um de seus braços enquanto ele balançava frouxamente entre o polegar comprimido e o dedo médio.

— Aqui. — Ela basicamente jogou na palma da mão quando ele estendeu a mão para ela com a mão voltada para cima. — Eu não me

importo com o que você faz com isso, desde que não doa.

Ele olhou para a pequena coisa sem vida na dobra de sua palma. Ele teria pensado que estava morta se não fosse pelo fato de estar morna e as pontas de seus cabelos tremeluzirem com alguma chama.

Era o último pedaço de luz nela, e ele se perguntou o que teria acontecido se tivesse sido apagada completamente.

Sem Nome não se importava. Quando a vontade de comer se tornou muito difícil de resistir, ele colocou na boca e engoliu. Um estremecimento de imenso prazer o sacudiu depois.

Havia um calor em seu estômago, morno, mas notável. Instantaneamente, sua fome insaciável desapareceu. Era como se todo esse tempo ele não tivesse feito nada além de esperar que essa mulher lhe desse sua alma.

Delora se sentiu como um passarinho quando se sentou no meio do ninho do Caminhante do Crepúsculo e deixou que ele a alimentasse com as mãos.

Ele parecia decidido a fazer dessa maneira, como se pensasse que ela não conseguiria fazer isso sozinha, já que ele murmurou: — Você está se sentindo fraca. Vou te ajudar.

Ela acordou não muito tempo atrás de um cochilo depois de dar a ele sua alma, e ela não sabia o que ele tinha feito com ela para começar, mas ela podia vê-lo claramente flutuando entre as ramificações de seus chifres. Cordão preto pegajoso foi tricotado em torno dele por seus braços estendidos e amarrado em suas pernas. Eles também sustentavam seu peito e pescoço com bandagens. A cabeça estava pendendo para a frente frouxamente, enquanto o cabelo estava penteado para os dois lados do peito, mal dando qualquer sinal de vida.

De certa forma, ela pensou que dar a ele sua alma a faria desaparecer, mas ela estava grata por não ter morrido. Ela temia que tudo o que havia do outro lado fosse escuridão solitária, ou pior, danação eterna.

Ela também não se importava com isso.

A maneira como suas garras afiadas raspavam suavemente sob seu queixo em uma leve cócega para que ele pudesse colocar um morango em seus lábios... era terno.

A única razão pela qual ela estava permitindo isso era porque ela ainda se sentia cansada, o que era ridículo com o quanto ela estava tentando dormir nos últimos dias. Era como se sua mente e corpo não tivessem mais energia contra sua vontade desmoronada.

Quando ela terminou com o morango, ele ergueu uma tigela rasa até seus lábios e cuidadosamente a inclinou para que a água entrasse lentamente em sua boca e não a afogasse. Ela sentiu as pontas de suas garras roçando a coluna de sua garganta enquanto ela engolia em seco, e ela não pôde deixar de olhar para seus orbes verdes brilhantes.

Ela gostou deles.

Eles foram desconcertantes no início, mas ela começou a achá-los reconfortantes de se olhar nas sombras da caverna e na escuridão de sua forma.

Atualmente era noite, e eles eram as únicas coisas que permitiam que ela soubesse onde ele estava. Que ela não estava sozinha no escuro.

Uma vez que ela terminou de beber, ela deslizou a mão sobre o ninho para encontrar a borda para saber onde ela estava. Ela engasgou quando sentiu sua mão muito maior agarrar a dela.

Ela puxou sua mão livre.

— Qual é o problema?

— Você me surpreendeu. Eu não sabia que você ia pegar minha mão.

A única razão pela qual ela viu algo acenar na frente de seu rosto foi porque momentaneamente obstruiu sua visão de seus orbes brilhantes.

— Você não consegue enxergar no escuro?

Sua voz estava cheia de curiosidade, sempre quando ele fazia uma pergunta. Sua profundidade sempre iluminada em algo mais infantil.

— Não. Os humanos não conseguem ver muito bem no escuro.

Delora ouviu-o mover-se por seus pés cortantes antes de um fósforo ser riscado, produzindo uma pequena chama. Ele acendeu uma vela fina, que parecia nunca ter sido acesa antes. Ele tentou colocá-la no chão e imediatamente caiu.

Ao perceber que não poderia ficar de pé sozinha, colocou pedras em volta dela até que ficasse apoiada, ganindo quando a cera quente caiu sobre seus dedos. Mais de surpresa do que de dor por ter sido queimado.

— Essa luz é melhor? Eu não sabia que você não podia ver antes.

Pela primeira vez, a caverna e todos os seus detalhes foram mostrados a ela, já que ela foi iluminada por dentro. Era relativamente limpa e organizada.

Havia caixotes cheios de itens de habitação, como tigelas, xícaras, castiçais e talheres. Havia pilhas de cordas e ferramentas para esculpir todas empilhadas de um lado.

Ela também viu seu ninho como um todo.

— Você não está mais com fome ou com sede?

Parece que as necessidades dela eram sua primeira prioridade, pois ele pressionou por ambos quando ela acordou.

*Eu me pergunto se ele teria me forçado a tomar sol novamente se fosse de dia.*

— Estou bem agora — ela murmurou. — Obrigada.

Embora ele a tivesse segurado enquanto dormia uma outra vez, o Caminhante do Crepúsculo nunca havia entrado no ninho com ela enquanto ambos estavam acordados antes - até agora.

Delora se afastou, mas ela não foi longe com a parede de galhos atrás dela enquanto ele se elevava sobre sua forma muito menor. Ele se sentou na frente dela.

Quando ele estendeu a mão para ela, ela ficou imóvel. Ela estava curiosa sobre o que ele faria. Como ele havia prometido, ele nunca a machucou, e ela passou a confiar nele o suficiente para isso.

Ele ergueu a mão dela e a aproximou de seus orbes antes de agarrar a outra, parecendo examiná-las detalhadamente.

As mãos dele engoliram as dela na escuridão, e ela podia sentir as garras dele perfurando levemente seus pulsos. Ele virou as mãos dela, soltando a primeira para poder passar a ponta de um dedo sobre as dobras da palma da mão, antes de virar a mão dela de volta para olhar suas unhas.

— Você não tem nada com que se proteger. — Ele pressionou a ponta de seu dedo contra uma de suas longas unhas arredondadas, até que seu dedo se inclinou para trás na primeira junta. — É por isso que os humanos empunham essas varas afiadas, prateadas e pontiagudas?

Uma leve carranca marcou suas feições.

— Você quer dizer uma espada?

— Espada? — Seus orbes ficaram rosa-avermelhados antes de ele dizer: — Sim, eu sabia que era assim que elas eram chamadas. Eu só estava testando você.



*Não, você não estava.*

Seu polegar percorreu a parte de trás de seu pulso antes de deixar cair a mão. Antes que ela pudesse detê-lo, ele agarrou seu tornozelo. Delora gritou quando ele a ergueu, acidentalmente arrastando-a pelo ninho e quase de cabeça para baixo para que ele pudesse examinar seu pé!

— E-Ei! Ponha-me no chão. Eu disse para você não me tocar.

O fato de ela ter permitido que ele segurasse suas mãos escapou dela naquele momento com a posição precária em que se encontrava.

— Você disse que não era minha para tocar. Agora você é, e eu quero descobrir você.

A perna que ele segurava estava reta e parcialmente no ar, enquanto a outra estava dobrada por causa da luta dela.

O rosto de Delora empalideceu quando ela viu que seu monte púbico estava nu, descoberto, e os lábios de sua vagina estavam separados devido à sua posição. O calor queimou em suas bochechas ao mesmo tempo em que ela empurrou a camisa que estava para baixo para se cobrir. Mas ele não estava olhando para ela lá, como se não fosse muito interessante para ele.

*Oh infernos não!* Delora se contorceu, temendo que suas mãos começassem a deslizar por seu corpo.

Ela soltou uma gargalhada estridente quando ele começou a fazer cócegas em seu pé. As mãos dele não subiram pelo corpo dela, elas se moveram para os pés dela, e seus dedos agora estavam balançando os dedos dos pés dela em fascinação.

— Tão estranho. Os humanos têm dedinhos do pé que são frágeis. — Quando ele começou a deslizar suas garras sob o arco dela, ela começou a rir novamente, agora tentando fugir da tortura que enviava arrepios de estranha agonia por seu membro. — Por que você está rindo?

— Porque faz cócegas!

Ele parou e ela finalmente conseguiu respirar. Ela se virou para encará-lo, vendo que ele havia segurado o focinho em concha, pensativo.

— Cócegas? Isso faz você rir?

Ela teve a vaga impressão de que ele não sabia o que aquilo significava. Ele passou duas garras debaixo do pé dela, e ela se contorceu novamente, rindo quando não achou isso nem um pouco engraçado.

— Por favor pare! — ela gritou enquanto tentava desesperadamente arrancar o pé. Delora estava quase à beira das lágrimas, mas não de alegria ou felicidade, de frustração. — Não é uma sensação agradável. É como uma tortura.

Ele parou de novo e seus orbes ficaram amarelos escuros. Ele moveu o pé dela para um lado e depois para o outro, inspecionando-o como se fosse a coisa mais fascinante que ele já tinha visto.

— Por que você tem uma função em seu corpo que é tortura?

Como se ele realmente não se importasse com a resposta dela, ele fez algo que ela deveria ter achado horrível e ainda achou extraordinariamente... adorável. O Caminhante do Crepúsculo colocou seu próprio pé contra o pé dela para compará-los.

Agora ela entendia por que apenas seu próprio pé era fascinante para ele porque, por um momento, ela estava curiosa sobre a estranheza do dele. Ela não tinha realmente olhado para eles, já que havia tanto para olhar nele que era estranho para ela.

Então, apesar do que ela disse a ele, ele fez cócegas no pé dela de novo! Um movimento involuntário puxou seu tornozelo de seu aperto, e ela acidentalmente o chutou no rosto.

Um rosnado curto foi o único aviso que ela recebeu antes de ser empurrada contra o fundo do ninho e presa lá. Ela se sentia notavelmente pequena e indefesa debaixo dele. Delora não era baixa para um humano, não com seu metro e setenta e cinco de altura, mas isso não importava contra o tamanho de um Caminhante do Crepúsculo.

— Você me chutou! — ele rugiu, suas mandíbulas se abrindo para mostrar a ela suas presas mortais.

O vermelho raivoso de seus orbes gritava *perigo*.

— Você estava me fazendo cócegas! Eu não queria chutar você.

Ele deu a ela um bufo.

— Você é minha, então não vou te machucar, mas isso não significa que você pode me machucar!

O cheiro dele invadiu seus sentidos, e ela desviou os olhos quando se sentiu um pouco mais quente perto dele. Calor subiu em suas bochechas quando ela apertou suas coxas juntas.

— O-O que você quis dizer com que eu sou sua?

A pergunta dela pareceu distraí-lo o suficiente de sua raiva porque ele recuou um pouco.

— Você é minha noiva.

Seus olhos se arregalaram ligeiramente quando seus lábios se separaram.

— Não, eu não sou.

— Você me deu sua alma. Você me deu permissão para comê-la e segurá-la para você, amarrando-se a mim por toda a eternidade.

— Foi isso que eu fiz? É por isso que você queria? — Seus olhos se moveram para ela amarrada entre seus chifres. Ela ficou boquiaberta. — Por que você me quer como sua noiva? Já disse, sou uma pessoa terrível.

— Ainda não descobri isso de você. — Ele se inclinou ao redor dela nos cotovelos e trouxe as pontas de suas garras para sua bochecha para afastar o cabelo de seu rosto. — Eu quero te proteger, é por isso que eu te pedi isso. Você está sofrendo, e eu quero aliviá-la porque eu entendo.

Delora zombou.

— Como você entenderia o que estou sentindo?

Delora estava curiosa sobre por que ela não estava se preocupando debaixo dele. Ela realmente confiava nele, ou simplesmente não tinha mais consideração por si mesma? Contanto que ela não estivesse em agonia física, a surpreendente percepção de que ela não se importava com o que acontecesse com ela era a única razão pela qual isso tornava suportável descobrir.

*Talvez este seja o meu castigo eterno. Seu descuido a tinha amarrado a um Caminhante do Crepúsculo. Ela não tinha mais ninguém para culpar além de si mesma por suas decisões. Eu sou tão estúpida. Eu deveria ter perguntado mais sobre isso.*

Ele estendeu a mão para colocar a mão sobre o coração.

— Porque eu senti dor aqui também. Eu vivi mais de cem anos, e quando me mostraram como eu estava sozinho ao ver a felicidade dos outros, achei difícil. — Então ele colocou sua mão quente contra o lado de seu rosto para segurá-la. — Sua presença em minha casa já aliviou isso para mim, e desejo aliviar sua dor em troca.

Suas palavras foram tão doces que lhe deram enjoo. Ela não se sentia como se as merecesse, mesmo vindo de uma criatura como ele.

— Você não pode consertar, — ela disse antes de morder o lábio inferior com tanta força que temia fazê-lo sangrar.

— Por que não?

Delora não respondeu porque se ela tivesse a resposta, ela teria tentado se consertar. Ela não sabia se era o arrependimento que sentia por ter matado duas pessoas ou se era o fato de ter deixado sua aldeia original, um lugar onde poderia ter sido feliz, para se casar com alguém que acabou sendo cruel. Foi o tratamento que recebeu durante *anos* que a fez sentir a dor entorpecente que sentia? Ela sentiu que a única maneira de se consertar era remover os últimos cinco anos de sua vida de sua memória, mas ela também não queria esquecer isso. Era o que a tornava hoje, não que ela gostasse particularmente de quem ela era.

— Você vai se arrepender de sua decisão, — ela finalmente disse, virando a cabeça para o lado para desviar o olhar. — Você vai se arrepender de pedir minha alma. Você só amaldiçoou a si mesmo.

*Você passará a me odiar, assim como Hadith.*

No dia seguinte, Delora sentou-se no ninho para observar o Caminhante do Crepúsculo sair depois que perceber que ela tinha pouca comida.

— Agora que você tirou minha fome, tentarei caçar carne para torná-la forte. — Ele coçou a lateral do focinho, não em pensamento, mas em outra emoção que ela não conseguiu distinguir por sua falta de expressão facial. — Eu vi outro humano comer carne, e agora sei que posso conseguir um pouco para você, já que é menos provável que eu consuma o que pesco para você.

— E as frutas e legumes que você tem me trazido?

Ela sabia que estava sendo egoísta ao pedir mais, mas a ideia de comer apenas carne não parecia atraente para ela. Muitas vezes era gorduroso e ele não tinha uma lareira para cozinhar.

Ele esfregou as penas em volta do pescoço.

— Eu... não consigo mais te pegar por enquanto.

Delora baixou os olhos e não disse nada. *Eu deveria estar grata por ele estar se esforçando para me alimentar.*

Esta era a primeira vez que ela estava acordada quando ele saiu, e ele hesitou na entrada da caverna. O pano de fundo do anel de luz suave, já que eram sombras apesar de ser meio-dia, o fazia parecer gigantesco ao lado dele.

— Você vai ficar? — Ele inclinou a cabeça de uma maneira estranha, mas seu tom continha uma *mínima* ameaça.

Ela jogou as mãos para cima para gesticular ao seu redor com um bufo de aborrecimento.

— Para onde mais eu iria? Se eu sair sozinho, os demônios vão me comer.

Ele apontou para seu ninho.

— Aqui é mais seguro. O Véu é perigoso. Não entre nisso.

Delora levantou as mãos para cruzá-las e esfregou os lados de seus braços. Ela não precisava do lembrete.

— Tudo bem — ela respondeu calmamente.

Ele assentiu, antes de se abaixar pelo menos meio metro para

limpar seus chifres e sair da caverna rasa.

*Esta é a minha vida agora? Viver em alguma pequena caverna nos arredores da floresta pertencente ao Véu?*

Ela virou a cabeça para olhar para o teto rochoso, esticando o pescoço e sentindo o alongamento subindo pela garganta. Seu cabelo caiu para trás das costas enquanto ela fechava os olhos. *Mas eu não quero viver em uma caverna.*

Havia muito pouco para ela fazer. Ela pode não querer fazer muito, mas pelo menos queria a *opção*.

Mas ela também não queria pedir mais do Caminhante do Crepúsculo. Ela se sentia estranhamente à vontade perto dele.

Já havia um nível tácito de confiança, e Delora apreciou tudo o que ele estava fazendo por ela. Ela estaria morta se não fosse por ele curar seu corpo quebrado. Ela provavelmente teria sido comida se ele não colocasse o círculo de sal que ele disse a ela que mantinha os Demônios longe. Ela teria morrido de fome e desidratação se ele não a fizesse preencher ambas as necessidades ativamente, e ela não tinha certeza se realmente teria tentado consumir tanto quanto ele a fazia.

Saber que ele havia partido fazia com que a área parecesse mais fria, quase solitária.

*Não sei por que ele está cuidando tanto de mim.* Ela não tinha feito nada para justificar tal... gentileza, não do que a maioria chamaria de monstro ou pesadelo. Mas ela tinha visto o suficiente de ambos ao longo de sua vida em muitas formas, e ela não o via como nenhum dos dois.

Para Delora, ele era uma pessoa. Uma pessoa de aparência estranha que tinha um rosto muito estranho.

Mas com os olhos fechados, ela não poderia dizer a diferença entre ele e um humano, exceto pelo corte de seus cascos estranhos ou o enorme calor que ele envolvia ao redor dela sempre que ele segurava seu rosto para fazê-la beber ou comer.

Ele não era muito esperto, mas entendia o suficiente para saber o que ela precisava sem que ela pedisse. Sim, ela precisava de comida, água e algo macio para se deitar, mas todo ser humano também precisava da luz do sol e de ser falado com suavidade.

*Eu acho... eu meio que gosto dele.* Que pensamento estranho.

Delora ouviu o som de farfalhar vindo em direção à caverna antes de ouvir o familiar raspar de garras contra a entrada. O Caminhante do Crepúsculo frequentemente se sustentava com as mãos enquanto empunhava seu enorme peso e altura.

Ele veio direto para ela em um lampejo antes que ela pudesse abrir os olhos. *Ele esqueceu alguma coisa?* Talvez ele a estivesse testando para ter certeza de que ela realmente não iria embora antes que ele *realmente* partisse.

No entanto, a forma na frente dela não cheirava a ele. A bile subiu em sua garganta quando o cheiro de algo podre atingiu suas narinas.

Seus olhos se abriram no momento em que os galhos ao redor do ninho em que ela estava *trituraram* sob mãos pesadas.

Olhos vermelhos afiados perfuraram os dela. Delora estava cara a cara com um Demônio rosnante, de rosto achatado, mas de aparência humana.

Ela não teve a chance de olhar para o resto dele antes que ele a agarrasse pela mandíbula, cortando o grito que agora estava preso em sua garganta. Ele deu a ela um sorriso malicioso com uma boca que era muito larga.

— Eu estava me perguntando quando ele iria embora, — ele disse, sua voz um tom sujo que sibilava em seu 's'.

Delora foi puxada para a luz sombria quando algo se enrolou em torno dela com músculos fortes e flexionados e então ele a arrancou da caverna.

Seus pés se arrastaram pelo chão antes de ser levantada por algo que envolveu todo o seu corpo. O Demônio usou para transformá-la, então ela estava de frente para ele.

Com os olhos arregalados, ela olhou para o rosto humanóide do Demônio cujas narinas eram cortadas sobre um nariz pressionado. Seus lábios eram finos, mas carnudos, e destacavam o quão longe sua boca chegava, já que as pontas quase chegavam às orelhas redondas. Suas pupilas, envoltas pelas íris vermelhas de um Demônio, eram fendidas.

Sua pele era negra como um vazio. Tão escura, de fato, que parecia o céu noturno, e ela se perguntou se alguma vez as estrelas brilharam em sua carne. Surpreendentemente, ele tinha cabelo curto e preto que era irregular, deixando partes de seu couro cabeludo carecas.

Ele removeu a mão para que pudesse envolver algo em torno da metade inferior do rosto dela para impedi-la de falar ou gritar, e os olhos dela desceram por seu corpo musculoso para ver que ele não tinha pernas. Elas foram substituídos pelo que parecia ser uma cauda de cobra coberta por escamas negras iridescentes.

Delora balançou a cabeça para a criatura horrível na frente dela, tentando desesperadamente libertar os braços que estavam presos na cauda de seu corpo e presos ao lado dela. A única coisa livre eram as pernas dela do joelho para baixo, e quando ela as chutou, o sorriso perigoso dele ficou mais largo.

— Seu cheiro está cheio de medo — ele *riu*, antes de trazê-la para mais perto para cheirá-la, deslizando suas nojentas narinas cortadas contra seu pescoço exposto. — Mas não é humana, como quando peguei seu cheiro pela primeira vez em meu território.

*Ponha-me no chão!* ela gritou mentalmente enquanto se contorcia.

Ela podia sentir as partes mais gordas de seu corpo se moldando entre as dobras de sua cauda, e isso provou a ela o quão forte ele a estava apertando. Ela mal conseguia respirar. Mais forte, e ela temeu que *estourasse*.

— Por que você está com medo, criatura que parece humana? — Ele inclinou a cabeça para o lado e seu cabelo virou dessa forma para revelar mais as partes calvas de seu couro cabeludo. — Eu não planejo matar você.

Delora parou de se mover, seu peito subindo e descendo rapidamente, para encará-lo intensamente. Ela estava com medo. Ela estava com muito medo do monstro que a tinha em suas garras, apesar de parecer parcialmente humano. Ela nunca tinha ouvido falar de Demônios assim, tão próximos dos humanos, mas obviamente não.

Isso o fazia parecer ainda mais perigoso.



Ela tentou se acalmar, mas era difícil olhar para ele sem ficar apavorada ou enojada. *E-Ele não vai me matar?*

— Ainda, — ele riu, causando um nó no estômago dela. — Primeiro, vou descobrir por que aquele Mavka tem mantido você. É estranho que ele tenha mantido sua carne viva por tanto tempo.

Suas lutas se renovaram com a ideia de que o Caminhante do Crepúsculo estava em perigo quando o Demônio começou a arrastá-la para a floresta.

*Não o machuque!* Ele tinha sido seu salvador. Ela pode não se importar verdadeiramente com ele, mas não queria vê-lo ferido por causa dela.

— Controle seu medo! — ele sibilou enquanto deslizava na base de sua cauda. Apesar de segurá-la no resto, ele era rápido enquanto se movia pela floresta. — Você atrairá mais Dêmonios se não o fizer. Você tem sorte de isso não me incomodar.

Quando Delora não podia fazer nada além de sentir mais medo, apavorada com o que iria acontecer, a cauda se enrolou com mais força até que ela não conseguia respirar. Seus pulmões estavam com uma dor excruciante por serem esmagados. Antes que ela percebesse, sua cabeça caiu para frente e sua visão escureceu com pontos brancos.

Ela não conseguia inspirar e, quanto mais expirava, mais apertado ficava.

*Alguém me ajude...*



Sem Nome segurou o coelho morto que ele tinha pelas orelhas enquanto descia a parede do penhasco do Véu saltando de uma rocha grande e saliente para outra. Ele sabia de outro caminho mais seguro, mas era muito longe, e ele queria ser rápido.

Ele havia deixado Delora apenas algumas horas atrás, e ele se

preocupava com sua humana a cada minuto que ela não estava à sua vista.

Ele nem parou quando avaliou a criatura morta em sua mão, sem saber se era mesmo algo que ela poderia comer, mas foi tudo que ele conseguiu pegar. Ele nem mesmo o havia mirado em sua caçada.

Ele tentou caçar um cervo, mas toda vez que tinha que perseguir um, seus instintos e a emoção da caça tomavam conta de sua mente com força, e ele a despedaçava. Ele nem estava com fome quando o devorou, já que a alma dela havia satisfeito aquela parte dele, mas era como se ele tivesse uma natureza violenta que não conseguia controlar.

Seus orbes ficaram rosa-avermelhados quando ele pensou que talvez Orpheus pudesse controlar um instinto tão terrível dentro de si.

A única razão pela qual ele tinha o coelho era porque ele estava deitado no chão perto do último cervo que ele comeu. Parecia que ele ou o cervo deviam tê-lo batido contra a árvore em sua luta e o matado.

— Enquanto eu não contar a ela, ela não saberá, — ele murmurou, trazendo sua mente de volta para a fêmea que ele tinha sob sua guarda.

A linda humana que ele estava tentando ao máximo resistir a tocar por medo de afugentá-la.

Quando seus pés encontraram a terra do desfiladeiro do Véu, ele parou para virar a cabeça na direção da casa de Orpheus.

*Por que ele pode tocar sua fêmea e eu não?* Então ele se lembrou do que ele e Reia lhe disseram para fazer quando chegasse a hora de encontrar seu próprio humano. *Disseram que devo ser... lento.* Que ele tinha que aliviar o medo deles, mesmo que não pudesse ver ou cheirar. Que, quando ele encontrasse seu próprio humano, eles provavelmente seriam cautelosos com ele e que ele não poderia tocar até que estivessem prontos.

Ele coçou as penas saindo logo abaixo da parte de trás de seu crânio.

*Mas como sei quando ela está pronta?* Ele estendeu a mão para poder olhar para ela. *Eu quero abraçá-la quando ela não está dormindo. Eu quero que ela levante as mãos e acaricie meu focinho.* Ele apostava que seria

fenomenal.

Ele se fez muitas perguntas sobre o estado de bem-estar dela, mas a que ele mais ponderou foi realmente uma vocação própria. *Ela é solitária?*

Sem Nome se perguntou se ela sentia a falta de sua presença contínua. Se... ela sentia falta dele.

Seu estômago revirou com o pensamento egoísta de esperar que ela se sentisse sozinha sem ele ali. No entanto, ele não conseguia parar de desejar por isso, esperando que um dia ela se agarrasse desesperadamente a ele.

Foi esse pensamento que o levou para mais perto de sua localização enquanto sua visão brilhava em amarelo brilhante de alegria. Ainda não tinha acontecido, mas um dia ele *derrubaria* suas paredes.

No entanto, no momento em que se aproximou de sua casa, ele sabia que algo estava terrivelmente errado. Alguém havia espalhado terra propositadamente em seu círculo protetor de sal do lado de fora para perturbá-lo, mas também havia um cheiro fétido familiar no ar.

Ele não precisava entrar em sua caverna para saber que o cheiro dela de maçãs vermelhas e geada era leve e antigo, mas ele o fez de qualquer maneira. O medo rastejou por seu estômago, e ele saiu da entrada com o coração batendo forte.

A única coisa que lhe deu alívio foi que ele não podia sentir o cheiro de sangue e esperava que ela não tivesse sentido dor, mas ele pensou que talvez preferisse isso a saber que ela havia sido levada por ele .

Sem Nome soltou um rugido ensurdecedor para o céu azul.  
*Não!*

Ele não hesitou quando se virou e, de quatro, saltou para a floresta para persegui-los.

*O que ele está fazendo com ela?* No mínimo, Sem Nome preferiria uma morte rápida para ela, mas se a Serpente Demônio tivesse levado Delora, ele temia que a estivesse comendo lentamente enquanto ela gritava.

*Ela voltará para mim se morrer.* Sem Nome era o guardião de sua

alma.

Mas o Demônio Serpente gostava de engolir sua comida de uma só vez - enquanto eles ainda estavam *vivos*. Ele sabia que seria horrível para ela.

Sua visão ficou branca e seu corpo começou a se transformar apenas com a imagem do rosto dela cheio de agonia e medo.

Suas pernas ficaram ainda mais parecidas com as de um cervo para suportar sua posição de quatro patas, para que ele pudesse correr mais rápido, mais rápido, em direção ao seu destino. Seus braços cresceram em espessura, suportando sua necessidade de força adicional para sustentar seu torso pesado agora que ele estava completamente apoiado nele. Sua roupa afundou sob sua carne enquanto se expandia, revelando pelo longo enquanto mais penas se projetavam de suas costas, omoplatas e coxas.

Embora ele estivesse seguindo o cheiro deles, ele sabia que o único lugar que a Serpente Demônio a teria levado era seu ninho.

Seus pés bateram contra o chão enquanto suas mãos batiam em golpes duplos rápidos. Quanto mais ele corria, mais proeminentes eram seus bufos e exalações pelo buraco do nariz até que ele teve que abrir suas mandíbulas para deixá-los sair de seus pulmões.

Ele não precisou ir muito longe para chegar ao seu destino.

Ele derrapou até parar quando chegou a uma pequena clareira atrás de uma floresta densa. Ossos humanos jaziam descuidadamente no chão com mais criando um monte parcial.

A abertura revelou o Demônio da Serpente no meio da área segurando Delora como refém em sua cauda.

Sua posição era flácida com a cabeça caída para trás. Um braço estava solto, como se o Demônio não a estivesse segurando com muita força.

Sem nome temia o pior.

Ele queria cobrar. Ele queria atacar. Mas com a forma como ele a estava segurando, Sem Nome em vez disso arrastou os pés. Ele manteve distância para que a Serpente Demônio não a esmagasse; ele também não queria machucá-la acidentalmente ao tentar lutar contra o Demônio da Serpente.

— *Ela está...* — ele começou, sua voz distorcida, granulada e estrondosa devido à mudança de sua forma e à tensão que colocou em seu corpo.

— Eu não dei a ela nenhum do meu veneno, — ele respondeu, inclinando a cabeça antes de apertar os olhos para Sem Nome como se estivesse avaliando-o. — Eu pensei que ela iria acordar quando eu esmaguei a respiração dela. Eu queria falar com ela quando voltássemos ao meu ninho, mas ela ainda não acordou. — Então ele sorriu, desenrolando seu peito apenas o suficiente para que houvesse um espaço para que ele pudesse pressionar sua orelha entre seus seios. — Mas não se preocupe, posso ouvir a respiração dela.

Sem Nome olhou para os dois humanos vivos atrás deles, um caído sobre o outro. Ele sabia que o Demônio Serpente devia ter dado a eles seu veneno adormecido pelo fato de seus peitos ainda estarem subindo e descendo.

Ele estava guardando suas refeições para mais tarde.

— *Por que você levou Delora?* — Ele balançou a ponta do focinho na direção dos dois humanos inconscientes. — *Eu posso ver que você tem outros humanos.*

— Você está em meu território, e todas as coisas em meu território me pertencem, — ele respondeu friamente, puxando Delora para longe para que ele pudesse segurá-la ligeiramente para o lado.

Sua cabeça rolou e seu cabelo preto brilhante balançou dessa maneira.

— ***Eu estava aqui primeiro!*** — Sem Nome rugiu. — *Encontrei minha casa muito antes de você chegar aqui.*

A Serpente Demoníaca soltou um silvo horrível, revelando fileiras afiadas de presas, nenhuma delas plana ou de forma humana, enquanto ele abria sua boca larga com agitação.

— Eu luto por ele! Eu permito que minha espécie vagueie por ele, mas você é o único que insssisste em ficar. Não importa o quanto eu te avissse ou ataque, você não vai embora!

E não importa quantas vezes eles lutaram, nenhum deles realmente ganhou a batalha. Sem Nome foi infectado com veneno do sono e comido pelo Demônio da Serpente. Apenas para emergir mais

uma vez onde seu crânio intacto permaneceu descansando no chão frio e duro do Véu. Sua cabeça era grande demais para engolir com seus chifres.

Sem Nome sabia manter distância daquelas presas letais. Especialmente as duas mais longas em sua boca superior que davam a dose de veneno adormecido.

Somente Demônios que comeram uma grande quantidade de animais venenosos e também comeram um humano com a habilidade de utilizar magia poderiam obter magia como o veneno do sono. Ele também ouviu de Orpheus sobre uma Demônio Aracnídeo que comeu tantos Sacerdotes e Sacerdotisas que ela era capaz de acessar as memórias de alguém e mostrar a suas vítimas os rostos de seus entes queridos. Ela criava tristeza em suas vítimas porque gostava do sabor de sua tristeza.

Demônios como este, desagradáveis, mas fortes, haviam comido muitos humanos em suas vidas e eram difíceis de matar. Eles também eram cruéis.

Muitos faziam fronteira com o território em que ele estava, bem como com a casa de Orpheus. Mavka os evitavam porque a luta costumava ser sangrenta e perigosa.

O único consolo de um Mavka era que, se seu crânio permanecesse intacto, não importa onde eles estivessem ou o que tivesse acontecido com eles, fosse parcialmente comido ou totalmente, eles retornariam no espaço de um dia. Eles subiam de seu crânio em uma forma pegajosa até que se acomodassem e suas garras, pelo ou outras características, como suas penas, voltassem a crescer.

O crescimento acontecia em segundos, e a única vez que o Demônio Serpente o matou o ensinou a sempre manter distância. Eles tiveram muitas lutas de garras, e houve algumas situações em que Sem Nome quase foi pego em seu rabo, mas na maioria das vezes... ele fugiu.

Ele nunca enfrentou este Demônio porque ele era um inimigo formidável, mas com Delora em suas garras, ele *não* recuaria agora. Mesmo que lhe custasse dor, mesmo que significasse que ele seria forçado a dormir, Sem Nome tentaria salvá-la a todo custo.

Inquieto, Sem Nome continuou a embaralhar seu peso entre as mãos, seu desejo de atacar cada vez maior e a incapacidade de fazê-lo martelando nele.

– *Dê-me Delora*, – Sem Nome exigiu.

Já que Sem Nome havia se recusado a reconhecer o comando e a reclamação sobre ele permanecer no território, o nariz achatado do Demônio Serpente se enrugou de raiva.

Ele já estava planejando desocupar sua caverna, mas Sem Nome só precisava esperar um pouco mais antes que ele pudesse. Infelizmente, não parecia que ele havia trabalhado rápido o suficiente, e agora Delora estava em perigo devido à sua falta de esforço.

Com um grunhido que se acalmou rapidamente, o Demônio virou Delora até que ela estivesse de frente para ele, bloqueando parcialmente a visão de Sem Nome do lado direito de seu corpo e rosto.

– Qual é o seu interesse nessa comida?

– *Delora não é comida!* – Sem Nome rugiu, sua visão cheia de vermelho piscando mais forte.

Ela *nunca* seria comida. Não para ele, e definitivamente não para qualquer Demônio que colocou seus olhos imundos sobre ela!

Ele deu um passo hesitante em aversão quando o Demônio a aproximou para cheirar seu rosto.

– Ela não cheira humana. – Então seus olhos vermelhos espiraram ao redor dela para olhar para Sem Nome. – Masss ela uma vez cheirava.

Sem Nome deu um rosnado de resposta ao perceber que a Serpente Demônio devia estar observando-os de longe.

– Por que o cheiro dela é diferente? – Ele a inclinou ligeiramente com o uso de sua cauda. – O que ela se tornou? Eu vejo alguma coisa brilhando entre seus chifressss.

Não havia sentido em Sem Nome esconder sua alma de sua visão, apesar do desejo de fazê-lo. Ele tinha visto, e ele estava certo. Embora ele continuasse a chamá-la de humana porque era isso que ela

era para ele, Delora mudou quando ele comeu sua alma.

Sem Nome recusou-se a contar a esta criatura qualquer coisa sobre ela. Isso foi até que ele a trouxe para frente com suas presas perto de seu pescoço.

— Diga-me, ou vou envenená-la agora.

— *Espírito*, — Sem Nome rapidamente estalou, lançando-se mais perto antes de parar quando a Serpente semicerrou os olhos para ele.

Delora era um Espírito, uma criatura que vivia à beira da vida e da morte. Ela nunca poderia morrer; sua alma estava eternamente ligada a uma âncora viva, ele.

— Eu não sei o que, — a Serpente Demônio começou, antes de Delora levantar lentamente a cabeça.

Sem Nome não podia ver quando ela abriu os olhos, mas ele sabia que sim quando ela soltou um grito de gelar o sangue e perfurar os ouvidos. O cheiro de seu medo explodiu na clareira como uma onda, chamando sua necessidade desesperada de protegê-la. Suas penas e pelos se ergueram em apreensão.

O Demônio ergueu a cabeça para trás em surpresa antes que seu rosto se contorcesse com o som.

Sem Nome correu de forma imprudente. Ele já havia saltado a menos de alguns metros deles antes que o Demônio pudesse lançar sua cabeça para frente para afundar suas presas em seu pescoço.

O Demônio Serpente a puxou de lado para que pudesse colocar espaço entre a boca de Sem Nome e seu próprio corpo. Empurrando contra o peito de Sem Nome quando eles caíram para trás, Delora se debateu no ar enquanto eles se contorciam e então gritavam mais forte.

Usando a base grossa de sua cauda de cobra para se apoiar e dar-lhe força, o Demônio conseguiu girá-los para bater Sem Nome contra o chão. Ele sibilou com as presas cobertas de baba bem abertas por cima.

Sem Nome estalou suas mandíbulas várias vezes com sons de corte quando sua boca se fechou em torno do ar. Ele foi preso contra o chão pelas juntas esféricas arredondadas de seus ombros pelas mãos do Demônio Serpente, enquanto a base da longa cauda do Demônio



manteve seus quadris para baixo. Isso deu a ele pouco espaço para fazer qualquer outra coisa além de cravar suas garras no peito, nas laterais e nas costas do Demônio.

O horrível lamento que veio de Delora irritou o Demônio o suficiente para que ele batesse a ponta de sua cauda em volta de seu rosto para acalmá-la, mas só intensificou seu medo.

Estava ficando mais forte no ar, e isso fez seu coração apertar de simpatia por ela.

*Eu tenho que confortá-la antes que ela traga mais Demônios aqui.* Mas ele não podia fazer isso.

Em vez disso, ele foi forçado a agarrar o Demônio da Serpente ao redor da garganta para impedi-lo de lançar sua cabeça para frente para afundar suas presas no arco de seu ombro. Ele teria ido para a garganta, mas o focinho ossudo de Sem Nome estava bloqueando um caminho claro para seu pescoço.

Ele poupou um olhar para Delora, vendo que o branco de seus olhos estava vermelho e pesado com lágrimas, e suas sobrancelhas estavam franzidas. Ela não saberia por causa de seus orbes, mas ele sustentou seu olhar simplesmente porque ela se recusou a desviar o olhar dele.

Ela estava implorando por sua ajuda? O olhar que ela estava dando a ele era de confiança indubitável? Ela sabia que Sem Nome faria qualquer coisa para salvá-la?

Ele queria que ela tivesse fé nele.

Ele era o guardião de sua alma. Ele a protegeria e a ela até o fim dos tempos.

Quando ficou óbvio que o Demônio Serpente era incapaz de envenená-lo, ele soltou um ombro. Com um golpe rápido, ele cortou o peito de Sem Nome e a ponta de seu focinho.

O osso foi poupado de qualquer estrago permanente, mas seu corpo instantaneamente jorrou com sangue roxo escuro. Sem Nome gritou de dor e seus esforços dobraram.

Ele apertou o pescoço grosso do Demônio com mais força para esmagar seu esôfago, mas o Demônio arranhou suas garras nas costas da mão de Sem Nome, arruinando os tendões em seus dedos antes que

ele pudesse apertar com mais força. Tudo o que ele podia fazer agora era empurrar sua garganta para mantê-lo afastado enquanto sua outra mão cortava e perfurava a carne.

O fedor de carne podre vazou das feridas do Demônio, como se seu sangue estivesse infectado com decomposição.

O Demônio Serpente os manteve perto enquanto Sem Nome chutava seus pés para sair debaixo dele, sem sucesso. Sob o peso absoluto, sua cauda forçou seus quadris no chão. Sem Nome também queria ficar a uma distância de ataque.

Ele temia que no momento em que eles se separassem ele miraria em Delora.

Cada um deles tinha uma mão para golpear até entrelaçar os dedos por acidente. Sem Nome curvou seus dedos através das aberturas para cavar suas garras entre os ossos da mão do Demônio Serpente. Com outro silvo, ele soltou um jato de saliva espessa - era doce, como se estivesse misturado com seu veneno - e tentou libertar a mão ferida de Sem Nome.

Ele segurou forte. Mas não havia nada que Sem Nome pudesse fazer até que ele estivesse acima dele.

O som de passos ao longe e esmagamento de detritos da floresta foi o único aviso que receberam antes que um pequeno Demônio de quatro deslizasse para dentro da clareira. Com uma risadinha sagrada, como uma criança pequena com uma tosse ofegante, ele voltou seus olhos vermelhos para Delora com alegria.

Seus orbes brancos brilharam com medo do recém-chegado enquanto a Serpente Demônio ria do fundo de suas narinas.

— Ssssim! Ajude-me a matar o Mavka, — ele ordenou, ganhando a atenção do Demônio.

Seu corpo parecia ser como um ser humano andando de cabeça para baixo com cotovelos e joelhos desarticulados.

No entanto, quando abriu a boca, dividiu o rosto ao meio, do nariz até o queixo. Uma língua agitada saiu para lambe sua bochecha.

Ele continuou a rir, seus olhos vermelhos se curvando com humor, mas nenhum dos dois estava preparado quando pulou na cauda da Serpente e começou a agarrá-la para chegar até Delora.

Um grito estridente veio do Demônio Serpente quando o Demônio rasgou a carne carnuda de sua cauda com ambas as mãos e pés.

— O que você está fazendo?! — Ele tentou olhar por cima do ombro para o Demônio menor, mas foi forçado a voltar sua atenção para Sem Nome quando tentou usar sua perda de foco para lançar a cabeça para frente repentinamente. — Não vá atrás da humana. Ajude-me a matar o Mavka e você poderá ficar com ela!

Os pés de Delora balançaram como se ela estivesse chutando enquanto ela inclinava a cabeça para trás e longe dele. Quando o Demônio menor começou a subir mais perto de seu rosto, o Demônio Serpente chicoteou sua cauda e atirou-o para longe - apenas para tê-la rastejando sobre ele novamente momentos depois.

Em pouco tempo, outro Demônio veio. Era ainda menor que o primeiro com asas no lugar dos braços. Ele tentou bater as asas, usando suas pernas de pássaro para escalar sua cauda. Ele estava tentando desesperadamente chegar à comida que estava liberando intensos feromônios de medo - apesar de haver outros humanos na clareira.

A Serpente Demônio bateu sua cauda em cima dela com Delora ainda em seu poder.

Não houve grito de morte, pois foi esmagado até a morte instantaneamente.

A maneira como o Demônio Serpente torceu levemente seu corpo deu a Sem Nome espaço suficiente para que ele pudesse rolar com um golpe de garra de sua mão direita em seu rosto. Ele se contorceu embaixo de Sem Nome enquanto agarrava seu rosto dilacerado e rasgado, sibilando e lamentando na profundidade de sua agonia.

Ele conseguiu repelir Sem Nome.

Sua agitação fez com que Delora deslizasse de um lado para o outro na terra. Ossos se espalharam enquanto o pequeno Demônio que originalmente entrou na clareira foi forçado a desviar da cauda enquanto tentava se aproximar.

Continuava errando quando saltava.

Em seu caminho para Delora, Sem Nome correu os poucos metros que os separavam e arranhou o pequeno Demônio. Ele bateu nele e o enviou voando. Sem Nome então montou a cauda da Serpente Demônio e golpeou com suas garras nela com golpes cortantes, sabendo que tentar desenrolá-la não faria nada.

Ele precisava da Serpente Demônio para libertá-la por sua própria vontade.

– *Por favor, pare de chorar, Delora,* – Sem Nome implorou enquanto pegava seu olhar horrorizado. Ela parecia tão amedrontada, tão indefesa, tão pequena e frágil, e seu coração se apertou fortemente com sua aparência coberta de sujeira e derramada em lágrimas. – *O cheiro do seu medo está trazendo mais Demônios sobre nós.*

A borda interna de suas sobancelhas se ergueu em uma expressão de dor, seus olhos se curvando. Sem Nome sabia que era um pedido de desculpas, mesmo quando suas lágrimas caíram mais rápido. Seu perfume não suavizou. Agora que ele estava mais perto, olhando diretamente para ela com seus rostos a apenas alguns centímetros de distância, ele podia ver que ela estava visivelmente tremendo.

– *Confie que eu vou te salvar.*

Ela fechou os olhos com força como se estivesse tentando ganhar força de vontade e assentiu. Seu tremor aliviou ligeiramente, e ela respirou fundo pelo nariz antes de abrir as pálpebras mais uma vez.

Sua visão parecia mais clara e menos assustada.

Sua facilidade desapareceu quando seus olhos se arregalaram. Parecia que ela estava tentando falar contra a ponta da cauda cobrindo sua boca. Sem Nome tentou arrancá-la dela, mas ela balançou a cabeça e olhou para além dele.

Um grito abafado veio de sua direita quando as costas de Delora arquearam como se ela estivesse sendo esmagada, seu rosto estremecendo horivelmente.

Ela estava tentando dizer a ele que o Demônio da Serpente havia surgido atrás dele. Ele agarrou um dos chifres de Sem Nome e tentou quebrar seu pescoço.

Infelizmente para o Demônio Serpente, que não sabia que Mavka podia girar seus pescoços confortavelmente quase trezentos e sessenta graus, apenas torceu sua cabeça. Isso deu a Sem Nome a liberdade de derrubá-lo no chão com um rosnado.

O pequeno Demônio que ele pensou ter matado tentou abrir caminho até Delora.

Com um silvo, o Demônio Serpente saiu de debaixo dele e usou seus braços para caminhar ao redor da clareira enquanto Sem Nome o perseguia. Quando ele se virou para fugir na direção oposta, seus ferimentos extensos o fizeram abandonar o controle de Delora para se salvar.

Ele a empurrou através da clareira.

Sem Nome não teve a chance de avaliar o *estalo horrível* que ouviu, não quando a Serpente Demônio de repente se torceu e subiu para se erguer um metro acima de Sem Nome. Com suas presas à mostra e suas mãos levantadas com os dedos cerrados para apresentar suas garras letais, o Demônio estava coberto de marcas de garras e sangue da cabeça à ponta da cauda. Um de seus globos oculares foi perdido de sua órbita quando Sem Nome arranhou seu rosto antes.

Com sua cauda liberada de seu dever, sua agilidade e mobilidade seriam aumentadas, e Sem Nome sabia que essa luta seria ainda mais difícil do que antes.

Mas Delora estava livre dele, dando a Sem Nome a oportunidade de ser mais implacável. ***Eu o destruirei!***

Ele deu um grito de guerra agudo antes de mergulhar em Sem Nome, que respondeu com um rosnado vingativo.



Delora engasgou quando seu corpo foi jogado contra um galho grosso e baixo que quebrou sob a pressão de suas pernas agitadas. Ela caiu no chão com um *baque* ressoando através dela. Sua cabeça doía

como se ela tivesse batido nela, mas ela sabia que a vertigem que sentia significava que teria um hematoma.

A tontura embaçou sua visão apenas o suficiente para torná-la turva.

A agonia disparou para cima e para baixo em sua perna direita por causa do joelho, mas ela ainda tentou fracamente alcançar as mãos, um pé e o joelho oposto. Seus braços tremiam e ela não sabia se era de dor, medo ou estresse. Seu torso estava tenso por ser esmagado, e seus braços e pernas doíam por estar em uma posição desconfortável por tanto tempo.

Ela tinha certeza de que tinha uma marca vermelha em volta do rosto da cauda do Demônio. *Tudo machuca.*

Sua cabeça disparou quando ela ouviu aquela risadinha *assustadora* como uma garotinha de cinco anos, e então ela soltou um grito quando a viu vindo direto para ela.

*Putá merda! Ohporraohporraohporra!* Delora cambaleou para trás depois de cair, empurrando-se com os calcanhares para fugir mais rápido.

Pouco antes de alcançá-la, o corpo gigante do Caminhante do Crepúsculo estava atrás dele. Ele agarrou o Demônio pela cabeça com uma mão grande e ambos os ombros com a outra, então o levantou do chão e o *rasgou* bem diante de seus olhos. Tão perto, de fato, que a maior parte de seu sangue marrom espirrou sobre seu corpo.

Delora tinha sido cercada por olhos vermelhos, mas era só dele que a fazia pálida pela viscosidade com que ele a matou.

Mas ela não empalideceu de medo dele, mas sim *por* ele.

O Caminhante do Crepúsculo estava coberto de marcas de garras e, segundos depois, ele foi agarrado por um de seus cascos e puxado pelo chão pela frente. Ele arriscou virar as costas para o monstro cobra novamente por *ela*. Para salvá-la.

— Você quer salvá-la tanto assim? — O Demônio Cobra rastejou sobre seu corpo com suas garras afiadas movendo-se em sua direção. — Vou me certificar que você não pode!

O Caminhante do Crepúsculo o agarrou pelo meio de sua cauda excepcionalmente longa e o segurou bem na frente dela. Ela

ergueu os pés quando sentiu a ponta de uma garra cortar a parte inferior do pé esquerdo e, em vez disso, começou a arrANHAR o chão.

Ambos dispararam para frente quando o Demônio de repente usou seus braços fortes e musculosos para se arrastar para mais perto. O Caminhante do Crepúsculo perdeu o equilíbrio, mas foi rápido para se firmar com um casco à frente.

Não havia nada que ele pudesse fazer a não ser conter o Demônio. Era óbvio que no momento em que ele tentasse qualquer coisa, exceto segurar, Delora seria despedaçada em segundos.

— *Corra Delora!* — o Caminhante do Crepúsculo rugiu, virando a cabeça para ela.

Ele estava olhando para ela ao invés de seu oponente, e isso tornava tudo ainda mais assustador.

Sem pensar duas vezes, ela atendeu ao comando dele, sabendo que ele só diria a ela para fugir para o Véu se achasse que era mais seguro. Ela sabia que não. O fato de ela mancar por causa do joelho machucado significava que ela estava sentada no alvo.

Ela se empurrou para frente independentemente.

Galhos de arbustos arranhavam seu rosto e corpo, mas ela não se importava se eles a cortassem. Os sons horríveis atrás dela, que não diminuía por mais que ela corresse, eram horripilantes. Ela podia ouvir o baque de corpos batendo no chão, as árvores quando elas farfalhavam sob fortes golpes, e os assobios e rosnados que faziam seus cabelos se arrepiarem. O Caminhante do Crepúsculo deu um grito horrível de choro que ecoou à distância, e Delora cerrou os olhos com um soluço.

O ar parecia frio com a velocidade com que ela corria, esfriando seu corpo e adicionando uma mordida extra a seus arrepios. Com os olhos fechados, seus pés tropeçaram, mas não porque ficaram presos em alguma coisa. Delora percebeu o quanto sua cabeça estava latejando e como ela se sentia tonta.

Ela tinha certeza de que a única coisa que a mantinha em movimento era a adrenalina bombeando freneticamente através dela.

Delora não teve chance de respirar quando um pequeno Demônio começou a persegui-la. Ela se recusou a olhar por cima do

ombro para ver. Ela apenas se concentrou no que estava à sua frente, que não era nada além de escuridão e árvores.

Em instantes, agarrou seu tornozelo.

Ela bateu a cabeça novamente quando atingiu o chão antes de ser arrastada para trás pelo chão, suas garras cortando sua perna. *Oh Deuses! Oh não!* Com as mãos em pânico, ela conseguiu agarrar um galho quebrado do chão.

Quando ela foi virada, ela gritou e o esfaqueou para frente.

— Yuk! — foi sua resposta quando ela sentiu resistência ao afundá-lo em seu corpo.

A única razão pela qual ela abriu os olhos foi porque nada estava acontecendo. Ela esperava ser mordida.

A bile subiu, e ela instantaneamente se arrependeu de olhar quando viu que a apunhalou direto no olho e direto no cérebro. Ele estava se debatendo levemente, mas ela sabia que tinha conseguido matá-lo enquanto o sangue escorria por sua arma bárbara e cobria seus braços.

O cheiro era horrível, mas ela mal o registrou. Ela apenas jogou o corpo para o lado e se recuperou.

Delora balançou, seus joelhos dobrando. Sua visão era tão turva que ela não conseguia ver a raiz da árvore bem à sua frente e acabou tropeçando nela. Seu corpo estava insuportavelmente entorpecido, e ela tentou piscar através de luzes piscando para poder ver.

*Eu não posso mais correr.*

Ela apenas caminhou, apoiando-se em um tronco de árvore ocasional, sem saber para onde estava indo.

Tudo o que ela sabia era que tinha que fugir, que tudo era *assustador*, tão assustador, e que ela estava terrivelmente *sozinha* no Véu.

*Onde... onde estou?* Onde ela poderia ir para se esconder?

Era como se seus ouvidos estivessem cheios de algodão, silenciando a maioria dos sons ao seu redor. Ela não ouviu nem viu o próximo Demônio que trouxe sobre si mesma. Ela só sabia que estava nas garras dele pelo vermelho de seus olhos e pelo fato de estar acima dela.



Delora não resistiu.

Simplesmente não havia sentido.

Ela não sabia onde começava ou terminava. Ela queria lutar, viver. Ela estava desesperada para respirar, mas em vez disso ela apenas ficou lá.

Algo maior o agarrou – ela só podia dizer pela silhueta de seu corpo. O rugido ensurdecedor e cheio de raiva acima dela soou tão familiar que a aliviou, e as duas esferas vermelhas brilhantes que flutuavam na frente de uma caveira branca e borrada trouxeram todo o conforto de que ela precisava.

O Caminhante do Crepúsculo era sua luz no escuro.

Sabendo que ele estava lá, Delora permitiu que a tontura a dominasse.

Delora sentiu o balanço suave de suas pernas enquanto elas saltavam sempre que o Caminhante do Crepúsculo embalando-a em seus braços dava um passo. Calor reconfortante a envolveu, e o cheiro de baunilha e creme escondeu o cheiro de sangue podre que a cobria. Ela enterrou a cabeça em um pano áspero que estava rasgado o suficiente para que ela pudesse sentir o pelo fazendo cócegas em sua bochecha.

O medo que ela sentiu se foi agora que ela podia dizer que tudo estava quieto, exceto pela respiração profunda, mas rítmica, do Caminhante do Crepúsculo e o som de seus passos desencontrados.

Sendo embalada por ele, ela se sentia inegavelmente segura.

*Onde estamos?* Ela não sabia quanto tempo estava dormindo. Deve ter se passado dias considerando que ela não estava mais com dor.

Ela sabia que não era verdade quando abriu os olhos para olhar ao redor. Eles estavam nas profundezas da floresta com quase nenhuma luz presente, mas era o suficiente para que ela pudesse dizer que ele ainda estava coberto de feridas de sua luta.

Quatro marcas cortantes se abriram em seu peito, assim como aquela em seu ombro. Sua camisa estava tão rasgada que Delora podia ver ossos brancos. Ela pensou que todo o corpo dele estaria coberto de pelo preto e penas.

Demorou um pouco para perceber que ele estava mancando, e ela ergueu os olhos para olhar a parte de baixo de sua longa mandíbula ossuda. Seus orbes emitiam uma tonalidade vermelha brilhante.

— Obrigada — ela sussurrou, enrolando-se nele, mantendo os olhos em seu rosto. Ele a inclinou apenas o suficiente para poder vê-la além de seu focinho. — Muito obrigada.

Ele voltou a observar para onde estava indo.

— Eu sempre vou te proteger. — Delora mordeu os lábios em reação às palavras dele. Ela nunca ouviu alguém dizer algo assim para ela com um forte senso de determinação. — Lamento não ter podido

fazer mais. Você se machucou porque eu falhei com você.

Ela balançou a cabeça contra o fundo de seu peito firme.

— V-você ainda veio atrás de mim. Você não precisava me salvar. Não fiz nada para justificar sua ajuda.

— Você fez mais do que imagina.

Seus olhos voaram até sua alma que pendia frouxamente entre seus chifres. *É por causa disso?*

Decidindo que não queria saber, ela perguntou: — Por que não sinto dor?

Pelo que ela podia dizer, nem um único lugar em seu corpo estava dolorido. Ela não podia sentir o corte em seu tornozelo, a contusão em seu joelho torcido, ou mesmo a dor esmagadora que sentiu em suas costelas, quadris e rosto da cauda constritiva da cobra Demônio. Sua cabeça também não latejava tanto e ela conseguia enxergar com clareza.

— Eu removi suas feridas de seu corpo. — Sua voz soava tensa, e o final de certas respirações assobiava com um gemido baixo.

A pena dele a agrediu.

— Como você fez isso? Nem mesmo Sacerdotes e Sacerdotisas podem curar outro tão rapidamente. Leva tempo para curar uma pessoa, e eles geralmente precisam de ervas e símbolos.

Pelo menos, foi o que ela ouviu sobre a maneira como eles usavam sua magia. Ela nunca conheceu outro a não ser para oficializar seu casamento. Havia dois vivendo permanentemente dentro de sua aldeia, mas eles frequentemente se distanciavam dos outros e sempre cobriam seus rostos e corpos para não permitir que nenhuma parte deles fosse vista.

A maioria não gostava deles, pois acreditavam que pertenciam a um culto estranho.

— Não sei curar feridas. Só posso tomá-las para mim e curá-las com meu próprio corpo.

Com os olhos arregalados, ela tentou se virar para poder ver a perna dele, mas ele a segurou com firmeza para que ela não caísse.

— Você está mancando por causa dos meus ferimentos?

— Você se machucou bastante. Eu não podia permitir que você

ficasse dentro do ninho do Demônio Serpente porque ele estava tentando atacá-la, mas talvez eu não devesse ter dito para você correr. Eu não sabia que você havia quebrado alguma coisa no joelho.

Delora mordeu os lábios enquanto as lágrimas começaram a brotar em seus olhos.

— Desculpe.

Sua cabeça se voltou para ela.

— Porque você está chorando? — Branco brilhou em seus orbes momentaneamente antes de retornar ao vermelho. — Eu não levei todas as suas feridas? Você ainda está com dor?

Ela balançou a cabeça.

— Você está sofrendo por minha causa. Não pude fazer nada para ajudar e apenas fugi.

*Eu sou uma maldita covarde.* Ela cerrou os olhos em desgraça.

— Eu não me importo, — ele assegurou, sua voz profunda e rica contendo toda a sinceridade. — Este é meu sacrifício por você, e eu o escolhi. Seu corpo é muito delicado e pequeno para sofrer uma dor duradoura.

*Delicado e pequeno?* Essas palavras não eram usadas para descrever sua aparência há tanto tempo que ela mal podia acreditar que haviam sido pronunciadas.

Ela abriu a boca para refutá-lo, mas então percebeu que estava sendo segurada por um gigante Caminhante do Crepúsculo que era alto, forte e completamente diferente de um humano.

Ele sobreviveu contra aquele terrível Demônio, enquanto qualquer humano teria sido despedaçado. Ela sabia que a única razão pela qual ela sobreviveu foi porque ela foi usada para provocá-lo.

Um som farfalhante à distância a fez pular em seus braços, e seus olhos dispararam em pânico ao redor do mato grosso.

— Você o matou? Aquele Demônio.

— Sim. Graças a você estar lá e trazer mais Demônios, fui capaz de matá-lo como nunca antes.

Tinha sido tão forte que Delora pensou que ambos iriam morrer. Ela não se importava o suficiente para saber como ele o matou. Eles estavam vivos e, felizmente, o outro não estava.

Ela tinha certeza de que teria pesadelos por causa disso.

*Talvez os pesadelos fossem melhores do que os que tenho tido.* Delora não se importava em ser assustada, mas seus sonhos atuais deixaram sua mente desgastada e entupida com pensamentos terríveis.

— E-e o que aconteceu com os outros humanos que eu vi?

*Ele... comeu-os?* Ela percebeu que na verdade não queria saber se ele sabia.

— Não sei. Eu vim para encontrar você, mas tenho certeza que outros Demônios vieram.

O silêncio caiu sobre eles, e ela percebeu o baque desigual de seus pés, a maneira como os detritos do chão da floresta estalavam sob ele e sua respiração cheia de dor. Ela fechou os olhos e secretamente encostou a cabeça no peito dele para tentar encontrar o batimento cardíaco dele.

*Tha-tum. Tha-tum. Tha-tum...*

Uma vez que ela encontrou aquela batida forte, qualquer tensão em seu corpo aliviou. Não importava que ele fosse diferente, um monstro, uma criatura estranha. Um Caminhante do Crepúsculo. Ele foi gentil com ela, e ela *nunca* seria capaz de esquecer o que ele fez por ela.

— Magnar, — ela murmurou baixinho enquanto abria os olhos.

Sua cabeça se inclinou antes de se inclinar ligeiramente para cima, como se ele estivesse tentando pensar. Suas orbes flutuantes ficaram rosa-avermelhadas por um momento, algo que ela estava começando a discernir como um sinal de constrangimento.

— Não sei o que essa palavra significa.

Mexendo com os dedos na frente do peito, uma pequena labareda de calor assaltou suas bochechas.

— É um nome que significa guerreiro forte e feroz, um protetor.

— Quando ele de repente parou de andar e apontou a cabeça para baixo para olhar para ela, as bochechas de Delora queimaram ainda mais. Ela desviou o olhar. — Desculpe. Não sou muito boa com esse tipo de coisa, nomear coisas, mas se você não gosta, posso pensar em outra coisa.

Mas ele era seu protetor, e é por isso que esse nome veio a ela.

Ela gostava disso para ele, mas pensaria em algo melhor se ele odiasse.

— Magnar é o seu nome para mim? — ele perguntou, seu tom misturado com curiosidade.

— Sim, mas se você não...

— Eu tenho um nome! — ele gritou de alegria, seus olhos ficando amarelos brilhantes enquanto ele saltava, fazendo Delora gritar de surpresa quando ambos foram para o ar.

Ele quase caiu quando aterrissou de volta na perna machucada, tropeçando para endireitar o pé para não deixá-la cair. Então ele girou em um círculo enquanto abaixava o crânio para poder pressionar o lado de sua mandíbula contra todo o lado do rosto dela.

— Eu gosto dela. Eu gosto do meu nome. Eu gosto que você escolheu para mim.

Ele começou a acariciá-la, e a ternura floresceu em seu peito. Seus lábios se curvaram como se quisessem se curvar para cima.

— *Magnar*, — ela sussurrou enquanto levava as mãos até a ponta do focinho dele para retribuir seu pequeno abraço.

Ela observou seus orbes flutuantes virarem um flamingo rosa brilhante ao mesmo tempo em que seu corpo parecia estremecer de prazer. Ele aninhou ainda mais fundo contra ela.

Seu coração se aqueceu ao ver como ele estava reagindo a algo tão simples quanto um nome, e ela observou sua alma enegrecida *rachar* em sua periferia. Uma fissura surgiu no estômago com um brilho alaranjado, como quando um carvão em brasa é atingido com um atizador para revelar o minério quente sob seu estado de carvão.

Delora piscou para ela.

*Algo aconteceu com a minha alma.*

Delora sentou-se no ninho dentro da caverna de Magnar, observando enquanto ele coletava itens aleatórios que tinha ao redor. Ambos acordaram não muito tempo atrás depois da noite estressante do dia anterior, e ele a perturbou quando começou a vasculhar ruidosamente suas coisas.

Ele acendeu a vela usada que estava no chão no meio de sua caverna para permitir que ela visse o que ele estava fazendo.

A chama bruxuleante trouxe à tona que ele ainda estava terrivelmente ferido e, apesar do fato de não estarem mais sangrando, seus ferimentos não pareciam estar cicatrizando.

Ela se ofereceu para lavá-los, mas havia muitos deles para ela enfaixar. Quando ele disse a ela para não se preocupar com nenhum dos dois, já que qualquer infecção que ele pegasse desapareceria com seus ferimentos, ela ficou consternada.

Ele não parecia entender que ela só queria ajudá-lo de alguma forma.

Mesmo que ele dissesse que iriam se curar, preocupava-a que parecessem estar no mesmo estado em que estavam antes de dormir.

Ela estava limpa desde que o chutou para fora de sua própria caverna para que ela pudesse se lavar com um balde e um pano. Ela também estava usando uma camisa diferente que ele possuía.

Magnar não se preocupou em se trocar, considerando que arruinaria suas roupas novas com sangue.

Ele finalmente ficou de frente para a parede onde tudo o que ele havia coletado descansava, batendo na lateral de seu focinho com uma garra. Quando parecia que estava satisfeito, ele começou a colocar todos os itens no pano quadrado que havia colocado no chão ao lado deles.

Quando ela estava prestes a perguntar o que ele estava fazendo, algo milagroso aconteceu diante de seus olhos.

Enquanto ele estava agachado, areia negra apareceu do nada e começou a envolver seu corpo. Os olhos dela se arregalaram de surpresa, mas era como se ele não parecesse perceber o que estava

acontecendo ou não se importasse. Quando começou a preencher suas feridas, borbulhou como uma gosma preta e se prendeu às costuras antes de se prender ao outro lado.

Ela observou como suas feridas cicatrizavam e instantaneamente desapareciam.

— Puta merda, — ela sussurrou quando seu corpo inteiro foi curado em questão de segundos.

Ele balançou seu corpo para perturbar a areia preta restante que o circulou como se estivesse verificando seu corpo em busca de mais ferimentos, antes de desaparecer no nada. Magnar se coçou em alguns lugares onde havia se machucado e então pegou suas roupas para sair.

— Por que você está indo? — ela perguntou, sem saber por que ele sentia a necessidade de privacidade.

Ela sabia que ele não tinha nada a esconder. Ele estava coberto de pelos, e ela nunca sentiu nenhuma genitália nele, afinal.

Ele parou na entrada.

— Eu não desejo assustá-la.

Antes que ela pudesse responder, ele saiu, não lhe dando oportunidade de aliviar sua ansiedade por ela ver seu corpo.

*O que está sob a roupa dele é tão ruim assim?* Seu corpo parecia humanóide, mas com pelos e penas. Ela não achava que era tão ruim.

Quando ele voltou momentos depois, ele pegou um pedaço de pano jogado fora que, quando aberto, era obviamente uma capa. Ele o pendurou na parte de trás dos ombros antes de amarrá-lo em volta do pescoço. Havia um capuz na parte de trás que tinha duas seções desabotoadas que pareciam abotoar seus chifres para cobrir sua cabeça.

— Eu preferiria carregá-la para sua própria segurança — disse ele enquanto, quase timidamente, coçava a lateral do buraco do fofinho. — Mas estou me perguntando se você prefere caminhar sozinha. Levaremos a maior parte da noite se você fizer isso.

Os olhos de Delora dispararam para a entrada para olhar para fora com uma carranca.

— Vamos a algum lugar?



Ele se aproximou e estendeu a mão para ela, seus dedos longos, mas grossos e acolhedores.

— Estou percebendo que não é seguro mantê-la aqui. Achei que o círculo de sal seria suficiente para protegê-la, mas não pensei que os demônios mais espertos entenderiam que tudo o que precisavam fazer era jogar terra no círculo para perturbá-lo.

Sua confiança nele era a única razão pela qual ela estendeu a mão para deslizar a mão na dele, permitindo que engolissem a sua enquanto ele a levantava com cuidado. Então ele a guiou para fora do ninho.

— Onde você está me levando, então?

Quando ela soltou a mão dele, ela agarrou nervosamente a camisa que era muito grande para ela, embora ela a preenchesse principalmente ao redor do peito e na área do estômago. Embora fosse longa o suficiente para ficar acima dos joelhos, isso não era algo que ela pudesse simplesmente andar por aí querendo ou não.

*Imagine se outro humano me visse. Ou melhor, eles juntos.*

Ele voltou para o pano e começou a dobrá-lo sobre os pedaços de corda, as velas, as tigelas e tudo o mais que havia colocado nele antes de levantá-lo e enrolá-lo nas costas como uma mochila. Ele amarrou os dois lados no peito passando por baixo de um braço e por cima do ombro do oponente.

*Ele não pode me levar acima da superfície. Humanos provavelmente irão atacá-lo, especialmente Caçadores de Demônios.*

Por mais que ela odiasse a caverna, se fosse mais seguro para os dois, ela ajudaria a torná-la o mais segura possível para que pudessem ficar aqui.

— Não tenha medo, — ele disse enquanto se virava para ela. — Mas vou levá-la mais fundo no Véu. Quase meio dia de caminhada para mim, na verdade.

Seu rosto empalideceu.

— Mais fundo? Como isso será mais seguro?

Ele estava falando sobre levá-la mais fundo onde os Demônios viviam. Isso era suicídio.

— Confie em mim, Delora, — ele acenou. — Posso carregá-la

para garantir sua segurança enquanto caminhamos. Isso também significa que podemos nos mover mais rápido do que suas perninhas permitem, e quanto mais rápido chegarmos lá, melhor. — Delora sentiu como se estivesse dando tantas desculpas quanto podia quando acrescentou: — Eu também vou mantê-la aquecida.

Embora fosse outono, ela não achava a temperatura muito insuportável no Véu, considerando suas sombras constantes.

Com um suspiro e um olhar tímido para o rosto dele, ela se aproximou e assentiu.

Ele foi lento quando se agachou com os braços movendo-se ao redor do corpo dela. Ele gentilmente a puxou de seus pés para embalá-la em seus braços, como tinha feito quando os trouxe de volta para sua caverna.

— Cubra-se o máximo que puder com minha capa para esconder seu corpo.

Delora fez o que lhe foi dito até que tudo o que estava saindo dela era parte de seu rosto.

— Vamos voltar aqui? — ela perguntou quando ele se abaixou pela entrada baixa.

— Não, não precisaremos. Eu levei tudo o que eu gostaria de carregar. Nossa nova casa será muito melhor.

Seus passos eram rápidos, mas não desconfortáveis, enquanto ele os levava para a floresta. Delora cerrou os olhos quando eles romperam a linha das árvores e foram cercados pela escuridão. O sol estava se pondo, tornando o Véu ainda mais misterioso.

Ele parou, mas a segurou com mais força, como se estivesse tentando dar-lhe um abraço reconfortante.

— Controle seu medo. Qualquer coisa que se mova no Véu pode ser alvejada, mas o fato de você não ter mais cheiro humano e a maioria dos Demônios não atacar Mavka significa que isso não será muito perigoso. No entanto, o cheiro do seu medo, mesmo que seja um pouco, fará com que sejamos atacados. — Ele voltou sua visão para ela, e ela segurou seus orbes verdes. — Confie que eu vou te proteger.

Com uma respiração profunda, ela tentou acalmar seu coração que havia começado a acelerar e sentiu-se aliviada ao expirar. Ele

assentiu e começou a andar.

Como antes, ela saltou em seus braços, e Delora passou a longa caminhada contemplando tudo em silêncio.

Os terríveis eventos com os Demônios roubaram alguns de seus pensamentos mais sombrios antes de ela ser jogada no Véu, e isso deu a ela um breve tempo para deixar sua mente não se fixar nisso.

— Magnar...

Ele imediatamente virou a cabeça para ela.

— Eu gosto dele — afirmou antes que ela pudesse falar. — Eu entendo porque um nome é tão importante agora. Sei que você está falando diretamente comigo e entendo que sempre responderei a ele.

Ela se perguntou com quem ele estava conversando para saber o que era um nome e como isso tornava cada pessoa um indivíduo.

Ela não comentou sobre isso.

— O que é um Espírito? Por que meu cheiro mudou e o que isso realmente significa para mim?

— Você nunca vai morrer e sempre estará ao meu lado. Acredito que uma parte de você está morta, e acho que se eu morresse, você também pereceria. Mas, por enquanto, você tem um coração batendo, e isso é tudo que importa.

— Existe mais alguma coisa que você possa me explicar sobre isso?

— Hum. — Sua cabeça se inclinou um pouco quando se virou para a copa das árvores acima. — Se você morrer, em corpo, mas não em espírito, você voltará para mim depois de um curto período de tempo.

— Oh — ela engasgou. — Então é isso que você quis dizer quando disse que eu estaria ao seu lado por toda a eternidade. E se eu fugisse?

Um grunhido *imediato* retumbou de seu peito e vibrou contra seu lado, fazendo com que seus olhos se arregalassem. Seus orbes ficaram de um vermelho carmesim brilhante.

— Você sempre vai voltar para mim, — ele disse com aquele grunhido presente em seu tom, fazendo-o parecer mais ameaçador. — E eu vou caçar para você até que você faça.

Ela não gostou de sentir as garras dele cravando em sua pele.

— Eu não quis dizer que ia, — ela rapidamente interrompeu. — Eu só não entendia como estaria sempre ao seu lado se fosse embora.

— Se você partir ou eu partir, você voltará para mim — não importa onde eu esteja no mundo. Eu sou sua âncora e seu corpo não pode existir sem a presença de sua alma.

— Então, eu sou como um Espírito?

Tanto quanto ela sabia, os Espíritos estavam presos a uma âncora como uma casa, uma boneca ou uma árvore específica - um lugar onde eles podem ter morrido ou algo a que estavam ligados quando estavam vivos.

— Sim, e você também pode ficar transparente. — Seus olhos finalmente voltaram ao verde normal e ele deu um gemido pensativo.

— De repente você fica curiosa sobre isso quando não estava antes.

— Isso é porque eu não me importava com nada, — ela murmurou, mas até ela estava surpresa por estar se sentindo um pouco mais animada do que antes. Ela ainda se sentia um tanto entorpecida, mas não tão avassaladora. — O que quer dizer com posso ficar transparente? Tipo... posso me transformar em algo como um Fantasma ou algo assim à vontade?

— Sim. — Seus olhos se arregalaram com a admissão dele, e ela se perguntou como deveria fazer isso. Parecia tão estranho! — Mas não tente fazer isso agora. Você estará fora de meus braços quando se tornar sólida, e isso não é seguro.

Delora assentiu, mas continuou a contemplar isso.

*Se eu soubesse disso antes, poderia ter escapado daquele terrível Demônio.* Ela desejou que ele tivesse dito a ela. Ou melhor, ela desejou não ter sido tão descuidada com essa mudança repentina nela que poderia ter impedido que ambos se machucassem.

Depois de um tempo de Delora cochilando em um estado semi-acordado, incapaz de adormecer devido aos perigos ao seu redor, ela notou que a área bem na frente deles parecia mais brilhante. Foi a única mudança que ela viu no ambiente em suas muitas horas de caminhada.

Eles estavam indo naquela direção, e um pequeno suspiro

deixou seus lábios entreabertos.

Ela pensou que seus olhos poderiam ter brilhado com o reflexo da luminescência que irradiava contra o chão em um clarão quase imperceptível. Era um pico de um símbolo mágico verde iridescente conectado a um círculo enorme que percorria uma área parcialmente limpa.

As árvores ainda pontilhavam pesadamente dentro do círculo e, quando se aproximaram do meio, parecia haver uma estrela de onze pontas. Suas pontas quase pareciam espadas com pontas náuticas entre elas. Era delimitado por dois círculos, o interno muito mais fino que o externo.

Como seus orbes brilhantes, não era uma luz. Quando ela olhou para baixo, para seus pés com cascos, quase nada se iluminou, exceto o que tocou diretamente o chão.

— O que é? — ela perguntou, mas seu crescente estado de choque se intensificou quando ela viu a silhueta sombria de um *edifício* no ponto central daquele brilho estranho e fraco. — Tem uma casa?

Delora não podia acreditar que havia algo como uma casa no meio do Veu!

— É uma ala de proteção, — Magnar respondeu, colocando-a no chão quando era óbvio que ela se contorcer significava que ela queria ser derrubada. — Eu lancei para proteger a área ao redor dos Demônios.

— Então, é seguro? Como uma casa veio parar aqui?

Seus olhos vagaram pela sombra do prédio, mas ela não conseguia ver bem por causa da falta de luz. Ela mal podia esperar até que o sol brilhasse para que ela pudesse absorver seus detalhes adequadamente.

— Deve ser muito mais seguro do que o círculo de sal. E quanto à sua pergunta sobre como surgiu, eu a tenho construído.

Delora rapidamente se virou para ele com o queixo entreaberto.

— Você?

Ele desviou o olhar dela para varrê-lo sobre a área.

— Comecei há alguns meses. — Ele coçou as penas em volta do pescoço. — Eu sei que os humanos não gostam de viver em cavernas, e

quando encontrasse um humano que queria me dar sua alma, precisaria construí-la para para que se sentisse confortável.

Algo se agitou em seu peito, talvez calor e ternura misturados em um só, enquanto seu rosto se suavizava com essas emoções confusas.

— Então, você construiu isso... para mim?

Isso é tudo que ela conseguia pensar. Ele pode não saber que ela seria a única a dar sua alma a ele, mas foi ela quem o fez, o que significava que ele estava fazendo tudo isso por *ela*. Ela nunca teve ninguém indo a tais extremos apenas por causa dela.

Ele parecia gostar que a mente dela chegasse a essa conclusão, porque seus orbes brilhantes mudaram para um amarelo brilhante na direção dela.

— Sim. Eu tenho feito tudo isso por você para que você seja feliz aqui comigo.

Delora se virou para olhar para a casa quando ele parou ao lado dela.

— Como é que você não me trouxe aqui antes? Eu teria preferido vir aqui a ficar na caverna.

— Ah, — ele murmurou, seus orbes ficando rosa-avermelhados. — Porque não está pronta. Ainda tenho muito trabalho a fazer, mas pelo menos o interior está seguro.



Magnar permitiu que sua visão se desviasse da casa que ele podia ver claramente no escuro para Delora, que estava olhando para todo o trabalho que ele havia feito até agora. Pela primeira vez desde que ela caiu em cima dele todos aqueles dias atrás, sua expressão não parecia triste ou fria. Ela irradiava admiração e, embora os lábios dela não se curvassem em nenhuma forma de sorriso, o brilho em seus olhos era maravilhoso para ele.

Ele planejou começar a vir aqui e trabalhar na construção deste lugar ainda mais para ela em segredo – ele teria percorrido a distância em sua forma mais monstruosa para economizar tempo. No entanto, no momento em que percebeu que o círculo de sal não era suficiente para deixá-la ali sem sua presença, Magnar sabia que não podia esperar.

Mesmo que ela estivesse um pouco desconfortável ou tê-la por perto o deixasse inseguro sobre o quanto ele achava que faltava neste lugar, a segurança dela era sua prioridade.

Ele tinha certeza de que seu olhar de admiração desapareceria assim que ela a visse na luz.

Apesar de suas dúvidas, ele deu um passo à frente para liderar o caminho com esperança de que talvez ela gostasse, mesmo que fosse estéril e despreparada. Delora entrou em sua vida muito cedo, mas ele tentaria fazer o melhor possível.

*Talvez ela queira me ajudar.* A ideia o exultou.

Ele não permitiria que ela fizesse nenhum trabalho duro, já que estava contente em fazer isso, mas se perguntou se eles poderiam moldar este lugar juntos.

Magnar queria que ela visse isso como sua casa.

– E-espere, – ela disse, segurando o pulso dele com a mão. Quando ele se virou para olhar para ela com um toque de perplexidade, Delora olhou ao redor antes de trazer seus olhos de volta para ele. – Não consigo enxergar direito.

Delora nunca o havia procurado antes, e ele não tinha certeza do que fazer. Magnar permitiu que ela segurasse seu pulso para guiá-la enquanto diminuía o ritmo para se manter dentro de seus passos.

Sua visão abrangeu toda a casa de madeira que ele estava construindo. Embora o exterior fosse seguro e à prova de intempéries, ainda exigia muito trabalho.

As janelas estavam fechadas com tábuas porque ele não tinha o vidro necessário para elas, mas ele queria evitar que sujeira, poeira e restos de folhas fossem soprados para dentro. A porta era algo em que ele estava trabalhando e era apenas um par de toras presas umas às outras por uma corda que era então presa a uma das toras que

funcionava como uma moldura da porta. Não havia trinco ou fechadura, e ele acabou querendo obter uma porta adequada - semelhante à que Orpheus tinha em sua própria casa.

Havia uma passagem para um alpendre, mas ele ainda não havia terminado a cerca, nem o telhado e seus suportes.

Ele diminuiu ainda mais quando ela quase tropeçou no primeiro degrau da varanda. Magnar esperou que ela subisse todos os quatro até que seus pés encontrassem a superfície plana.

Assim que ele foi abrir a porta, ele fez uma pausa.

Enquanto ele estava nervoso, ele também queria que Delora visse o interior em sua totalidade.

— Espere aqui.

Ele abandonou Delora para poder abrir a porta rangente e então a fechou atrás dele.

Tirando o saco de pano improvisado de seu torso e colocando-o delicadamente no chão, ele puxou algumas velas e fósforos. Ele estava grato por ter obtido esses itens antes de Delora chegar.

Ele pegou as velas com bases mais grossas, tendo aprendido que as finas não ficavam sozinhas, e começou a colocá-las no chão esporadicamente antes de acendê-las.

Ele arrastou seu peso em seus cascos enquanto olhava ao redor. Não havia móveis, nem paredes internas, nem fogão para cozinhar. Não havia nada além do ninho temporário que ele havia feito para poder dormir aqui quando não precisasse voltar para sua caverna. Estava no canto contra a parede do lado oposto à porta.

— Magnar? — Delora perguntou atrás da porta antes que ele ouvisse suas mãos empurrando contra ela.

Era óbvio que ele estava demorando muito e ela estava impaciente para ver. Correndo para frente, ele abriu a porta, e seu corpo brilhou na luz fraca que ele criou.

Quando ele saiu do caminho para que ela pudesse entrar, ele observou seus lábios se abrirem enquanto ela observava o interior razoavelmente grande da casa. Era largo e com alguns metros de comprimento.

Seus olhos examinaram a área.



— Não há cômodos?

Ele balançou a cabeça, incidentalmente, fazendo com que o som de ossos chocalhando saísse dele.

— Não. Ainda não os fiz.

Assim que ela estava no meio, ela girou em um círculo preguiçoso. A casa era alta para acomodar sua altura com seus chifres, mas ela parecia pequena em comparação com seu tamanho.

*Fiz muito grande?* Achava que era mais ou menos do tamanho da casa de Orpheus, onde só entrara uma vez para entender como seria o interior em algum momento. Mas ele se perguntou se talvez tivesse cometido um erro.

— E você fez isso? — Ela voltou seus olhos castanhos para ele.

Magnar pensou ter visto uma centelha de *algo* quando a luz do fogo refletiu neles.

Foi apreciação? Desapontamento? Ele não conhecia os humanos bem o suficiente para saber qual era a expressão dela.

*Sua capacidade de sorrir está quebrada?* Se ela tivesse sorrido, ele poderia ter entendido melhor.

— Isso é realmente incrível, Magnar. — Sua voz era leve e elevada, fazendo seu corpo suspirar de alívio quando ela girou em um círculo novamente. — Mal posso esperar para ver como ficará quando terminar. Você é realmente talentoso.

O amarelo iluminou seus orbes e ele coçou o focinho com timidez.

— Realmente? Você gostou dela?

— Bem, sim. Eu nunca poderia construir uma casa. — Ela deu de ombros. — É bastante estéril, mas tenho certeza de que ficará ótimo quando terminar.

*Ela gostou!* Magnar quase pulou de alegria, mas em vez disso ele entrou em ação. Ele se aproximou dela e apontou para os fundos da casa.

— Eu pretendia fazer três quartos. Aparentemente, vocês, humanos, precisam de uma área para se lavar e preferem ter seu próprio espaço. Eu ia colocar onde deveria dormir na parte de trás para que a área de lavagem e seu quarto ficassem um de frente para o

outro. — Ele então fez o seu caminho para a esquerda e ergueu as mãos na frente de uma grande área. — Eu ia colocar aqui o que se chama de *cozinha*, com alguma coisa que você pode usar para cozinhar. E aqui.. — Ele passou por ela para onde seu ninho estava atualmente. — Eu ia colocar uma área de estar com lareira para você não passar frio. Aparentemente, vocês, humanos, sentem frio no inverno porque não têm pelo ou penas. E então aqui...

Quando ele se virou para apontar onde ela estava, ele fez uma pausa, notando que seu olhar havia se suavizado em algo adorável. Seus olhos, que sempre pareciam sombrios, pareciam suaves a ponto de até mesmo as olheiras não parecerem tão proeminentes. Sua boca se contraiu, mas as pontas não apontavam mais para baixo. Eles estavam enrolados para cima apenas ligeiramente.

Até sua postura havia caído, como se ela estivesse relaxada, enquanto sua cabeça estava ligeiramente inclinada.

Magnar queria perguntar o que significava a expressão dela, mas não queria parecer ignorante.

*Por que ela está me olhando assim?* Ele não sabia por que seu coração começou a bater descontroladamente em seu peito. *E por que ela parece tão... bonita agora?*

Delora nunca tinha visto nada mais adorável do que assistir a este enorme e assustador Caminhante do Crepúsculo correndo para mostrar a ela seus planos em óbvia excitação.

Quando ele parou para olhar para ela, Delora pensou que ela poderia estar no caminho desde que o dedo dele subiu para apontar onde seus pés estavam.

Ela gesticulou para o chão enquanto dava um passo para o lado.

— E aqui?

Algo sobre seu prazer a tocou. Ela não queria que ele parasse por causa dela.

Em vez de explicar, ele se adiantou e estendeu a mão. Ele deslizou a parte de trás das pontas de suas garras contra sua mandíbula e sobre sua orelha para que pudesse escová-las em seu longo cabelo.

— Se você não gosta do design, pode alterá-lo.

Delora quase se afastou dele, mas suas palavras mantiveram seus pés onde estavam enquanto ela aceitava seu toque. Ela até virou os olhos para cima para poder encará-lo com apenas alguns centímetros de distância.

*Nunca percebi que ele era tão alto.* Delora só chegou ao meio de seu peito, e ela teve que erguer a cabeça para encontrar seu olhar.

— Está tudo bem, — ela respondeu. — Eu não me importo com o que você faz com ela.

Mesmo que ela tenha respondido, parecia que a conversa deles havia sido esquecida. Ele inclinou a cabeça para o lado enquanto se aproximava para inspecionar seus dedos emaranhados em seu cabelo. Magnar puxou-os para longe, apenas para penteá-los novamente de brincadeira, como se estivesse atormentado pelos fios simples. Delora sentiu um delicioso arrepio percorrer seu corpo quando suas garras raspavam contra sua pele.

Então ela sentiu as pontas muito afiadas deles raspando o arco na parte de trás do pescoço. Um suspiro ofegante caiu dela enquanto

os arrepios dançavam por todo o caminho até suas pernas. Os joelhos de Delora quase cederam quando ele se inclinou ainda mais perto e cheirou atrás de sua orelha, como se não pudesse se impedir de sentir seu perfume diretamente dela.

Felizmente, ele estava lá para apoiá-la quando ela acidentalmente se inclinou para ele, mas ela soltou um grito quando ele rapidamente a pegou um momento depois.

Ela estava começando a se acostumar a ser abraçada, algo com o qual ela nunca pensou que se sentiria confortável, mas era difícil sentir medo de ser derrubada quando ele era tão forte.

Ele sempre se certificou de que ela estava segura em seu berço.

— Por que você está me colocando aqui? — Delora perguntou quando ele cuidadosamente a colocou sobre as peles no meio do ninho com os pés sob ela de modo que ela estivesse sentada de joelhos.

— Você quase caiu, — ele respondeu, fazendo com que suas bochechas esquentassem de vergonha.

Ela não podia acreditar que o simples toque de um Caminhante do Crepúsculo fazia seus joelhos fraquejarem. *Acho que até gritei!* A vontade de cobrir o rosto de vergonha a assaltou.

No entanto, Magnar também entrou no ninho e sentou-se diretamente na frente dela com as pernas cruzadas. Antes que ela pudesse detê-lo, ele estendeu a mão para pegar algumas mechas de seu cabelo e as puxou por cima do ombro para que pudesse examiná-las.

— Seu cabelo é lindo. — Ele se inclinou para cheirar as pontas.

— Eu gosto que seja preto. Que sua cor é igual à minha.

Seu comentário a fez olhar para a escuridão de seu cabelo e de sua mão. O pelo que cobria a parte de trás dele descia por seu pulso antes de desaparecer sob a manga de sua camisa. Ele ainda parecia mais escuro, quase com um tom azulado, mas ela parou de compará-los e apenas observou sua mão.

Era grande e pertencia ao que qualquer um chamaria de monstro. Mas Magnar usou a mesma mão para protegê-la, usou aquelas garras mortais para tocá-la tão gentilmente que ela estremeceu com o toque.

É por isso que quando ele pressionou contra o lado de seu pescoço e rosto, cobrindo-a com um calor tão acolhedor, Delora não se afastou dele.

Ela estremeceu quando ele acariciou seu polegar sobre sua bochecha e sua garra quase esfaqueou seu olho.

— Sua pele é sedosa.

Havia uma parte dela que sempre soube que ele queria tocá-la, mas ela o rejeitou até este ponto porque achou a ideia repugnante. Não mais.

— V-você poderia ter mais cuidado com suas garras? — ela implorou quando ele tocou sua bochecha uma segunda vez e ela rapidamente teve que fechar o olho, caso contrário ele a teria cutucado nele.

— Posso tocar mais se eu fizer isso?

Ele trouxe sua mão de volta e suas garras *se retraíram*. Ela não sabia que ele podia fazer isso.

— Sim. Contanto que você não me machuque, não me importo se você me tocar.

*O que poderia ser tão ruim de qualquer maneira?* Como ela disse, se ele não a machucasse, ela não via como isso poderia acabar mal. Ela era uma mulher humana, e ele era um Caminhante do Crepúsculo masculino – pelo que ela podia dizer – mas ela duvidava que ele entendesse o que parte de seu corpo deveria fazer. Sexo ou jogo íntimo com ele não parecia provável, ou melhor, pelo menos instigado por ele.

Seus orbes flutuantes ficaram amarelos com o que ela reuniu foi alegria.

— Eu nunca machucaria você, Delora.

Ele começou a acariciar partes do rosto dela. Ele começou com a bochecha dela, então seu polegar correu pelas sobrancelhas dela na direção do cabelo e depois estranhamente na direção oposta. Seu toque era gentil quando ele quase fez cócegas em seus lábios, e ele ficou fascinado por este lugar.

Ele escovou o mais cheio, mais baixo uma e outra vez. Era quase como um amante tocando quando quer um beijo, mas resiste

ao desejo e, em vez disso, tentam seduzir o outro a dar aquele salto.

Enquanto ele fazia isso, ela não conseguia parar de olhar para ele. Seus olhos estavam desfocados enquanto ela pensava.

*Acabei de perceber que provavelmente não farei sexo novamente.* Delora não gostava muito de suas experiências anteriores com Hadith, mas houve um punhado de vezes, principalmente no começo, que ela se divertiu.

Uma vez que Hadith descobriu que ela não poderia gozar apenas por causa de algumas picadas de pau, ele ficou preguiçoso e só pensou em si mesmo. Ela se forçou a gozar quando ele não estava por perto para satisfazer seus impulsos.

Isso só a levou a se sentir mais sozinha.

Ela não conseguia decidir se estava aliviada por não ter que passar mais por isso ou desapontada. Pode não ter sido um ótimo sexo, mas foi sexo com alguém, conexão com outro, com prazer sendo o objetivo.

Sua visão se concentrou novamente no Caminhante do Crepúsculo na frente dela, que tinha acabado de passar o polegar pela curva do nariz dela antes de fazer cócegas em seus cílios de um lado. Então seus olhos seguiram sua mão, ou melhor, seus dedos.

*Eles são tão longos... e grossos.* Agora que ela sabia que suas garras podiam se retrair, elas podiam entrar em lugares que ela não pensava serem possíveis. *Apenas dois seriam maiores do que os paus da maioria dos homens.*

Seu rosto começou a esquentar, especialmente quando ela sentiu suas paredes internas se apertarem, e ela teve que apertar suas coxas juntas. Ela não podia acreditar que estava brincando com a ideia dele, um Caminhante do Crepúsculo, tocando nela!

*Oh meus deuses. O que há de errado comigo?*

Perdida em seus próprios pensamentos chocantes, ela não percebeu que a mão dele estava viajando para baixo até que ele agarrou um de seus seios.

Delora se encolheu. Então ela segurou o pulso dele para detê-lo, seu rosto tão quente e perturbado que ela temeu que sua cabeça explodisse. Sua mente, que não estava pensando inocentemente, não

poderia lidar com ele tocando um lugar íntimo naquele momento! Ela sabia que ele acabaria indo para lá, mas ela não pensou que sua mente estaria pensando nele dessa forma quando ele o fizesse.

Seus mamilos estavam ainda duros e mais sensíveis do que antes.

— V-você poderia tocar em outro lugar por enquanto?

Ele deu uma inclinação de cabeça confusa.

— Por que? — Então ele teve a *audácia* de levantar a outra mão e segurar o outro, levantando seu peso completamente na palma da mão. — Eu gosto deste lugar. É mole.

Para demonstrar isso, ele apertou os dois e eles se moldaram nos espaços entre os dedos.

— Ah, porque...

Como Delora deveria explicar que seus seios eram um lugar íntimo em seu corpo sem ter que explicar mais o que isso significava?

— Você pode me tocar aqui também, — ele ofereceu, agarrando a mão dela para colocá-la contra seu peito.

Seu peito era forte e firme, cheio de músculos duros. Sua mente ficou em branco sobre por que a colocação de sua própria mão não era sábia quando ela deu um aperto em seu músculo peitoral - um aperto apreciativo.

Hadith era musculoso desde que trabalhou a maior parte de sua vida como guarda da cidade, mas o corpo de Magnar era *denso*, como se sua estrutura esbelta escondesse sua força até que fosse tocada.

Hipnotizada pela sensação sob a palma da mão, e pelo fato de ter a impressão da pele se movendo sob a camisa dele, ela continuou a massagear o músculo peitoral dele. Ela também pensou que podia sentir algo... duro sobre a carne dele, onde estariam as costelas.

— Embora tenhamos quase a mesma forma, — Magnar disse quando um de seus polegares curiosamente roçou um mamilo endurecido. — Este lugar é diferente do meu. Todas as mulheres têm esses montes no peito?

Delora olhou para baixo para ver seu peito cheio apenas metade de sua grande mão. Mas ainda o *preenchia* enquanto uma

mulher menor não teria.

— Eu acho que algumas não têm tão grandes, — ela murmurou. Seu núcleo teve um espasmo quando ele *tocou* um mamilo com o polegar. — Nós os chamamos de seios.

Ele assentiu com a cabeça e ela ficou grata por ele não ter perguntado qual era a função deles. Em vez disso, ambas as mãos abaixaram. Ele agarrou a gordura de seu estômago, espremendo-a em suas mãos.

Delora saltou para trás em surpresa.

Quando ele se inclinou para frente para fazê-lo novamente, ela agarrou suas duas mãos para detê-lo.

— Por favor, não me toque aí. Eu não gosto que meu estômago seja agarrado.

Magnar tinha apenas ido em frente e apertou os rolos de sua barriga sem cuidado.

— Mas eu gosto deste lugar em você, — ele resmungou desapontado, suas orbes ficando azuis. — É macio. Eu gosto que você seja suave por toda parte. Você é maior do que a outra humana que conheço.

Os lábios de Delora se separaram em choque enquanto seus olhos se arregalavam.

— Você acabou de me chamar de gorda?

*Um Caminhante do Crepúsculo realmente me chamou de gorda? Ela não podia acreditar!*

Ele inclinou a cabeça com óbvia falta de compreensão.

— É por isso que você é maior? Porque você é gorda? — Ele então começou a cutucar o lado de seu estômago. — Faz você caber melhor em meus braços.

Delora suspirou quando registrou que ele realmente não quis dizer nada de ruim com isso. Ela não percebeu que estava ansiosa com isso até agora. Ela nunca viu nada de errado com seu tamanho, exceto como Hadith a tratou, mas agora que ele se foi e este Caminhante do Crepúsculo parecia preferi-la dessa maneira, um fardo parecia ter sido tirado de seus ombros.

*Como tal criatura pode ser mais receptiva do que a maioria dos*



*humanos que conhece?* Ela quase quis acariciá-lo em apreciação.

Então suas sobrancelhas se juntaram de algo que ele disse antes.

— Espere... Você disse que conhece outra humana?

Magnar assentiu enquanto ele, o que provavelmente pensava ser astuto, chegava mais perto para poder agarrar a coxa dela por baixo da camisa para poder tocar sua pele diretamente. Verde se ergueu de volta em seus orbes.

— Sim. Reia. — Ele amassou sua carne, sua mão grande mal envolvendo o topo de sua coxa gorda. — Ela está ligada a um Mavka diferente chamado Orpheus.

Quando sua mão começou a deslizar para cima, Delora empurrou a mão contra seu monte púbico para que ele não pudesse explorar curiosamente em lugares que não deveria.

— Existe outro Caminhante do Crepúsculo que tem uma humana? — Sua mão deslizou sob sua camisa, e ele agarrou as alças carnudas de seus quadris. Ela optou por ignorá-lo no interesse de sua conversa. — São eles que te ensinaram tudo?

— Sim, — ele respondeu mais uma vez. — Eles me disseram para construir esta casa para você, para que você fique mais feliz comigo. A caverna é ruim. Muito escura e suja, eles disseram.

Uma peça do quebra-cabeça se encaixou no lugar.

*Não sou a única humana que deu sua alma a um Caminhante do Crepúsculo.* Ela ficou surpresa, mas também aliviada. Ela pensou que ficaria sozinha com Magnar, para nunca mais ver outro humano, mas essa Reia poderia ser alguém com quem ela poderia falar.

Então, novamente... as pessoas foram cruéis com ela no passado recente. Ela não tinha certeza se realmente gostaria de estar sob o escrutínio de outro ser humano.

*Poderia... essa Reia fazê-lo perceber que na verdade sou uma pessoa terrível?* A ideia de perder essa doce e gentil criatura, que era delicada com seu corpo e gentil com ela em suas palavras e ações, deixou um vazio em seu peito.

Quando Magnar mergulhou a mão para baixo para agarrar seu traseiro, sua mão deslizando fazendo sua pele formigar com arrepios.

Delora segurou seu pulso para detê-lo. Suas mãos estavam começando a ir para lugares que ela não tinha certeza se queria, e ainda assim seu corpo estava começando a... formigar em antecipação a ele fazendo isso.

— E-eu acho que já chega de tocar por hoje, — ela murmurou enquanto trazia a mão dele para frente. — Estou um pouco cansada depois de nossa caminhada e tenho certeza que é tarde.

Não que ela realmente pudesse dizer, já que o Véu era quase totalmente escuro sempre.

O Demônio parecido com uma cobra enrolou sua cauda escorregadia ao redor de todo o corpo de Delora cada vez mais apertado até que ela fosse incapaz de respirar. Era como se estivessem flutuando em águas profundas e infinitas enquanto ela tentava gritar para o vazio que os cercava. Ela não conseguia ver o chão, não conseguia ver o céu.

Seus olhos vasculharam os horizontes vazios, procurando desesperadamente um salvador.

Quando ela viu Magnar, sua forma de Caminhante do Crepúsculo destacada na penumbra que veio do nada, ela conseguiu soltar um braço do aperto da cobra e alcançá-lo.

Seus orbes verdes flutuantes ofereceram a ela o único conforto que ela poderia encontrar. Suas luzes eram como um farol para brilhar sobre seu medo e iluminá-la na escuridão.

— A-ajude-me, — ela implorou, sua voz forçada sob seus pulmões em colapso. — Por favor.

— **Não**, — ele respondeu friamente, e o verde reconfortante se desvaneceu para o vermelho flamejante da raiva. — Ele me contou o que você fez.

Quando ela estava prestes a perguntar quem, Hadith se materializou ao lado dele no vazio como um bruto alto e musculoso com cabelo curto e barba. Seu rosto empalideceu ao vê-lo vivo.

— Assassina! — Hadith gritou, dando um passo à frente e de repente se transformando no cadáver que ela havia deixado para trás.

Seu cabelo castanho limpo ficou sujo de sangue. Cobriu os lados dele como se o sangue escorria de suas feridas nas costas e nas laterais de seu corpo.

— Você assassinou pessoas, — Magnar afirmou com um rosnado.

— Você também! — ela rejeitou, ainda estendendo a mão para a ajuda dele. Seu braço foi subitamente engolido pelo membro da cobra que se recusava a ceder.

Ele virou as costas para ela e se afastou.

— Mas eu não conheço nada melhor.

De repente, ele desapareceu no ar em uma nuvem de areia preta e

brilhante.

— Por favor! — Lágrimas brotaram em seus olhos antes de caírem em gotas pesadas. — Não me deixe aqui assim!

— É o que você merece, — Hadith cerrou por entre os dentes cobertos de sangue, mais sangue pingando de sua boca para que pudesse escorrer por seu queixo. — Você sempre será abandonada. Estará sempre sozinha. Nada vai querer você.

— Venha cá, humana gostosa, — a Serpente Demônio sibilou enquanto a afastava de Hadith. Ela foi forçada a olhar diretamente para a boca larga de sua boca enquanto ele a abria. — Vou livrar o mundo de sua terrível presença.

Com o brilho branco da vida após a morte presente no fundo de sua garganta, suas presas se espalharam ainda mais ao redor de sua cabeça.

*Era como se ele pretendesse engoli-la inteira.*

Delora acordou com um sobressalto, sentando-se no ninho com a respiração entrando e saindo rapidamente. Seu suspiro acordado foi um reflexo de seu grito em seu sonho, e ela rapidamente olhou em volta com olhos arregalados e em pânico.

Em segundos, Magnar estava ao lado dela, agachado do outro lado do ninho. Ela não queria pular para longe dele com medo, mas ela se encolheu independentemente.

Ele retraiu a mão que estava usando para alcançá-la, talvez para acariciar seu cabelo confortavelmente, e a colocou na parede do ninho para firmar-se em sua posição agachada.

— Qual é o problema? — O verde que ela *precisava* ver em seus orbes flutuantes era, em vez disso, um branco incolor. — Você fede a medo, Delora.

*Foi apenas um sonho.* Ela colocou uma das mãos trêmulas contra a testa para esfregá-la, sentindo o suor pingar em sua testa. Então ela usou as palmas das mãos para esfregar os olhos fechados para se livrar do sono. *Eu gostaria que os pesadelos parassem.*

Eles eram principalmente de Hadith, sempre do que ela tinha feito. De sangue, gritos e lágrimas. Às vezes era ele quem a empurrava para fora da borda do penhasco do Véu. Outras vezes, ele conseguia arrancar a lâmina dela e apunhalá-la com ela.

Ocasionalmente, Cindy aparecia apenas para gritar, e ela odiava o quão assustada a garota parecia.

Ela teria sonhos pervertidos de Cindy e Hadith juntos, fodendo enquanto eles zombavam dela. Era como se Delora fosse uma mosca na parede, incapaz de fazer qualquer coisa além de testemunhar.

Depois de ser tomada por aquele terrível Demônio, Delora começou a sonhar com isso. Às vezes, Hadith não aparecia, mas às vezes ele vinha vê-la sendo devorada com um sorriso vingativo. Ela odiava mais quando o rosto do Demônio se transformava no de Hadith. Fazia duas noites desde então, mas ela acordava apenas para voltar a um novo caos.

No entanto, essa foi a primeira vez que Delora sonhou com Magnar.

— Sinto muito, — ela disse por trás de suas mãos até que ela as abaixou. — Eu só tive um pesadelo, só isso.

Ela provavelmente contaria isso como o pior que já teve.

Sentada ali por alguns momentos olhando fixamente para seus pés, ela se perguntou quando começou a cuidar de Magnar a esse ponto.

— Existe... alguma maneira de eu lutar contra seus sonhos por você? — ele perguntou, seu tom carregado de tanta preocupação que fez os olhos dela se curvarem. — Eu não gosto que você tenha medo deles.

— Não — ela respondeu, com a voz embargada.

Ele inclinou a cabeça antes de pegar uma pequena tigela de madeira que estava no chão e oferecer a ela. Dentro havia um punhado de mirtilos, framboesas, um morango, uma cenoura que parecia ter sido lavada e até mesmo um limão aleatório que ela não conseguiria comer.

— A comida vai ajudar?

Ele pegou um mirtilo e tentou alimentá-la como sempre fazia.

As lágrimas se acumularam a ponto de ela não conseguir contê-las, e elas caíram quando ela abriu os lábios para pegar a fruta. Ele a alimentou silenciosamente enquanto ela chorava, seu corpo arfando.

Magnar não parecia se importar com suas lágrimas patéticas,

contente em cuidar dela até que não restasse mais nada na tigela, exceto o limão. Delora estava tão agradecida que ele não recuou como a maioria dos homens faria com a estranheza disso e não a pressionou para falar sobre seus problemas quando ela não queria.

Ela só queria chorar. Pelo menos ela era capaz agora, enquanto antes ela se sentia tão vazia.

— Está claro lá fora. Você gostaria de ver o resto da nossa casa? — ele perguntou enquanto levava uma tigela rasa de água aos lábios dela e a fazia beber. — Estou animado para mostrar a você.

Não. Delora queria deitar de lado no ninho e chorar.

A única razão pela qual ela assentiu foi porque ele disse que estava animado. *Não quero decepcioná-lo.*

Depois de ajudá-la a se levantar, Magnar a conduziu até a porta e a abriu, revelando manchas de sol que conseguiam tocar a terra. Elas eram pequenas porque havia muitas árvores para permitir intervalos maiores, mas ela nunca esperava que o sol pudesse atingir o solo.

Ela notou que a varanda não tinha cerca ou telhado, mas percebeu que havia planos de adicioná-los eventualmente.

Ela ainda podia ver o símbolo mágico verde que só estava perdido nas pequenas áreas de sol forte. A grama ao redor do quintal era irregular, pois ela percebeu que muitas árvores haviam sido desenterradas. Alguém cobriu alguns buracos com terra para achatá-los.

O sol estava principalmente em torno da varanda e da casa, já que dentro da ala protetora ainda havia grande parte da floresta presente.

— Eu pensei que você disse que o círculo protetor apenas impedia aqueles de fora de atravessá-lo, — Delora comentou. — Os Demônios não poderiam simplesmente escalar as árvores e passar por elas?

Magnar balançou a cabeça.

— Isso é apenas para o círculo de sal. Esta proteção cria uma cúpula.

Como que para demonstrar isso, ele apontou para cima. Demorou um momento, mas ela finalmente avistou o brilho verde

acima deles no céu.

Quando seus pés encontraram a terra no fundo da varanda, ela deu alguns passos e se virou para olhar a casa. A estrutura era feita de toras das paredes ao teto, mas parecia estruturalmente sólida. Parecia ainda maior do lado de fora.

Magnar caminhou para a esquerda e Delora o seguiu.

Eventualmente, eles fizeram o seu caminho para a parte de trás da casa. Uma vez lá, ela descobriu uma grande área cercada onde alguns pequenos arbustos e plantas pareciam estar crescendo. As árvores atrás dela tinham sido arrancadas do chão mais aqui, e ela podia ver o sol batendo nela completamente até a linha da cerca.

— Este é o jardim, — ele disse a ela, coçando a lateral das penas de seu pescoço. — Mas não está pronto. Grande parte dele morreu no início, mas estou aprendendo a cuidar melhor dele. Eu não sabia que algumas plantas exigiam mais água do que outras.

— Parece que há muito aqui.

Delora contornou a linha da cerca até chegar à abertura que lhe permitia entrar e examinar adequadamente o que estava crescendo. Ela podia ver os caules de diferentes vegetais crescendo, muitas frutas e um grande número de ervas - algumas até pareciam prontas para serem colhidas.

Magnar não se juntou a ela. Ele fez o seu caminho até um ponto diagonal do lado da casa que tinha uma árvore jovem crescendo. Não era maior que seu quadril e parecia que levaria anos para amadurecer.

— Você cheira como maçãs, como esta árvore. Estou feliz por ter escolhido esta para crescer em vez das outras árvores frutíferas.

Delora levantou a cabeça em sua direção e piscou as pálpebras rapidamente em surpresa. *Eu cheiro como maçãs?* Ela ergueu o braço para cheirá-lo, mas tudo o que ela cheirou foi o aroma desbotado de seu perfume de baunilha em sua camisa.

— Como é que é tão grande? — ela perguntou, olhando o tamanho da árvore.

Se ele a tivesse plantado de uma muda ao mesmo tempo que o resto do jardim, não deveria ser maior que um caule.

— Troquei por ela desse tamanho e carreguei nas costas para

casa.

— Trocada por isso? — As sobranças de Delora se juntaram em uma carranca pensativa. — Como se você tivesse comprado?

Isso não fazia sentido. *De onde Magnar poderia comprar uma macieira?* Ela não viu seu grande traseiro de Caminhante do Crepúsculo andando por uma aldeia humana em busca de uma.

Em vez de responder, sua cabeça virou bruscamente para a esquerda e para a lateral da casa. Ele então recuou um passo com os braços subindo como se fosse bloquear.

— Oh, merda — disse ele, logo antes de Delora ouvir o barulho de passos rápidos vindo em sua direção.

Magnar foi então jogado no chão por um gigantesco monstro coberto de pelo.

Delora engasgou em choque quando ele se chocou contra o chão antes de rolar, sua cabeça indo em ângulos estranhos devido a seus chifres. Seus olhos se transformaram em vermelho carmesim enquanto seu corpo começou a ficar mais monstruoso.

Antes que ele pudesse se orientar e ficar de pé e com as mãos, seu chifre foi agarrado. Ele foi puxado para a frente no chão, escorregando para a barriga, antes que a criatura rastejasse para cima e ficasse de quatro em suas costas. Ele segurou o focinho de Magnar contra o chão com uma mão grande.

*Eu pensei que ele disse que demônios não podiam passar por sua ala!*

Ela deu um passo para trás com medo, preocupada que ele viesse para ela, e ela tropeçou de costas no jardim. Ela ouviu o estalo de algo estalando sob seu traseiro, mas sua mente estava muito ocupada sendo rebatida para o monstro na frente dela atacando Magnar.

Delora estava dividida. Parte dela queria ir até Magnar e ajudá-lo, enquanto a outra parte queria fugir. Em vez disso, ela permaneceu petrificada onde estava sentada com os olhos arregalados.

Então eles se alargaram ainda mais quando ela percebeu que não era um Demônio, mas outro Caminhante do Crepúsculo.

Ele estava de pé sobre as pernas de Magnar e um braço para mantê-lo abaixado, e ergueu o focinho apenas para poder acertá-lo



contra o chão.

— *Como você ousa Mavka!* — o outro Caminhante do Crepúsculo rosnou, um estrondo profundo e sombrio presente em sua voz. — *Como você ousa vir ao meu território e roubar nosso jardim?*

Magnar esticou o braço livre para trás para poder agarrar a lateral do pescoço do Caminhante do Crepúsculo.

— *Você não entende* — afirmou Magnar, sua voz distorcida ao lado de suas mudanças físicas.

Ambos pareciam semelhantes entre si, mas também completamente diferentes.

Considerando que Magnar tinha penas pretas saindo de seu pelo curto de veado e um crânio de raposa, este Caminhante do Crepúsculo tinha pelo longo de lobo e sua cabeça era a de um lobo. Ele também tinha chifres de antílope Impala em vez de chifres de cervo.

Magnar tinha mais ossos salientes em seu pelo do que o outro Caminhante do Crepúsculo, e seus pés tinham cascos, enquanto o outro tinha pés de aparência humana que eram mais parecidos com patas nos dedos dos pés.

Eles compartilhavam a mesma cor preta e as formas de seus corpos eram muito semelhantes - exceto que o novo Caminhante do Crepúsculo parecia maior em termos de músculos e largura.

— *Você pensou que eu não sentiria seu cheiro fresco esta manhã?* — O Caminhante do Crepúsculo abaixou a cabeça e empurrou mais de seu peso para frente quando Magnar estava tentando se levantar do chão. — *Eu não teria ajudado você se soubesse que você seria um ladrão!*

Magnar, que foi pego desprevenido porque estava mostrando o jardim a Delora, agora estava preso em uma posição onde não podia fazer nada além de arranhar com a mão livre. Seus olhos ficaram vermelhos e o coração de Delora apertou quando ela pensou que ele parecia inquieto e assustado.

— *Mas eu precisava. Preciso dele para... ah!* — Magnar soltou um ganido horrível, como uma raposa ferida, e começou a balançar a cabeça de um lado para o outro para libertá-la das garras do Caminhante do Crepúsculo.

— *Eu disse que quebraria seu crânio.* — Ele ergueu o focinho e bateu com ele no chão novamente. — *Eu te disse que iria...*

— Orpheus, pare! — uma mulher gritou do lado da casa antes de aparecer.

Seu longo cabelo loiro esvoaçava atrás dela enquanto ela corria direto para os dois Caminhantes do Crepúsculo. Então ela começou corajosamente a empurrar seu ombro para aquele chamado Orpheus.

Ela estava vestida com um vestido cinza claro na altura do joelho que tinha uma faixa marrom ao redor do torso. Seus delicados sapatos eram pretos, e ela perdeu um quando continuou a tentar empurrá-lo.

— Saia de cima dele, Orpheus! — Quando seu empurrão não ajudou em nada, ela agarrou um de seus chifres retorcidos e puxou com as duas mãos enquanto cravava os calcanhares no chão. — Não me importo que ele tenha tirado do jardim. Fale com ele primeiro. Ele pode ter um bom motivo.

Orpheus rugiu em sua direção, recusando-se a sair de cima de Magnar, mas ele nunca voltou suas ações raivosas contra a mulher humana.

— *Esse é o seu jardim! Sua comida!*

— Apenas deixe-o falar, — ela implorou. — Eu vou ficar muito brava com você se você machucá-lo.

— *Eu não sabia onde mais conseguir comida e precisava dela para Delora!* — Magnar gritou enquanto continuava a se debater.

*Ah merda. Isto é minha culpa?* Seu coração gaguejou. Ela não conseguia parar a culpa que parecia torcer seu interior.

— Olhe para os chifres dele, Orpheus, — a mulher ordenou. — Ele tem uma alma! Ele encontrou um humano.

Outro rosnado saiu de Orpheus, mas ele moveu a mão do focinho de Magnar para poder agarrar um de seus chifres e puxar sua cabeça para o lado. Ele inspecionou a alma de Delora de perto.

— *Por que parece morta?* — Ele cheirou. — *O que você fez com ela?*

*Minha-Minha alma parece morta?*

Foi quando ela notou uma chama brilhante entre seus chifres

na forma de uma mulher humana. Parecia forte e saudável enquanto flutuava lá com uma corda pegajosa prendendo-a aos chifres. Quando ela olhou para a su própria, parecia mole e carvão.

Em comparação, a dela realmente parecia um carvão moribundo. *Tem alguma coisa errada com ela? Ou eu?*

A mulher, percebendo que Magnar havia obtido uma alma humana, começou a olhar em volta enquanto puxava os chifres de Orpheus. Seu olhar finalmente caiu em Delora.

— Seu grande cabeça-dura! — ela gritou, apontando em sua direção. — Olhe para lá! Você provavelmente a está assustando pra caralho.

Orpheus virou a cabeça na direção dela, e parecia que seus orbes vermelhos viam todo o seu ser. Os pelos de seus braços se arrepiaram.

Com Delora sob seu olhar, Magnar parecia ficar frenético.

Seus orbes ficaram completamente brancos e ele se debateu até conseguir repelir Orpheus. Ele imediatamente correu para Delora e ficou acima dela protetoramente de quatro, mantendo-se abaixado como se quisesse escondê-la com seu próprio corpo.

— *Minha*, — Magnar advertiu, seu corpo bufando ameaçadoramente com a declaração simples, mas possessiva.

Orpheus, também de quatro, foi até a outra mulher e a colocou protetoramente ao seu lado com o braço na frente dela. Mesmo que ele estivesse em suas mãos, seus rostos estavam quase lado a lado com ela apenas um pouco mais abaixo.

Ambos os Caminhantes do Crepúsculo espelhavam os sons um do outro rosnando e rosnando, mas ambos assumiram uma postura com cada mulher - como se suas prioridades fossem elas, em vez de lutar.

— É a Reia? A humana de quem você estava me falando? — Delora sussurrou, abaixando a cabeça para que ela pudesse sair debaixo de Magnar.

Delora tentou se levantar. Magnar passou o braço em volta do torso dela e a segurou contra o peito antes que ela pudesse se levantar, mantendo-a de joelhos na frente dele.

– *Fique,* – ele exigiu, sua voz soando mais calma do que momentos atrás.

O fato de ela estar em seu domínio o estava acalmando.

Delora manteve os olhos na mulher que ela sabia que *deveria* ser Reia pelo fato de estar com este outro Caminhante do Crepúsculo. Ela era bonita. Mesmo com a pequena distância entre elas, Delora podia determinar isso. Seus cabelos loiros esvoaçavam ao vento leve que soprava ao redor de todos eles, empurrando todas aquelas longas mechas para o lado.

– *Então, você encontrou sua própria humana para reivindicar* – declarou Orpheus. Seus orbes permaneceram vermelhos, como se ele se recusasse a acalmar sua agressividade, mas sua voz não soava tão distorcida como antes.

Magnar respondeu com um rosnado mais profundo.

– *No entanto, você não tinha um uma semana atrás. O que você fez para enganar esta humana para lhe dar sua alma?* – Reia deu um tapinha no pescoço dele e seus lábios se moveram como se ela falasse com ele. Ele balançou sua cabeça. – *É muito cedo. Ela entende o que fez?*

– *Sim,* – Magnar respondeu, apertando Delora contra ele até que ele estava começando a machucar sua caixa torácica. – *Ela entende que é minha.*

– *Você?* – A cabeça de Orpheus nunca se moveu para indicar isso, mas ela sabia que ele estava olhando para ela.

Delora se enrolou em Magnar, sem vontade de responder enquanto ela agarrava a pele em seu peito curvado, mais animalesco, para conforto. Ela não conhecia Orpheus, não confiava nele, e sua demonstração anterior de agressão a tinha assustado pra caralho. Ela tinha certeza de que ainda cheirava a medo e temia que ele atacasse de repente os dois enquanto Magnar a segurava.

*Ele conseguiu prendê-lo contra o chão.*

Isso foi o suficiente para mostrar a ela que ele era forte, e a velocidade com que ele bombardeou Magnar quando chegou foi surpreendente. Delora poderia se machucar acidentalmente se os dois Caminhantes do Crepúsculo comessem a lutar acima dela ou perto dela?

Reia revirou os olhos e tentou dar um passo à frente, mas Orpheus começou a puxá-la para trás para que ela não pudesse sair do lado dele.

— Está bem. Ele não vai me machucar.

— *Ele roubou sua comida, Reia. Não sabemos mais o que ele fará agora que tem sua própria fêmea* — afirmou Orpheus.

— Mas eu confio nele. — Reia virou o rosto para eles. — Você não vai me machucar se eu me aproximar, certo Mavka?

— *Magnar*, — ele corrigiu, dando um único passo para trás enquanto arrastava Delora com ele. — *Meu nome é Magnar*.

Mesmo que ele nunca tivesse confirmado se iria ou não causar-lhe mal e até mesmo se afastado defensivamente, um sorriso caloroso e brilhante surgiu nas feições de Reia.

— Você tem um nome agora? Eu gosto disso. Magnar combina com você. — Então ela virou aquele sorriso acolhedor para Delora, e ela podia ver a bondade na nitidez de seus olhos. — E quanto ao seu nome?

— *O nome dela é Delora*, — Magnar respondeu em seu nome antes que ela tivesse a chance de abrir a boca. — *Sinto muito por ter roubado de seu jardim, mas ela precisava de comida. Eu não sabia mais para onde ir*.

— Viu? — Reia disse enquanto lançava seu rosto para a grande cabeça de Orpheus ao lado dela. — Ele precisava ajudar Delora, e se ele tivesse pedido, eu ficaria feliz em compartilhar. Não há razão para lutar.

— *Não* — Orpheus teimosamente rosnou, puxando-a mais para o seu lado. — *Eu nunca teria permitido que ele tirasse de você*.

— Orpheus, — Reia alertou em um tom sombrio.

Reia deu um suspiro profundo quando nada aconteceu, como se esperasse algo em particular. Então ela ficou transparente e literalmente flutuou através de seu braço restritivo.

Delora engasgou e teria caído de bunda em estado de choque se não fosse por Magnar.

— Um Espírito! Ela literalmente se transformou em um maldito Espírito!

Reia estava flutuando logo acima do solo com os dedos dos pés roçando enquanto ela se movia em sua direção, mas ela parou com o grito de Delora. Orpheus aproximou-se dela com um grunhido, mas um único golpe de sua mão através dela lhe disse que não poderia puxá-la de volta para a segurança de seus braços.

— Ela não sabe que pode fazer isso? — Sua voz soava distante, como se ela estivesse falando de longe enquanto uma carranca de confusão marcava suas feições.

— *Ela sabe. Ela só não fez isso ainda. Delora não está comigo há muito tempo.*

Ela não acreditou muito em Magnar quando ele disse que ela poderia ficar transparente, mas ver isso acontecer bem diante de seus olhos a surpreendeu. Suas bochechas esquentaram de vergonha, mas ela não poderia desviar os olhos mesmo que quisesse.

O cabelo de Reia estava flutuando, assim como a barra de sua saia. Seu corpo inteiro ficou tão branco e transparente, inclusive suas roupas, que era difícil vê-la.

Delora soltou o aperto que tinha no pelo de Magnar para olhar para suas mãos, imaginando como ela deveria fazer isso também. Era incrível que ela tivesse uma habilidade como essa. Ela não apenas ficaria quase invisível, mas também seria capaz de se mover através das coisas.

Então Delora percebeu algo surpreendente.

A carne dourada de suas coxas aparecia a tal ponto que ela podia até ver a curva de seu traseiro. Ela guinchou e puxou a camisa que estava vestindo para que a cobrisse melhor.

*Merda! Não estou usando calças e tenho certeza de que minha bunda estava aparecendo.* Delora não achava que poderia ter conhecido outra pessoa em trajes mais mortificantes, ou melhor, a falta deles. Suas bochechas esquentaram ainda mais a ponto de até suas orelhas queimarem.

Geralmente Delora demorava um pouco para se acostumar com as pessoas. Ela não era naturalmente uma falante, ao contrário, era quieta e reservada. Agora que ela conheceu Reia assim, quando talvez ela pudesse conhecê-la em pé e sem mostrar suas partes

femininas, ela queria entrar e se esconder.

— Bem, — Reia riu enquanto colocava as mãos em seus quadris fantasmagóricos. — Acho que aprendi a fazer isso primeiro porque morri.

A vergonha de Delora desapareceu com as palavras que Reia acabou de pronunciar. *Ela morreu?*

Parecendo sentir isso, Reia acenou com a mão com desdém.

— Não se preocupe. É uma longa história e meio que funcionou para melhor. — Ela foi colocar a mão no pescoço de Orpheus, mas seu braço o atravessou completamente. Ela tombou para o lado como se esperasse ser sólida. Ela não pareceu se importar quando trouxe a mão de volta, olhou para ela e então mexeu os dedos. — Voltaremos sempre. Depois de um dia ou morte, voltaremos para eles.

— *Agora eu entendo porque você estava tão na defensiva sobre eu estar perto de Reia,* — Magnar disse a Orpheus. Sua forma começou a reverter para a que Delora estava acostumada, e sua roupa escorria de sua pele até cobri-lo. — Eu não sabia que ela era tão preciosa para você até encontrar Delora.

Orpheus fez o mesmo, saindo de sua forma monstruosa para revelar sua camisa de botão preta e calças semelhantes às de Magnar. Como ele, seu crânio de lobo e chifres de antílope Impala não mudaram. No entanto, botas pretas cobriam seus pés, pois os dele eram mais humanos e podiam usá-las.

— Se eu aprendi a aceitá-lo, você também aprenderá.

Ele arrumou o punho da camisa, puxando-o para baixo antes de bagunçar todo o corpo, como se para ter certeza de que tudo estava onde ele queria.

Magnar estalou as mandíbulas em uma ameaça flagrante, fazendo um barulho de mastigação quando suas presas se juntaram. Ele ergueu Delora puxando-a para o lado como uma boneca de pano sendo arrancada por uma criança.

Com um suspiro, os pés de Reia afundaram no chão quando ela começou a se materializar de volta em um corpo totalmente sólido. Quando ela terminou, ela virou a cabeça para Orpheus antes de escaneá-los para Magnar, outro sorriso iluminando suas feições.

— Bem, já que estamos aqui... devemos ajudar?

Delora olhou para Magnar, que arrastou os pés nervosamente, antes de encontrar o olhar de Delora.

*Ajudar?* pensou ele com as sobrancelhas franzidas. *Ajudar com o quê?*



Magnar espiou Delora que estava sentada nos degraus da varanda, observando-o cortar e descascar a casca de uma árvore grossa que havia cortado para poder trabalhar com ela.

Segurando o cabo de cada lado e mantendo-se firme no toco de árvore em que estava sentado, Magnar cortou sua faca de desenho na lateral do tronco. A camada inferior se despreendeu com um cacho enquanto a camada de casca seca se espalhava em direções aleatórias.

Ele já havia cortado esta árvore antes de sair da área, antes de conhecer Delora, e agora estava cuidando dela para que pudesse usá-la como varanda. Ele estava construindo tudo do lado de fora primeiro para que estivesse pronto e protegido antes de começar a trabalhar nas partes internas do prédio.

Ele se preocupou se esperasse muito tempo, o piso da varanda ficaria danificado pelo tempo.

*Devo fazer os quartos primeiro?* Isso a deixaria mais confortável, mas ele acabou balançando a cabeça. Não, a varanda definitivamente precisava ser concluída agora que ele a havia começado.

Quando sua visão se afastou de descascar a casca de volta para Delora, seus orbes ficaram rosa-avermelhados.

*Eu deveria ter ouvido Orpheus.* Ele disse a Magnar para terminar o interior, mas ele tolamente se fixou no exterior sendo completo antes de fazer qualquer coisa dentro de suas quatro paredes.

Não havia nenhum ponto antes.

— Então, — Reia se intrometeu em seus pensamentos casualmente, pulando até ele com um regador nas mãos atrás das costas. Ela estava cuidando do jardim para ele. — Como você vai levar Delora para a Vila dos Demônios agora que você tem a alma dela?

Magnar bufou de irritação. Ele não sabia como faria isso.

Ele sabia que precisava ir para lá, precisava ir para aquele lugar — e logo. Havia ferramentas e itens que ele precisava de lá para terminar o interior da casa.

A Vila Dos Demônios era uma área bastante grande, cheia de Demônios que eram inteligentes como Mavka. Eles haviam consumido

humanos suficientes para serem menos violentos e raramente os caçavam. Em vez disso, eles começaram a imitar seu modo de vida.

Eles construíram a vila e começaram a morar nela, vendendo e participando de eventos para comemorar.

Esses estranhos Demônios também começaram a construir casas em uma área bem perto do meio do Véu e viveram lá pacificamente. Eles comiam carne, não importava de que criatura viesse, mas estavam começando a criar famílias, amizades e parcerias de negócios. Era difícil vê-los como os Demônios normais que Magnar havia encontrado.

Havia apenas uma diferença entre quando ele foi lá com Reia e Orpheus e como ele levaria Delora até lá.

— Você era humana, — ele murmurou enquanto cortava sua faca de desenho no tronco que tinha entre os joelhos. Sua visão voltou ao verde. — Delora pode se transformar em um Espírito.

— Isso ainda é muito perigoso. — Ela inclinou a cabeça, o cabelo caindo para o lado. — Isso fará com que saibam que você a tem.

Ela estava certa, e isso era algo que preocupava Magnar.

— Não sei como Orpheus fez isso — ele admitiu para ela.

— Levá-la a tal lugar enquanto você era humana foi notavelmente tolo. Você poderia ter se machucado.

Mais uma vez, Magnar deixou sua visão vagar para sua fêmea que estava mexendo com o pano que ela amarrou em volta da cintura. Aparentemente, ela se sentia mal vestida, mas ele descobriu que agora ela estava usando roupas demais.

Ele não entendia por que ela sentia a necessidade de cobrir seu corpo.

— Você não teve problemas com isso naquela época, — Reia rebateu enquanto colocava o regador no chão atrás dela e colocava as mãos nos quadris. Ela até ergueu a sobrancelha para ele, e ele ficou grato por ter comido três humanos desde que a conheceu. — O que? Porque foi bom para você me levar para lá, você não viu nenhum problema nisso? Não pensei que você fosse tão egoísta.

Ela estava sendo sincera, apesar de suas palavras ofensivas, mas também deu um leve sorriso como se estivesse brincando. Ele não

era perito o suficiente em humanos para saber se o que ele estava interpretando sobre ela era verdade ou não.

Tudo o que ele sabia era que quem ele era então era diferente de quem ele era agora. Não muito, ele ainda era 'estúpido', como Orpheus o chamava, mas aprendera muito.

— Eu não sabia melhor, — ele respondeu enquanto observava os olhos de Delora deslizarem para ele antes que ela desviasse o olhar. Ela imediatamente o trouxe de volta como se não pudesse evitar observá-los, assim como ele não pôde evitar que sua visão se arrastasse para ela. — Eu não entendia o significado do que estávamos fazendo. Você estava desprotegida sem a capacidade de se tornar transparente.

— Eu tinha você e Orpheus, lembra?

E olhando para Delora agora, e como ele se sentia sobre ela...

— Não foi suficiente. Apenas um ataque e você teria morrido. Você não deveria tê-lo empurrado para um canto. Você não deveria ter feito ele te levar.

O queixo de Reia caiu em descrença.

— Você está seriamente me repreendendo por ajudá-lo?

— Sim, — ele admitiu. — Serei eternamente grato pelo risco que vocês dois assumiram por mim, ainda mais agora que entendo por que Orpheus estava tão hesitante.

— Você parece gostar muito dela.

Reia virou-se para Delora, que parecia congelar no local com os dois olhando em sua direção. Ela estava um pouco tímida e reservada desde o incidente em torno da macieira. Seu rosto tinha uma linda cor de beterraba, mas ele a conhecia apenas o suficiente para saber quando ela se sentia desconfortável.

Ele pensou que talvez fosse por causa da luta com Orpheus — que ele havia perdido vergonhosamente antes mesmo de começar. Ele esperava que todos eles se encontrassem em melhores circunstâncias.

Não era apenas com Orpheus que ela estava reservada, mas também com Reia. Elas trocaram algumas palavras e fizeram um estranho costume de apertar as mãos, mas então Delora entrou por um longo tempo. Isso deu a Magnar, Reia e Orpheus a oportunidade de discutir os planos para o dia.

Eles o estavam ajudando a construir esta cabana como vinham fazendo desde o início.

Delora saiu para se sentar nos degraus da varanda não muito depois de Reia ter pedido a Orpheus para adquirir alguns itens de sua casa para que Delora pudesse ficar mais confortável aqui. Coisas como um balde de lavagem para que ela pudesse se limpar bem, um pouco de sabão, algumas panelas e talheres, um cobertor e travesseiro adequados. Reia também havia pedido que ele trouxesse comida – embora Orpheus tentasse negar o último pedido.

Magnar agora teria que trocar parte da comida que estava cultivando, que eles não tinham, em agradecimento pela ajuda. Esta foi a única coisa que apaziguou Orpheus.

Eles não sabiam que Magnar já havia planejado dar sua comida para eles.

Em vez de responder a seu comentário sobre ele gostar de Delora 'muito', como ela disse, Magnar a ignorou tirando mais casca. Ele não conseguia impedir que seus orbes ficassem rosa-avermelhados de vergonha e desejou não ser tão óbvio com seus sentimentos, o que, aliás, os tornava mais óbvios.

Uma risada alta e estridente começou, e ele olhou para Reia, que estava gargalhando enquanto apontava o dedo para ele.

– Você gosta!

– Por que isso é tão engraçado? – Magnar rosnou, seus orbes ficando vermelhos brilhantes.

Ela balançou a cabeça antes de revirar os olhos.

– Vocês Caminhantes do Crepúsculo não podem esconder nada com esses seus olhos brilhantes. Não acredito que você tentou. – Então ela veio para ficar ao lado dele, seu ombro quase roçando o dele, para olhar para o livro de instruções que ele tinha no chão perto de seus pés. – Ela é muito bonita. Como conseguiu uma mulher tão voluptuosa?

*Uma o quê?* Ele às vezes não entendia os maneirismos de Reia ou o que suas palavras significavam.

– Você diz *voluptuosa*, mas ela disse... gorda? Qual é a diferença?

Ele queria entender melhor por que sua fêmea estava estranha sobre ele tocá-la em certos lugares para que ele pudesse discutir com ela sobre isso no futuro.

As sobrancelhas de Reia franziram.

— Nada eu acho. Mas uma maneira é mais agradável de dizer, quase sexy. Ela é uma mulher curvilínea, não posso negar isso, mas alguns humanos acham que isso é uma coisa ruim.

— Hmm , — ele cantarolou alto, quase parando sua tarefa para bater em seu focinho em pensamento.

*Humanos são estranhos.* E ele sabia que eles estavam errados. Não havia nada na aparência de Delora que fosse ruim.

Na verdade, aqueles quadris rechonchudos e protuberantes dela davam a ele esse estranho desejo de... roê-los.

Reia se abaixou para pegar os móveis e o livro de instruções da casa que ele possuía, algo que ela havia lhe dado, e começou a folheá-lo. Ela encontrou uma página que instruía sobre como construir uma cadeira.

— Você deveria fazer uma dessas para Delora, — ela afirmou, mostrando a ele a cadeira simples com quatro pernas e um encosto gradeado. Ela também mostrou a tabela correspondente na página seguinte. — Você precisará fazer uma eventualmente, e será bom se ela tiver um lugar para sentar e comer.

Ele fez uma pausa para olhar para o que estava fazendo antes de inspecionar a cadeira. O que ele tinha entre as coxas era um tronco enorme que seria dividido em seções para os suportes do telhado da varanda. Ele teria que parar com isso para começar a tarefa que ela estava mostrando a ele. Ele precisava de toras menores, como galhos de árvores.

— Um assento e uma mesa são mais importantes do que um telhado na varanda?

— Você não pode simplesmente esperar que ela viva em uma casa vazia. Ela vai precisar de móveis eventualmente. Mandeí Orpheus para casa para pegar algumas outras coisas, mas ela deve começar a cozinhar com alguns dos vegetais que crescem mais rápido no jardim. Não gosto de comer no chão e duvido que ela também goste.

— Mas eu não sei como fazer isso, — ele respondeu com um tom abatido. Ele pegou o livro dela para poder olhar direito. — Eu não sei como esculpir madeira assim.

Reia virou seus olhos verdes para ele e sorriu. Uma vez roubou sua respiração, mas agora ele sentia como se estivesse segurando para sempre, esperando pelo dia em que Delora a compartilharia primeiro com ele.

Seus olhos mudaram de seu tom usual de verde para algo muito mais escuro. Ele desviou o olhar para ver que as pernas da cadeira tinham formas curvas. Ele não sabia como juntar tudo sem que se desfizesse.

— Tudo bem. Orpheus pode mostrar a você, se você não puder fazer isso sozinho.

Ela começou a apontar para o diagrama desenhado enquanto lia a seção de instruções para ele.

Reia sabia que Magnar não sabia ler. Ela planejava ensinar-lhe algumas palavras em algum momento, mas ele se perguntou se talvez pudesse pedir a Delora para ensiná-lo.

Enquanto ele refletia sobre isso, Reia, que estava bem perto de seu rosto, já que eles tinham quase a mesma altura enquanto ele estava sentado, ergueu os olhos do livro para olhá-lo.

— Você sabe, — ela começou, levantando uma sobrancelha loira para ele. Ela estava olhando para ele peculiarmente. — Você nunca respondeu à minha pergunta sobre como conheceu Delora.

A cabeça de Magnar se inclinou. Por que isso era tão importante que ela sentiu a necessidade de perguntar duas vezes? Delora estava aqui, isso era tudo que importava para ele.

— Ela caiu em cima de mim, — ele respondeu, sabendo que Reia iria bisbilhotar até que sua curiosidade fosse satisfeita.

Sua cabeça recuou de repente. Ela franziu a testa com um beicinho de confusão em seus lábios.

— O que você quer dizer?

Magnar ergueu ligeiramente o focinho e o apontou para cima. — Ela caiu do céu e pousou em cima de mim na última vez que deixei minha caverna para vir aqui.

— Tipo... literalmente da porra do céu? — Seu tom não estava cheio de espanto, mas sim de horror chocado. — Como ela foi parar no céu, Magnar? Por que ela estava caindo?

— Não sei. —

— O que você quer dizer com você não sabe? —

— Não sei por que ela caiu no Veu. —

O pelo e as penas de Magnar incharam de apreensão com o rosto que Reia deu a ele. Sua cabeça disparou para Delora quando ele percebeu que isso pode não ser realmente uma coisa boa.

*Por que Delora veio para o Veu?* Ele nunca pensou em perguntar antes, mas deveria se preocupar?



Delora brincou com o punho da camisa preta que usava pela enésima vez, antes de reorganizar o pano branco e sujo que amarrou em torno de seus quadris para que cobrisse melhor suas partes íntimas e pernas. *Nunca* foi melhor. Era como um sarongue e, como não era grande o suficiente para ir de um canto ao outro ao redor de seus quadris, ela o dobrou em um triângulo para que seus cantos mais distantes pudessem se encontrar.

Uma coxa inteira estava completamente à mostra, mas ainda assim era melhor do que não usar nada.

Ela ficou grata, a princípio, por ver que o outro Caminhante do Crepúsculo não estava por perto – aquele que ela não conhecia.

Eles foram acolhedores o suficiente quando falaram brevemente, até que a incapacidade de Delora de ignorar o fato de que ela estava seminua começou a incomodá-la. A roupa de Reia era bastante fofa.

Sua opinião original sobre ela tinha sido positiva.

Agora, enquanto ela se sentava aqui no degrau da varanda observando ela e Magnar falando, Delora sentiu um buraco no estômago.

*Eles parecem se dar muito bem.*

Reia estava rindo e sorrindo com Magnar, praticamente encostada nele quando ela pegou o livro que ele havia colocado no chão para folheá-lo com ele.

Delora não gostou.

Ela não gostou que Reia estivesse tão perto de Magnar. Ela não gostou de estar rindo com ele, de estar encostada nele... de falar tão casualmente com ele que parecia ser com facilidade.

Um aperto estava se espalhando em seu peito, um que ela sentiu antes e odiou com cada fibra de seu ser.

*Ele é meu Caminhante do Crepúsculo.* Quando ambos viraram a cabeça para Delora, ela virou a dela para o lado com um beicinho de raiva. *Ela tem o dela. Por que ela tem que ser tão amiga do meu?*

Delora nunca foi uma mulher ciumenta. Ela nunca havia sentido a explosão possessiva de ácido correndo em suas veias antes, mas depois do que aconteceu com Hadith, como ele a traiu, era difícil afastar o sentimento.

Especialmente quando Reia agarrou um dos galhos de chifre de Magnar e começou a balançar a cabeça. Ele não a impediu.

Ela gostaria de poder ouvir o que eles estavam falando, mas não queria se aproximar. Ela esteve aqui por um tempo. Se eles quisessem falar com ela, eles iriam.

Em vez disso, ela apenas agarrou os punhos dobrados de sua camisa preta e os segurou com firmeza, desejando que a emoção que revirava em seu estômago desaparecesse. Ela sabia que era irracional, mas ainda assim a fazia se sentir rancorosa.

Magnar abandonou o que estava esculpindo para poder ir para uma árvore sob o comando de Reia. Ela apontou para um galho grosso. Delora observou a demonstração de sua força impressionante quando ele o agarrou com uma mão enquanto sustentava a árvore com a outra e quebrou o galho com um movimento.

Ele fez o mesmo com três outros que Reia apontou antes de retornarem ao toco que ele estava usando como cadeira. Desta vez, ele estava de costas para ela.

Aquele buraco oco em seu peito se enterrou mais fundo.



Ela não sabia o que ele estava fazendo, mas de repente ele nem queria encará-la agora que Reia estava aqui!

*Terá talvez querido estar com Reia mas não pôde porque ela deu a sua alma ao outro?* Ela não sabia a resposta para essa pergunta, mas a fez se sentir uma merda por ter sido apenas uma vice-campeã.

O calor queimou em suas bochechas, quente e cheio de raiva, e ela estreitou os olhos enquanto desviava o olhar. Ela queria permanecer em seu lugar para mostrar sua presença, mas particularmente não queria mais observá-los.

Isso deu a ela a oportunidade de observar Orpheus passar pela linha das árvores segurando uma série de itens em seus braços e amarrados em suas costas.

Ele veio direto para Delora, mas sua cabeça estava virada para Reia, como se ele não pudesse manter seu olhar longe dela. Seus orbes, que geralmente eram azuis, ficaram verdes escuros.

Quando ele veio para Delora, ele deu um bufo profundo, que parecia de irritação. Ele parou na frente do primeiro degrau bem ao lado dela e finalmente a encarou, cavando no grande balde que tinha em seus braços.

Agora que ela viu todos os itens amarrados a Orpheus que eram destinados a Delora, um pouco de sua raiva desapareceu. Reia estava a ser generosa e compreensiva com a sua situação para lhe dar tudo isto. Que direito ela tinha de sentir qualquer tipo de emoção negativa em relação a ela?

*Porra. Minha mente está tão malditamente distorcida.* Constantemente parecia uma selva, tão densa e cheia de raízes retorcidas, tão profunda e vasta, que ela não conseguia sair dela. Um emaranhado de paranóia, mágoa, raiva e confusão constantemente guerreavam dentro dela. Ela gostaria de poder cortar tudo e abrir caminho para a clareza.

*Eu quero que isso pare.*

Ela estava prestes a segurar seu rosto em aborrecimento com seus próprios pensamentos, mas uma grande mão empurrou-se em seu periférico. Dentro havia uma jarra de cerâmica com um pedaço de barbante amarrado para manter a tampa presa.

Delora olhou para Orpheus, que estava olhando para ela de sua enorme altura. Ela percebeu que ele estava tentando dar a ela.

Ela ainda não sabia o que sentia por ele depois do que aconteceu antes. Ele atacou Magnar e parecia que pretendia matá-lo por roubo.

— O que é? — Delora perguntou cautelosamente, levantando ambas as mãos para pegá-la.

— É chá de menta, limão e mel, — ele respondeu, afastando lentamente a mão quando ela sentiu as costas de seus dedos roçarem os calos escuros em sua palma. — Reia gosta deste chá que faço para ela, e pensei que você também gostaria. Ainda deve estar quente.

Sua voz não era tão grave em tom de barítono quanto a de Magnar, mas era igualmente rica e suave.

As pálpebras de Delora tremularam rapidamente. Ela não podia acreditar que ele tinha dado isso a ela.

— Você está dizendo que você... fez isso para mim? Por que?

Os orbes de Orpheus mudaram de volta para o azul, e ele inclinou a cabeça para ela, como ela frequentemente via Magnar fazer. Talvez fosse uma coisa de Caminhante do Crepúsculo. Eles não podiam transmitir suas emoções pelo rosto, mas podiam com o corpo.

— Porque você é uma humana. — Ele ergueu o olhar para encarar Reia. — É difícil viver no Véu, viver conosco Mavka. Sei que te assustei antes e sei o quão perigoso esse medo pode ser. Eu queria fazer as pazes com você, especialmente agora que nos veremos com mais frequência.

Delora ficou surpresa com o quão bem ele falou e quanta premeditação ele teve. Ele quase parecia... mais velho que Magnar, mais inteligente até.

— Por que você diz isso?

— Porque Reia vai querer te visitar. Ela vai querer ter certeza de que você está confortável. Eu já posso contar isso sobre ela a partir de hoje. — Orpheus acenou com o focinho na direção de Magnar e Reia. — Ela já o convenceu a fazer uma cadeira para você.

— Realmente? — O olhar de Delora disparou para eles para ver que eles estavam amontoados em torno do livro, e ele estava

segurando um dos galhos que ele já havia conseguido arrancar a casca.

— Mas ela não me conhece. Por que ela faria isso por mim?

— Porque Reia é boa.

Orpheus não disse mais nada sobre o assunto antes de subir as escadas para despejar tudo o que trouxera para dentro. Nesse momento, Delora conseguiu desfazer o barbante, remover a tampa de cerâmica arenosa e tomar um gole de seu conteúdo.

Isso aliviou alguns dos sentimentos terríveis que ela tinha nadando em seu estômago e era doce contra suas papilas gustativas.

Quando ele estava saindo, Delora murmurou: — Obrigada. Na verdade, é muito legal.

Orpheus assentiu, seus sapatos batendo contra os degraus da varanda enquanto ele descia.

— É melhor eu ajudá-lo. Ele cometerá um erro se eu não o fizer.

— Então ele balançou a cabeça e disse: — Não é fácil fazer móveis.

Ele foi direto para Reia e enrolou sua mão grande em volta de sua pequena cintura, puxou-a para ele e bateu a ponta de seu focinho contra sua mandíbula em afeição.

Os olhos de Delora se arregalaram quando ele lambeu seu pescoço descaradamente, fazendo-a soltar uma risadinha quando ela empurrou seu rosto. Eles estavam muito mais próximos do que Delora poderia ter imaginado, e ela notou que Magnar os observava com uma cor verde mais escura presente em seus orbes.

Então ele virou a cabeça para Delora e torceu a cabeça bruscamente.

*Ele quer me lamber assim?* Um lado de seus lábios se curvou quando ela percebeu que não se importaria se ele tentasse fazer isso.

Agora que Orpheus veio para ajudar, Reia os abandonou para vir para Delora. Suas costas imediatamente enrijeceram quando ela se sentou ao lado dela, a cerca de trinta centímetros de distância, no degrau acima do dela.

— Orpheus se desculpou? — Reia perguntou com um tom firme.

Delora levantou os joelhos para que pudesse colocar um braço sobre eles e, em seguida, colocar o cotovelo nele. Então ela apoiou o

queixo na palma da mão aberta.

— Você pediu a ele? — Delora virou seu corpo levemente em direção a Reia para mostrar que ela tinha sua atenção.

— Nah — ela respondeu com um aceno de cabeça. — Eu apenas o conheço bem o suficiente para saber que ele se sentiria mal por assustar você porque você é humana. — Então Reia projetou o queixo em ambas as direções dos Caminhantes do Crepúsculo. — Eu gosto do nome que você deu a ele. Estou feliz que ele finalmente tenha um.

— Como é que você não deu a ele então?

Reia ergueu os ombros. — Não queria a responsabilidade. Eu sou péssima em ser criativa. A única coisa que sei fazer são vestidos, e isso mesmo porque *tive* que aprender. Não porque eu quis.

As sobranceiras de Delora se juntaram com força.

— Isso significa que você fez o vestido que está usando?

Reia virou os olhos, mas não o rosto, para Delora, e então sorriu brilhantemente. — Sim. Orpheus me deu os tecidos e o equipamento de costura para que eu pudesse confeccioná-los. Ele também me deu algumas tinturas de tecido para que eu pudesse trocar as roupas brancas que ele já tinha com as ofertas que ele recebeu.

Os lábios de Delora se juntaram. Ela desviou os olhos de Reia para observar, bem a tempo de ver Orpheus bater com as costas da mão na lateral da cabeça de Magnar como se tivesse cometido um erro.

— Ofertas?

— Sim. Não tenho certeza se você já ouviu falar dele, mas ele é o Caminhante do Crepúsculo que estava por aí oferecendo proteção em troca de uma noiva.

— Sim, já ouvi falar dele. — Então Delora murmurou: — Mas eu pensei que os Caminhantes do Crepúsculo eram apenas um mito até conhecer Magnar.

— Bem, — Reia riu levemente. — Eles são definitivamente reais, como você pode ver.

— Sim, sem merda. Eu estou supondo que desde que você deu a ele sua alma, ele não estará procurando por mais oferendas? —

— Não. — Houve uma longa pausa, como se Reia estivesse

esperando que Delora dissesse algo. Quando ela não o fez, ela perguntou: — Então, como você acabou no Vêu?

Delora sentiu seu peito apertar. — É uma longa história.

Uma que ela preferia não revelar a ela, ou de todo.

Quando seus olhos se moveram para Reia, ela notou que os dela estavam semicerrados. Delora rapidamente desviou o olhar, deixando claro que ela não iria dizer mais nada sobre isso.

Se ela ia descarregar o passado que parecia um peso terrível em sua mente e coração, então faria isso com alguém em quem confiasse, alguém com quem se sentisse confortável. Ela faria isso com o grande Caminhante do Crepúsculo que quase caiu do toco de sua árvore tentando alcançar o galho que começou a rolar para longe dele.

Uma sensação fria percorreu todo o seu ser. Ela se perguntou se algum dia seria capaz de perder o medo de ser abandonada para realmente contar a verdade a ele.

Delora não queria que Reia soubesse disso primeiro para distorcer a história. Ela era uma humana. Ela entenderia o significado do que Delora tinha feito.

De repente, ela desejou que eles simplesmente desaparecessem para que fossem apenas ela e Magnar novamente. A presença deles a fazia sentir mais pressão, como se tivesse que fingir. Ela não queria ser rude, mas era o máximo que ela passava acordada desde que chegara ao Vêu e sua energia estava diminuindo.

Perder a vontade de viver era surpreendentemente desgastante.

— Você disse que tinha tinta de roupa — começou Delora. Ela deixou seu olhar cair desajeitadamente de volta para Reia para descobrir que ela ainda estava sendo encarada. — Isso significa que você tem tinta pra pintar?

— Pintar? — Reia franziu a testa com o pensamento, antes de balançar a cabeça. — Não, eu não. Por que?

Delora mordeu o lábio. Talvez ela estivesse pedindo demais, já que eles já haviam lhe dado muito, mas agora que sua mente havia captado esse fio, ela não podia deixá-lo ir.

— Que tal argila?

— Claro, mas Magnar já tem argila para construir.

Seu nome vindo de sua boca corroía Delora. Seu ciúme era como uma sanguessuga nojenta que se apegava permanentemente como um parasita.

Ela respirou fundo para resolver isso, antes de suspirar.

— Hum, tudo bem se eu pegasse um pouco de tinta emprestada então? — Delora virou a cabeça para o céu, suas feições relaxando com sua ideia. — Gostaria de pintar e posso misturar corante com argila. Faz tanto tempo que não pinto, mas se você não quiser ...

— Você pode comer o quanto quiser, Delora, — Reia rapidamente interrompeu. — Não temos muito para te dar porque eu mesmo preciso, mas o que você precisar para ser feliz aqui. Darei a você o que puder.

— Obrigada...

Delora realmente não sabia como expressar sua gratidão, mas tentou sorrir fracamente para ela. Foi estranho, e caiu imediatamente quando ela sabia que não havia alcançado seus olhos.

— Claro, — Reia riu, mas seus olhos tinham uma nitidez - algo sombrio. — Eu não quero que você fique como Katerina.

— Quem? — Delora perguntou com uma carranca.

O sorriso de Reia não era tão humilde quanto antes.

— Vou contar a história de Katerina, quem ela é e o que aconteceu com ela, quando você me contar por que caiu de um penhasco e pousou no Véu.

*Ah merda.* Os olhos de Delora se arregalaram quando Reia se levantou e começou a caminhar em direção aos Caminhantes do Crepúsculo, aparentemente encerrando a conversa.

Parecia que Reia não era tão dócil quanto parecia ser.

Delora estava hesitante em se sentar na cadeira de madeira que Magnar havia feito. Ela mordeu o lábio enquanto abaixava *lentamente* o traseiro antes de finalmente se jogar nele.

Ela pensou que quebraria sob *qualquer* peso, mas agora que ela estava nela, ela sabia que era realmente resistente.

O brilho amarelo de seus olhos amoleceu o coração dela, e só aumentou de intensidade quando ele colocou a mesinha correspondente na frente dela. Ele até deu a ela uma tigela de frutas para demonstrar suas capacidades, e ela comeu com entusiasmo para seu benefício, o que pareceu agradá-lo.

Ele fez isso enquanto Orpheus e Reia ainda estavam aqui, mas eles partiram há muito tempo, e Magnar estava trabalhando na varanda desde então.

Delora o observou em silêncio antes de perguntar como eles iriam encher o balde de lavagem que deram a ela. Magnar havia demonstrado um feitiço bastante bacana, mas também desanimador, que ele poderia executar. Ele cortou o pulso para produzir uma gota de sangue no balde, que começou a se encher de água quente.

Felizmente, a água não tinha cheiro estranho, mas tinha um gosto forte.

Ela não se importava. Era sua primeira chance de tomar banho desde que chegara ao Véu. A água estava quente, o sabonete que lhe deram era agradável, e ela enxugou o corpo da cabeça aos pés com um pedaço de pano.

Magnar esteve ocupado do lado de fora o tempo todo, mas ela o chamou assim que colocou uma toalha improvisada em volta do corpo. Ele ficou mais do que feliz em dar a ela sua última camisa limpa restante, e ela prometeu que a devolveria quando Reia lhe desse um vestido em um ou dois dias. Ela planejava limpar a suja que acabara de tirar e usá-la como camisola no futuro.

Reia tirou uma medida aproximada de seu corpo com o uso de barbante e disse que iria alterar um vestido que achava que poderia estar perto dela. Foi estranho após o fim abrupto da conversa anterior,

mas Reia ainda fez a oferta de fazer uma para ela.

Ainda assim, era bom sentir-se limpa. De alguma forma, isso a fez se sentir mais como ela mesma, mais humana.

— Você cheira diferente, — Magnar comentou enquanto cheirava seu cabelo enquanto ela comia.

Sua cadeira foi colocada ao lado de uma das paredes, pois pareceria deslocada bem no meio da casa vazia.

— É sabão. — Ela levantou a cabeça e quase deu uma cabeçada no focinho dele. — Eu disse que ia tomar banho.

— Eu não gosto disso. — Ele deu uma bufada em seu cabelo antes de se afastar. — Não tome banho. Eu gostava do jeito que você cheirava antes.

— Mas eu estava suja. — Quando ela soube que ele iria discutir, Delora baixou as pálpebras em aborrecimento. — É importante para os humanos tomar banho. Devemos fazer isso. É bom para nós, nos faz sentir bem, e ser impuro faz mal à nossa saúde.

Magnar soltou um bufo rabugento antes de admitir a derrota.

— Tudo bem, mas só porque ainda posso sentir seu cheiro por baixo do *sabonete*.

Uma vez que ela terminou de comer, Delora caminhou até o ninho que agora também continha um cobertor fino e um travesseiro macio dentro. Tinha forro azul-marinho e parecia ser de um tecido de boa qualidade, mas ela não teria se importado. Ela sempre achou difícil dormir bem sem algo a cobrindo, como se sua mente precisasse de uma barreira do mundo enquanto ela dormia.

Ela se ajoelhou lá dentro e então se inclinou sobre as paredes do ninho para pegar a escova de cabelo que Reia havia lhe dado. Ela começou a escovar o cabelo agora que estava seco. Seu cabelo era liso e, sempre que ela tentava escová-lo molhado, parecia pegajoso e quebrava com facilidade.

Foi um processo lento, pois não era apenas a primeira vez que ela escovava o cabelo em mais de duas semanas, mas a primeira vez que ela conseguia lavá-lo. Ela teve que começar pelas pontas e lentamente subir por todo o comprimento.

— O que é isso? — Magnar perguntou, aproximando-se para



poder colocar a mão em volta da que ela estava usando.

— É uma escova. — Ela olhou por cima do ombro para ele. — Ajuda a desfazer os nós do meu cabelo. Viu?

Para demonstrar, Delora empurrou a manga da camisa para cima e começou a escovar a pele na parte de trás do pulso. Seu pelo preto imediatamente pareceu mais brilhante, e ele acariciou os dedos sobre ele antes de bater no focinho.

Ele ergueu a cabeça para deixar claro que estava olhando para o cabelo dela quando ela começou a desembaraçá-lo novamente.

— Posso fazer isso?

Delora fez uma pausa com as cerdas emaranhadas em alguns nós.

— Você quer escovar meu cabelo para mim?

Seus olhos brilharam em um rosa avermelhado, mas ele assentiu quando ela tirou a escova para que ele pudesse segurar seus fios nodosos.

— Esta ação parece agradável. Eu gostaria de tocar seu cabelo e deixá-lo bonito para você.

Como um pedido tão simples poderia fazer seu coração gaguejar?

A escova parecia muito pequena em suas mãos grandes, mas Delora mostrou a ele como manejá-la sem causar dor. Magnar foi cuidadoso e cauteloso, como se pensasse que iria deixá-la careca com um movimento de sua mão. Isso fez com que a tarefa demorasse muito mais do que deveria.

Delora estava grata por isso.

Não demorou muito para que seus olhos se fechassem de satisfação. Especialmente quando ele tinha resolvido completamente os nós e estava apenas penteando o cabelo dela porque queria. Ele empurrou as cerdas sobre seu couro cabeludo sensível e parecia uma felicidade absoluta.

Então ele ficou mais corajoso, passando suas garras pelos fios também. Delora soltou um suspiro ofegante quando sentiu as pontas rasparem atrás de seu cabelo e na nuca. Um arrepio percorreu sua espinha, fazendo-a arquear.

— Eu vi Reia fazer coisas com seu cabelo, — Magnar disse, fazendo com que seus olhos se abrissem e se estreitassem na parede. — Você vai fazer essas coisas também? Ela as chama de *tranças*.

— Você parece terrivelmente próximo dela, — Delora resmungou, tentando ao máximo não soar mesquinha.

Ela estava feliz por ele provavelmente não ter entendido o tom de sua voz.

— Reia é o primeiro humano com quem falei. Foi ela quem convenceu Orpheus a me ajudar e foi muito gentil comigo. Foi ela quem me contou sobre os humanos para que eu não assustasse você.

Delora se virou para olhar para ele, e ele continuou a escovar o cabelo dela como se não quisesse se separar da ação.

— Eu teria comido você, se não fosse por ela. — Então ele rapidamente desviou o olhar, virando o focinho para um lado e depois para o outro. Ele coçou a nuca. — Talvez eu não devesse ter dito isso.

E lá estava aquela parede novamente.

Delora se perguntou com que frequência Magnar guardava seus pensamentos para si mesmo ou observava suas palavras perto dela. Ela não queria que ele se contivesse porque estava preocupado que ela ficasse com medo ou apreensiva com ele.

— Magnar. — Ela colocou a mão sobre a dele e começou a se virar.

— Se você vai fazer coisas engraçadas no seu cabelo, eu gostaria que você me ensinasse como. — Ele ainda não estava olhando para ela, mas ela podia ver que o brilho envergonhado de seus olhos estava aumentando. — Eu aprenderei por você.

Ele estava divagando. Delora se ajoelhou na frente dele entre seus joelhos abertos onde ele estava ajoelhado no ninho. Ela colocou as mãos no colo e sentiu o nariz esquentar de nervosismo com o que ela queria dizer a seguir.

Delora queria estar perto de Magnar. Orpheus segurou Reia, acariciou-a e acariciou-a sem hesitar, e ela queria que eles pudessem fazer isso também. Ela queria que as coisas fluíssem com facilidade entre eles.

— Você... uh, quer me tocar?

Agora que as palavras foram ditas, suas bochechas também ficaram quentes, mas ela se recusou a recuar.

— Sempre.

— Você pode, se você quiser. Onde você quiser, — Delora disse, e seus orbes mudaram para amarelo brilhante. A mão dele subiu, mas antes que pudesse cobrir o rosto dela, ela a segurou com as duas mãos para detê-lo. — Com uma condição. Quero que tire a camisa.

Magnar pressionou as pontas dos dedos no peito enquanto virava a cabeça para baixo e para o lado para poder ver além do focinho.

— Minha camisa? Mas me disseram para não mostrar meu corpo para você.

Delora estendeu a mão e deixou as pontas dos dedos roçar os ossos brancos salientes que estavam sobre as costas de suas mãos. Ela notou que Magnar tinha mais deles do que Orpheus. Mesmo sendo mais alto, parecia que Orpheus parecia mais... completamente formado.

— Eu acho que no começo isso pode ter sido sábio, mas você não precisa mais se esconder. Eu prometo que não vou ficar chateada.

Ambos precisavam dar um salto esta noite. Magnar precisava se despir parcialmente, e Delora precisava deixá-lo ficar curioso com ela. Ela esperava que essa fosse a resposta para construir uma confortável companhia entre eles.

Ela aparentemente estava com ele para sempre. Não fazia sentido nenhum dos dois ser tímido.

Delora nunca tinha visto Magnar abrir os botões de sua camisa. Quando parecia que ele estava lutando com as pequenas coisas com seus dedos grandes e garras curvadas, ela optou por ajudá-lo deslizando cuidadosamente as mãos sob as dele.

Ela começou de cima, e rapidamente foi revelado que seu corpo estava coberto de pelos, mas seus músculos peitorais estavam alinhados com pequenas penas que cresciam cada vez mais ao redor de seus ombros. Quanto mais baixo ela descia, mais revelava os sulcos no pelo ao redor de seu estômago, mostrando o quanto os músculos

em seu corpo magro se afundavam. Ele parecia forte, seu torso mais longo do que um humano seria.

Ela não entendeu por que isso deveria ser desconcertante, por que ele foi instruído a esconder seu corpo, até que ela desfez o último botão e começou a retirá-lo de seus ombros.

Uma parte dela sabia que poderia ver mais ossos estranhos fora de sua carne, mas ela não pensou que veria sua caixa torácica inteiramente, nem sua placa esterno. Ela também podia ver as bolas de seus ombros e a parte superior interna de seus ossos do quadril, já que o resto estava afundado.

Magnar ficou congelado sob seu olhar. Ela olhou para ele através de seus cílios antes de estender a mão e acariciar um lado de suas costelas para mostrar que estava bem com eles.

— Você sempre foi assim? — ela perguntou.

Ela passou as pontas dos dedos sobre eles. Sua cabeça se ergueu ligeiramente para trás, e seu pelo e penas incharam como se seu corpo estivesse emocionado com seu leve toque.

— Não. Os ossos continuam afundando sob minha carne.

— Por que você está mudando?

Ela deslizou os dedos para baixo para poder tocar seu abdômen, onde o pelo de seu corpo parecia ser o mais curto. Ele tinha umbigo, o que a surpreendeu.

Quando ele não respondeu, Delora se afastou e esperou que ele respondesse. Ele não o fez, e ela notou que ele estava propositalmente virando seu crânio para longe dela, como se pensasse que isso era o suficiente para evitá-la.

Quando ela cruzou os braços sobre o peito e ergueu a sobrelance para ele, Magnar começou a ficar mais inquieto. Ela imaginou que ele reconheceu que ela estava ficando chateada. Talvez Reia tenha feito uma ação semelhante.

— Eu obtenho um pouco mais de humanidade toda vez que como um de sua espécie. Meu corpo também muda. Ossos afundam enquanto mais carne cresce.

Com esse conhecimento, Delora deixou seus olhos percorrerem seu torso revelado. Ela imaginou que a razão pela qual ele era muito

mais magro que Orpheus, embora mais alto, era porque, em um estágio, seu corpo deve ter sido deformado e quase como um esqueleto.

Ela estava feliz por pelo menos estar do jeito que estava agora, já que não era nada difícil de se olhar.

Na verdade, quanto mais ela olhava para o peito dele, mais ela queria cravar o dedo na textura de seu pelo. Ela queria arrepiar suas penas e sentir seus músculos fortes sob suas palmas.

Em vez disso, ela abriu o primeiro botão da camisa preta que vestia. Então ela agarrou a mão dele para que pudesse colocar a palma quente contra a parte plana de seu peito logo acima do peito.

— Toque, Magnar. — Ela puxou a mão dele um pouco para baixo de seu peito para lhe dar coragem. — Eu prometi que você poderia.

— Você disse onde eu quisesse... Isso significa como eu quiser também?

Ele trouxe sua mão de volta para que pudesse roçar as bordas de suas garras contra a parte inferior de sua mandíbula.

— Sim.

Magnar passou as costas de suas garras sobre os ombros dela, descendo por suas costas, e então agarrou suas nádegas com ambas as mãos. Ela soltou um guincho surpreso quando ele a ergueu sobre as pernas até que ela descansasse no topo de suas coxas. Seus torsos foram espremidos juntos quando ele colocou a parte inferior de sua mandíbula nas costas dela.

*Um abraço?* ela pensou quando ele colocou os braços ao redor de sua barriga e apertou. Delora ergueu os braços para que pudesse envolvê-los em volta do pescoço dele para retribuir o abraço e foi recompensada com um bufo satisfeito.

— Eu sou muito maior que você. — Ele começou a esfregar o lado de sua mandíbula contra a parte de trás de sua cabeça. — Mas você se encaixa bem em meus braços. Eu gosto disso. Eu me preocupo em estar perto de Reia porque ela é tão pequena e fraca, mas você é perfeita assim.

Uma centelha de ternura vibrou em seu peito como uma

borboleta tímida, e só se moveu mais rapidamente quando ele se afastou enquanto apoiava a parte de trás de sua cabeça. Ele passou a língua pela borda de sua mandíbula, do queixo até a orelha.

Ela não esperava que sua lambida provocasse um pequeno arrepio em seu corpo. Cresceu em intensidade quando ele lambeu de sua clavícula e, em seguida, para cima e sobre sua orelha, desta vez até o ponto que ela sentiu dobrando e mergulhando dentro da concha.

Delora se contorceu em seu colo quando sentiu um pulsar nos lugares delicados de todo o seu corpo. Ela nunca percebeu o quão sensível seus ouvidos eram antes, mas mesmo sua respiração pesada sobre a carne agora coberta de saliva a fez ofegar com calor sutil.

— Eu vi que você queria fazer isso antes — disse Delora, agarrando os dois lados do focinho dele para detê-lo, já que estava fazendo cócegas nela e enviando sinais estranhos e indesejados por todo o corpo.

— Já vi Orpheus fazer isso muitas vezes e sempre me perguntei por quê. — Apesar de suas mãos o segurando, Magnar abriu suas presas e puxou sua língua ainda mais forte contra ela, quase lambendo toda a frente de seu pescoço. — Eu posso sentir o seu cheiro, e é bom.

Quando ele agarrou sua coxa com a palma da mão, Delora notou que ele embainhou suas garras para proteger sua pele. Ele deslizou para cima, e ela sabia quando ele enfiou os dedos sob a bainha de sua camisa porque ele os mexeu para chegar por baixo.

Ela se encolheu quando ele agarrou seu estômago, mas seu xingamento seguinte disse que ele estava encantado com a sensação na palma da mão. Era áspero de calos endurecidos. Pareciam ásperos, mas deliciosos quando ele os escovou sobre seu lado e a agarrou ali antes de passar por suas costas para poder acariciar sua pele.

Magnar parecia curioso sobre cada entalhe de seu corpo, como cada um entre suas vértebras e cada rolo de suas costas e para os lados. Cada golpe de sua mão, enquanto o outro a apoiava em suas pernas, segurando seu traseiro, deixava um formigamento em seu rastro.

Ele tocou suas costas em todos os lugares, não deixando nenhum ponto perdido.

Ele até enfiou a mão na manga dela para tocar as articulações

dos ombros, os bíceps. Ele cavou até onde a camisa lhe permitia caber antes de escorregar para descer pelo meio das costas dela novamente.

*Eu nunca tive alguém aprendendo meu corpo assim.*

Havia lugares que pareciam estranhos, como suas axilas, mas ela entendeu que ele não via problema em nenhuma parte de seu corpo. Ele não tinha a ideologia de julgamento de um ser humano – era apenas outro lugar para tocar em seu corpo.

Embora, ela mencionou que fazia cócegas.

Quando sua mão começou a acariciar seu lado, mas alto, Delora sabia onde era seu próximo destino.

Ela mordeu os lábios e fechou os olhos com força. Seu seio literalmente se juntou em sua palma quando ele o levantou, e ele o segurou para que pudesse roçar seu mamilo com o polegar curiosamente.

Ele o girou na palma da mão antes de passar para a outra para fazer o mesmo, mergulhando levemente entre elas para provocar seu esterno e clavícula.

Um gemido agudo de repente saiu de seus lábios quando ela sentiu a língua dele lá!

Delora abriu os olhos para descobrir que ele usou o antebraço para levantar a frente de sua camisa e deslizou o focinho por baixo para que pudesse lambe seu mamilo diretamente. Sua língua tinha sido áspera e texturizada contra ela, enviando uma onda de choque por todo seu sistema que disparou direto para sua boceta para fazê-la pulsar.

Ela até sentiu uma poça de líquido em sua entrada. Ela se contorceu um pouco.

— Achei que eles teriam um gosto diferente quando os vi. — Ela estava prestes a perguntar a ele quando ele viu seus seios, apenas para lembrar que ele a limpou e mudou quando a curou pela primeira vez. — Entretanto... — Ele cheirou o peito dela com movimentos rápidos e então bufou. — Há um cheiro muito doce vindo de você agora. Daqui.

Delora quase pulou para fora de sua pele quando sua mão exploradora colocou entre suas coxas abertas. Sua boceta inteira, do

clitóris à fenda, repousava na palma da mão grande.

Ok, então ela disse que Magnar podia tocar, mas ela não achava que seu corpo reagiria assim. Que ela ficaria excitada com o mais simples dos toques, porque ele estava sendo tão leve e gentil com ela.

Ela também não achava que ele seria capaz de sentir o cheiro que ela estava ficando excitada.

Seu rosto ficou quente, mas antes que ela pudesse agarrar seu antebraço para parar o que quer que ele estivesse prestes a fazer, sua mão agarrou sua coxa e puxou. Delora foi rolando para trás até que seus ombros bateram na maciez do ninho com a bunda no ar.

Magnar ergueu a perna dela.

A blusa que ela estava usando caiu sobre seus seios, todo o seu corpo à mostra para ele, e ela percebeu que ele estava inspecionando entre suas pernas de perto e pessoalmente!

— O que é isso? Eu não tenho nada assim no meu corpo. — Ele inclinou a cabeça enquanto cheirava tão diretamente que ela sentiu o osso duro de seu focinho pressionar contra suas dobras. Ela temeu o pior quando ele passou a língua na lateral do focinho, quase como se fosse lambe a quantidade de líquido que havia coletado. — Mas eu gosto do jeito que cheira e prova.

Delora ficou chocada, congelada em sua posição de cabeça para baixo, mal acreditando que sua boceta estava bem na frente do rosto de um Caminhante do Crepúsculo sendo cheirada. Como ela deveria explicar o que isso era para ele? Qual era a sua função?

Seu coração disparou tão descontroladamente que ela podia senti-lo em seu estômago, seu pulso, dentro de seu núcleo que ele estava olhando diretamente.

Ela *queria* explicar isso?

Quanto mais tempo ela ficava nessa posição, sendo inspecionada de forma tão inquisitiva a ponto de ele literalmente usar a ponta do dedo indicador da mão livre e *esfregar* a protuberância dura de seu clitóris, mais ela queria explicar para ele. Especialmente desde que fez com que a parte interna de suas coxas se contorcessem de prazer.

Ela queria que ele soubesse o que fazer com isso.



Delora cobriu a boca. *Eu realmente quero que ele me toque assim?*

Seus orbes brilharam em um roxo escuro antes de retornar ao brilho amarelo de curiosidade. Ela nunca os tinha visto ficarem daquela cor antes, e ele ergueu a cabeça e olhou em volta como se estivesse surpreso.

Magnar continuou a acariciar seu clitóris. Ele pulsava cada vez mais com necessidade e desejo, enquanto o desejo rapidamente se enrolava em sua barriga como uma besta faminta desesperada por atenção.

Ela não sabia o que estava causando essa reação. Se era porque ele a tocava ou porque suas reações eram além de adoráveis e não continham más intenções, isso a fazia sentir como se estivesse pegando fogo de repente, e ela precisava dele para apagá-la.

Ou se, talvez, fosse porque ela não conseguia se lembrar de ter sido tocada tão delicadamente antes. Cada aperto, lambida, puxão e carícia foram preenchidos com cuidado, como se ele pensasse que ela era feita de vidro. No entanto, ele sabia que ela não era pelo simples fato de estar deitada apenas sobre os ombros, com a bunda quase encostada em seu peito.

Mas de alguma forma... parecia *errado* fazer isso quando estava claro que ele não entendia.

— Você também tem um buraco aqui, — ele disse enquanto levava o dedo para baixo entre os lábios de suas dobras para tocar na entrada fendida de suas entranhas.

— Magnar. — Ela precisava pará-lo para que eles pudessem falar corretamente sobre isso.

A próxima palavra que saiu dela foi quase uma palavra. Foi um 'eek!'. Um guincho agudo quando ele enfiou aquele dedo grande dentro dela tão abruptamente e sem aviso que fez suas costas se curvarem.

Delora involuntariamente estremeceu ao redor daquele dedo, uma onda de arrepios intensos e cheios de calor dançando ao longo de sua carne.

Era mais comprido do que o de um humano, a ponto de ela pensar que poderia estar perto de roçar o colo do útero, e era grosso o

suficiente para preenchê-la parcialmente.

Delora não percebeu que sua visão estava atordoada até que ele puxou o dedo médio de seu canal e o inspecionou.

— Está molhado?

Ele esfregou a ponta do polegar sobre a mancha que cobria sua carne cinza escura e espalhou-a sobre o dedo médio também.

— Espere! — ela gritou quando o viu se mover.

Ela correu para frente, mas ele foi mais rápido do que ela. Desta vez, ele afundou os dedos médio e indicador dentro dela. Um estremecimento de corpo inteiro a atingiu desta vez, e ela trouxe os punhos cerrados perto do peito quando se contorceu.

Delora derreteu quando um pequeno gemido escapou dela.

— Está quente dentro de você, — ele comentou antes de começar a mover os dedos para frente e para trás. — E esse cheiro fica mais forte quando eu brinco com você aqui.

Foi a sensação mais estranha quando ela o sentiu *cavando* dentro dela. Seus dois dedos movendo-se individualmente enquanto torciam, acariciavam e mergulhavam dentro de sua vagina, mas cada um a fazia estremecer de prazer.

*Por que...* Delora soltou um gemido e fechou os olhos com força, sabendo que seu rosto estava vermelho brilhante. *Por que isso é tão bom?*

*Eu não vou impedi-lo...* E ela sabia que na verdade... não queria.

Especialmente quando parecia uma felicidade absoluta quando um dedo se curvou e arranhou seu ponto G a ponto de ela recuar de volta para a mão dele. Seus quadris balançaram no ar enquanto um gemido alto passou por seus lábios trêmulos desta vez.

Magnar fez uma pausa. Ela não sabia que estava à beira de um orgasmo até que ele a roubou ao fazê-lo.

— Delora? — Ela espiou abrindo os olhos para descobrir que os orbes dele estavam brancos de incerteza. — Você está fazendo sons como se estivesse com dor. Estou te machucando? Achei que esse cheiro significava que você gostava.

Como se não pudesse evitar, Magnar, ainda com os dedos profundamente dentro dela, inclinou-se e acariciou seu clitóris com

sua língua firme. Ela sentiu as paredes de sua boceta apertar seus dedos.

Sua cabeça disparou para trás em surpresa quando ele sentiu.

— N-Não, — ela murmurou, sua voz rouca, aguda e carregada de tanto desejo que soava erótico até para seus próprios ouvidos. — Isso, uh, é bom, Magnar. Muito bom.

Seus orbes brilharam em amarelo, e ele a abaixou para que pudesse pegá-la e fazê-la se ajoelhar em cima dele novamente. Parecia que ele queria estar mais perto dela, porque ele se recusou a tirar os dedos dela o tempo todo e agora estava apertando seus peitos juntos.

— Eu encontrei um lugar que você gosta de ser tocada? — Segurando a nuca dela com a mão enquanto seu braço apoiava as costas dela, ele virou a cabeça para ela em questão. — Isso é bom?

Agora que ela tinha um poleiro real e era capaz de se sustentar, quando ele começou a mover os dedos para dentro e para fora dela, seus quadris giraram. Seu corpo buscava mais fricção, mais de seu toque.

Em vez de responder, Delora deslizou os braços sob os dele para que ela pudesse envolvê-los em torno de seu corpo magro. Ela enfiou os dedos em seu pelo e o segurou, enterrando o rosto entre os firmes músculos peitorais.

Ela gemeu quando seus dedos ásperos roçaram seu ponto G inchado.

— Esse som significa que você gosta disso, sim?

As coisas estavam indo muito rápido, ela sabia disso, mas ela o agarrou com mais força, preocupada que ele parasse. *Eu sinto que vou gozar.* Ela não conseguia se lembrar da última vez que ela veio por causa de outro.

Quando sua respiração engatou e ela gemeu novamente, Magnar percebeu que havia encontrado o lugar mais doce para ela. Ele continuou atacando impiedosamente até o ponto em que seus olhos rolaram para trás de sua cabeça.

— Bem aí, — ela implorou, seu corpo saltando enquanto ela tentava resistir em seus dedos.

Seus mamilos endurecidos descobertos roçaram contra ele,

fazendo-os pulsar com a sensação de suas diferentes texturas. Ossos duros, músculos densos e pelos macios que fazem cócegas.

— S-sim, Magnar. Eu gosto disso.

Ela não sabia quando sua mente ficou entorpecida, quando seus pensamentos ficaram em branco, ou quando ela abandonou todas as suas inibições para permitir-se indecente e desenfreadamente contrair-se em seus dedos como se estivesse montando um pau, mas isso é o que Delora estava fazendo.

Ela sabia que seu rosto estava enterrado em pelos e penas em vez de carne humana. Que o cheiro delicioso de fava de baunilha e creme pertencia a Magnar. Ela sabia que o rosnado que estava começando a sair dele era porque ele era um Caminhante do Crepúsculo.

Delora apertou os braços ao redor dele e agarrou suas penas com mais força em suas mãos a ponto de saber que devia estar arrancando algumas.

— Não pare, — ela murmurou enquanto girava incontrolavelmente. — Por favor, não pare.

Sua boceta estava pulsando, pulsando e tremendo. Estava tão molhado que ela podia sentir o deslizar fácil de seus dedos que ficavam mais rápidos depois de sua súplica. Delora sabia que estava prestes a gozar alegremente em torno de seus dedos, e ela estava absolutamente morrendo de *vontade de fazê-lo*.



O cheiro vindo de Delora estava começando a saturar o ar, e Magnar soprou avidamente.

Ainda cheirava a maçãs e geada, mas havia um leve travo nisso, algo que deixou sua mente formigando. Cheirava *maldoso*, cheirava quente, e o aroma disso, misturado com os pequenos gritos cheios de prazer que ela dava, fazia seu arfar exterior.

Seu pelo se arrepiou, suas penas se levantaram e uma vibração em sua espinha fez seu corpo estremecer em reação ao ponto em que sua cauda balançou. Ela batia alegremente contra o chão.

Sua visão mudou para roxo e ele olhou em volta surpreso com a cor. Esta foi a primeira vez que sua visão ficou *roxa*, e ele não tinha ideia do seu significado.

Mas toda vez que mudava para ele, ele sentia algo mexer em sua virilha sob sua carne. Ele também nunca experimentou essa sensação antes.

No entanto, Magnar não pensou em se concentrar nessas mudanças dentro de si.

Delora estava gemendo contra ele com o rosto enterrado na pele de seu peito, algo que ele esperava que fosse um bom sinal. Seu corpo estava se contorcendo em seus dedos enquanto ele os movia, e suas entranhas estavam tremendo e sugando-os.

Ele nunca pensou que tocá-la por dentro a faria reagir assim, especialmente porque ele pensou que era uma ferida quando a curou pela primeira vez, apenas para descobrir que essa fenda ainda permanecia em seu corpo. Contanto que ela não estivesse sangrando e fosse óbvio que ela estava gostando de seu toque, ele não se importava com o que estava fazendo.

Ele só queria fazer Delora feliz, e ela parecia muito, *muito* feliz agora.

Ele a estava tocando, segurando-a, e ela estava agarrada a ele como ele sempre quis. Talvez não assim, não com ela fazendo um som tão bonito, mas ele descobriu que realmente gostava mais disso do que de suas fantasias de abraçá-la.

O cheiro dela estava sufocando seus pulmões, assim como sua mente. Ele estava irresistivelmente atraído por ela. Ele estava desesperado para inalá-lo, prová-lo, para que o cobrisse. Ele não entendia seu desejo insaciável por isso, mas estava tão obcecado em aprofundá-lo que tentou seguir as dicas dela.

Magnar sempre foi um aprendiz rápido, então ele sabia pelos engargalos de sua respiração, ou alteza de seu gemido que ele havia passado por um ponto que ela gostava. E quando as entranhas dela

incharam em torno de seus dedos, ele ficou onde estava e brincou.

— Ah, *Magnar*.

O som de seu doce choro com o nome dele alterou sua visão para roxo completamente e permaneceu lá.

Ele sentiu seu interior em sua virilha se contorcer. Era uma sensação estranha, mas também agradável, formigando com uma dureza estranha que ele podia sentir com a percepção de pulsação.

— Oh, Deuses. Eu vou gozar, — Delora chorou sem fôlego, seu próprio ímpeto aumentando.

Ele estava curioso para saber o que ela queria dizer. Ele queria saber o que estava para acontecer e moveu os dedos mais rápido para ver se isso a ajudaria.

Delora jogou a cabeça contra a mão dele descansando atrás de seu pescoço, arqueou as costas e gritou no momento em que suas paredes internas se apertaram com tanta força em torno de seus dedos que parecia que não havia espaço para mais nada dentro dela. Então um líquido quente saiu dela, cobrindo os dedos e a palma da mão com seus sucos enquanto ela se contorcia, girava e saltava.

E aquele *cheiro* agora estava em toda parte.

Magnar rosnou, antes de lambeu seu pescoço. Ele precisava desesperadamente prová-la, sua mão movendo-se mais rápido entre suas coxas — o lugar que ele realmente queria devorar com a boca, a fonte daquele cheiro.

Seu corpinho tremia em seus braços, e ele olhou para o rosto dela com os lábios entreabertos em sua doce canção. Seus olhos castanhos pareciam atordoados, mas havia algo em sua expressão que tinha um sentimento sombrio de possessividade rastejando das profundezas dentro dele.

Ele sabia que era especial e queria que apenas ele fosse aquele que o visse.

*Minha...*

Ele sentiu algo escorregando de seu próprio corpo, algo que doía, e ele olhou para baixo para olhar sua virilha para ver que algo estava apertando suas calças.

Sua mente foi então atingida.

Algo estava acontecendo com ele, mas ele ainda não havia olhado para baixo de seus corpos. A mão dele estava entre as coxas dela, os lábios rosados dela espalhados ao redor dos dedos cinza-escuros dele, e ele podia ver que tudo estava molhado e brilhando nela. Ele nunca tinha visto uma visão tão maravilhosa. Sua mente congelou, incapaz de tirar a visão deles juntos assim.

O calor queimou por todo o seu corpo, e o que quer que estivesse crescendo dele disparou mais para frente.

Magnar gritou com a dor que sentiu. O que tinha saído dele estava espremido dentro de suas calças, e o material parecia *horrível* contra ele.

Quando sua visão púrpura se tornou branca em confusão e preocupação, ele abaixou Delora de suas coxas. Ele tinha a intenção de fazer isso com cuidado, mas o movimento fez raspar contra o material interno de sua roupa como uma lixa.

Ele acidentalmente a empurrou para longe dele com mais força do que pretendia com um grito.

— Magnar? — Delora perguntou com uma carranca marcando sua testa.

Seus lábios estavam entreabertos como se ela estivesse ofegante, e suas bochechas estavam rosadas, não de vergonha, mas sim porque ela estava quente.

Ele se encolheu quando a dor piorou.

Ele queria se desculpar. Em vez disso, ele saiu correndo de casa quando a dor em seu corpo cresceu até que ele não pudesse mais ignorá-la.

Uma vez fora e ao lado da casa, ele agarrou a frente de suas calças e quase suspirou de alívio quando soltou o que o incomodava.

Ele se ajoelhou e torceu a cabeça em perplexidade. Ele segurou a coisa fálica que se projetava entre os ossos do quadril. Ele nunca soube que a linha no centro de sua virilha poderia se separar e revelar uma haste roxa escura que tinha uma ponta quase preta.

Quatro tentáculos contorceram-se ao redor de sua circunferência longa e grossa com pontas em busca da base da fenda que se abriu. As pontas dos tentáculos se alargaram com uma pá e

tinham pequenos nódulos dentro delas.

Ele curiosamente cutucou o lado da parte dura, não se contorcendo, vindo dele.

— O que é isso? — ele murmurou, afastando o dedo depois de cutucá-lo para descobrir que estava realmente coberto por um líquido escorregadio.

A cabeça tinha uma forma oval arredondada, mas a borda tinha protuberâncias ao redor. Havia três conjuntos duplos de nódulos irregulares menores descendo pelo topo e pelas laterais da dura haste fálica, e uma reentrância profunda saindo de baixo dele.

Ele tentou cheirar. Ele não conseguiu chegar tão longe, mas tinha um cheiro doce pelo que ele podia dizer.

Ele não tinha certeza do que fazer com essa coisa nova em seu corpo.

E quanto mais ele não fazia nada, olhando para ele interrogativamente, mais o ar chegava a ele. O líquido que o cobria, como se fosse uma camada protetora, começou a secar.

Magnar recuou.

— Dói. — Então ele se afastou novamente como se pudesse escapar de sua própria parte do corpo. — Por que dói?!

Ele gritou quando secou ainda mais e agarrou-o para fazer parar de queimar. Isso cobriu apenas parte dela e a cabeça que foi exposta inchou devido à terrível sensação de ardor que não aliviava e, ao contrário, tornou-se bastante angustiante.

Ele agarrou-o com as duas mãos enquanto gemidos agudos ecoavam na noite ao seu redor e então ele começou a *empurrá-lo* de volta para dentro.

Doeu, criando uma pressão horrível em sua virilha devido à dureza dela, mas ele continuou tentando colocá-la de volta onde instantaneamente se sentiu melhor dentro do abrigo de seu corpo.

Os tentáculos que estavam procurando por algo começaram a se enrolar em volta da haste de forma protetora. Isso aliviou o pior de sua dor, mas ele não conseguiu colocar a última parte dentro de seu corpo até que amolecesse de sua angústia.

Magnar sentou-se de cócoras enquanto olhava para a linha de



pêlo que se voltava para dentro bem entre seus quadris. Agora que se foi, ele não sentiu mais nenhuma sensação ali – nem boa como no começo, nem ruim como no final.

Ele deu uma bufada irritada em seu corpo.

Magnar prometeu a si mesmo que a coisa estranha e dolorosa que havia saído dele nunca mais teria permissão para emergir.

No entanto, no momento em que sua mente tentou se voltar para algo positivo, como como Delora tinha *gozado* - como ela chamava - em torno de seus dedos, e ele ergueu a mão para cheirar seu líquido, sua visão piscou para roxo.

Sua virilha começou a se contorcer e sua costura começou a abrir!

Um gemido agudo veio dele, e ele empurrou as mãos contra ele para mantê-lo fechado. Ele deixou sua visão vagar pelo quintal.

Pensar em seu cheiro, em seus ruídos, nas caretas que ela fazia, fazia seu corpo se mexer.

— Isso... isso significa que não posso tocá-la novamente?

Mas ele queria, muito.

Ele curvou sua língua para poder lambe suas presas por fora, a necessidade insaciável de provar o mel que jorrava dela agarrando sua mente como um animal frenético recusando-se a largar sua presa. Ele *precisava* prová-la.

Agora ele se perguntava como deveria fazer isso sem que *isso* viesse dele.

Delora se enrolou no novo cobertor que recebeu até que estivesse bem e verdadeiramente como um *burrito* dentro dele. Ela até enfiou o travesseiro na abertura para apoiar a cabeça enquanto tentava se esconder do mundo.

*Eu não posso acreditar que ele saiu de repente assim!*

Ela sentiu todos os tipos de emaranhados de emoções. Raiva, constrangimento, vergonha, culpa, mas ela não se sentia assim até que ele retirou os dedos dela e saiu correndo como se ela estivesse pegando fogo.

Em vez disso, Delora estava bufando contra seu peito, flutuando em algum estado de euforia feliz depois de entrar diretamente em sua mão.

Ela queria quebrar a barreira entre eles. Ela não sabia que isso o levaria a enfiar os dedos dentro de sua boceta, mas ela se sentiu inegavelmente mais próxima dele por causa disso. Delora tinha *gostado*.

Ela nunca teve alguém focado apenas em seu prazer ao invés de apenas deixá-la excitada para que eles pudessem receber o seu próprio. E a maneira como Magnar segurou a parte de trás de sua cabeça e lambeu afetuosamente seu pescoço enquanto perguntava se ela gostava do que ele estava fazendo fez seu coração disparar.

Agora batia de pavor a cada baque.

*E se eu fui a única que gostou?* Ela tinha entendido mal como ele estava se sentindo? Foi por pena que ele fez isso com ela?

Mas ela também se sentia culpada e envergonhada por deixá-lo continuar sabendo que ele estava apenas... aprendendo? Delora sabia que ele não tinha ideia do que tinha feito e tinha corrido por puro instinto. Talvez ele tivesse feito isso por ela, mas parecia extremamente unilateral.

Embora ela o achasse adorável e doce, era o equivalente a tirar vantagem de um idiota ingênuo. Ela estava com raiva de si mesma por ter deixado ir tão longe, por não tê-lo impedido porque gostava e queria.

*Espero não ter estragado as coisas.*

Ela abraçou sua barriga enquanto temia o pior. Especialmente quando ela lutou para adormecer porque ele não voltou.

Mesmo quando o céu clareou, Magnar estava livre da área. Ela fez questão de ficar dentro da fronteira de sua ala, mas ela sabia depois de explorar tudo em busca dele que ele havia partido.

Havia um balde cheio de água fresca e um pouco de comida que ela havia recebido, então ela tinha o suficiente para se manter bem.

Ele nunca tinha ido por tanto tempo antes, e sem ele lá, Delora tinha pouco mais a fazer além de pensar. E ela não queria pensar. Seus pensamentos nunca eram positivos.

Olhando para as mãos enquanto estava sentada nos degraus da varanda para que ela pudesse ver quando ele voltasse, Delora sentiu o desejo de tentar virar fantasmagórica. Ela nunca havia tentado antes, assustada com toda a ideia. Agora que ela não tinha ninguém para observá-la com olhos possivelmente críticos, ela se sentiu corajosa o suficiente para tentar.

Afinal, era melhor do que ficar ali deprimida.

— Ok... então como eu faço isso?

Ela virou as mãos para baixo, de modo que as palmas estivessem voltadas para os degraus recém-esculpidos, antes de virá-las novamente, desejando que seu corpo mudasse.

Isso é tudo o que precisou.

No momento em que quis ficar transparente, imaginou, sentiu-se flutuando cerca de um centímetro dos degraus da varanda na mesma posição em que estava sentada. Seus braços deram cambalhotas ao sentir nenhum apoio ou assistência. Ela acabou ficando de cabeça para baixo de forma que a parte superior de seu corpo passou pelos degraus enquanto suas pernas chutavam o ar.

— Vá firme! Vá firme!

Mais uma vez, foi tão fácil.

Ela flutuou para fora dos degraus, ficou sólida e caiu de cara no chão com um baque distinto.

Seus olhos lacrimejaram de dor por bater no nariz e pela maneira como seu pescoço torceu quando sua cabeça bateu na escada

da varanda. Delora deslizou antes que o resto de seu corpo caísse sobre sua cabeça. *Oi!!*

— O que você está fazendo, Delora?

Um grito a deixou quando ela ouviu a voz de Magnar, sem perceber que ele estava lá para vê-la cair de cara no chão. Deitada de costas, ela cobriu as bochechas avermelhadas para se esconder, desejando voltar no tempo para cinco segundos atrás.

— Você voltou? — Ela ganhou coragem para olhar para ele — para descobrir que ele olhava para qualquer lugar, menos para ela. — Onde você foi?

Havia dois pássaros mortos pendurados em uma de suas mãos, balançando ao lado de sua coxa, e ela os olhou com cautela.

— Acho que os pássaros são fáceis de capturar em comparação com as criaturas terrestres, e é por isso que eu mesmo tenho tantas penas. — Ele levantou o braço e empurrou-os em sua direção. — Você precisa de carne, então fui caçar para você.

— Você saiu para me trazer comida?

Ela teria ficado aliviada com isso, mas toda vez que a cabeça dele começava a se mover em sua direção, ele a afastava.

— Fui visitar Orpheus, mas eles não estavam em casa. Achei que eles poderiam estar caçando, então tentei encontrá-los, mas não consegui. Lembrei que você tinha pouca comida.

Quando ela não pegou os pássaros, ele os colocou no chão ao lado dela e deu um passo para o lado.

— Tenho um trabalho que preciso fazer. — Ele começou a se afastar enquanto acenava com a cabeça - mas mais para si mesmo do que para ela. — Sim. Ainda preciso fazer os suportes para o telhado da varanda.

Delora olhou para os pássaros a seus pés com desgosto. Ela não sabia por onde começar, pois nunca havia depenado uma galinha em toda a sua vida e também não sabia que espécie de ave era.

*Isso é seguro para mim?*

Seus olhos se desviaram para Magnar, que se sentou no toco e começou a esculpir no grande tronco em que estivera trabalhando no dia anterior. Ele estava de costas para ela, e Delora sentiu seu coração

afundar.

*Eu não estou realmente com fome, no entanto.* No entanto, ela não conseguia se lembrar da última vez que comeu. Definitivamente não era hoje.

Por mais que ele estar distante a incomodasse, ela estendeu a mão para agarrá-los pelos pés. Os dois pássaros eram grandes e principalmente marrons. *Eu estripei uma galinha, então pelo menos posso fazer isso.* E arrancá-los não parecia *muito* difícil, apenas nojento.

Com isso, Delora colocou-os cuidadosamente na varanda onde estavam seguros e começou a recolher pedras grandes pelo quintal. Ruídos de gemidos podiam ser ouvidos dela enquanto ela pegava algumas pedras bastante grandes que eram um pouco pesadas demais para ela carregar.

Ela olhou Magnar em seu periférico. Ela intencionalmente fez uma tarefa difícil para conseguir que ele a ajudasse, mas ela só notou que seu corpo tremeu antes de ele virar a cabeça para o outro lado.

Ele, que geralmente estava sempre curioso sobre ela, nem perguntou o que ela estava fazendo.

No momento em que Delora tinha feito um grande anel de pedras e coletado galhos secos suficientes para colocar no meio para fazer uma fogueira decente, seu rosto formigava com vontade de chorar. Ela estava sufocando, recusando-se a permitir-se a liberação, a derramar uma única lágrima.

*Ok, eu fodi tudo.* Ela procurou os fósforos dentro e tentou acender o fogo. Sua fogueira caseira estava a cerca de três metros dos degraus da varanda. Estava longe o suficiente para que a casa não pegasse fogo, mas perto o suficiente ela seria capaz de sentir seu calor.

*Ele não está falando comigo. Ele nem vai olhar para mim.*

Delora se jogou nos degraus e começou a trabalhar descuidadamente para arrancar as penas dos pássaros.

*Mas não é só minha culpa!* A culpa era principalmente dela. *Ele colocou os dedos literalmente dentro de mim sem avisar!* Delora sabia que provavelmente poderia tê-lo parado. *Você deveria pedir permissão a uma garota para tocá-la...* Sim, mas ela girou em sua mão como uma porra de uma gata no cio independentemente.

Delora arrancou o segundo pássaro mais rápido quando sentiu como se um inseto tivesse se aninhado sob sua pele e continuasse mordendo seu coração.

*Eu deveria me desculpar com ele.* Mas então ela teria que explicar por que estava se desculpando, o que significaria que ela teria que explicar o que eles fizeram juntos. *Eca. Não seria tão difícil se ele fosse humano.*

Seus olhos se afastaram de sua tarefa para pousar sobre ele.

Não seria tão difícil se ele fosse um humano, mas era duvidoso que a situação tivesse acontecido em primeiro lugar, porque bem no fundo, Delora tinha uma sensação engraçada de que não ficaria tão confortável com outro humano, especialmente um homem. Ela nunca teria permitido que eles a segurassem, tocassem ou mesmo fizessem algo tão simples quanto escovar seu cabelo.

Os humanos geralmente tinham segundas intenções. Magnar não tinha nenhuma.

*Eu me pergunto quando comecei a achá-lo atraente.*

Ela desviou os olhos sobre os grandes chifres saindo de seu crânio ossudo, imaginando quando ela começou não apenas a cuidar dele, mas a gostar dele o suficiente para começar a sentir desejo.

O que antes era desagradável em seu rosto e forma, agora a fazia pensar nele como quase... santo. Como um espírito druida divino que talvez as bruxas, em um passado distante, possam ter dançado na esperança de prosperidade, fertilidade e fé.

Ainda havia partes dele que a deixavam cautelosa, como suas perigosas garras e dentes, mas quanto mais confortável ela ficava perto dele, mais isso a fazia baixar a guarda.

Delora suspirou para os pássaros depenados antes de usar uma faca para estripá-los. Então ela esculpiu a ponta de dois gravetos até ficarem bem pontiagudos e os enfiou nas aves para que pudesse colocá-los perto do fogo para cozinhar.

*Eu me pergunto o que teria acontecido se ele não tivesse fugido.*

Ela teria pedido mais? Na época, ela estava contente em seus braços enquanto sentia seu corpo vibrar em torno de seus dedos. Ela não conseguia se lembrar da última vez que gozou com tanta força,

mesmo por suas próprias mãos.

Seu toque inexperiente a tinha inflamado.

Aquele inseto desagradável em seu peito mordeu ainda mais forte. Ela colocou os pés em um degrau mais alto para poder descansar os braços sobre os joelhos e aconchegá-los. Ela observou os pássaros assando com um olhar.

O cheiro deles era surpreendentemente agradável, e seu estômago *finalmente* roncou de vazio.

Delora soltou uma risada sem graça. Ela passou por todo esse esforço. Ela recolheu as pedras e galhos, acendeu o fogo e até preparou completamente os pássaros e os estacou, e ela não tinha mais vontade de comer.

*Eu só quero ir dormir.* Como antes, quando ela não se importava com o que Magnar fazia, onde ela estava ou o que acontecia com ela. Ela só queria escapar de como se sentia, especialmente porque de alguma forma parecia ainda pior do que antes.

Assim que terminaram de assar, Delora puxou os pássaros para longe do fogo e os envolveu em um pano. Ela tentaria comê-los mais tarde, mas naquele momento seu estômago estava muito embrulhado para sequer tentar.

O céu estava ficando mais escuro. Sempre parecia estar escuro dentro do Véu com todas as árvores ao redor da casa. Ela não achava que seria noite tão cedo, mas as sombras constantes faziam a noite cair muito antes de o sol realmente se pôr.

Delora olhou para a água restante que ela tinha no balde de quando Magnar fez o estranho feitiço com seu sangue para conjurá-la. Estava frio agora, mas ela se enxugou mesmo assim e imediatamente se arrependeu.

Não era tão reconfortante quanto quando estava quente. Ela estremeceu ao arrastar o balde para fora e derrubá-lo no fogo para apagá-lo.

— Ei, Magnar, — Delora gritou. Foi uma última tentativa de chamar sua atenção. — Eu estou, uh, indo dormir.

Silêncio foi o que ela recebeu por um longo tempo, e Delora só sabia onde encontrá-lo nas sombras crescentes por causa de seus orbes

verdes brilhantes. Seus chifres faziam parecer que às vezes ele era uma árvore em movimento.

Ele virou a cabeça por cima do ombro apenas o suficiente para vê-la.

— Mas você não comeu, Delora.

Ela ergueu a mão e esfregou o bíceps, abraçando os braços contra o tronco. Seu olhar caiu para o lado, para a fogueira apagada, e então permaneceu lá. Ela não entendia por que sentia alívio por ele realmente ter respondido, mas suas preocupações não diminuía.

— Não estou com vontade de comer.

— Mas você deve comer. — Ele arrastou o focinho pelo ar na direção da fogueira. — Eu procurei por você e trouxe carne para você. Isso a tornará mais forte.

Seu rosto empalideceu.

Ela desejou não ter dito nada. Ela não esperava ser culpada dessa maneira. Ela sabia que ele não queria parecer assim, mas ela não queria ser questionada sobre comida quando pensava sinceramente que seria como chumbo em seu estômago.

— Eu vou comer mais tarde, — ela concedeu, a mentira com gosto azedo.

Delora entrou e acendeu algumas velas para que pudesse ver durante a noite se acordasse. Ela recebeu alguns pratos de velas e ficou grata por isso. Ela não queria queimar todo o trabalho duro de Magnar no chão.

Suas costas ficaram retas como uma vareta quando ela ouviu o som familiar de cascos de três dedos subindo na varanda antes de atravessá-la. Ela se encolheu quando a porta se abriu e se virou a tempo de vê-lo entrando.

A verdadeira causa de alarme era que seus orbes eram brancos. Ela sabia que eles só ficavam dessa cor quando estavam com medo ou preocupados – geralmente por causa dela.

Ele se abaixou para pegar a carne que ela embrulhara em um pano para conservá-la, pelo menos por um tempo, da mesa em que ela a colocara.

— Você não comeu nada disso.



Uma carranca enrugou suas sobrancelhas profundamente. *Como ele saberia disso?* Ele precisaria estar observando-a para saber que ela não tinha dado uma mordida neles. Ele estava?

Pega em flagrante, as bochechas de Delora esquentaram quando ele abriu o pano para mostrar que os pássaros estavam totalmente intactos, além de sua tentativa descuidada de prepará-los.

Ela desviou os olhos para olhar as paredes de toras da cabana como se fossem fascinantes.

— Eu vou comê-los mais tarde.

Ela duvidava que a carne durasse mais do que algumas horas antes de estragar, pois ela não tinha como armazená-la corretamente. Ele saiu de seu caminho para conseguir isso para ela, e ela estaria desperdiçando, mas ela não queria se alimentar à força. O que era estranho considerando que sua antiga forma de se confortar era com comida.

*Tornar-se um Espírito me mudou?* Não apenas nas maneiras que ela já havia aprendido, mas ainda mais do que isso?

Isso trouxe a percepção de que ela ainda ansiava por comida, mas não se sentia particularmente faminta, mesmo quando não comia por um tempo. Seu estômago resmungaria eventualmente, mas isso só depois de um dia.

Ela abraçou a barriga quando percebeu que seu peso não havia mudado, apesar de seus novos hábitos alimentares. *Estou permanentemente assim?* Se fosse, isso significava que seu tamanho, sua altura e até sua idade permaneceriam os mesmos.

Ela tocou sua bochecha. *Ser jovem para sempre?*

A ideia de envelhecer já havia assustado Delora – principalmente por causa dos comentários cruéis de Hadith – mas se ela fosse permanentemente assim, então ela não precisava mais se preocupar.

Enquanto ela pensava profundamente, Magnar se aproximou com um pedaço de carne na ponta dos dedos. Ele estava agachado, a cabeça inclinada para o lado e se aproximando lentamente, como se pensasse que ela era um animal arisco que poderia correr.

— Se você estiver muito cansada, eu vou alimentá-la, — ele

ofereceu, seus orbes ainda de uma cor totalmente branca. — Os humanos precisam de comida para serem fortes. Você não vai melhorar se não comer e beber.

Desde o início, a principal prioridade de Magnar era garantir que suas necessidades fossem atendidas. Era por isso que ele estava aqui quando não se importava em falar com ela o dia todo?

Ele levou a ponta dos dedos à boca dela, pressionando a carne branca contra os lábios dela. Delora se sentiu patética quando as lágrimas se acumularam em seus cílios, e ela agarrou seu pulso com ambas as mãos para detê-lo.

*Cuidar de um humano é mais do que alimentá-lo.* Ela não era um pássaro de estimação em uma gaiola que só precisava de água, sol, comida e um pouco de tempo livre. Delora *queria* sua atenção.

Isso a fazia se sentir viva. Isso a fez sentir que sua presença era *desejada*. O desejo de desaparecer desapareceu quando Magnar estava perto. Quando ele se foi ou a ignorou, dobrou sua pressão a ponto de ela sentir que afundaria no chão.

E ela *sabia* que era patético da parte dela.

— Delora, — ele alertou, mas ela balançou a cabeça.

— Desculpe se te chatee, — ela disse baixinho, trazendo as mãos para frente para segurar o focinho dele.

A cabeça dele disparou para trás com o toque dela, e Delora mordeu o lábio inferior quando uma onda de dor palpitou em seu coração.

Isso foi até que ele empurrou o focinho para trás nas palmas das mãos dela e colocou a comida com cuidado. Isso deu a ele a liberdade de colocar as mãos sobre as dela em seu rosto.

Magnar se esquivou em estado de choque, já que ela não costumava alcançá-lo assim. Ela sabia pelo escurecimento de seus orbes como se tivessem 'fechado' e pelo fato de que agora podia senti-lo esfregando em suas mãos que ele gostou.

— Eu gosto disso, — Magnar quase ronronou em suas palmas enquanto se aninhava nelas. — Ele empurra seu cheiro para o meu nariz, e suas mãos são quentes o suficiente para que eu possa senti-las.

Esquecida a comida, ele passou os braços em volta dos joelhos

dela para puxá-la para mais perto e forçar mais seu corpo ao redor de seu focinho. A ponta estava diretamente contra a abertura de sua camisa bem entre seus seios, e sua respiração se espalhou para dentro para acariciar os dois ao mesmo tempo.

O calor imediatamente percorreu todo o seu corpo como um arrepio, e ela engasgou. Então sua língua saiu para esfregar entre o vale de seus seios como se quisesse prová-la. Enviou um choque elétrico direto por seu corpo.

Os dois se afastaram um do outro como se uma força os separasse. Ela escapou de seus braços quando seu focinho saiu de entre suas mãos.

Seus orbes estavam brilhando em um roxo brilhante. Virando a cabeça para o lado, ele os cobriu com a mão como se não quisesse que ela visse. Suas mandíbulas se abriram e ele soltou um bufo rouco. Então seu corpo estremeceu com um estremecimento que foi da base de seu crânio até a base de sua espinha, fazendo com que sua cauda se mexesse.

Mas Delora recuou porque aquela pequena quantidade de toque a acendeu como um raio. Sua lambida a lembrou de seu mamilo e pele sensível na noite anterior, e suas paredes internas se apertaram com o desejo de que seus dedos mergulhassem novamente.

Magnar cobriu a ponta do focinho com a mão inteira, pressionando a palma sobre o buraco do nariz para abafar os cheiros ao redor.

— Você está com aquele cheiro doce de novo, — ele disse, sua voz mais rouca do que o normal, mais sombria ainda.

Uma emoção horrível rasgou através de Delora. Ela passou um braço sobre o estômago e agarrou o cotovelo, desviando os olhos dele. As coisas estavam indo bem, ele estava falando com ela, segurando-a, e seu corpo decidiu ficar excitado apenas por isso.

*Por que ele continua me dando essa reação?*

Após alguns segundos de Magnar segurando a ponta de seu focinho, Delora observou enquanto seus orbes voltavam ao seu verde habitual.

Ele deslizou um pouco mais perto.

— O que esse cheiro significa? — ele perguntou, estendendo a mão para bater contra sua pélvis. — Ontem foi porque eu estava tocando em você, mas naquele momento eu estava apenas segurando você.

Delora não sabia se seu rosto empalideceu ou ficou vermelho por ter que explicar isso a ele. E ela sabia que precisava. Ela não podia esconder essa informação dele já que ele tinha uma ótima habilidade olfativa.

— Isso, uh, às vezes acontece com humanos. Eu gostei de estar perto de você e que você me lambia, então me emocionei. — Delora agarrou a barra de sua camisa e a empurrou para baixo com as duas mãos, como se isso ajudasse a impedir que irradiasse dela. — Chama-se excitação, ou que estou ficando excitada.

— Excitada? — Ele inclinou a cabeça daquele jeito que ela sabia que significava que ele estava curioso, mas não entendia.

Os olhos de Delora dispararam para o lado como se sua mente estivesse tentando encontrar uma fuga da conversa. Elas finalmente caíram sobre ele.

— É difícil explicar para quem não sente desejo.

Sua cabeça se inclinou para o outro lado, um pouco mais nítida do que antes, e o som de ossos secos chocalhando juntos veio dele.

— Mas sinto vontade de te abraçar.

Delora balançou a cabeça, fazendo seu cabelo balançar sobre os ombros.

— É um tipo diferente de desejo.

— Mas isso significa que você gosta de mim?

Quando Delora recuou, para criar espaço entre eles com a invasão de sua pergunta, Magnar rastejou para a frente para segui-la. A cabeça dele seguia os movimentos dela, e aqueles orbes, sem

nenhuma emoção em seus vórtices flutuantes, giratórios e ardentes, a observavam.

Ela sabia que ele estava esperando uma resposta.

— Sim. Eu gosto de você, Magnar.

Seus orbes brilharam em amarelo brilhante antes de voltar ao verde habitual. Ela *sabia* que eles iriam mudar.

— E Delora gosta do meu toque? Gosta tanto de ser abraçada por mim que cria esse perfume?

Ela não sabia por que ele expressou dessa forma, mas ela assentiu. Quando ele finalmente soltou seu focinho e estendeu a mão para colocar os braços ao redor de suas coxas para puxá-la entre seus joelhos agachados, Delora se afastou dele rapidamente.

No momento em que ela sentiu as garras dele arranhando a parte de trás de suas coxas, seus joelhos quase cederam.

— Sinto muito, mas não posso. — A excitação dela estava se aprofundando, apenas a voz dele e o mais leve toque acendendo seu corpo ganancioso. — Sinto muito, — ela repetiu.

— Por que você está se desculpando?

Havia uma energia predatória vindo dele agora enquanto ele lentamente, no ritmo dela, começou a seguir sua retirada.

*Porque parece errado fazer isso com você.* Ela não sabia como dizer isso sem ferir seus sentimentos.

Ele não era apenas um Caminhante do Crepúsculo, mas também não entendia. Ela não sabia o que fazer.

Delora cobriu o rosto, desejando a resposta.

Ela gritou quando seu tornozelo e seus pés saíram debaixo dela. Ela caiu de bunda antes de ser arrastada pelo chão.

— Onde você está indo, Delora?

Delora soltou um suspiro quando a camisa subiu até a metade de suas costas e tudo, desde a curva de seus seios até os pés, foi descoberto. Magnar então agarrou a parte inferior da camisa e a empurrou para cima, de modo que ficasse ao redor de sua garganta, expondo completamente seus seios.

— Ei! — Ela tentou sair debaixo dele quando ele levantou a mão para que pudesse roçar a ponta de seu dedo indicador contra seu

mamilo, criando uma sensação aguda contra a almofada sensível dele.

Ela se contorceu quando sentiu a mancha de sua excitação crescendo entre os lábios de suas dobras labiais.

Seus olhos mudaram para roxo, e ele a arrastou de volta para ele com um rosnado rápido.

— Fique — ele exigiu. — Eu quero tocar.

— Acho que não devemos fazer isso.

Delora perdeu seu argumento quando ele passou a língua sobre seu seio inteiro. Era grande e plana, mas um pouco áspera. Ele a percorreu da curva inferior, sobre o mamilo e, em seguida, circulou ao longo de sua aréola.

— Mas eu gosto do cheiro da sua *excitação*. Isso faz você se sentir bem.

Quando ele foi lambar novamente, Delora empurrou a mão contra a ponta de seu focinho e o empurrou para longe.

— Mas você tem me evitado o dia todo! Achei que você não gostasse disso.

Magnar lançou o braço para a frente e prendeu o dela no chão ao lado do ombro para impedi-la de empurrá-lo. Ele colocou a outra mão em sua coxa para afastar suas pernas, e ela poderia dizer que ele tinha tomado uma profunda tragada de seu cheiro pelo bufo e estremecimento que se seguiu.

— Porque toda vez que eu olhava para você, eu queria tocar em você. Eu queria provar sua pele. — Ele inclinou a cabeça para baixo e *mordeu* um de seus seios, afundando todas as suas presas dianteiras no monte. Então ele lambeu ao redor e sobre seu mamilo, cobrindo-o com saliva. — Mas minha visão ficaria roxa e meu corpo ficaria estranho. Eu não gostei disso.

Seus orbes estavam segurando um roxo que estava se aprofundando a cada segundo.

Ele raspou suas garras na linha interna de sua coxa, e ela soltou um suspiro rouco, quase jogando a cabeça para trás. Aquelas pontas afiadas nas pontas dos dedos dele sempre pareciam fazer coisas estranhas em seu interior. Junto com suas presas literalmente afundando em seu seio direito, ambos pareciam... errados, perigosos e

deliciosamente *travessos* quando cortaram contra ela.

— Então por que você está fazendo isso se...

— Estar excitada significa que você quer ser tocada, certo? Eu quero fazer você se sentir bem. — Ele puxou a cabeça para trás, mordiscando uma vez ao redor de seu mamilo antes de acariciá-lo. — Seu cheiro se aprofunda quando eu toco aqui.

— Magnar, você não precisa fazer isso por mim.

Emoções confusas borbulhavam dentro dela, e sua mente parecia esgotada. Cada toque fazia sua pele arder mais quente, fazendo a piscina de desejo em sua entrada se aprofundar. Seu sangue disparou mais rápido em necessidade, mas ela não entendia *por que* ele faria isso. O que Magnar ganhava com isso?

Era por pena dela? Autogratificação para ele?

Ela *queria* fazer isso, que ele a tocasse, mas também queria que ele gostasse. Ela não sabia por que, apenas que ela sabia, e seus orbes roxos brilhantes pareciam puxá-la ainda mais para baixo.

— Eu serei bom, — ele prometeu, não que ela entendesse por que ele sentia a necessidade de fazê-lo. — Eu estou no controle.

Ele correu dois de seus dedos, com as garras retraídas, desde sua entrada até seu clitóris, fazendo a dura protuberância mover-se para o lado sob sua carícia.

Seu rosto instantaneamente se afogou quando ele o ergueu para inspecionar o gotejamento de sua excitação que os cobria. Ele havia coletado muito.

— Você está mais molhada do que da última vez.

— Não! — ela gritou quando ele levantou a mão com a língua para fora. — Não lamba!

Era tarde demais.

Magnar passou a língua curiosamente sobre os dedos para saboreá-la.

O grunhido que se seguiu foi profundo, estrondoso e vibrando no peito, fazendo sua pele formigar com arrepios. Seus orbes brilharam em um verde *escuro*, depois voltaram a um roxo ainda mais profundo. Ela observou todo o seu corpo inchar sob a camisa.

— *Mais* — ele rosnou.

Delora foi puxada novamente até a parte inferior das costas descansar contra as coxas dele. Em seguida, sua língua longa, firme e áspera foi empurrada dentro dela tão profundamente que atingiu o fundo de seu colo do útero. Suas presas se separaram ao redor dela.

Seu corpo inteiro derreteu. Seu cérebro virou uma gosma dentro de seu crânio. Seu arrepio sacudiu todo o seu sistema nervoso a ponto de tudo formigar, tudo cerrado - os dedos dos pés, as mãos e a boceta ao redor do órgão firme. *Tudo* pulsava.

Ela torceu os quadris na direção oposta, sentiu a língua dele girar e depois na outra direção quando ele mudou de direção. Seus dedos dos pés se curvaram, nunca sentindo uma sensação tão flexível e ondulante tão profunda antes.

Ele parecia querer coletar cada gota de sua mancha antes que sua língua se afastasse. Seus orbes se transformaram em preto quando ele inclinou a cabeça para trás, lambeu o interior da boca e gemeu. A mão em torno de sua coxa segurando-a com mais força, as pontas dos dedos cavando.

Magnar bufou quando abaixou a cabeça e abriu a visão.

— É *assim* que é seu gosto? — Um estrondo veio de seu peito, um que parecia estar vibrando por dentro. — Se eu soubesse que você seria tão deliciosa, teria tentado fazer isso antes.

Quando ele lançou sua cabeça para frente novamente como se fosse lambê-la novamente, Delora agarrou seus chifres com ambas as mãos e segurou firme travando seus cotovelos.

Ela queria dizer a ele para esperar, mas não podia. As palavras não saíam dela, como se estivessem entupidas em seu peito, recusando-se a estourar. Uma parte dela não queria que ele parasse.

Ela sabia que se o fizesse, ele o faria, assim como quando ela lhe disse não no passado.

Mas ela não poderia lidar com ele fazendo isso novamente. Seu corpo quase teve um colapso total e ela precisava pensar. *Ele enfiou a língua dentro de mim!* E a saliva que ele deixou para trás era grossa e se espalhava entre suas dobras. Ela se contorceu para aliviar o formigamento que sentia.

— Mais. *Eu preciso de mais*, — ele exigiu com um tom rosnado



presente em sua voz.

Sua força venceu contra a dela.

Sua língua plana e grande lambeu seu traseiro, fazendo-a pular de surpresa, antes que ele a mergulhasse em sua entrada e depois no clitóris. Seus quadris se moveram em uma onda de um lado para o outro quando ele acariciou apenas para a direita.

Delora ainda estava segurando seus chifres, mas agora por uma razão totalmente diferente. Em um aperto de morte, ela os usou para centrar-se quando seu corpo arqueou contra sua língua em movimento, abrindo seus lábios. Ela soltou um gemido estrangulado.

Ela tentou fechar as pernas, e não tinha certeza se era para preservar sua sanidade ou para escapar da intensidade de quão *incrível* isso era.

Magnar fez uma pausa e deu um gemido terrível.

Sua cabeça se afastou. Ele a abaixou, seu aperto em ambas as coxas apertadas enquanto ele tremia. O segundo gemido que se seguiu disse a ela que não era de prazer, mas de repulsa ou dor.

Suas mandíbulas se abriram, baba pingando de suas presas superiores, enquanto ele bufava alto. Cada respiração exalava com um ruído agudo.

O aperto de Delora em seus chifres ficou mais firme, e suas sobrancelhas se juntaram em seu comportamento. Ela tentou ignorar a pulsação travessa que todos os seus lugares delicados lhe davam, exigindo que ela o puxasse para trazê-lo de volta para baixo.

Se Magnar quisesse parar, ela o deixaria sem obedecer. É que... ele ficava instigando esse tipo de toque e depois ficava estranho e distante.

— O que há de errado, Magnar?

Quanto mais ele se sentava de joelhos, mais seu tremor parecia piorar. Ele agarrou seu abdômen, suas garras cavando em sua camisa e rasgando-a.

Ela agora estava usando a única boa que ele tinha.

— Dói, Delora, — ele choramingou.

Ele deu outro estremecimento, desta vez com seus orbes pretos, e rasgou seu pescoço. Mas ele não estava recuando. Em vez disso, ele

parecia estar segurando sua coxa com força, como se não quisesse deixá-la. Ela estremeceu quando soube que iria machucar.

Delora se enrolou para poder sentar um pouco, apoiando-se nos cotovelos e olhando para o corpo dele em busca de algum tipo de ferimento. *Eu chutei ele?* Ela estava se contorcendo muito, mas não achava que realmente tivesse o poder em suas pernas humanas para machucar um Caminhante do Crepúsculo, não importa o quanto ela se movesse.

— Onde?

Seus olhos brilharam em branco, mostrando a Delora sua hesitação, antes de virar a cabeça para o lado. Roxo permaneceu quando ele agarrou seu abdômen novamente, dando um lampejo mais longo de branco, enquanto sua cabeça se arqueava de lado para olhar para baixo.

Ela provavelmente não precisava apertar os olhos para ver a estranha protuberância que ela podia ver entre as coxas abertas, mas seus olhos lutavam para ver *o que* ela deveria estar olhando. Ela se recusou a aceitar que viu algo se movendo contra suas calças por dentro.

— Magnar?

A boca dela ficou seca quando ele se abaixou e mexeu na calça como se fosse desabotoá-la. Ela não acreditava que ele realmente as estava abrindo para revelar o que estava prestes a revelar, não quando ela não sentiu nada lá antes.

Ela estava errada. Oh, tão errada.

Ele nem precisou fazer nada. No momento em que abriu totalmente as calças, algo duro, comprido, gordo e *errado* brotou delas. Foi seguido por quatro membros em movimento que se mexeram de maneira bastante semelhante à forma como a língua dele estava dentro dela.

A mandíbula de Delora caiu e seus lábios se separaram.

Bem diante de seus olhos, agora entre os ossos do quadril, descansando até o umbigo e um pouco mais alto, estava o maior pênis que ela já tinha visto ou sequer ouvido falar.

A cabeça oval era de uma cor roxa tão escura que quase parecia

preta. A cor começou a clarear atrás da borda da cabeça, transformando-se em um roxo profundo até encontrar algum tipo de costura. Uma fenda se abriu, de onde essa coisa obviamente veio, e pelo que ela podia ver, também era um roxo profundo por dentro.

Era cercado por pelos curtos entre os ossos brancos salientes do quadril.

Os quatro tentáculos que tinham cerca de quinze, talvez até vinte centímetros de comprimento, seguiam o mesmo padrão de serem mais escuros nas pontas e ficavam mais claros até os quadris.

Os olhos de Delora saltaram de cada detalhe estranho freneticamente. Da cabeça até as grandes protuberâncias ovais na base que quase pareciam ser o que ela pensava serem seus sacos de sêmen, mas estavam embutidos na parte inferior de seu pênis. Seus olhos traçaram um caminho até o sulco profundo sob seu eixo, e então para baixo as linhas duplas de protuberâncias nodulares que desciam pelo topo e pelos lados dele.

A parte mais estranha era a borda da cabeça. Tinha saliências redondas que eram muito perceptíveis.

Nada nele poderia realmente ser chamado de humano, exceto pelo fato de ter uma forma fálica. Seu comprimento era sobre-humano. Tinha tantos centímetros de comprimento que ela sabia que nenhum humano seria capaz de aguentar tudo, e era tão grosso que ela pensou que poderia cerrar o punho e ainda assim seria maior.

— Você realmente tem um pau? — A pergunta saiu de seus lábios, mas foi mais direcionada a si mesma em total descrença.

Bem, parecia um *pau*. Apenas um bizarro. Era onde um pênis deveria estar. Mas Delora não conseguia entender o fato de que era difícil e estava olhando diretamente nos olhos dela.

— Pau? — Magnar perguntou de volta com uma respiração rouca, parecendo um pouco mais calmo agora que ele havia soltado. Era mais monstro do que ele! Então ele tocou na lateral e disse: — É isso mesmo?

Seus olhos se arregalaram e ela conseguiu afastá-los de seus tentáculos contorcidos para olhar seu rosto ossudo.

— Você... você não sabe o que é isso?

— Até ontem, nunca tinha visto essa parte de mim. — Então ele colocou a mão em seu lado, trazendo-a para mais perto e acidentalmente deslizando seu pênis sobre suas dobras. Ela percebeu que o brilho que ela podia ver nele era porque seu eixo tinha sua própria lubrificação para mantê-lo úmido. — Mas você sabe o que é. Você pode explicar isto para mim?

De alguma forma, seus olhos se arregalaram e ela abaixou o olhar para encará-lo. As paredes internas de sua boceta imediatamente se apertaram, de preocupação ou *necessidade*, ela não sabia.

— É-é um pau. Um pênis ou pau. — Ela lambeu os lábios para molhá-los. — Isso significa que você é um homem – ou um macho, eu acho.

Um gemido trêmulo saiu de Delora quando sua mão deslizou por sua coxa, e ele pressionou seu polegar inteiro dentro de seu canal.

— E isso significa que você é uma mulher?

— Sim. Essa é a minha vagina.

Ela quase pronunciou a palavra boceta, mas Delora *sinceramente* não achava que poderia lidar com isso se este inocente Caminhante do Crepúsculo comesse a chamá-la dessa palavra em particular.

— Por que somos diferentes?

Antes que Delora pudesse responder, seus orbes brilharam em branco, e ele deu um breve gemido quando suas mandíbulas se separaram. Ele agarrou seu pau com a mão livre enquanto os tentáculos na base se contorciam mais rápido.

— Dói — explicou ele, segurando-o com tanta força que ela podia ver que ele estava esmagando em seu punho. — Eu não gosto disso exposto. Quando seca, arde.

— Quando seca?

Delora inspecionou o lubrificante em seu pênis. Agora era irregular, e as camadas expostas de seu eixo pareciam enrugadas.

— Aqui dentro está quente. — Ele empurrou o polegar ainda mais fundo e, em seguida, puxou para o lado, abrindo sua boceta aberta como se quisesse dar uma espiada no interior. — E molhado, como o interior da minha costura.

Roxo entrou em seus orbes flutuantes, e ele deu uma bufada,

uma que era profunda e curta como uma respiração. Seus quadris puxaram para trás e então empurraram para frente. Colocava aquele sulco debaixo dele tão perfeitamente contra o duro nó de seu clitóris que ficava bem no meio e era esfregado por todos os lados.

*Ahhh, porra!* Ela mordeu o lábio e o empurrou distraída, as pálpebras tremulando incontrolavelmente em êxtase até que o golpe dele terminou.

— Assim é melhor. — Seus chifres criaram sombras sobre ela quando ele a segurou pela coxa, colocou a outra mão contra o chão perto de seus quadris e começou a se mover para frente e para trás. A umidade dele lentamente começou a se espalhar. — *Haa*. Isso ajuda.

Ela mordeu o lábio inferior e tentou empurrar-se contra sua ereção pesada.

— É mesmo?

— Mas não é suficiente.

A compreensão surgiu em Delora.

Ele pode não saber o que estava acontecendo, mas seu corpo sabia, seus *instintos* sabiam. Ela sabia exatamente o que seu pênis queria, o que precisava, e quando ela viu uma única e grossa gota de sêmen bem no olho da cabeça de seu pênis, ela sabia que tinha que tomar uma decisão.

— Delora — ele gemeu. — Eu quero dentro de você. Preciso de calor e umidade. Eu preciso de você.

— Você quer fazer sexo comigo — ela sussurrou, querendo que ele pelo menos entendesse o que ele estava dizendo. Pelo menos dar-lhe um *nome*. — Ser íntimo de mim.

E tanto quanto o pênis deslizando contra ela, acariciando seu pequeno clitóris para frente e para trás enquanto estava profundamente dentro do sulco da parte inferior dele era estranho, Delora sabia que ela queria isso.

Ela estava com medo de seu tamanho, ela sabia que poderia doer, mas ela queria Magnar. Delora queria confortar esse lado dele, acalmá-lo. A piscina em sua entrada cresceu, e ela tentou envolver suas panturrilhas em torno de seus quadris.

— Dentro — ele repetiu, como se não fosse mais capaz de

pensar em mais nada. — Preciso estar dentro de você.

Seus quadris aumentaram em seu ritmo enquanto ele se abaixava para se enrolar em torno dela deitada contra o chão. Ele esticou o polegar apenas o suficiente para poder deslizar a mão para o traseiro dela para agarrar uma bochecha e levantá-la em seus impulsos.

Ela podia sentir os dois tentáculos debaixo dele deslizando sobre seu traseiro com pontas em busca, fazendo cócegas em sua pele e fazendo-a saltar para cima de surpresa. Ela não esperava que eles parecessem tão ásperos por dentro, mas eles também estavam molhados.

Seu coração se apertou. Ela colocou a testa contra a pele de seus músculos peitorais e deu um pequeno aceno.

— O-ok. Apenas... apenas seja gentil, ok?

Delora baixou a mão. Quando ela agarrou a cabeça do pênis de Magnar, ele rosnou com os olhos vermelhos. Ela gritou e recuou.

Seu rosnado se transformou em um grunhido constante, como se o toque dela tivesse provocado uma agressão nele.

Ele agarrou seu pênis desta vez, ao redor da base, e puxou seus quadris para trás. Quando ele avançou, ele entalou a ponta contra a fenda de sua boceta, e ela já podia dizer que seria um ajuste apertado.

A ponta estava úmida com sua excitação, seu lubrificante e as gotas de pré-sêmen que vazaram dele. Isso não facilitou sua entrada quando ele começou a empurrar *com força*.

Seus olhos se fecharam e ela pressionou a mão contra a pélvis dele para retardá-lo. *É tão grande*. Quando isso não funcionou, ela tentou levantar os joelhos para poder empurrá-los contra os quadris dele, mas ele estava muito perto para ela enfiar os joelhos entre eles.

Delora sentiu uma pontada quando sua entrada começou a abrir caminho sobre a cabeça larga. Ela sabia que ainda não tinha ultrapassado a borda, e a tensão já era demais.

De repente ela se sentiu muito pequena embaixo dele, muito fraca, muito frágil. Ele era mais alto que ela, maior que ela, e muito mais forte que não importava o quanto ela o empurrasse para fazê-lo parar, ele apenas continuava a empurrar. Ele não parou de tremer, seu

corpo apertando contra o poder de seu primeiro impulso.

— Acho que você não vai caber!

Parecia que seu osso púbico ia desmoronar! Ela tentou abrir mais as pernas, tentou fechá-las, tentou levantar os quadris para cumprimentá-lo, e nada parecia aumentar a pressão.

— Eu acho que você pode precisar me preparar primeiro...

Delora engasgou quando a cabeça literalmente entrou antes que ela terminasse de falar. Ela apertou em torno dele, seus braços e pernas puxando para dentro em direção ao seu torso, e ela agarrou o pelo do peito dele quando ele o pressionou contra ela.

Ela sentiu dor, o ajuste quase insuportavelmente confortável. Lágrimas encheram seus olhos, e ela olhou para baixo para descobrir que havia entrado apenas a cabeça. Ele ainda não tinha chegado ao fundo dela e ela sabia que era demais.

— Você é muito grande, Magnar.

Ele era, embora? Ele estava lá dentro, talvez um pouco desconfortável por enquanto, mas ela realmente se perguntou se poderia se ajustar a algo tão grande. Ela não sabia por que, mas queria que isso fosse possível entre eles.

*Talvez eu só precise relaxar.* Ela se sentia bastante tensa e tentou respirar para suavizar seu corpo para ele.

— *Tight* — ele murmurou em um terremoto. — Molhado. Eu não sabia que seria tão apertado.

As garras contra o chão cravaram na madeira quando ele puxou a mão para trás para poder levantá-la e bater com ela ao lado da cabeça dela. Quando ele se aproximou dela, seu outro braço deslizou por baixo dela para que ele pudesse segurá-la para ele.

— E você é tão quente, *Delora*.

Quando ele empurrou mais, as costas de Delora arquearam. Antes que ela pudesse pedir para ele esperar, seu grande pau já havia alcançado seu colo do útero e estava empurrando contra ele, procurando ir mais fundo quando não podia.

— Ha, — ele bufou, apertando-os juntos para que não houvesse um lugar entre seus torsos que não se tocassem. — Eu posso sentir seu coração batendo por dentro.

Assim como seu corpo trêmulo inchou em tensão, ela sentiu seu pênis engrossar. Ela choramingou ao mesmo tempo em que ele soltou um gemido. Mas ela sabia que algo estava acontecendo quando sentiu o corpo dele estremecer ainda mais, e sua mão agarrou seu lado com mais força. Ele soltou o barulho mais estranho que ela já tinha ouvido.

Então o calor, o calor líquido, começou a acalmar seu interior. Delora quase pensou que seu corpo se transformou em geléia em seus braços. Sua visão ficou ofuscada ao se dividir em duas quando ela pensou que o céu havia começado a se formar onde eles se uniram para dar a ela uma felicidade reconfortante.

Seu pênis pulsava em rajadas pesadas, engrossando antes de descer, antes de inchar. Uma e outra vez.

— V-você veio? — ela sussurrou, tentando resistir ao delicioso desejo de gemer com a semente que ela podia sentir borbulhando dentro de seu canal, enchendo-a com cada esguicho.

O assombroso e belo gemido de Magnar foi sua única resposta. Em apenas um impulso, o prazer de seu corpo engolindo o dele o fez gozar.

Começou a sair dela, escorrendo pela curva de seu traseiro para cair no chão, mas ela não se importou. Magnar balançou ligeiramente, espalhando-o e ensinando seu corpo muito menor a se moldar ao redor de sua circunferência.

E quando cessou, eles ficaram ali momentaneamente ofegantes. Suas respirações eram o único som além do silêncio que ecoava ao redor deles. Delora mordeu o lábio inferior enquanto seu rosto se contorcia em uma angústia emocional.

Ela pode ter sido capaz de levá-lo, mas mesmo agora ela podia sentir que era confortável. Sentia-se *estufada*, sobrecarregada, esgotada ao máximo. Delora estava presa em seu comprimento e circunferência, e ela olhou para baixo para ver que ela só o havia levado até a metade.

*Isso não é possível entre nós.*

Se ele comesse a se mover agora, Delora sabia que o conforto que sentia de seu sêmen quente, como se tivesse acalmado seus músculos internos esticados, iria se dissipar.



*Ele é um Caminhante do Crepúsculo. Ele não é humano.*

— Algo saiu de mim — afirmou Magnar, sua voz irradiando de seu crânio enquanto sua respiração continuava ofegante. Ele parecia confuso. — Nunca senti nada tão prazeroso que meu corpo inteiro formigasse depois. Você parece fenomenal assim.

Ele esfregou o canto de sua mandíbula contra a dela. Um estrondo veio dele quando ele passou a língua pelo rosto dela, começando pela mandíbula, passando pelos lábios e, em seguida, correndo até a têmpora. Incapaz de evitar, seu corpo estremeceu quando ele o mergulhou sobre sua orelha, fazendo-a ofegar.

Delora estava aprendendo que era um ponto realmente sensível para ela, e ela se perguntou se Magnar também havia percebido isso. Especialmente quando ele o circulou antes de lamber a parte inferior de sua mandíbula para ir até sua nuca. Ele continuou lambendo-a, quase apreciativamente, afetuosamente, esfregando sua língua contra sua carne. Ela começou a se contorcer.

— P-pare de lamber meu pescoço, Magnar, — ela implorou em um sussurro. — Faz cócegas.

Mas não estava fazendo cócegas em sua pele. Sua boceta estava começando a reagir, apertando e tremendo em certos golpes a ponto de ela sentir o sêmen escorrendo dela, criando uma estranha sensação de cócegas por dentro.

Magnar trouxe seu braço debaixo dela para que ele pudesse levantar-se com os braços esticados e começou a lamber seu peito em vez disso. Começou alto primeiro, mas quando ele virou a cabeça para baixo e arrastou a língua por um de seus mamilos, seus chifres começaram a quase circular em torno de sua cabeça. Ela teve que tomar cuidado para não furar o olho, tornando difícil para ela ver o que ele estava fazendo.

Ela suspirou de alívio quando sentiu que ele se afastava, seu rosto estremeceu com um pouco de dor, mas ela pôde suportar isso por um momento.

Suas garras bateram contra o chão de madeira. Eles fizeram isso no meio da casa, sem nada embaixo deles. Talvez fosse melhor assim, para que não criassem confusão no ninho.

O único aviso que Delora recebeu foi o leve grunhido que veio dele antes que ele *empurrasse* de volta e então bufasse descontroladamente com um estremecimento. Ela gemeu em resposta, do tipo errado.

Quando ela conseguiu lutar contra seus chifres para que ela pudesse ver o que ele estava fazendo, ela percebeu que o pênis de Magnar não tinha amolecido. Ainda era grande e totalmente ereto dentro dela, e ele estava olhando para baixo onde eles se uniam com esferas roxas. Ela agora sabia o que a cor significava, o desejo dele, e eles ainda eram aquela cor intensa.

— Você é tão suave por dentro, — ele murmurou, enquanto se afastava.

— Por favor, Magnar, — Delora implorou. — Não podemos fazer isso. Você é grande demais para mim.

— Mas eu quero derramar de novo. — Suas mandíbulas se separaram para que sua língua pudesse sair e lambeu seu focinho de forma predatória. — Eu quero preencher essa parte de você. — Ela ouviu as garras de ambas as mãos dele cravarem na madeira ao lado dela, enquanto seu rosnado se tornava mais aparente. — E eu quero *mais fundo* dentro de você, dentro da sua vagina.

Magnar empurrou de volta, e desta vez empurrou com força. Ela podia sentir seu pênis pressionando tão profundamente contra seu colo do útero que forçou seu corpo a se arquear. Ela agarrou a pele em seu peito e puxou.

— Mais fundo, Delora, — ele exigiu com um rosnado. — Leve-me mais fundo dentro de você!

— Eu quero que você vá mais fundo, mas você não pode! — Ela estava pegando o máximo que podia!

Ela suspirou surpresa quando ele enfiou todas as garras da mão direita em seu abdômen. Elas perfuraram sua pele, fazendo-a sangrar, bem ao redor de onde seu pênis estava dentro dela.

O corte de suas garras doeu, mas a dor, a sensação de rasgar, e o desconforto que Delora estava experimentando dentro de sua boceta desapareceu instantaneamente. Alívio a inundou.

Havia um calor radiante por dentro, que parecia estranho,

místico e estranho. Ela sabia que ele devia estar usando algum tipo de feitiço ou magia nela para remover sua dor e *mudá-la* enquanto seu pênis começava a deslizar mais para dentro quando antes seria impossível.

E parecia sublime. Havia algo em seu corpo abrindo caminho para o pênis de Magnar, literalmente reorganizando-se para caber nele, que a fazia se contorcer em prazer absoluto em torno daquele pau gordo e quente.

Agora que ela não estava tão focada em seu próprio corpo, ela podia sentir que ele estava pulsando tão descontroladamente que parecia uma vibração. As mudanças em seu pênis, pulsantes, mas muito mais intensas, davam a sensação de que ele estava deslizando por dentro.

Seus dedos dos pés se torceram com tanta força que seus pés e tornozelos arquearam, e ela gemeu violentamente. Sua boceta ficou mais molhada com pressa, tentando avidamente chupar seu pau ainda mais.

Ela poderia não entender verdadeiramente como ele estava fazendo isso, mas tudo com o que Delora se importava era que parecia fenomenal. Era entorpecente, roubo de pensamento, e a deixou com mais fome de ser preenchida.

Ele recuou antes de estar perto de se sentar profundamente, e os olhos dela se arregalaram de pânico. Ela freneticamente tentou olhar para baixo.

— Não, — ela murmurou, empurrando as mãos para os lados para agarrar a pele para que ela pudesse tentar puxá-lo de volta. *Mais fundo.* — Você não está totalmente dentro...

O resto dele entrou dentro dela em um movimento rápido.

Seu pênis chegou ao fundo simplesmente porque ele não tinha mais nada para dar a ela.

— Ohhhh! — Delora gritou quando sua boceta apertou.

Seu corpo inteiro se curvou. Sua cabeça bateu ruidosamente contra o chão, irradiando uma dor que foi imediatamente esquecida. Tudo ficou rígido. Seus braços, suas pernas, seus músculos do estômago e seu corpo começaram a ordenhar seu pênis.

Delora estava vindo ao redor de seu eixo, seus olhos rolando para trás com tanta força que sua visão escureceu.

Ela tentou envolver suas coxas ao redor de sua cintura magra enquanto girava, movendo-o ligeiramente para dentro e fora dela enquanto ele fazia ruídos guturais de satisfação sobre ela. Delora estava completa e totalmente perdida.

Aqueles tentáculos em movimento envolveram as curvas de seu traseiro e seus quadris, prendendo-a confortavelmente no lugar, mas ela continuou se movendo apesar deles. Ela precisava, tinha que fazer, pois o orgasmo mais intenso que ela já sentiu agarrou todo o seu ser e ela pensou que sua alma entre os chifres dele poderia ter tremido em reação.

Magnar sentiu o aperto de sua vagina enquanto ela apertava maravilhosamente seu pau latejante. Ele soltou um bufo ofegante quando suas presas se separaram.

— *Foda-se*, — ele gemeu, uma palavra que Reia lhe ensinou, e uma que ele nunca sentiu a necessidade de pronunciar antes.

A forma como o corpo de Delora estava convulsionando ao redor dele, massageando toda a extensão da haste dolorida que se projetava entre seus quadris. A maneira como cobriu seu pênis com um líquido escorregadio, encharcando-o completa e totalmente para garantir que nenhuma parte dele parecesse seca. A maneira como seu perfume era doce como maçãs vermelhas e frio como geada, mas também era temperado com um sabor que ele agora sabia ser perverso.

Tudo isso era tão feliz que a maldição havia caído dele, e parecia certo dizer isso.

Delora era quente por dentro. Ela estava molhada. Sua boceta era tão macia e roliça que se moldava ao redor dele, acariciando seu pênis enquanto uma batida calmante e reconfortante tamborilava de seu batimento cardíaco errático. E ela era tão fodidamente apertada que ele sabia que não havia um lugar que ele não estivesse preenchendo.

Ela o engoliu inteiro, fazendo-o se sentir conectado a ela de uma forma que nunca havia sentido antes.

Uma sensação selvagem tomou conta dele, fazendo seu pelo e penas incharem sob suas roupas que de repente pareciam muito constritivas. Ele estendeu a mão para trás e enfiou as garras em sua camisa, rasgando-a de seu corpo para deixá-lo nu, exceto onde suas calças estavam enroladas em torno de seus quadris.

Vermelho brilhou através do roxo de seu intenso desejo, antes de um verde escuro. Emoções fortes estavam puxando seus sentidos, sua mente, puxando seu controle e sanidade.

Magnar enfiou a mão por baixo do corpo dela até que a nuca dela descansasse na palma da mão. Seus dedos médio e indicador apoiaram a cabeça dela enquanto ele a levantava enquanto seu polegar

e os dedos menores envolviam sua garganta possessivamente. Ele apertou com força suficiente para fazê-la entender que ele estava no controle, um lugar tão delicado em seu corpo, enquanto seu corpo preenchia o dela.

Inclinando-se sobre seu corpo muito menor, quando ela finalmente parou de gozar, Magnar a ergueu enquanto se abaixava, então eles ficaram cara a cara.

Ele rosnou em advertência.

— *Minha.*

Cada parte dela seria dele.

A alma dela era dele. A mente dela era dele. O coração dela seria dele. Seu corpo, deliciosamente envolvido em torno de seu pênis, estava fodendo o dele. O cheiro dela, não importava seu estado, era dele para respirar. Aquele gemido voraz que ela acabara de dar a ele, aquele que tinha sido um grito estridente, era apenas dele para ouvir.

Sua beleza, seja seu rosto ou seu corpo nu, era dele para olhar. Ele nunca entendeu por que as roupas eram importantes, mas agora entendia. Seus seios, tão grandes, redondos e caídos pelo peso, eram dele para olhar, provar, cheirar, provocar até que ela criasse aquele aroma excitante.

Suas orelhas eram dele para brincar, assim como seu pescoço.

— *Você é minha,* — ele disse, antes de puxar seu pênis para trás apenas para sentir suas paredes internas chupando-o, como se não quisesse liberá-lo. Seus lábios se uniram em um gemido, seus olhos saltando entre suas orbes roxas enquanto ele embalava seu pescoço e cabeça antes de enfiar seu eixo de volta. — *E isso, meu pequeno corvo, é minha boceta.*

No momento em que ele enfiou suas garras em sua barriga e usou sua magia para mudar seu corpo para caber no dele, ele soube que a reivindicou. Ele realmente não tinha entendido o que estava fazendo na época, mas agora ele entendia. E ele nunca permitiria que outro chegasse tão perto dela que seu corpo estivesse dentro dela.

Aquele único golpe foi o suficiente para estimulá-lo, e ele soltou o pescoço dela para poder envolver os dois braços ao redor dela por baixo. Ele a protegeu do chão enquanto uma mão segurava seu

ombro enquanto a outra envolvia a parte externa de sua coxa.

Magnar puxou para trás e empurrou de volta para dentro dela, estremecendo com o puro êxtase disso.

Delora passou os braços ao redor de seu torso, mergulhando em seu pelo sem hesitação, e puxou-o. Ele gostou que ela fez, que ela estava desesperadamente agarrada a ele como ele sempre quis. Mas era muito melhor agora que ele sabia que poderia se enterrar dentro dela do jeito que estava.

Eles eram um.

O estômago dela se moldava ao redor do dele e era tão macio que ele se viu entrando e saindo dela com mais força, de modo que balançasse mais, roçasse mais nele. Ele a apertou, mais forte do que faria com um humano menor, e bufou de contentamento.

Seus gritos eram agudos, até mesmo ensurdecedores, e ele se permitiu desfrutar de cada um deles.

Não demorou muito para ele aumentar o ritmo, espetá-la repetidamente. Ela logo começou a apertar erratically em torno dele enquanto o líquido jorrava dela.

— *Vamos!* — ele gemeu, quase ofegante a ponto de sufocar. Sua voz mudava de tom, na escuridão, na rouquidão, revelando quão pouco controle ele realmente tinha sobre si mesmo. — *De novo. Venha de novo, Delora. Eu quero sentir o cheiro. Eu quero sentir isso.*

Ele queria que aquilo o consumisse até que ele não passasse de ossos.

Durante toda a sua vida, Magnar sentiu uma fome insaciável. Comer carne, cavar músculos, morder órgãos. Ele pensou que era insuportável, mas nada poderia se comparar à fome de bater profundamente nesta mulher se contorcendo em seus braços.

E quanto mais ela se contorcia de prazer ao redor dele, mais rude ele queria ser com ela. Ele gentilmente mordeu sua garganta e a segurou no lugar com seus tentáculos ao redor de seus quadris e seus braços ao redor de seu corpo. Magnar queria prendê-la, prendê-la tão completamente que ela saberia quem era o mestre.

Ele nunca teve desejos como este antes, mas eles o dominaram com cada golpe de seu pênis. Ele podia sentir seus nódulos nas laterais

de seu eixo entrando e saindo dela como pequenas *vibrações*. Cada um enviou um espasmo através de seu eixo.

A intensidade de seu calor combinado à medida que crescia a partir da fricção, sua umidade se misturando para criar um aroma que era único para eles, era inebriante.

E havia esse som. Uma sucção, tapa, batida que acontecia toda vez que ele empurrava ou puxava para fora. Ele nunca tinha ouvido nada mais erótico do que aqueles ruídos acompanhados por suas respirações e gemidos e seus grunhidos, rosnados e suspiros.

Antes que Magnar percebesse, ele se enrolou ao redor do corpo dela, apoiando-se nos joelhos e cotovelos enquanto a sustentava no ar, e começou a empurrar os quadris freneticamente. Ele empurrou com força, golpeou fundo e seus movimentos foram rápidos. Ele a segurou firme contra ele enquanto seus pensamentos eram abafados, exceto pelo desejo de liberar.

Como uma besta no cio, ele permitiu que seu corpo assumisse o controle total e absoluto, permitindo-se ser arrebatado neste momento de intenso prazer.

Seus gemidos eram leves no início, mas eles cresciam cada vez que seu pênis inchava com a liberação que se aproximava, preparando as protuberâncias na base. Ele sentiu o aperto terrível de seu sêmen girando em suas bolsas e sentiu a sensação de formigamento em sua espinha.

– *Haa. Haa.* – Outro gemido se seguiu, mas o som era uma mistura de dor e céu.

Seu membro estava doendo de uma forma que fez sua visão escurecer, e ele puxou suas presas para longe de sua garganta para que pudesse colocar o comprimento de seu focinho contra o lado de sua cabeça para ficar mais perto dela. Seus tentáculos os uniram, tornando impossível para qualquer um deles recuar, mesmo que quisessem.

– Oh meus Deuses! – Ela puxou o pelo das costas dele, arrancando alguns fios dele, enquanto arqueava as costas e gritava: – Magnar!

Ele rosnou o nome dela e apertou seu aperto sobre ela para que ela não pudesse escapar, fazendo seu gemido ser interrompido. Ele



sentiu o orgasmo dela assim que a primeira explosão de sua semente foi lançada em um poderoso esguicho.

O orgasmo dela intensificou o dele com seus espasmos úmidos e tensos. Ele sentiu o corpo dela tremendo ao redor dele como uma onda, quase como se estivesse tentando imitar e dançar junto com as pulsações crescentes dele.

Magnar encheu sua boceta já cheia de semente até que ele pudesse senti-la escorrendo por seu pênis quando vazou de seu canal. O cheiro de sua liberação sexual era forte. Ele gostava que estivesse nela, marcando-a. Ele a queria permanentemente saturada disso.

Misturava-se com o cheiro de cobre, de sangue, mas sua mente estava muito esgotada para compreender o que isso significava.

Ele estava muito eufórico.

E quando acabou, ele a deitou contra o chão e a segurou enquanto tentava juntar as peças de sua mente. Parecia que sua consciência havia girado para o éter e ele teve que esperar que flutuasse de volta ao seu ser.

*Minha Delora...* Ele aninhou o lado de sua mandíbula contra o cabelo dela.

Satisfação e alegria eram as ternas emoções girando dentro de seu peito, brincando com seu coração, enquanto ele segurava sua noiva em seus braços.

Isso foi até que ele ouviu um soluço silencioso.

— Delora? — ele perguntou hesitante, afastando-se um pouco para sentir que ela havia enterrado a cabeça em seu peito.

Ela estava segurando-o como se não quisesse parar de acariciá-lo, mas seus olhos ficaram brancos quando todo o calor e ternura que ele sentiu de repente o deixaram em uma onda de frio.

Magnar puxou os braços debaixo dela, seus tentáculos ainda segurando firmemente enquanto seu pênis estava enterrado, para que ele pudesse olhar horrorizado para suas mãos cobertas de sangue. Ele podia ver que ela cobriu o rosto com as palmas das mãos para chorar, e ele as afastou para ver o que ele havia feito.

O estremecimento que ele sentiu foi instantâneo.

A carne do ombro e braço direito e a parte externa da coxa

esquerda foram cortadas em tiras. Magnar, perdido em sua libertação, cravou suas garras em seu corpo flexível e o arruinou. Sangue estava sangrando livremente dela, e o gotejamento pesado de suas garras era assustador.

Não é à toa que ela estava chorando.

Magnar colocou a mão ensanguentada em seu estômago para que ele pudesse forçar seus tentáculos a se soltarem e, acidentalmente, espalhou sangue sobre ela, fazendo com que sua mandíbula ficasse tensa. Então ele puxou seu membro amolecido de seu corpo trêmulo.

*Ela está com dor.* Suas mãos tremiam enquanto ele olhava para elas novamente com horror de si mesmo. *O que eu fiz?*



A primeira coisa que Delora fez depois de um breve resplendor de uma névoa de prazer cheia de luxúria foi enterrar o rosto no pelo do peito de Magnar e começar a chorar. Não foi intencional, ela não queria que as lágrimas caíssem dela, mas ela não conseguia contê-las, por mais que tentasse.

*Que porra estou fazendo com um Caminhante do Crepúsculo?*

Ela não podia acreditar que atualmente tinha o pênis de um Caminhante do Crepúsculo dentro dela. Estava batendo ao lado do tambor de seu batimento cardíaco que ela podia sentir contra sua testa pressionada contra seu peito. Era tão íntimo ser capaz de sentir os dois, sentir a presença dele dentro dela de tal forma, que torceu seu coração.

Ela adorava estar lá e se odiava por isso.

Ela odiava que o calor de seu corpo fosse tão calmante que derretesse qualquer tensão em seus músculos. Ela odiava que seu gemido trêmulo tivesse feito seus ouvidos formigarem, e que seus bufos a tivessem acalmado por um pouco mais de tempo do que ela deveria ter ficado depois. Ela odiava que o cheiro de baunilha e creme

e sexo cheirasse tão bem que ela não queria que ele se afastasse.

Ela cobriu o rosto para escondê-lo ainda mais do mundo, notando o tamborilar suave que soava contra o telhado como se estivesse começando a chover.

*Eu sou insana.* Ela tinha que estar desequilibrada para ter permitido isso. Ter concordado com isso. Por ter *desejado* tanto isso que ela abriu as pernas e disse a ele que estava tudo bem afundar aquele enorme pênis dentro dela até que ele literalmente a esticasse além do reparo.

Mas o que Delora mais odiava era que ela não se arrependia. Nem um pouco.

*Hadith ficaria enojado comigo.* Inferno, toda a raça humana seria. Eles a chamariam de aberração pervertida! Eles a jogariam no Vêu duas vezes.

*Mas... Oh meus Deuses, ele nunca me fez gozar assim.* Não a ponto de pensar que pararia de respirar porque estava muito ocupada gritando em abandono. Hadith nunca fez sua mente ficar tão em branco que tudo o que ela queria era continuar sendo espancada até que ela se transformasse em pó.

Delora nunca tinha sido tocada tão gentilmente, tão ternamente, que seu corpo ronronou por mais carinho, deixando-a desesperada para ter um pênis dentro dela. Ela tinha estado tão excitada por Magnar que ela realmente não tinha considerado o quão esquisito seu pênis realmente era. Tudo o que ela sentiu foi alívio por ele ter um para arrebatá-lo e precisar fazer isso.

Nunca houve uma noite em que Delora esteve *tão* desesperada por seu próprio marido.

Há muito tempo ela havia parado de esperar por prazer, pensando que era uma tarefa impossível. Como ela deveria saber que a melhor maneira de ser fodida em êxtase era pular em cima do pau de um Caminhante do Crepúsculo?

Sentindo-se bem e verdadeiramente saciada, *essa* percepção foi mais dolorosa do que qualquer coisa que ela descobriu.

Tudo o que ela sempre quis de seu marido estava sendo dado a ela por uma criatura que nem deveria *existir*. Lealdade, carinho,

prazer, proteção... e aconchego. Ser tratada com delicadeza porque era uma mulher que merecia ser valorizada como um cristal valioso, e ter um cio apaixonado, duro e áspero, porque ela havia acendido um desejo tão incontrollável.

E ela sabia que Magnar não queria fazer sexo com ela porque ela estava convenientemente aqui para ele descontar sua luxúria. Ele nem sabia o que era seu pênis uma hora atrás – pelo menos ela pensou que poderia ter sido uma hora atrás.

Ela sabia que seu desejo era por ela, por causa dela.

– Delora? – ele perguntou com tanta preocupação e sinceridade em sua voz que a quebrou um pouco.

Ele se *importava* com ela. Ela podia ouvir isso em sua voz. E aqui estava ela chorando grosseiramente porque estava tão confusa com o que sentia que não sabia mais o que fazer. O pau dele ainda estava dentro dela, e ela chorava pateticamente porque gostava dele ali. No momento, estava fazendo com que ela se sentisse excepcionalmente inteira.

Ela queria se desculpar porque ele provavelmente pensou que ela estava chorando por causa de algo que ele tinha feito, mas isso não era culpa dele. Ele tinha sido perfeito, e esse era o problema.

– Eu... – ele começou enquanto cuidadosamente tirava seu membro dela, mesmo quando ela se agarrou a ele na esperança de que ele ficasse. – Sinto muito, Delora.

Ela sabia que seu rosto devia estar vermelho devido ao calor insuportável. Ele estava se desculpando, e ela se sentia uma vilã por causa disso.

– Eu não tive a intenção de te machucar. – O tremor instável em sua voz era inconfundível.

Então ela soltou um grito de dor quando ele colocou a mão sobre seu ombro, e ela lançou seu olhar para onde sentia agonia. Seus olhos se arregalaram em descrença em sua própria carne rendida. Sangue escorria de seu ombro, e ela não percebeu que se sentia um pouco tonta até que viu.

Ao mesmo tempo, Delora sentiu o sêmen quente escorrer de seu canal, e seu clitóris palpitou de prazer, apesar de seu estado

emocional.

*Oh meus Deuses. Eu não posso acreditar que eu gostei tanto dele me fodendo que eu nem sabia que ele tinha rasgado minha pele!*

E agora que ele chamou a atenção para isso, doía tão terrivelmente que ela sabia que ele não apenas cortou a pele, mas também desceu até o músculo. Sentia-se agradecida por um entorpecimento, seus nervos cortados em certos lugares.

No entanto, depois de alguns segundos com a palma da mão dele cobrindo seu ferimento, ela sentiu a magia irradiar vindo de onde elas estavam se tocando. Espalhou-se por todo o seu corpo, e ela olhou para a parte externa da coxa que sangrava.

A magia verde brilhante brilhava tão intensamente que era hipnotizante. Isso fez com que ela parasse de chorar.

Parecia exatamente com a cor da ala de proteção do lado de fora, mas muito mais brilhante. Em segundos, ela observou suas feridas se fecharem e desaparecerem como se nunca tivessem estado lá para começar.

Magnar afastou a mão dela e começou a recuar. Ele estava planejando fugir como antes.

— Por favor, — ela sussurrou quando ela estendeu a mão para ele. — Não vá embora.

Embora ela estivesse chorando, ela sabia que iria se acalmar logo. Ela só precisava de um momento para ser humana, para ter seu surto mental e emocional para processar tudo, e ela se acomodaria.

O único vislumbre que Delora teve de Magnar antes de ele se retirar da casa foi que seus orbes eram de uma cor totalmente branca. Seus gemidos, como um cachorrinho que machucou a própria pata, foram a última coisa que ela ouviu dele antes que ele se fosse.

*Magnar...*

Delora sentou-se na varanda com as costas contra a parede e esperou que Magnar voltasse. Estava chovendo levemente desde que ele partiu, duas noites atrás.

Observando o mundo sombrio, ela torceu a cabeça e descansou a bochecha sobre os braços cruzados que estavam sobre os joelhos dobrados. Muitas poças se formaram no quintal, mas pareciam brilhar onde a proteção estava passando ao longo do solo.

Havia pouca luz, pois o sol havia se posto recentemente.

*Quando ele vai voltar?*

Sua ausência estava chegando à terceira noite. Ela sabia que ele deveria ter retornado brevemente em algum momento, já que ela não havia se materializado para ele como ele disse que faria, mas ela nunca o tinha visto.

Aconchegando-se mais no cobertor para evitar o frio, ela olhou para além dos degraus da varanda.

*Ainda não consigo acreditar que ele foi embora de novo.* Ele fugiu como um covarde. *Ele nem me deu tempo de explicar.*

Cerrando os punhos, ela jurou que, quando ele voltasse, ela se certificaria de que eles falassem desta vez. A falta de comunicação não estava fazendo nenhum favor a nenhum deles, e ela só precisava colocar sua calcinha de adulta e contar a verdade.

*Eu não quero dizer a ele,* ela gemeu para si mesma.

Ela não só estava preocupada com a reação dele, mas também... não queria falar sobre isso. Ela não queria falar sobre seu passado porque preferia esquecer, mas deixar Magnar no escuro não parecia justo. Ela não poderia realmente justificar uma razão boa o suficiente para não contar a ele

*Ele é meu amigo.* Bem... mais que um amigo, considerando o que eles fizeram. *Foda-se? Um Caminhante do Crepúsculo pode ser um amigo de foda?*

Ela queria aliviar suas preocupações. Ambos eram novos nisso e aprendendo um sobre o outro, já que eram muito diferentes. Acrescentar seu passado complicado e doloroso tornou tudo mais

difícil.

— Teria sido melhor se uma humana diferente tivesse caído no Vêu, — ela murmurou em voz alta. — Alguém que não é como eu.

Inclinando a cabeça para trás, ela ergueu as mãos para poder olhá-las. Delora queria ser feliz, mas ela não se sentia assim. Dormir sozinha, sabendo que ele não estava por perto nas últimas duas noites, tinha sido quase insuportável.

Ao longo dos dias, ela tentou se tornar um Espírito para se acostumar e chegou à conclusão de que odiava fazer isso. Isso a fez sentir como se ela não existisse para o mundo. E não no bom sentido, como simplesmente desaparecer, mas como um Espírito que não estava pronto para partir.

Ela não conseguia cheirar nada, não conseguia tocar em nada. Ela podia ouvir e ver, mas era como se tornar um voyeur, o que era perturbador.

Abraçando seus joelhos novamente, Delora suspirou enquanto esperava por Magnar.

— Estou com muita fome.

Ela enfrentou a chuva forte para cavar no jardim, descobrindo apenas que um punhado de cenouras pequenas estava pronto o suficiente para ser colhido. Ela comeu os pássaros na noite em que fizeram sexo depois que ela parou de chorar, descobrindo que o sexo e as lágrimas a deixaram morrendo de fome.

Na verdade, ela estava com mais fome do que o normal. Seu estômago também estava horrível. Ela estava com frio, mas suando, e por alguma estranha razão, seus seios começaram a doer hoje.

*Talvez eu esteja menstruando?* Ela geralmente era irregular, então era praticamente um jogo de adivinhação quando viria. *Agora? De todos os tempos?*

Ótimo, outro problema para resolver. Ela se perguntou como Magnar lidaria com estar perto dela quando ela estava vazando sangue. *Ele ficaria enojado?*

Ela gemeu de desânimo.

— Eu *realmente* não quero ter essa conversa com ele agora.

A história toda de 'eu sangro uma vez por mês porque sou

mulher' foi apenas o começo. Então ela teria que explicar por que as mulheres fazem isso, que é para conceber, e ela seria *condenada* se fosse ter uma conversa sobre pássaros e abelhas com um curioso Caminhante do Crepúsculo.

No devido tempo, ela ficaria feliz em explicar tudo para ele, mas primeiro eles precisavam sentar e conversar.

Ela estremeceu. Este lugar parecia mais vazio do que já estava sem a presença dele. Ela não podia imaginar ficar presa aqui, para sempre, sozinha.

O Véu era um lugar tão assustador e assombroso que Delora se perguntou se ela poderia ousar vagar por ele. Mesmo em sua forma transparente, ela não gostou da ideia de tropeçar em um Demônio grotesco.

Ela estava grata pela proteção ser grande o suficiente para que ela não pudesse vê-los além das árvores. Também agia como uma barreira para abafar seus sons.

Nenhuma vez desde que Magnar a trouxe aqui ela se aventurou além da casa e sua vizinhança direta. Ela se recusou a ir longe, apesar de saber que era seguro. À sua maneira, ela estava fingindo que nem estava no Véu e que os Demônios não existiam.

Era só ela e Magnar no mundo

Bem, exceto que atualmente era apenas ela. Tudo por ela mesma.

— Vamos, Magnar, — ela suspirou, virando a cabeça para o teto. — Onde diabos está - hmm?

Delora lançou seu olhar de volta para baixo quando seus dedos das mãos e pés se sentiram estranhamente dormentes. Então seu coração começou a acelerar quando ela soltou um suspiro chocado. Ela esfregou o pulso e a mão quando seus dedos ficaram transparentes contra sua vontade.

Começou a crescer na mão, depois no antebraço e até no cotovelo.

— Ah merda! O que está acontecendo?

Ela estava se transformando em um fantasma de verdade!

Delora temia que algo terrível tivesse acontecido com Magnar.



Seu peito ardeu com o pensamento de que ele havia sido ferido ou de alguma forma morreu, e era por isso que seu corpo estava desaparecendo agora.

Ele continuou crescendo sobre seu corpo. Não importa o quanto ela tentasse tornar sólido, o quanto ela tentasse detê-lo ou revertê-lo, ela continuou a ficar transparente.

Antes que ela percebesse, tudo ficou preto.

Delora engasgou quando a luz entrou em sua visão segundos depois.

Bem... não estava muito claro considerando que era noite no meio do Véu. Sua cabeça girou, como se seus olhos estivessem girando nas órbitas, mas ela sabia que estava parcialmente ajoelhada no chão em uma posição semelhante a quando ela desapareceu.

Ela tentou murmurar 'onde diabos estou?' Mas até ela sabia que estava tão arrastado e distorcido que não fazia sentido. Delora estava desconcertada e desorientada.

Ela virou a cabeça para ver dois seres difusos, mas pretos, na frente dela, ambos com orbes brilhantes. Um era verde, o outro azul. Quanto mais ela olhava, melhor ela podia ver.

Ela balançou a cabeça para limpar o nevoeiro restante e aliviar o giro que sentia. Isso permitiu que ela visse que Magnar de repente se virou para ela, atraído por seu paradeiro por seu cheiro ou pelo som de sua vida, e cambaleou para trás em seus cascos de três dedos.

Delora ficou trêmula em um joelho e um pé enquanto alcançava o corrimão, já que eles estavam em uma varanda totalmente construída.

Ela observou os olhos de Magnar ficarem roxos brilhantes. *Ooo! Eu sei o que essa cor significa agora.*

Da melhor forma que pôde, Delora lançou um olhar feroz a Magnar. Ele uma vez disse a ela que ela nunca poderia escapar dele, já que ela voltaria para ele uma vez que um dia passasse se ele não estivesse por perto, mas também significava que *ele também* não poderia escapar *dela*.

E ela podia ver que ele estava planejando fugir novamente.

*Fodido gato sorrateiro*, ela pensou enquanto se aproximava. *Do*

*que um Caminhante do Crepúsculo pode ter tanto medo?*

— Não corra, — ela exigiu quando ele recuou.

Magnar esbarrou em Orpheus, que o deixou passar com facilidade. Antes que ela pudesse agarrá-lo, Magnar cobriu o rosto para esconder o brilho de seus olhos e disparou escada abaixo para a chuva.

— Magnar!

Orpheus estendeu o braço e segurou-se no corrimão dos degraus da varanda para bloquear sua perseguição. Magnar entrou na floresta que farfalhava violentamente com os ventos fortes e desapareceu.

— Não, — ele advertiu.

Orpheus olhou para ela com seus orbes azuis normais, e ela esticou o pescoço para trás para encará-lo, encontrando o orbe do Caminhante do Crepúsculo nos olhos.

— O que lhe dá o direito de intervir? — ela rosnou enquanto estufava o peito com raiva. Ela não ousou tocar seu torso no dele em uma demonstração de agressão, mas ele a impediu de ir atrás de Magnar. — Preciso falar com ele.

Isso era culpa dela, e ela precisava consertar isso.

Orpheus inclinou a cabeça, fazendo não apenas sua cabeça chacoalhar como ossos secos, mas também os dois sinos pendurados em seus chifres de impala retorcidos. Eles eram presos por um barbante e nove contas que começavam como azuis, depois pretas e depois roxas, antes de se repetirem mais duas vezes.

Embora seu Caminhante do Crepúsculo e este compartilhassem características semelhantes, Delora sabia, sem dúvida, que eles eram diferentes. Não apenas seu crânio tinha a forma de um lobo em vez de uma raposa, mas seus maneirismos também eram tão diferentes que ela podia ver em sua postura.

Orpheus, embora mais baixo, ficava muito mais ereto e com melhor equilíbrio. Seu corpo parecia mais grosso, como se fosse mais forte e desenvolvido, e a maneira como ele o segurava era com confiança.

Além disso, havia o fato de que suas roupas eram exatamente

iguais, mas as de Orpheus eram limpas, engomadas, passadas e arrumadas. Estava abotoada perfeitamente, e sua camisa estava enfiada em sua longa calça preta que escondia a parte de cima de seus sapatos brilhantes.

Em vez de se inclinar para assustá-la, Orpheus finalmente ergueu a cabeça para trás com indiferença, como se ela e sua raiva fossem insignificantes para alguém como ele.

— Embora você seja corajosa, pequena humana, agora você deve ter cuidado com ele. — Ele acenou com a mão em direção ao gramado da frente do que ela pensou ser sua própria cabana de toras para apontar para a floresta logo depois de um círculo de sal inundado não muito longe. — E aventurar-se no Véu só vai aborrecê-lo e colocar vocês dois em perigo. Ele não gostaria que você se machucasse por causa de sua tolice.

Foi só então que ela percebeu que a porta da frente de sua casa estava aberta, e Reia estava do outro lado observando-os. Ela deve ter visto tudo.

Delora estremeceu com suas palavras, antes de deixar seus ombros caírem.

Ele estava certo, e ela não gostava disso.

Independentemente disso, ela recuou para ter espaço para jogar as mãos para a frente.

— Mas ele continua fugindo! Ele não pode fugir toda vez que algo acontece. Ele precisa aprender a se comunicar comigo.

Passando os dedos pelos cabelos, Delora não podia acreditar o quão imaturo ele estava sendo!

— Passei os últimos dois dias esperando por ele, — ela resmungou, desviando o olhar derrotada. — Sei que me materializei aqui porque faz um dia inteiro desde a última vez que ele foi para casa.

Ele provavelmente veio ver como ela estava, ou talvez apenas para que ela não aparecesse para ele. A ideia deste último fez seu coração murchar em seu peito.

*Ele me deixou sozinha.* Ela queria se abraçar conscientemente, mas se recusava a mostrar sua fraqueza na frente deles.

— Neste momento, o mais seguro é que ele não esteja perto de você — afirmou Orpheus, retraindo o braço. — Ele está tentando proteger você.

— De que?

Delora simplesmente não via o problema. Então, ele acidentalmente a arranhou quando eles estavam fazendo sexo? Grande maldito. Isso passou, isso era agora, e ela não conseguia ver por que ele continuava precisando... deixá-la. *Ele me curou imediatamente.*

— De si mesmo. — Orpheus virou a cabeça para Reia, mostrando que seu olhar havia caído sobre ela, mas ela percebeu pela rigidez de seu corpo rígido que ele estava cauteloso. — Você abriu a mente e o corpo dele para o desejo e, para nossa espécie, a primeira vez não é a mais fácil.

— Eu meio que sempre me perguntei como foi a sua primeira vez, — Reia riu baixinho, mas seus olhos verde-floresta sugeriam compreensão.

Orpheus balançou a cabeça enquanto coçava a lateral do pescoço.

— Não é o mesmo. — Ele baixou a mão para olhar suas garras afiadas. Elas estavam embotadas como se ele tivesse saído de seu caminho para tirá-los de volta. — Eu nunca agarrei Katerina.

— Katerina? — Delora franziu a testa, lembrando que Reia havia mencionado esse nome.

Quando ela trouxe seus olhos para ela, os lábios de Reia se estreitaram e suas sobrancelhas se contraíram.

— Não. Ela nunca me fez agarrar tão desesperadamente que eu queria irritá-la. — Seus orbes desapareceram do azul para um rosa flamingo brilhante, uma cor que Delora só tinha visto uma vez antes, quando ela deu o nome a Magnar. Ela franziu a testa com a emoção suave. — Mas eu fiz isso com você.

— Oh. Oh! — Delora engasgou, percebendo como um martelo.

Ela estava pensando o tempo todo que ela e Magnar eram os únicos que tinham feito algo como sexo.

Parecendo sentir para onde sua mente havia ido, Reia sorriu conscientemente. Ela não estava envergonhada ou embaraçada em

revelar isso e, na verdade, parecia bastante satisfeita.

— Olha, eu sei o que você disse da última vez, mas quem diabos é Katerina e por que ela é tão importante? — Delora deu uma breve olhada na direção que Magnar tinha ido. — Estou me esforçando ao máximo para me adaptar a isso, mas não é fácil, ok?

— Ela queria correr atrás dele, Reia — afirmou Orpheus enquanto se aproximava de sua humana. — Eles não são os mesmos. Katerina nunca teria encontrado o Véu por mim.

Reia cruzou os braços sobre o peito e estreitou os olhos na direção de Delora. Seu olhar caiu enquanto ela suspirava.

— Eu acho que você deveria entrar. É uma longa história. — Reia virou as costas para eles para entrar mais fundo na casa. — Não discuta sobre isso, Orpheus. Ela é nossa convidada. Os hóspedes podem entrar e tomar chá.

O grande Caminhante do Crepúsculo soltou um suspiro irritado pelo nariz, mas entrou. Ainda assim, surpreendentemente, ele segurou a porta aberta para que Delora pudesse entrar antes que ele a fechasse suavemente atrás deles.

Ela ficou imediatamente surpresa com o que encontrou.

Cheirava a pinho, ervas secas e vida. Também era brilhantemente iluminada pelas muitas velas que estavam em quase todas as superfícies e pelo candelabro de chifre pendurado acima, quase alcançando a distância de seus chifres, mas tão longe para um humano, como ela.

A casa era semelhante em design à de Magnar, as paredes feitas de troncos de madeira grossos e envelhecidos que pareciam todos do mesmo diâmetro.

Em uma espécie de área de jantar, havia uma mesa enorme para permitir a altura de Orpheus, mas ofuscava tanto Reia quanto Delora quando ela foi levada para um dos dois assentos disponíveis. Era óbvio que eles nunca haviam recebido convidados antes.

— Eu traria a cadeira de jardim de fora, — Reia começou enquanto acenava com a mão para Delora se sentar na cadeira menor enquanto ela subia na muito maior com a ajuda de Orpheus. — Mas está molhada por causa da chuva.

Reia pediu a Orpheus para fazer chá para elas, mas Delora parou de ouvir para olhar em volta.

Tendo que se ajoelhar para alcançar a mesa corretamente, ela notou uma variedade de itens em cima dela, como uma tábua de corte que tinha ervas de endro sobre ela com uma jarra de cerâmica ao lado. Havia um almofariz e pilão com ervas amassadas e ornamentos de ossos e joias.

A cozinha tinha um longo peitoril com uma bacia e um balde dentro dela. Plantas semelhantes a videiras pendiam da bacia de metal, enquanto garrafas de vidro com diferentes conteúdos empoeirados davam cor aos balcões.

Com admiração, seus olhos voltaram para o candelabro para ver que ornamentos pendiam dele. Cristais, pedras, ossos e até mesmo fitas foram cuidadosamente amarrados aos chifres.

Então, finalmente, do outro lado, perto de uma longa janela gradeada, havia uma lareira com duas poltronas individuais. Uma era maior que a outra, mas ambas pareciam macias, pois estavam cobertas de peles de animais. Mais daquela pele havia sido colocada no chão, e entre as cadeiras havia uma mesa redonda.

A última peça de mobília era uma estante quase vazia que continha quatro ou cinco livros, dois dos quais pareciam muito velhos e gastos.

Delora não percebeu que estava boquiaberta com o que encontrou até que seu olhar passou por Reia, que estava observando sua reação. Ela fechou os lábios entreabertos e olhou para a mesa.

Mas ela não conseguia sentir nada além de admiração, mesmo que tivesse sido pega. Não porque a casa era espetacular, mas porque Delora se perguntou se a casa que Magnar havia construído para ela um dia seria semelhante a esta.

Havia uma parede que obviamente separava os cômodos do resto da casa, algo que a deles ainda não tinha, e um longo corredor que levava a uma porta bem no final. O layout parecia diferente do que Magnar disse a ela que seus planos eram quando ele finalmente teve a chance de construir mais.

Uma pontada de saudade a atingiu quando ela pensou nele.

Tudo era tão avassalador que ela mal percebeu que estava seminua em uma camisa preta de botão na frente deles. Ela estremeceu, apesar de se sentir quente e levemente coberta de suor. Quase parecia que ela estava começando a ter febre, mas ela atribuiu isso à adrenalina.

— Katerina é a primeira humana que Orpheus pegou. Alguns séculos atrás, na verdade, — Reia começou, trazendo Delora de volta para o porque eles entraram em primeiro lugar. Mordiscando o lábio inferior, Reia ergueu as mãos para indicar a casa em que estavam. — Ele construiu para ela esta casa, o jardim, este quintal. Ele fez móveis e enfeites para ela e até comprou muitos. Ele fez tudo o que pôde para fazê-la feliz.

As bochechas de Delora aqueceram com ternura.

— Mais ou menos da mesma forma que Magnar está construindo uma casa para mim?

Ela esperava que parecesse ainda mais incrível do que esta.

— Sim — interveio Orpheus quando colocou duas xícaras na mesa em frente a elas. Ambas fumegavam com um líquido cor de mel, mas com um cheiro amargo de gengibre e menta. — E eu era bastante semelhante em meu desenvolvimento a ele quando a trouxe para o Vêu. É por isso que ele costuma me pedir conselhos. Ele está planejando um humano que eventualmente lhe dará uma alma para manter.

Seu olhar disparou para a alma ardente flutuando entre seus chifres, brilhante e vermelha com vida. Embora sua própria alma agora tivesse algumas rachaduras de luz, ainda parecia carvão e opaca em comparação.

— Mas você está um pouco adiantada, — Reia riu, mas soou estranho.

Orpheus recuou para encostar-se ao balcão da cozinha que era um pouco baixo para ele, como se fosse projetado para um ser humano. Os armários acima pareciam estar à sua altura, no entanto.

— Tínhamos planejado que ele comesse mais alguns humanos e ganhasse mais humanidade antes de encontrar uma para si mesmo, mas não podemos controlar o que acontece e quando isso acontece.

— Magnar já explicou que os Caminhantes do Crepúsculo ganham humanidade comendo humanos. Da mesma forma que os Demônios ficam mais fortes comendo a gente.

— Exatamente, — Reia disse com um aceno de cabeça, fazendo seu cabelo loiro ondular sobre seus ombros.

Delora envolveu as mãos ao redor da caneca de madeira.

— Isso ainda não explica nada.

— Magnar já lhe contou sobre o Rei Demônio ou a Vila dos Demônios? — Reia perguntou.

Os olhos de Delora se arregalaram tanto que ela pensou que eles poderiam saltar de seu crânio.

— Que rei e que aldeia? — Delora engasgou, sua voz ficando mais aguda do que o normal.

— Eu acho que não. — Reia empurrou alguns fios de cabelo para trás da orelha, seus olhos se desviando como se ela estivesse desconfortável. — Eu sei que é muita coisa para digerir, e as coisas serão explicadas melhor no futuro, mas existe um castelo no meio do Véu que pertence ao Rei Demônio. Ele tem a capacidade de usar magia, magia forte. Séculos atrás, ele abriu um portal para a Terra de outro reino e trouxe os Demônios aqui para nos comer. Ele está tentando criar um exército. Ele também criou uma área para Demônios que ganharam humanidade suficiente para construir uma vila, e parece com qualquer vila antiga de onde você ou eu poderíamos ter vindo. É bem esquisito, mas parece totalmente normal apesar de *elas* estarem lá.

Seus lábios se separaram em descrença. Ela queria dizer que estava mentindo apenas para zombar dela, mas quando olhou para Orpheus, ele parecia tão sério quanto. Seu punho cerrou e ele parecia mais tenso do que antes.

— Eles fizeram minhas roupas — acrescentou Orpheus. — Eles também fizeram muitos dos itens de habitação que eu não posso fazer sozinho, como a lareira.

Ele acenou com a mão na direção da lareira na cozinha que tinha as hastes de metal penduradas de uma fornalha. A madeira era protegida por várias camadas de tijolo e pedra, e no meio havia uma



mesa de metal com uma panela em cima onde as chamas podiam alcançá-la.

— Eles também nos forneceram as ferramentas que usamos para construir a casa para você e Magnar.

— De onde eles tiraram isso? — perguntou Delora.

Ela tinha que admitir, isso tudo era muito difícil de aprender.

Uma vila de demônios no meio do Véu que era como uma cidade humana? Era tão irreal. Demônios eram monstros horríveis que se banqueteavam com os humanos com alegria. Pensar que *eles* tinham um pensamento racional além de comer carne era difícil de absorver.

Os humanos tinham medo deles por séculos. Ninguém sabia de onde eles vieram, pois não estavam na Terra há mais de algumas centenas de anos, e ninguém sabia por que eles vieram para cá. Tudo o que sua espécie sabia era que o mundo havia caído no caos e era perigoso fora dos muros de suas cidades.

— Alguns deles eles fizeram — disse Orpheus.

*Como porra de artes e ofícios?!*

— Parte disso eles roubaram dos humanos.

Delora levantou a mão para detê-los enquanto colocava a outra contra sua testa.

— Não posso. Vou ter que ver para entender.

Orpheus virou a cabeça para Reia, e ela respondeu com um suspiro.

— Vamos seguir em frente. Sei que é muito para assimilar. O que sabemos como humanos está muito longe da verdade, e ainda estou aprendendo muito sobre isso. Há muito mais para lhe contar, e eu também não teria acreditado se não tivesse visto com meus próprios olhos.

— Vamos continuar com essa tal de Katerina, — Delora implorou.

Não mais sobre este Rei Demônio e vila.

— O Rei Demônio odeia Mavka, — Orpheus declarou, fazendo Delora gemer. — Nós matamos Demônios e nos recusamos a nos juntar a ele. — Ele olhou para suas mãos enquanto levantava ambas as palmas para olhar para elas. — Não quero fazer parte de

derramamento de sangue ou violência. Não tenho interesse em entrar na guerra dele, nem qualquer outro Mavka que eu conheça.

— Mas ele fez uma oferta para Katerina sair com ele e ela concordou. Ela odiava Orpheus, até o desprezava. — Reia então olhou Delora diretamente nos olhos, e ela podia ver a hostilidade ardente neles. Não em Delora, mas nesta aparente pessoa de Katerina. — O Rei Demônio a manteve viva por quase dois séculos com sua magia. Quando eles finalmente descobriram como matar Caminhantes do Crepúsculo, eles tentaram *me usar* como isca para matar Orpheus! Eles me sequestraram para que Orpheus fosse forçado a entrar no castelo como uma armadilha. Katerina estava planejando esfaquear seu crânio para quebrá-lo.

— Destruir nosso crânio é a única maneira de matar um Mavka permanentemente, — Orpheus disse enquanto escovava suas garras ao longo de seu focinho ossudo de lobo.

— O que você fez para escapar, então? — Delora perguntou, sem saber se queria ouvir a resposta com a forma como Reia parecia assassina. — Desse aparente castelo e rei todo-poderoso?

— Ela ia deixar o Rei Demônio me comer. Também tenho a sensação engraçada de que ela o deixou comer os outros humanos que roubaram de Orpheus. — Reia zombou. — Então, eu esfaqueei a cadela no torso com minha espada.

— Você matou alguém? — ela guinchou.

— Eu gostaria de poder fazer isso de novo. — Reia bateu com o punho na mesa, fazendo sua caneca quicar e quase transbordar. — Orpheus fez tanto por ela, e ela foi completamente ingrata. Ela pensou nele como um monstro até o fim e queria ter certeza de que ele sofreria. Eles o torturaram, roubaram outras oferendas, mataram-nas, apenas para garantir que ele estivesse sozinho. Ela me sequestrou e então *esperava* que eu simpatizasse com ela.

Delora espiou Orpheus, esperando ver seus orbes escurecerem em azul com as coisas tristes que aparentemente aconteceram com ele. Em vez disso, eles eram um flamingo rosa novamente.

Delora *realmente* queria saber o que aquela cor significava.

— Eu não quero ser rude, — Delora fez beicinho, olhando para

a madeira desgastada da mesa antes de mexer na bainha de sua camisa. — Mas o que isso tem a ver com Magnar e eu?

— O que Magnar está passando com você atualmente, eu passei com Katerina — afirmou Orpheus antes de cruzar os braços e encostar-se ao balcão baixo da cozinha mais uma vez com a parte de trás das pernas. — No entanto, eu não tinha a alma dela.

— Graças aos Deuses por isso, — Reia riu quando ela finalmente pegou seu chá agora que estava mais frio, soprou na caneca de madeira e então tomou um gole. — Caso contrário, você teria ficado preso com ela.

Orpheus riu de volta, fazendo Delora franzir a testa. Ela não conseguia se lembrar se já tinha ouvido Magnar fazer um som tão profundo e agradável.

— Isso é verdade, minha pequena corça. Sou eternamente grato por ser sua alma que posso manter por toda a eternidade.

Delora sentiu seu coração já dolorido afundar ainda mais. O que ela e Magnar tinham não era *nada* disso. Orpheus e Reia obviamente tinham um vínculo muito profundo e caloroso, e o ciúme que Delora sentia não incitava raiva, mas sim tristeza.

Eles poderiam ter isso? Eles poderiam formar um vínculo tão terno?

*Reia e Orpheus... se amavam?* Esse era um conceito tão estranho, considerando que ela era humana e ele um Caminhante do Crepúsculo, mas parecia na superfície que eles poderiam.

Delora não sabia se ela realmente queria isso ou mesmo sabia como. Ela havia sido tão horivelmente queimada pelo amor que pensou que suas entranhas poderiam estar muito desfiguradas para sequer pensar na ideia. Havia algumas feridas que não podiam ser curadas, e se Magnar ia fugir como um covarde sempre que as coisas ficavam difíceis, então ela não via ser possível que ele fosse capaz de fazê-la amá-lo - isso é mesmo se ele queria o amor dela ou entendia o que era.

Orpheus virou o crânio na direção de Delora.

— Katerina me ensinou muito sobre como é ser humano. — Então seus orbes mudaram para um rosa avermelhado para significar

seu constrangimento com suas próximas palavras. — Nós Mavka não temos funções corporais como vocês, humanos. Absorvemos nossa comida tão completa e totalmente que não há desperdício para produzirmos. Quando olhei para meu próprio pênis pela primeira vez, não sabia o que era ou qual era sua função.

As bochechas de Delora ficaram rosadas, e ela lançou um olhar para Reia para ver se ela estava desconfortável – apenas para descobrir que a estranha mulher estava mordendo os lábios para se impedir de rir.

— E-eu acho que foi uma reação a mim, — Delora murmurou baixinho.

— Para você? — Havia uma nota óbvia de curiosidade em sua voz.

— Sim. — Ela tentou olhar para qualquer lugar, menos para qualquer um deles. *É possível morrer de vergonha?* Delora não podia acreditar que ela foi forçada a ter essa conversa com duas pessoas que eram praticamente estranhas. — Para o meu, uh, perfume? Ele estava me tocando com muita curiosidade e eu meio que me empolguei.

Orpheus levantou um braço de sua posição dobrada para cobrir a parte inferior de sua longa mandíbula.

— Entendo. Minha primeira vez que senti desejo foi apenas em meus próprios desejos de querer estar mais perto de Katerina depois de dois anos juntos. — Então ele abaixou a mão como se fosse encolher os ombros. — Eu não sabia na época, muito estúpido para perceber, mas ela nunca me desejou verdadeiramente. Ela fazia o que eu queria porque tinha medo de que eu a machucasse se não o fizesse, embora eu nunca a tenha ameaçado. Fiz tudo o que pude para mantê-la segura. Mas, como Magnar, eu estava seguindo em frente puramente por instinto porque ela me aceitou. Achei que ela sentia o mesmo, já que não me disse o contrário.

Então Orpheus olhou para suas próprias garras.

— Às vezes ela instigava o toque, tentava incitar desejo em mim para que eu fizesse coisas por ela quando não queria – como sair para caçar. Ela estava usando isso como uma forma de me controlar, o que tornava as coisas ainda mais confusas. Foi só quando ela foi

embora que percebi que ela me odiava.

— O que você está tentando dizer? — Delora perguntou, suas sobrancelhas franzidas juntas.

Controlar alguém por meio da intimidade e do sexo era excepcionalmente manipulador. Ela se aproveitou das emoções e da falta de compreensão de Orpheus.

— Nossas primeiras vezes não são as mesmas. Eu não tinha a alma de Katerina, então não sentia esse tipo de conexão com ela, nem meu desejo era uma reação ao dela. Se você ansiava por Magnar...

— Eu não diria que ansiar é a palavra certa, — Delora murmurou em protesto.

Mas não foi? Na época, ela olhou para seu pênis, em todas as suas estranhas partes se contorcendo, e ela desejou que ele estivesse dentro dela. Ela não se importava que fosse diferente, apenas que pudesse estar dentro dela, preenchê-la, talvez até lhe dar prazer... e prazer, ela teve.

— Se você desejasse Magnar, — Orpheus repetiu com um tom sombrio, fazendo suas costas se endireitarem e ficarem rígidas. Ops, ela o interrompeu. — Então o corpo dele estava reagindo ao seu. Você despertou o desejo dele com o seu próprio e então ele se agarrou a você, machucando você no processo. Eu nunca agarrei Katerina, mas acidentalmente machuquei Reia várias vezes. Eu a mordi, a agarrei, fui muito rude, e sempre foi por causa de algo que *ela* está fazendo.

Quando Delora deixou seu olhar timidamente voar para Reia, ela descobriu que já estava sendo observada. Reia estava avaliando sua reação.

O que quer que ela tenha visto na expressão de Delora a fez rir.

— Está bem. Eu gosto, e parece que você também.

Delora apertou a mandíbula e engoliu em seco.

Ela se inquietou esfregando o antebraço com o pulso coberto pela manga.

— Eu nem sabia que ele tinha me agarrado até que ele estava se desculpando, então ele simplesmente fugiu antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

— Ele disse que você estava chorando — rebateu Orpheus,

fazendo Delora estremecer por dentro.

— Isso não é culpa dele. — Seus ombros caíram quando ela voltou seu olhar para a mesa. — Eu não estava chorando por causa de qualquer coisa que ele tivesse feito. Ele apenas me fez perceber que eu estava perdendo algo que eu sempre quis, e eu não podia acreditar que ele era o único a me fazer ver isso. Eu queria explicar isso para ele, mas, uh, sim.

— No momento, ele está com medo de machucar você de novo. — Orpheus virou a cabeça para olhar para a lareira acesa. Quando percebeu que estava com pouco combustível, foi até ela e jogou um pouco dentro, falando enquanto se movia pela casa. — Ele está preocupado em estar perto de você.

— Mas eu não entendo porque, — Delora disse enquanto o seguia com seu olhar.

— Porque ele *vai* te machucar, — ele respondeu. — Porque ele não consegue se controlar agora. Até mesmo pensar em você está fazendo a visão dele ficar roxa. O que ele quer agora é *mais*, e ele sabe que isso não é sábio. Ele precisa se adaptar a essa nova emoção, que é muito prevalente agora que ele entende o que é, o que pode fazer e o quão próximo pode aproximá-lo de você. Você é a noiva de um Mavka e estamos sempre com fome de alguma coisa. Você mostrou a ele essa fome, e agora ele anseia por isso terrivelmente.

— Eles são irritantemente incessantes, — Reia sussurrou com a mão em concha ao redor da boca para acalmar suas palavras.

As costas de Orpheus enrijeceram depois que ele cutucou o fogo com um atizador, e ele virou a cabeça por cima do ombro para rosnar para ela.

— Gosto de estar perto de você, Reia.

Em resposta, ela revirou os olhos antes de trazê-los para Delora, dando-lhe uma piscadela.

— Bem-vinda ao clube excitante dos Caminhantes do Crepúsculo.

E era isso! A última coisa para levar Delora ao limite.

Ela cobriu o rosto com as duas mãos e soltou um gemido de consternação. Então ela balançou a cabeça contra as palmas das mãos,

desejando poder simplesmente desaparecer para que o embarço pudesse acabar.

*Eles são estranhos. Eles são todos tão estranhos!*

Reia era estranha e aberta demais sobre isso. Orpheus acabara de explicar tudo isso a ela com tanta profundidade e detalhes, e agora saber que Magnar continuava fugindo porque estava pensando com o pau era demais para suportar.

Delora temia que sua mente fosse quebrar. Quanto mais uma pessoa poderia ser empurrada para a loucura? Ela já estava meio louca quando foi empurrada para dentro do Véu.

A ideia de se tornar o brinquedo de um Caminhante do Crepúsculo era um conceito estranho, e ela não tinha certeza se estava encantada ou com medo. Havia algo erótico em Magnar, em ser íntima de um Caminhante do Crepúsculo, simplesmente porque ele era tão diferente dela.

Ele era grande e alto, com braços fortes que pareciam um abrigo. Ela queria que ele a apertasse até que ela explodisse, a abraçasse até o fundo de seu ser, sua essência, sua alma.

Ela teve um orgasmo por causa dele e queria sentir isso de novo. Ela queria descobrir como era ser aceita como ela era, até mesmo adorada como Magnar parecia adorar seu corpo, e então ser fodida até o esquecimento. Claro, havia um emaranhado de emoções lá também, mas seu longo corpo negado ansiava por prazer.

Delora sabia que no futuro ela não o negaria, mas ao mesmo tempo, ela realmente não gostava da ideia de ser arranhada quase até a morte. As feridas que ele lhe deu foram graves o suficiente para cortar músculos, e ela tinha certeza de que a única coisa que a salvou de sentir dor foi porque ela estava gozando quando ele as deu a ela.

No entanto, uma parte dela estava disposta a arriscar a aposta se pudesse afundar em um êxtase trêmulo e se afogar nas ondas novamente.

— Você gostaria de um banho? — Reia perguntou, fazendo com que Delora finalmente abaixasse as mãos para olhar além delas.  
— Um de verdade, com banheira e tudo.

Pela primeira vez, Reia deu a Delora um sorriso, um

verdadeiro que não continha nada de obscuro por trás dele.

— Isso realmente parece muito bom, para ser honesta.

Devido à lareira, a casa deles não tinha frio no ar, mas Delora ainda estava com frio por ficar sentada na varanda antes de se materializar aqui. Seus dedos das mãos e pés doíam e ter a chance de se lavar direito era algo que ela não negaria.



Delora suspirou de contentamento quando o calor líquido a envolveu, aquecendo seu corpo até os ossos. Sentiu dor nos dedos dos pés e nas pontas dos dedos ao escorregar para dentro da grande banheira de madeira, mas ela não se importou quando o resto de seu corpo formigou de felicidade.

Situado na parte de trás da casa, o banheiro era de tamanho moderado para esta grande casa de cabana de toras, mas ela não podia deixar de achá-lo bastante bonito e convidativo.

Grandes cristais de ametista, alguns quase na altura de seu quadril, estavam em dois dos cantos mais distantes da porta. Em cima deles e perto da cabeceira da banheira havia velas acesas que davam luz suficiente para possibilitar a visão sem ser brilhante e confrontante, permitindo que ela visse seu corpo em sombras parciais.

Não havia incenso, mas ela podia ver que havia um prato de ervas que podia ser aceso para dar um aroma agradável. O ar ainda tinha um cheiro doce, como se estivesse permanentemente saturado.

Ela recebeu um pouco de óleo líquido para limpar seu corpo adequadamente e se permitiu mergulhar neste pequeno e temporário pedaço do céu.

— Eu deveria pedir a Magnar para criar um banheiro para mim primeiro, — ela murmurou, sua voz profunda com satisfação enquanto ecoava pelas paredes.

Ela adoraria ter algo assim.

Ela abriria mão de uma cama adequada, uma cozinha adequada, uma casa adequada, apenas para poder se banhar no calor quando quisesse.

Havia uma chance de ela nunca sair da banheira.

Tudo o que Delora podia ouvir era o barulho da chuva lá fora, o leve gotejamento da água que batia nas laterais da banheira sempre que ela se movia, o batimento cardíaco em seus ouvidos e sua respiração leve.

Havia um pensamento que continuava a incomodá-la, no entanto. Um que não guardava animosidade, mas ainda fazia seu

coração palpar tanto de ansiedade quanto de timidez tímida.

*Eu realmente penso naquela casa como meu lar?* Embora ela soubesse que Magnar a havia feito para ela, ela não percebeu que já estava tão apegada a ela até ser trazida para cá.

Ela já estava com saudades.

Abraçando sua barriga, Delora inclinou a cabeça para trás contra a borda da banheira. *Tenho saudades de braços que nem sabem me segurar.*

Porque não era realmente da casa que ela sentia falta, mas de Magnar. Havia uma solidão ecoante que ela sentia, e era ainda mais profunda depois de estar aqui e testemunhar Reia e Orpheus juntos. Por mais que ela imaginasse sua nova casa com carinho, ela sabia que havia um vazio nela. Não porque não tivesse móveis, mas porque havia uma barreira muito perceptível e distinta entre ela e Magnar.

Sem saber se a gota de líquido que escorria pelo lado de seu rosto era uma gota de suor ou uma lágrima, ela fechou os olhos com força. *Não sei como me aproximar dele.*

O que ela já havia tentado os levou ao sexo, mas a distância entre eles era ainda maior agora. Magnar não podia nem estar na presença dela, e o único arrependimento que ela sentia por ter intimidade com ele era simplesmente porque ela havia perdido todo o resto.

— Eu não me sinto muito bem, — Delora sussurrou para o ar quando sentiu seu estômago estar tão emaranhado em muitas emoções que estava enjoado. — Eu quero ir para casa.

Ela queria ser confortada dentro de um ninho de galhos e peles, entre um conjunto de braços grandes e ligeiramente alongados, onde tudo o que ela podia sentir era o cheiro de baunilha e ouvir um batimento cardíaco e uma respiração forte demais para pertencer a qualquer humano.

Seu protetor se foi e ela não se sentia mais verdadeiramente segura.

Havia outro Caminhante do Crepúsculo aqui, e Orpheus tinha sido... bom o suficiente para ela. Era óbvio que ele se importava com os humanos, talvez até um pouco mais do que com sua própria espécie.

Delora se perguntou se talvez algum Caminhante do Crepúsculo pudesse ter dado a ela a mesma sensação de ter mariposas esvoaçantes em seu torso, mas ele não deu a ela a mesma reação.

Claro, era estranho imaginar considerando que ele tinha Reia e ela tinha Magnar, mas ela estava curiosa para saber se qualquer Caminhante do Crepúsculo a faria se sentir assim.

Não iria.

Havia algo na maneira como Orpheus se articulava na conversa, como ele tinha a arrogância e a confiança de se inclinar superiormente contra o balcão com os braços cruzados, que deixava Delora se sentindo esfriada por sua presença. Ele era muito inteligente, muito compreensivo.

Ela quase riu para si mesma.

*Eu gosto de Magnar porque ele não é nada como um humano.* Porque os humanos foram desagradáveis e cruéis e mostraram a ela que podiam ter segundas intenções. Eles poderiam trair tão facilmente. Magnar era muito cru com suas emoções, tão aberto com elas porque não sabia o que precisava ser escondido e o que não precisava.

Delora nunca ficaria no escuro com ele guardando segredos terríveis porque ele sempre os revelaria a ela. Talvez não imediatamente, mas logo o suficiente para que ela soubesse de tudo eventualmente.

Depois de debater se ela estava na água por muito tempo, Delora finalmente saiu da banheira. Por mais que ela estivesse gostando, estar sozinha estava fazendo seus pensamentos girarem. Ela também era hóspede na casa de outra pessoa e não queria desrespeitar a hospitalidade deles.

Depois de se enxugar com um pano longo e branco que imaginou ser sua toalha, ela se enrolou nele. Então ela abriu um pouco a porta e gritou gentilmente passando por ela.

Reia surgiu no corredor.

— Me siga.

Ela foi levada a uma porta à direita, e o cômodo em que ela entrou era pequena e de alguma forma parecia estéril de vida. Uma cama de solteiro havia sido empurrada para um canto com uma

mesinha ao lado. Havia um grande guarda-roupa empurrado para o canto oposto, com uma janela ao lado que parecia nova, como se seu vidro e moldura tivessem sido fixados recentemente.

Todo o resto parecia velho, mas bem conservado.

Sobre a cama havia um vestido longo que havia sido estendido. A saia, que ia até a cintura e descia até os pés, era verde-escura, enquanto a camisa de manga comprida era branca. As duas peças foram costuradas juntas, e o vestido podia ser abotoado do umbigo para cima. Dobrado em cima dele estava um cinto marrom que tinha alças nos ombros e parecia que ficaria sob os seios.

— Isso é para você, — Reia declarou enquanto acenava com a mão para ele. — Desculpe por não ter levar para você outro dia. Orpheus queria dar um passeio para me mostrar sua antiga caverna, e eu nunca a tinha visto antes. Não sei por quê; estava bem vazia.

— Eu não me importo, — Delora ofereceu enquanto segurava a toalha contra o peito e caminhava até ela. — Eu apenas aprecio você me fazendo algo adequado para vestir.

— Espero que não se importe que seja feito de dois vestidos diferentes. Eu realmente não tinha muito que se encaixasse no seu tamanho, então tive que encontrar o que achava que caberia e fazer o resto.

Reia saiu do quarto para permitir que a privacidade de Delora mudasse, e ela rapidamente largou a toalha e correu para colocá-la. Os botões já haviam sido desabotoados, e o espaço ao redor da cintura era grande o suficiente para Delora deslizá-lo firmemente sobre seus quadris rechonchudos. Demorou um pouco para puxar, mas assim que ela o vestiu, ela começou a fechar os botões.

Então ela colocou o colete marrom nas costas e começou a passar os cadarços pelos buracos para poder apertá-lo e depois amarrá-lo.

— Como isso se encaixa? — Reia perguntou do outro lado da porta.

— Está perfeito, — ela respondeu enquanto escovava a saia para ajudá-la a ficar mais natural.

Reia entrou após sua resposta, e seu sorriso era sincero

enquanto ela olhava para Delora de cima a baixo.

— Estou feliz. Eu estava um pouco preocupada que minhas medições de cordas estivessem erradas. — Reia virou-se para o guarda-roupa e abriu-o antes de se ajoelhar. — Que tamanho de sapato você usa? Se você disser dez, não posso ajudá-la, pois esse é o meu tamanho e conseguir sapatos no Véu é impossível, a menos que eu vá para a Vila dos Demônios.

— Eu sou um nove, — ela respondeu, antes de uma carranca amarrada em suas sobranceiras. — Você já esteve na Vila dos Demônios?

— Sim, duas vezes agora. — Reia encolheu os ombros enquanto se desdobrava para ficar de pé enquanto segurava dois pares de sapatos, um par de chinelos e o outro um par de botas. — Você pode ter todos os sapatos deste tamanho, mas o que você prefere usar agora?

Delora olhou para a janela que batia com a chuva forte.

— Provavelmente as botas. — Mas ela preferia usar os chinelos no futuro.

Ela calçou as botas de couro e olhou para o próprio corpo, vendo-se vestida apropriadamente pela primeira vez em semanas. Ela se sentia como uma humana de verdade novamente, não como uma criatura esquecida e descartada do Véu.

Assim que ela tocou seu cabelo emaranhado, mas limpo, Reia entregou a ela uma escova.

— Acho que devo deixar o proverbial gato fora do saco e pedir desculpas por ter sido uma cadela com você, — Reia murmurou uma vez que Delora começou a passar a escova em seu cabelo emaranhado.

Delora deu um bufo zombeteiro.

— Sim, mais ou menos.

Reia deu um em troca antes de um sorriso curvar seus lábios. Parecia que ela apreciava a honestidade de Delora.

— Eu tenho habilidades sociais terríveis quando se trata de pessoas. — Reia se jogou na beirada da pequena cama e observou Delora enquanto ela se movia para ficar perto da janela, inconscientemente esperando ver qualquer sinal de Magnar no tempo

tempestuoso e ventoso. — Fui considerada um prenúncio de maus presságios.

Delora imediatamente interrompeu suas ações e olhou para Reia com cautela. *Merda, eles são considerados má sorte por estarem por perto.* Ela engoliu em seco e se pressionou mais contra a parede.

Reia perguntou.

— Não se preocupe. Essa merda de amaldiçoar aqueles ao meu redor e trazer a morte é apenas uma porcaria supersticiosa. Além disso, nós duas já estamos tecnicamente meio mortas, então o que isso importa?

Seus ombros enrijecidos relaxaram. — Você tem razão. Desculpe.

— Tudo certo. Estou acostumada com isso. Eu cresci com pessoas me tratando como uma doença. Orpheus e Magnar foram meus primeiros amigos, e eu sou meio protetora com eles por causa disso. Eu estava preocupada que você pudesse ser como Katerina e tratar Magnar horivelmente. Ele é muito doce. Não quero vê-lo ferido.

— Você fez uma suposição muito rápida sobre alguém que você não conhece, — Delora disse enquanto trabalhava o último dos muitos nós de seu cabelo antes de dar a escova para Reia.

Ela pegou e deu de ombros.

— Como eu disse, tenho habilidades sociais terríveis. E não confio particularmente nos humanos.

— Sim, bem, eu também não. Eu não queria vir para o Véu e não vim aqui sozinha.

Reia ergueu uma de suas sobranceiras loiras.

— O que você está tentando dizer?

Delora desviou o olhar, sentindo sua vergonha persistente crescer em seu peito.

— Fui jogada no Véu, — ela murmurou, mais uma vez olhando para fora com uma esperança desesperada de que Magnar simplesmente... viesse. Iria apenas... resgatá-la dessas pessoas. — Com as mãos amarradas e um pano entre os dentes, fui jogada.

— Por quem?

— Isso não é da sua conta, — Delora respondeu bruscamente.

— E a primeira pessoa a quem vou contar minha história não será você, mas ele.

— Eu acho que isso é justo. — Reia bateu palmas, o súbito som alto capturou sua atenção e a fez pular. — Gosto de você. Eu pensei que você era mansa e tímida antes, mas parece que você pode ser bem maliciosa quando quer. Eu odeio rodeios.

*Bem, isso não é óbvio.*

— Estou trabalhando em algumas coisas, — Delora respondeu honestamente antes de se virar para ela e cruzar os braços sobre seu peito muito maior. — Não vim aqui de bom grado e pensei que ia morrer quando caí. De certa forma, dei minha alma a Magnar porque pensei que isso me mataria sem dor, mas também não me importava com o que acontecesse comigo.

— Você se arrepende de sua decisão?

— Não, — ela afirmou sem hesitar.

— Bem, agora que sei tudo isso sobre você, vou tentar facilitar as coisas para você. Vocês dois são sempre bem-vindos para vir aqui e visitar. Você pode comer um pouco da minha comida, dentro do razoável, e pode tomar um banho adequado sempre que quiser. Só posso imaginar como é difícil assimilar uma vida e uma casa pela metade. — Reia então esfregou a nuca desajeitadamente. — Nunca percebi a sorte que tive por Orpheus já ter tudo isso até agora. Não sei como as coisas teriam ido bem entre nós se ele tivesse me levado para uma caverna ou uma casa que não tivesse nada dentro. Eu me apaixonei por esta casa antes mesmo de começar a cuidar dela.

— Isso é uma mentira.

— Com licença? — Reia perguntou incrédula, suas sobrancelhas subindo na testa.

— Se eu sentir apenas uma pequena fração do que você sente por Orpheus, por Magnar, então sei que sua casa é onde quer que ele esteja.

O rosto de Reia suavizou, seus olhos se curvaram com compreensão, e sua mão caiu na cama para descansar contra ela para que ela pudesse se apoiar nela.

— Acho que você está certa. Eu odiava quando ele não estava

aqui, e isso foi antes de eu dar a ele minha alma. — Então Reia baixou os olhos para o corpo de Delora e depois voltou para cima antes de inclinar a cabeça. — Você está dizendo que está apaixonada por Magnar?

Ela tirou os olhos de Reia para olhar ao redor do quarto.

— Não. — Delora cruzou os braços sobre o tronco para esfregar os antebraços conscientemente. — Eu não o amo. Não tenho o que você e Orpheus compartilham. Tudo o que sei é que ele parece... seguro. — Então Delora bufou uma risada. — Eu sei que é estranho, considerando que ele é um Caminhante do Crepúsculo.

— Você se sente segura com ele? — Reia deu a ela um olhar questionador. — Tenho a impressão de que ele arranhou você.

— Ele me curou imediatamente. E ele não queria. As coisas esquentaram um pouco, — Delora disse rapidamente em sua defesa, empurrando uma mecha de seu cabelo atrás da orelha que estava ficando quente. Era alarmante saber que outros sabiam que ela era íntima de Magnar. — Mas há algo nele que é reconfortante estar por perto. Acho que é porque ele não é humano. Eu gosto dele do jeito que ele é.

*Eu gosto que ele nunca faria algo cruel comigo de propósito.* Delora poderia perdoar um acidente, algo que não foi feito com intenção maliciosa — dependendo do que fosse.

Ela não se importava que Magnar a tivesse arranhado. Ela não achava que se importaria mesmo se ele a matasse por acidente, desde que não fosse doloroso desde que ela voltasse. Ela poderia perdoá-los, mas se ele a traísse...

Seus olhos caíram sobre Reia e tentaram descartar a ideia de que qualquer um deles faria algo sexual juntos. Era ridículo, ela sabia disso, mas seu medo persistente depois de Hadith havia deixado uma cicatriz de irracionalidade e era algo que ela simplesmente não conseguia se livrar.

O estômago de Delora escolheu aquele momento para roncar terrivelmente, e ela colocou a mão em seu abdômen como se quisesse esconder o barulho.

— Desculpe. Não sei por que, mas estou com muita fome desde



esta manhã.

Reia jogou a cabeça para trás e riu.

— Eu não posso acreditar que não pensei em alimentar você. Na verdade, não sinto muita fome ultimamente. Só como porque me sinto bem, e sei que Orpheus se sente bem ao pensar que está cuidando de mim. Mesmo que eu seja um Espírito agora, isso me faz sentir... humana.

Delora também se sentia da mesma forma, exceto por hoje.

Reia levou Delora de volta à cozinha e serviu-lhe uma tigela de ensopado já feito. Ela não questionou que tipo de carne era; ela não se importava. No momento em que se sentou à mesa, começou a comer.

Dando-lhe um momento a sós, Reia sentou-se no colo de Orpheus para que pudessem dividir a grande poltrona em frente à lareira.

Ela primeiro provou o caldo para ter certeza de que era algo que ela gostaria, tendo raramente comido a comida de outra pessoa. Achando que era saboroso, talvez não para seu nível de habilidade, mas maravilhoso mesmo assim, ela deu uma mordida na carne. Ela desceu suavemente.

Seu estômago revirou com a segunda mordida, mas ainda parecia terrivelmente vazio.

Na terceira mordida, que demorou mais para mastigar, embora a carne e os vegetais estivessem macios, Delora achou difícil engolir.

O suor começou a pingar pesadamente em sua testa e um arrepio percorreu sua espinha. Era estranho, considerando que ela estava aquecida por seu banho e pelo fogo que subia da lareira.

No momento em que caiu, tentou voltar direto para cima. Ela se levantou da cadeira enquanto cobria a boca, seus olhos correndo para algum lugar, qualquer lugar, para colocá-lo além de sua tigela cheia.

*Oh droga. Acho que vou vomitar.*

Seu olhar encontrou a pia da cozinha e ela correu para ela. No caminho, Delora engasgou com a comida em sua boca quando sentiu a bile subindo.

Ela alcançou a bacia bem a tempo de expelir violentamente o

conteúdo de seu estômago.

— Merda, Delora, — Reia engasgou atrás dela. — Você está bem?

Em vez de responder, Delora vomitou novamente, desta vez com os olhos lacrimejantes. Sua visão estava turva, mas estava clara o suficiente para que ela pudesse dizer que o que saiu dela era *preto*.

Quando ela terminou, ela olhou horrorizada para a gosma escura que saiu dela e tropeçou um passo para o lado. A tontura a invadiu. O suor agora cobria todo o seu corpo, e sua respiração tornou-se aguda e superficial.

Reia estava na frente dela, uma bolha embaçada, e ela colocou os braços para cima quando parecia que Delora ia cair.

— E-eu acho que vou...

Antes que ela pudesse terminar, Delora começou a desmaiar.

Pega pelos braços de Reia, ela ouviu sua voz frenética gritar: — Orpheus, socorro!

Ela sabia pela força que de repente a envolveu, mantendo-a de pé em vez de deixá-la cair de joelhos, que Orpheus a estava segurando de pé.

Logo antes de sua consciência desaparecer, ele soltou um uivo alto, longo e distinto para o teto. Foi a última coisa que ela ouviu antes de seus olhos rolarem para o fundo do crânio e ela desmaiar.



Magnar caminhava lentamente através do Véu bufando, agitado consigo mesmo e com sua falta de capacidade de manter seus pensamentos... são.

Com um rosnado leve, ele chutou uma pedra com o casco. Ela rolou pela terra, grama irregular e gravetos para cair dentro de uma poça escura com um *plop* nojento.

O ar cheirava rançoso, como sangue e podridão, mas mais doce

- o que acabou tornando tudo muito pior. A fumaça soprava em nuvens vaporosas e translúcidas acima da superfície da água borbulhante perto da qual ele caminhava.

Estava tão escuro que não havia uma única maneira de ver além da camada superior da água do pântano. Chegar muito perto poderia significar morte certa ou, pelo menos para um Mavka, um afogamento permanente.

Quando Magnar começou a caminhar por esta área perigosa do Véu, as Terras do Pântano, a água estava relativamente calma, apesar da chuva contínua que continuava a chover em peles duras e furiosas.

A área estava sempre perturbadoramente silenciosa.

Nem um pássaro grasnava, nem um rato corria, e nem mesmo um Demônio se atrevia a se aproximar deste lugar.

Normalmente ele ficava longe daqui, como tinha certeza de que todos os de sua espécie faziam. Não havia sentido em estar aqui, e as bolhas de ar que estavam no topo da superfície da água seriam perceptíveis apenas para algo que tivesse sentidos aguçados.

Ele permaneceu a uma grande distância da costa e observou seu caminho para se certificar de que a terra para a qual ele estava caminhando era realmente terra e não lama na superfície da água.

Essas bolhas, apenas três ou quatro aqui e ali, o seguiram.

Algo estava esperando, esperando que ele se aproximasse toalmente. Em vez disso, Magnar apenas chutou mais pedras na direção da criatura que era a razão pela qual o ar cheirava rançoso, provocando-o por ser um monstro tão horrível.

Apenas uma vez em sua vida ele o viu brevemente comer um Demônio que estava perseguindo Magnar através do pântano. Ele sabia que era uma massa de membros se contorcendo, mas ainda não tinha ideia de como realmente se parecia. Era preto, o que significava que era um Demônio.

Um Demônio que só podia se deliciar com o que vivia no Véu. Canibal.

*Eu não deveria estar aqui.*

Mas ele estava, porque involuntariamente veio aqui em pânico para evitar Delora.

*Eu quero estar perto dela.* Ele queria que sua visão gananciosa captasse sua bela forma. Seus ouvidos solitários queriam ouvir a canção de sua voz. Seus orbes buscavam desesperadamente a conexão que vinha de ter os lindos olhos castanhos dela, como as riquezas da terra, olhando para os dele. Ele queria que seus pulmões doloridos se sentissem relaxados pelo aroma de seu perfume gelado de maçã.

Ele queria o calor de seu corpo.

Sua visão de repente brilhou em um roxo violento, e ele gemeu quando seus tentáculos atrás da costura de seu pênis se moveram em ânsia.

*O calor de seu corpo.* Magnar gemeu novamente. *A suavidade disso derretendo ao redor de mim.* Suas garras agarraram baixo em seu abdômen, tentando impedir que sua fenda se abrisse. *Derretido até o líquido escorrer pelas minhas protuberâncias e me fazer cócegas.*

E o perfume impertinente de seus orgasmos ainda se agarrava a sua mente como uma doença infecciosa que se recusava a ser curada de seu corpo.

Ele não podia purgar a sensação de estar dentro dela enquanto ela estava presa em seus braços. Ele não conseguia escapar da lembrança dos gemidos dela que ainda ecoavam em seus ouvidos como uma assombração.

Magnar não conseguia *parar* de pensar nisso. A conexão que ele sentiu com ela foi além de qualquer coisa que ele poderia ter imaginado, e ele ansiava por isso. Seu coração batia rápido por isso. Estar tão perto dela que foi engolido por suas profundezas.

Ele desejava que ela o aceitasse dentro de seu corpo gordo, mas frágil.

Delora deu a ele algo, uma fome que ele nunca soube que precisava. E Magnar precisava disso, dessa fome como um impulso que ele nunca soube que existia.

De certa forma, embora ele tivesse gostado de não sentir mais fome e estar satisfeito, ele também se sentia... vazio.

Sexo? Como ele aprendeu que era chamado. Sua capacidade de liberar dentro dela? Agora, essa era uma fome que ele pensava ser mais prevalente do que sua necessidade original de se alimentar de

carne. Em vez disso, ele agora queria morder e lamber o gosto de sua carne, seus sucos. Não de uma forma sangrenta, mas de uma forma confusa porque ela estava tremendo de abandono.

Todo o seu corpo, da cabeça aos cascos, incluindo a cauda, estremeceu de prazer.

Ele sentiu seu pênis tentando extrudir.

Ele apertou ainda mais sua costura com suas garras, mas ele podia sentir que seus tentáculos estavam confusos. Eles deslizaram ao redor, mas não estavam acostumados a girar em torno de seu pênis para que ele pudesse ter alguma aparência de controle sobre seu próprio eixo.

E era por isso que ele não podia estar perto de Delora agora, quando tudo o que ele queria era a presença dela. Ele não estava acostumado a lidar com essa nova parte de si mesmo e, embora agora entendesse as múltiplas funções de seus tentáculos, não conseguia controlá-los.

Uma função era agarrá-la para que ela não pudesse escapar de seus quadris desesperadamente batendo ou de sua semente quando ele a enchia. Outra era para que pudesse proteger seu pênis do ar que o secava e ardia.

Também tinha uma última função, que Orpheus havia explicado a ele quando esteve lá pela última vez. Eles também foram projetados para girar em torno de seu pênis e segurá-lo para que não se projetasse completamente porque só podiam chegar até certo ponto. Eles deveriam se proteger, e apenas um estado de completa excitação permitiria que a ponta e alguns centímetros ficassem fora de sua segurança molhada. Nesse ponto, Magnar só deveria permitir que se estendesse tão longe quando soubesse que seu pênis estaria protegido dentro da fenda molhada e aquecida de Delora.

No momento, ele não tinha controle de seu corpo ou de seus tentáculos, e sua mente estava tão obcecada em suas memórias que ele estava ficando ereto de forma tola.

Ela nem estava aqui, e ela o estava atormentando.

Magnar estava tentando, e a única coisa que se permitiu amolecer foi a lembrança do sangue dela em suas garras.

Em seu desejo inexperiente, ele machucou a única criatura que nunca quis machucar. Ele havia *prometido* a ela que não o faria.

Sua visão tornou-se um profundo poço de azul, e suas mãos se afastaram de seu corpo quando estava calmo.

*Eu sou um monstro por ter prejudicado meu precioso corvo.*

Com seu cabelo preto tão escuro que era quase impossível dizer onde ele estava no preto de seu pelo. Com seus lábios fofos, nariz pequeno e bochechas altas, mas arredondadas.

Como ele pode machucar algo tão bonito? Algo que ele jurou proteger com sua vida? Ele queria curá-la de tudo o que afligia sua mente, não trazer mais destruição para ela.

Magnar chutou uma pedra na nojenta água do pântano com um rosnado.

*Mavka Mau. Magnar Mau.* Ele chutou outra pedra, desta vez arremessando-a através do espaço entre os arbustos até ela bater contra o tronco de uma árvore de folhas vermelhas. As folhas se espalham pelo chão e pela superfície da água, deixando mais galhos secos e expostos.

*Magnar idiota.*

Mas ele não se sentia mais estúpido. Cada momento com Delora ele estava aprendendo. Ele cometeu um erro, só tinha que se certificar de que não o cometeria novamente.

Agora, ele só queria que ela estivesse segura, e isso incluía ele mesmo. Embora ela o tivesse chocado ao aparecer atrás dele, ele estava grato por isso. Ela estava com Orpheus e Reia, o que significava que ela estava protegida e com pessoas em quem ele confiava.

Ela também não estava sozinha.

Seus orbes mudaram para roxo quando ela emergiu. A visão dela, o cheiro dela, e até mesmo o som de sua voz o chamavam para ficar perto dela. Se ele não tivesse partido, não sabia o que teria feito, ou se teria sido sábio o suficiente para pensar, parar, conter-se se ela pedisse.

*Eu a machuquei. Ela pode não querer que eu a toque assim novamente.* A ideia disso fez seu coração afundar como se quisesse sair do peito e se afogar nas águas ao seu lado.

*Por que não posso ser melhor...?*

O som de um uivo, triste e longo, ecoou pela grande distância. Era um chamado.

— Orpheus — declarou ele, virando a cabeça na direção de onde veio.

Magnar já havia usado seu próprio chamado no passado, muito mais parecido com uma raposa, quando estava enfrentando um Demônio difícil que o encurralou. Foi quando descobriram que podiam ouvir e responder ao chamado de sua espécie a uma grande distância.

Branco entrou em seus orbes ao som disso agora.

Orpheus nunca chamaria por ele, a menos que...

— *Delora*.

Algo estava errado. Ou eles estavam todos em perigo, ou havia algo errado com sua noiva.

Magnar começou a correr, apoiando-se nas mãos para ajudar a acelerar o passo enquanto se dirigia para a casa de Orpheus.

A chuva caiu contra seu corpo com mais força devido à sua velocidade. Seus pés escorregavam ocasionalmente, mas ele rapidamente se endireitou para poder continuar em frente.

Seu sangue estava bombeando, fazendo seu batimento cardíaco bater em seus ouvidos enquanto a água da chuva espirrava de seu nariz enquanto ele bufava. Ele estava se cobrindo de lama, mas não deu muita atenção a isso.

Os minutos pareciam mais longos do que nunca em seu pânico.

Ele derrapou no chão quando viu uma figura coberta de penas brancas correndo pela clareira em frente à casa de Orpheus, assim como ele. Ela estava indo na mesma direção - a entrada da casa deles.

*A Bruxa Coruja*, ele pensou.

Ela estava encharcada da chuva, seu manto branco de penas parecia pesado enquanto corria. Seus pés descalços estavam cobertos de lama, assim como suas pernas até os joelhos. A bainha da capa e o vestido branco até a coxa também estavam sujos.

Ele sabia que ela não devia ter se transformado em uma coruja de tamanho humano devido à incapacidade de voar durante esse tipo de tempestade intensa, mas vê-la em forma humana sempre foi estranho.

Ela era de pele escura, com cabelos castanhos, crespos e curtos. Seus olhos eram quase pretos e apenas brilhavam em um marrom escuro sempre que alguma luz os atingia. Eles eram encantadores de se olhar à sua própria maneira - como se ela tivesse olhado para o vazio, tivesse visto todas as suas respostas e aceitado o poder de seu conhecimento.

O que ela tinha.

A Coruja Bruxa, uma criatura estranha, mas imortal, olhou para o vazio e depois acasalou com ele.

Ela era *mãe*. Ele só veio a saber disso recentemente, mas não foi ela quem o informou sobre isso. Orpheus havia explicado seu



significado, mas Magnar não conseguia entender essa relação.

O que era uma mãe e um pai? Um pai? Um era um humano transformado em Espírito com magia, e o outro um espírito das trevas que concedeu essa magia a ela. Aparentemente, ele foi criado por eles, como todos os Mavka, mas ele não sabia o que era um pai, como eles foram formados ou qual era o motivo.

Tudo o que Magnar entendeu foi que, de alguma forma, ela era sua criadora.

Ele não tinha nenhuma lembrança dela além de ela às vezes ser uma presença perto de sua casa. Ela o ajudava ocasionalmente, mas eles só se falaram algumas vezes.

Ela cheirava a magia, que era nojenta e formigava seus sentidos. Comê-la não seria satisfatório, e por causa de seu cheiro excessivamente saturado de mana, ele nunca, nunca quis. Nem Orpheus.

Vê-la aqui agora significava que ela havia respondido ao chamado de Orpheus como ele.

*Sim, algo está definitivamente errado.*

A Bruxa Coruja parou quando o viu enquanto ele se dirigia para os degraus da varanda. Ela permitiu que ele fosse antes dela.

— Mavka, — ela cumprimentou com uma voz profunda, mas feminina, acenando com a cabeça levemente para ele.

— Magnar, — ele corrigiu com um estalo de suas presas.

Só porque ela era confiável, não significava que ele realmente era.

Ela era poderosa, o que significava que uma traição dela poderia ser mortal. Foi ela quem disse a ele que se seu crânio fosse esmagado, ele realmente morreria, o que significava que ela sabia como matá-lo.

A Coruja Bruxa levantou uma sobrancelha para ele, mas ele apenas bufou. Ele tinha coisas mais importantes para resolver.

— Reia! Orpheus! — ele gritou, batendo na barreira que o impedia de subir os degraus da varanda.

Em cada canto da casa penduravam enfeites de proteção feitos de fita, endro, osso e sinos. Eles impediram que todos, exceto aqueles

que viviam dentro da casa, entrassem, a menos que fossem convidados. Eles eram mais fortes que um círculo de sal, mas muito mais frágeis, pois podiam ser derrubados de seu lugar, levados pelo vento ou deteriorados com o tempo.

— Ah, só ande, — a Bruxa Coruja rosnou, cortando na frente dele para bater na barreira.

Um brilho cintilante ecoou seu chamado, vibrando ao redor da casa para mostrar sua localização. Quando ela bateu pela segunda vez, desta vez sussurrando algo que ele não conseguiu entender, uma baforada de magia negra passou pela junta da frente.

Um buraco temporário na barreira se revelou.

— Pronto — disse ela, acenando com a mão para a frente. — Agora você pode entrar na casa deles.

Assim que ele passou pela barreira aberta e subiu os degraus, Orpheus abriu a porta.

— Magnar, — Orpheus cumprimentou, seus orbes brancos como se estivessem preocupados. Então ele virou a cabeça para a Coruja Bruxa que surgiu atrás dele. — Por quê você está aqui?

— Não posso estar? — ela respondeu estupidamente. — Você chamou, eu atendi.

Os ombros de Orpheus diminuíram em sua tensão quando ele soltou uma respiração calmante. Era óbvio que ele também não confiava totalmente nela.

— Eu não estava tentando ser rude. Eu estava apenas curioso porque você nunca quis entrar antes. — Orpheus deu um passo para trás para permitir que ambos, pingando, entrassem. — Mas talvez seja bom que você esteja aqui.

Quando Magnar entrou no calor da casa, a Coruja Bruxa baixou o capuz de penas e sacudiu o cabelo. Mais reta do que o normal devido ao peso da água da chuva, ela saltou sobre seus ombros antes de ela varrer o conteúdo úmido de seu rosto.

Então ela passou a mão pelo ar e uma névoa negra se formou entre ela e Magnar. Em segundos, ambos estavam limpos e secos.

Ele deu um passo para trás surpreso, inspecionando seu pelo fofo e suas penas. Sentia-se mais limpo e macio do que antes da

chegada da chuva, como se alguém tivesse lhe dado um banho de sabão. Ele coçava em sua carne, não acostumado com a sensação.

Mas algo mais roubou sua atenção.

Magnar olhou em volta, descobrindo que faltavam duas pequenas fêmeas.

— Onde estão Reia e Delora? — ele perguntou, suas próprias orbes ainda totalmente brancas.

Embora temesse sua reação, seus desejos puxados ainda não eram uma batalha vencida, ele teria preferido ser saudado por ambas.

Não havia Demônios atacando a casa, o que significava que ele temia o pior. Isso foi o suficiente para esfriar seu corpo cansado e aquecido.

— Há algo de errado com a sua humana — afirmou Orpheus, virando-se para que pudesse conduzi-los mais para dentro de sua casa e pelo corredor mal iluminado. — Nós a deixamos, mas ela desmaiou.

O peito de Magnar apertou. De repente, ele sentiu que o ritmo casual dos passos de Orpheus era muito lento.

*Delora nunca havia desmaiado antes.*

Orpheus abriu a porta de um pequeno cômodo.

Ajoelhada no chão, Reia estava limpando um pano úmido contra a testa de Delora enquanto ela estava deitada na pequena cama de solteiro.

— Não sei o que fazer, Orpheus. A febre dela não baixa, — Reia murmurou sem olhar para eles.

Ela apenas continuou a esfregar o pano contra Delora com uma expressão sombria virando os lábios para baixo. Quando ela finalmente olhou para eles, ela franziu a testa, parecendo tão perplexa quanto Orpheus ao ver a Coruja Bruxa.

— Você está aqui.

A Coruja Bruxa empurrou Magnar e Orpheus para fora do caminho. Magnar deu um passo para trás, sem saber como digerir o que estava vendo.

A tez normalmente bronzeada de Delora estava pálida, até doentia. O suor escorria em sua testa a ponto de as gotas refletirem a luz do fogo das velas na mesa de cabeceira ao lado dela. Seus olhos

estavam fechados, mas era óbvio que ela estava tremendo sob as peles.

Ela parecia indisposta, e nada poderia fazer seu corpo ficar tão gelado quanto ver isso.

A Coruja Bruxa ajoelhou-se com um joelho na cama ao lado da forma de Delora. Ela começou a murmurar algo. Ele não podia ver o que ela estava fazendo porque seu corpo estava no caminho, mas ele podia sentir o poder da magia engrossando o ar pelo cheiro grosseiramente doce dela.

— O que tem de errado com ela? — ele perguntou a Orpheus, virando a cabeça para ele com um rosnado. Seus olhos ficaram de um vermelho pálido enquanto a raiva e a preocupação guerreavam dentro dele. — Você deveria tê-la mantido segura.

— Eu não sei o que há de errado com ela, — Orpheus retrucou em um tom sombrio e ameaçador. — Nunca tive um humano doente com esse tipo de febre.

— Mas ela estava em sua casa! — Ele apontou sua garra para Orpheus, dando um passo à frente com um pisão. — Você não cuidou dela?

— Nós demos um banho nela, um pouco de água, — Reia respondeu, fazendo com que seu olhar se voltasse para ela. — Mas quando ela tentou comer, ela simplesmente... começou a vomitar preto.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente. — Preto?

— Humanos não deveriam vomitar preto, Magnar, — ela disse com um aceno de cabeça. — Isso não é normal.

*Não é?*

— Você acasalou com ela, — A Coruja Bruxa finalmente disse enquanto se inclinava para trás para ficar em pé. Ela olhou para Magnar cuidadosamente. — Você a encheu com sua semente.

— Isto é mau? — ele perguntou, seus olhos ficando brancos novamente.

Ele não via outra maneira de ela estar doente, a menos que o que eles fizeram juntos tivesse sido venenoso para o corpo dela.

— Eu não pensei quando a deixei cair em cima de você que ela lhe daria sua alma tão facilmente. Ou que você alcançaria esta etapa

tão rapidamente, — a Coruja Bruxa murmurou enquanto olhava para Delora, levantando uma mão para que ela pudesse bater a junta dobrada da frente contra os lábios. Ela olhou para Magnar com cautela desta vez. — Eu realmente pensei que você iria comê-la.

— Você a deixou cair em cima de mim? — Surpresa estava presente em seu tom.

A Bruxa Coruja zombou, seus olhos brilhando com humor.

— De que outra forma ela teria caído diretamente em cima de você e não teria morrido? — Seu cabelo saltou sobre os ombros enquanto ela ria profundamente. — Não há outra maneira de um humano ter sobrevivido a uma queda tão acentuada.

O pelo e as penas de Magnar incharam em agressão quando um rosnado saiu do fundo de sua garganta. Ele abriu suas presas, permitindo que toda a força fosse ouvida.

— O corpo dela estava quebrado! — Magnar rugiu, batendo o casco quando deu um único passo mais perto. Ele bateu fortemente contra o piso de madeira desgastado. — Ela estava perto da morte! Como você pôde fazer algo tão cruel com ela?

Seu humor não desapareceu, mas suavizou.

— Talvez eu a tenha deixado cair um pouco alto demais — ela afirmou enquanto levantava a mão e deixava um pequeno espaço entre o polegar e o indicador. Quando isso não o acalmou, ela revirou os olhos. — Isso importa? Você aprendeu a curar e a salvou de seus ferimentos. Isso não fez você se sentir próximo dela? Fazer você entender melhor o quão frágil é o corpo humano e quanto dano ele pode suportar?

A tensão que sentia em seus dedos diminuiu enquanto pensava nas perguntas dela.

Sim. Curar Delora o ensinou o quão mal um corpo humano pode ser quebrado sem que haja qualquer sangramento. Era o que lhe permitia saber que poderia machucá-la com sua força se a segurasse com muita força.

— Eu verifiquei para ter certeza que ela não estava sangrando, — a Bruxa Coruja murmurou em sua própria defesa.

— Externamente, — Reia rosnou ainda ajoelhada ao lado de

Delora, parecendo ter ficado furiosa com ela tanto quanto com Magnar. — Mas isso não significa que ela não estava sangrando por dentro. Ela teria morrido se não fosse por ele.

A Bruxa Coruja sustentou o olhar de Reia com um sentimento de hostilidade.

— E ele poderia ter sido a morte dela. — Então ela voltou sua visão para Magnar. — Ou você teria dado um passo para entender uma humana enquanto ele estava inconsciente na sua frente, ou você teria ganhado mais humanidade comendo-a. Ambos teriam sido em seu benefício. Como eu disse, pensei que você acabaria comendo ela, mas estou feliz em ver que ela escolheu lhe dar sua alma em vez disso.

— Então o que há de errado com ela agora? — Magnar perguntou, a conversa dele comendo Delora fazendo seu estômago dar um nó.

Ele não queria pensar no pior que poderia ter acontecido. A ideia de que ele poderia tê-la comido em vez de aprender sobre a criatura maravilhosa que ela era, que tanto se dispôs a ensiná-lo, deixou um vazio em seu coração.

Ele queria ver seu pequeno corvo florescer na gaiola de sua vida, não imaginá-lo terminando em um banho de sangue de suas garras e presas.

— Errado com ela? — a Bruxa Coruja perguntou com um bufo zombeteiro. — Nada, além de você ser tolo o suficiente para colocar sua semente em seu ventre.

— Espere, — Reia engasgou, seus olhos se arregalando. — Você não está dizendo que ela...

A Bruxa Coruja voltou seu olhar para Reia. — Sim. Ela está grávida.

— Bem, porra, — Reia suspirou, acariciando seu rosto.

Todos os olhos se voltaram para Magnar, e ele não pôde evitar que seus orbes ficassem rosa-avermelhados sob o escrutínio de Orpheus, Reia e os olhares combinados da Coruja Bruxa.

— Eu não sei o que isso significa, — ele respondeu com sinceridade, coçando a nuca.

Reia levantou-se ao lado da cama para ficar de pé.

– Significa que você vai ser pai.

– Um criador? – Magnar perguntou a Orpheus com a cabeça inclinada interrogativamente.

– Tive dificuldade em explicar isso a ele – respondeu Orpheus para as duas mulheres, parado na porta, pois o quartinho já estava desordenado. – Ele realmente não entende o que é uma criança.

– Sim, eu entendo, – Magnar resmungou. – Eles são os pequenos humanos.

– Mas você entende que eles começam pequenos e se tornam grandes, como eu e Delora? – Reia perguntou, suas sobrancelhas franzidas em preocupação.

Havia um apelo em seus olhos.

Magnar tentou desviar o olhar, mas desviar o olhar de Reia trouxe sua visão para a Coruja Bruxa. Eles estavam muito perto dele, tornando difícil desviar o olhar sem que um par de olhos o julgasse, e olhar para Delora doente na cama, o que poderia ser por causa dele, era angustiante.

Ele recuou nervosamente.

– Humanos não começam... com esse tamanho?

– Não, Magnar, – Reia lamentou, angústia clara em suas feições. – Nós crescemos. – Ela embalou os braços juntos de uma forma semelhante a como ele segurou Delora muitas vezes, mas era quase completamente diferente, pois o que ela estava mostrando era menor do que qualquer humano que ele já tinha visto – ou comido. – Começamos como bebês. Não podemos falar, nem andar, nem enxergar muito bem. Precisamos ser cuidados completamente, pois somos vulneráveis e não podemos fazer nada por nós mesmos. Então nos tornamos crianças que aprendem a andar e falar, mas sabemos muito pouco. Nós aprendemos.

Ela gesticulou para o quadril para mostrar um tamanho que ele já tinha visto em um humano antes, mas ele pensou que eles eram apenas... diferentes.

– Aprender? Como eu? – Magnar perguntou.

– Sim, como você – disse a Coruja Bruxa. – Mas você

aprende rápido, humanos pequenos não. Exigem muita paciência e são muito frágeis, mais frágeis que um adulto.

— Isso significa que posso ensiná-lo? — Uma centelha de alegria acendeu no centro de seu peito. Magnar adoraria ensinar algo sobre o mundo. — Pareceria com... ela?

Sua visão caiu sobre Delora, e a ideia de ver uma pequena versão dela, algo que era ainda mais vulnerável, fez com que ele se sentisse aquecido.

*Eu posso protegê-lo.*

— Não, — a Bruxa Coruja disse com um aceno de cabeça. — Pelo fato de ela ter vomitado preto, provavelmente será um Mavka.

— Então, vai se parecer comigo?

Ele estava menos entusiasmado com isso, mas ser capaz de ensinar a si mesmo sobre caça e vida, e talvez até mesmo sobre humanos para que ele pudesse encontrar sua própria Delora ainda era agradável.

— Isso depende do que você alimenta — ela respondeu. Então a Bruxa Coruja suspirou, esfregando uma de suas bochechas com esforço. — Talvez seja bom para você conhecer também Orpheus, se você decidir seguir esse caminho, mas criar um Mavka não é de forma alguma *normal*. Você nasceu cego e depende principalmente do cheiro. O que você come determina qual será sua aparência. A gravidez também é encurtada, pois não há necessidade de um tempo de gestação mais longo. Você não nasce inteiro.

— O que quer dizer com não há necessidade de um tempo de gestação mais longo? — Reia perguntou.

— Bem, eles nascem sem ossos ou órgãos, realmente nada além de sua carne e boca.

— Ok. *Ok...* Isso é super estranho, para ser honesta. — Os olhos de Reia estavam arregalados no que só poderia ser preocupação. — Então, uh, quanto tempo então?

— Um ciclo de lua cheia, às vezes um pouco mais.

Reia respirou fundo e começou a engasgar com a própria saliva momentaneamente.

— Você está brincando certo?! Um maldito mês?



— Quanto tempo é normalmente? — Orpheus perguntou, fazendo a cabeça de Magnar virar em sua direção.

Os humanos eram coisas tão estranhas e complexas que nem mesmo Orpheus sabia tudo sobre eles. Isso trouxe alívio para Magnar.

— Nove meses, — Reia respondeu.

Orpheus apontou para a barriga dela.

— Você segura um bebê em seu estômago por nove meses? Pelo que sei, tanto a mãe quanto a criança são muito delicadas quando combinadas dessa maneira.

— Não é uma escolha, — Reia suspirou levemente. — Isso é o tempo que leva.

— A criança está crescendo dentro dela? — Magnar perguntou enquanto caminhava em direção a Delora, fazendo com que ambas as mulheres se separassem dele.

A Coruja Bruxa falou atrás dele enquanto ele se movia.

— Pelo jeito que ela está doente, eu acho que faz apenas dois ou três dias desde que você teve relações íntimas com ela. A semente de sua espécie é bastante selvagem, assim como a de seu pai, e acontece rapidamente se a mulher for fértil. Nada disso é normal para um ser humano, nem mesmo no momento da concepção.

Magnar se ajoelhou ao lado dela e cheirou seu estômago, só agora descobrindo que ela cheirava... diferente. Ela ainda cheirava a maçãs vermelhas e geadas, mas havia um travo nisso, um que chamou seus sentidos para proteger ambos.

Como se sentisse a presença dele ao lado dela, Delora se mexeu. Seu rosto se enrugou antes que seus olhos se abrissem, revelando aquelas poças de marrom que ele adorava espiar.

— Magnar? — Delora perguntou fracamente, sua voz quebrada e rouca.

— Estou aqui, meu pequeno corvo, — ele afirmou, levantando a mão para que pudesse roçar suas garras sobre ela para afastar o cabelo úmido de seu rosto, sem saber se a umidade era do banho que eles mencionaram ou suor.

— Eu quero ir para casa, — ela suavemente lamentou, enrolando-se em sua mão de forma acolhedora com um

estremecimento. — Não me sinto muito bem.

— Os primeiros dias são os mais difíceis — afirmou a Coruja Bruxa. — O corpo dela está rejeitando algo que não é natural, mas acabará se acalmando.

Preocupação cruzou as feições de Delora, e ela espiou sobre a palma da mão para ver que eles não estavam sozinhos. Ela tentou recuar para a cama, e seu rosto empalidecer ainda mais não era reconfortante de testemunhar.

Embora ele tenha ouvido a Coruja Bruxa falar, toda a sua atenção estava apenas na humana trêmulo à sua frente. Ele falou com ela, esperando distraí-la dos outros olhos curiosos no quarto.

— Não podemos ir para casa agora. — A voz dele estava cheia de desapontamento por ela, embora ele estivesse encantado por ela pensar na casa que ele estava construindo para ela como seu lar - e que ela preferisse estar lá do que nesta casa quente. — Está chovendo.

— Por favor? — ela implorou, estendendo a mão para se agarrar ao pulso dele.

— O frio pode fazer bem a ela — disse a Bruxa Coruja, e virou a cabeça por cima do ombro para olhá-la. — Devo ir antes que a chuva acabe, mas Magnar, preciso que você venha comigo primeiro.

— Não. — Delora o agarrou com mais força, o que era tão fraco quanto um coelho tentando escapar. — Por favor, não saia de novo.

Algo frio e doloroso perfurou seu coração e parecia fragmentos de gelo em suas veias. Ele deixou Delora porque estava preocupado em machucá-la fisicamente, mas não pensou que ela se importaria com sua ausência.

Ele podia ver agora que estava errado.

*Ela gosta que eu esteja por perto.* Ela não o odiava pelo que ele tinha feito com ela. Ele não tinha certeza se ela gostaria de saber o que mais ele havia feito, mas enfrentaria isso em breve.

Magnar não sabia como se sentia sobre esta descoberta. Ele estava aprendendo muito rápido, algumas coisas prazerosas enquanto outras coisas preocupantes. Ele não precisava perguntar se a intimidade que eles compartilharam causou isso; ele sabia. Ele poderia somar dois mais dois.

Era *deles*. Eles eram os criadores, e ele sentia uma conexão com isso. Ele estava... feliz, mas nervoso porque também se preocupava em como Delora iria saber disso.

*Reia parecia preocupada.* Delora odiaria isso, o detestaria por isso? Ele não queria que ela sentisse nada além de carinho por ele.

O que ele faria se ela não quisesse aceitar isso?

*Ela vai chorar de novo?* Essas lágrimas dela picaram como pequenas adagas em sua carne. Ele não queria ser a fonte delas, não quando ele estava tentando curá-la de suas feridas invisíveis, ela disse a ele que ele não poderia lutar com sua força bruta.

Magnar puxou o braço de seu aperto, mas apenas para que ele pudesse roçar as costas de seus dedos contra sua bochecha.

— Vou ficar aqui nesta casa, mas devo falar com ela — disse Magnar de forma tranquilizadora. — Não estarei longe.

Delora assentiu, e ele começou a se afastar para poder ficar de pé, olhando para ela com um redemoinho de emoções dançantes.

Reia assumiu seu lugar quando ele se moveu em direção à Coruja Bruxa, que girou no local e saiu do quarto. Isso forçou Orpheus a sair de seu caminho.

— Você está com sede, Delora? — Reia perguntou quando ele saiu. — Há um pouco de água aqui para você.

Quando Orpheus, a Bruxa Coruja e Magnar entraram na espaçosa área entre a sala e a cozinha, ela colocou o capuz sobre a cabeça para se cobrir.

— Eu originalmente deixei seu jardim intacto para que você aprendesse a cuidar dele por conta própria, mas posso ver que vou precisar cultivá-lo para você, — ela disse enquanto verificava a colocação de seu capuz. — Só posso fazer isso quando chove. A única vez que um Espírito realmente precisa de comida é quando está grávida, e ela também precisará de carne, pois é disso que o Mavka precisará para crescer.

— Será que Delora vai ficar bem?

Isso é tudo com o que Magnar realmente se importava.

A Bruxa Coruja, surpreendentemente, deu-lhe um doce sorriso.

— Sim, ela vai ficar bem. Mas fico feliz em ver o quanto você se

importa com ela. Ela obviamente já significa muito para você. E é reconfortante saber que ela gosta de você. — Então seu sorriso desapareceu quando ela desviou os olhos. — Mas isso deveria ter vindo mais tarde. Faz apenas algumas semanas desde que eu a deixei cair em cima de você. Nenhum de vocês está pronto para isso, especialmente ela.

— Vamos ajudar o máximo que pudermos — Orpheus ofereceu, seus orbes ficando amarelo escuro. — Estou curioso para ver o que vai acontecer.

Isso era novidade para todos eles. Magnar tropeçar em seu caminho não deveria ser chocante, mas ele não gostou de não ter ninguém a quem recorrer para obter conselhos sobre isso. A Coruja Bruxa só era acessível quando ela queria.

*Talvez eu possa chamá-la da mesma forma que Orpheus.*

— Ela abriga a escuridão dentro dela, — a Bruxa Coruja disse em um tom ameaçador, sua voz mais profunda do que o normal. — Ela ficará instável. Ela será tão incontrolável com suas emoções quanto Mavka costuma ser. Espere muitas lágrimas e raiva, mas também risos. Tente não julgá-la por isso ou ficar chateado com ela, só vai piorar as coisas.

Orpheus e Magnar bufaram de aborrecimento. Era óbvio que ambos pensavam que eram bons em controlar suas emoções.

— Depois que ela passar pelos primeiros dias, ela deve se estabilizar. Ela vai precisar da sua presença, Magnar.

— Eu vou cuidar dela, — ele prometeu, não que ele precisasse.

Agora que sabia que Delora estava em um estado sensível e frágil, ele não sairia do lado dela novamente. Seu desejo tinha sido quase inexistente com sua preocupação por ela.

— Bom. — Ela assentiu com aprovação. — Leve-a para a Vila dos Dêmoniosde pegue seus itens essenciais. Ela vai precisar deles.

— A Vila dos Demônios? — Orpheus murmurou com uma pitada de preocupação. — Não seria uma péssima ideia agora?

Ela zombou.

— Ela só está fraca por enquanto. Em alguns dias, ela estará brilhante como tudo. É melhor que ele a leve assim que ela se sentir

melhor do que quando sua barriga estiver grande e inchada. Ela é uma Espírita agora. Ela pode andar com você enquanto estiver nessa forma.

— Hmm, — Magnar cantarolou, trazendo suas garras para cima para que ele pudesse bater uma contra seu focinho. — Eu já estava pensando em levá-la para lá, pois ela não poderia ser prejudicada assim.

— Exatamente. Você deve ser rápido, no entanto. Depois de duas semanas, será muito arriscado. Quanto mais avançada a gravidez, mais difícil é manter sua forma fantasma por um longo período de tempo.

— Vou levá-la quando ela estiver se sentindo melhor.

A Bruxa Coruja assentiu antes de ir em direção à porta da frente, encerrando a conversa, embora Magnar ainda tivesse muitas perguntas que só ela poderia responder. Ela sempre foi assim.

Quando ela se foi, Magnar voltou-se para Orpheus com um aperto no peito.

— Como devo explicar isso para Delora?

— Não faço ideia — disse ele, levantando um braço e encolhendo os ombros. — Eu sei tanto sobre isso quanto você.

*Bem, o que devo fazer agora, então?* ele pensou com um resmungo.

Delora sentiu os respingos de gotas pesadas de chuva contra seu rosto enquanto Magnar a embalava em seus longos braços. Ela estava olhando para o céu nesta posição, incapaz de escapar das gotas de chuva que eram frias como gelo contra sua pele aquecida.

Ela ainda se sentia insuportavelmente tonta, e cada passada longa a fazia pular em seus braços. Isso revirou seu estômago que estava cheio de tanta comida quanto ela era capaz de suportar antes de deixarem a casa de Orpheus.

Em cima de seu corpo havia uma panela de ensopado, uma trouxa de roupas que Orpheus havia dado a Magnar e três pares de sapatos para ela.

Ela os abraçou mais perto, com medo de deixar cair algo acidentalmente de novo, mas seu corpo estava fraco. Até mesmo sua respiração parecia tensa, e ocasionalmente saíam de seu peito em bufos de dor.

— O que há de errado comigo, Magnar? — Delora tentou gritar, já que sua voz estava abafada. Havia também a possibilidade de ele não ser capaz de ouvi-la durante o aguaceiro constante.

A chuva fazia um barulho constante ao redor deles quando batia no chão, e seus passos eram sempre acompanhados pelo barulho de poças ao redor de seus cascos.

— Falaremos disso quando estivermos em casa, — ele respondeu, recusando-se a desviar o olhar de seu caminho.

Desde que ele voltou da conversa com a Coruja Bruxa e Orpheus, Magnar se recusou a olhar para ela até que ele a levantasse em seus braços para carregá-la para casa. Ele não tinha mais desde então.

Ele a informou que eles deveriam estar seguros andando pelo Véu com a chuva, pois ela lavaria os cheiros de ambos. Ele também escondia seus sons sob seu ataque, e a névoa era mais espessa do que ela já tinha visto.

Atualmente, a menos que vistos de perto, eles eram invisíveis.

— Por favor — ela cuspiu em torno da água. — Eu quero saber.

Ela ainda estava cansada. Ela pensou que quando eles voltassem, ela poderia adormecer novamente assim que ele a deitasse, apesar de estar molhada.

Quando ele não respondeu, ela levantou a mão o melhor que pôde, sem deixar nada cair de seu tronco e segurou o lado de seu focinho para arrastá-lo para baixo.

Ele bufou de aborrecimento, ela pensou, e balançou a cabeça para que ela o soltasse. As sobrancelhas de Delora se franziram e ela tentou conter a dor que sentia escondendo-a de suas feições. Ela baixou a mão para longe dele.

— E-eu sinto muito por chorar — disse Delora com sua voz quebrando uma oitava. — Por favor, não fique chateado comigo.

A cabeça de Magnar virou quando ele lançou seu olhar para ela.

— Eu não estou chateado com você, — ele disse rapidamente.

— Mas você nem olha para mim.

Ou pelo menos, ele não tinha olhado até este momento. Seus olhos saltaram em torno de todas as características de seu crânio.

— É difícil ver direito. Estou com medo de tropeçar segurando você, — ele respondeu, antes de levantar a cabeça para olhar para o seu caminho. — Eu... não estou acostumado a andar tão reto por tanto tempo segurando algo precioso. — Os braços dele a envolveram um pouco mais apertado. — Estou com medo de deixar você cair por causa da chuva.

— Oh, — ela disse, suas pálpebras piscando em compreensão. Ela voltou o olhar para os itens em seu estômago, sentindo o alívio tomar conta dela. — Você tem me evitado por alguns dias, no entanto.

A única razão pela qual ela sabia que seus orbes mudaram de cor, já que ela não podia vê-los, era porque o brilho da luz ao redor de seu crânio mudou para um rosa avermelhado.

— Eu machuquei você, — ele disse com uma escuridão em seu tom. — Eu estava com raiva de mim mesmo por fazer isso, mas eu queria... — Ele balançou a cabeça antes de terminar o que ia dizer, mas Delora pensou que poderia ser que ele quisesse tocá-la novamente. — Mas estou percebendo que também te machuquei por ter ido embora.

Você não está bem, isso é mais importante e está permitindo que eu me concentre no que preciso fazer.

Um lampejo de roxo brilhou, e suas garras cavaram levemente antes de desaparecer rapidamente e então o brilho de seus orbes era verde mais uma vez.

— Eu vou cuidar de você.

— De que? — Delora empurrou, levando seu olhar para ele. — O que há de errado comigo?

Ela sentiu o corpo dele se encolher pela forma como se enrolou ao redor dela, quase como se ele quisesse colocá-la no chão e fugir. No entanto, ele apenas continuou a caminhar enquanto se recusava a responder.

— Uma pessoa merece saber o que há de errado com ela quando pergunta, Magnar. Eu sei que você quer esperar até chegarmos em casa, mas fico ansiosa por não saber.

Eles estavam andando pelo que devia ser pelo menos uma hora, e ela não sabia quanto tempo ainda levaria. Cada minuto tornava seus olhos mais sonolentos, e quanto mais demorado, mais ela sabia que sua lucidez iria diminuir. A chuva estava fria e a mantinha acordada. Ela queria ter a conversa agora enquanto podia se lembrar dela e ser coerente com ela.

— Não sei como lhe dizer sem aborrecê-la, — ele disse honestamente. — Reia me fez sentir que isso é uma coisa ruim. Não quero deixá-la triste ou com raiva de mim. — Ela viu o brilho de seus orbes ficar azul. — Eu não queria fazer isso, Delora.

Ela sentiu sua frequência cardíaca disparar, fazendo-a se sentir mais quente do que já estava.

— O que você fez comigo? — Quando sua pergunta foi recebida com outro aceno de cabeça, seu pulso acelerou ainda mais. — E-eu vou tentar não ficar chateada com você.

— Eu fiz de você uma criada. Ou nós, criadores. — Ele voltou seu olhar para ela para descobrir que sua cabeça estava tremendo em confusão com as sobrancelhas franzidas. — A Bruxa Coruja disse que há vida crescendo dentro de você a partir de mim.

Seus lábios se separaram em descrença.



— Você está dizendo que estou grávida?

Ele olhou para a frente através da chuva, gotas escorrendo de seu crânio.

Sua resposta demorou a vir.

— Sim.

Os itens em seu torso foram esmagados juntos quando Delora rapidamente colocou as mãos contra o estômago.

— Como isso é possível? — ela se perguntou. — Eu sou humana e você é um Caminhante do Crepúsculo. Não deveríamos poder...

— Mas você não é mais humana. Você é um Espírito. Eu fiz você como eu.

Seus olhos se ergueram para sua alma flutuando entre os chifres dele e a compreensão surgiu sobre ela. *Dar a ele minha alma nos tornou compatíveis?* Ela olhou para o estômago mais uma vez e começou a cravar as unhas.

— Eu vou ser mãe?

Mesmo que seus olhos estivessem cheios de água da chuva, ela sabia que o líquido que se formava agora eram lágrimas, já que eram quentes em comparação. Ela estava grata por Magnar não parecer notar porque ele teria presumido o pior.

Em vez de pavor, raiva ou desapontamento, que pode ter sido a reação de qualquer outra pessoa em sua situação, Delora sentiu uma onda de alegria pela primeira vez em anos.

*Estou... estou grávida.* Se a dor que ela sentiu ao mesmo tempo não fosse tão exigente e cruel que apertasse seu coração, ela poderia ter começado a rir.

*Não foi minha culpa.*

Durante todo o seu casamento com Hadith, Delora nunca conseguiu engravidar. A culpa que ela recebeu foi vazia. Ela sabia que os sentimentos dele por ela começaram a esfriar porque ela nunca foi capaz de ter um filho dele. Era algo que ele queria, para continuar sua linhagem, e por causa de sua incapacidade de produzir um filho para ele, ele a considerou quebrada, inútil, sem valor.

*Não foi minha culpa! Foi culpa dele.*

A porra da culpa dele, e ele empurrou toda aquela culpa para Delora! Não havia nada de errado com seu útero, o que ficou óbvio pelo fato de que agora ela iria gerar o filho de Magnar. Foi o estúpido saco de nozes de Hadith que não conseguiu produzir sementes férteis.

E ela estava tão feliz por ele não conseguir, por nunca ter conseguido.

Quando Delora percebeu que Magnar estava tenso, ela deixou de lado toda a tristeza que sentia por causa dos anos de maus-tratos que recebeu injustamente e se concentrou neste momento.

— Eu sempre quis ter um bebê, — ela murmurou timidamente.

Ele enfrentou a oportunidade de olhar para ela com a cabeça inclinada.

— Você não está chateada com isso?

Delora balançou a cabeça. — Não. Claro, estou surpreso e não acho que este seja o melhor momento, mas não estou chateada.

Delora realmente não se importava se este era o melhor momento ou o momento certo ou se isso era algo que eles não deveriam ter feito. Ela ia ser mãe, algo que sempre desejou, e ela, de certa forma, estava um pouco animada com o fato de ser de Magnar.

— Você queria fazer isso comigo?

— Não, — ela respondeu. — Eu nem pensei que isso fosse possível entre nós, mas estou um pouco curiosa sobre isso. Será humano ou como você?

— A bruxa coruja disse que será Mavka porque você está doente. Seu corpo está rejeitando isso.

O medo a apunhalou tão rapidamente que gelou todo o seu ser. Ela estava grata que a chuva estaria lavando o cheiro de medo que ela sabia que viria dela.

— Rejeitando?

— Sim. — Ele ergueu a cabeça para observar seu caminho enquanto se movia por uma pequena seção de árvores, pisando com cuidado sobre raízes retorcidas. — Porque é a primeira vez, ela disse. Seu corpo acabará se ajustando e você não ficará mais tão doente em alguns dias.

Alívio aliviou seus músculos, e ela olhou para seu estômago.

*Então vai ficar tudo bem, então? O filho de um Caminhante do Crepúsculo?*

Seus lábios se curvaram levemente para cima, talvez seu primeiro pequeno sorriso em muito tempo, enquanto ela tocava seu abdômen.

— E quando você estiver melhor, eu a levarei para a Vila dos Demônios.

— Huh?! — Delora soltou um suspiro quando seus olhos se arregalaram, fazendo suas pálpebras piscarem quando as gotas de chuva as encheram. — Você está me levando para a Vila dos Demônios?

Por três dias adicionais, Magnar fez o possível para cuidar de sua fêmea doente. Não era uma tarefa fácil quando ela de repente vomitava preto, e ele tinha que ser rápido para pegá-lo em uma tigela grande para que ela não sujasse o ninho em que estava deitada. Então ele esfregava as costas dela enquanto ela estava curvada sobre a lateral das paredes do ninho para que ela pudesse vomitar.

Os sons ofegantes eram angustiantes, e seus olhos ofuscados depois eram sempre um pouco preocupantes, mas ela parecia melhor por um curto período de tempo a seguir.

Por um tempo, ela voltava a dormir. Era como se ela tivesse usado toda a sua energia para expulsar a escuridão de dentro dela. Magnar cuidaria dela enquanto ela tremia e tentava se enterrar ainda mais sob as cobertas. Outras vezes ela parecia estrangulada, chutando-as desesperadamente.

Houve um punhado de vezes que ela implorou a Magnar para segurá-la e, embora se sentisse quente e úmida, ela implorava a ele que estava com frio e precisava de mais calor. Não demoraria muito para que sua pele corasse e ela começasse a tentar violentamente fugir de seu calor.

Ela tinha sido uma bagunça confusa para ele, mas ele tentou o seu melhor por ela.

Depois que ela dormia, ele a forçava a beber colocando uma tigela rasa em seus lábios e então trabalhava para fazê-la comer.

A chuva não estava mais presente, mas as maravilhas da magia da Bruxa Coruja fizeram o jardim crescer completamente. Todas as plantas tinham brotado, até a macieira que era quase tão alta quanto ele. Delora parecia gostar da doçura das maçãs, e era mais fácil forçá-la a comer se fosse acompanhada de uma fatia.

Ela disse a ele que devia ser algum tipo de desejo de gravidez que ela precisava delas com toda a sua comida, mas ele se perguntou se era porque seu corpo queria algo com o qual cheirasse. Talvez tenha atraído conforto de algo semelhante.

Por mais que ela não tivesse energia para fazer muito mais do

que ficar doente, Magnar foi forçado a fazer Delora se vestir enquanto ele estava do lado de fora.

Ele conseguiu trocar as roupas molhadas de ambos na primeira noite. Magnar vestiu Delora com uma camisa seca com pouca preocupação. Ele estava muito focado em ajudá-la para permitir que sua mente registrasse que ele tinha esta linda humana nua em sua presença. Ele estava muito confuso sobre a resposta dela a tudo isso e de alguma forma aliviado por ela parecer quase... *feliz* com isso.

Ela adormeceu quase instantaneamente no momento em que ele a deitou e a cobriu com o cobertor. Ele secou suas roupas dentro amarrando uma corda de uma parede à outra, então pendurou suas roupas da mesma forma que ele tinha visto Reia fazer do lado de fora em sua varanda.

Ele estava grato por isso, pois, na segunda noite, ela havia suado através da camisa enquanto dormia.

Magnar, pensando que poderia fazer o que havia feito quando ela entrou em sua vida, começou a enxugar o rosto dela com um pano úmido para limpá-la. Ele foi gentil ao passar sobre suas bochechas, testa, orelhas e até mesmo enxugar o cabelo.

Seus olhos, iluminados pela luz fraca do fogo, espreitaram abertos para brilhar nele com uma expressão nebulosa.

— Isso é bom, — ela disse a ele enquanto virava a cabeça para o lado e permitia que ele limpasse seu pescoço com o pano úmido e frio.

Embalando suas costas com um braço para mantê-la ligeiramente ereta, ele começou a desabotoar os botões de sua camisa para poder despi-la e trocá-la agora que ela estava acordada. Ele não tinha chegado ao botão inferior antes que a camisa começasse a deslizar aberta para revelar seus seios fartos e pesados polvilhados com mamilos rosados e endurecidos.

Roxo instantaneamente brilhou em sua visão quando ela gemeu quando ele tentou limpar seu peito. Incapaz de evitar, atraído por ela como um miserável e voraz ser, ele baixou a cabeça e passou a língua por um de seus seios apenas para ela dar um gemido mais doce e oculto com os olhos fechados.

Ele não se importou com a salinidade de sua pele, ou seu corpo

trêmulo, quando começou a lambar seu peito. Sua toalha havia sido esquecida quando ele começou a se inclinar sobre ela. Em vez disso, ele desenhrou suas garras no interior de sua coxa que se contraiu sob seu toque. Ela arqueou para ele.

Seu pênis se mexeu, o movimento atrás de sua costura era tão insuportável que ele sentiu seu pênis e os tentáculos, que deveriam envolvê-lo, começando a sair como uma bagunça se contorcendo dentro de suas calças. A cabeça, desprotegida, havia sido esfolada pela aspereza das calças.

O gemido que ela deu a ele quando ele abriu suas coxas e se posicionou entre elas enquanto bufava descontroladamente em seu peito, sua língua um membro incessante que se movia sobre seus mamilos enrijecidos, o fez estremecer.

— Você é muito quente, Magnar, — ela gritou antes de empurrar seu peito.

Ele rosnou em resposta, tentando puxá-la para mais perto enquanto alcançava a frente de suas calças. A pulsação em seu pênis era terrível, mas a ardência que sentia ao secar exigia que se abrigasse dentro dela.

E experimentar o êxtase dele dentro dela novamente era como um veneno que ele havia esquecido que precisava.

— Por favor, — ela sussurrou. — Eu preciso esfriar. Estou ficando muito tonta.

Sua voz quebrada e fraca implorando a ele tinha deixado seus orbes brancos. Magnar se arrastou para trás, estremecendo quando percebeu que a deixou cair contra sua cama.

*O que eu estou fazendo?*

Delora estava atualmente doente, em transe, e ele estava a momentos de entrar no cio dentro dela.

Mas ele não sabia como controlar a irritação em seu pênis. E quanto mais ele se recostava, olhando para ela por entre os pés, vendo suas pernas abertas e sua convidativa fenda aberta para ele, Magnar sentia um desejo irresistível de agarrar sua perna, arrastá-la sobre ele e empurrar seu caminho para dentro dela. Ele queria se enterrar tão fundo que ela não seria capaz de escapar dele.

E ele *sabia* que seria bom.

Roxo explodiu, e ele se arrastou de volta antes de se levantar.

— Delora, — ele gemeu, cerrando os punhos ao lado de si enquanto lhe dava as costas. — Lave-se e vista-se. Há um balde e uma camisa nova. Eu voltarei.

Então ele saiu antes que pudesse ouvir a resposta dela, envergonhado de si mesmo pelo que estava prestes a fazer. Andando, ele agarrou seu pênis através de suas calças, apesar de doer, implorando para que ele descesse e voltasse para dentro de sua costura.

Somente quando o fez, e ele checou Delora para descobrir que ela estava limpa, vestida e desmaiada, ele entrou na casa.

Ele odiava não poder cuidar dela quando ela mais precisava dele, que ele era inútil e incapaz de controlar essa... estranha parte de sua mente e corpo que o atormentava constantemente.

No segundo dia, Reia e Orpheus começaram a fazer visitas para trazer carne cozida.

Orpheus trabalharia no quintal, cortando árvores e moldando-as para ajudar a acelerar o processo da casa agora que Delora estava aqui. Ele precisava de uma casa totalmente construída para ela. Reia ajudava como podia, cuidando do jardim, ensinando-o a cuidar dele agora que estava crescendo e lavando a roupa.

Antes de partirem, ele pediu a Reia para ajudar a limpar Delora, já que ele não podia. Ele sabia que não podia. Ele não conseguia mais nem mesmo trocá-la.

Eles continuaram a retornar, mesmo quando Delora estava se sentindo muito melhor no quarto dia, e ela começou a se mover.

Ela ainda estava fraca, mas parou de expulsar a escuridão. Ela era capaz de engolir toda a comida e água, comendo devagar se seu estômago comesse a doer.

Magnar ficou confiante o suficiente para deixar seu lado para ajudar Orpheus a trazer para dentro as toras que ele cortou e moldou para que pudessem começar a construir os quartos que ele havia planejado.

Ele captou trechos de conversas entre Reia e Delora enquanto

entrava e saía, mas não prestou muita atenção a elas. Tudo o que sabia era que sua fêmea estava começando a se sentir melhor e que ele precisaria começar a se preparar para a viagem em breve.

A Bruxa Coruja disse a ele que levar Delora para a Vila dos Demônios mais cedo ou mais tarde era melhor, mas ele estava apreensivo em fazê-lo. Ele a queria segura, sempre, e a jornada para a aldeia era tão perigosa, senão mais, do que a própria aldeia.

Ele não sabia com o que estava mais preocupado.

Era uma caminhada de quatro dias para um Mavka chegar lá. Ele não poderia ir sem ela desde que ela apareceria ao lado dele dentro de um dia, mas ele queria que ela estivesse confortável aqui. Havia coisas na aldeia de que ela precisaria, e ele queria dar-lhe tudo, o mundo se pudesse.

Ele a levaria até lá se isso significasse que ele finalmente poderia ver seu sorriso.



Delora sentou-se nos degraus da varanda com os cotovelos nos joelhos fechados e o queixo apoiado nas palmas das mãos, esperando que ela desaparecesse.

Ela deu um suspiro. *Isso é chato.*

Foi apenas ontem que ela recuperou totalmente suas forças, cinco dias desde que ela adoeceu, para começar, e ela já estava corajosa indo para a Vila dos Demônios.

Magnar tinha sido assertivo sobre levá-la lá agora, apesar de suas dúvidas persistentes. Eles mal se falaram nos últimos dias, pois sua lucidez era rara e curta, e mesmo que ela tivesse dito a ele que não queria ir, ele foi inflexível sobre isso. Uma vez que ela estava forte o suficiente para andar todo o quintal sem problemas, Magnar a informou que eles estariam começando sua jornada naquele mesmo dia.



A ideia de entrar em um território perigoso com um filho ainda não nascido, não importa o que fosse, era assustadora. Ela se importava mais com o mal que poderia acontecer do que com ela mesma.

Ao mesmo tempo, ela sabia por que eles precisavam ir.

A última semana de sua gravidez tornaria difícil para ela manter sua forma fantasmagórica, que seria daqui a apenas três ou quatro semanas. Ela não podia acreditar que só ficaria grávida por um maldito mês!

Além de se sentir melhor, ela não viu nenhuma mudança em seu corpo até agora. Ela pensou que poderia ser porque seu estômago já estava bastante arredondado, e ela teria que estar mais longe para ver a diferença.

Ainda assim, um mês não era muito tempo, e ela se perguntou como seu corpo deveria se ajustar a uma mudança tão rápida. Ela, ou aquilo, ficaria bem?

*A Coruja Bruxa aparentemente não teve problemas.*

Saber que a mulher que ela lembrava vagamente de ter visto brevemente na casa de Orpheus e Reia era na verdade a mãe de Magnar era louco. Saber que ela era a pessoa que deu à luz todos os Caminhantes do Crepúsculo era ainda mais louco.

*Isso significa que são todos irmãos?*

Delora, uma vez melhor, fez milhões de perguntas a Reia.

A razão pela qual todos os Caminhantes do Crepúsculo eram homens era porque o primeiro humano que todos comeram era homem. Reia acreditava que se uma mulher tivesse sido comida primeiro, haveria fêmeas de sua espécie.

No entanto, as mulheres estavam com muito medo de viajar por causa dos Demônios, especialmente porque havia uma chance de que elas pudessem menstruar repentinamente ao longo do caminho - algo que sempre as preocupava, mesmo em aldeias muradas - ou eram espertas o suficiente para não ficarem se colocando em situações que poderiam levá-las a serem comidas por um Caminhante do Crepúsculo.

— Estou feliz por não haver mulheres, — Delora resmungou.

— Será que Magnar preferiria uma mulher de sua própria espécie?

Esta não era uma pergunta que ela faria a ele, e ela estava feliz por não ter que enfrentar este problema se todos continuassem a comer homens.

*Isso seria totalmente estranho, já que eles seriam irmãos.* Ela duvidava que eles soubessem, já que aparentemente era uma informação nova para eles que a bruxa coruja era sua mãe. Que *opa* isso teria sido.

— Então, novamente, — ela continuou a divagar. — Eu me pergunto se os Caminhantes do Crepúsculo podem dar suas almas uns aos outros. Eles ao menos têm almas?

Seus pensamentos estavam alinhados com a ideia de que eles escolheram seu parceiro puramente com base no fato de que pareciam querer uma alma, já que tanto Magnar quanto Orpheus queriam atender a essa necessidade.

Não demorou muito para Delora soltar uma risada gentil.

— Magnar tem uma alma. Eu simplesmente sei disso.

Ele tinha que ter uma para ser tão doce e carinhoso. Uma criatura sem alma, sem coração, seria oca como um pesadelo, alimentando-se terrivelmente de carne.

Mas Magnar havia cuidado dela durante os últimos dias. Passando um pano na testa, dando-lhe comida e água, ajudando-a a se ajustar às diferentes temperaturas de que precisava.

*Ele até tentou afogar meu travesseiro.* Algo quente acendeu em seu peito com a memória.

Uma grande rajada de vento sacudiu as árvores, trazendo sua mente de volta à realidade.

— Isso é péssimo. Quanto tempo mais terei que ficar sentada aqui?

O sol não havia se ido há muito tempo sobre as árvores, a manhã era realmente clara, e tudo o que ela conseguiu fazer foi sentar aqui.

Magnar já havia saído para ir à Vila dos Demônios, fazendo-a sentar ali pacientemente, ou melhor, impaciente, para que ela aparecesse ao seu lado assim que ele saísse do anel mais perigoso da

floresta do Véu.

Aparentemente, o Véu era composto de quatro anéis de vida.

A fronteira onde os Demônios menores, mas os mais cruéis e famintos por carne humana, vagavam. Era também onde ficava a casa deles. Em seguida, o segundo anel interno era onde viviam os Demônios de tamanho médio, aqueles que ainda estavam famintos por carne humana, mas só caçavam quando estavam famintos e comiam tudo o que enfiavam suas garras. O terceiro anel era uma mistura de Demônios médios e grandes, aqueles que começaram a construir casas ao invés de ninhos e já começavam a imitar os humanos.

E, finalmente, o anel interno, onde ficava a Vila dos Demônios.

Era muita coisa para envolver sua cabeça desde que ela originalmente descartou toda a ideia como um absurdo.

Esperar para desaparecer era chato, mas ela preferia isso a ter que passar pelo anel de fronteira. *Não sou tão destemida quanto Reia.* Apenas a ideia de brandir uma espada e girá-la em um Demônio espumante fez seu sangue gelar.

*Eu me pergunto o que vamos fazer no caminho de volta, no entanto.*

Magnar mencionou que iria explorar se houvesse algum ninho ao longo do caminho para que pudesse marcar um caminho seguro para a viagem de volta.

— Ele é muito mais esperto do que qualquer um acredita.

Mesmo Delora não tinha pensado em algo tão perspicaz, mas ele veio com um plano antes mesmo que ela expressasse sua apreensão.

Sua visão vacilou para o sol que estava tentando banhá-la com luz, mas não conseguia alcançá-la por causa da árvore crescida perto dos degraus da varanda. Ele havia saído por volta dessa hora no dia anterior.

*Não deve demorar muito.*

Assim como ela havia pensado, alguns minutos depois ela sentiu que estava ficando transparente contra sua vontade. Já tendo experimentado isso, ela apenas fechou os olhos e aceitou.

Ela sabia que tinha se materializado perto de Magnar quando sua postura mudou de sentada nos degraus para estar curvada ao lado

de seu quadril contra o chão frio.

Antes que ela pudesse abrir os olhos, ela sentiu as pontas familiares das garras deslizando desde o fundo de sua jugular até a linha de sua mandíbula antes de chegarem ao queixo. Com cócegas, sua pele se arrepiou com arrepios que forçaram um arrepio na espinha, e suas pálpebras se abriram para encontrar Magnar agachado em um joelho na frente dela.

— Você está bem? — ele perguntou. O brilho reconfortante de seus orbes verdes na escuridão da floresta do Véu era tentador o suficiente para fazê-la corar.

— Estou bem, — ela respondeu, movendo-se para se levantar sozinha antes de perceber a mão dele pairando no ar. Ela olhou para ele, então imediatamente a pegou para que ele pudesse ajudá-la a se levantar. — Não estou tonta como da última vez.

— Você estava tonta? — Antes que ela pudesse responder, Magnar a pegou em seus braços para embalá-la e a cobriu parcialmente com sua capa que estava enrolada em seu corpo. — Devemos deixar esta área rapidamente.

Sua bolsa chacoalhou quando ele a colocou de lado. Estava cheia de várias pedras brilhantes que ele disse ter encontrado perto do riacho perto de sua casa, onde ele buscou água potável para ela. Também havia pedaços quebrados de cristal de ametista que ele recuperou de uma caverna que Orpheus lhe mostrou, e pedaços de rocha de obsidiana que ele removeu de sua própria caverna onde eles viviam originalmente.

Tudo isso foi colocado em sua mochila, assim como comida e um saco de água para ela – tudo pré-preparado caso ela não pudesse reaparecer para ele com o que estava amarrado em volta dela.

Apareceu com ela, e agora ela tinha o dobro de comida e água, o que era bom considerando que ela estava sempre com fome.

— Por que? — Delora espiou para fora de sua capa e olhou em volta. Ela pensou que seu coração começaria a bater rapidamente, mas, surpreendentemente, ela não sentiu um pinga de medo por causa de sua presença. — Algo está errado?

— Demorei muito para encontrar o caminho de retorno mais

seguro, pois havia muitos ninhos amontoados. Estamos fora do anel de fronteira, mas ainda estamos muito perto.

Ele começou a caminhar mais fundo na floresta, e Delora notou que as árvores pareciam mais altas. Ele nem precisou se abaixar sob os galhos mais baixos para cuidar seus chifres.

— Vamos ficar bem?

Ela olhou para cima, descobrindo que não havia um pingo de luz tão profundo dentro do Véu, e a névoa azul que estava sempre presente parecia mais espessa.

Até o ar parecia mais estagnado.

A única cor que se notava vinha do vermelho e do laranja de uma ou outra árvore que ia perdendo cada vez mais folhas a ponto de seus galhos se tornarem estéreis. Nem todas as árvores, como muitas outras, permaneceram verdes e luxuriantes, mas pelo menos impediram que parecesse verdadeiramente triste. Ela gostava de ver o chão coberto de vida, em vez de apenas sujeira, paus e pedras.

— Sim. Seu cheiro não é humano. Será confuso para os Demônios, mas eles não serão atraídos por você. Contanto que os evitemos e você permaneça praticamente escondida, estaremos seguros.

Delora inspecionou o lado de seu crânio ossudo, ponderando uma questão.

— Você pode ouvir muito bem, não é?

Para uma criatura que não tinha ouvidos, ele sempre parecia ser capaz de ouvir bem. Também era o mesmo pelo fato de ele não ter um nariz adequado, mas seu olfato era mais apurado do que qualquer animal de que ela já tinha ouvido falar.

— Sim, — ele repetiu. — Serei capaz de ouvir ou cheirar qualquer coisa que vier por perto, então não se preocupe. Eu sempre vou te proteger.

Mas Delora não precisava de segurança.

Ela estava quente e protegida em seu abraço enquanto ele caminhava através do mato grosso, e ela se enrolou em seu peito sólido com confiança. Seu forte batimento cardíaco ressoou através de sua carne enquanto batia próximo a sua orelha, e ela deixou que isso

lhe desse música para sua caminhada.

— Quando estivermos mais fundo no Véu, onde será menos provável que cruzemos um Demônio, você deve praticar o uso de sua forma fantasmagórica em preparação para a aldeia.

— Parece uma boa ideia, — ela murmurou satisfeita, fechando os olhos para que pudesse se concentrar nas batidas de seu coração e seus cascos.

Nada poderia ter preparado Delora para o que ela descobriria na Vila dos Demônios.

As enormes árvores que pareciam ter crescido diagonalmente a partir do solo em espiral ao redor da aldeia para protegê-la do sol forte que brilhava sobre ela eram... lindas. Especialmente com a clareira de grama que o cercava, como se para prender as criaturas lá dentro ou manter outras fora durante o dia.

Ervas daninhas floridas criavam um mar de amarelo e verde enquanto dançavam entre os caules da grama. Eles acenaram com o vento leve que soprava sobre a colina gradual que começaram a descer para que pudessem chegar mais perto.

O castelo à distância atrás da vila deu a ela todas as provas de que precisava de que existia um Rei Demônio, e ela manteve os olhos longe dele. Ela temia que, se olhasse para ele por muito tempo, de alguma forma o traria para eles.

Pelo que ela ouviu, ele não era um cara legal.

Duvidava que tivesse força como Reia quando lhe contou sobre a luta que tiveram contra ele e Katerina. A história dava a impressão de que ela tinha sido sensata e corajosa.

Delora não sabia como usar uma espada, nem podia correr muito rápido.

Seu único ato de violência era acompanhado por seu próprio grito enfurecido e falta de pensamentos. Enfrentar algo tão terrível quanto uma aberração meio elfo e meio demônio que empunhava magia *parecia* demais para ela lidar.

*Não quero mais testemunhar violência ou carnificina.*

Delora queria viver em paz e pensou que poderia ter encontrado essa chance com Magnar.

Agora que ela podia viver dentro da segurança de uma ala de proteção e se transformar em algo intangível fora dela, sua segurança estava garantida.

E ela sabia que poderia fazer da pequena cabana de madeira, sua casa, algo confortável com bastante tempo. Delora era paciente. Ela

tinha sido paciente toda a sua vida.

Em sua forma de Espírito, ela tocou o estômago para sentir a pressão, mas nada mais. *E com você, pepita, finalmente posso ser o que sempre quis.*

Delora não se importava que fosse diferente para ela.

Ela levantou o olhar para se certificar de que ainda estava ao lado de Magnar enquanto ele a conduzia para as árvores altas que espiralavam ao redor da aldeia. Elas eram maiores do que qualquer coisa que ela já tinha visto, as raízes arqueadas sobre o solo até a crista mais alta do que sua própria altura. Os troncos tinham que ter centenas de metros de altura e serem tão largos quanto a ala de proteção em casa.

As árvores projetavam sombras sobre o solo, destacando que a noite estava começando a cair.

Como era possível entrar por qualquer cruzamento das árvores, eles contornaram um dos muitos troncos para entrar na aldeia.

— Fique comigo, Delora, — Magnar advertiu quando ela pôde ver uma luz brilhante do outro lado do fino túnel coberto de musgo. — Você não está produzindo um perfume como este, então não poderei rastreá-la aqui. E se você falar, eles saberão que você não é um fantasma de verdade. Fique sempre onde eu possa te ver.

— Isso significa que não posso falar com você? — ela sussurrou, descobrindo que sua voz ecoava contra as paredes de madeira.

— Você pode, — ele respondeu tão calmamente. — Mas você deve ficar quieta para não chamar muita atenção. No entanto, não posso responder a você tão abertamente.

Antes que Delora pudesse perguntar por que, ela perdeu a capacidade de falar enquanto caminhavam para a luz do fogo. Seus lábios se separaram enquanto seus olhos se voltavam para cima em direção ao telhado em espiral que protegia este lugar.

Tapeçarias de pano pendiam do teto como se criaturas tivessem escalado os galhos mais altos para prendê-las. Elas dispararam para baixo no ar antes que as pontas fossem levantadas para criar uma



forma convexa e presas a galhos inferiores nas laterais.

Elas eram coloridas, exibindo amarelos vibrantes, azuis, vermelhos e verdes.

Ela não sabia o que estava esperando, mas as casas de vários andares não eram o que ela pensava que veria. Feitos de tijolos e telhados de ripas de madeira, eles eram amontoados, a maioria com venezianas de madeira. Delora podia ver um *Demônio* se inclinando para fora de uma janela, gritando para outro no caminho de pedra que corria entre as casas.

Em vez de seus olhos observarem os muitos Demônios, ou mesmo ouvir mais de perto para ter certeza de que era realmente música e risadas que ela podia ouvir, algo brilhou e roubou seu foco.

Ela levantou um dedo transparente e tentou seguir o pequeno inseto brilhante que dançava bem na frente dela com muitos outros.

— Oh, uau. Eles são tão bonitos.

Delora nunca tinha visto vaga-lumes antes, mas ela sabia que era isso que eles eram quando flutuavam através de sua forma intangível antes de se erguerem no ar como um pequeno enxame. Mais estavam presentes em toda a aldeia, pairando por todo o céu e fazendo o teto ganhar vida como se fossem estrelas em movimento.

— Eles começam a aparecer aqui quando a noite está caindo, — Magnar disse calmamente enquanto inclinava a cabeça mais perto.

Seu olhar desviou de observá-los com admiração para que ela pudesse se concentrar no resto da vila e seus ocupantes, mas qualquer apreensão que ela sentiu foi perdida pela recepção mística que ela recebeu.

Não era assustador, e a névoa sombria que ela estava acostumada a ver no Véu não estava presente aqui.

Quando Magnar começou a conduzi-la da periferia para o interior, as casas ficaram ainda mais desordenadas. Eles tiveram que começar a subir degraus de paralelepípedos e de barro para chegar aos níveis mais altos da vila.

O primeiro Demônio que ela viu de perto a fez empurrar para Magnar ao ponto que ela acidentalmente vagou dentro de seu corpo. Ele não reclamou e manteve um passo igual ao dela.

Era uma necessidade involuntária de mover o corpo como se estivesse andando, embora flutuasse no chão.

O Demônio que a fez fugir era como nenhum que ela já tinha visto antes. Era mais alto do que ela com um rosto estranhamente plano, mas parecia principalmente em forma humana. Tinha até manchas de pele branco-rosada contra o vazio negro que ela estava acostumada a ver, como se estivesse realmente assumindo as características de um humano.

Enquanto ela continuava a olhar em volta enquanto estava dentro do corpo de Magnar, encontrando mais Demônios que andavam sobre as patas traseiras e falavam entre si, ela percebeu que era como qualquer outra comunidade de seres sencientes.

Se ela tivesse fechado os olhos e apenas escutado, teria pensado que estava de volta à cidade de onde veio originalmente.

Não soou diferente quando um Demônio menor, que parecia uma *criança*, soltou uma risadinha enquanto outro o perseguia. Ambos tinham orelhas pontudas, grandes presas de javali, e cada um tinha manchas na cor da pele que eram castanho-claras. Eles eram tão parecidos um com o outro que ela pensou que poderiam ser irmãos.

Delora não percebeu que havia escapado de Magnar até que parou para observá-los com curiosidade, o escudo de seu corpo agora perdido.

Os olhos curiosos de Demônios agora estavam livres para vê-la.

Suas costas enrijeceram quando alguém com um rosto mais parecido com o de um lagarto mesclado em suas feições humanas virou seus olhos excessivamente grandes e vermelhos para ela. Delora congelou no local e encolheu sob seu olhar penetrante e hostil... até que sua visão se afastou dela como se ela fosse insignificante.

Um suspiro saiu dela até que ela conectou os olhos com outro antes que ele também desviasse o olhar.

Eles não se incomodaram com ela lá, e eles caminharam por sua forma fantasmagórica sem cuidado.

Ela olhou para as mãos. *Eles acham que sou um Fantasma de verdade.* Eles não sabiam que ela poderia se tornar física.

Uma figura negra parou para ficar na frente dela, bloqueando

qualquer outra pessoa de passar por ela, e seus olhos se desviaram para Magnar.

— Eles não se importam — ela sussurrou em estado de choque.

Ele bufou em resposta. Então ele se virou e caminhou para frente.

Delora rapidamente perseguiu seus passos lentos e observou como muitos Demônios estavam ariscos, dando-lhe um amplo espaço. No entanto, outros não saíram de seu caminho quando ele ficou mais cheio de corpos. Frequentemente, eles grunhiam rudemente quando batiam com os ombros nele, mas, surpreendentemente, Magnar manteve a calma e permitiu.

Ele parecia incrível enquanto se elevava sobre *todos*.

Sua estatura era maior do que qualquer Demônio em sua vizinhança, e seus chifres o tornavam ainda mais imponente. Mesmo se ela fosse cercada e tivesse problemas para encontrá-lo, ela sempre sabia em que direção ir quando via seus chifres a apenas um corpo de distância dela.

Magnar a levou a uma loja de roupas e cumprimentou um demônio muito excêntrico chamado Snush, que tinha chifres de carneiro na lateral da cabeça. Ele não deu atenção a Delora quando começou a falar com Magnar, perguntando se ele queria mais roupas. Ele o fez e trocou algumas das pedras polidas do rio por mais camisas e calças de botão.

Ela pensou que ele poderia ter conseguido algumas camisas extras só para ela.

Em seguida, ele a levou a uma sapataria, informando ao lojista mais parecido com um pássaro que precisava de sapatos novos, pois seus pés haviam mudado recentemente. Ela deu a ele um par de sapatos sem salto e sem ponta, e ela observou enquanto ele se sentava em um banco e os calçava, fazendo parecer que ele estava usando sapatos ajustados em torno de seus cascos.

Esses dois lugares ficavam mais na periferia dos mercados, e Magnar a levou mais fundo, onde finalmente chegaram a carrinhos de rua que ofereciam uma variedade de itens diferentes. Comida cozida, materiais para roupas e um que tentava desesperadamente vender

velas - das quais Magnar comprou muitas.

Também havia barracas de caixas de madeira que ofereciam joias e os suprimentos para fazê-las.

Ele ficou na frente deste lugar por um longo tempo sem dizer ou fazer nada. Foi só porque ele levantou o focinho para ela que ela percebeu que ele estava perguntando silenciosamente se ela queria alguma coisa.

Embora Delora soubesse que não queria nada vão como joias, ela ainda se inclinou para inspecioná-las.

Algumas eram grosseiramente feitas, enquanto outras eram bonitas à sua maneira, embora simples. Uma frieza formigou dentro dela, talvez uma reação ao seu pavor, quando viu joias obviamente mais sofisticadas, sabendo que deviam ter sido roubadas de humanos que provavelmente haviam perdido a vida.

Assim que ela se inclinou para inspecionar um colar que era de prata com um rubi vermelho no meio de diamantes que formavam um círculo ao redor dele, uma mão negra com unhas longas e afiadas a segurou.

— Vou levar este, — uma voz feminina exigiu, sua outra mão alcançando a mesa da barraca para dar algo ao lojista.

Delora *quase* gritou quando um gemido horrível ecoou quando o colar foi tocado, e uma figura fantasmagórica apareceu de repente no centro da mesa. Uma mulher transparente agarrou o próprio rosto e chorou.

Felizmente, Delora cobriu a boca antes que ela pudesse produzir um som tão alto e horrorizado como um grito. Mas ela se afastou da loja com os olhos arregalados.

— Oh, — a mulher Demônio disse com desgosto, jogando o colar descuidadamente fora. Ele tiniu e sacudiu os outros na mesa. — É uma âncora.

Assim que o colar foi liberado, o choro do Fantasma se acalmou até que eram apenas soluços antes de começar a desaparecer lentamente.

— Você não deveria estar vendendo joias que têm um espírito humano ancorado nelas, — ela rosnou para o lojista.

A fêmea Demônio tinha longos cabelos negros que eram brilhantes, mesmo na luz. Ela era alta, esbelta e quase parecia humana, exceto por sua pele vazia. Carne humana sardenta estava no canto de seus lábios, e o lado oposto de sua bochecha antes de correr ao redor de um de seus olhos vermelhos.

Parecia que nenhum dos Demônios poderia mudar a cor vermelha de suas íris, e a dela parecia afiada.

— Algumas pessoas os preferem — argumentou o lojista. Este era semelhante à mulher, mas tinha pontas na testa. Ele acenou com a cabeça na direção de Magnar. — Parece que este Mavka gosta de usar âncoras assombradas.

Ambos os olhares, assim como o crânio de Magnar, se voltaram para Delora. Ela se afastou deles até se encontrar no meio da multidão que passava.

Ela sabia pelo pulsar de sua forma que seu coração estaria batendo de medo se ela tivesse sido física.

Então, com os olhos perplexos, ela percebeu que havia perdido Magnar em seu pânico. Ela se virou para procurar, e suas sobrelanceiras se juntaram quando ela não conseguiu encontrá-lo.

*Oh meu Deus, onde ele está?* Ela não poderia estar sozinha aqui!

Ela abriu a boca para gritar, mas imediatamente a fechou. Ele disse a ela para ficar quieta, para sussurrar.

Uma lufada de fogo fez Delora recuar quando um Demônio começou a girar fogo bem na frente dela. Ela não conseguiu identificar sua forma, já que ele estava se movendo tão rápido. Tudo o que ela conseguia focar era no grande sorriso cheio de presas que ele usava enquanto pulava e balançava as bolas flamejantes conectadas por uma corda em uma rotação de roda em *sua* direção.

Ele parecia estar se movendo no tempo com um tambor sendo tocado nas proximidades.

A multidão não pareceu se importar ao passar por ele. Ele era tão rápido em seus movimentos que a retirada dela colocou pouca distância entre eles antes que um daqueles venenos de fogo atravessasse seu corpo.

Então ele começou a dançar através dela enquanto girava em

um círculo e depois continuou no meio da multidão.

*Eu pensei que ele estava tentando me atacar!*

Quase hiperventilando, embora ela não pudesse sentir sua respiração entrando e saindo dela, sua forma trêmula procurou a área. Mas ela não conseguia se concentrar, em vez disso, seus olhos disparavam de um Demônio de aparência estranha para o próximo.

Eles estavam por toda parte, vindo de todas as direções. Havia muitos enquanto sua visão procurava desesperadamente.

Um corpo deu um passo ao redor dela até que ela estivesse dentro de sua estrutura gigantesca, sua capa e corpo bloqueando completamente sua visão. Ela virou a cabeça e se inclinou para fora deles para ver quem era, pensando que um Demônio havia parado exatamente onde ela havia parado.

Ela queria sair do corpo. Ela não queria ficar perto de um por tanto tempo a ponto de flutuar dentro deles.

— Cuidado, — Magnar sussurrou enquanto sua cabeça disparava para um lado e depois para o outro. — Não se perca.

Delora fechou os olhos e respirou fundo, sua forma fantasmagórica estremecendo de alívio. Magnar esperou pacientemente que ela se acalmasse, permitindo que os Demônios batessem em seus ombros para dar a ela alguns segundos fugazes de relativa calma.

— Obrigada, — ela sussurrou, desejando poder se tornar física e envolver seus braços ao redor de sua cintura esbelta para conforto. — Desculpe, só fiquei surpresa.

Delora não esperava ver um Fantasma de verdade. E foi aterrorizante que um humano se prendesse a uma âncora, sabendo que um Demônio a teria roubado do que restava de seu cadáver - se houvesse algo que não tivesse sido comido.

Magnar bufou e acenou com a cabeça, dando um passo para trás hesitante para se certificar de que ela não iria se esconder dentro do escudo de seu corpo.

Delora não o fez, embora estivesse tentada a fazê-lo, e Magnar desceu ainda mais nos mercados. Ele parou em uma loja que permitia que ela fabricasse suas próprias joias ou ornamentos pendurados, se

assim o desejasse. Como eram tão pequenos e não ocupavam muito espaço na bolsa de transporte dele, ela apontou silenciosamente para algumas contas e cordões na tentativa de se distrair.

Pelo menos nada disso deveria trazer de repente um Fantasma, ou, pelo menos, ela sinceramente esperava que não.

Ela viu que havia contas de cristal esculpidas e ficou mais interessada nelas do que nas contas de chifre e osso que tinham símbolos pintados nelas. Então uma loja duas lojas abaixo chamou sua atenção.

Ela provavelmente não deveria ter saído do lado de Magnar de repente, mas havia faixas de cores vivas em um pano branco. Havia também potes de cerâmica na frente.

Parecia que um fogo havia se acendido dentro dela.

— Isto — ela implorou baixinho a Magnar, que se aproximou dela com interesse quando ela começou a apontar para *tudo*.

— Ah, então Mavka gosta de pintar, não é? — um Demônio de aparência camundonga riu. Seu cabelo era ruivo encaracolado e ele tinha um nariz arrebitado que ficava acima de dois longos dentes salientes. — Que cores você gostaria? Tenho qualquer cor que você quiser.

Magnar virou a cabeça na direção de Delora, mas não disse nada.

Os olhos de Delora examinaram a variedade de opções disponíveis, desejando poder pegar todas elas. Os potes de cerâmica pareciam fortes, mas muitos deles juntos poderiam ser quebrados.

Quando soube que havia tomado sua decisão, ela vasculhou dentro de Magnar na esperança de que apenas ele pudesse ouvi-la enquanto ela listava as cinco cores que queria.

— Azul, amarelo, vermelho, preto e branco — disse ele ao lojista.

— Ah, — o Demônio disse, humor curvando seus olhos e fazendo-os brilhar. — Sua espécie é mais inteligente do que eu teria pensado.

O Demônio começou a usar uma concha de madeira para colocar as cores que havia pedido em grandes potes de cerâmica.

— Por que você diz isso?

— Porque você escolheu as cores primárias para poder misturar as suas. — Ele colocou tampas em cada um dos potes e começou a amarrar barbante grosso em volta das bordas para mantê-los fechados. — Os principiantes começam por recolher todas as cores, para não terem de as misturar. Você também precisa de pincéis?

— Sim, — Magnar respondeu quando ela começou a assentir.

— Que tipo?

— Todos eles.

Quando terminaram, sua mochila estava cheia até a borda com as tintas e as ferramentas necessárias.

Um sorriso começou a brincar em seus lábios, e ela pretendia direcioná-lo para Magnar enquanto caminhavam, mas parou quando ela viu algo branco no canto de um telhado.

De todas as cores que ela tinha visto na Vila Demoníaca, o branco era a única que não era tão predominante. E dado o fato de que tinha a forma de uma enorme coruja que poderia ser tão alta quanto ela, ela parou para olhar para ela.

Especialmente porque seus olhos já estavam sobre ela, observando.

Antes que ela se perdesse novamente, Delora correu para frente desde que Magnar não percebeu que ela parou para olhar para a coruja. Uma vez que ela estava ao lado dele novamente, ela olhou para o telhado que ela tinha visto e descobriu que ela tinha sumido.

Ela não o viu novamente até que eles estivessem mais longe nos mercados, e ela o viu pousado em um galho bastante baixo, que por acaso estava a pelo menos trinta metros de distância. Ele estava voltado para a direção deles, mas sua cabeça se movia como se estivesse procurando por algo.

Ele voou, caindo entre o vão de duas casas para desaparecer. Ela sabia que havia tocado o chão, mas nenhum dos Demônios fez barulho para saber onde realmente havia caído.

*Este lugar é tão estranho.* E tanta coisa estava acontecendo que era difícil manter o foco em uma coisa de cada vez.

Delora sentiu como se seus olhos estivessem abertos para o



munido.

*Eu quero voltar aqui.* Ela se sentia segura, apesar de saber que não estaria se se tornasse física. *Quero explorar esse lugar até conhecer cada cantinho dele.*

Que outras coisas estranhas ela encontraria? Haveria mais beleza para contemplar, ou ela descobriria que algo horrível estava à espreita nas sombras?

A multidão aumentou quando chegaram ao centro da vila. Uma área se abriu como um anel com barracas de mercado do lado de fora que deu espaço para uma estátua no meio dela – um personagem masculino que estava em pé em um pódio com a mão direita levantada.

O homem, de aparência quase humana, tinha orelhas compridas e pontudas que se destacavam por entre os longos cabelos que ondulavam ao redor de seus ombros, fazendo-a pensar que ele poderia ser um elfo. No entanto, as grandes presas que foram produzidas por seu rosnado disseram a ela que ele deveria ser um Demônio.

Como ele estava sem camisa, ela pôde ver que alguém havia esculpido *com amor* cada um de seus músculos no abdômen, bíceps e peito. Eles também destacaram faixas estranhas em seus braços, ombros e laterais. As calças foram amarradas em volta dos joelhos para revelar pés descalços e panturrilhas fortes.

Seu braço direito estava levantado com as garras apontando para cima como se ele estivesse tentando levantar criaturas para ficar de pé - ou talvez dos mortos como um necromante.

Sua postura pretendia transmitir poder, chamando todos ao redor para se juntarem a ele.

Delora ficou na frente da estátua que era ainda maior que Magnar.

— Esse é o Rei Demônio, — Magnar disse calmamente, antes de acenar com a mão na direção de alguns Demônios que estavam de joelhos ao redor da estatura. — Eles o adoram por tudo que ele fez por eles, inclusive tornando esta vila possível.

Magnar levantou a mão para gesticular para o céu, como se

estivesse tentando dizer a ela que havia conjurado as árvores ao redor da aldeia.

— Ele não é tão grande, no entanto. — Ele se virou, sua capa balançando atrás dele e seus cascos ecoando contra o chão de paralelepípedos enquanto ele se afastava. — Eu sou maior.

Delora quase sentiu vontade de rir quando parecia que Magnar estava preocupado com sua própria masculinidade contra algo como o Rei Demônio, cujo rosto era surpreendentemente bonito. Sobrancelhas acentuadas, maçãs do rosto salientes, lábios firmes.

Ela o encarou, imaginando como um rosto tão bonito poderia ser mau, antes de seguir Magnar.

Ele os estava conduzindo para fora desta área sem dar a ela a chance de examinar nenhuma das lojas, o que era estranho, considerando que ele havia parado em todos os outros lugares.

*Eep!* Ela engasgou e deu um passo para trás quando outro Fantasma apareceu na frente dela, de modo que ela quase esbarrou nele. Ela esperava não ver outro!

Ele chorou silenciosamente enquanto seguia um Demônio que deu uma mordida em algo de sua palma. Era de forma masculina, com cabelos curtos e roupas rasgadas. Assim que o Demônio terminou de comer, o Fantasma desapareceu.

Quando ela o viu novamente, o mesmo, ela notou que estava chorando silenciosamente por um pacote de algo nas garras de outro Demônio. Ele agarrou seu rosto com olhos horrorizados olhando para a embalagem de pano antes que o Demônio o colocasse em sua própria bolsa de transporte. Em seguida, acenou com a mão através do Fantasma como se quisesse se livrar dele.

O Fantasma o seguiu por um curto período, antes de desaparecer e reaparecer em uma determinada loja.

Seus soluços eram silenciosos, quase inaudíveis, mas reagia sempre que um Demônio pegava algo daquela loja em particular.

Os gritos de uma mulher chamaram a atenção de Delora em seguida, e ela encontrou outro Fantasma em uma barraca diferente. Havia também um segundo lá que parecia um velho apoiado em uma bengala que só estendia uma mão frágil e trêmula quando um

Demônio comprava alguma coisa.

Os olhos de Delora começaram a saltar de barraca em barraca que a cercava, encontrando mais e mais Fantasmas que estavam gritando, lamentando ou rasgando suas próprias formas transparentes com terror. Eles esvoaçavam pela multidão com seus olhos cheios e abertos fixados em certos Demônios que apenas acenavam para eles como se fossem nada além de insetos irritantes.

*Em todos os lugares. Eles estão por toda parte aqui.*

A forma transparente de Delora oscilou, não vendo uma única âncora possível aqui – isso foi até que ela viu algo que a fez recuar.

No balcão de uma barraca, um braço humano.

*Baque.* Um Demônio pegou um cutelo e deslizou para o lado para deslizar a mão que havia cortado para o lado. Um Fantasma gritou em protesto. O açougueiro então envolveu o braço no pano branco que ela podia ver que muitos compradores tinham aqui, antes de entregá-lo a um Demônio que o trocou antes de ir embora.

*Ah Merda. Oh não. Acho que vou passar mal!*

Delora não sabia para onde recuar quando percebeu que estava em um mercado que vendia carne, carne *humana*. Eles estavam todos ao seu redor.

– Delora, – Magnar advertiu quando ficou óbvio que ela não o estava seguindo.

Ela balançou a cabeça, afastando-se dele enquanto tentava encontrar uma saída. *Eu preciso sair. Eu preciso sair daqui.* Apesar de ser transparente e geralmente não ser capaz de sentir nada quando estava assim, seu abdômen latejava e parecia que algo estava agarrado em sua garganta.

E um dos fantasmas até se parecia *estranhamente* com Hadith.

Suas lembranças daquela noite terrível flutuavam em seus pensamentos.

A visão de sangue escorrendo de sua cama, como o que ela podia ver nos balcões das barracas que tinham sangue escorrendo pelas bordas. Os gritos de lamento eram como os de Cindy. Era demais. Era muito parecido, como se todos estivessem tentando levá-la de volta para aquela mesma noite.

*Eles virão atrás de mim? Eles poderiam?*

Aquela coruja que ela tinha visto antes tremulou no ar, e os olhos de Delora se arregalaram quando sua forma começou a se transformar em uma mulher humana com pele escura quando ela pousou.

Não passou pela cabeça dela que ela parecia familiar.

Vestindo um manto de penas, a mulher, que tinha forma física, aproximou-se de um dos Fantasmas e abriu um frasco na frente dele.

A areia negra começou a ondular ao redor do Fantasma, e ele parou de gemer. Ele fechou os olhos com alívio e, em segundos, ficou ainda mais transparente quando a areia o envolveu completamente antes de começar a vaziar para dentro do frasco. Então ele se foi, e a mulher caminhou até um Fantasma diferente.

Por alguma razão, ela os estava coletando.

*O que ela está fazendo com eles?* Ela os estava salvando ou fazendo coisas terríveis com pessoas que já haviam sofrido?

Magnar passou por Delora para que ela não pudesse mais ver o que estava ao seu redor. Ela levou as mãos ao rosto e começou a soluçar, tremendo ao perceber que soava como todos os outros Fantasmas.

Ela temia que a mulher viesse buscá-la em seguida.

— Por favor, — ela sussurrou para Magnar, sua voz um coaxar trêmulo. — Tire-me da multidão. Tire-me daqui.

Ela estava impressionada.

*Eu não posso fazer isso. Eu não quero mais estar aqui.*

Magnar, com o peito apertado de preocupação, virou a cabeça para um lado e depois para o outro para procurar um lugar adequado para escondê-los. Embora ele tivesse vindo a esta aldeia duas vezes antes, ele não estava completamente familiarizado com seu layout.

Ele se dirigiu em uma direção aleatória, empurrando descuidadamente os Demônios para fora de seu caminho para acelerar o passo e levou Delora por um beco estreito com mais cruzando-os. Ele abaixou o terceiro que encontrou para colocá-los mais longe de um dos lugares mais movimentados dos mercados.

— Você está bem? — ele perguntou, sua visão já completamente branca. — Devemos estar seguros para conversar aqui.

Em vez de responder, Delora saiu de seu corpo e se tornou física. Ela plantou ambas as mãos contra uma das paredes e começou a vomitar, alternando entre material e imaterial.

Felizmente ela não expeliu nada, mas acabou caindo de joelhos.

Magnar se agachou para escondê-la com seu corpo, antes de jogar as laterais de sua capa em volta dela na esperança de esconder o cheiro dela sob o dele.

Era como se seu coração e estômago estivessem tentando trocar de lugar quando ele viu como ela estava pálida. Ele a ergueu em seu colo e pressionou os dois contra a parede, entendendo que Delora estava se esforçando ao máximo, mas não estava conseguindo.

— Por que você me trouxe aqui? — ela chorou. Sua voz falhou uma oitava quando ela enterrou o rosto contra as mãos e se inclinou em seu peito. Seus ombros estremeceram. — Por que você não me disse que eu os veria?

— Ver o que? — Ele não tinha certeza do que realmente estava acontecendo.

*Ela estava bem alguns momentos atrás.*

— Os fantasmas.

O aperto de Magnar sobre ela aumentou.

— Eu não pensei que você seria capaz, — ele admitiu. — Quando trouxemos Reia para cá, ela nunca parecia incomodada com

eles, então eu sabia que ela não podia vê-los.

— Você-você deveria ter me contado tudo sobre este lugar.

Ele pressionou o lado de seu crânio contra ela o melhor que pôde para confortá-la.

— Você precisa controlar seu medo, Delora, — Magnar implorou, envolvendo seus braços mais apertados ao redor dela.

*Ela atrairá os Demônios para nós.*

— Estou tentando! — Ainda visivelmente trêmula, ela balançou a cabeça. — Não consigo nem manter minha forma. Eu me sinto muito doente.

Havia gotas de suor em sua testa, como ele tinha visto quando ela estava doente.

— É uma tolice o que você está fazendo. Ela vai cheirar assim, — alguém disse fora de seu abraço.

Magnar virou a cabeça para o lado para ver que a Coruja Bruxa estava parada ao lado deles.

Ele deu um rosnado curto e estalou suas presas.

— Eu pensei que você disse que seria bom trazê-la aqui!

Em seu tom, seus olhos se estreitaram em um olhar severo.

— Não. Eu disse que seria melhor trazê-la aqui mais cedo ou mais tarde.

Um Demônio parou no final do beco. Fungando, sua cabeça balançou no emaranhado de medo que deve estar flutuando naquela direção. Magnar levantou a cabeça e rosnou em sua direção, fazendo com que a Coruja Bruxa olhasse para trás.

Com um suspiro solene, ela cavou debaixo de sua capa e finalmente jogou um frasco de vidro no chão. Uma calha de poeira rosa cresceu ao redor deles. Era amargo e apimentado, fazendo Magnar bufar irritado, mas o Demônio balançou a cabeça e imediatamente se afastou.

Ele virou a cabeça para a Coruja Bruxa com esferas amarelas para transmitir um olhar questionador.

— É uma poção de camuflagem de aroma, mas não vai durar muito. Temos cerca de cinco minutos antes que desapareça.

Ela se agachou ao lado deles na ponta dos pés descalços e

timidamente abriu sua capa para que ela pudesse espiar Delora. Seu coração apertou.

Ele não tinha percebido que ela havia desmaiado em seus braços.

*Ela desmaiou!* O pânico de Magnar crescia a cada segundo.

— Você vai precisar acordá-la se quisermos nos mover, — ela disse a ele, seus olhos negros vagando sobre Delora enquanto seus lábios se juntavam. — Pobre coisa. Lembro-me da primeira vez que engravidei de sua espécie.

— Onde estamos indo? Estamos no meio da aldeia. Nunca poderei tirá-la daqui com segurança.

— Para um hotel. — Ela apontou para o beco. — Há um lugar a apenas um quarteirão de distância onde você pode ficar até que seu estado de doença desapareça.

Com um aceno de cabeça, ele se virou para Delora e a sacudiu. Ela não acordou. Ele balançou com mais força, e ela se mexeu, suas pálpebras se abrindo.

— Aqui, coma isso. — A Bruxa Coruja colocou algo redondo e azul perto de seus lábios, mas tinha um cheiro doce como se estivesse imbuído de algum tipo de magia. — Isso vai acalmar seu estômago para que possamos movê-la.

Delora demorou a abrir os lábios, mas aceitou, mastigando momentaneamente antes de engolir em seco. Depois de alguns segundos, a tensão em seus músculos aliviou e ela soltou um suspiro de alívio.

Então ela fechou os olhos com força. A pressão do corpo dela sobre o dele diminuiu e ela ficou transparente em seus braços.

— O que está acontecendo? — Delora perguntou fracamente. Ela voltou seu olhar para a Coruja Bruxa para franzir a testa em sua direção. — É *você* de novo. Por que você continua aparecendo quando me sinto mal?

— Venha. Vamos, rápido, — a Coruja Bruxa anunciou antes de seguir seu caminho pelo beco, abaixando a cabeça para se certificar de que estava seguro.

Eles foram conduzidos por uma rua quase vazia e levados para

um grande prédio de dois andares. Era mais larga do que as outras casas ao redor, e uma das duas portas da frente estava aberta para convidar as pessoas a entrar.

— Delora... Esconda-se dentro de Magnar. Não se permita ser vista.

Ela assentiu e afundou em sua forma.

Magnar desejou poder sentir alguma semelhança com ela ali. Ele queria saber que ela estava perto, mesmo que não pudesse vê-la.

Ele fez questão de ser lento quando eles entraram no prédio.

Uma Demônio usando óculos – que não tinha vidro – ergueu a cabeça do que quer que ela estivesse lendo no balcão atrás do qual estava sentada. Ela ergueu uma sobrancelha na direção deles. Suas feições eram duras com ângulos agudos cortando suas bochechas e sobrancelhas, e ela apertou os olhos vermelhos antes de uma longa e fina cauda balançar atrás dela.

— Dê-nos um quarto, — a Coruja Bruxa exigiu, seus pés descalços batendo contra o piso de madeira enquanto ela se aproximava. Sua cabeça estava erguida, como se a Demônio à sua frente fosse insignificante em sua presença. — Considere isso um pagamento por todos os assombrados que removi de suas instalações no passado.

A Demônio deu uma risada masculina apesar de sua forma feminina.

— Você faz isso de qualquer maneira. Não finja que é um favor. — Então ela torceu os lábios antes de empurrar os óculos sem vidro para cima do nariz. Ela o esnobou em sua direção. — Eu vou abrigar você, mas não o Mavka.

Magnar permitiu que um rosnado saísse do fundo de sua garganta.

— Selvagem — ela bufou antes de cruzar os braços e apontar o nariz para o ar. — Viu? Por que eu iria querer diminuir a qualidade do meu estabelecimento para um de *sua* espécie?

— Por isso. — A Coruja Bruxa coloca um frasco com um líquido vermelho sobre a mesa. — Considere o pagamento dele.

A Demônio beliscou o frasco transparente com as pontas dos



dedos em forma de garra e o inspecionou com interesse. Ela olhou para eles do lado de suas pálpebras.

— O que é?

— O sangue de um humano.

Ela bufou antes de rir, colocando o frasco no balcão para deixá-lo rolar de propósito.

— Posso obter sangue humano de qualquer lugar dentro da aldeia.

As sobrancelhas escuras da Coruja Bruxa se ergueram. Ela bateu com a ponta do dedo no balcão para impedir que o frasco rolasse pela borda. Então ela o pegou e olhou para o conteúdo ensanguentado do frasco enquanto ele estava de lado, espirrando-o lentamente.

— Hum. — Ela deu de ombros com indiferença. — Acho que vou encontrar outro estabelecimento que troque um espólio por sangue de Sacerdote.

Ela deu um passo para trás para sair.

— Espere! — a Demônio gritou, alcançando o balcão. — Aquele frasco contém o sangue de um humano que pode usar magia? Você sabe como isso é raro de se obter, a menos que você seja um humilde morador da fronteira?

— Sim, eu sei. — Seus olhos assumiram uma expressão entediada enquanto ela olhava para o Demônio. — Mas você disse que não queria, então iremos para outro lugar. Vou encontrar alguém que queira receber o uso da magia.

Magnar olhou para o frasco, sabendo que se ele próprio ingerisse seu conteúdo, seria para aumentar sua habilidade com sua própria magia. *Isso me ajudaria a proteger Delora melhor.*

— Vou te dar um quarto. Tenho alguns no nível superior disponíveis.

A Coruja Bruxa riu e balançou a cabeça.

— Não é bom o suficiente, não para algo assim.

O Demônio, mostrando suas presas com bochechas inchadas, deu um rosnado.

— Eu vou te dar o maior quarto que eu tiver. Um particular.

— Acordado. — A Bruxa Coruja agitou o frasco na frente do

Demônio como um pêndulo, e seus olhos seguiram seu balanço com entusiasmo. — No entanto, só vou te dar isso quando você nos levar até lá.

Magnar olhou para a mulher de pele escura que irradiava magia de seu próprio perfume e a viu sob uma luz diferente. Suas interações com ela foram apenas breves no passado, e ele sempre foi cauteloso com ela.

Ele agora a estava vendo pelo que ela era.

Ela era alguém que conseguia tirar proveito do Véu e de seus ocupantes. Ela conhecia a aldeia tão bem que foi capaz de trazê-los para cá e barganhar para conseguir o que queria. Ela sempre foi capaz de atravessar o Véu com segurança, seja correndo por ele ou voando sobre ele em sua forma de coruja.

O Véu era perigoso, mas ela morava aqui há tanto tempo que fazia parte dele. Os Demônios a conheciam, ela era uma presença constante para eles, mas eles a deixaram em paz. Eles a aceitaram.

Eles confiavam ainda mais nela do que em Mavka.

*Devo aprender a ser tão astuto.* Parecia uma tarefa impossível.

O Demônio os conduziu por um corredor no nível inferior que era iluminado por candelabros de chamas. Destacavam as paredes de madeira escura e os tapetes amarelos que revestiam o chão. Depois que passaram as escadas para o andar superior, ela esperou por eles em uma determinada porta.

Ela olhou para Magnar quando abriu para eles.

Ele entrou primeiro para se certificar de que era seguro, abaixando-se por causa sua altura e depois seus chifres imponentes.

Assim que ele estava se virando, ele observou a Coruja Bruxa entregar o frasco para o Demônio e fechar a porta atrás deles.

Um baque atrás dele fez Magnar girar. Delora estava de joelhos em sua forma física, e ele não conseguiu chegar a tempo antes que todo o seu corpo caísse para o lado. Ela desmoronou contra o chão.

A Coruja Bruxa disparou antes que Magnar pudesse alcançá-la. Seu toque era gentil quando ela afastou o cabelo preto de Delora de seu rosto.

— Ela fez bem em todo o caminho — disse ela quando Magnar

veio para o seu lado. — Essa fruta dura apenas alguns minutos, mas ela deve ter se esforçado para ficar acordada e em sua forma de Espírito para não ser detectada.

— O que tem de errado com ela?

Ele desabotoou o capuz de seu manto ao redor de seus chifres e então o tirou de seus ombros para que pudesse envolver Delora nele.

Usando-a para esconder seu cheiro, bem como mantê-la aquecida, já que ela estava tremendo, ele a ergueu em seus braços e a levou para a cama de casal encostada na parede do fundo.

Ele gentilmente a deitou sobre ela, sua visão muito focada nela para ver qualquer outra coisa ao seu redor. Ele não se importava com o chão, as paredes, o teto, não quando sua noiva jazia mole e inconsciente.

— Ela está sobrecarregada, — a Coruja Bruxa respondeu, pressionando as costas de seus dedos contra a testa de Delora. — Quando você chegou ao vilarejo, atacou várias pessoas e derrubou carroças.

— Como você sabe disso? — Os orbes de Magnar deram um brilho envergonhado de rosa avermelhado. — Orpheus contou a você?

Ele ficou angustiado quando Orpheus e Reia saíram de seu lado. Ele estava preocupado que algo tivesse acontecido com eles.

— Todo mundo estava falando sobre o Mavka com chifres que enlouqueceu. *Você* ficou impressionado quando veio aqui pela primeira vez, e nem mesmo é humano. Você está acostumado com o Véu e os Demônios. Delora não. Sei que é difícil para sua espécie simpatizar, mas imagine como é para ela. Eu lhe disse que o estado dela seria instável e que você precisaria ser paciente e compreensivo.

— Estou sendo compreensivo — ele bufou em aborrecimento.

Ele não se importava que Delora não estivesse bem além de sua preocupação por ela. *Eu não quero que ela venha a se machucar.*

No entanto, ele não conseguia se livrar da culpa que empurrou para si mesmo. Talvez a Coruja Bruxa estivesse confundindo seus sentimentos, pensando que ele estava com raiva de Delora por algo que ele podia ver que ela não podia evitar.

— Quanto mais você demorasse para trazê-la aqui, mais difícil

teria sido para ela. Ela é nova em ser um Espírito e manter esse estado por um longo período de tempo pode ser desgastante. E ela não está apenas grávida, mas carregando um de sua espécie. — Havia um olhar em seus olhos, um que ele não conseguia decifrar. — Suas emoções estão intensificadas e obviamente há algo errado com sua mente, já que ela estava com tanto medo dos fantasmas.

— Ela pode vê-los — afirmou. — Os Fantasmas dentro da aldeia. Por que? Reia não podia quando a trouxemos para cá.

A Coruja Bruxa suspirou enquanto recuava. Ela não abaixou o capuz de penas enquanto olhava para ele por baixo dele, mas ele notou que sua expressão normalmente fria estava franzida.

— É uma habilidade de Espírito. Reia era humana quando você veio aqui com ela. Ela pode ter visto um ou dois brevemente e pode ter confundido vê-los com um truque de seus olhos, mas os humanos só podem percebê-los ocasionalmente. Um Fantasma sempre pode vê-los e ouvi-los. Vemos toda a vida e toda a morte. É uma bênção e uma maldição ser assim, e há lados que são horripilantes.

A Coruja Bruxa escondeu seu tremor tão bem que Magnar mal percebeu.

— Então por que me dizer para trazê-la aqui?

Magnar olhou ao redor do quarto, sua visão flutuando sobre a mesa equipada com duas cadeiras de madeira e uma toalha de renda pendurada sobre ela. Havia também um tapete vermelho redondo no chão que era intrincado, provavelmente feito por mãos humanas.

Era quente e seguro, isso é tudo que importava.

— Porque ela não podia fazer isso quando estivesse mais avançada, e não seria possível depois que a criança nascesse. — A Bruxa Coruja mais uma vez voltou seu olhar para Delora, mas havia uma suavidade em sua expressão. Era cheia de cuidado. — Ela está indo muito bem, e depois de descansar um pouco, ela deve ficar bem. Não a leve ao mercado de carne novamente, é onde os assombrados ficam mais tempo. Acabei de chegar quando vocês dois chegaram. Eu esperava me livrar deles antes que ela os visse.

A compreensão atingiu.

— Você sabia que isso iria acontecer, — ele rosnou.

— Achei que poderia acontecer alguma coisa, sim, e fiz questão de estar aqui para ajudar. Eu queria estar aqui mais cedo, mas o Rei Demônio está em movimento e caçando um de sua espécie. — Sua tez escura estava mais pálida do que o normal. Ela murmurou baixinho: — Não posso estar em todos os lugares. Eu só posso fazer pouco.

Foi quando Magnar notou as olheiras sob seus olhos e percebeu que ela parecia... cansada.

Ele olhou para Delora enrolada em sua capa em cima do cobertor. Ela também sempre parecia cansada. Não importa o quanto ela dormisse, descansasse ou comesse, aquelas olheiras estavam presentes. Elas não eram tão profundas como quando ela abriu pela primeira vez seus belos olhos castanhos para ele, mas elas estavam lá, como se ela estivesse sendo assombrada por algo.

Se ele não podia curá-las com sua magia, então ele duvidava que a Coruja Bruxa também pudesse.

— Eu tenho que ir. — A Coruja Bruxa foi até a porta, olhando para Delora como se ela realmente não quisesse sair de seu lado. — Deixe-a descansar por algumas horas. Você deveria dormir sozinho. Duvido que tenha feito isso no caminho para cá.

Magnar grunhiu. Ele não queria descansar enquanto viajava aqui porque queria manter Delora segura na floresta.

— Você está sempre aqui coletando os Fantasmas na vila, — afirmou Magnar, forçando-se a desviar o olhar de Delora. — Eu sempre quis te perguntar por quê.

— Porque ele os quer. Ele não pode coletar as almas dentro desta vila por causa da magia do Rei Demônio, e ele não pode deixar a névoa do Véu sem enfraquecer.

Magnar a seguiu até a porta, sua visão mudando para amarelo de curiosidade.

— Quem?

Parando na porta, ela esticou o pescoço para olhar para ele.

— Seu pai.

Delora abriu preguiçosamente os olhos para encontrar um castiçal aceso na mesa lateral à sua frente. Produzia apenas luz suficiente para permitir que ela visse.

— Magnar? — ela perguntou, estendendo a mão para a frente para acariciar o focinho ossudo dele.

Ele estava encostado na cama com apenas a cabeça jogada ali, os braços balançando ao lado do corpo enquanto ele estava sentado no chão.

Foi só quando seus orbes verdes ganharam vida que ela percebeu que ele estava dormindo.

Delora sentou-se, tendo que lutar para sair da capa preta em que estava envolta como uma múmia. Ela olhou ao redor do quarto que tinha visto brevemente antes de desmaiar.

Seus ombros caíram quando suas sobrancelhas se juntaram para criar um linha na testa.

— Desculpe. Eu não queria desmaiar.

Era alarmante saber que ela estava dormindo em um hotel na Vila dos Demônios em seu estado físico, em vez de se esconder como algo indetectável. O plano original era que eles viessem por apenas algumas horas e saíssem o mais rápido possível.

Pelo menos toda a sua inquietação e enjôo haviam desaparecido.

— Está tudo bem, Delora, — Magnar respondeu, sua voz agradavelmente grogue. — Eu também precisava descansar.

Ele se recostou para sentar-se ereto, e a expressão dela caiu enquanto ela o observava.

— Você não parece dormir muito ultimamente. — Delora não conseguia se lembrar da última vez que Magnar rastejou no ninho para segurá-la enquanto descansava. — Por que você estava no chão?

A cama em que ela estava deitada tinha muito espaço para os dois. Talvez seus chifres pudessem atrapalhar a cabeceira da cama e suas pernas pudessem balançar se ele tentasse se deitar direito, mas ela tinha certeza de que ele poderia ter se juntado a ela de lado.

— Depois que você comer, devemos começar a nos mover novamente, — ele disse em vez de responder, arrastando sua mochila para mais perto e tirando algumas maçãs dela. — Não me sinto confortável aqui.

Delora pegou as maçãs e começou a comer sem discutir, olhando para Magnar quando ele se levantou.

Ela sabia que, de certa forma, eles ficaram mais próximos ao longo da última semana e meia desde que ela soube que estava grávida, mas de outras maneiras eles estavam ainda mais distantes do que antes. Ele a estava evitando, apenas segurando-a ou tocando-a quando precisava carregá-la.

O resto do tempo ele criava espaço entre eles. Ele estava lá, sempre por perto, mas não tão reconfortante quanto antes.

*É por isso que gosto quando ele me carrega?* Foi a única vez que ela pôde ser coberta pelo calor de seu corpo e absorver o delicioso aroma que irradiava dele.

Seu coração constantemente parecia que estava afundando. Enquanto Delora passava os dedos sobre a maçã em sua mão antes de dar uma mordida, ela se perguntou o quanto ela iria afundar antes de se afogar.

*Eu não sei como consertar isso.* Para começar, era difícil consertar algo que nunca havia sido verdadeiramente estável.

Não querendo atrasá-los mais, especialmente porque Magnar parecia inquieto, Delora engoliu o nó na garganta e comeu rapidamente.

Eles partiram momentos depois, quando Delora provou que era capaz de permanecer em sua forma intangível sem esforço. Em pouco tempo, eles entraram nas movimentadas ruas e mercados. Eles vieram aqui por um motivo e ainda precisavam completar sua tarefa, apesar de ser óbvio que ambos queriam ir embora.

Havia insetos luminosos voando em enxames por toda a aldeia, mostrando a ela que a noite ainda estava presente. Felizmente, ele não a levou a nenhum lugar que tivesse algum daqueles fantasmas horríveis. Talvez a Coruja Bruxa tenha recolhido o resto deles.

O resto do tempo na aldeia foi curto e com poucos problemas.

No momento em que eles finalmente estavam andando pelos troncos das árvores em espiral para sair da aldeia, Magnar carregava muitos itens grandes e pesados nas costas.

O sol estava começando a brilhar – sua luz deslizando sobre a floresta do Véu – e provavelmente começaria a irradiar seu calor sobre a clareira quando eles alcançassem a linha das árvores.

*Achei que o sol não tocava o chão em nenhum lugar do Véu.*

- Tem certeza que você vai ficar bem para carregar tudo isso?
- Delora perguntou com seu olhar arrastando sobre Magnar.

Uma haste de metal repousava sobre seus ombros largos, cada ponta segurando dois caldeirões de cozimento pendurados em correntes. De alguma forma, ele conseguiu convencer um lojista a ajudar a prender a *banheira* de madeira em suas costas com outros itens, como ferramentas, corda, painéis de vidro protegidos por tecido e as tintas dela embaladas dentro para que ficassem seguras, e ele pudesse carregar tudo. Ele trocou cristais adicionais pela ajuda, e o lojista concordou apenas para tê-los.

Reia disse a ela para escolher alguns tecidos para ela, para que ela pudesse fazer mais vestidos. Eles também estavam ligados a ele. O último grande item nele eram ripas de madeira – algo que Orpheus lhe disse para obter.

Magnar parecia oprimido e estava inclinado para a frente como se para compensar isso.

– Sim, – ele respondeu com confiança. – Eu sou forte. Serei capaz de carregar tudo isso tão bem quanto você. – Então Magnar fez um som que ela nunca tinha ouvido antes. Ele riu. Ele riu calorosamente quando disse: – Mas talvez segurar você ajude a me equilibrar, já que não estou acostumado a andar com tanto peso nas costas.

Mesmo que ele parecesse mais confiante em suas pernas do que quando ela o conheceu, ela só podia imaginar a tensão que isso colocaria em seu corpo. Ele disse a ela que costumava andar de quatro, assim como a maioria dos Caminhantes do Crepúsculo antes de obterem mais humanidade.

Depois de uma curta distância dentro da floresta, ela se tornou



física para ser recolhida em seus braços. Sua velocidade era rápida, mas pelo menos parecia que embalá-la estava ajudando.

*Mal posso esperar para ir para casa.*

Ela revirou os olhos com um gemido silencioso. Casa era uma caminhada de quatro dias, mesmo com as longas passadas de um Caminhante do Crepúsculo, e ela já sabia como essa viagem seria chata.

*Espero que não tenhamos problemas ao passar pelo anel de fronteira do Véu.*

A engenhosidade com que Magnar marcou o caminho de volta foi inteligente, considerando que ele não poderia ter deixado cair nada no chão, como Hansel e Gretel.

Magnar marcou uma flecha na direção que eles precisavam ir cravando suas garras nas laterais dos troncos das árvores.

Delora havia se transformado em sua forma incorpórea para se certificar de que não poderia ser ferida se eles fossem vistos, embora Magnar estivesse usando seu olfato aguçado para rastrear se havia algum Demônio por perto. Ele também pressionou a ponta de seu focinho contra suas marcas para se certificar de que não foram criadas por um Demônio que pode ter sido inteligente o suficiente para entender as marcas e redirecioná-las para um caminho perigoso.

Nenhum era tão inteligente.

Os passos de Magnar eram mais lentos do que o normal, e ela pensou que poderia ser porque ele estava cansado. Ela sabia quando eles pararam para deixá-la dormir por algumas horas durante a viagem de volta, que ele não descansou. Ele cuidou dela enquanto ela estava enrolada em seu colo e braços.

Seu sono era inquieto, seus pesadelos sempre presentes, e qualquer som da floresta sendo perturbada a fazia ficar alerta.

*Ambos estavam cansados.*

Seu ninho geralmente desconfortável parecia um pedaço do céu, e ela mal podia esperar para cair nele.

Quando o sol começou a se pôr no quarto dia, eles finalmente estavam dentro do anel de fronteira.

O Véu não era tão grosso e as árvores pareciam mais robustas

do que aquelas que ficavam mais no centro. Ela aprendera a não ficar alarmada com os passos surdos ou arrastados que podia ouvir à distância. Ela parou de reagir aos sons de galhos quebrando e folhas triturando, até mesmo os uivos e gargarejos.

Os Demônios sabiam que Magnar estava lá, mas eles estavam com muito medo de se aproximar do grande e assustador Caminhante do Crepúsculo cujo cheiro indicaria que ele estava sozinho.

Isso foi até que ele levantou a mão para bloquear seu caminho. Delora acidentalmente flutuou através do membro em sua forma fantasmagórica.

— Pare, — ele exigiu em um tom baixo. Sua voz era baixa, como se ele se preocupasse em ser ouvido.

Ele abaixou sua postura e virou seu corpo para o lado. Quando ele colocou ambas as mãos no chão e deu um passo para trás como se para protegê-la, Delora sabia que algo estava errado.

*Eu não consigo ouvir nada.*

Eles não estavam sendo atacados, como a maioria dos Demônios menores atacariam. Ela não conseguia ouvir nenhum movimento menor, como alguém pisando em detritos da floresta.

Estava estranhamente quieto.

— Você está nos seguindo há algum tempo, — Magnar disse para a floresta, sua declaração ecoando pela névoa azulada com o tom de um rosnado. — Eu permiti porque você não atacou, mas não pense que não notei você rastejando para mais perto.

Magnar disparou para o lado, usando seus sentidos para seguir alguém se movendo que Delora nem conseguia perceber. Seus olhos se estreitaram enquanto ela tentava ver através da escuridão constantemente fria. Ela não encontrou nada.

— Eu não estou aqui para atacar, — uma voz ecoou.

Magnar disparou para sua posição original, sua postura ficando mais tensa.

Seu corpo estava inchado o suficiente em agressão que ela podia ver, apesar de seu longo manto preto cobrindo-o. Estava reunido na parte de trás de seus pés, e ela sabia que a posição em que ele estava era para atacar ou defender.

— Mas parece que fui pego — disse a voz masculina, antes que ela visse os olhos vermelhos.

O Demônio, preto e vazio completamente na pele, andava de quatro sobre um galho de árvore grosso e robusto que se estendia em sua direção.

*Ah Merda. É um Demônio.* E não do tipo bom, pelo que ela imaginou. Não que ela realmente pensasse que *algum* deles fosse bom.

Ela se empurrou para mais perto de Magnar até que ela estava parcialmente dentro dele.

— Então o que você quer? — Magnar perguntou, entrando na linha de visão do Demônio para impedir que Delora fosse vista.

— Para saber quem você é. — O Demônio, que parecia humano desde o cabelo preto curto na cabeça até os pés, mostrou suas fileiras de presas enquanto torcia a cabeça para elas. Ela odiava que, apesar das sombras, elas parecessem brilhar em branco e destacar sua nitidez. — Eu pensei que você poderia ser o Mavka com chifres de carneiro.

Magnar levantou a mão para acariciar o lado de um de seus chifres, antes de abaixar a mão no chão mais uma vez.

— Não. Esse é outro.

— Então você não importa. — O tom do Demônio morreu com desinteresse. — Mas sua hora chegará em breve. Ele é o primeiro. O Mavka com chifres de carneiro. Essa é a pessoa que fui instruída a encontrar.

— Por que você está procurando por ele?

Ele avançou para o lado quando ficou óbvio que o Demônio estava tentando olhar para ela. Ela saiu de trás de Magnar de seus movimentos agitados.

Delora não se mexeu nem falou, nem tirou os olhos dos naturalmente vermelhos do Demônio quando eles apareceram. Ele estreitou seu olhar nela antes que Magnar o bloqueasse.

— Você fala com esta assombrada, — ele comentou, rastejando para um galho de árvore diferente em suas mãos e pés. — E ela fala de volta. Eles geralmente não podem fazer isso.

— Talvez eles apenas se recusem a falar com Demônios, — Magnar retrucou. — Nós Mavka sempre fomos capazes de vê-los.

Somos parte da morte, assim como eles. Estamos conectados.

*Eu me pergunto se isso é realmente verdade.* Essa era uma pergunta que ela guardaria para mais tarde.

O Demônio cantarolava pensativamente, sua visão voltando-se para cima como se estivesse pensando antes de trazê-los para Magnar com um sorriso. Ele continha uma malícia óbvia.

— Conectado? Então você talvez saiba onde posso encontrar o Mavka com chifres de carneiro?

— Eu não vou ajudá-lo a caçar minha própria espécie! — Magnar gritou, levantando-se ligeiramente. — Deixe-nos em paz.

O Demônio estalou alto para expressar seu aborrecimento, mas recuou. Não para recuar com medo, mas como se pretendesse partir independentemente.

— É melhor você voltar para sua caverna, Mavka. — A risada que ele deu foi ofegante, mas isso tornou tudo ainda mais horrível. — Mas será seu lugar de descanso final.

*Caverna?* Delora pensou com uma carranca. *Mas nos mudamos de lá.*

Então ele se foi, saindo tão silenciosamente quanto havia chegado.

Delora não sabia que estava reprimindo sua respiração para escondê-la até que esvaziou completamente seus pulmões fantasmagóricos com um suspiro.

*Porra. Isso foi tão assustador.*

Magnar se virou para ela e, apesar de não poder tocá-la, colocou a mão em concha ao lado de seu rosto intangível e a segurou ali.

— Você está bem? — Seus orbes vermelhos e ameaçadores ficaram brancos.

— Eu deveria estar te perguntando isso, — ela resmungou. — Estou tão segura quanto qualquer coisa assim, mas ele poderia ter atacado você.

Ele balançou sua cabeça.

— Ele sabe que eu o teria despedaçado em segundos se ele tivesse tentado. Ele não era forte.

— Mas inteligente? — ela perguntou, seus olhos levantando para onde tinha estado. — Ele estava tão quieto. Não pensei que os Demônios pudessem ser tão furtivos.

— Pequeno em tamanho, mas não no número de humanos que comeu.

Sim, bem, se não fosse pelas presas, os olhos vermelhos e a carne vazia, teria parecido completamente humano.

Delora estava tão acostumada com os Demônios sendo monstros irracionais. O fato de alguns viverem em comunidade e poderem ser astutos e inteligentes os tornava ainda mais assustadores do que os impensados que atacavam. A capacidade de pensar, de ser capaz de criar estratégias, era uma ferramenta poderosa para se ter.

*Se ficarem mais espertos, podem destruir a vida como a conhecemos.*

Se os Demônios se unissem para construir um exército, com sua habilidade de criar itens e possivelmente armas também, eles poderiam invadir o mundo humano e dominá-lo.

Reia mencionou que o Rei Demônio trouxe os Demônios de outro mundo para cá através de um portal que ele conjurou. Ele estava construindo um exército para levar de volta ao lugar de onde eles originalmente vieram e destruí-lo. Ele estava tentando incitar uma guerra.

*Mas o que acontece se esse lugar não for suficiente para eles?* Eles então colocariam suas visões gananciosas e famintas na Terra também?

— Venha, — Magnar ordenou enquanto se afastava, afastando-a de seus pensamentos. — Estamos quase em casa.

Delora soltou um suspiro agradecido. *Obrigada porra por isso.*

Sentada na cadeira em sua pequena mesa redonda, os únicos móveis da casa, Delora usou a ponta de uma faca afiada para cavar o buraco da fechadura. Ela mordeu um lado da língua em concentração.

A caixa de madeira que tentava abrir era lisa, mas o metal estava enferrujado pelo tempo e falta de uso. Ele tilintava toda vez que ela o segurava contra o peito enquanto tentava alavancar a ponta da faca dentro do buraco.

Não importa o quanto ela tentasse, ela não conseguia fundo o suficiente para girá-lo. *Vamos! Abra sua coisa estúpida!*

Delora suspirou e colocou-a contra a mesa com uma ruga desapontada em suas sobrancelhas, as dobras de suas pálpebras se curvando.

Quando ela a viu na Vila dos Demônios, ela pediu a Magnar para pegá-la porque pensou que seria capaz de abri-lo.

*É bem antiga.* Ela manuseou o buraco da fechadura enferrujado no momento em que Magnar passou pela nova porta que ele havia anexado à frente da casa.

Enquanto ela estava ocupada com isso na última hora, Magnar estava completando as tarefas agora que tinha os suprimentos necessários para construir itens específicos para a casa.

Uma delas era a nova porta, feita com as ripas de madeira que ele comprara. Sete ripas de largura e dois metros e meio de altura, elas foram encaixadas por ripas cruzadas que ele serrou ao meio e pregou na parte de trás das tábuas para prendê-las juntas.

Ela pegou a caixa e a sacudiu, ouvindo-a fazer um som. Ela *sabia* o que era. *Eu gostaria de poder abri-la.*

— O que é isso? — Magnar perguntou enquanto abria a porta e depois a fechava, certificando-se de que as dobradiças que havia pregado no batente funcionavam tão bem quanto a maçaneta.

*Ele está muito esperto hoje.* Ajudou ele ter um livro que o instrua com fotos sobre o que fazer. Qualquer coisa que ele não conseguisse descobrir, ele perguntou a Delora o que dizia a escrita ao lado das ilustrações do diagrama.

Ela não se importava em ajudá-lo e se certificou de que ele não se incomodasse com isso. Ele não sabia ler bem, talvez algumas palavras fáceis, mas era óbvio que queria aprender.

— É uma caixa de música. — Ela ergueu os olhos para ele. — Se você tem uma chave, ela gira uma manivela lá dentro e começa a tocar música para você. Eu costumava ter uma dessas quando era pequena, mas não consigo abrir esta aqui porque não temos a chave dela.

O Demônio que roubou isso de um humano não sabia que precisava de uma chave para funcionar.

— Eu poderia abri-la, — Magnar ofereceu, aproximando-se com sua enorme mão estendida.

Delora correu para pegá-la e embalá-la em seu peito.

— Não, tudo bem. Vou perguntar a Reia se eles têm uma chave mestra que possa servir. Eles têm buracos de fechadura bastante genéricos.

Ela pensou que provavelmente Magnar iria quebrá-la tentando rasgá-la com sua força. Ela pode arrombar a fechadura com algumas ferramentas de colheita e retrabalhar a caixa para poder acionar a alavanca por dentro.

Ele bufou antes de se virar, mas não parecia incomodado, pois se agachou para abrir alguns embrulhos de pano que estavam perto da porta. Ele levantou cuidadosamente um painel de vidro quadrado perfeitamente cortado para verificá-lo enquanto batia uma de suas garras contra o lado de seu focinho em pensamento.

Havia varetas esculpidas próximas a ela, todas do mesmo diâmetro e perfeitamente cilíndricas. Várias peças longas, enquanto outras eram mais curtas - talvez do mesmo comprimento que os painéis de vidro - e todas tinham uma fenda no meio delas em ambos os lados para o vidro se encaixar.

— Você gostaria de alguma ajuda? — Delora ofereceu enquanto se levantava e se aproximava.

— Você quer ajudar? — Seu tom estava cheio de surpresa, e ele ergueu o focinho para o lado para olhá-la com uma inclinação inquisitiva.

— Claro, — ela murmurou. — Não tenho mais nada que queira

fazer.

Não que ela realmente tivesse muito o que fazer além de regar o jardim. Agora que ela não estava mais gastando seu tempo querendo dormir depressivamente, Delora estava inquieta.

Ela passou os últimos cinco anos cozinhando, limpando e organizando uma casa para um homem egoísta. Ela conseguiu que Magnar lhe comprasse uma vassoura, mas ela não poderia realmente varrer até que ele terminasse todas as suas tarefas hoje.

Justo quando ela pensou que poderia tê-lo ofendido, possivelmente feito ele se sentir incapaz, os orbes de Magnar se transformaram em amarelo brilhante.

Em pouco tempo, Delora estava dentro da casa onde ela sabia que seria a cozinha, segurando uma vidraça contra o canto inferior direito da moldura da janela que ele havia feito. Magnar estava do outro lado, e a altura deles era quase igual, já que ela estava em um nível elevado.

Ele puxou a vidraça que ela estava segurando para poder pressionar a argila molhada na abertura da moldura para prendê-la. Então ele empurrou de volta para dentro.

Enquanto ela o segurava, ele agarrou um pedaço cilíndrico de madeira mais curto e o pregou cuidadosamente com um martelo para garantir que o vidro não caísse quando ela o soltasse.

Eles repetiram o processo para a janela seguinte, e Delora se perguntou se talvez Magnar estivesse olhando para ela tão timidamente quanto ela para ele. Eles estavam cara a cara, separados por apenas alguns centímetros, e ela não pôde deixar de achar aqueles vórtices flutuando na frente de suas órbitas ossudas... hipnotizantes.

Em vez de observar o que ela estava fazendo, seu olhar vagou sobre o longo focinho de raposa, as presas afiadas de seu focinho, o buraco vazio do nariz. Em seguida, eles percorreram as reentrâncias de seu crânio ósseo para examinar seus grandes chifres que pareciam muito pesados, mas ele manteve a cabeça erguida com força.

*Ele é realmente impressionante à sua maneira.* Seus dedos coçavam com a necessidade incômoda de alcançar a janela e acariciar aquele osso frio.



Quando terminaram as quatro vidraças inferiores e começaram na fileira do meio, Magnar inclinou a cabeça ligeiramente para o lado.

Oops, ela foi pega olhando para ele.

As bochechas de Delora esquentaram terrivelmente. Ela empurrou o olhar para os dedos dele trabalhando com argila na fenda do longo pedaço de madeira que atravessava a metade inferior da seção do meio.

Ele estava atento a suas garras que estavam endurecidas em argila, e seu rosto esquentou ainda mais quando ela lembrou que as tinha dentro dela. Eles eram longos... grossos e flexíveis.

Seus olhos dispararam para o rosto dele mais uma vez, perguntando-se quando ela começou a gostar das qualidades ósseas de seu crânio e das partes monstruosas de seu corpo. Nada disso a incomodava, mas era bastante... excitante.

Seu coração parecia estar batendo timidamente em seu peito, substituído por uma borboleta voando.

Especialmente desde que eles estavam tão próximos e a janela que eles estavam construindo juntos ainda não estava terminada, permitindo que ela absorvesse avidamente o aroma inebriante de seu cheiro decadente. Ela quase quis se inclinar e cheirá-lo mais perto, beijá-lo, talvez até *lambê-lo*.

Sua língua formigou antes que ela lambesse a costura de seus lábios. Delora mordeu o de baixo.

Seus olhos dispararam para o que ela deveria estar fazendo, segurando o vidro para ele, enquanto ela limpava a garganta que parecia grossa. Ela apertou as coxas para aliviar o latejar que sentia em seu clitóris, sentindo o calor e o acúmulo de líquido.

*Minhas emoções estão aumentando porque estou grávida?* Isso ainda significava que elas começaram de algum lugar.

Ela não sabia o que era, mas foi o que disse a si mesma quando percebeu que estava ficando excitada só de olhar para ele.

O ar estava mais quente do que o normal, e o sol atrás de suas costas o envolvia com uma luz brilhante em certos lugares, fazendo-o parecer convidativo. Partículas de poeira dançavam ao redor dele, brilhando – ou talvez fosse apenas a percepção dela colocando-o em

uma cena mística.

Independentemente disso, Delora não pôde deixar de se sentir atraída por ele, desejando estar mais perto dele. Tão perto dele, na verdade, que ele estava lá dentro – *Oh, Deus! O que há de errado comigo hoje?!*

— Obrigado por me ajudar com isso. — Sua voz manteve o tom profundo de barítono de sempre, e Delora estremeceu quando aquele baixo ressoou por seu corpo. Sua boceta estremeceu em reação. — Tentei antes sozinho, mas é muito mais fácil com duas pessoas.

Delora apenas assentiu, não confiando em sua voz.

*Espero que ele não sinta o meu cheiro.* Ele não parecia estar reagindo a isso. Talvez a argila que ele acidentalmente passou sobre o buraco do nariz estivesse atrapalhando sua capacidade de cheirá-la. *Por favor, não consiga sentir o cheiro. Ou faça...*

*Porra!*

Um suspiro de alívio flutuou dela quando eles terminaram, a janela concluída uma barreira entre eles e sua capacidade de senti-lo.

Delora empalideceu quando olhou para as outras janelas vazias da casa. Havia mais quatro a fazer.

A única razão pela qual as outras eram suportáveis era porque seus braços estavam começando a se esforçar para segurá-las no ar, e a dor era distração suficiente de seus mamilos em botão raspando contra o interior de seu vestido.

Quando terminaram, o sol já tinha passado do meio-dia, já começando a se espalhar pela floresta sombria.

Agora que ela estava se movendo, ela não sentia vontade de descansar.

Então, quando Magnar começou a trabalhar na realocação do ninho em que ela originalmente dormia, com o rosto coberto de argila desde que ele o escovava com as mãos sujas, Delora pintou a porta da frente.

Ela perguntou se poderia pintá-la de verde-escuro, e ele disse que não se importava com a cor. Ela misturou argila na tinta azul e amarela que tinha em uma grande tigela de madeira para torná-la mais espessa e resistente às intempéries. Então ela começou a trabalhar

revestindo o interior e o exterior dela.

A porta estava entreaberta, permitindo que ela observasse Magnar desmontar o ninho. Puxando a grande quantidade de peles que estavam sobre ele, revelou a bárbara camada de galhos abaixo dele que compunha as paredes.

Orpheus estava construindo o interior da casa com a visão de Magnar em mente enquanto eles estavam fora.

O quarto que pertenceria a Magnar, e ela imaginou que não haveria outro lugar para ela dormir, havia sido feito. Ele ocupava um quarto da casa sozinho, e a parede havia sido erguida com uma porta temporária em estilo de troncos encaixada por dobradiças de corda.

Nenhum deles esperava que Orpheus se movesse tão rapidamente, mas ela estava grata porque Magnar parecia emocionado ao ver que a casa havia mudado tão drasticamente. Era óbvio que ele queria terminar para poder se concentrar em outras coisas – como deixá-la confortável para ela.

Nenhuma das toras tinha casca como o exterior da casa, mas eram perfeitamente esculpidas para ter o mesmo diâmetro, mostrando que Orpheus havia trabalhado com cuidado. Ele também começou a trabalhar nos outros dois cômodos que eram muito menores. Eles deveriam ser seu próprio espaço pessoal e um banheiro, com as portas vazias voltadas uma para a outra.

As toras só chegavam à altura do joelho dela, mas ele mapeou os dois cômodos para saber suas dimensões completas. Depois de terminadas, não haveria muito o que fazer estruturalmente.

O sol estava quase se pondo quando Delora estava fazendo as últimas pinceladas de tinta contra a última moldura da janela em que ela estava trabalhando. Ela havia decidido que também as queria verdes.

A comida era sua próxima prioridade.

Magnar havia recolhido todas as suas aparas de madeira para colocá-las na fogueira do lado de fora, pois ainda não havia feito a área para a lareira. Ele também coletou os galhos que não estava usando, mostrando a ela que no dia em que ela o fez, ele a observou o tempo todo para saber o que fazer.

Ele pescou um peixe para ela quando foi ao riacho encher o balde de água dela, e ela o fritou enquanto fazia uma sopa de legumes e ervas para acompanhar.

Assim que terminou, ela colocou sua tigela quase vazia no degrau da varanda em que estava sentada e olhou para a floresta densa que ainda estava presente dentro da ala de proteção.

A névoa era espessa e azul, como sempre. A área foi iluminada pelo fogo que lavou o calor sobre seu corpo, lançando luz sob as folhas. No fundo da floresta estava escuro e assustador, mas ela não sentia nada além de paz.

Ela colocou a mão na barriga enquanto pensava profundamente.

O estômago de Delora começou a inchar, e rápido. Fazia duas semanas desde que ela concebeu, e sua barriga estava visivelmente mais redonda e muito mais firme ao toque.

Ela notou a diferença hoje, já que se agachar não foi tão fácil quanto antes. Desde que eles voltaram da Vila dos Demônios ontem, e ela não estava bem antes disso, ela não tinha começado a perceber essas mudanças.

Magnar ficava um pouco em pânico toda vez que ela fazia qualquer barulho de desconforto. Era difícil não achá-lo adorável nesses momentos.

O Caminhante do Crepúsculo que crescia dentro dela estava se desenvolvendo. Não era natural, e sempre havia o medo do desconhecido.

Delora estava ciente de que ela seria a primeira humana a conceber um filho com um Caminhante do Crepúsculo, já que a Coruja Bruxa havia acasalado com algo completamente diferente. A verdade era que ninguém sabia realmente o que ela daria à luz, se sobreviveria e quais desafios viriam com isso.

*Contanto que esteja tudo bem, não me importa o que aconteça comigo.*

Ela voltaria para Magnar se morresse de qualquer maneira.

— É sempre tão quieto aqui, — Delora murmurou quando Magnar veio sentar ao lado dela.

— Não há animais no Véu, — ele afirmou, sua cabeça se

movendo pela floresta na frente deles antes de erguê-la para olhar para o céu. — Os Demônios os comem.

— Mas também não ouço muitos insetos.

— Comidos. — Ele deu uma bufada. — Eles comem tudo que se mexe. Não importa quão grande ou quão pequeno. Nada está a salvo deles.

— Eles dizem a mesma coisa sobre Caminhantes do Crepúsculo, — ela disse incisivamente.

Magnar deu um rosnado fraco que foi curto.

— Nós , *Caminhantes do Crepúsculo*, como vocês humanos nos chamam, não comemos insetos. Eles têm um gosto nojento.

Quando ele lambeu o interior de sua boca, os olhos de Delora se curvaram com humor. *Claro que você tentou.*

Sua perspectiva sobre os Demônios mudou desde que foi para a vila. *Eu acho que alguns eram legais.* Alguns até trataram Magnar com respeito.

Era com os estúpidos que ela precisava se preocupar.

Mas Delora sabia muito bem que se os humanos não fossem governados por leis, muitos seriam cruéis uns com os outros. Eles roubariam um do outro, assassinariam, estuprariam, sequestrariam. Os humanos não podiam realmente ficar em um pedestal de moralidade, já que sua boa índole vinha das consequências de serem punidos.

Demônios não eram a única coisa com que se preocupar quando viajava para fora das cidades. Caravanas eram conhecidas por serem atacadas por bandidos que viviam nas encostas das montanhas. Eram pessoas que se sentiam livres mesmo compartilhando suas florestas com monstros, mas estavam dispostas a correr o risco se isso pudesse aumentar sua prosperidade ganhando riquezas.

Muitos deles roubavam até ganhar o suficiente para pagar sua passagem para viver confortavelmente e ricos em uma cidade. Frequentemente, eles cortavam os suprimentos apenas para que pudessem negociar eles mesmos.

Delora havia enfrentado muitas dificuldades antes, quando era muito mais jovem.

— O outono sempre foi minha estação favorita — Magnar disse calmamente, colocando as mãos entre os joelhos para poder entrelaçar os dedos em garra. — Mas eu gosto muito mais agora que estamos aqui.

Delora se virou para ele enquanto colocava alguns fios de cabelo atrás da orelha.

— Por quê?

— As folhas caídas sempre entravam na minha caverna e eu tinha que limpá-la todos os dias. Elas não podem entrar em casa por causa da porta, e eu gosto de ver as folhas espalhadas pelo chão. — Seu focinho seguiu o caminho de uma folha esvoaçante antes de ser arrastada por uma pequena rajada de vento. Outras se juntaram a ela em uma enxurrada antes de se estabelecerem. — A primavera cheira muito melhor, mas o outono tem seu próprio perfume. No entanto, são as cores que eu gosto de ver. Elas são vermelhos, mas não são de raiva ou cheias de fome. É a única estação que impede que o Véu pareça feio.

— E o inverno? — Delora perguntou, surpresa por eles estarem tendo esse tipo de conversa.

Magnar balançou a cabeça. — A neve derrete facilmente dentro do Véu. É mais quente aqui do que na superfície. Também é mais fresco no verão, pois o desfiladeiro e as árvores fornecem sombra contra o calor. O outono é a única estação que faz mudanças.

— Acho que gosto da primavera pelo mesmo motivo — afirmou Delora. — O mundo é jogado em um caos de cores por causa de todas as flores que brotam. Às vezes, o campo em frente à cidade de onde vim estava coberto de flores silvestres e eu conseguia vê-lo do alto da colina. Algumas seriam azuis, outras rosa ou amarelas.

Seus orbes mudaram para amarelo, destacando sua alegria com a ideia.

— Eu gostaria de ver essas flores com você.

A borboleta que substituiu seu coração anteriormente voltou, mas agora havia um caleidoscópio delas girando em seu peito. Trouxe mais de suas irmãs para fazê-la sentir como se quisessem fazê-la se sentir mais leve.

Confiança era a maior coisa que faltava entre eles. Delora precisava aprender a confiar nele, mas não sabia como começar de verdade.

Apesar das palpitações em seu peito, ela torceu as mãos nervosamente no colo. *Eu... eu preciso ser mais aberta.*

— Eu nasci na Cidade de Silvermine, — Delora começou, engolindo em seco para remover o entupimento de emoção que estava tentando subir. — Minha, uh, mãe morreu ao me dar à luz. Tínhamos enfermeiras e médicos, mas nem sempre é possível salvar alguém, pois é difícil conseguir ferramentas e suprimentos médicos.

— Você não terá que se preocupar com isso — disse Magnar, estendendo a mão para que ele pudesse acariciar o topo de seu cabelo como se pensasse que ela precisava de conforto. — Eu vou te curar se algo der errado, e se algo der errado, você vai voltar para mim como faz quando estamos separados por muito tempo.

O calor da palma da mão no topo de sua cabeça era reconfortante, e ela apreciou o toque.

— Silvermine é uma cidade mineira que ficava perto das montanhas de Silverton. Não tenho certeza se você sabe onde fica, mas é bem longe do Véu. Você pensaria que isso nos deixaria mais seguros, mas as cavernas permitem que os Demônios vivam na escuridão e eles fazem ninhos lá. Mas estávamos seguros, pois tínhamos paredes para nos proteger. — Seus ombros caíram enquanto ela olhava para o céu, desejando que a névoa tornasse mais fácil ver as estrelas que ela mal conseguia distinguir. — Meu pai era um homem bom. Ele me amava e nunca me culpou por matar minha mãe. Ele tentou me dar tudo o que podia para que eu pudesse ser feliz.

Delora colocou os braços em volta do tronco para abraçar a si mesma, desejando que pensar em seus pais não fizesse seus olhos arderem instantaneamente. Ela piscou rapidamente para limpá-los do líquido, habilmente escondendo seu fungo.

— Mas ele era mineiro, e isso traz riscos. Para chegar ao poço de carvão, uma grande equipe de trabalhadores saía com soldados para que pudessem se aprofundar nas montanhas. A entrada estava fechada com portas, mas os Demônios conseguiram entrar no poço de

uma maneira diferente. Talvez eles até tenham cavado seu caminho ao longo do tempo, quem sabe? Mas meu pai foi morto.

*Eu nem cheguei a me despedir...*

— Por que seu pessoal faria isso se fosse um risco tão grande?

— Porque o carvão é muito valioso. Era tudo o que minha cidade tinha para comercializar, pois o carvão pode ser usado para cozinhar e aquecer nossas casas. Ferreiros usam para fundir seu minério de metal. Estávamos perto de um dos maiores veios de carvão conhecidos, e o usamos há centenas de anos, trocando suprimentos com ele. — Então Delora bufou uma risada sem humor. — Mas, é claro, só porque os homens morreram, não significa que paramos de minerar. Eles apenas trouxeram soldados para eliminá-los, cobriram o buraco pelo qual os Demônios haviam passado e voltaram ao trabalho. Não foi a primeira vez que as pessoas morreram, e a maioria das cidades mineiras tem algumas das taxas de mortalidade mais altas. Não apenas de Demônios, mas também de respirar o pó de carvão.

Pronto. Delora contou a Magnar onde ela cresceu, de seus pais.

Ela sabia que não era o suficiente.

Seus olhos se desviaram para baixo para que ela pudesse olhar para a fogueira na frente deles, observando como as chamas tremeluziam e ocasionalmente faziam um som crepitante.

Delora esfregou os braços conscientemente. *Por que isso é tão difícil?* Parecia que ela estava se desnudando, apesar do fato de não ter dito nada que realmente importasse ainda.

— Eu... não quis ficar lá depois que ele morreu. Eu não queria me casar com um mineiro porque sabia que eles morreriam antes de mim. Eu teria temido por eles toda vez que partiam. Mas era isso que as pessoas faziam na nossa aldeia. Homens e mulheres mineravam, e todos os outros cuidavam das fazendas ou fabricavam itens essenciais. Nós éramos trabalhadores. Trocávamos pelas coisas que podíamos produzir. Minha mãe era uma das raras artesãs que esculpiam argila ou faziam pinturas, e suas peças valiam muito porque as pessoas gostavam de ter algo bonito para se olhar. Algo para esquecer que o mundo é na verdade um lugar escuro. Muitas pessoas ficaram chateadas com a partida dela, e eu não conseguia lidar com a forma



como as pessoas tinham pena de mim por meus pais terem me deixado sozinha.

Os orbes de Magnar começaram a ficar azuis para refletir as emoções que ela já sentia.

— Esta... é uma história muito triste, Delora.

Delora soltou um suspiro trêmulo. Ela já havia começado a tremer, sabendo o que viria a seguir.

— O chefe da cidade fez um acordo para trocar pessoas com uma vila militar por mais soldados depois que muitos morreram tentando limpar a mina. Eu me ofereci para sair, e foi aí que conheci um homem chamado Hadith.

— Quais eram os nomes dos seus pais?

Delora franziu a testa, não esperando que ele se importasse tanto com seus nomes. — Noah e Ava.

— Noah e Ava Theralia?

As pálpebras de Delora piscaram. *Achei que ele não se lembraria do meu sobrenome.* Suas feições suavizaram.

— Sim. Esses eram seus nomes completos. — O fogo acendeu, acendendo as cinzas para flutuar no ar, e ela soltou outra respiração trêmula. — Hadith me escolheu porque eu era jovem, apenas vinte anos, e acho que porque era bonita. Eu era muito menor na época, mas esse era o meu valor para ele. Ele era um soldado de alto escalão e foi muito legal no começo. Achei que poderia ser feliz, embora mudar de cidade fosse realmente assustador para mim. Era tão difícil ser aceita por todos, e nem todos o faziam. Eu era uma estranha, e muitas mulheres pensavam que eu havia roubado um de seus bons homens. Os dois primeiros anos foram bons, mas as coisas começaram a mudar. Ele começou a voltar para casa mais tarde, quando eu não podia dar a ele o filho que ele queria. Fiquei muito sozinha depois disso.

A cabeça de Magnar se inclinou, inclinando-se.

— Quem era esse humano para você?

— Huh? — O rosto de Delora virou-se para ele com as sobrancelhas franzidas profundamente. — Oh. Acho que deixei de fora que ele era meu marido. — Então suas sobrancelhas se juntaram ainda mais. — Espere. Eu estou supondo que você não sabe o que isso

significa. Quando duas pessoas se casam...

— Eu sei o que é um marido, — Magnar rosnou, suas orbes lentamente desaparecendo em vermelho. — Significa que você se uniu a outro humano. Formou uma *família*.

— Bem, sim. Foi um casamento arranjado entre nossas cidades. É assim que a maioria das cidades comercializa pessoas. Isso ajuda a trazer novas pessoas para que não comecemos a criar famílias endogâmicas, especialmente por acidente, já que muitos humanos podem nascer ao longo de centenas de anos. Pode ser difícil acompanhar.

Delora não parecia entender por que os orbes de Magnar haviam mudado. Ela não estava nem mesmo na parte que achava angustiante e temia contar a ele. Ela não queria dizer a ele que era uma assassina, que tinha feito algo tão insensível e cruel, simplesmente porque estava com ciúmes.

*Tenho que aprender a confiar nele.* Qual era o pior que poderia acontecer? Ele não poderia deixá-la, mesmo que quisesse.

*Ele... talvez... procuraria um novo humano?* Arrepios subiram em sua pele quando um calafrio a percorreu. *É possível trocar minha alma por outra?*

Delora considerou parar sua história. Ela revelou o suficiente por hoje, mas ela também queria tirar isso de seus ombros. Este peso terrível tinha sido um fardo para carregar e... ela queria que Magnar a entendesse melhor.

— E-me desculpe, eu chorei naquela noite — ela murmurou baixinho.

Seus orbes se transformaram em um rosa mais avermelhado instantaneamente. Ele ficou tenso ao lado dela, inquieto quase como se quisesse ir embora.

— Eu não estava chorando porque você me machucou, mas porque outra pessoa o fez, e você me fez perceber o quanto.

Mesmo agora, as lágrimas pontilhavam seus cílios, e ela tentava ao máximo contê-las. Seu pulso acelerou em suas veias, correndo quando a ansiedade começou a arranhar sua garganta - especialmente quando ela notou que as penas saindo de Magnar começaram a inchar

como costumavam fazer com agressividade.

As palavras começaram a sair dela cada vez mais rápido.

— Fiquei chateada porque você estava me tratando do jeito que eu sempre quis que Hadith me tratasse. Ele era meu marido. Ele se casou comigo. Ele deveria cuidar de mim, mas ele foi mau comigo. Eu era a esposa dele...

— Você é *minha*, — Magnar rosnou ao lado dela.

Seus orbes ficaram vermelhos, ainda mais brilhantes do que antes.

— Eu sei, mas antes de te conhecer...

— *Você é minha!* — ele rosnou, sua voz crescendo e distorcida pela raiva. Ele torceu seu corpo, movendo-se tão rapidamente que ela soltou um suspiro quando ele a empurrou contra a varanda e prendeu seus braços contra a madeira acima de sua cabeça. — *Você está ligado a mim. Você me deu sua alma. É minha. Eu possuo-a. Seguro-a. Valorizo-a.*

Sua frequência cardíaca acelerou, seu torso subindo e descendo com respirações aceleradas de surpresa. Ela olhou para Magnar, que a prendeu com as pernas de cada lado dela. Então ele se inclinou sobre o corpo dela com um estrondo vindo de seu peito, como uma vibração de hostilidade.

Os vórtices avermelhados de seus olhos pareciam girar mais rápido, atraindo-a para o fundo do céu noturno e a lua crescente aureolada pela névoa escura. Ela estava atordoada demais para se mover, para se contorcer, embora isso arqueasse suas costas e pressionasse seu estômago inchado.

— Magnar, — ela começou.

*Ele tem a ideia errada.*

Ela não estava tentando dizer isso a ele para machucá-lo, para dizer que ela não era dele.

Ele juntou as mãos dela e segurou ambos os pulsos facilmente em uma de suas mãos grandes para que pudesse trazer a outra para baixo e ao redor de sua garganta. Embalando-a tão completamente que ela podia sentir suas garras na parte de trás de sua cabeça, ele a ergueu com o polegar e o indicador envolvendo sua mandíbula.

Ele não a apertou, não tentou sufocá-la, mas o posicionamento

de sua mão parecia perigoso e possessivo.

— *Você quer voltar para ele?* — Seu tom era como um aviso, como se ela devesse ter cuidado com a resposta. Ele quase parecia ficar maior, e Delora se sentia inegavelmente pequena embaixo dele. — *É por isso que você está triste? Por que você não se entrega a mim?*

— E-eu o encontrei com outra mulher, — ela disse rapidamente. Ela precisava acalmá-lo, aliviá-lo. Delora percebeu que precisava contar sua história agora, e rápido. — Mesmo depois de ter feito tudo por ele. Eu cozinhava e limpava e tentava garantir que ele ficasse satisfeito, mas ele jogava coisas em mim e me chamava de nomes vulgares. Não consigo nem contar quantas vezes cortei meus dedos pegando vidro por causa dele.

— *Então eu não vou deixar você voltar para ele. Você **não tem permissão** para me deixar, **não pode** me deixar. Sua alma pertence a mim.*

— E-ele está morto, Magnar!

— **Bom.** — Abaixando o focinho contra o lado de sua bochecha e roçando-o mais perto de sua orelha, ele, em um tom calmo, mas ameaçador, pronunciou: — *Porque eu o teria caçado até que o rasgasse com minhas garras.*

Ela engasgou com a declaração dele, seus olhos tremulando abertos quando seu hálito quente soprou sobre sua orelha e fez seu couro cabeludo atrás dele ficar em pé.

— *E se você ainda o procurar, pedirei ao espírito do vazio que me permita entrar na vida após a morte para que eu possa **extinguir** sua alma para que ele não possa encontrá-lo. Então vocês não podem ficar juntos. Para que você nem pense em tentar encontrar uma maneira de me deixar. Para que ele não possa voltar e estar vivo no mesmo plano de existência que você.*

Delora sempre pensou que, quando contasse a Magnar sua história, ela se encheria de lágrimas. Que ela estaria sufocando com as palavras, se atrapalhando em como explicar isso a ele.

Mas Delora não sentiu medo.

Seu corpo formigava pela maneira possessiva como ele a segurava, tremendo de prazer com sua agressão. Sua respiração estava quente, e seus mamilos estavam duros como pérolas, raspando contra o tecido de seu vestido sempre que seu peito subia e descia.

Delora estava ficando *excitada* com isso.

Ela queria que ele alongasse ainda mais seu corpo arrastando suas mãos para cima enquanto suas pernas desciam as escadas. Ela queria que ele agarrasse sua garganta com mais força. Ela *precisava* que ele exigisse que ela fosse dele, que ele a possuísse, que ele não a deixaria ir.

Recusando-se a desviar o olhar dele, seu rosto ossudo e com caveira a encantando, ela ofegou.

Seu coração se apertou quando ele tirou a mão de sua garganta. Ela quase se preocupou. Ela queria que ele ficasse ali, para abraçá-la como se ele preferisse matá-la a deixá-la deixá-lo.

– *Você o beijou?* – Ele correu uma garra sobre seu lábio inferior, forçando-os a se separarem.

Delora sabia que a coisa mais inteligente a dizer era não.

Em vez disso, ela declarou: – Sim.

Seu rosnado momentaneamente ficou mais alto, e arrepios tomaram conta dela.

– *Eu não posso te beijar.* – Magnar passou a língua pelos lábios dela para lambê-los, abrindo a parte superior desta vez.

Mas não foi um beijo à sua maneira?

Ela nem percebeu que a mão dele havia descido por seu corpo até que ela sentiu a saia de seu vestido ser levantada. Garras afiadas subiram por sua panturrilha, fazendo cócegas nelas.

– *Você deixou ele segurar você?* – Delora sufocou o gemido que tentou sair estrangulado de sua garganta quando ele serpenteou a mão por baixo do vestido e deslizou aquelas garras sobre a dobra interna de suas coxas. – *Tocar seu corpo?* – Aquela mão exploradora a segurou entre suas coxas, cobrindo sua boceta tão completamente que nenhuma parte dela sentia o ar que ele permitia debaixo de sua saia. – *Para estar aqui dentro?*

Delora mordeu o lábio, pensando em contar-lhe uma mentira apenas para fazê-lo se sentir melhor.

– Claro. Ele era meu marido – ela respondeu corajosamente.

Magnar rosnou imediatamente com a palavra *marido*. O estrondo contínuo que ele estava produzindo tornou-se mais alto

porque ela havia dito que deixou Hadith tocá-la. O estômago de Delora apertou, saboreando isso, e ela sentiu suas entranhas vibrarem até seu núcleo. Contra a palma da mão, ele a teria sentido ficar mais escorregadia em um instante.

Seus orbes brilharam em roxo em reação a ela.

A maneira como ele abriu suas presas e lambeu seu focinho ossudo fez Delora pulsar em todos os lugares delicados de seu corpo. Ele deu a ela a reação que ela desejava, e até esticou seu corpo ligeiramente como ela queria enquanto se inclinava mais sobre ela, aproximando seu rosto.

— *Minha* — afirmou. — *Seu cheiro, sua voz, seu rosto e corpo. Ele não pode tê-los.*

Delora lambeu os lábios, mas soltou um pequeno grito quando ele levantou a mão e seus dedos calejados roçaram seu clitóris dolorido e latejante. Ele fez uma pausa. Ele nunca a havia tocado adequadamente antes, mas percebeu que ela gostou de seu toque desde que ele pressionou contra ele com uma massagem descendente.

As costas de Delora tentaram arquear, mas ela não conseguiu na posição em que estava. Em vez disso, ela resistiu em seus dedos, suas coxas apertando em torno de sua mão para mantê-lo lá.

— Eles-Eles me jogaram no Véu porque eu o matei e a mulher com quem ele me traiu. — Ela não podia acreditar como sua voz estava rouca. — E-eu o odiava no final, odiava como ele me fazia sentir. Não quero voltar para ele, Magnar. *Eu* o matei.

Ela não sabia o que esperava quando ele parou. Ele ficou tenso em cima dela, e sua mão apertou seus pulsos com mais força.

Ele se inclinou ainda mais perto até que seu focinho estava bem contra a orelha dela. Ela estava imersa em seu perfume quando as penas de seu pescoço roçaram seu nariz e fizeram cócegas.

*Por que ele tem que cheirar tão bem?* Suas pálpebras piscaram de contentamento quando ela se aninhou nelas.

— *Boa menina* — ele murmurou, fazendo seus olhos rolarem para trás de sua cabeça. — *Você se trouxe para mim.*

Sua respiração rolou sobre a concha sensível de sua orelha.

— N-Não, não — ela sussurrou.

Ela tentou fugir quando ele passou a língua sobre sua orelha. O som de sua saliva esmagando em seu ouvido soou travesso, e se espalhou, fazendo com que sua respiração parecesse ainda mais poderosa. Ela não conseguia lidar com o quão excitada ela estava ficando.

— *Você tem aquele cheirinho gostoso. Aquele que diz que você está excitada.* — Ele deu a ela um grunhido profundo. — *É por minha causa ou porque estamos falando sobre ele?*

Ela teria pensado que era óbvio, já que ela disse que odiava Hadith, mas ela pensou que ele também poderia apenas querer ouvi-la dizer que era por causa dele.

— Você — ela sussurrou. Sua recompensa foi ele circulando seu clitóris com uma pressão forte, e ela soltou um suspiro. — Me solte, Magnar. Por favor.

Ela queria seus dedos dentro dela. Ela queria que ele a tocasse, para fazê-la gozar. Ele poderia aprender sobre seu clitóris mais tarde, quando sua mente estivesse um pouco mais sã, quando ela não estivesse dolorida e desesperada.

Ela disse a ele por que foi trazida para o Véu. Por que ela era do jeito que era. Ela temia essa conversa, mas agora seu coração parecia tão leve, e ele a estava deixando louca.

*Se eu soubesse que as coisas acabariam assim, eu teria contado a ele antes.* Porque Delora estava desejando isso. Estar perto dele. Ela não sabia o que Magnar tinha, mas se sentia inexplicavelmente atraída por ele.

Quando ele não se moveu para baixo, apenas acariciou seu clitóris como se estivesse fascinado porque isso fez sua respiração engatar, Delora tentou levantar seus quadris para que ela mesma pudesse forçar seus dedos lá.

— *Só eu posso tocar em você.*

Seus orbes desapareceram de seu vermelho raivoso para roxo, a cor erótica e pecaminosa. Seu corpo tremia como se estivesse enrugado quando ele finalmente moveu as pontas dos dedos para baixo. Ela sentiu a bainha de suas garras quando ele pressionou contra a fenda de sua abertura, e Delora tentou abrir as pernas para ele para ajudar sua

entrada e dar-lhe espaço entre suas coxas grossas.

— Você está muito molhada para mim, meu pequeno corvo.

*Molhada?* Delora sabia que estava pingando! Ela podia sentir que a pequena piscina em sua entrada estava transbordando.

Um suspiro foi arrancado dela quando ele deslizou dois de seus dedos, e seus olhos imediatamente ofuscaram enquanto ela estremecia de contentamento. Ela não sabia o que a compelia a erguer a cabeça e beijar seu rosto sem lábios, mas pressionou seus lábios com força contra a ponta de seu focinho e ficou lá.

Ele soltou as mãos dela para segurar a parte de trás da cabeça dela, mantendo-a junto a ele, e ela moveu os lábios desajeitadamente sobre o mesmo ponto. Ele puxou os dedos para trás apenas para batê-los de volta, esfregando diretamente sobre seu ponto mais sensível. Delora soltou um pequeno grito contra suas presas, tentando inclinar a cabeça para trás. Ele se recusou a permitir que ela o fizesse.

Em vez disso, quando seus lábios se separaram, Magnar os lambeu. Cada vez que seus dedos empurravam, ela arqueava e se sentia como nada além de geléia em seu aperto.

Ela não o impediu quando ele começou a lambe o canto de seus lábios, ou sua mandíbula, ou a jugular de seu pescoço. Não quando ela estava muito ocupada tentando encontrar algo para se agarrar até que seus braços se enredassem em seus chifres. Ela os agarrou, precisando enquanto o esmagamento úmido de seus dedos crescia mais rápido em sua boceta encharcada.

— Sim, — ela gemeu, sentindo seu corpo balançar por conta própria, tentando igualar seu ritmo para que ela pudesse sentir seus dedos entrarem com mais força, mais rápido, mais fundo. — *Ah*, porra. Sim.

Ela estava tão perto, prestes a cair em êxtase, contorcendo-se em sua mão. Seus dedos pareciam que ela estava sendo cutucada por algo celestial, tocada de uma forma que a fez arder mais e mais e mais até que ela foi irreparavelmente escaldada nas chamas apaixonadas disso.

No momento em que os dedos dos pés estavam se curvando, a espiral sinuosa de seu orgasmo atingindo seu ponto mais apertado



antes de se soltar, Magnar arrancou os dedos dela. Deixando-a insuportavelmente vazia, oca, ela se agarrava ao nada.

Delora soltou um grito de angústia.

— Espere. Não — implorou ela. — Não pare.

Ela estava bem ali, prestes a gozar em torno de seus dedos, e agora suas paredes internas estavam latejando e batendo com desespero. Seus mamilos coçavam por atenção, e a dor deles ficou mais perceptível agora que ela não o tinha levando-a de cabeça para baixo.

— Dói, — Magnar gemeu. As garras da mão com que ele a tocava bateram na madeira da varanda ao redor dela antes de arrancá-la. — Dentro. — As garras de sua outra mão apertaram em torno de sua cabeça, raspando em seu couro cabeludo bem perto da linha do cabelo de seu rosto. — Eu preciso de dentro de você.

Ele deitou a cabeça dela para baixo para que ele pudesse se inclinar para trás e rasgar a frente de suas calças. Seu pênis disparou para frente para mostrar uma haste dura e saliente entre seus ossos do quadril salientes, enquanto aqueles tentáculos se contorciam como se estivessem em agonia.

Seus olhos se arregalaram enquanto ela ofegava, as paredes internas de sua boceta apertando. Ela sabia que *isso* seria muito melhor, alcançaria lugares que ela não poderia imaginar, a encheria com sua espessura insana tão completamente que ela sentiria que seria dividida em duas da melhor maneira possível.

As mãos dele bateram em torno dela, batendo alto em seus ouvidos, e o estrondo delas enviou uma sacudida através dela – ambos em emoção deliciosa, mas também em preocupação.

Suas mãos voaram para o estômago de forma protetora, e ela tentou escapar debaixo dele.

Magnar rosnou e agarrou sua coxa. Suas garras cravaram em sua pele quando ele a arrastou de volta para ele com um grunhido. Ela sentiu seu cabelo roçar na varanda antes que os lábios de suas dobras batessem contra o fundo de seu pênis. Deslizou contra o sulco profundo debaixo dele, espalhando seu lubrificante por toda ela, e esfregou seu clitóris da maneira mais entorpecente.

Ela quase levantou para que a pressão pudesse ser mais forte -

quase.

Delora empurrou seu peito. — Espere.

— Fique, — ele exigiu, arrastando-a de volta para ele quando ela tentou fugir mais uma vez.

— Magnar, por favor.

E o medo que sentiu de repente a invadiu como um terrível banho de gelo sendo derramado sobre seu corpo aquecido.

— *Por que ele consegue tocar em você e eu não?*

Seus orbes brilharam em uma cor vermelha cruel antes de mudarem para um verde tão escuro que pareciam ameaçadores. Eles eram geralmente de uma cor calma e convidativa de verde, e tudo o que ela conseguia pensar era que eles pareciam com *ciúmes*.

Magnar empurrou contra ela, deslizando aquele pau viscoso sobre suas dobras novamente. Conseguiu roçar sua entrada e fazer aquela poça ali crescer com seus fluidos misturados.

Ele estava com raiva, ele estava confuso. Ela podia dizer que ele precisava desesperadamente estar dentro dela, enchê-la, abrigar seu pênis dentro de seu canal aquecido.

As pálpebras de Delora se curvaram em tristeza. *Porque eu não confio em você.*

— E-eu não quero que você machuque o bebê. — Ela colocou as mãos no estômago antes de cruzar os braços sobre ele protetoramente. — Se você arranhar meu estômago, pode matá-lo.

Se ele entregasse sua carne novamente, ela poderia sangrar o suficiente para perdê-la. Se ele machucasse seu estômago, poderia danificar seu útero. Se ele a pegasse com muita força, perdido em seu prazer inexperiente, poderia danificá-la por dentro. Ele era maior que ela, mais forte que ela, e muitas facetas dele eram perigosas.

Delora desejava fazer isso com ele, mas não podia.

Seus orbes brilharam em branco, mostrando a ela que ele entendia.

— Vá para dentro, — ele disse baixinho, soltando sua coxa e colocando as mãos ao lado dela gentilmente.

— Magnar, eu...

— *Vá para dentro!* — ele rugiu, seus olhos se transformando em

roxo antes de estremecer descontroladamente sobre ela. — Vá embora antes que eu enfie meu pau dentro de você. — Tremendo, ele se abaixou enquanto espalhava suas presas ao lado de seu rosto como se estivesse tentando inalá-la e acariciá-la ao mesmo tempo. — Preciso. Preciso sentir sua boceta ao meu redor, me molhar, me abraçar. Preciso sentir seu corpo apertar o meu. — Ele soltou um gemido, e o próprio som fez seu coração apertar. — Você cheira *tão bem*, Delora.

Sua língua saiu para mergulhar timidamente em sua bochecha, e cada segundo que ela permanecia debaixo dele, ele se aproximava.

No momento em que sua palma grande e quente envolveu sua coxa novamente, Delora se arrastou debaixo dele antes que ele perdesse qualquer aparência de controle que ele estava segurando e quebrasse.

Ele ofegou no chão antes de levantar o rosto para segui-la com o olhar. Era tão roxo e cheio de luxúria, mas ele não se moveu de sua posição como se ela ainda estivesse debaixo dele.

Congelado, ele parecia prestes a atacá-la.

— Você vai sair? — ela perguntou quando sua bunda escorregou pelo chão.

*Não quero que ele saia de novo.*

— *Não.*

Seu coração se acalmou e Delora se levantou para ir até a porta da frente, sem se importar se estragava a pintura. Ela não queria bater a porta, mas ela fechou com um estrondo antes que ela empurrasse as costas contra a parede ao lado dela.

*Oh, Deuses*, Delora pensou, suas pernas saindo debaixo dela. Ela deslizou pela parede. *Estou com tanto tesão agora.*

Sua mão deslizou por baixo do vestido e ela tocou os lábios de sua boceta. Estava tão molhado de ambos, e saber que o lubrificante dele estava sobre ela fez sua pele corar ainda mais com o calor. Cobrindo a boca para que ele não fosse forçado a ouvi-la, Delora enfiou dois dedos dentro de si antes de perceber imediatamente que precisava de um terceiro e também do mindinho.

Seu corpo estava mudado, diferente, e seus dois dedos eram grossos e longos. Suas pequenas mãos humanas não eram nada em

comparação, mas ela tentou com todas as suas forças enquanto desesperadamente, desesperadamente, com urgência, começou a empurrá-las.

Delora cavou as pontas dos dedos contra o rosto enquanto tentava abafar o gemido. Não era o suficiente, ela precisava de mais, ela precisava de mais profundidade.

Ela precisava da ajuda de Magnar, mas se oprimia.

*Eu quero que ele me foda tanto.* Sua cabeça caiu para frente e seus olhos se curvaram quando ela percebeu o que estava fazendo, se masturbando sobre um Caminhante do Crepúsculo e tendo que usar toda a sua mão como uma porra de remo. Ela não parou.

*Eu preciso de seu pau grande dentro de mim.* Seu corpo se arrepiou enquanto ela lentamente se aproximava da borda. *Empurrando dentro de mim. Arrebatando minha buceta.*

Os saltos de seus pés chutaram contra o chão quando suas pernas se contorceram. Ela imaginou seu pênis roxo com uma ponta enegrecida empurrando dentro dela enquanto seu pelo roçava contra suas coxas sensíveis.

*Eu quero que ele goze dentro de mim.* Todo aquele líquido quente e transbordante parecia fenomenal. Ela nunca se esqueceu de como era quando a preencheu tão completamente que saiu dela, não uma, mas duas vezes.

*Seus tentáculos me apertando com tanta força que parecia que estava machucando minha pele.* Agarrando-a mais perto e entrelaçando seus quadris, parecia que ele estava tentando chegar ainda mais fundo do que era possível.

*Porra. Eu preciso muito disso tudo.*

*Eu... por favor...* Seus dedos se curvaram até que seus pés doeram, uma câibra aterrorizando os músculos de sua panturrilha direita. *Oh Deuses. OhdeusesOhdeusesOhh!*

A mão que cobria sua boca pressionou ainda mais, apertando seus lábios contra os dentes quando ela começou a gritar. Delora veio em torno de seus próprios dedos. Apertando, tendo espasmos, tremendo, enquanto ela derramava seus próprios sucos direto na palma da mão em uma bagunça molhada.

Ela continuou empurrando, puxando-o para fora.

Pontos brancos esvoaçavam em sua visão enquanto faíscas de escuridão a atravessavam. Ela não sabia se era por causa do lançamento, ou porque ela estava muito ocupada soltando um choro patético e carente para respirar.

Ela finalmente desacelerou. Sua respiração era tão ofegante que se esvaía dela, mas seu coração estava agitado e rápido.

Tudo ficou relaxado quando ela terminou. Ela caiu lânguida contra a parede com as pernas abertas, os joelhos dobrados, mal conseguindo ver além do estômago com o jeito que ela estava caída.

*Eu não me importo com o que ele é. Estou com tesão pra caralho por aquele cara grande.*

Magnar colocou uma grande pedra no chão para substituir o toco de árvore que havia arrancado do chão. Em algum momento, ele trabalharia para trazer mais sujeira para a área ao redor de sua casa para poder preenchê-la adequadamente.

Agora que o buraco estava suficientemente cheio, ele pegou seu machado do chão e começou a cortar a lateral de uma árvore. Ele estava limpando mais o quintal para poder continuar construindo os quartos.

Ele não precisava fazer uma pausa, mas simplesmente olhar na direção da casa.

Amarelo desapareceu em sua visão enquanto ele observava o telhado da varanda acabado.

Orpheus tinha se juntado a ele cedo naquele dia, e juntos eles trabalharam com uma serra de dois homens para cortar as toras ao meio pelo seu comprimento. Considerando que sua força era superior à de um humano e eles começaram esta tarefa no dia anterior, eles conseguiram terminar a construção ao meio-dia.

Orpheus estava atualmente fazendo o corrimão.

Magnar havia pensado em cortar a grande árvore que ficava ao lado da varanda, pois suas folhas arranhavam o telhado, mas decidiu que queria mantê-la ali. Estava se tornando estéril devido ao outono, e ele gostou da maneira como salpicava folhas coloridas sobre o telhado e a grama abaixo dele.

Como o chão da floresta do Véu era frequentemente sombreado, a grama era irregular, mas quanto mais árvores ele removia, mais grama brotava. Orpheus disse a ele que eventualmente precisaria de uma foice para mantê-lo, pois às vezes ficava tão alto que poderia esconder seus humanos em seus caules.

*A ideia de tentar de correr para encontrá-la parecia agradável, no entanto.*

Seu olhar desviou para o lado da casa, sabendo que Reia e Delora estavam atrás dela no jardim fazendo algo... estranho.

Elas pediram a Orpheus e Magnar para remover a curva das

toras ontem, para que ficasse mais plano, e elas próprias adicionaram argila entre os sulcos onde as toras se pressionavam. Não era perfeito, ainda com uma textura irregular, mas elas pareciam satisfeitas.

A argila havia secado durante a noite e elas ficaram lá a maior parte da manhã.

*Elas se gostam.* Reia e Delora estavam formando um vínculo.

Magnar ficou aliviado porque pensou que traria conforto a ambas, mas também o irritou porque significava que a atenção de Delora não estava nele.

O verde mais escuro do ciúme cresceu em seus orbes.

*Ela costumava me observar trabalhar nas escadas.*

Ele gostava de mostrar sua força e habilidades enquanto trabalhava. Especialmente quando ele levantava uma árvore longa e pesada inteira sozinho depois de remover seus galhos para colocá-la com as outras ordenadamente.

Magnar retomou sua tarefa e Orpheus finalmente apareceu enquanto ele estava removendo os galhos da árvore cortada. Ele terminou a grade da varanda e Magnar ficou satisfeito ao ver que o exterior da casa estava completo.

— O que você acha que vai fazer primeiro? — Orpheus perguntou, acenando com a ponta do focinho na direção dos tocos de árvore que ele tinha em uma pilha.

Magnar ergueu a mão para bater com uma de suas garras no focinho.

— Talvez os balcões da cozinha? — ele respondeu, tentando imaginar tudo o que poderia fazer com eles. — Isso seria o melhor?

A maioria deles era bastante larga, e ele seria capaz de serrar seções planas e depois esculpi-las em quadrados ou até mesmo em círculos – dependendo de como ele queria que fossem suas formas.

— É um bom começo. — Orpheus, quase hesitante, colocou a palma da mão no ombro de Magnar. — Você está indo muito melhor do que eu pensei que iria, e sua fêmea parece gostar daqui.

Magnar virou a cabeça para Orpheus.

— Você nunca me elogiou antes.

Todos os tipos de cores piscaram nos orbes de Orpheus. Rosa-

avermelhado de vergonha. Um azul mais profundo de tristeza. Verde de inveja. Eles finalmente voltaram ao azul normal quando ele retirou a mão.

— Gostaria de ter alguém para me orientar. Cometi muitos erros quando estava em seu estágio de desenvolvimento, mas você aprende rápido.

*Cometi muitos erros, pensou Magnar.*

Ele e Delora não falaram sobre o que aconteceu na outra noite, mas ambos ficaram um pouco estranhos um com o outro desde então. Ele mais do que ela.

— Delora também é diferente de Katerina, assim como você é de mim. Eu sou... grato por poder estar aqui para você. — Orpheus então virou a cabeça para o lado enquanto esfregava o pescoço. — Apesar de agradecer há muito tempo que as coisas tenham acontecido do jeito que aconteceram porque agora tenho Reia, isso também faz tudo o que passei valer a pena, pois posso ajudá-lo. Não desejo que nenhum Mavka passe pelo que eu passei.

Magnar não sabia o que dizer. Ele nunca esperava tais palavras de Orpheus, que muitas vezes era frio com ele. Mas um estranho calor irradiava de seu peito.

*Ele se importa comigo muito mais do que demonstra?*

Também revelou que sua dor ainda era aparente.

A cabeça de Orpheus virou na direção em que ele podia ouvir Reia rindo ruidosamente.

— Estamos saindo agora — Orpheus murmurou rapidamente.

Magnar pensou que poderia ser porque ele havia revelado mais do que originalmente pretendia e queria fugir.

Eles também não costumavam ficar muito tempo, mesmo que ainda houvesse muito o que fazer. Era óbvio que Orpheus preferia ficar sozinho com Reia, enquanto Magnar gostava da companhia de mais.

*Eu me pergunto se eu seria o mesmo se Delora e eu fôssemos como eles.* Eles não eram tão próximos, não eram tão íntimos um do outro, e com a forma como as coisas pareciam estar indo, parecia que *nunca* iriam ser.



Magnar não podia tocá-la e sabia que era sua própria culpa. Ele era perigoso para sua humana muito delicada. Ele não podia controlar seu corpo como queria, não podia manter suas garras embainhadas quando seu pênis se mexia atrás de sua costura.

Em resposta, Magnar grunhiu com um aceno de cabeça.

— Não voltaremos por alguns dias. Temos compartilhado nossa carne porque você não pode sair para caçar sem arriscar sua fêmea, então devemos pegar mais.

— Obrigado — ele resmungou em resposta.

Orpheus deu um passo para trás e então se virou, indo direto para os fundos da casa. Ele desapareceu.

— Olhe! É você! — Reia gritou alto. Magnar não ouviu a resposta de Orpheus. — É sim!

Reia gritou. Momentos depois, eles emergiram com Orpheus carregando a loira se debatendo por cima do ombro enquanto ela ria. Assim que eles foram para a linha das árvores, ele observou Reia se transformar em sua forma de Espírito.

Magnar fez uma pausa para olhar para o último galho que restava para remover, seus orbes mudando para um azul profundo.

*Eu quero ser assim com Delora.*

Ele queria ser capaz de lambar livremente seu pescoço sem que nenhum deles se preocupasse por suas próprias razões. Ele queria ser capaz de fazê-la rir ou apenas sorrir pelo menos *uma vez*. Ele queria ser capaz de segurá-la de uma forma que não fosse ele embalando-a em seus braços só porque eles estavam viajando.

Ele queria... ser brincalhão com ela.

*Eu desejo estar perto dela.*

Magnar cortou o último galho e foi até os fundos da casa, jogando o machado descuidadamente perto dos degraus onde facilmente o encontraria mais tarde.

As coisas estavam tensas entre eles desde a última vez que ele a tocou, mas Magnar se recusou a permitir-se distanciar dela.

Ele precisava dela perto. Ele ansiava por tê-la à sua frente, para ser capaz de cheirá-la e ouvir sua adorável voz. Para dissipar o pior da solidão que sentia – parte dela ainda presente apesar de ter a alma

dela.

Virando a esquina, ele encontrou Delora passando um pincel grosso coberto de tinta verde contra a parede. Ela estava estendendo a mão para o alto enquanto se esforçava nas pontas dos pés. Ele arqueou suas costas, revelando o quão arredondada e grande sua barriga tinha ficado nos últimos dias devido a sua posição esticada.

Isso o preocupava constantemente. Delora parecia mais frágil para ele assim, e muitas vezes ela reclamava de dores. Ele se recusava a permitir que ela fizesse qualquer coisa sozinha.

Ele até deu a ela um toco para colocar as tigelas de tinta. Observá-la colocar a mão ao lado do corpo para apoiar as costas enquanto tinha que se inclinar para o lado para poder estender a mão ao redor de seu estômago excessivamente arredondado, foi engraçado e perturbador. Ela parecia lutar para fazer a menor tarefa agora.

No entanto, ele achou seu estranho gingado fofo. Era um conceito estranho, mas parte dele gostava que Delora estivesse preenchida com parte de sua essência por enquanto.

Embora grande parte do verde que ela estava pintando fosse de uma cor, parecia que tinha algum tipo de padrão de bolhas. No entanto, havia uma imagem clara, como se ela a tivesse começado primeiro e desejasse completá-la.

À primeira vista, ele pensou que era um cavalo branco. Mas, após uma inspeção mais detalhada, ele percebeu que não poderia ser, pois tinha um chifre em espiral na cabeça e asas emplumadas arqueadas no alto das costas. Estava de pé no chão, e ele podia ver que Delora já havia acrescentado um tom diferente de verde ao redor, como grama.

— Eu nunca vi esse tipo de animal antes, — Magnar afirmou enquanto se aproximava, vindo entre a abertura da cerca do jardim. — Cavalos não têm chifre nem asas.

Delora baixou o pincel e virou-se para ele com uma carranca, antes de desviar o olhar para o estranho cavalo.

— É porque não existe — ela admitiu. — É um unicórnio.

Magnar inclinou a cabeça, notando que Delora estava coberta de listras brancas, verdes, azuis e marrons.

— Então, como você sabe como é pintá-lo?

— Humanos gostam de inventar criaturas. — Ela colocou seu pincel largo em uma tigela de seu verde correspondente e, em seguida, pegou um pincel mais fino com tinta azul pálida. Ela tocou uma linha sob seus olhos castanhos, parecendo ver algum tipo de imperfeição. — Gostamos de contar histórias divertidas um para o outro.

— Não vejo sentido em histórias falsas. Há muito a descobrir no mundo que é real.

Delora perguntou.

— Talvez para um Caminhante do Crepúsculo, mas estamos presos atrás de muros há quase trezentos e cinquenta anos. Precisamos fazer algo para nos manter entretidos.

Magnar bufou, imaginando que era um argumento justo. Ele caminhou até outra figura que era muito diferente do que ela estava criando.

Feita de linhas pretas e confusas, tinha um torso longo com um V de cabeça para baixo que lembrava uma tentativa de pernas. Havia também um longo golpe curvo que criava uma forma de ferradura perto do topo, como braços. Acima desses galhos havia uma forma de cone pontiagudo que tinha linhas irregulares ao longo da borda inferior e duas espirais giratórias acima dela.

O último detalhe, que era a única cor nele, eram duas bolhas salpicadas de azul.

— O que é isso? — Magnar apontou para este estranho boneco de palitos. — Não é como tudo o que você pintou aqui.

Em seu periférico, ele notou que Delora trouxe seus lábios em sua boca para mordê-los. Então, parecendo recuperar algum tipo de compostura, ela disse: — Reia pintou isso. É, uh, Orpheus.

Magnar inclinou a cabeça enquanto a examinava.

Talvez as linhas irregulares fossem dentes e as bolhas azuis fossem olhos, mas era uma imagem muito bárbara.

— Mas não se parece nada com ele.

Delora soltou um suspiro pesado enquanto balançava a cabeça.

— Eu tentei dizer isso a ela, mas ela estava *convencida* de que era perfeito e que ela havia capturado a semelhança dele.

Trocando os pincéis, Delora começou a pintar pinceladas de marrom para baixo por cima de algumas das verdes. Ele pensou que ela poderia estar tentando criar árvores à sua imagem, com um campo separando-as do *unicórnio*.

— Você sabe... — ela começou, seus olhos focados no que ela estava fazendo. — Hadith odiava quando eu pintava.

O rosnado que imediatamente saiu do fundo de seu peito foi involuntário, uma reação instantânea ao ouvir *aquele* nome. Um calor abrasador aqueceu seu peito com raiva, desprezando que Delora tivesse se unido a outro antes. Com um *humano*.

Ele não precisava saber como era esse *Hadith* para saber que ele tinha pele em vez de pelos e penas. Que ele tinha olhos adequados para ela olhar.

Ele nunca percebeu que poderia odiar tanto um nome.

Ciúmes e inveja desenfreados o percorriam. Ele sabia que eles nunca teriam enfrentado os problemas que ele e Delora enfrentaram. Eles eram os mesmos. Ele era uma pessoa que não tinha garras ou presas para feri-la. Quem poderia retribuir seus beijos com os próprios lábios.

E ainda, Hadith tinha sido inegavelmente fraco.

Magnar poderia tê-lo rasgado membro por membro e não queria nada mais do que fazê-lo depois de saber como ele tratou Delora.

Ele queria arrancar as pernas dele para que ele não pudesse chegar perto dela com malícia. Ele queria arrancar os braços para não machucá-la com as mãos. Ele queria arrancar os olhos para não poder olhar para ela, arrancar as orelhas da cabeça para não ouvir a voz dela e cortar a língua para não falar cruelmente com ela.

E, por último, Magnar queria arrancar seu minúsculo pênis humano por *muitos* outros motivos.

Ele não queria ouvir falar desse homem *insignificante* que não existia mais no mesmo plano que ela.

Se ela ouviu seu rosnado de advertência e o ignorou ou não entendeu o que era, ela continuou a falar.

— Não pinto direito desde que deixei minha cidade para me

casar com ele. Ele disse que pintar qualquer coisa como um unicórnio ou uma fada era para crianças, e que eu deveria ter vergonha de mim mesma por ser tão imatura. Que havia coisas mais importantes a fazer do que pintar pequenos quadros.

O vermelho carmesim mudou a cor de sua visão, e o rosnado de Magnar ficou mais distinto e hostil. Ele se aproximou.

*Por que ela continua falando dele?*

— Mas eu queria pintá-los porque o mundo fora das paredes era tão escuro e assustador e tão cheio de miséria. — Ela abaixou o pincel com uma expressão pensativa franzindo as sobrancelhas. — Eu queria trazer cor para o mundo desesperador em que vivíamos, assim como minha mãe. Acho que... ao longo do caminho, com tudo que passei e por causa do Hadith, minha criança interior morreu. É bom finalmente cumprimentá-la novamente.

— Delora, — ele advertiu, suas garras pesadas e formigando nas pontas dos dedos, a coceira para mutilar crescendo dentro dele. Mas não ela, Hadith. Ela era *dele*, e ele não queria que ela se lembrasse desse macho, não queria que ela falasse dele. Se pudesse, apagaria sua memória dele com sua magia. — Você...

— Magnar, pare! — Delora gritou, estendendo as mãos em sua direção com os olhos voltados para o chão.

Era tarde demais. Seu grito assustador o assustou, e ele pisou com o casco em uma tigela de tinta, fazendo com que seu pé saísse debaixo dele.

Ele não sabia que havia mais no chão, cores que ela não usava com tanta frequência e não cabiam no pequeno toco que ele havia fornecido.

Os longos braços de Magnar espiralaram no ar antes de ele cair de bunda com *força*. A tigela de tinta amarela voou pelo ar, deixando cair a tinta em seu rosto, antes que a tigela de madeira batesse no topo de sua cabeça com um *baque*.

Felizmente, ele caiu no corredor de terra do jardim, caso contrário, provavelmente teria quebrado muitos de seus vegetais e frutas.

Branco entrou em sua visão enquanto olhava para a tigela

agora vazia.

*Eu derramei a tinta dela.* Ela ficaria chateada com ele por causa disso? Ele sabia o quanto isso significava para ela, considerando sua reação ao encontrá-las na Vila dos Demônios.

O som agudo que veio a seguir era estranho. Ele nunca tinha ouvido isso dela antes, mas sabia *exatamente* o que era antes mesmo de erguer os olhos para ela.

— Pffff! — Delora bufou, logo antes de começar a rir, com as mãos nas coxas como se precisasse se firmar ou desmaiaria.

Seus lábios estavam curvados para cima e entreabertos, mostrando até ele, dentes brancos, enquanto suas bochechas arredondadas curvavam suas pálpebras.

*Delora*, ele pensou calorosamente, sentindo algo tenro girando dentro de seu peito.

Tentando abafar o riso, ela estendeu a mão como se fosse ajudá-lo a se levantar. No momento em que ele levantou a mão para pegá-la, não que ele pensasse que ela faria muito para puxá-lo de pé, ela retraiu a mão e começou a rir novamente. Ela abraçou sua barriga como se estivesse tendo uma câibra.

— Oh meus Deuses! Sinto muito, mas juro que foi a coisa mais engraçada que já vi. — Ela soltou um braço e apontou para ele enquanto se virava para lhe dar o lado dela. — Você literalmente caiu como eles fazem nos shows de comédia que eles fazem na praça da cidade. Como se você tivesse escorregado em uma casca de banana! E então a tigela atingiu você na porra da cabeça. Não posso. Me desculpe, mas isso é muito engraçado.

Depois de alguns momentos, ela se acomodou e se aproximou para ficar entre os pés dele enquanto oferecia a mão. Seu rosto estava brilhante com um sorriso cheio de humor, e ele poderia dizer que ela estava tentando ao máximo não rir.

Em vez de pedir ajuda, Magnar ergueu a palma da mão e segurou todo o lado direito da cabeça dela.

— É assim que o seu sorriso se parece? — Ele gentilmente acariciou sua garra do polegar da dobra de seu nariz até sua bochecha arredondada, inchada pelo humor. — É tão adorável.

Ele tinha visto Reia sorrir muitas vezes, às vezes dirigido a ele, mas nunca havia roubado seu fôlego como o de Delora. Não parecia que ele esperou eras para vê-lo, não fez seu coração bater mais rápido.

Nunca acendeu sua visão para se transformar em rosa flamingo brilhante, e o calor que ele sentia por dentro era mais poderoso do que qualquer chama que ele esteve perto.

Sua visão se iluminou quando o sorriso dela se suavizou em algo terno com os lábios fechados. Seus lindos olhos castanhos estavam fixos nele quando ela se inclinou em sua palma em boas-vindas, agarrando seu pulso para segurá-lo lá.

Delora se abaixou para poder se ajoelhar no chão entre suas coxas, enquanto segurava seu pulso, antes de soltá-lo. O sorriso dela não diminuiu, mas se transformou em outra coisa, talvez com um toque de melancolia.

— Sinto muito por ter agido do jeito que sou. — Seus olhos percorreram as características de seu crânio, sem se incomodar com nada disso enquanto ela o examinava. — Eu estava... eu estava muito magoada e não sabia o que fazer com meus sentimentos. Eu não sabia como me sentir melhor, e temia que você viesse a me odiar. Eu matei duas pessoas que não mereciam morrer só porque eu estava com raiva.

— Por que eu iria te odiar por algo assim? Eu comi sua espécie. Já matei muito mais humanos do que você.

Ela baixou o olhar e brincou com os dedos em cima do colo.

— Porque eu vejo de forma diferente. Você matou pessoas porque precisava, porque é isso que... as criaturas fazem. Elas caçam e não se importam com o que acontece no final do dia, desde que sejam alimentadas. Você não foi movido por emoções ou qualquer coisa imoral. Você não sabia que era errado. Mas eu sabia, e ainda sei. Eu me odiei por fazer isso.

Magnar cuidadosamente escovou uma de suas garras sob a linha de sua mandíbula até alcançar seu queixo. Ele levantou o rosto dela por nada além de sua nitidez.

— Mas ao fazer isso, você se trouxe para mim.

Seu sorriso, que havia começado a cair, voltou.

— Você é muito charmoso à sua maneira, Magnar.

O pelo e as penas de seu corpo se arrepiaram com o elogio, nunca tendo recebido um tão carinhoso antes.

Eles não costumavam ter momentos como este, mas quando o faziam, isso o lembrava porque ele gostava tanto de Delora.

Por mais que ele pensasse que ela era a criatura mais bonita que ele já tinha visto em toda a sua longa vida, a bondade que ela irradiava era nada que ele já tivesse experimentado antes. Delora era indulgente. Ele era um Mavka, que ainda tinha muito a aprender e carecia de humanidade, mas ela nunca o fez se sentir... menos por causa disso.

Não porque ela nunca o insultou, o que ela não tinha, mas porque ela tentava se certificar de que ele estava confortável em fazer suas perguntas a ela. Delora permitiu que Magnar fosse ele mesmo, e ele sabia que era muito falho.

Muitas vezes ele tentou esconder isso.

Ele não se importava que ela estivesse triste, que ela estivesse tentando se curar através de sua dor. Ela deu a ele um propósito ao fazer isso.

Agora ele estava apenas tentando se tornar seu propósito. Ele não sabia como fazer isso.

*Ela me deseja.* Isso era pelo menos alguma coisa, especialmente agora que ele entendia o que significava. *Significa que ela gosta muito de mim... certo?* Significava que ela gostava de seu toque e presença?

— Ooo! — Delora gritou baixinho antes de olhar para o estômago. — Acho que porque eu estava rindo, mexeu! Você quer sentir?

Antes mesmo que ele tivesse a chance de rejeitar sua oferta, apreensivo com a coisa toda, Delora agarrou sua mão e colocou a palma contra sua barriga arredondada. Toda a sua mão escura a mediu.

Quando ele estava prestes a sair de um lugar tão delicado e precioso, algo bateu em seu dedo mindinho.

Ele fez uma pausa e, em seguida, moveu a palma da mão dessa maneira. Ele sentiu outra batida.

— Viu? — ela perguntou. — Quão legal é isso?

Legal não é a palavra que ele usaria, mas sim *surreal*. Era uma



vida que não havia nascido, algo que ele não podia ver, mas há muito tempo ele podia ouvir. Como seus ouvidos eram tão sensíveis, ele começou a ouvir seu rápido batimento cardíaco há duas semanas, sempre que estava perto dela.

*O Criador. Pai?* Tocá-lo fez com que parecesse mais real.

Algo quente, quase terno surgiu em seus olhos enquanto ela virava a cabeça para baixo para olhar a mão dele em seu estômago redondo.

— Que gênero você acha que será?

— Mavka não tem gênero quando nascemos. — Pelo menos foi o que a Bruxa Coruja o informou.

Seu rosto se ergueu com as sobrancelhas franzidas.

— Você não nasceu com um gênero? Então como você se tornou um homem?

Ele tirou a mão de seu estômago porque não sabia como se sentia ao tocá-la.

— O primeiro ser humano que comemos dita nosso gênero.

— Ah, certo, esqueci que Reia me disse que sua espécie é andrógina quando vocês nascem. — Ela pareceu pensativa por um momento. — Então, eles são... uma criatura, um eles?

A cabeça de Magnar se inclinou em perplexidade.

— Provavelmente será um macho. Homens humanos são mais comuns acima da superfície da floresta.

— Sim, mas até que coma um, eles não terão gênero. Isso o torna um eles. Eles ainda podem acabar se tornando uma fêmea. Prefiro não chamá-los de ele se eles podem acabar se tornando uma mulher, ou vice-versa.

Um rosa avermelhado surgiu em seus orbes. — Eu não entendi.

Um sorriso começou a brincar em seus lábios. O fato de ela ter dado a ele outro fez sua cauda bater levemente no chão.

— Você não tem que entender. Você só tem que aceitá-lo. — Seu sorriso cresceu quando ela perguntou: — Tudo bem?

Sua cauda batia mais rápido. — Certo.

*Como ela quiser chamar, eu vou chamar assim.* Especialmente se isso significasse que ele poderia continuar recebendo essa expressão

agradável.

Por longos momentos, Delora e Magnar olharam um para o outro, sem falar, mas também sem precisar. Qualquer tensão dentro dele diminuiu e permitiu-lhe esses breves minutos de contentamento com ela.

*Ela é tão bonita.* Um vento suave roçou seu cabelo sobre o ombro e tocou seus lábios, fazendo com que sua visão caísse sobre eles. *Eu gostaria de brincar com eles.*

Ele sabia que eles seriam bons pressionando contra o osso frio de seu crânio.

— Você tem tinta no rosto, — ela disse a ele, uma carranca aparecendo em sua testa. Então seu rosto se iluminou quando ela disse: — Posso pintar?

Magnar enfiou as garras no crânio e notou que a tinta amarela cobria as pontas delas.

— Se você quiser.

Com um salto vertiginoso sobre os joelhos, ela se abaixou perto de seus pés e puxou várias tigelas de tinta para mais perto. Então ela pegou o pincel mais fino, passou um pouco de azul e começou a fazer traços na testa dele.

Seu rosto estava relaxado, e ele notou que as olheiras sob seus olhos eram quase inexistentes, exceto pelo que era natural.

A tinta estava fria em seus ossos, mas ele não se importou, pois foi capaz de sentir de perto o cheiro de maçã vermelha e gelo assim que saiu de sua pele. Ele quase se inclinou para lambar seu aroma inebriante.

Mas havia um pensamento que o enchia de melancolia.

— Você está fazendo isso porque não gosta da minha aparência? — Ela estava tentando mudá-lo para melhor atender aos seus desejos? Para esconder que ele não tinha rosto e só tinha uma caveira?

— Perdão?

— Eu não tenho pele como você, — ele afirmou, estendendo a mão para tocar sua bochecha. — Você preferiria que eu não parecesse assim?

— Magnar, — ela sussurrou com uma pitada de tristeza. — Não, de jeito nenhum. Eu não queria fazer você se sentir assim.

Ela inesperadamente disparou para frente e pressionou seus lábios macios em uma de suas presas superiores mais longas. Magnar tocou onde ela o beijou quando ela se afastou.

Ela deu a ele o que ele queria, e ele foi pego de surpresa por ela ter dado. *Ela me beijou!*

E tinha sido quente e maleável, fazendo-o querer outro. Ele estendeu a mão para trás para impedir que seu rabo infernal abanasse descontroladamente, ficando tímido com o quão excitado estava.

— É tão branco, como uma tela, e eu queria aumentar isso. — Então ela começou a passar o pincel no próprio rosto para dar a si mesma uma espécie de bigode rosa, já que havia mudado de cor. — Os humanos gostam de fazer isso às vezes. Gostamos de pintar nossos rostos, ou uns dos outros, apenas por diversão. Mas se você não gostar, eu posso parar.

A tensão em seus músculos aliviou.

— Não — ele respondeu com um aceno de cabeça. — Se você quiser me usar como sua tela, eu gostaria disso.

*Seria como Reia deu a Orpheus seus sinos de chifre.* Então seus orbes ficaram amarelos brilhantes. *Mas melhor.*

Se Magnar soubesse que teria que assistir seu pequeno corvo gritando de dor, ele poderia ter arrancado seu pênis antes de ter a chance de usá-lo.

Ele se preocupou, sem saber o que fazer ou como ajudar quando Delora soltou esse ruído profundo, granulado, tenso e incoerente enquanto descansava contra a parede externa de seu ninho. Ela foi inflexível sobre fazer isso onde não pudesse fazer bagunça, mas parecia tão desconfortável quando se deitou.

Velas grossas e brancas foram acesas ao seu redor. Elas destacaram o suor que pontilhava sua testa, as lágrimas em seus olhos e seu rosto vermelho afobado. Ela estava vestindo uma de suas camisas, que costumava usar para dormir.

Tudo o que Magnar podia fazer era trocar seu peso de um pé para o outro, então para cada mão que ele também apoiava. Sua posição rendida e submissa era rente ao chão, como se isso pudesse ser o suficiente para salvá-la de alguma forma.

Toda vez que ela gritava, o pelo e as penas dele inchavam de preocupação.

— Delora, deixe-me chamar a Bruxa Coruja, — ele implorou quando notou o líquido e o sangue entre as coxas dela.

— Não! — ela instantaneamente rosnou de volta quando algo chamado *contrações* diminuiu apenas para retornar logo depois. Ele odiava que elas sempre voltassem, estivessem piorando e parecessem nunca acabar. — E-eu não quero que todos venham aqui.

— Mas ela pode ajudar.

Seus orbes estavam brancos desde que essa provação começou.

Delora balançou a cabeça, tomando respirações rápidas e curtas antes de seu rosto ficar tenso mais uma vez e ela gritar horivelmente. Ela cerrou os dentes enquanto cerrava os punhos. Até os dedos dos pés se curvaram.

Aliviou, a contração desapareceu, e deu a ela outro momento para falar por entre as respirações.

— Se você chamar por ela, Reia e Orpheus podem vir. — Ele

inclinou a cabeça, transmitindo que não entendia qual era o problema. Ela voltou seu olhar exausto para ele. — Eu não quero ser vigiada. Isso... é muito particular, Magnar. Eles não saberão o que fazer.

— Reia é humana, Delora, — ele rejeitou enquanto se aproximava.

Ele deu um tapinha no topo de seu cabelo, desejando poder tirar sua dor dela.

Ele já havia tentado, mas acabou tornando tudo muito pior quando ela precisou recomeçar. Delora teve que passar por todo o processo antes que ele pudesse curá-la.

Magnar não sabia há quanto tempo isso estava acontecendo. Uma hora? Talvez mais? Os segundos pareciam minutos, e cada uma de suas lágrimas e ruídos eram angustiantes. Seus grunhidos, gemidos e gritos agudos. O cheiro de sal de suas lágrimas, seu suor, sangue e algum fluido estranho que era claro, mas também cheio de uma escuridão que ela disse não ser normal.

Toda essa dor parecia... *errada* para ele. Não parecia natural, embora aparentemente fosse algo que todas as fêmeas de todas as espécies tinham que passar.

*É sempre assim? Então, por que alguém iria querer ter filhos?*

— Ela era uma precursora de maus presságios! — ela gritou, assim que outra contração veio. Ela suspirou quando teve outra pausa. — Eles são evitados por outros humanos. Ela provavelmente nunca viu outra mulher dar à luz e será tão inútil quanto você.

Magnar se encolheu e sentiu seu coração afundar.

*Estou sendo inútil.* Ele não estava ajudando.

— Sinto muito, — ela gritou, franzindo a testa profundamente quando ela entendeu que o machucou. — Eu não quis dizer isso. É que... não há nada que você possa fazer. Se você chamar a Coruja Bruxa, todo mundo pode vir, e eu simplesmente não quero ser observada como um espetáculo. Por favor... — Delora jogou o braço para frente. — Você pode apenas segurar minha mão?

Magnar pegou sua mão estendida.

A próxima vez que Delora precisou empurrar, ela apertou a mão dele em um aperto surpreendentemente forte. Foi quase doloroso

quando os nós dos dedos foram forçados juntos, e os ossos raspavam uns contra os outros.

Mas ela estava mais quieta, como se isso realmente ajudasse, e Magnar estava bem em deixá-la pulverizar sua mão em pó se isso a acalmasse.

Ela parecia gostar de passar um pano molhado na testa, e ele acariciava-a com frequência, alternando entre fazer isso e acariciar seu cabelo brilhante, mas úmido.

Sua frequência cardíaca era rápida, sua respiração ainda mais rápida, mas Delora, sua corajosa, forte e pequena humana, estava perseverando nisso. Ele sentiu uma simpatia avassaladora, mas também orgulho.

— Sinto muito por fazer isso com você — disse ele calmamente.

— Sim, foda-se, — ela disse, deixando-o tenso, mas o sorriso quebrado que ela deu a ele o fez relaxar.

Ele ficou surpreso por ela estar brincando com ele e ficou aliviado por essa nova expressão dela, seus sorrisos, não terem desaparecido ou sido temporários.

Ela pedia água ocasionalmente, mas passava a maior parte do tempo tentando encontrar uma posição melhor. Ela mudou para as mãos e joelhos, depois agachada. Ela finalmente ficou muito exausta e se deitou.

Bem quando ele pensou que estava demorando muito e estava prestes a chamar a Coruja Bruxa – apesar de saber que Reia e Orpheus provavelmente viriam aqui – Delora soltou um grunhido que era muito diferente e muito mais longo do que antes.

— Saia de mim! — ela gritou, esforçando-se terrivelmente. — Seu filho da...

Seus olhos rolaram assim que algo *caiu* e escorregou. Ele virou a cabeça para um lado e depois para o outro para a estranha coisa preta que estava entre as pernas dela no pano que ela colocou embaixo de si mesma.

— Você deveria pegá-lo — ela resmungou com uma voz grogue e ofegante.

*Como eu deveria saber disso?* ele pensou, enquanto aproximava a

mão para poder se inclinar para a frente. Ele *os examinou*.

*Não parece um Mavka.*

Ele ficou surpreso quando eles se moveram.

A princípio foi lento, mas eles levantaram o que Magnar pensou que poderia ser a cabeça deles. Eles não tinham esferas brilhantes, nem uma caveira. Em vez disso, eles não tinham nada além de um rosto preto curvo sem características, exceto por dois buracos de nariz que se abriam e fechavam quando eles respiravam pela primeira vez.

Eles eram pegajosos, cobertos de lodo preto, e quando levantaram o que ele pensou ser um braço, também não tinham características. Eles tinham mãos, mas não tinham dedos, pés, mas não tinham dedos. Eles eram estranhos, e a criatura não se parecia em nada com ele. Sem pelo, sem penas, sem garras ou presas.

Uma ardósia limpa de nada além de escuridão.

Então eles abriram a boca. Ele revelou que as bordas de sua boca sem costura tinham linhas triangulares irregulares que se entrelaçavam com a mandíbula inferior quando fechadas. Dentro havia uma língua roxa que se contorcia.

Eles começaram a cortar o líquido antes de soltar um grito estridente horrível.

Eles viraram a cabeça para Delora, buracos nasais abrindo e fechando rapidamente como se estivessem farejando loucamente. A criatura imediatamente correu para ela.

Magnar sabia que algo estava errado.

Ele não conseguiu detê-los antes que a pequena criatura afundasse sua boca negra e irregular no lado de seu joelho para morder sua carne.

Delora gritou, tanto de dor quanto de medo.

Tendo que arrancar a criatura dela antes que eles dessem outra mordida, Magnar os arrancou de seu corpo e acidentalmente os jogou pelo quarto em pânico.

A criatura bateu contra a parede antes de bater no chão, mas a textura que sua mão agarrou era tão estranha quanto parecia. A carne deles era firme, como se o exterior fosse duro, mas também mole como

se não tivessem ossos ou órgãos.

O fedor do medo se elevou no ar de sua pele como uma onda quente e ondulante.

— Por que? — Delora soluçou. — P-por que ele me mordeu?

Antes que ele pudesse responder, outro grito foi feito. A criatura correu de quatro em sua direção com a boca irregular à mostra. *Ele vai atacar novamente.*

Delora, percebendo isso também, tentou se transformar em sua forma fantasmagórica, mas ela estava com muita dor para manter esse estado. Sua forma oscilava entre o físico e o intangível.

Magnar rastejou acima dela protetoramente e agarrou a criatura quando eles pularam. Ele segurou firme quando eles se contorceram e se contorceram em desespero, tentando chegar até ela.

Ele tentou colocar a mão no peito dela, mas continuou passando por ela apenas para ser empurrada por uma fração de segundo quando ela se tornou física.

— Mantenha-se físico, — Magnar exigiu.

Não havia tempo suficiente. Delora se tornaria intangível sob seu controle quando ele a pegasse na palma da mão.

— Não! Eles me morderam!

— Eu não posso te curar assim!

Ele queria tirar sua dor, queria ajudá-la. Ele também precisava que ela se lavasse assim que fosse curada.

*Eles são um Mavka. Eles estão reagindo ao cheiro do sangue dela. Seu medo.* O Mavka estava com fome, tentando desesperadamente alcançar sua presa sangrenta.

— Eu prometo que não vou deixar eles morderem você de novo.

Delora olhou para ele, e seus olhares se encontraram.

Suas sobrancelhas estavam franzidas, mostrando a ele o quão assustada ela estava. Então ela assentiu, permanecendo na forma em que ele poderia tocá-la. A criatura ficou mais frenética, seus estridentes perfurando seus ouvidos sensíveis, mas ele se segurou enquanto tomava as feridas de Delora.

A dor atrás de sua costura era insuportável, mas ele não se



importava se esse era o custo de ajudá-la. Ele também levou a ferida da mordida.

Seu corpo tremia sob todas as novas dores que sentia.

Delora imediatamente se tornou intangível, mas ainda havia muito sangue manchando o pano para acalmar o enfurecido bebê Mavka.

— Vou levá-los para fora — disse Magnar enquanto se levantava. — Sinto muito. Sei que está cansada, Delora, mas precisará se lavar e se livrar do sangue.

Ele não captou a resposta dela, apenas o olhar de olhos arregalados que ela deu a ele, antes de ele sair.

No momento em que ele saiu ao ar livre e na floresta dentro de sua ala de proteção, a criatura acalmou seu estado agressivo. No entanto, seus gritos estridentes não pararam e eles conseguiram escapar de seu alcance. O Mavka era tão pequeno que cabia em apenas uma mão com espaço para se mover.

Eles rastejaram sobre sua forma, farejando-o, mas não atacaram. Eles não estavam frenéticos ou tentando voltar atrás dela. Eles continuaram enterrando o rosto contra ele, orifícios nasais abrindo e fechando rapidamente, antes de se moverem para outro lugar em seu corpo.

Eles deram um gemido estrangulado.

*Eu pensei que eles dissessem que criaturas recém-nascidas não podiam se mover sozinhas.* Isso é o que Reia e a Coruja Bruxa disseram a ele, e ainda assim este bebê Mavka parecia se mover bem.

Deixando-os fazer o que queriam porque não tinha ideia do que deveriam fazer com a criatura recém-nascida, Magnar percebeu que eles pareciam geralmente chateados com alguma coisa. Eles pareciam perdidos e confusos, enquanto continuavam se movendo, procurando.

— O que você está procurando, pequenino?

Eles pararam seus gritos de choro para torcer a cabeça bruscamente.

Então eles correram para o rosto dele, rastejando desajeitadamente para chegar em cima dele. Magnar permitiu e, em

pouco tempo, eles pressionaram o lado de sua cabeça contra o topo de seu focinho. Eles estavam bem na frente de seus orbes onde ele podia vê-los.

— É assim que eu era quando nasci? — ele se perguntou, seus orbes mudando para amarelo escuro em curiosidade.

A criatura subiu no topo de sua cabeça antes de pressionar o lado de seu rosto contra ele mais uma vez. Magnar percebeu que eles estavam ouvindo sua voz, talvez em memória dele falando com Delora quando eles estavam dentro de seu estômago.

Uma forte emoção agitou seu coração.

*Eles se lembram de mim.*

As sobrancelhas de Delora se contraíram quando ela pegou a terceira chave mestra que Reia lhe dera.

Reia mencionou que havia desmontado alguns enfeites para recuperá-los, mas disse que ficaria feliz se pudesse ouvir a caixa de música quando viesse visitá-la.

*Se ela algum dia voltar aqui*, Delora pensou com consternação.

Ela não sabia quando tinha realmente valorizado a presença de Reia. Não era apenas porque ela era a única outra humana no Veu e, felizmente, uma mulher, já que Delora não queria particularmente estar à distância de um homem, mas era porque Delora gostava de Reia... realmente gostava *dela*.

Reia era muito mais corajosa e ousada do que Delora, mas ela era engraçada. A mulher não conseguia segurar a língua para salvar sua vida, e ela era incrivelmente... fofa apertando os botões de seu Caminhante do Crepúsculo.

Orpheus era um bolo doce, mas também era severo e áspero nas bordas. Se Magnar era possessivo, o que ele era, então ela pensou que talvez Orpheus fosse mais.

Fazia sentido, considerando que ele estava procurando uma companheira humana, uma noiva, por duzentos anos. Magnar não esperou tanto tempo. Ele não tinha as mesmas dores que ela podia ver em Orpheus apenas por suas ações.

*Será que... nenhum deles quer voltar?*

Ela sabia que a ruga em sua testa era de tristeza e não de frustração quando teve que jogar a terceira chave na mesa redonda em frente a ela. Sobrou uma depois disso, e parecia muito pequena.

Delora não queria ficar aqui sozinha com Magnar, com... *isso*.

A coisa que ela deu à luz era horrível. Qualquer chance que eles tiveram eles a atacaram, e quando Reia e Orpheus chegaram hoje, eles também tentaram atacá-los.

Orpheus ficou furioso quando eles conseguiram se livrar dos braços de Magnar e literalmente gritar enquanto voavam pelo ar em Reia, que se tornou incorpórea antes que eles a alcançassem. Então eles

começaram a tentar escalar Orpheus.

Delora foi forçada a assistir à distância enquanto Orpheus se inclinava para frente e então arqueava seu corpo, tentando alcançar a criatura quando eles se moviam sobre suas costas. Sua boca estranha e irregular continuava tentando morder sua roupa.

Uma discussão ocorreu entre Orpheus, que estava enfurecido por sua fêmea estar em perigo, e Magnar, que havia tentado tudo ao seu alcance para defender o pequeno monstro sedento de sangue.

Magnar estava ligado a ele. Ele até se irritou com Delora algumas vezes por causa de seu comportamento – não que ela pudesse evitar!

Delora não poderia estar perto deles e, portanto, não poderia estar perto de Magnar. Ele foi forçado a sempre segurá-los, caso contrário, eles viriam atrás dela. Seu coração quase saía do peito no momento em que o monstrinho se aproximava, então eles ficavam raivosos, suas bocas abrindo e fechando como se quisessem comê-la viva.

Delora se tornaria incorpórea e recuaria.

A solidão estava ecoando, e agora ela temia nunca mais ver seus novos amigos.

A conhecida vontade de dormir o tempo todo voltou. Era como se ela não quisesse mais estar presente e tudo pesasse em seus ombros. Seus pesadelos começaram a retornar quando se tornaram quase inexistentes desde a noite em que ela contou sua história a Magnar.

Tudo por causa disso.

*Eu não quero odiá-los.* Lágrimas brotaram em seus olhos antes de cair, caindo direto nas costas de suas mãos trêmulas enquanto ela tentava abrir a caixa de música.

*Mas eles parecem um maldito Demônio.* Eles são pretos vazios como um Demônio, e ela tinha visto alguns que rastejavam de maneira semelhante. Além do fato de que eles não tinham olhos vermelhos - eles nem mesmo *tinham* olhos malditos - eles pareciam os monstros de pesadelo do Véu.

Seu olhar voou até a janela à sua frente para ver se ela conseguia encontrar Magnar na escuridão. Ela moveu a cadeira e a

mesa para poder sentar e olhar para fora durante o dia.

Seu coração estremeceu em seu peito quando ela o viu esculpindo um pedaço de toco de árvore que ele estava trabalhando para transformar em um balcão de cozinha. Ele estava trabalhando lá fora no escuro da noite porque ela estava acordada. Tudo o que ela podia ver eram seus orbes verdes.

Fazia dias desde que eles se falaram corretamente, e ela... Delora sentia falta dele como uma dor terrível.

Ela sentia falta de seu perfume sedutor. Sua voz rica, profunda e formigante que percorreu sua mente como uma onda para seu cérebro. O calor que ela podia sentir saindo dele, mesmo que estivessem a centímetros de distância – e agora que estava ficando mais frio, era algo que ela desejava.

Delora sentia falta do grande e pateta Caminhante do Crepúsculo dando atenção a ela, *qualquer* atenção.

Ela pensou que a vibração de esperança que sentiu era real quando a chave que ela usou fez um som de clique dentro da caixa de música, mas ela não conseguiu girar a chave. Ela puxou a chave, verificou por qualquer motivo e depois a enfiou de volta.

*Eu quero mostrar isso a ele.* Para mostrar a ele o que fazia, como era o som da música. Ela achou que ele iria gostar.

Delora estava procurando desesperadamente por uma ponte entre eles que não tivesse nada a ver com proximidade física. Delora queria mostrar-lhe coisas, ensiná-lo mais. Ela queria que as coisas voltassem a ser como eram antes, mesmo que fosse estranho e desconfortável às vezes.

As coisas estavam tensas antes de ela dar à luz, e naquela época ela estava implorando por uma resposta para fazer seu relacionamento funcionar desde que eles estavam presos juntos, por toda a eternidade, aparentemente. Delora agora desejava ter a capacidade de apenas falar com seu eu passado e dizer-lhe para parar de ser tão egoísta.

Do passado, Delora tinha mais do que ela tinha agora.

*Não sei mais o que estou fazendo...*

Algo roçou a parte de trás de um de seus tornozelos.

Delora enrijeceu quando todos os pelos de seu corpo se

arrepiaram, sua pele formigando de pavor. O medo apertou sua garganta quando um calafrio a percorreu com tanta violência que estremeceu.

Um suspiro entupido em sua garganta, agarrando seus pulmões quando ela não conseguia respirar, e ela se virou para encontrar aquela *coisa* perto de seus pés.

Delora soltou um grito agudo no momento em que eles deram um estridente ameaçador que combinava com o tom de sua própria voz. Ela pulou na mesa quando eles tentaram morder a perna dela, então eles estavam tentando de tudo para rastejar até o lado da perna da mesa para chegar até ela. Para *comê-la*! Seu próprio filho!

Com a bunda na mesa e as costas contra a janela, Delora sentiu lágrimas de medo em seus olhos enquanto tentava correr de volta. Quando ela viu um membro macio e preto curvando-se ao lado da mesa, ela tentou esconder os pés e protegê-los, aproximando-os de seu corpo.

Delora se tornou incorpórea para se proteger, uma reação que ela estava começando a ter com medo.

Ela flutuou pela mesa, afundando até o nível do piso de madeira, assim que chegou ao topo da mesa. Eles a procuraram.

Eles estavam dentro de seu torso fantasmagórico.

Ela flutuou para o lado no momento em que Magnar, orbes brancos, irrompeu pela porta entreaberta. Ele correu para eles.

— Você deveria mantê-los longe de mim! — ela gritou, sentindo seu corpo intangível vacilar.

Eles não pareciam se importar com as longas garras de Magnar cravando-se neles quando ele os pegou. Delora sabia que eles eram praticamente indestrutíveis.

*Nada os detém.* Não importa o quão longe eles eram lançados, não importa o que ela acidentalmente deixou cair sobre eles quando eles conseguiram se aproximar dela – como agora, quando ela empurrou a caixa de música para fora da mesa. Nada poderia fazê-los parar.

Magnar soltou o aperto que tinha sobre a criatura. Eles rastejaram por todo o seu corpo como costumavam fazer.

*Eles são como um parasita se ligando a um hospedeiro.* Ela estremeceu com esse pensamento.

Eles pularam para longe dele e pousaram na mesa. As bufadas que eles faziam enquanto enterravam os buracos de seus narizes contra a madeira para cheirar para ela fez Delora cobrir o rosto.

*Eu não posso fazer isso.* Ela não podia chorar dessa forma, mas queria sinceramente. *Não me sinto segura em minha própria casa.*

Ela mal se sentia descansada. Ela temia que fosse atacá-la enquanto dormia, e cada momento de vigília parecia um pesadelo.

A paz que Delora encontrou aqui com Magnar se foi.

— Eles só querem estar perto de você, Delora.

Ele os pegou novamente, vendo que ela estava angustiada ao vê-los tentar *caçá-la*.

— Para me comer!

Ela não conseguiu enfrentá-lo quando abaixou as mãos, tendo que virar a cabeça para o lado, mas ela viu em seu periférico que seus orbes haviam mudado para um azul profundo.

— Porque você cheira a medo. Eles não atacam você quando você não tem medo.

— Sim, eles fazem — ela retrucou rapidamente.

Será que eles tentavam, embora? Desde o nascimento, eles nunca tiveram a chance de mordê-la novamente porque ela sempre os via antes de atacarem.

Magnar se aproximou e tentou mostrá-los a ela embalada em seus braços. Delora recuou, recusando-se a ficar perto da criatura, mesmo em sua forma incorpórea.

— Eles são Mavka, — ele explicou, o azul profundo dos olhos escurecendo. Delora odiava que fosse por causa dela. Ela não queria deixá-lo triste, magoá-lo, mas não conseguia controlar como se sentia.

— Eles estão reagindo ao cheiro do seu medo. Quando você não tem medo, quando não sabe que eles estão lá, eles não o machucam.

A traição que ela podia sentir crescendo dentro dela fez seu queixo cair. Seus lábios se separaram.

— Você tentou. — Não era uma pergunta, mas uma afirmação.

— Você os colocou perto de mim quando eu não sabia.

— Sim.

Sua forma oscilou em desconforto. — Quando?

— Eles choram por você — respondeu Magnar, arrastando nervosamente o peso entre os cascos. — Às vezes, não há nada que eu possa fazer para fazê-los parar, exceto trazê-los para você.

Ela sabia que eles choravam muito porque o som a *perseguia* a cada hora do dia. Seu estridente horrível fez seus ossos se contraírem.

Delora flutuou para trás. — Quando, Magnar?

Laranja se transformou em seus orbes pela primeira vez. Era uma cor semelhante ao seu rosa-avermelhado, mas parecia muito mais... negativa. Ela sentiu que era algo ruim.

Sua cabeça disparou para um lado, depois para o outro, então ele deu um passo para trás enquanto balançava a cabeça. Ele não iria olhar para ela

*Ele sabe.* O sentimento de traição se aprofundou. *Ele sabe que eu não gostaria disso. Ele sabe que o que está fazendo é errado.*

Ele estava se sentindo culpado; ela podia ver na maneira arisca que ele estava se movendo.

— Quando você estiver dormindo. — Delora sentiu sua forma ficar inegavelmente fria, como se alguém tivesse passado um dedo gelado por sua espinha em seu corpo fantasmagórico. — Eu os trago para você e...

Ele interrompeu suas palavras para tocar o topo de seu crânio quando a alma dela entre seus chifres perdeu um pouco de sua cor ardente. Tinha ficado mais clara no último mês.

Agora escureceu, não completamente, mas o suficiente para que algumas fissuras de lava desaparecessem.

— Você... você...

Delora se afastou dele com os olhos arregalados, incapaz de entender o quanto saber disso *doía*.

Ela estava colocando em perigo potencial enquanto ela estava em um estado vulnerável e inconsciente. Ele trouxe aquela criatura para perto dela sem sua permissão, sem seu *consentimento*.

Se ela tivesse sido física naquele momento, Delora sabia que estaria hiperventilando.



*Como eu não sabia?* Ele teria precisado se esgueirar até lá para não perturbá-la.

— Como você pode? — Suas mãos se fecharam em punhos, desejando poder sentir o aperto delas. — Eu confiei em você.

— Eu nunca deixaria você se machucar, Delora. Estou com vocês o tempo todo, observando-os, mas tudo o que eles fazem é se enrolar em você e dormir. — Ele se abaixou como se quisesse ficar ao nível dela para não se elevar sobre ela. — Eles... eu acho que eles procuram seu cheiro porque não podem ver. Eles não entendem onde estão. Tudo o que eles conheciam era você, seu cheiro, porque você os mantinha dentro de você.

Ela pensou ter sentido uma pontada de pena, mas ainda estava com muita raiva para registrá-la de verdade.

— Isso ainda não lhe dá o direito de fazer algo assim sem o meu consentimento.

— Quando estão comigo, deitam-se sobre o lado esquerdo do meu corpo, onde está o meu coração. Eles fazem o mesmo com você, mas não reclamam quando fazem isso com você.

Delora abriu as mãos e hesitantemente ousou espiá-las.

Ela não tinha percebido que Magnar tinha ficado tão baixo que ele estava sendo forçado a olhar para ela. Ele estava se tornando menor do que ela, dando a ela a posição de domínio de sua postura como se estivesse se rendendo.

Delora sentiu as chamas de sua raiva se dissipando lentamente.

— Eles ouvem meu coração? — ela perguntou curiosamente.

— Eles se lembram da minha voz de quando falei com você, por isso não me atacam. Eu acho... eles estão procurando por conforto.

— Magnar ergueu a mão para roçar suavemente as garras sobre eles e, por um momento, ela ouviu o menor gemido. Eles estavam agarrados ao músculo peitoral esquerdo sobre a camisa, bem onde estava o coração. — Você é tudo o que eles sabiam. Eles procuram você constantemente e é por isso que às vezes você os encontra perto de você.

Sua dor aprofundou outra camada.

— E você deixou que eles viessem atrás de mim?

Magnar balançou a cabeça.

— Às vezes estou concentrado em minha tarefa e estou acostumado a vê-los se movendo sobre mim. Eles são muito leves. Eles não têm cheiro e seus sons são silenciosos. Nem sempre percebo que eles me deixam para te encontrar. E eles sempre vão até você, Delora. Não importa onde você está. É o seu grito que me faz perceber que eles se foram.

Delora não sabia como se sentia ao saber de tudo isso.

O turbilhão de confusão era assustador. Ela não sabia como se livrar de seu medo, como dar à criatura o que ela queria.

Eles vieram dela, e ela estava com medo de estar perto deles.

A criatura era uma coisa desconhecida. Quando Delora os carregava, ela estava tão animada para conhecê-los, esperando que fossem tão doces e quentes quanto Magnar. Ela até estava pensando em nomes para dar a eles.

Mas tudo o que eles fizeram foi tentar comê-la desde o momento em que respiraram pela primeira vez.

Ela tinha acabado de sair do trabalho de parto, algo que foi doloroso e *assustador* por si só, especialmente porque ela teve que fazer isso sozinha sem ninguém para ajudá-la. O alívio que ela sentiu quando conseguiu empurrá-los para fora com lágrimas e um grito foi engolido instantaneamente por eles afundando sua estranha boca irregular em sua carne.

Desde então, tudo o que ela sentiu foi confusão.

Delora queria amá-los como fazia quando os carregava, mas não sabia como.

— Por favor, — ela chorou sem lágrimas por trás de suas mãos quando cobriu o rosto, desejando que ele não tivesse empurrado vergonha e culpa sobre ela ao revelar tudo isso. — Por favor... apenas me deixe em paz.

— Delora, — Magnar disse, avançando para que ele pudesse dançar seus dedos com garras perto de sua forma incorpórea enquanto embora ele quisesse confortá-la. — Se você tentar...

— Eu não posso, — ela respondeu, balançando a cabeça. — Eu não posso fazer isso agora. Estou muito, muito zangada com você pelo

que fez, e muito chateada. Por favor, dê-me alguns momentos. Apenas leve-os para fora.

— Ok. Se isso é o que você quer.

Magnar, ainda baixo no chão, rastejou para trás para dar espaço a ela antes de ir para a porta. Ele deslizou e fechou suavemente.

Depois de alguns segundos, quando ela sabia que eles estavam longe o suficiente, Delora se tornou física. Seus braços tremiam quando ela colocou as mãos sobre a mesa em pé.

Suas sobrancelhas se juntaram enquanto ela tentava processar tudo isso.

Fazia apenas alguns dias desde que ela deu à luz. Ela não teve tempo de recuperação desde que Magnar tomou sua dor por ela, mas suas emoções estavam caóticas desde então.

*Ele... não acredito que ele faria isso.* Para fazer Delora ficar com ele quando ele sabia que ela teria sido contra isso. *Achei que ele nunca me trairia.*

A inocência de Magnar era algo que ela adorava nele porque o considerava seguro. Ela poderia perdoar um acidente, mas isso foi feito de *propósito*.

Os dedos de Delora se fecharam em um punho apertado, tentando conter as lágrimas. *Mas ele acreditava que era para um bem maior.* Ela os soltou e os espalhou contra a superfície da mesa mais uma vez.

*Acho que eles nunca me atacaram enquanto ele fazia isso.*

Delora nunca tinha acordado por causa deles. Ela nunca soube o que Magnar estava fazendo, o que significava que a criatura não tinha feito nada para prejudicá-la naqueles tempos.

*Eu não quero ter medo de você,* ela pensou enquanto imaginava a forma estranha deles. Um arrepio instantaneamente a percorreu, e ela tentou ao máximo controlá-lo, sabendo que tinha que se livrar desse medo de alguma forma.

Ela respirou profundamente e então o deixou sair dela, aliviando suas lágrimas e acalmando suas emoções para que não parecessem tão descontroladas. A depressão pós-parto era uma merda e foi agravada pelo fato de que *nada* disso era normal.

— Eu só preciso me acostumar com eles, — ela sussurrou, desejando coragem. — É como se aproximar de um cão raivoso, se ele sentir o cheiro do seu mal-estar, é mais provável que ataque.

Delora nunca havia lidado com um cão raivoso antes. Eles também não eram um cachorro, mas um Caminhante do Crepúsculo comedor de humanos.

Independentemente disso, ela não poderia continuar a viver assim. Neste limbo solitário. Nesta casa que parecia estranhamente fria sem a presença de Magnar.

Ela respirou fundo outra vez e jogou os ombros para trás, levantando-se da mesa e desejando força, antes de soltá-la. Em pé, ela olhou para sua própria imagem cansada e deprimida que a encarava do reflexo no vidro da janela.

Talvez se ela pudesse pelo menos tolerar sua presença, as coisas poderiam melhorar.

Delora deu um último suspiro e olhou para si mesma.

Ela não era resiliente como Reia, mas não permitiria que isso tomasse o controle de sua vida — uma que ela não queria viver antes de Magnar. Ela gostava dele, ela não podia deixá-lo, eles estavam presos juntos por ambas as escolhas. As coisas tinham que funcionar, e isso significava que ela tinha que ser corajosa e enfrentar as coisas que a aterrorizavam.

Delora se virou para a porta e saiu dela.

Magnar estava sentado nos degraus da varanda olhando para as chamas que permaneciam na fogueira de quando ela preparou o jantar mais cedo. Muitas vezes ela o vira sentado ali com eles.

Ele girou seu crânio até que um de seus orbes, ainda de um azul triste, pudesse ser visto. O olhar dele seguiu os movimentos dela, e ela acabou sentando ao lado dos dois com a cabeça virada para não olhar para eles. Ela não podia, com medo de começar a feder de medo instantaneamente se olhasse para seu próprio bebê.

Ela já estava preocupada por estar tão perto.

— Não faça algo contra a minha vontade novamente, — Delora disse calmamente. — Não faça algo que você sabe que eu não estaria bem.

Magnar deu um breve gemido em resposta.

— O consentimento é algo realmente importante, Magnar — continuou ela. — É importante em tudo o que fazemos. Quando você a recebe, ela cria confiança, e quando você faz algo contra a vontade ou o conhecimento de alguém, ela a quebra. Eu entendo que você estava fazendo algo que achava certo, e talvez fosse, mas isso ainda não lhe dá o direito de ferir minha confiança em você. Às vezes, a confiança não pode ser recuperada, então tome cuidado.

— Você não vai mais confiar em mim? — A tristeza abatida e sincera que ela ouviu em seu tom fez seu coração apertar.

— Eu te perdôo desta vez. — Delora mexeu com os dedos, entrelaçando-os antes de separá-los, enrijecendo-os e depois abrindo-os. Ela não sabia o que fazer com eles, onde deveria colocá-los em seu próprio colo. — Eu não estava ferida. Mas se tivesse, poderia ter perdido minha confiança em você, Magnar. Se eu tivesse um pesadelo por algum motivo, algo que você sabe que estou tendo, eu teria cheirado a medo. Você pode não ter sido capaz de reagir rápido o suficiente para impedi-los de me machucar, e eu teria acordado já assustada e ainda mais petrificada. Eu teria me sentido traída porque você permitiu.

— Sinto muito, — ele respondeu calmamente. — Não pensei nos seus pesadelos.

*Foi uma sorte isso não ter acontecido, especialmente porque eu tive alguns nas últimas noites.*

— Se eu não confiar em você, não vou mais querer estar aqui, — ela disse com sinceridade.

A única ponte sólida entre eles era que ela confiava nele. Se isso caísse, Delora não iria querer estar perto dele, não iria querer ser tocada. Ela não queria nem falar ou olhar para ele. Ela precisava daquela ponte para se apoiar, ou cairia no rio do fracasso abaixo dela e se afogaria.

— Você *quer* estar aqui? — Sua voz se animou, talvez com esperança ou alegria.

— Sim eu quero. Eu quero estar aqui com você.

E nenhuma vez durante a conversa a criatura fez aquele terrível

estridente ou tentou atacá-la.

Inalando pelo nariz, Delora fechou os olhos e finalmente levantou o braço na direção de Magnar. Ela pressionou a ponta do dedo médio contra o corpo dele. Uma conexão, uma que era hesitante e cautelosa.

Parecendo entender o que ela estava tentando fazer, ela sentiu o corpo de Magnar relaxar. Seus braços se moveram como se ele pudesse estar segurando a criatura contra ele com sua força.

Alguns segundos se passaram até que ela sentiu – a menor, mas extremamente quente, respiração contra as costas de sua mão. Ela rapidamente o agarrou e apresentou seu pulso, sabendo que ser mordida ali causaria menos danos do que seus dedos delicados.

Quando ela os sentiu pressionar a ponta de seu rosto redondo contra seu pulso para cheirá-la, ela não pôde evitar a onda de preocupação que a cortou.

Um pequeno grunhido se seguiu, e ela se tornou incorpórea para esconder seu cheiro.

*Apenas respire.* Ela poderia fazer isso. Eles não haviam atacado até agora, e ela estava sentada com eles por um tempo. *Eles... eles não vão te machucar. Você está bem. Está tudo bem.*

Mais uma vez, ela se tornou física e apresentou seu pulso.

*Se o fizerem, Magnar apenas irá curá-la.*

Então ela entraria e tentaria novamente outro dia. Ou nunca. Dependendo muito do que aconteceria.

Desta vez, ela não recuou. Nada aconteceu enquanto eles cheiravam antes de pressionarem todo o rosto contra ela, como se estivessem tentando espalhar o cheiro dela em si mesmos. Então ela sentiu suas mãos pequenas e estranhamente macias agarrarem seu punho, antes de lhe darem uma lambida. Uma pequena e gentil lambida.

Delora soltou a respiração reprimida que estava segurando, como se isso fosse suficiente para impedir que o cheiro de seu medo flutuasse dela, e abriu os olhos.

Ela se virou para olhar quando eles tentaram trazê-la para mais perto. Eles não estavam sendo desagradáveis ou prejudiciais. Virando

a mão e abrindo-a, ela permitiu que eles segurassem seus dedos enquanto continuavam a cheirá-la.

Uma sensação de facilidade tomou conta dela. Delora se inclinou um pouco mais perto para que pudessem ter mais dela.

*Ok. Isso não é tão ruim.*

Isso foi até que eles começaram a subir pelo braço dela!

Delora congelou. Como eles não estavam tentando mordê-la, ela os deixou rastejar sobre ela com a cabeça inclinada para longe. Seu coração estava acelerado, mas ela tentou desacelerá-lo regulando sua respiração.

Em instantes, eles estavam por cima do ombro dela e levantaram os orifícios de seus narizes na direção de seu rosto, a apenas um centímetro de distância.

A carne deles era tão estranha.

Após uma inspeção mais detalhada, eles realmente não se pareciam com o vazio negro de um Demônio. A carne deles era de um cinza tão escuro que parecia preto. Era como a de Magnar, só que mais transparente. Como se a pele deles fosse tão fina e macia que ela pudesse ver o sangue roxo escuro logo abaixo da superfície.

A carne era mais grossa ao redor dos orifícios do nariz e onde ela achava que os orifícios das orelhas poderiam estar, mas o resto deles parecia quase... pegajoso. Como lodo espesso que parecia tão firme quanto um tijolo, mas quando tocado era líquido.

— Se você falar, — Magnar começou, antes que eles disparassem a cabeça em sua direção. — Vai ajudar.

— O-olá, — ela cumprimentou hesitante.

Eles viraram o rosto para ela e então viraram a cabeça como ela tinha visto Magnar fazer com frequência. Então eles correram para o ombro dela, quase como se estivessem alegres.

Uma mistura de emoções passou por ela, e ela sentiu-se relaxar ainda mais.

— Esta é a primeira vez que estivemos tão perto desde que você saiu. — Ela não tinha certeza do que mais deveria dizer, especialmente porque sabia que isso ainda poderia piorar.

*Eu me sinto como uma idiota falando com eles. Duvido que eles me*

*entendam.*

Eles correram novamente, antes de roçar o rosto contra o lado de sua garganta como se estivessem acariciando-a.

Eles se moveram rapidamente uma vez que lançaram a cabeça para trás, e Delora engasgou e enrijeceu. Eles se manobraram, e ela podia sentir que as pontas de suas mãos sem dedos eram macias e curvadas para trás contra a pressão, sem oferecer resistência enquanto se agarravam a ela.

Antes que ela percebesse, a criatura estava segurando seu peito, descansando em cima de seu grande peito com a cabeça sobre o coração. Eles começaram a vibrar, liberando esse som suave e tranquilo que teria sido perdido se ela não estivesse tão perto deles.

Um ronronar, delicado e contente.

Agora que ela os estava segurando, de repente eles pareciam tão pequenos, vulneráveis e fracos.

Eles não eram mais tão assustadores.

Eles não estavam fazendo nada além de ouvir os batimentos cardíacos dela enquanto inalavam profundamente, como se quisessem absorver o máximo possível de seu perfume a cada tragada. Seus narizes bufaram de satisfação, e suas mãos curvadas para trás tentaram afundar nela como se quisessem voltar para debaixo de sua carne para estarem seguros.

Eles eram quentes, ainda mais quentes que Magnar. Demônios sempre tinham um cheiro horrível, como um cadáver em decomposição, mas eles eram inodoros contra ela.

Uma emoção terrível a agarrou, torcendo seu estômago e intestinos em nós.

— Delora? — Magnar perguntou quando deve ter visto as lágrimas começando a se formar em seus olhos.

— Eu sinto muito, — ela chorou, sem saber com qual deles ela estava falando naquele momento. Ela sentia como se estivesse sempre se desculpando ultimamente.

Ela cruzou os braços sobre o peito para segurar a pequena criatura mais perto, antes de enterrar o rosto contra eles.

— Sinto muito — ela repetiu, desta vez para eles, seu bebê que



ela ignorou e tentou fugir. — Tudo o que você queria era sua mãe, e tudo em que eu pensava era em mim. Você deve ter ficado tão assustado e confuso sobre o mundo.

*Magnar disse que sempre vinham me procurar.*

— Você só queria estar comigo, queria conforto. — Seus pulmões soltaram seus soluços enquanto a culpa pesava sobre ela. Delora tinha vergonha de si mesma. — Eu-eu devo cuidar de vocês.

Eles fizeram algo que fez seus soluços piorarem. Eles levantaram o rosto e lamberam suas lágrimas, quase como se quisessem acalmá-la quando ela deveria ter feito isso por eles o tempo todo.

Magnar timidamente colocou as pontas dos dedos no ombro dela, como se estivesse preocupado em tocá-la. Ela ergueu uma das mãos e segurou a dele com força, precisando dele para confortá-la, para tocá-la de qualquer maneira.

Quando ela trouxe seu olhar para ele, seus orbes eram de um rosa flamingo brilhante. Ele se aproximou para envolver seu braço ao redor dela e puxá-la para seu lado. Ele a segurou com força e até começou a passar as pontas de suas garras pelo cabelo dela para acariciá-la.

— Você estava com medo, Delora, — ele tentou tranquilizá-la.

— Mas... se eu simplesmente parasse de ter medo, teria visto que eles só queriam ficar comigo. Eles são um bebê. Não importa o tipo ou a espécie. Eles são apenas um bebê que queria o conforto de sua mãe.

E com a dissipação de seu medo, o amor floresceu em seu lugar.

O espírito entre seus chifres se iluminou e, embora tivesse pontos em seu corpo que ainda eram carvão, estava mais brilhante do que antes.

— Eu sei que continuo dizendo isso, mas sinto muito pelo jeito que tenho agido. Eu continuo cometendo todos esses erros, — ela disse enquanto se inclinava para ele, avidamente tomando seu abraço. — Eu tenho evitado você porque você os tem mantido em meu lugar.

— Está tudo bem, meu pequeno corvo. — Ele passou as pontas

dos dedos sobre a pequena criatura que se aninhou sobre seu seio esquerdo e estava acariciando-a. — Tudo está bem agora. Isso é o que importa.

Ele trouxe seu longo rabo de raposa em volta da cintura dela como se quisesse aprofundar o abraço. Ela agarrou o pelo fofo, querendo tocá-lo por tanto tempo. Ela ficou emocionada com a forma como era macio, brilhante e fez cócegas na palma da mão.

Então Magnar bateu a ponta de seu focinho sob a mandíbula dela para acariciá-la também, permitindo que ela recebesse carinho de ambos ao mesmo tempo.

Delora se sentiu mais leve. Mais leve do que há muito tempo.

Magnar colocou a última pedra na fenda saliente que ele havia criado na cozinha antes de colocá-la permanentemente no lugar com argila. Ele estava grato por esta ser a última coisa que exigia argila, já que quase havia gasto seus recursos. Ele olhou para a lareira que tinha usado o resto dela.

Ele estava atualmente terminando a lareira da cozinha que Delora usava sempre que sentia vontade de comer, embora ele tivesse notado que ela só comia uma vez por dia. Depois de uma conversa entre eles onde soube que ela não sentia fome, talvez uma qualidade de Espírito, ele ficou menos ansioso com os hábitos alimentares dela.

Seus hábitos de sono também se tornaram algo melhor. Suas orbes mudaram para um amarelo brilhante com as memórias que ele tinha de vê-la acariciando seu filhotinho.

Delora não tinha mais pesadelos. Ele se perguntou se ela achava seu filhote reconfortante para dormir, sentindo suas respirações, batimentos cardíacos e calor, assim como faziam com ela.

Eles haviam se tornado um par inseparável.

Ele pode ter ficado consternado com isso, até mesmo com ciúmes ou solitário, se não fosse pela felicidade que irradiava nas expressões de Delora. Eram aquelas que ela frequentemente compartilhava com ele, dando-lhe sorrisos que se tornavam mais ternos a cada dia.

A marca escura sob seus olhos havia desaparecido, e Magnar muitas vezes encontrava seus lábios ligeiramente curvados, como se ela estivesse sorrindo para si mesma.

*Delora está... feliz aqui comigo.*

Seu longo rabo bateu contra o chão de madeira em seus pensamentos antes de se levantar, em vez disso, sentindo-o bater na parte de trás de suas pernas.

Com um murmúrio orgulhoso de si mesmo por finalmente ter completado a lareira, ele deixou seu olhar vagar sobre os balcões que ele completou dias atrás e então as prateleiras embaixo dele que não tinham portas. Ele gostou da expressão aberta deles e fez o mesmo

para as prateleiras acima. Ele duvidava que ela fosse capaz de alcançá-los, mas eram para ele, então ele não precisava se agachar toda vez que queria algo para si.

A cozinha era completa, as janelas tinham vidros e esquadrias, a porta era robusta. Todos os quartos foram construídos com portas temporárias feitas de toras. Ele as substituiria por mais tábuas de madeira no futuro quando voltasse para a Vila dos Demônios. A lareira estava pronta, assim como a varanda externa.

A única coisa que restava a fazer era mobiliar a casa.

Esta era uma tarefa pela qual Magnar estava animado.

*Ela prefere uma mesa de jantar oval ou retangular?* Ele ergueu a mão para poder bater com uma garra na lateral do focinho. *Quero fazer uma cama adequada para ela.* Ele não sabia se ficaria confortável nela, mas ela parecia confortável naquela em que dormiu na Vila dos Demônios. *Eu gostaria de deitar em uma com ela.*

O amarelo em seus orbes suavizou até que o azul começou a aparecer em sua visão. Ele sentiu seus ombros caírem.

*Eu não posso deitar com ela.*

Por mais que quisesse, por mais que tentasse, Magnar não conseguia.

Sentir seu corpo macio, gordo e quente contra o dele mexia com ele por dentro. Quando o cheiro de seu aroma de maçã e geada agarrava sua mente, acariciava-o em cada inspiração de seus grandes pulmões, ele descobriu que sua respiração finalmente começava sair dele.

O desejo de tocá-la aumentava nesses momentos, e ele se pegava apertando-a. Apertando enquanto o movimento atrás de sua costura se tornava tão intenso que ele se sentia começando a extrudir quando seus orbes se tornavam um roxo escuro.

Ele percebeu semanas atrás que, por mais que quisesse descansar ao lado dela, não podia mais.

Delora havia despertado nele um desejo sombrio.

Suas habilidades foram atrofiadas. Ele poderia aprender absorvendo conhecimento, mas não estava ficando mais inteligente, apenas mais experiente. Ele ainda tinha o mesmo nível de controle

sobre seu corpo, suas emoções, seus pensamentos, como tinha quando a conheceu.

Ele coçou a pena na nuca. *Preciso consumir mais humanidade.*

Ele precisava comer sua espécie se quisesse se desenvolver ainda mais. Ele não queria ter aquela conversa com ela.

Ele temia que ela se afastasse dele.

Ele abaixou a mão para poder olhar para as garras em ambas as mãos, sabendo que poderia embotá-las, mas elas seriam afiadas novamente em um dia. Também *doía* se ele as cortasse muito para trás e até vazasse sangue. Magnar tentou de tudo para encontrar uma solução, até mesmo algumas que foram dolorosas.

Mas Magnar sabia que não podia confiar em si mesmo.

Ele já havia mutilado seu corpo. Ele estava sempre à mercê de seus desejos, ainda incapaz de controlar seus tentáculos.

Ela o negara da última vez quando eles estavam nos degraus da varanda, e ele sabia que era porque ela temia que ele a machucasse. Ele não podia com absoluta confiança prometer a ela que não o faria.

Ela também nunca o abordou para isso.

Com um bufo irritado consigo mesmo, Magnar empurrou seus pensamentos sombrios para longe e saiu da casa.

Tinha chovido ontem, então seus cascos afundaram no chão mole enquanto ele caminhava até os fundos de sua casa.

No entanto, ela não estava no jardim.

Em vez disso, ela estava na macieira, tentando pegar um dos pedaços mais altos de fruta na ponta dos pés - ela comeu a maioria deles enquanto carregava o filhote. As pontas dos dedos roçaram o fundo irregular de uma maçã quando ela saltou para as pontas dos pés.

Magnar veio por trás de Delora para alcançá-la, esbarrando nela e fazendo-a ofegar com um susto. Ela se virou para ele assim que ele arrancou a maçã da árvore com facilidade.

Ela se virando para ele revelou duas coisas.

Delora tinha cores espalhadas por todas as mãos e rosto, e seu filhote estava aninhado em seu peito.

Eles levantaram a cabeça e cheiraram o ar em sua direção.

Então eles estavam se movendo para cumprimentá-lo, e Magnar estendeu o braço quando ficou óbvio que o filhote queria rastejar sobre ele como se estivessem acordados, cheios de energia e querendo perturbar alguma coisa.

O filhote deles só dormia quando eles estavam apegados a ela, mas ficavam animados quando se agarravam a ele.

Eles frequentemente puxavam as penas de Magnar e as *entorpeciam* com sua boca irregular. Ele não se importava, pois mal doía, e ele sempre os fazia crescer. No entanto, ele parecia bastante estranho quando seu filhote uma vez o depenou completamente. Eles então tentaram arrancar seu pelo longo - o que foi muito mais doloroso.

Ele sempre os devolveria a Delora antes que isso começasse a acontecer novamente.

— Você deveria ter me dito que estava com fome, — ele disse, oferecendo o pedaço de fruta para ela ao mesmo tempo que seu filhote terminava de subir em seu braço. — Eu teria pegado para você.

— Posso fazer as coisas sozinha. — Suas bochechas ficaram rosadas e ela mordiscou o lábio inferior. Ela esfregou o polegar sobre a maçã vermelha e brilhante na palma da mão. — Eu não queria te incomodar.

— Mas eu gostaria de ajudá-la, Delora. Eu quero fazer coisas para você.

Por alguma razão, suas bochechas ficaram mais brilhantes. No entanto, ela assentiu.

— O-ok. Eu vou, hum, pedir sua ajuda da próxima vez.

Então, com a cabeça baixa como se estivesse se sentindo tímida, ela caminhou em direção ao jardim. Ao mesmo tempo, ela deu uma mordida na maçã, um som alto e úmido enchendo seus ouvidos, antes que ela parasse na frente de sua pintura para examiná-la.

Ao longo da borda superior do telhado havia um pano que ele pregou para impedir que a chuva batesse em sua pintura. Atualmente, ele foi rolado para o lado, escondendo-o parcialmente da vista.

— Estou quase terminando, — Delora murmurou baixinho, já que ele a seguiu para dentro do jardim.

— Não estou surpreso, — ele respondeu, parando atrás dela para olhar seu trabalho. — Você está pintando isso desde que voltamos da Vila dos Demônios.

Delora virou a cabeça para ele com um sorriso.

Ele finalmente conseguiu o que queria vindo até ela, e toda a apreensão que ele estava sentindo anteriormente derreteu sob a expressão dela. Ela nunca saberia o quanto ele precisava ver seu contentamento naquele momento, para lembrá-lo de que, embora ele não pudesse tocá-la, ela ainda era dele, queria estar aqui e estava feliz.

— Você gosta dela?

Agora que a pintura dela estava quase completa, ele podia ver que o unicórnio estava parado em um campo com uma grande cachoeira atrás dele. Um arco-íris formava um arco entre as árvores de ambos os lados, e o céu estava claro com o início do amanhecer ou com o crepúsculo.

— É colorido, — Magnar respondeu com um tom apreciativo.

— Nunca vi tanta cor em um só lugar antes.

Suas feições relaxadas se contraíram em um sorriso brilhante, seus lábios se separaram, e ela se inclinou mais perto e o abraçou. Ela não passou os braços ao redor dele, já que suas mãos estavam cobertas de tinta, mas pressionou os cotovelos.

Magnar devolveu o abraço cruzando os braços sobre a nuca dela e segurando seus quadris, batendo a ponta do focinho contra o topo do cabelo dela afetuosamente.

— Obrigada. Estou muito feliz que você goste e não se importe que eu queira fazer isso. É muito bom me sentir aceita.

Magnar entendia como isso era, já que ela parecia estar fazendo o mesmo por ele, mas ele também estava cheio de orgulho de si mesmo por ela se sentir assim o suficiente para dizer a ele.

— Eu sempre vou aceitar você, Delora.

Ele não via como os outros não podiam.

Ela se afastou de seu abraço, e ele já podia ver que ela estava ficando impaciente para continuar. Ele gesticulou com a mão para que ela o fizesse.

— Como está a casa? Aposto que você está quase terminando

também.

Ela se abaixou para pegar um pincel, mostrando a curva generosa de sua bunda maleável. Magnar lambeu a parte externa de suas presas. Ele não pôde deixar de olhar, especialmente quando ela balançou de um lado para o outro, atormentando-o. Ele também sentiu isso pressionando contra ele momentos atrás, e foi por isso que ele esbarrou nela por trás. Ele estava criando qualquer motivo para ter contato entre eles, como se estivesse faminto por isso.

Ele queria cravar suas garras naquele traseiro carnudo, arredondado e rechonchudo. Ele queria agarrá-la com firmeza e empurrá-la contra ele enquanto se chocava contra seu calor úmido novamente.

Ela se levantou, roubando sua visão dela, e ele foi forçado a limpar a garganta. Ele cautelosamente deu um passo para trás.

*Você vai machucá-la.* Ele não podia permitir que sua mente captasse esses pensamentos e se aprofundasse ainda mais.

— Está pronta, — ele finalmente disse depois de estabilizar seu batimento cardíaco acelerado. — Só falta mobiliá-la.

Ela aprofundou um traço de vermelho no arco-íris que estava pintando como se não tivesse gostado de sua profundidade original e então começou a trabalhar a mesma cor no céu ao redor de uma nuvem roxa manchada pelo crepúsculo.

Suas sobrancelhas franziram com concentração.

— Isso vai ser divertido.

Ele gostava de como era adorável quando ela contraía seus traços assim. Seu narizinho enrugado, suas sobrancelhas franzidas, seus olhos semicerrados, seus lábios franzidos. Era uma das razões pelas quais ele gostava de observá-la.

*Espero que ela continue fazendo isso.* Magnar gostaria que ela pintasse cada centímetro de sua casa com cores. Mesmo que ela tivesse que montar em seus ombros para poder alcançar mais alto, Magnar iria gostar de tomar seu peso e vê-la trabalhar.

— Talvez você possa me fazer um, — suas palavras foram interrompidas quando ambos ouviram uma risada por perto.

— Orpheus e Reia estão aqui, — Magnar disse, apenas pegando



seus cheiros se aproximando com o vento soprando na direção oposta.

A surpresa que apareceu em seu rosto quando ela disparou em direção às árvores o confundiu.

*Ela não achava que eles voltariam?*

Ele não tinha percebido que ela estava preocupada com isso depois de seu último encontro com seu filhote.

Depois de alguns momentos, Orpheus e Reia apareceram. Reia estava em sua forma fantasmagórica. Magnar achou estranho, considerando que eles estavam sob a proteção de seu círculo mágico. Reia geralmente se tornava física quando ela entrava.

Orpheus carregava uma cesta, sem dúvida tendo comida e vários itens para eles. Eles raramente vinham de mãos vazias.

— Vocês voltaram — disse Delora quando se aproximaram perto do jardim.

Ela colocou o pincel na tigela com a tinta correspondente e se aproximou deles. Magnar também se aproximou, sentindo o filhote rastejando dentro de sua camisa.

— Claro que sim, — Reia disse, uma onda de humor em seus lábios. — Vai ser preciso muito mais do que uma mordida em um bebê para me assustar.

Orpheus soltou um pequeno grunhido, e seus olhos brilharam em vermelho momentaneamente. Eles rapidamente retornaram ao azul calmo de sempre.

— Você é contra isso — disse Magnar com a cabeça inclinada para o outro lado.

Ele sentiu o filhote interromper seus movimentos dentro de sua camisa, ouvindo atentamente os recém-chegados. Magnar duvidava que eles pudessem sentir o cheiro de Reia e Orpheus através de seu cheiro, já que eles estavam dentro de sua camisa.

— Não contra — Orpheus rejeitou secamente. — Só tome cuidado com ela porque ela não tem bom senso quando se trata de perigo.

— Claro, eu tenho, — Reia disse em uma voz cantante, seu sorriso se transformando em um sorriso grande e conhecedor. — Não vou me tornar físico, não até sabermos que não há problema em estar

perto do malvado *Caminhante do Crepúsculo*.

Seu filhote colocou a cabeça para fora no V aberto de sua camisa e começou a cheirar o ar na direção de Orpheus.

Reia bravamente se aproximou em sua forma fantasmagórica e olhou para eles. Ela apertou as pálpebras como se isso a ajudasse a ver melhor, antes de colocar a mão sobre os lábios com uma expressão pensativa.

— Ele não tem orbes flutuantes para os olhos como vocês tem,  
— ela afirmou enquanto o examinava.

Seu cheiro tornou-se mais rápido, e Magnar podia sentir o coração de seu jovem acelerando. Magnar não sabia por que, considerando que não seria capaz de sentir o cheiro de Reia na frente dele.

— Eles, — ambos Magnar e Delora corrigiram rapidamente ao mesmo tempo.

Ambos viraram a cabeça para olhar um para o outro, surpresos por terem falado ao mesmo tempo.

— Eles? — Reia franziu a testa com os lábios franzidos.

— Como os Caminhantes do Crepúsculo não têm gênero até que comam um humano, isso os torna andrógynos quando bebês. É por isso que dizemos eles, — Delora disse a ela.

Reia deu de ombros. — Eu acho que isso é justo. Você já tem um nome para eles?

Antes que qualquer um pudesse responder, seu filhote conseguiu rastejar para fora da camisa de Magnar. Em um piscar de olhos e mais rápido do que Magnar poderia reagir, seu filhote soltou um grito estridente e saltou para Orpheus.

Eles passaram direto por Reia, que recuou assustada enquanto piscava rapidamente. Eles se agarraram ao braço de Orpheus que segurava a cesta, mordendo seu antebraço.

Orpheus grunhiu de dor antes de sacudir bruscamente o braço para sacudir o filhote de cima dele. A cesta foi perdida no chão.

— Desculpe, — Orpheus rosou, obviamente mal controlando sua raiva. Seus orbes ficaram vermelhos em vez de brancos, revelando que ele não estava tão arrependido enquanto cobria o braço

sangrando.

Magnar soltou seu próprio rosnado de advertência, mas fora isso não estava  *muito* chateado. O bebê Mavka era basicamente indestrutível e nunca parecia sentir dor – mesmo quando pisado acidentalmente porque gostava de ficar sob os cascos de Magnar.

Seu filhote vomitou com o sangue em sua boca, limpando seu rosto e língua. Eles esfregaram o rosto na grama, desesperados para se livrar dele, como se a achassem realmente repulsiva.

*Eles não gostam do sabor de sua própria espécie.*

Magnar quase riu quando foi buscá-los.

Mavka nunca se interessaram em comer um ao outro. A raiva nunca provocou fome, apenas a necessidade de dominar quando lutavam.

Como se pudessem sentir o cheiro dele se aproximando, seu filhote se afastou das mãos estendidas de Magnar e disparou para a cesta. Eles cavaram sob o pano, suas perninhas balançando para fora enquanto eles arranhavam o que queriam.

*Eles não estavam atacando Orpheus.* Magnar mal resistiu ao impulso de rir à vontade. Ele estava pensando que algo horrível estava prestes a acontecer novamente.

Eles estavam comendo algo dentro da cesta de cana, e Magnar se agachou ao lado dela para esperar que terminassem de comer o que ele podia sentir era o cheiro de carne de veado limpa.

– Você foi caçar para nós – comentou ele, feliz em ver seu filho comendo pela primeira vez.

Orpheus se aproximou para observar também.

– Pensamos que talvez Delora ainda estivesse com fome, mas não tínhamos certeza se você gostaria de arriscar sair caso ela aparecesse ao seu lado, mas o bebê não.

Magnar nunca havia considerado esse risco. Ele só não queria deixar nenhum dos dois lados – especialmente agora que ela e o filhote eram inseparáveis. Ele gostava de vê-los juntos. Eles eram sua... *família*. Ele cuidou deles e não queria ficar sem eles nem por um momento.

Quando eles comeram tudo o que queriam, seu filhote saiu da cesta para sentar-se em seu traseiro. Eles lamberam suas estranhas

mandíbulas, batendo-as abrindo e fechando enquanto trabalhavam com a língua.

Então, antes mesmo de vê-los, seu filhote de repente ficou maior.

O que antes cabia em apenas uma das mãos de Delora, agora era maior para caber perfeitamente em uma das mãos dele. Nada crescia sobre eles, eram praticamente iguais, apenas maiores.

— Eles cresceram! — Delora engasgou, enquanto se aproximava.

Seu filhote soltou um estridente enquanto corria em direção a Delora. Ela hesitou momentaneamente, sendo cautelosa, pois isso era sábio com eles, mas eles se viraram na frente dela e rosnaram para Orpheus. O filhote deles recuou até que eles estivessem descansando sobre um de seus pés.

Delora soltou uma risada e se curvou, pegando-os para embalá-los em seus braços. Eles continuaram a rosnar para Orpheus, ocasionalmente soltando um som semelhante a um latido mutilado.

— Você está tentando me proteger? — Delora perguntou, aninhando sua bochecha contra a deles. — Isso é muito gentil da sua parte, mas você é um pouco pequeno.

Orpheus soltou um zumbido pensativo.

— Talvez seja por isso que eles atacaram da última vez.

— Eles simplesmente não nos conhecem, — Reia acrescentou, antes de se tornar física.

— *Reia*, — Orpheus advertiu.

Ela o ignorou enquanto se aproximava.

— Posso? — Reia estendeu a mão na direção de seu filhote com a mão fechada em punho para proteger os dedos.

— Claro. — Delora deu de ombros. — Se você quiser enfrentar a possibilidade de ser mordida.

Delora se certificou de que os segurava com força.

Tanto Magnar quanto Orpheus lotaram as duas fêmeas, prontos para intervir se algo desse errado.

— Olá, pequenino, — Reia cumprimentou, aproximando a mão para deixá-los cheirar.

Eles não se importavam. Eles não sabiam o que ela estava fazendo, quem ela era, ou que ela estava segura. Eles apenas continuaram a afastá-la, contorcendo-se nos braços de Delora para serem livres.

Reia se atreveu a passar as pontas dos nós dos dedos sobre o nariz deles, deixando-os saber que o cheiro que os tocava era suave e não iria machucá-los.

Depois de alguns golpes, eles diminuíram suas lutas, mas não silenciaram seus rosnados.

— Você já os nomeou? — Reia teve que recuar a mão rapidamente antes de ser mordida.

Ela abaixou o braço, talvez pensando que já era um começo suficiente por enquanto. Eles se acalmaram assim que ela e Orpheus os distanciaram um pouco. No entanto, era óbvio que eles ainda estavam angustiados com os rosnados e gemidos que emitiam enquanto se enroscavam em Delora protetoramente.

— E-eu acho que sim. — Um toque de rosa começou a surgir em suas bochechas bronzeadas. — Mas não tenho certeza.

Os orbes de Magnar ficaram amarelos brilhantes de alegria.

— Você tem um nome para eles?

O rosto de Delora corou ainda mais, de modo que a vermelhidão começou a se espalhar por suas orelhas e pescoço e peito. Ela mordiscou o lábio inferior, seus olhos se recusando a encontrar qualquer um deles enquanto eles disparavam ao redor.

— *Por favor, não ria de mim. — Quando ninguém disse nada, esperando ansiosamente, ela respirou fundo. — Fyodor.*

— Fyodor? — Ele veio até eles e começou a acariciar o topo da cabeça de seu filhote cuidadosamente com a ponta dos dedos. — Esse nome também tem um significado?

Magnar gostou que seu nome significasse protetor. Ele gostava que era assim que Delora o via. Ele se perguntou se ela havia pensado tanto no nome de seu filhote.

Ela assentiu.

— Sim. Significa dom dos Deuses.

— Você acha que eles são um presente de um Deus? — Rosa

flutuou em seus orbes enquanto um calor percorria todo o seu ser. — Você acha que eles são preciosos assim?

— Você gosta dele? — ela perguntou ao invés de responder, desconfortável com o olhar atento de todos sobre ela.

— Sim. Muito mesmo.

— Fyodor, hein? — Reia deu um sorriso, tentando olhar ao redor de Magnar para que ela pudesse olhar para seu filhote. Então ela foi até a cesta e a abriu para olhar dentro. — Parece que Fyodor é um garoto faminto. Eles comeram toda a carne que trouxemos para você. — Então ela suspirou. — Mas nem um único vegetal. Acho que eles seriam como qualquer outra criança evitando suas verduras.

Magnar não sabia se ela estava brincando ou não, considerando que ela devia saber que Mavka não comeria essas coisas.

— Você acha que ela está certa, Magnar? — O nervosismo de Delora, e talvez a alegria, desapareceram quando uma ruga de preocupação se espalhou por suas sobrancelhas escuras. — Eles nunca choraram por comida como um bebê normal, mas será que estão com fome?

— Se eles são Mavka, então eles sempre estarão com fome — afirmou Orpheus com naturalidade.

Delora olhou para Magnar com expectativa, como se ele tivesse as respostas que ela procurava quando ele não tinha nenhuma.

Ele coçou a nuca. Orpheus estava certo, Fyodor sempre estaria com fome.

No entanto...

— Talvez devêssemos levá-los para caçar.

Magnar foi forçado a segurar Fyodor enquanto ele caminhava pela densa e perigosa floresta do Véu. Fyodor deu pequenos gemidos, farejando o ar em busca de Delora que estava atualmente em sua forma de Espírito.

— Está tudo bem, Fyodor — ela disse para confortá-los. — Eu estou bem aqui.

Seus sons diminuíram, mas mal. Eles não gostavam de não poder sentir o cheiro dela.

Magnar os direcionou para um dos caminhos mais seguros na encosta do penhasco para escalá-lo, dando passos longos e rápidos. Delora foi capaz de acompanhá-lo, pois ela só precisava pairar.

— Eu me pergunto de onde fui jogada, — Delora murmurou baixinho.

Magnar olhou para ela de lado, descobrindo que ela não parecia deprimida ou chateada. Seu rosto estava cheio de uma carranca pensativa enquanto ela olhava em volta.

*Ela está curando.* O que quer que afligisse sua mente estava desaparecendo e trouxe contentamento para Magnar. Ele esperava que fosse por causa dele.

Isso não significava que ele não ficou com raiva porque sua própria espécie a jogou no Véu para morrer ou ser comida por demônios. Que eles tinham sido cruéis com ela.

*Se não fosse pela Coruja Bruxa deixando-a cair sobre mim, eu nunca teria tido a chance de conhecê-la.*

Ele também não estaria segurando Fyodor em seus braços, e ele gostava deles ali.

Magnar nunca havia compartilhado que ele, de certa forma, era grato por todas as coisas terríveis pelas quais ela passou. Eles foram infelizes trampolins para alcançá-lo.

Ele sabia que era egoísta.

Ele sabia que era errado pensar dessa maneira.

Mas sem eles, ela não teria dado a ele sua alma.

Assim que chegaram ao topo do penhasco e ao lado humano

do mundo, Magnar viu que a neve cobria o chão, embora fosse principalmente irregular. Era tão tarde no outono que o mundo estava começando a congelar.

O orifício de seu nariz exalava respirações nebulosas em vez de claras.

Diante deles, havia árvores que eram finas e mais espalhadas, o que era tão diferente da densa floresta do Véu.

— Você pode se tornar sólida agora, Delora, — Magnar disse quando ele começou a liderar sua jornada.

Delora virou a cabeça por cima do ombro para espiar a beira do penhasco. — Ainda não estamos muito perto?

— É dia. — Magnar olhou para o sol brilhante que brilhava através das folhas acima, sentindo seu calor sutil. Ele deixou-o aquecê-lo em boas-vindas. Muitas vezes ele se esquecia do quanto gostava do mundo da superfície. — Não consigo sentir o cheiro de nenhum Demônio à espreita nas sombras próximas, e eles serão incapazes de escalar as paredes do penhasco na luz.

Em sua resposta, Delora se tornou física e virou o rosto para o sol também. A Terra estava fria no momento, então ele estava grato por ela estar usando roupas compridas e botas.

Ela ainda deu um pequeno arrepio que aliviou quando Fyodor lutou em seus braços, e ela os segurou.

*O calor deles vai aquecê-la.*

Agora, para a parte difícil. Magnar precisaria manter *todos* os seus sentidos abertos para o que estava ao seu redor enquanto eles atravessavam a floresta e se afastavam do Véu.

Os animais tendiam a não se demorar em qualquer lugar perto da fronteira por instinto. Centenas de anos os ensinaram que chegar perto do Véu significava morte certa, e qualquer animal hibernando o fazia em lugares distantes.

Quando eles estavam profundos o suficiente depois de caminhar durante a maior parte da manhã e meio-dia, Magnar sentiu o cheiro potencial de algo na área que ele pensou que poderia ser adequado para o pequeno Mavka comer.

Um pouco além do arbusto, os sons de um riacho escorrendo



encheram seus ouvidos sensíveis. Ele seguiu nessa direção, sabendo que os animais tendiam a se reunir em torno de corpos d'água em movimento.

Ele sentiu o cheiro de um pequeno rebanho de veados nas proximidades, mas pensou que poderia ser muito grande para Fyodor comer. Havia também uma raposa, algo que ele pensou em caçar, mas não queria colocar em perigo as duas delicadas criaturas que trazia consigo.

*Não caço desde que ela me deu sua alma.*

Ele esperava não se transformar em uma besta irracional e começar a perseguir animais pela floresta com uma intenção sedenta de sangue.

Seus orbes brilharam momentaneamente em um rosa avermelhado. *Não quero que Delora me veja assim.*

Não, ele preferia encontrar algo mais fácil de obter.

Magnar levou os dois para onde ele podia sentir o cheiro de animais aninhados sob o solo. Um pequeno buraco de apenas cinco centímetros de largura havia sido cavado na terra bem entre os arcos das raízes das árvores. Ele se agachou de joelhos, sem se importar com a sujeira da calça, para aumentar aquele buraco com as garras.

Ele teve o cuidado de não lançar sujeira na direção de Delora, recusando-se a obter sequer uma especificação de seu vestido.

Assim que ele estendeu o braço no buraco de entrada agora maior, a direção dos ventos suaves mudou. Um cheiro flutuou em sua direção.

Magnar fez uma pausa enquanto os examinava com rápidas fungadas.

*Há humanos por perto.* Provavelmente caçadores, já que ele também podia sentir o cheiro de sangue de veado no ar.

No passado, Magnar teria sido atraído pelo cheiro do sangue em vez dos humanos, carne sangrando agarrando sua mente como um conjunto de garras cravando em seu cérebro. Se os humanos o avistassem e fugissem aterrorizados, sua mente sedenta de sangue e cheia de fome teria se concentrado no cheiro mais tentador.

Quando Magnar se alimentava de humanos no passado,

geralmente eram pelo menos dois de cada vez. Eles raramente deixavam suas cidades juntos em grandes grupos para manter seus cheiros misturados mínimos.

Já que ele não sentia mais fome, ele não era mais atraído por essas coisas. Em vez disso, ele apenas os notou. Pelo que ele podia dizer, eles não estavam perto o suficiente para garantir que ele abandonasse esta toca para encontrar uma fonte diferente de comida para Fyodor.

Magnar ouviu o grunhido de um veado e o cheiro de sangue de veado se intensificou.

Ele virou a cabeça para Delora. *Parece que o nariz de Fyodor não é tão bom quanto o meu.* E ele poderia dizer que ela não podia sentir o cheiro deles também.

*Eu não quero preocupá-la.*

Já que ele não podia ouvir nenhum humano gritando ou vindo em sua direção – eles geralmente eram bastante barulhentos com seus passos desajeitados – ele não sentiu a necessidade de dizer a ela.

Ele enfiou a mão na toca e suas garras roçaram em algo peludo e em movimento. Guinchos angustiados soaram. Ele manteve sua visão em Delora para se certificar de que ela não estava ficando chateada.

Ela não pareceu ouvi-los enquanto se inclinava sobre o buraco onde a maior parte do braço dele havia desaparecido. Seu rosto estava cheio de interesse, segurando Fyodor de perto para se certificar de que eles estavam seguros.

Empurrando o braço mais fundo até que a cavidade esférica de seu ombro estivesse pressionada contra a abertura da toca, ele tentou pegar uma das múltiplas criaturas que estavam pulando sobre sua mão e entre seus dedos.

Ele finalmente pegou um e puxou o braço para trás, segurando a pata traseira de uma lebre marrom selvagem. A lebre guinchou enquanto se contorcia em suas mãos.

Fyodor farejou o ar, absorvendo o novo cheiro, mas fora isso não estava interessado.

— Você quer se afastar? — Magnar perguntou, sem saber se ela

ficaria preocupada ao vê-lo matá-lo.

Delora deu de ombros. — Isso parece um pouco grande demais para Fyodor.

Magnar o inspecionou, percebendo que era quase do mesmo tamanho de seu filhote. Talvez fosse grande demais para o estômago de uma criatura tão pequena, mas ele aprendera que os ratos da floresta eram mais difíceis de pegar. Suas tocas eram muito pequenas para ele alcançar, e elas escaparam facilmente pelas aberturas de seus dedos grandes.

Sentindo que Delora se importava mais com a alimentação de seu filhote do que com o que estava prestes a fazer com a lebre, ele passou a mão em volta da cabeça e quebrou seu pescoço para que morresse sem dor e sem gritar.

— Se eles não comem tudo, então eles não comem tudo.

Magnar cobriu a abertura da toca com terra, neve e gravetos para impedir que os outros escapassem caso quisessem levar o resto para casa. Ele optou por levar uma mochila para o caso de encontrarem algo que quisessem levar consigo.

Ele deitou a lebre na grama ao lado de um grande pedaço de neve e deu um passo para trás enquanto se agachava. Ele fez um gesto para ela.

Delora lutou para tirar Fyodor de cima dela, que se agarrou desesperadamente à mãe em protesto. Ela conseguiu arrancá-los e colocá-los no chão ao lado da lebre.

Fyodor virou a cabeça para cada um deles com os buracos do nariz abrindo e fechando, antes de correrem lentamente para a lebre. Eles o cheiraram com curiosidade.

Eles esbarraram nele, arranharam-no e pisaram nele, antes de finalmente se sentarem em cima dele, montando em seu corpo.

— Por que eles não estão comendo? — Delora murmurou com as sobrancelhas franzidas.

— Talvez eles não entendam.

Magnar perfurou sua carne peluda com sua garra, abrindo ligeiramente seu estômago.

Uma cheirada do ar recém-cheio de sangue, e Fyodor saltou

para ele. Agarrando seu corpo para mantê-lo imóvel, eles morderam uma das patas traseiras. Eles puxaram até arrancá-lo facilmente, mostrando sua força oculta. Então eles ergueram a cabeça para trás com ela presa na boca, abriram surpreendentemente a boca e começaram a engoli-la inteira.

Magnar e Delora assistiram juntos enquanto Fyodor fazia isso com cada um de seus membros. Delora franziu o rosto como se achasse isso perturbador, talvez nojento junto com os sons de rasgar e engolir que podiam ser ouvidos.

A boca de Fyodor se abriu para absorver seu longo corpo, engolindo-o completamente antes que eles trabalhassem a cabeça.

Nada foi deixado sem comer, como se não importasse que o tamanho da lebre combinasse com o deles. Foi apenas absorvido.

Assim que terminaram, batendo no interior da boca, sentaram-se no chão com as perninhas abertas à frente. Em seguida, eles viraram a cabeça para Magnar, depois para Delora, e deram um estridente e trêmulo feliz que soou quase como uma risadinha arrotada.

Delora ria enquanto Magnar ria, nenhum deles tendo ouvido tal som antes.

Com o rosto de Fyodor apontado para Delora, seu tamanho mudou instantaneamente. Eles cresceram duas vezes mais.

Essa não foi a parte mais estranha.

Suas patas traseiras estendidas se transformaram em algo completamente diferente, quase mais longas nos pés, até Magnar perceber que elas se tornaram parecidas com lebres. Ossos começaram a se formar por todo o corpo, cada um, como as vértebras da coluna e os ossos das pernas e dedos dos pés, podendo ser vistos na carne cinza escura de sua pele. Suas mãos cresceram em uma forma real, em vez de bolhas, com as costas revelando ossos e dedos. Ao redor do torso, uma caixa torácica começou a subir pela carne até que até o esterno e os ombros pudessem ser vistos.

Então, finalmente, o branco começou a se projetar no topo de suas cabeças, levantando-se lentamente até que um crânio de lebre, com presas - fazendo com que parecesse mais predatório do que a lebre que eles comeram originalmente - foi revelado. As presas caninas

mais afiadas que Magnar tinha estavam mais próximas e assentavam-se quase na ponta do focinho.

Eles soltaram um suspiro pelo novo nariz.

O som que eles emitiram era novo, mais como um *bawk*, e então eles começaram a ronronar. Eles se viraram para ir para Delora.

Isso foi até que o crânio recém-formado começou a cair para o lado, grande demais para o corpo, e caiu no chão com o resto do corpo preso a ele.

Fyodor ficou agitado porque eles não conseguiam segurar o peso de suas próprias cabeças sozinhos. Eles começaram a arrastá-lo para trás enquanto tentavam rastejar para o lado, seus pés de nadadeiras tropeçando em si mesmos.

Fyodor deixou uma marca perceptível na mistura de terra e neve.

— Meu pobre bebê. — Delora tentou conter suas risadas quando as pegou. — Talvez não devêssemos ter deixado você comer a cabeça, mas não achei que você criaria um crânio!

A cabeça de Fyodor caiu para trás, expondo seu pescoço, e Delora a ergueu para eles. Ela não pareceu notar que o novo rabo de tufo redondo na parte inferior de sua espinha estava balançando.

— Também não pensei que de repente você desenvolveria ossos ou realmente seria sólido. Você está muito mais pesado agora!

Por mais que Magnar tenha ficado impressionado com a experiência, isso o deixou se perguntando se foi assim que seu corpo começou a tomar forma. Ele olhou para seus cascos e se perguntou se talvez a Bruxa Coruja o tivesse alimentado com uma perna de veado primeiro, e é por isso que suas pernas ficaram assim.

*De que outras partes de animais eu sou feito?*

Obviamente, ele comeu uma raposa para ganhar seu crânio... e os chifres de um cervo. Mas que corpo ele comeu primeiro? Que mãos? Magnar sabia que o pelo que crescia sobre seu corpo era parte de raposa, enquanto grande parte dele estava coberto de penas.

*Eu queria que Fyodor se parecesse comigo.* Uma parte de seu coração afundou. *Eu deveria ter caçado a raposa.*

Se soubesse que absorveriam a lebre completamente e

começariam a assumir suas características físicas, teria tomado uma decisão diferente. *Se eu soubesse...*

— Eles parecem tão fofos! — Delora gritou alto, trazendo Fyodor para mais perto para que ela pudesse abraçá-los pressionando sua bochecha contra o topo de seu crânio de lebre branco. — Pensei que vocês tivessem apenas crânios de predadores, já que você e Orpheus têm um.

*Também achei.* Mas sua decepção diminuiu com o quão emocionada Delora parecia segurando seu filhote muito maior em seus braços. Ela até balançou de um lado para o outro.

Ela virou o rosto para Magnar com um sorriso brilhante, que aqueceu seu interior e fez sua visão começar a se transformar em roxo. *Eu gosto quando ela me olha assim.* Eles eram atraentes, até viciantes.

Caiu quando ela olhou para além dele.

Ele se abaixou para encontrar um cervo olhando para eles além das árvores. Ele tinha uma flecha presa em suas costas e congelou no local como se estivesse com medo de que o movimento revelasse que ele estava lá.

Magnar estava tão absorto nas novas mudanças de Fyodor e na empolgação de Delora que não estava prestando atenção nos arredores.

O sangue que escorria de seu ferimento havia secado quase todo, revelando que já fazia um tempo desde que os humanos atiraram nele. Felizmente, estava longe o suficiente para não deixar Fyodor furioso.

Eles também podem estar cheios. Magnar não tinha memória de como era estar no palco deles além de conhecer um cheiro reconfortante. Provavelmente a Coruja Bruxa.

— Há uma flecha saindo de suas costas, — Delora disse calmamente enquanto se aproximava de Magnar. Seus olhos estavam arregalados, mostrando mais o branco deles, enquanto ela olhava ao redor com cautela. — Parece realmente fresco. Talvez devêssemos ir embora.

— Não consigo sentir o cheiro de nenhum humano diretamente por perto — Magnar respondeu com a mesma suavidade. — Mas

talvez você esteja certa.

Eles fizeram o que vieram fazer aqui. Permanecer por mais tempo seria uma tolice. Caçadores eram bons em esconder seus sons para não assustar suas presas, mas Magnar podia sentir o cheiro de dois humanos se aproximando.

Ele se virou para Delora.

— Você quer que eu pegue mais coelhos? — Ele gesticulou com o focinho em direção à toca. — Posso levar mais alguns para que tenhamos comida para eles.

— Claro, — ela disse enquanto mordia seu lábio inferior. — Mas eles meio que ficaram realmente grandes de repente. Talvez devêssemos observar o quanto eles comem.

Com um aceno de cabeça, Magnar se aproximou da toca.

Assim que ele estava prestes a se agachar, ele soltou um som de *euk* enquanto tropeçava para o lado. A dor perfurou sua garganta. Ele cobriu os pequenos buracos que começaram a vaziar sangue pelos dois lados do pescoço, como se o que quer que o tivesse atingido tivesse atravessado sua carne e saído do outro lado.

Vermelho instantaneamente brilhou em sua visão, e ele soltou um rosnado.

— Magnar! — Delora gritou, correndo para mais perto para checá-lo.

Seu pelo e penas incharam. Ele a empurrou bem a tempo antes que uma segunda flecha pudesse perfurar seu ombro. Ele propositadamente pegou a arma em seu lado quando saltou para frente. Ela caiu de costas com um suspiro.

Magnar virou a cabeça na direção de onde as flechas vieram. Ele havia confundido os aromas humanos com algo distante, quando na verdade eram apenas diluídos por máscaras de aromas.

Por mais que sentisse dor, havia apenas um pensamento que passou por sua cabeça. Um que fez sua visão ir para uma cor carmesim tão profunda e hostil que quase o cegou.

*Eles quase atiraram em Delora!* Seu rosnado se aprofundou em sua garganta e se tornou mais raivoso – apenas para ser interrompido quando ele ouviu o assobio de outra flecha atirando à sua esquerda.

*Eles poderiam ter atirado no novo crânio de Fyodor.*

Seu filhote agora tinha uma vulnerabilidade gritante, tornando-os ainda mais preciosos.

Ele ergueu a mão e apertou a haste antes que a ponta da flecha pudesse chegar perto de sua carne.

Virando-se lentamente em direção aos atacantes, sua forma começou a mudar. Mais pelos e penas cresceram de seu corpo enquanto sua roupa afundava sob sua pele. Ele foi forçado a descansar o peso nas mãos devido à mudança na curvatura de sua coluna, tornando-se mais em forma de raposa.

— *Proteja-se,* — Magnar gritou para ela, sua voz ficando mais profunda e distorcida quando a saliva começou a escorrer entre suas presas quando ele abriu a mandíbula em advertência.

Ele não precisava avisá-la.

Delora já havia se tornado incorpórea em estado de choque. Ela atualmente pairava logo acima do solo como se estivesse sentada.

— Por que eles estão atacando?

Magnar não respondeu, não quando outra flecha foi disparada, e atravessou sua forma fantasmagórica para cravar no chão bem ao lado de sua mão.

Seu coração deu um pontapé de raiva, arremessando sangue quente mais rápido por todo o corpo.

Ele ergueu os dois braços e bateu os punhos no chão antes de soltar um rugido sombrio e estrondoso. *Se Delora fosse física, aquela a teria perfurado!*

Magnar saltou para a frente, seus pulmões bombeando tão irregularmente em seu peito que ele pensou que poderia explodir sob a pressão. Suas baforadas eram pesadas e ásperas, queimando como ácido em seus pulmões a cada inspiração enquanto ele procurava por aqueles próximos. Aqueles que ousaram tentar *ferir* sua preciosa noiva.

A única razão pela qual ele sabia que estava se aproximando de um era por causa da respiração sutil que vinha deles. Eles estavam escondidos sob um manto branco que os camuflava na neve. O cheiro de casca e sujeira, quase completamente escondendo seu cheiro humano dele - *quase*.



Antes que o humano pudesse pensar melhor em sua situação e escolhas, começando a se ajoelhar para se levantar, Magnar golpeou suas garras enquanto corria por cima deles.

O sangue espirrou de sua cabeça decapitada enquanto ele caía para o lado. *Como eles ousam atacar minha noiva.*

Talvez um Demônio inferior pudesse ter sido enganado por tal truque, mas Magnar era um Mavka. Todos os seus sentidos eram melhores que os de um Demônio. Eles pensaram que ele era igual a eles... tentando aproximá-lo das pessoas que estavam propositadamente gritando com sangue de veado sobre eles. Uma armadilha.

Um que não funcionaria porque ele tinha a alma dela.

Pelo que podia dizer, havia pelo menos seis humanos, sete se contasse o que acabara de matar.

*Caçadores de demônios*, ele pensou com malícia.

Ele cometeu um erro tolo ao pensar que eles eram apenas caçadores.

Os Caçadores de demônios eram muito mais astutos na maneira como caçavam suas presas - já que suas presas gostavam de caçá-los em troca. Eles frequentemente viajavam em grandes grupos e escondiam seus odores humanos sob a natureza, seja manchando seus corpos em casca de árvore, sujeira, seiva ou qualquer outra coisa que os encobrisse. Eles também se abrigavam em peles de animais como aquele que estava deitado no chão.

Eles tendiam a se mover lentamente, reduzindo a quantidade de barulho que faziam para se posicionarem e se esconderem nas árvores, ou mesmo atrás ou dentro dos arbustos.

Normalmente eles eram mais pacientes do que isso. Eles caçavam um cervo e esfolavam seus corpos ao longo do dia para que pudessem pendurá-lo à noite, atraindo demônios para que pudessem ser mortos.

Mas Magnar podia andar à luz do dia. Eles devem tê-lo visto quando estavam caçando sua isca.

Ele era grande, muitas vezes facilmente visto mesmo de uma grande distância. Talvez eles tivessem alguém observando

silenciosamente, que ouviu ele e Delora falando e transmitiu suas informações para os outros.

Magnar já havia encontrado Caçadores de Demônios antes - no meio de uma caçada enquanto eles lutavam impiedosamente contra Demônios e muitas vezes venciam com poucas baixas.

Ele só lutou contra eles uma vez antes, e isso porque o cheiro daqueles que foram mortos o atraiu para mais perto. Ele geralmente comia um ou dois desde que começava a comer, ficando protetor de sua refeição, enquanto lutava. Isso deu aos outros uma chance de fugir silenciosamente.

Mas Magnar sabia que não pararia de matar até que todos os humanos nesta vizinhança estivessem mortos. Sua raiva não era irracional, era calculada, pensada para garantir que nada e ninguém pudesse segui-lo para proteger Delora e Fyodor.

— Vá atrás da garota! — ele ouviu um grito em voz baixa.

— Ela é humana, senhor, — alguém respondeu.

*Fique longe dela!* Magnar foi na direção das vozes.

— Eu não me importo com o que ela é. Ela fez aquele Caminhante do Crepúsculo ir para a Vila Ackermeadow e levar aquele menino. Ela está com ele, escolheu seu lado e agora pode morrer junto com ele.

Magnar inclinou a cabeça para isso.

Delora nunca tinha feito Magnar fazer tal coisa, mas ele sabia *exatamente* quem tinha. Reia e Orpheus trouxeram o humano de que estavam falando para sua caverna e deram a ele para comer para ajudar a aumentar sua humanidade. Chad, Magnar acreditava ser o nome dele. Ele não teve escrúpulos em comer o homem gritando e cheio de medo na época.

Ele definitivamente não o fez quando soube que havia atormentado sua amiga.

Agora ele entendia seu desejo de vingança.

Esses Caçadores quase machucaram sua jovem, sua preciosa noiva - eles estavam planejando usá-la contra ele.

— Senhor, não acho que estamos prontos para algo assim. É um Caminhante do Crepúsculo. Ele já matou um dos nossos homens!

— Esta é sua primeira missão oficial e, se você morrer agora, a guilda não vai querer diminuir sua força com sua fraqueza!

*Eu os destruirei.*

— Merda! — alguém gritou, assim que eles dispararam uma flecha.

Magnar propositalmente correu direto para ela, enquanto outra pessoa rolava para o lado para se esquivar.

O humano que atirou a flecha ainda estava escondido nos arbustos, e acertou o bíceps de Magnar quando ele saltou para o arbusto. Então ele sentiu a mordida dolorosa de uma adaga afundando em seu lado enquanto ele fechava suas presas ao redor de sua cabeça e apertava.

*Eu destruirei todos eles!*

Ele sacudiu sua presa, sacudindo a cabeça enquanto a mulher gritava e finalmente deu a ele a primeira lufada de medo. Estes eram Caçadores de Demônios, sem medo até que estivessem certos da morte.

Sua massa cerebral se desmanchou através de suas presas quando ele finalmente as fechou. Ela ficou imóvel.

— Magnar!

Ele girou nos quatro membros e galopou direto na direção que ouviu Delora gritar.

— Que porra é essa? — o Caçador que a perseguia grunhiu. — Por que não posso agarrá-la?

— Não sei, — outro respondeu, assim como Magnar se esquivou de uma árvore para contorná-la. Os dois homens apareceram. Os olhos do Caçador se arregalaram quando ele viu Magnar vindo para eles, antes que ele os estreitasse em um brilho. Ele puxou a espada da bainha. — Atenção!

Ambos os Caçadores mergulharam para o chão e rolaram para fora de seu alcance, caindo de pé para se colocarem em uma posição defensiva. Magnar deslizou pelo chão e rugiu na direção deles.

Uma flecha perfurou a pele de suas costas, mas ele recuou quando os Caçadores avançaram com suas armas levantadas.

Sob as peles de urso que ambos usavam, roupas pretas e

elegantes cobriam seus corpos completamente, exceto pelos olhos.

Magnar agarrou a ponta da espada que um homem estava segurando, enquanto o outro conseguiu cortá-lo no estômago enquanto passava correndo por ele. Então ele girou e cortou suas costas. A espinha de Magnar arqueou devido à dor, mas ele apenas se concentrou no Caçador na frente dele. Ele puxou a espada em sua direção, derrubando o humano que imediatamente soltou sua arma.

Seu tropeço permitiu que Magnar cortasse seu rosto com suas garras.

Nenhum dos dois cheirava a medo, apenas suor agora que eles estavam se movendo rapidamente. Isso permitiu que ele soubesse que o Caçador que o cortou estava correndo em sua direção por trás.

Magnar virou apenas a cabeça como um pássaro para olhar por cima das costas. Seu corpo seguiu, mais lento em movimento, mas permitiu que ele avaliasse seu próximo movimento quando ele se virasse completamente.

Ele mergulhou para frente para ficar de bruços. Ele errou a espada voando pelo ar acima de sua cabeça, então ele se lançou para frente para afundar suas presas em sua perna e puxar.

Em vez de terminar a matança, ele girou o humano e o jogou no outro. Ambos caíram no riacho atrás deles com um splash.

Outro Caçador apareceu.

Restavam pelo menos mais três além disso, mas era difícil dizer com seus aromas básicos de camuflagem.

Um continuou a disparar flechas que o erraram por pouco. Ele estava agradecido por isso, pois seu corpo estava ondulando em agonia devido às múltiplas perfurações que ele tinha, as flechas projetando-se de seu corpo como múltiplas barbatanas de vela e os graves ferimentos cortantes que ele tinha em seu torso.

Mas sua dor foi diluída em sua raiva fervente, suas penas inchadas em agressão até que ele fosse uma bola de *ódio desenfreado*. Delora se foi, provavelmente se escondendo atrás das árvores.

Seus pensamentos eram silenciosos, apenas o instinto chamava.

Uma corda se enroscou em seu tornozelo quando ele saltou para agarrar o terceiro humano que havia chegado a esta área entre as

árvores, mas não foi o suficiente para salvá-los de suas garras. Em vez disso, ajudou-o. Ao invés de agarrar o Caçador, Magnar foi arrancado de seus pés.

Suas garras arranharam o torso do Caçador, perfurando sua frente e garantindo que sua morte seria longa e dolorosa, em vez de rápida.

Ele se virou e passou as garras pela corda velha e puída para se libertar, mas nada aconteceu. Ele tentou novamente, mas não conseguiu cortá-la quando dois Caçador o puxaram pelo chão. Ele estendeu a mão e a ergueu, antes de arrastar os dois humanos para frente com sua força.

Magnar começou a roê-la.

Outra flecha foi lançada e pousou logo acima de sua bunda, fazendo-o ganir.

A corda se recusou a arrebentar e, quando isso não aconteceu, ele percebeu que estava preso nela. Foi encantada com algum tipo de feitiço. Magnar rosnou antes de olhar para os humanos que estavam rapidamente se levantando.

Como um ainda estava tentando segurá-lo, prestes a arrancá-lo do chão novamente, Magnar puxou com toda a força enquanto estava em três pernas. A humana voou pelo ar com os braços se debatendo.

Ela deslizou pela terra e neve de frente para pousar bem na frente das mãos de Magnar.

— Foda-se — mordeu a Caçadora, seus olhos semicerrados com um brilho quando ela olhou para ele.

A respiração de Magnar estava aquecida e bufando alto. Ele deu uma bufada em sua direção.

— *Foda-se, de fato*, — Magnar zombou, logo antes de enfiar as garras na parte de trás do pescoço dela. Sua testa bateu contra a sujeira.

Antes que ele pudesse cortar a cabeça dela, uma espada cortou a lateral de seu braço, paralisando-o e fazendo seu corpo afundar antes que ele pudesse se equilibrar.

— Esta era apenas para ser uma missão de captura de Demônios, — o novo Caçador gritou com os dentes cerrados, sua voz

muito mais velha que a dos outros. Ele levantou sua espada e a golpeou no torso de Magnar, cortando-o por trás até sair de seu estômago. — Mas eu pensei quando eles me disseram que encontraram um Caminhante do Crepúsculo, que meus juniores estavam prontos e teríamos sorte. Mas não. Não importa quantas flechas lançemos, não importa quantas vezes ferimos a porra da sua espécie, você simplesmente não vai ficar no chão.

O Caçador, aquele que originalmente ordenou que os outros mirassem em Delora, ergueu sua espada. Desta vez, ele mirou na garganta já dilacerada de Magnar.

Ele não estava errado, no entanto.

Magnar tinha pelo menos nove flechas projetando-se de seu corpo, e seu pelo estava coberto com tanto de seu próprio sangue quanto os humanos que ele massacrou, mas ele não sentiu nenhuma de sua energia diminuindo. Ele não se sentia letárgico, exceto por como seus ferimentos doíam quando ele se movia de certas maneiras.

A única maneira de parar um Mavka de olhos vermelhos era cortar sua cabeça. Para remover seu pensamento antes que o corpo literalmente desaparecesse na areia negra.

Nada poderia parar um Mavka.

Eles não estavam vivos o suficiente para serem enfraquecidos por ferimentos mortais, e eles não estavam mortos o suficiente para parar de respirar. Eles eram as criaturas do limbo, do crepúsculo e do amanhecer, da vida e da morte. O sangue bombeando dentro deles não lhes dava vida, apenas força.

O Caçador levantou sua espada novamente e bateu com ela no momento em que Magnar se virou para o lado e levantou o braço para detê-lo. Em vez disso, ele a pegou no antebraço. Seu braço bateu contra o peito, levando o pior do golpe e impedindo que o resto da ponta da espada fosse tão longe a ponto de perfurar seu coração.

O humano não tinha ideia se ele apenas fizesse o mesmo com seu crânio, ele poderia matá-lo – dependendo se ele fosse forte o suficiente para perfurar seu crânio quase indestrutível.

— Até mesmo um Demônio morrerá se você atirar nele o suficiente, — disse o Caçador de Demônios com os dentes cerrados,

cusbindo, enquanto tentava com todas as suas forças empurrar para baixo antes de torcer a espada. — Mas você? Seu tipo simplesmente não cessará! Você mata até ser o vencedor! Até que você tenha comido *tudo*. Por que você simplesmente não morre?!

— *Porque os humanos são fracos*, — Magnar rosnou enquanto estendia a mão livre e agarrava o punho da espada para prender os punhos do humano nela. — *Porque os Demônios são fracos*. — Ele ficou de joelhos, já se elevando sobre o Caçador antes mesmo de começar a caminhar até seus pés com cascos. — *E vocês dois são iguais. Nada além de comida. Nada além de estúpidos. Nada além de presas para nós*.

O Caçador tentou arrancar suas mãos livres, sua postura forte, mas não era nada comparada com a força de um Mavka.

— Maldito! Solte-me!

— *Meu sofrimento só me fortalece. Considerando que o seu é patético*.

— Sua espécie é pior do que os demônios imundos que aterrorizam os humanos. — Outra flecha foi disparada do lado e afundou com um *baque* nas costas de Magnar. Ele apenas riu disso. — Seu tipo não merece existir!

Magnar soltou uma mão e a envolveu ao redor da garganta do humano, levantando-o facilmente do chão para que pudessem se encarar no mesmo nível.

— Monstro!

— *Eu estou bem sendo um monstro*. — Magnar lançou sua cabeça para frente e a prendeu ao redor da cabeça inteira do Caçador. Sua voz irradiava de sua mente quando ele disse: — *Se isso significa que posso proteger aqueles de quem gosto*.

Se o mundo quisesse tratá-lo de uma certa maneira por causa da maneira como ele nasceu, algo que ele não podia controlar nem mudar, e se *atrevesse* a prejudicar as poucas criaturas em sua vida que ele queria cuidar e proteger, então Magnar daria o que queriam — um monstro feio e feroz.

O rugido que ele ouviu dentro de seu crânio era destemido, apenas cheio de raiva, ódio e bravura.

O som foi interrompido quando ele fechou suas presas e pulverizou todo o seu crânio. Salpicou uma explosão dentro de sua boca.

Quando ele deixou cair seu corpo sem cabeça no chão com um baque, sua posição ereta colocou pressão sobre o resto dele, mas ele se recusou a ficar de quatro, apesar de estar em sua forma mais monstruosa.

— *Você vai me enfrentar ou vai fugir?* — ele perguntou ao Caçador restante.

Ele olhou na direção que sabia que eles estavam, já que estavam cobertos de suor e uma pequena pitada de medo. Todos os seus companheiros estavam mortos. Ele era o último remanescente. Ele deveria saber que Magnar não o deixaria viver.

— Dane-se isso, — ele ouviu um homem resmungar, antes do som de passos batendo contra o chão na direção oposta.

Com um rugido, Magnar pousou em suas mãos. Ele correu atrás do último homem e o alcançou com apenas alguns passos. A respiração do humano era afiada, entrando e saindo dele enquanto ele fugia, mas nada poderia superar um Mavka de quatro — *nada*.

Ele morreu com as garras de Magnar cravadas em sua espinha.



Delora, com os olhos bem fechados, estremecia toda vez que ouvia um uivo de Magnar ou o som brutal de um Caçador de demônios morrendo.

Embora ela soubesse que ele estava fazendo isso para protegê-la e a Fyodor, ainda era perturbador saber que ele estava matando sua espécie. Não erea uma batalha, mas uma *porra de matança*.

Não houve remorso, nem hesitação de nenhuma das partes.

Ela teve sorte de ter se tornado incorpórea, caso contrário ela teria sido capturada e morta ou usada como isca. O grito que saiu dela foi de susto desde que ela se escondeu atrás de uma árvore e não pensou que seria encontrada. Ela era transparente, pelo amor dos Deuses!

Ela não sabia o que fazer a não ser pedir a ajuda de Magnar quando começou a ser perseguida. Delora tinha corrido, desejando poder apoiar a cabeça flácida de Fyodor enquanto corria.

Delora não sabia que se ela se tornasse intangível enquanto segurava Fyodor, seu corpo também se tornaria fantasmagórico.

Infelizmente, seu crânio permaneceu sólido e pesado. Embora ela não pudesse percebê-los em seus braços, ela os apertou contra o tronco para não perdê-los. Eles provavelmente fugiriam e tentariam se juntar à batalha por causa de todo o sangue.

Atualmente, eles pareciam estar em um estado de sono, imóveis e inconscientes de qualquer coisa.

A princípio, ela pensou que eles estavam mortos!

Ela se tornou física apenas para colocar o ouvido no peito deles para ter certeza de que eles estavam vivos. Eles acordaram imediatamente e começaram a lutar contra ela para pegar todo o sangue por perto.

Quando ela se tornou incorpórea novamente, eles reassumiram seu estado de sono.

Nada poderia ter sido mais reconfortante do que saber que ela mesma poderia protegê-los. Não completamente, já que o crânio deles estava exposto, mas enquanto ela permanecesse fora de perigo, eles

estariam seguros.

Fazia sentido que ela pudesse segurá-los assim, considerando que ela os carregava em seu ventre.

Mas Delora desejou que isso se apressasse e acabasse.

Embora isso estivesse acontecendo apenas por um curto período, parecia que o tempo havia parado de fluir. Tudo havia desacelerado. Os segundos passaram meticulosamente, forçando-a a digerir cada som perturbador.

O grito moribundo de uma mulher a lembrou do último que ela ouviu, aquele que ela causou, e os grunhidos e gritos dos homens a lembraram de quando ela enfiou uma faca de cozinha nas costas de Hadith.

— Está tudo bem, — ela sussurrou, feliz por não ter sido física, caso contrário ela pensou que poderia ter vomitado.

Ela *precisava* superar isso. Ela não queria que isso permanecesse em sua mente mais. Delora não queria mais que isso fizesse parte dela.

— Tudo está bem. Acabou, você não pode mudar o que fez. Ele está fazendo isso para proteger você, para nos proteger.

Não havia como os Caçadores de Demônios os deixar ir embora com um aceno amigável de despedida. Desde o momento em que dispararam a primeira flecha, aquela que atravessou o pescoço de Magnar com um *esguicho* de sangue roxo antes de afundar na árvore ao lado dele, sempre seria uma luta até a morte.

Os Caçadores começaram a luta. *Isso é culpa deles*. Delora e Magnar não tinham interesse neles até que os humanos os tornassem seus alvos.

*Estávamos apenas cuidando da nossa maldita vida. Não estávamos machucando ninguém!*

— Monstro! — ela ouviu um dos Caçadores gritar. O tom agitado e sombrio fez seu coração murchar dentro do peito.

*Ele não é um monstro.*

Ele era charmoso, gentil e tão atencioso que abriu caminho até o coração de Delora, apesar de parecer... errado, estranho e um pouco assustador.

Ela queria ajudar. Ela não queria nada mais do que pegar uma

espada e proteger Magnar tanto quanto ele estava tentando protegê-la, mas ela não podia. Ela não tinha nenhuma habilidade de luta e precisava manter Fyodor a salvo.

*Se o crânio quebrar, eles morrerão.* Mas a mesma coisa também era verdade para Magnar. *Porra. O que vai acontecer comigo se ele morrer?*

Eles iriam para o vazio onde todas as almas falecidas iam, ou iriam para outro lugar? Talvez em nenhum lugar, não existindo mais em nenhum plano?

Fyodor seria morto já que eles eram tão jovens e precisavam de ajuda apenas para levantar seu crânio recém-formado e pesado?

*Se os humanos os descobrissem...* eles iriam cutucá-los e torturá-los até que soubessem tudo sobre eles.

Delora tinha novos medos, aqueles que envolviam as pessoas com quem ela se importava.

A luta parou abruptamente.

Por um longo tempo, ficou em silêncio.

O vento era tão irritantemente suave que nem mesmo as folhas farfalhavam juntas. Ela achou isso muito mais perturbador. Não houve um único grito, nem passos.

Tudo o que ela ouviu foi o ruído ecoante de um gemido agudo, mas silencioso, que soava a cada expiração.

Seu rosto se enrugou enquanto seus olhos se curvavam em compreensão. Ela sabia que estava acabado, e tudo o que restava era Magnar e a agonia em que ele devia estar.

*Ele soa como se estivesse com muita dor.*

– Delora, – ele chamou gentilmente, incapaz de cheirá-la assim, incapaz de encontrá-la.

Parte dela não queria sair de seu esconderijo. Não porque ela estava com medo. Ela só não queria testemunhar o sangue e o derramamento de sangue. O sangue humano que devia estar cobrindo-o. Todas as suas feridas. Ela não queria enfrentar a realidade de que pessoas estavam mortas por causa dela.

Mas Delora não era tão covarde.

Ela se levantou de onde estava agachada dentro de um arbusto para esconder a si mesma e a Fyodor completamente para que outro

Caçador não pudesse vê-los.

— P-por aqui, — ela gaguejou.

Ela lentamente se aproximou de onde ela podia ouvir Magnar para encontrá-lo. Ela teve um vislumbre de seu rosto coberto de sangue ao mesmo tempo em que seus orbes se moveram para ela.

— *Não se aproxime!*

Delora parou, incapaz de ver por cima dos arbustos e abaixo dos galhos mais baixos das árvores de folhas verdes que os separavam.

— Você está bem?

Ele devia estar de quatro, já que ela só podia ver sua cabeça, e seus orbes eram de uma cor carmesim tão profunda que ela sabia que algo estava terrivelmente errado. Seu crânio virou para um lado e depois para o outro, olhando ao redor.

— *Eu não quero que você veja, Delora,* — ele respondeu, e o tom em sua voz lhe disse tudo o que ela precisava saber. Ele estava preocupado que ela tivesse medo do que via, talvez passasse a temê-lo.

— *Eu só queria saber que você estava segura.*

Apesar de sua apreensão, ela observou quando ele começou a se levantar. Seu corpo se transformou do que ela sabia ser sua forma mais assustadora e perigosa, para como ele era normalmente.

O grande Caminhante do Crepúsculo que era gentil com ela.

Mesmo que ela tivesse chegado mais perto e visto o resultado de sua matança, ela não teria medo dele. Ele era seu protetor, ele era Magnar, e ele fez isso para garantir que ela permanecesse ilesa.

*Eu... nunca poderia ficar com raiva dele por algo assim.*

Ele se aproximou de Delora com cautela, e quanto mais perto ele chegava, mais brancas suas orbes ficavam.

Dez flechas estavam cravadas em seu corpo, e ela podia ver que ele tinha muitos ferimentos pelos bolsos abertos que cobriam seu torso. Eles estavam escondidos por suas roupas quando apareceram.

Embora suas roupas estivessem limpas de sangue, ela podia ver respingos sobre seu crânio e cascos. Deixou marcas de gotas na neve enquanto caíam grossas das pontas de suas garras. Sangue *vermelho*, principalmente, sinalizando que era dos humanos que ele matou.

Ele se abaixou quando estava bem na frente dela, tentando parecer não tão grande ou assustador. Seu coração doía por ele fazer isso.

Isso mostrava que a confiança entre eles era tênue.

Apesar de seus ferimentos extensos, ele conteve seus gemidos até que fossem quase imperceptíveis, mas ela podia ver a maneira como seus ombros estremeciam sempre que ele exalava. Por alguma razão, Magnar estava tentando esconder que estava com dor.

*Os Caminhantes do Crepúsculo podem ser inseguros como os homens?* Nesse caso, ela pensou que era além de adorável.

— Obrigada por me proteger. — Ela ergueu uma das mãos como se fosse acariciar o focinho dele.

Ela ainda era intangível, e a única razão pela qual ela permaneceu assim foi para que Fyodor continuasse dormindo e não entrasse em mania. Ela estava feliz por não sentir o cheiro metálico de sangue que devia estar saturando o ar, já que teria revirado o estômago.

A tensão nos ombros de Magnar diminuiu visivelmente, e ela sabia que ele não queria nada mais do que se aninhar em sua mão quase invisível com a maneira como ele girava a cabeça de um lado para o outro.

Ela pensou que os orbes dele voltariam para o verde normal, mas em vez disso eles desbotaram para o laranja. Ele se afastou com movimentos hesitantes, virando a cabeça para o lado como se para evitar o olhar dela.

— Você se importaria de voltar um pouco? — ele perguntou, mantendo-se pequeno e não ameaçador.

Suas sobrancelhas franziram profundamente.

— Não vamos para casa agora?

Delora não queria ficar aqui mais tempo do que o necessário.

Seus orbes brilharam em branco, antes de ficarem com uma cor laranja ainda mais escura. *Eu... não confio nessa cor.* Frequentemente, sinalizava sua culpa.

Ele começou a arrancar a grama que se projetava do fino manto de neve. Delora nunca tinha visto Magnar se mexer nervosamente

assim antes.

— Demônios virão aqui.

— Exatamente.

Embora o sol estivesse bastante alto, tanto sangue poderia atrair qualquer Demônio que estivesse escondido nas sombras acima do Véu. Eles teriam coragem de queimar momentaneamente na luz apenas para chegar aos cadáveres.

— Seria um desperdício para eles comer os Caçadores de Demônios, — ele murmurou ainda mais suavemente.

A forma de Delora vacilou quando um sentimento terrível atravessou todo o seu ser.

— O que você está tentando dizer, Magnar?

Ele respirou fundo antes de suspirar.

— Há muita humanidade para mim aqui. Se eu não os comer, os Demônios o farão, e eles ficarão mais fortes. Suas mortes seriam inúteis.

Delora deu um passo para trás enquanto balançava a cabeça.

Matá-los era uma coisa, mas *comê-los* era diferente.

Ela sabia que ele tinha no passado, eles falaram sobre isso, mas ela não achava que Magnar continuaria comendo sua espécie.

— Não, — ela engasgou, sua cabeça continuando a tremer. — Por favor, não.

Ela esperou que o sentimento de repulsa a dominasse, mas isso nunca aconteceu. Ela não estava chateada que ele fosse comer sua espécie, mas o que isso daria *a* ele.

Ele trouxe seu olhar para ela quase hesitante.

— Eu tenho que fazer, Delora.

— Mas por que? — ela gritou, suas sobrancelhas se franzindo profundamente.

Ele se atreveu a se aproximar para que ela não pudesse recuar muito.

— Porque se eu não fizer isso, nunca serei melhor para você. Não poderei cuidar de você adequadamente. — Ele ergueu as mãos para poder olhar para suas garras com um movimento pensativo de cabeça. — Quero fazer melhor. Eu quero entender, e não posso fazer

isso se não consumir mais humanidade.

— Mas eu não quero que você mude, — ela admitiu.

Ela não queria que Magnar ficasse mais esperto, mais sábio. Ela temia, realmente temia, se ele o fizesse, que ele não a desejasse mais. Atualmente ele estava contente com Delora e não via nenhum problema com ela, mas Delora *sabia* que ela não era perfeita.

Ela não era corajosa, nem forte, nem mesmo particularmente esperta. Ela era mediana, chata e sabia que era inútil. Ela estava deprimida e sabia que seu trauma muitas vezes a fazia agir fora do personagem.

Ela nem *sempre* foi uma chorona.

Delora tinha pouco a oferecer a Magnar.

Ela não podia ajudá-lo a lutar, não sabia cuidar do jardim. Ela nem mesmo conseguiu ajudá-lo a construir a casa. Tudo o que ela podia fazer era pintá-la, mas temia que, se ele mudasse, não gostasse mais das imagens brilhantes que ela pintava - algo que Hadith considerava imaturo. Ele pensaria que era infantil quando ele não olhasse mais para o mundo com um senso de inocência?

Magnar ficaria ressentido quando percebesse que a alma que ele havia levado era de Delora, e ele estava ligado a ela eternamente? Ele se arrependeria de sua decisão?

Ela uma vez disse a ele que era uma pessoa terrível. Ela era uma assassina, e ele atualmente não via problema nisso. Mas ao ganhar mais humanidade, ele entenderia, realmente entenderia, quão erradas foram suas ações.

As coisas não eram perfeitas entre eles, mas pelo menos havia *algo* ali. Um carinho na presença um do outro.

Ela desesperadamente não queria perder isso. Era a única coisa que a mantinha agarrada ao desejo de viver neste mundo cruel e sombrio. Sem ele, sem esse desajeitado e bobo Caminhante do Crepúsculo, Delora pensou que iria se afogar.

Ele se tornou sua tábua de salvação.

Era egoísmo dela, e ela sabia que não deveria querer que ele comesse aquelas pessoas porque eram humanos, mas a única razão pela qual ela não queria que ele comesse era porque tinha medo de

perdê-lo.

— Estou sempre preocupado em machucar você, Delora. Não posso segurá-la e isso me consome. — O azul começou a brilhar em seus orbes, uma profundidade de cor escancarada que significava o quanto pesava sobre ele. — Eu não posso tocar em você. Não posso ficar perto de você por muito tempo. Eu quero estar perto de você, mas toda vez que faço isso, posso sentir minhas garras afundando em sua pele. Ainda há tanto que você me ensinou que eu não entendo e quero entender... por você. Parece que faltam partes de mim. Há *pensamentos* que faltam quando penso. Eu posso sentir os espaços em branco. Não consigo controlar minha mente, minhas emoções, meu corpo.

— V-você pode aprender, — ela ofereceu. — Eu-eu posso te ensinar.

Ele balançou a cabeça enquanto seus ombros caíam. As costas de suas mãos caíram contra o chão para ficarem moles.

— Não é assim que funciona. Sou atrofiado e sei disso há muito tempo, mesmo antes de conhecer você. Posso me lembrar de tudo, mas isso não significa que compreendo o que me foi mostrado ou ensinado. Isso é até onde vai minha humanidade. Não vai melhorar. Não vai se desenvolver mais.

Delora tentou morder o lábio novamente, mas ela não sentiu nada além de pressão. Ela queria discutir, mas por mais que tentasse pensar em uma boa razão para ele não fazer isso, a tristeza que ela ouviu em sua voz a silenciou.

— Eu quero fazer isso por você, — ele continuou, aproximando-se até que ele estivesse se aglomerando em torno de sua forma intangível como se quisesse impedi-la de escapar. — Tenho esperado muito tempo por você, mesmo sem saber, mas não estou pronto para você. — Magnar passou a ponta de suas garras manchadas de sangue sobre o crânio físico de Fyodor. — Eu mal entendo o que eles querem dizer, exceto que devo protegê-los.

Por mais que ele estivesse dizendo que queria fazer isso por ela, ela sabia que não era verdade. Ele queria fazer isso por si mesmo, e Delora não podia argumentar contra isso.

*Eu não posso ser egoísta.* Não importava suas preocupações, ela



não queria a culpa disso pesando em sua consciência.

Magnar merecia ser feliz e fazer suas próprias escolhas, mesmo que não fossem o que ela queria.

— Tudo bem, — ela concedeu, sinceramente esperando que ela não se arrependesse. — Se é isso que você quer, então eu lhe dou minha permissão.

Era óbvio que ele queria o consentimento dela, e foi por isso que ele pediu, em vez de apenas fazer.

— Obrigado, — ele murmurou, estendendo a mão para roçar as costas de suas garras em sua bochecha fantasmagórica. — Eu serei melhor para você. Você verá.

Delora apenas assentiu, sabendo que suas palavras soariam mutiladas.

Com a cabeça abaixada, ela recuou e deixou Magnar sozinho e fora do alcance da voz, se pudesse.

A espera foi quase insuportável. Ela desejou ter outra coisa para ocupar sua mente, mas não havia nada que ela pudesse fazer a não ser ficar na floresta. Ela não podia chutar neve ou tufo de grama, pois seu pé simplesmente passaria por eles. Ela não conseguia se mexer pegando nas folhas baixas.

Tudo o que ela tinha eram seus pensamentos para lhe fazer companhia e eles continuaram a girar com emoções conflitantes e horríveis.

A coisa mais difícil para Delora foi tentar descobrir o que ela sentia por Magnar. O desejo era um deles, mas de onde vinha a raiz de seus desejos?

Ela queria ser tocada, sentir-se bem, sentir-se como uma mulher digna de ser tocada, mas teria importado se fosse outra pessoa? No entanto, quando ela imaginou seu rosto, seu crânio de raposa preenchido com um brilho roxo de seus orbes flutuantes, algo dentro de Delora se mexeu. Todo. Maldito. Tempo.

*Estou... atraída por ele.* Um Caminhante do Crepúsculo. Alguma criatura estranha que era violenta e implacável, como ele acabara de mostrar a ela. Um assassino de humanos - um comedor.

Mas toda vez que ele chegava muito perto dela e ela conseguia

sentir o cheiro inebriante de seu perfume ou sentir o calor dominador rolando dele, o corpo de Delora cantava com desejo por ele.

*Eu me importo com ele.* Quão profundamente, ela não tinha certeza. Tudo o que ela sabia era que ela... precisava de Magnar em sua vida. Mas ela precisava dele como ele era. Ser carinhoso com ela, mimá-la com atenção e carinho.

Sua expressão se enrugou em um estremecimento enquanto seus olhos procuravam o chão, como se a resposta estivesse lá na neve suja.

*Por que a paranóia não para?* Sempre estive lá. Sempre demorava, e quando ela pensava que estava melhor, algo acontecia para fazê-la sentir como se suas entranhas estivessem cheias de insetos invasivos.

Magnar ganhar mais humanidade seria a solução que ela precisava? Ou seria o golpe final que deixaria Delora em um lugar frio onde ela seria forçada a viver uma vida que não queria?

*Estou com tanto medo.* Com medo dele mudar.

Tudo pendia na balança, e aquela balança poderia pender até que ela caísse em total desespero.

Ela desejou poder tomar uma respiração calmante.

*Ele já faz um tempo.* Então, novamente, ela sabia que ele devia estar comendo de sete a oito *humanos*. A ansiedade a preencheu até o âmagô.

Delora enrijeceu quando ouviu um movimento se aproximando dela.

— Onde você está? — Magnar ralou apenas para o lado.

Seus lábios se estreitaram, o desejo de mordê-los era forte.

— A-aqui, — ela guinchou.

Se ela pudesse sentir seu coração, teria se espremido em pânico.

Quando ele se aproximou, ela notou que não havia sangue em seu crânio branco como se ele tivesse limpado. Até suas garras e pés estavam limpos.

*Ele se lavou no riacho?* Ela tinha visto brevemente quando ela estava fugindo dos Caçadores de Demônios.

Os orbes de Magnar eram de uma cor vermelha brilhante, e a

maneira como ele se aproximava dela era ameaçadora. Não foi isso que fez Delora recuar um passo.

Era porque ele parecia... diferente.

Seu crânio era o mesmo, seus chifres eram os mesmos, ela até achava que sua altura era a mesma, mas ela sabia que o Caminhante do Crepúsculo se aproximando dela era mais grosso, mais largo.

Sua camisa preta não ficava tão folgada em seu torso, seus ombros e bíceps pareciam mais volumosos. Sua coluna parecia mais reta, não mais curvada, e sua postura era quase perfeita enquanto ele se aproximava.

Além dos nós dos dedos brancos e de todas as juntas dos dedos, o resto dos ossos ao redor de suas mãos havia afundado sob sua carne cinza escura. Seus cascos de três dedos se separaram em cinco, quase parecendo que as seções do casco eram apenas dedos estranhos, enquanto o calcanhar de seu pé agora pressionava firmemente contra o chão.

Ele era capaz de andar corretamente, de se pavonear.

Embora ele ainda tivesse penas saindo do decote de sua camisa, elas não pareciam tão longas ou inchadas.

Magnar havia mudado fisicamente, e tão repentinamente que era impressionante.

Com a cor de seus orbes, Delora quis recuar. Vermelho significava raiva, ou fome – mas ele disse que não sentia mais fome.

*Algo está errado.*

– Fique, – ele exigiu, e a severidade disso, o comando disso, fez Delora congelar no local. Ela abriu a boca para dizer algo, *qualquer coisa*, mas as palavras não saíam. – Torne-se física.

Seus olhos se desviaram em busca de uma desculpa, qualquer desculpa.

– E-eu não posso. E Fyodor? – ela murmurou fracamente. – Se eles sentirem o cheiro de todo o sangue, eles ...

Magnar disparou as mãos para a frente, e o estalo de suas garras quebrando na árvore logo atrás dela a fez estremecer.

– Tudo se foi. Eu me *certifiquei* disso. – Ele virou a cabeça para ela, aproximando-se lentamente de seu rosto. – Torne-se física,

Delora.

Com os olhos bem fechados, Delora sentiu seu corpo afundar quando seus pés tocaram o chão. Ela começou a se tornar tocável, frágil, *insegura*.

Uma mão grande e quente envolveu sua garganta para cobrir a parte inferior de sua mandíbula, e Delora sentiu seu coração, que já estava batendo de forma irregular, bater ainda mais rápido. Ela se agarrou a Fyodor, que começou a se mexer descontroladamente, mantendo-os parados para que não pudessem atacá-la.

Magnar inclinou a cabeça para cima.

Então seus olhos se arregalaram quando ela sentiu uma língua molhada, mas ligeiramente áspera, correr por seus lábios. *Ele me lambeu*.

O choque fez com que seus lábios se abrissem e então ela sentiu aquela língua correr por seus lábios novamente, desta vez mergulhando entre eles para pegar seus dentes.

Seu coração ainda batia rápido, mas sua respiração em pânico diminuiu, assim como os movimentos de Fyodor, quando Magnar passou aquela língua firme por ela. Ela não sabia o que a compelia a abrir mais os lábios, mas quando o fez, o órgão escorregadio afundou em sua boca para lambe o interior completamente, de sua bochecha, sobre sua língua, então para a outra bochecha.

Sua língua só voltou para trás para que ele pudesse mergulhá-la dentro novamente, mais e mais, e ela quase gemeu. Havia uma doçura dele que estava cobrindo suas papilas gustativas com algo tentador.

Não havia gosto de cobre, nem sangue, como se ele tivesse lavado a boca no riacho. Tudo o que ela provou foi saliva adocicada.

Ela empurrou a língua para cima para recolhê-la um pouco melhor, para lambê-la, quase para bebê-la, o que aliás a levou a roçar a dele. Magnar deu um grunhido profundo.

Antes que Delora percebesse, ele se abaixou, agarrou a parte de trás de suas coxas, levantou-a e então a jogou contra a árvore. Ele virou a cabeça para um ângulo melhor e abriu as mandíbulas cheias de presas para que pudesse pressioná-la levemente em torno do rosto

dela. Então sua língua empurrou ainda mais fundo.

Ele lambeu mais incessantemente a língua dela que estava começando a cumprimentar a dele.

Foi o beijo mais estranho que ela já recebeu, mas ela sabia exatamente o que era - um beijo. Um profundo e *apaixonado*.

Toda a sua preocupação e ansiedade quase hiperventilante desapareceram para deixar algo quente e esvoaçante em seu lugar.

Delora fechou os olhos com satisfação e agarrou-se a Magnar com um aperto mortal, recusando-se a deixá-lo escapar. Desde que ele a levantou para que ela pudesse cumprimentá-lo, ela sabia que estava pelo menos a um metro do chão. Ela envolveu as pernas firmemente ao redor do fundo de sua caixa torácica. Suas coxas moldadas não envolveriam completamente o corpo dele, mas ela cravou os calcanhares para aproximá-lo, para tê-lo completamente pressionado contra seu corpo.

Os braços dela envolveram os ombros dele. Um serpenteava por baixo da camisa dele pelo colarinho para que ela pudesse agarrar um punhado de penas e pelo longo, enquanto o outro agarrava a base de um chifre. Ela o manteve para ela.

Suas grandes mãos agora estavam segurando ambas as nádegas para segurá-la. Ela não confundiu o aperto apreciativo que ele deu, e ela tentou afundar sua bunda neles para que ele pudesse agarrá-las com mais força. Ela não podia sentir a punhalada usual de garras quando sentiu as pontas dos dedos dele cravando com *força* e sabia que ele deveria ter adquirido o controle para embainhá-las.

Ela não podia sentir o gosto de sangue, apenas aquela doçura deliciosa, mas Delora não achava que teria se importado naquele momento. O que quer que o tenha levado a fazer isso era a segurança de que ela precisava, e ela gemeu em sua boca quente, ouvindo-o ecoar ligeiramente.

— Delora, — Magnar gemeu em troca, não precisando remover sua língua rodopiante para falar com ela desde que irradiava de seu crânio.

Ela tentou combinar sua língua longa, invasiva e exploradora com sua muito mais gorda e curta, deslizando-a de qualquer maneira

que pudesse. Foi confuso, ambos lutaram, mas nenhum se afastou.

Em vez disso, ela sentiu as mãos de Magnar apertarem sua bunda com tanta força que ela sabia que ele machucou sua pele antes de enfiar a língua ainda mais. Ela foi forçada a engolir.

— Nhn! — Delora engasgou, sentindo sua garganta se contraindo.

Sua própria saliva inundou sua boca, sua garganta tentando fazê-la engolir sua língua inteira ou empurrá-la para fora, mas não cedeu.

— Porra. — Magnar estremeceu, seu corpo tremendo enquanto suas penas tentavam ficar de pé em seu punho apertado. — Por que isso é tão bom?

Ele afastou sua língua, dando a Delora um momento para respirar enquanto ele recolhia cada gota de líquido que tinha enchido sua boca. Então ele afundou de volta. Ela ficou tensa em seus braços, mas não, de forma alguma, tentou detê-lo.

Era desconfortável à sua maneira, mas ela adorou, adorou a maneira como ele estava reagindo, que ele estava fazendo isso. Ela tentou incitá-lo contraindo seus quadris contra seu torso, querendo que ele fizesse isso de novo e de novo.

Ela queria que ele fodesse sua garganta com a língua.

— Você sabe há quanto tempo eu queria fazer isso? — ele murmurou. — Para lamber você assim?

*Oh Deuses. Eu preciso dele.*

Sua vagina se apertou de desejo, desejando que sua língua estivesse empurrando ali em vez de abrir sua garganta. Ela o queria girando dentro dela, coletando o líquido de sua excitação enquanto ele o roubava. *Eu quero contornar isso.* Ela soltou outro gemido, tentando encontrar fricção contra seu clitóris agora latejante e necessitado. A entrada de seu núcleo era lisa e implorava por atenção.

Tudo o que encontrou foi o plano de músculo logo abaixo do peito.

Um som de ganido chamou a atenção de ambos. Suas cabeças se afastaram quando perceberam que o ruído estrangulado havia surgido entre eles.

O pobre Fyodor foi espremido entre a pressão apertada de seus corpos e lutou para se libertar. Eles empurraram o crânio de coelho para cima e deram a ambos um bufo muito irritado.

Com a respiração ofegante, o rosto quente de excitação e constrangimento, Delora enfrentou Magnar, que ainda a segurava no ar.

Seus orbes apresentavam um roxo profundo e cheio de fome, e ele estava olhando para ela também, ofegando em troca.

Ele aproximou seu focinho e passou a língua sobre o canto de sua mandíbula, esfregando-o cada vez mais perto até que ele correu sobre sua orelha. Delora soltou um grito agudo. Um arrepio aniquilou seus sentidos enquanto seu corpo inteiro estava arrepiado.

Sua cabeça virou para o lado para dar a ele tanto acesso quanto ele queria. Ele continuou a lambar sua pele, sobre sua orelha e para baixo ao lado de sua garganta exposta.

— Eu gosto do seu gosto. Combina com o seu cheiro.

Ela cavou nos saltos de suas botas e arqueou para ele. Ela foi enviada para a excitação, e agora seu corpo estava gritando para que ele a acalmasse.

Magnar soltou um rosnado leve e estrondoso quando disse: — Se eles não estivessem aqui...

Ele fez uma pausa, como se tivesse pensado melhor no que ia dizer. Seu corpo ficou tenso, seus dedos apertando sua bunda como se quisesse continuar amassando-a em suas palmas calmantes.

*O que... o que ele ia dizer?* Ela queria saber o que teria acontecido se Fyodor não estivesse aqui.

Ele teria continuado a beijá-la? Ele a teria tocado... talvez até mais? Ele a teria fodido aqui mesmo contra a árvore na floresta aberta?

O que Delora queria?

Tudo isso. Naquele momento, ela queria tudo do jeito que seu corpo estava doendo e formigando.

— Devemos ir para casa, — ele finalmente disse enquanto virava a cabeça para o lado. — As sombras estão ficando mais longas.

Ela estava quase tentada a dizer a ele que não se importava que o sol estivesse se pondo. Ela só queria que ele a tocasse.

Ela não era tão corajosa. *Talvez um dia...*

— Tudo bem — ela respondeu suavemente depois de morder o lábio inferior em pensamento, sua voz tão rouca e cheia de luxúria que tremeu em ambas as sílabas.

Magnar a abaixou deslizando-a para baixo de seu corpo, mas ela não perdeu a lambida que ele deu na parte externa de suas presas, uma que deslizou sobre o buraco do nariz como se ele estivesse apenas tentando provar o cheiro no ar. E oh sim, ela sentiu algo duro correndo por seu corpo quando ele a deslizou sobre sua virilha.

Não era longo, talvez apenas parcialmente extrudado, mas ela sabia que era seu pênis. Ele deu um gemido quando o corpo dela se apertou para isso — como se ele pudesse *sentir* o cheiro dela crescendo.

Uma vez que ela estava firmemente de pé, com as mãos em seu torso para se firmar, já que ela se sentia um pouco tonta, ela ficou lá olhando para ele. Parecia que nenhum dos dois estava pronto para deixar sua posição, pois ainda estavam pressionados um contra o outro. Seu pênis, que parecia muito mais grosso do que ela imaginava, estava pressionando entre seu umbigo e seus seios grandes.

*Eu me pergunto o que aconteceria se eu tentasse tocá-lo...*

E se ela se abaixasse apenas o suficiente para que ficasse entre os seios? Ela agarrou sua camisa.

Ela estava *tão* tentada a isso.

— Percebi que eles se tornam intocáveis com você, exceto pelo crânio — comentou Magnar, acenando com a ponta do focinho para Fyodor.

Delora limpou a garganta, como se isso fosse o suficiente para clarear sua mente, e olhou para Fyodor agarrado em seu peito. Uma parte dela não podia acreditar que ela estava contemplando pensamentos sujos com eles ali.

*Um trabalho de peito? Delora mesmo?* Então, novamente, ela pensou que Magnar poderia gostar. A maioria dos homens humanos o fazia. Seus seios eram grandes e macios, e ele parecia gostar de tocá-la. Ela se perguntou se o contrário era verdade.

— Sim. Eu não sabia que isso aconteceria, mas acho que é porque nunca entrei na minha forma de Espírito enquanto os



segurava.

— Você acha que poderia segurá-los enquanto viaja rápido assim?

Agora que as chamas do desejo estavam sendo espalhadas por sua conversa, Delora soltou um pequeno suspiro.

— Eu acho que sim. — Ela ergueu o rosto mais uma vez. — Por que?

— Porque, do jeito que está, tenho ferimentos extensos no corpo. — Seus olhos vagaram por Magnar, sabendo que suas roupas estavam escondendo seus ferimentos. — Não podemos ficar acima da superfície para que eu me cure, mas em nossa jornada para casa atrairei os Demônios com meu sangue.

— O que você está tentando dizer?

— Nós vamos ter que correr. — O rosto de Delora empalideceu. — Vou ter que mudar e correr de quatro, e vou precisar que você os segure e me siga em sua forma de Espírito. Você não será impedida por sua velocidade humana normal, então você deve ser capaz de me acompanhar.

— Você será atacado?

— Definitivamente.

— Ok. Foda-se, — ela resmungou, espalmando sua testa e escovando sua longa franja de seu rosto. — Merda.

Isso significava que ela teria que vê-lo ser atacado enquanto eles corriam para casa. Ela não gostava de ter que testemunhar isso.

Levou alguns momentos para Delora perceber depois de digerir esta informação, que junto com as mudanças físicas de Magnar, seus maneirismos de fala também mudaram.

A viagem de volta foi significativamente mais curta, mas Delora teria preferido que fosse longa.

Enquanto ela flutuava ao lado dele, Magnar correu de quatro e foi atacado várias vezes. Ele apenas sacudiu os Demônios quando eles se juntaram a ele e continuaram em frente. Ele não podia parar, caso contrário, teria sido comido por eles.

Ele estava cheio de marcas de garras rasas, mas nada tão prejudicial quanto o que os humanos fizeram – algo que ela só viu quando ele voltou e trocou de camisa.

A que ele usava estava saturada de sangue.

Ela se ofereceu para limpar seus ferimentos, o que ele permitiu, mas não havia necessidade de enfaixá-los. Embora permanecessem abertos, pararam de sangrar e qualquer infecção seria curada no dia seguinte.

Ela tinha visto uma vez antes, como a areia negra cobriu seu corpo após a luta com o assustador Demônio parecido com uma cobra, então ela sabia que não havia nada para se preocupar de verdade.

Mas lavar suas feridas permitiu que Delora visse as grandes mudanças em seu corpo. Ele estava definitivamente mais cheio, mais grosso, maior ainda. Seus músculos tinham se expandido e, embora ainda fossem densos, eles o preenchiam para que não parecesse tão desengonçado e esquelético.

A maior parte do osso esterno havia afundado sob a carne, de modo que apenas o topo podia ser visto, e os ossos dos braços haviam sido comidos pelo novo músculo que havia crescido. Os únicos ossos importantes nele que ainda eram visíveis eram as mãos, cotovelos, vértebras da coluna e caixa torácica.

Todo o resto estava quase desaparecido do que ela tinha visto sem a camisa.

Era muito para pensar, para absorver.

Pela segunda vez desde que ele construiu para ela, ela usou a lareira. Ela adorava este espaço e sabia que seria capaz de cozinhar o que quisesse desde que ele se esforçou para torná-lo grande e obteve

tudo o que ela precisava para cozinhar. Panelas, frigideiras, um rack adequado para cozinhar.

Ela colocou a sopa fumegante de vegetais em sua tigela de madeira, franzindo as sobrancelhas em pensamento. *Eu sou a única que parece estar presa a mim mesma.*

Primeiro Fyodor teve uma mudança tão notável, e agora Magnar também. Delora era a única que não havia mudado.

*Acho que isso não é verdade. Eu me tornei um Espírito.*

Mas fisicamente, ela sentia o mesmo.

Um pequeno sorriso curvou os lábios de Delora quando ela saiu pela porta da frente e viu Magnar sentado na varanda com Fyodor. Ela não sabia como Fyodor acabou na posição em que eles estavam sentados ao lado dele, mas quando o crânio deles começou a cair para o lado, Magnar estendeu a mão para salvá-los.

Ele o segurou agarrando-o por cima.

Já que ele estava sentado na varanda por um longo tempo, Delora se sentou ao lado de Magnar. Fyodor instantaneamente a sentiu e se arrastou para ficar em seu colo. Ela começou a dar tapinhas nas costas deles, e eles se mexiam para mais enquanto davam um pequeno estrondo.

Com sua tigela quente de sopa de legumes pairando sobre seu colo para não pressionar Fyodor, ela começou a comer devagar, observando as chamas da fogueira perto dos degraus da varanda.

Fyodor parecia menos inclinado a se agarrar a ela agora que eles tinham um crânio pesado e um pescoço fraco que não conseguia sustentá-lo. Eles costumavam colocá-lo sobre o ombro dela e meio que se penduravam lá para suportar seu peso quando ela estava se movendo.

Ela não se importava. O que quer que deixasse Fyodor confortável serviria para Delora.

Depois de alguns momentos de silêncio, um pouco constrangida por falar com Magnar agora que ele havia mudado e se perguntando o que isso realmente significava para ela, ela conseguiu dar uma espiada nele pelo canto das pálpebras.

Seu focinho estava apontando para o céu, quase como se ele

pudesse ver claramente através da névoa do Véu para olhar as estrelas.

Mas o que começou como um olhar malicioso, se transformou em um olhar fixo.

Seus orbes brilhantes estavam mudando rapidamente de cor. Num minuto azuis, no seguinte verde-escuro, rosa-avermelhado, e muitas vezes mudavam para laranja.

Ela fez uma pausa com uma colher cheia de comida perto de sua boca quando seus orbes ficaram vermelhos por um longo tempo antes de desbotar para laranja. Então eles começaram a passar por cores diferentes novamente.

Era óbvio que ele estava imerso em pensamentos.

— Como é que você começou a fogueira? — ela perguntou, tentando puxar conversa para trazê-lo de volta à realidade. — Eu não preciso disso agora que você construiu a lareira para cozinhar.

— Eu gosto do jeito que parece, — ele murmurou baixinho enquanto voltava seu olhar para as chamas. Seus orbes continuaram a mudar de cor, mas pelo menos diminuíram enquanto ele os observava piscar. — Eu gosto que ilumina o mundo. Está sempre escuro aqui.

Delora escolheu olhar para as chamas com ele, observando-as crepitar sempre que um pedaço de galho quebrava sob o calor seco. Faria brasas para flutuar no ar, antes de esfriar e cair de volta no fogo ou em torno dele como cinzas.

Em seu periférico, ela notou que as mãos de Magnar estavam entrelaçadas e que ocasionalmente se apertavam como se ele estivesse cheio de tensão. Ela se preocupou que ele tivesse cortado as costas de suas mãos com a forma como as pontas de suas garras brilhantes cravaram em sua carne.

Ela queria se intrometer, mas não sabia se era uma boa ideia. Ela não queria aborrecê-lo ou deixá-lo desconfortável.

*Eu realmente não o conheço.* As conversas entre eles nem sempre foram as mais fáceis. Mas Delora havia compartilhado sua história com ele, e ela queria saber mais sobre Magnar, sobre seus pensamentos e sentimentos – especialmente agora, quando ele poderia expressá-los melhor.

— Você está bem? — ela cutucou. — Eu nunca vi seus olhos

fazerem isso. — Ela pensou que a qualquer momento eles poderiam começar a girar um arco-íris. — É por causa de suas feridas?

— Tenho muito sobre o que refletir.

Delora olhou para Fyodor e começou a acariciar o focinho deles, fazendo-os se mexerem alegremente em seu colo. *Eles são tão fofos.* Ela gostava que eles sempre se enrolassem em seu toque.

— Você quer falar sobre isso? Você não precisa se não quiser.

Magnar deu um murmúrio pensativo, mas não bateu no focinho como costumava fazer quando fazia esse tipo de som.

— Pelo que me lembro, estou vivo há cento e vinte anos, se não mais. Eu vi o mundo clarear e escurecer centenas de milhares de vezes, e há tanto para lembrar que eu fiz. Mas me arrependo muito pouco.

— É muito tempo para olhar para trás, — Delora murmurou. — Não consigo me imaginar vivendo por tanto tempo.

Então, novamente... não havia a possibilidade de que ela pudesse, desde que ela deu a Magnar sua alma?

*Como me sinto vivendo cento e vinte anos?* Até agora, a vida não tinha sido muito justa. *Acho que tudo bem, desde que seja pacífico. E se as coisas entre nós melhorarem...* Delora pensou que *poderia*, pelo menos uma vez na vida, ser feliz.

— No entanto, — ele continuou, olhando para o céu novamente e virando a cabeça como se visse algo se movendo que ela não viu. — Eu me arrependo de... você. Atualmente é nisso que estou pensando.

Delora sentiu-se tensa, os joelhos batendo para dentro como se ela estivesse tentando se encolher dentro de si mesma. Ela não era muito boa em lidar com confrontos ou receber críticas.

Ela não esperava que ele viesse dizer que ela era o problema.

*É isso?* Talvez o beijo que eles compartilharam na floresta tenha sido um barato de comer, e agora ele estava percebendo, após reflexões mais profundas, que Delora não era boa o suficiente. *Eu estava preocupada que algo assim pudesse acontecer.*

Ela não iria correr só porque não queria ouvir a verdade, mas abaixou a cabeça para que seu cabelo a escondesse. Ela mordeu os lábios para fechá-los enquanto segurava a saia de seu vestido, tentando se preparar para o que ele estava prestes a dizer a seguir.

A área de repente parecia  *muito* silenciosa. Até o som do fogo conseguiu assustá-la – uma reação involuntária ao trauma que ela havia sofrido no passado. Sons altos tendiam a vir com vidro quebrado e possível dor.

– Eu não fui justo com você, – ele disse, fazendo a respiração dela sair em uma corrida mutilada, dolorida no peito.

Ela se virou para ele com uma carranca.

– O que você quer dizer?

– Peguei sua alma sem informar o que isso implicaria.

Delora soltou uma risada estranha.

– Eu ainda dei a você. Eu poderia ter feito mais perguntas.

Ele virou a cabeça para o céu novamente, desta vez para o outro lado.

– Eu deveria ter aprendido mais sobre você, descoberto por que você estava tão desesperada para se livrar dela antes que eu pedisse. Agora que você me contou sobre seu passado e entendo o que significa, o que você passou, posso ver que há muito que pode machucar um humano além de uma ferida física. Eu não deveria ter levado sua alma sem explicar o que isso significaria para você.

– Eu acho, – ela respondeu, apertando a saia de seu vestido.

– Mas está tudo bem. Eu realmente não me importo.

Com seus orbes laranja brilhante, ele trouxe seu olhar para ela.

– Eu tirei sua escolha, Delora.

– Não, você não fez. Você não levou minha alma à força, não a roubou. Como eu disse, eu dei a você.

– Você jogou em mim, para ser mais preciso. – Delora estremeceu com isso. – Você não estava me dando sua alma porque queria estar eternamente ligada a mim, você me deu porque não se importava mais com o que acontecia com você, se você vivia ou morria. Você estava jogando fora sua alma porque sua vida não tinha sentido para você, e eu vejo isso agora.

– Sinto muito, – ela disse enquanto lágrimas de vergonha começaram a brotar.

– Por que você está se desculpendo? – ele perguntou. – Eu deveria ter esperado até que você estivesse pronta. Eu deveria ter

explicado tudo para você, em vez de esperar até que você me contasse. Eu tirei sua escolha de você por não explicar tudo.

— Sim, mas...

— Você teria me dado se eu tivesse?

Os lábios de Delora se estreitaram enquanto ela pensava em sua resposta, mas ela soube no momento em que ele fez a pergunta.

— Não, — ela admitiu com os ombros caídos. Então ela virou o rosto para ele com uma ruga suplicante nas pálpebras. — Mas estou feliz por ter feito isso, Magnar. Há muito tempo sei que estou feliz por estar aqui com você agora.

— Mas eu não entendo. Você não fica com raiva por não ter tido uma escolha adequada?

— Eu teria feito a escolha errada, no entanto.

— Você ainda teria uma.

— Magnar, se eu não tivesse lhe dado minha alma, não estaria aqui agora. — Seus olhos dispararam sobre as características de seu rosto estranho, mas de alguma forma bonito, antes de finalmente cair sobre suas presas. Eles se estabeleceram lá, examinando a letalidade deles. — Se você tivesse me contado tudo, eu não teria escolha de qualquer maneira.

Seus orbes se transformaram em um tom amarelo.

— O que você quer dizer?

Ela desviou o olhar simplesmente porque não queria ver a reação dele ao que ela estava prestes a dizer, optando por olhar para as chamas na frente deles.

— Você teria me comido. Eu não teria escolha porque não existiria mais neste mundo. Essa é a alternativa para a nossa situação. Seja com raiva de algo que fiz ou disse, ou quando a cobra Demônio me machucou, ou sempre que cheirei a medo, se eu não tivesse te dado minha alma e te livrado de sua fome, você teria me comido.

Suas garras estalaram uma contra a outra enquanto ele mexia com as mãos. Ele estava ficando mais tenso, assim como ela.

— Mesmo que isso seja verdade... — Ele ficou em silêncio, como se quisesse discutir, mas não pudesse. Então ele disse: — Há outras coisas que você também não pode escolher. Coisas que não

consegui sua permissão para fazer com você.

Os lábios de Delora se contraíram quando ela não conseguia pensar em nenhuma outra escolha que havia sido tirada dela. Se ele estava falando sobre quando eles se tocaram, ela estava certa de que seu corpo havia revelado o quanto ela o queria. Ela nunca disse não, exceto uma vez, e ele imediatamente a deixou ir quando ela disse.

— O que você...

— A princípio, não entendi o que isso significava — disse Magnar enquanto acenava com a mão na direção de Fyodor. — Eu tenho pensado neles como um jovem porque minha conexão com eles foi desarticulada. Que somos criadores em vez de pais. Eu sabia que precisava protegê-los, que eram pequenos e indefesos, mas meu cuidado com eles era apenas isso, proteger. Eu não perguntei se eu poderia fazer isso com você. E isso tem sido... difícil para você.

— Bebês acontecem por acidente o tempo todo — ela tentou rir.

— Os humanos fazem isso o tempo todo. Esse é o risco que corremos quando fazemos sexo desprotegido. Nós dois tivemos um papel a desempenhar em sua criação. Eu também sou culpada, e... e eles são preciosos para mim. Desde o momento em que soube que estava grávida, eu os quis. Sempre quis ter um filho, mas nunca consegui antes.

— Mas... eles são Mavka.

— Então? Eles são meus. Isso é tudo que importa para mim. E eles são realmente muito fofos, agora que pararam de tentar me morder.

— É porque você cheirava a medo, — Magnar resmungou. — Isso é sua própria culpa.

Ela deu uma risadinha. Ele estava certo, e ela não podia negar isso. Agora que ela olhou para trás, ela foi notavelmente tola.

— Mas você não preferiria uma criança humana? Eu não posso te dar isso.

Delora deu de ombros e olhou para o pequeno Fyodor em seu colo. Um pequeno sorriso brincou em seus lábios. Claro, eles eram diferentes do que ela imaginou durante toda a sua vida, mas Magnar também era.



— Uma parte de mim está feliz por você não ser humano, — Delora admitiu enquanto virava os olhos para o céu, desejando poder ver as estrelas, mas estava contente em olhar para o horizonte noturno. — Meu relacionamento com os humanos não tem sido apenas sol e arco-íris. Sei que Fyodor não é o que os outros considerariam uma criança normal, nem o que estamos fazendo, mas estou feliz por estar aqui com você agora e por eles terem nascido, mesmo que tenham me assustado um pouco no começo. A vida pode ser assustadora, e todas as mães lutam no início de uma forma ou de outra. — Então seus lábios se curvaram ligeiramente para cima. — Pelo menos eu não tenho que alimentá-los com leite. Acho que isso teria me irritado pra caralho.

— Humanos têm leite?

Sua pergunta não era o que Delora esperava que ele fixasse, e uma risada explodiu dela.

— Sim, Magnar. É para isso que servem os seios. É por isso que as mulheres os têm.

— Seus seios fazem isso? — Sua cabeça disparou para baixo para olhar descaradamente para os seios dela, inclinando a cabeça com seus orbes se transformando em amarelo brilhante em curiosidade. Isso só fez Delora rir mais. — Isso é... realmente estranho. Estou feliz que você não faça isso.



Magnar inclinou a cabeça para o lado oposto quando percebeu que Delora estava rindo por causa do que ele disse. Mesmo sendo às custas dele, ele ficou aliviado por ela achar humor nisso, por estar rindo.

Desde o momento em que ele refletiu sobre seu tempo com ela e percebeu seus erros, ele ficou preocupado em falar com ela sobre eles. Ele queria que ela soubesse que ele entendia que o que ele fez era

errado, que ele estava estupidamente se atrapalhando com tudo, mas ele precisava saber se ela se arrependia.

Magnar queria saber a verdade, mesmo que não fosse o que ele queria ouvir, para saber por onde começar a fazer as pazes.

Parecia que ele não precisava.

Por alguma razão, Delora não se arrependia do que havia feito ou que as coisas tivessem acontecido do jeito que aconteceram. Ela queria estar aqui com ele, e isso significava... tanto.

*Ela está feliz por eu não ser humano, por ser Mavka.*

Rosa brilhante subiu em seus orbes, e ele cobriu um olho com a mão, começando a entender a sensação quente e formigante que crescia dentro dele toda vez que via essa cor. Ele não conseguia definir uma palavra, mas entendia que era porque se importava imensamente com ela. Que isso era importante.

Então Delora fez algo que fez seu coração apertar maravilhosamente em seu peito.

Ela estendeu a mão e agarrou a mão dele para que ela pudesse segurá-la. Ele olhou para baixo, o simples toque enviando prazer por todo o seu corpo.

— O que você está fazendo? — ele perguntou quando ela colocou ambas as mãos na varanda entre eles.

Ela tentou enfiar os dedos nas aberturas dos dele, mas sua mão não se abriu tanto e apenas as pontas dos dedos alcançaram.

— Estou segurando sua mão, — ela respondeu, sorrindo para as chamas quando olhou para elas. — Estou tentando mostrar que está tudo bem. O ser humano faz isso quando quer transmitir algo sem precisar falar, para mostrar à pessoa com quem está que não está sozinho ou que o outro o aceita. No entanto, sua mão é muito grande para mim. Eu deveria fazer isso de outra maneira.

Ela destrancou seus dedos mal travados e então o moveu para segurar o polegar dele. Quando ele fez o mesmo com as dela, suas mãos se uniram muito melhor, embora as dele engolissem as dela tão completamente que não podiam ser vistas.

Ele olhou para suas palmas se tocando, sem perceber que simplesmente segurar a mão dela poderia ter uma simbologia tão

forte.

*Eu gostaria de ter sabido disso antes.* Ele teria tentado segurar sua mão quando ela precisava de conforto.

Ela pediu a mão dele ao trazer Fyodor ao mundo, mas ele apenas pensou que era porque ela precisava espremer o máximo possível de alguma coisa.

Um silêncio tranquilo caiu sobre eles, e Magnar sentiu a pressão de seus pensamentos diminuindo, grato por ela ter tido coragem de ter essa conversa com ele. Ele precisava disso, mesmo que não tivesse demonstrado.

— Tente não se demorar no passado — disse ela por fim. — É isso que estou tentando fazer. Tudo o que podemos fazer é aprender com nossos erros e seguir em frente. Olhe para o futuro. Ok?

Ela olhou para ele com expectativa, e ele assentiu, seu focinho balançando no ar.

Ela respondeu com seu próprio aceno de cabeça antes de escorregar a mão da dele, mesmo que ele não quisesse. Delora moveu-se para ficar de pé, certificando-se de ter um bom controle sobre Fyodor enquanto o fazia.

— Hoje foi um dia muito longo e agitado. Estou muito cansada, mas obrigada por isso. — Ela deu a ele um pequeno sorriso, um que fez ternura queimar em seu peito. — Boa noite.

Ela saiu para entrar, fechando a porta suavemente para manter o ar fresco da noite fora.

Magnar refletiu sobre a conversa deles e como acabou. Como um hábito que ainda não havia se livrado totalmente, ele levou a mão ao focinho para poder bater com uma garra na ponta.

*É para isso que servem os seios? Para fazer leite para seus filhotes?* E aqui estava ele, pensando estupidamente que os seios de Delora existiam para serem tocados por ele, considerando que ela gostava sempre que ele os tocava.

Ele gostava que eles fossem tão grandes que se moviam sob o poder de sua língua, forçando-o a perseguir seus mamilos. Era como um jogo secreto que ele estava jogando com eles.

*Não, ele pensou severamente. Eles ainda são meus.*

O perfume dela sempre ficava incrivelmente doce e erótico quando ele o fazia. Ele gostava de acariciá-los com a língua até que ela saturasse o ar com aquele cheiro de dar água na boca, apertar o estômago e apertar a virilha.

*Posso?* Muitas coisas obrigaram Magnar a lamber o interior da boca de Delora quando estiveram na floresta acima da superfície. Ele teve esse desejo irresistível de tocá-la, saboreá-la, engoli-la inteira – mesmo que a tivesse feito engolir sua língua.

Ele tinha visto Orpheus lamber a boca de Reia até que ela o empurrou com uma risadinha, principalmente porque Orpheus queria deixar Magnar com ciúmes porque ele era possessivo com sua fêmea. Ele era menos agora que Magnar tinha a sua própria.

Ele estava querendo tentar com Delora porque parecia agradável.

Mas ele também estava testando os limites de seu controle.

O desejo irresistível de plantar seu pênis em Delora na época tinha sido forte, mas não o deixou louco. Seu pênis também não havia saído sozinho. Tinha sido protegido por seus tentáculos, permitindo que ele ficasse ereto sem a dor pungente que normalmente o deixava choramingando e necessitado.

Seu desejo de estar dentro de Delora era porque ele queria estar perto dela, não porque precisava dela para aliviar sua dor. O desejo parecia... mais profundo, diferente, melhor.

Magnar olhou para a porta, imaginando se poderia estar na presença dela agora sem ficar desesperado.

*Ela está cansada. Eu não deveria perturbá-la.* Mas ele queria abraçá-la mais do que qualquer coisa.

Com um clique de sua língua, sua mente estava decidida. Ele se levantou com seus pés novos e melhorados, grato por não sentir nenhuma pontada nas pernas e nas costas agora que eles estavam retos e podiam suportar a postura.

Balançando os dedos dos pés, ele olhou para os pés.

*Vou precisar de sapatos. Uns como o de Orpheus agora.*

Ele não precisava mais de sapatos para os cascos, pois os cinco dedos e os arcos dos pés eram mais humanos.

Silenciosamente, Magnar entrou, sabendo que o fogo se apagaria. Ele fez o seu caminho para o quarto dos fundos, tentando manter seus passos leves mesmo sob seu corpo pesado.

Quando ele abriu a porta, encontrou Delora enrolada no ninho vestindo uma de suas camisas. Embora um cobertor a cobrisse, era fácil ver a impressão de seu corpo. Ela estava de lado com os joelhos para cima, abraçando Fyodor, que estava pressionado contra seu peito com a cabeça em seu braço. Seu outro braço estava sobre eles.

Abaixando-se ao lado da parede do ninho, ele roçou as costas de suas garras contra o rosto dela, tentando mexê-la suavemente.

Desde que ela não dormiu por muito tempo, ela acordou facilmente e trouxe seus sonolentos, mas lindos olhos castanhos para suas órbitas. Ele sabia que seriam a única coisa que ela conseguiria ver na escuridão, tornando-o fácil de encontrar.

— Algo está errado? — ela perguntou, sua voz cheia de sono. Ele gostou do som de sua voz assim.

— Posso me deitar com você?

Ele iria embora se ela dissesse não, mas esperava que essa não fosse a resposta que receberia.

— Claro. — Ela se moveu para dar a ele mais espaço até que suas costas estivessem contra uma das paredes, arrastando Fyodor com ela. — Esta é a sua cama também, não que você a tenha usado.

Talvez Delora não soubesse, mas Magnar estava dormindo neste quarto, apenas... fora do ninho. Desesperado para estar perto dela, mas incapaz de estar com ela.

Cuidadosamente, ele se arrastou para dentro e deitou de lado, movendo a cabeça até que seus chifres não o incomodassem.

— Posso te abraçar? — Ele prendeu a respiração desta vez, sem saber se ela iria querer isso.

Seu coração batia forte no peito. *Por favor diga sim.*

— Mhm. — Ela deu a ele um pequeno aceno enquanto seus olhos se fechavam. — Você é realmente quente. Isso vai me impedir de sentir frio.

Magnar se aproximou até ser capaz de confortavelmente colocar os braços em volta dela. Ele forçou suas posições juntos até que

ela teve que deixá-lo ser seu travesseiro com o rosto pressionado contra seu peito firme.

Como ele estava apenas testando as águas de seu novo controle, ele permaneceu como estava, certificando-se de que tudo estava calmo dentro dele. Quando permaneceu assim, ele soltou um suspiro satisfeito e a apertou mais perto, roçando o lado de sua mandíbula contra seu cabelo sedoso.

Isso era mais do que ele tinha sido capaz de fazer antes.

Ele sabia que ela estava dormindo quando sua respiração se aprofundou e se igualou, e Magnar trouxe a mão que descansava em cima dela até seu rosto para que pudesse pentear seu cabelo para trás. Então ele cuidadosamente desenhrou a ponta da garra de seu dedo indicador na borda de sua mandíbula, seu estômago formigando com fortes emoções enquanto ele olhava para ela.

Ele não sentiu um único ping de cansaço dentro de seu abraço.

*Ela é tão amável.*

Ele passou a ponta do dedo pelo comprimento do nariz fofo dela, antes de roçar a parte de trás de uma garra sobre a bochecha alta e arredondada. Então ele gentilmente acariciou sua mandíbula novamente, sentindo sua cabeça virar para cima desta vez em boas-vindas, apesar de estar dormindo.

Mas foi o polegar que ele usou para roçar os lábios dela, sentindo o lábio superior mais fino antes de roçar suavemente o inferior. Ele abriu o de baixo, cada vez mais fascinado com a suavidade que sentia.

Desde o momento em que os provou na floresta, soube como sua saliva era deliciosa, como sua boca era quente, como sua garganta era dura, Magnar sentiu um desejo irresistível de lamber seus lábios novamente. Constantemente, repetidamente, e ele sabia com absoluta certeza que nunca se cansaria de fazê-lo. Ele nunca ficaria satisfeito.

Uma fome que ele adorava ter.

Ele queria se inclinar mais perto e fazê-lo agora, a necessidade importunando-o, mas ele não o fez. O Magnar de antes, aquele com menos humanidade, teria sido vítima do incômodo em sua mente e

teria tentado até que ele a acordasse.

Precisando se afastar desse pensamento desde que o roxo cintilou em sua visão, ele deslizou sua garra sobre a coluna de sua garganta. Ela soltou um suspiro ofegante e angulou sua garganta ligeiramente.

Magnar lambeu o focinho.

*Eu gosto quando ela faz esse som.*

Mesmo que ele quisesse, ele não desceu em seu corpo. Isso era demais para ele. Se ele sentisse como ela era macia e sublime em suas mãos, ele sabia que iria querer tocar mais até ficar satisfeito, até que ele reaprendesse cada centímetro dela.

Em vez disso, ele levantou as garras para poder penteá-las através de seu longo cabelo preto, sentindo os fios brilhantes emaranhando-o. Ele queria que eles girassem em torno de seus dígitos até que ele fosse permanentemente capturado por eles.

Magnar queria se tornar sua presa.

Ela não tinha começado a tentar pentear o cabelo de forma alguma porque não tinha prendedores de cabelo. *Vou conseguir mil para ela, quantos ela precisar. Se ela pentear o cabelo tão bem quanto pinta, sei que será igualmente fascinante.*

Ele acidentalmente cortou a orelha dela com a garra, não o suficiente para cortá-la, mas o suficiente para fazê-la soltar outra respiração superficial.

Magnar riu levemente para si mesmo.

Com um sussurro muito baixo, ele disse: — Você tem orelhas tão sensíveis, meu pequeno corvo. Isso me faz sempre querer brincar com eles.

Ele passou a ponta de sua garra por trás da concha, apenas querendo ouvi-la fazer aquele pequeno som novamente e nada mais.

— *Magnar*, — ela gemeu, contorcendo-se contra ele enquanto tremia.

O ar estava temperado com um perfume inebriante, aquele que o informava que ela estava ficando excitada. Foi rápido, pegando-o de surpresa, e agarrou-o terrivelmente.

*Ela gemeu meu nome enquanto dormia?* Isso fez seu estômago

apertar. Roxo brilhou em sua visão, e ele se afastou dela na esperança de que seu cheiro diminuísse para que ele pudesse permanecer.

Isso não aconteceu. Em vez disso, sua respiração tornou-se superficial enquanto seu peito corava. Ela puxou o cobertor para trás como se estivesse ficando quente, e a visão tentadora de seu decote, seus seios macios e redondos, quase derramou de sua camisa de dormir. Ele deu uma espiada nas coxas grossas e sedosas antes que ela colocasse o cobertor em volta da cintura.

Ela gemeu em seu sono, lambendo os lábios antes de relaxar. Magnar percebeu que o cheiro dela estava se aprofundando a cada segundo, embora ele tivesse parado de tocá-la afetuosamente.

Ela estava excitada, necessitada. Ele esperava desesperadamente que a tivesse levado a sonhar com ele. Dele *a tocando*.

Delora tinha sido a campeã sedutora de cada um de seus sonhos desde que a conheceu. Ele queria ser dela também.

*Eu quero aliviá-la.* Delora se esfregando nele na floresta não escapou de sua atenção, nem seu cheiro inebriante de necessidade no momento.

Ele esteve tão perto, quase tomando seu corpo flexível ali mesmo.

Ele pensou que ela poderia aceitar seu toque agora, mas ele não sabia se podia confiar em si mesmo ainda. Mesmo assim, ela estava dormindo. Ele não iria acordá-la.

Mas Magnar podia sentir seus tentáculos se movendo, podia senti-los envolvendo seu pênis quando ele começou a escorregar de sua costura. Ele estava reagindo ao cheiro dela, a visão sensual dela deitada ali tão dócil para ele.

*Eu quero continuar deitado aqui com ela. Eu quero abraçá-la.*

Ele não poderia fazer isso em seu estado atual.

Magnar queria confiar em si mesmo, mas ainda não sabia se podia.

Uma ideia surgiu em sua mente, uma que o fez lambe a parte externa de suas presas. Uma que tinha um brilho roxo mais profundo em sua visão enquanto ele se movia para rastejar para fora da cama



sem perturbá-la.

Ele estava determinado a não ficar longe dela por muito tempo.

*Onde ele continua indo à noite?* Delora pensou enquanto observava Magnar. Ele segurava uma perna da mesa que estava prendendo a uma mesa de jantar que estava fazendo e usou firmemente um martelo para cravar um prego comprido.

A mesa era rústica, feita de várias fatias de troncos de árvores que eram unidas por vigas cruzadas de madeira embaixo dela. O lado de fora tinha bordas irregulares, mas Delora meio que gostava desse jeito. Quando ele perguntou se ela queria que ele alisasse e tornasse retangular ou circular, ela disse não para ambos.

*Ele começou a dormir comigo.*

Era bom estar envolta em calor todas as noites. Protegida por membros longos e firmes enquanto é revestido de penas e pelos. Absorvendo o cheiro delicioso e reconfortante que a fez enterrar a cabeça não tão sutilmente em seus belos músculos peitorais.

Ouvindo seu forte batimento cardíaco contra seu ouvido e sentindo a onda mental de seu peito se expandindo e comprimindo sempre que ele respirava fundo - apenas para soltá-lo lentamente alguns segundos depois.

O abraço era íntimo e tornava-se mais íntimo a cada noite, quando Delora ousava se aproximar um pouco mais, escondendo-o debaixo do cobertor para que ela pudesse colocar seus tornozelos entre os dele. Ela queria entrelaçá-los.

Isso nem sempre foi fácil com Fyodor, que agora *exigia* estar no meio deles como se quisesse egoisticamente que ambos os confortassem.

*Eu acordo em seus braços.*

Delora não conseguia se lembrar da última vez que ela acordou nos braços de alguém.

No começo, Hadith era muito carinhoso e eles passavam muitas manhãs preguiçosas juntos.

Aqueles dias nunca poderiam ser comparados ao modo como Delora acordou nos braços de Magnar, quase com raiva de si mesma por precisar se levantar para fazer xixi - grata por eles agora terem um

penico para ela usar. Ela estava pensando em pedir a Magnar para fazer uma casinha para ela.

Delora implorava a ele por apenas mais alguns minutos, como se ela não estivesse bem acordada, dando qualquer desculpa quando ele dizia que eles precisavam começar o dia.

Ela pensou que ocasionalmente sentia suas garras maravilhosas acariciando sua mandíbula ou arranhando seu couro cabeludo, puxando-a para um sono mais profundo e dando-lhe sonhos realmente agradáveis, e ocasionalmente travessos.

Nada disso respondia por que ela sabia que sentiria um ponto frio no meio da noite. Estar envolta em calor significava que ela acordou quando ele estava ausente.

Ontem à noite, ele a acordou acidentalmente ao se desvencilhar dela. Delora, meio adormecida, sentiu Magnar escapar. Apenas para acordar com suas garras roçando seu cabelo no final da manhã.

*O que ele está fazendo quando sai?*

Ele começou a se deitar com ela apenas algumas noites atrás.

Desde então, a casa começou a ser mobiliada como se ele fosse um maníaco que não conseguia ficar parado nem por um segundo. Ela já tinha um sofá comprido que ele construíra com galhos e um menor para acompanhá-lo - ambos agora só precisavam de coberturas de pele para torná-los mais macios, mas eram adequados para sentar.

Ela tinha um banco na varanda, então não precisava mais se sentar nos degraus.

Ele fez duas cadeiras de jantar, uma para ela e outra para Reia porque sabia que tê-la por perto deixava Delora feliz. E agora ele estava fazendo uma mesa para acompanhar.

Por falar em Reia...

Uma mão pequena e pálida acenou na frente de seu rosto.

— Terra para Delora, — Reia disse lentamente, tentando chamar sua atenção. — Alôoooo?

— Desculpe, — Delora murmurou.

Ela desviou o olhar de Magnar, e talvez de sua bunda musculosa, redonda e firme que estava parcialmente escondida atrás de seu longo rabo, para olhar para o rosto carrancudo de Reia.

*Eu totalmente não estava olhando para a bunda de um Caminhante do Crepúsculo.* Seu rosto começou a ficar quente. *Eu juro que não estava.*

Reia estava sentada ao lado dela no banco do lado de fora, seu cabelo loiro caindo ao redor de um lado de sua cabeça e balançando sobre seu ombro. Ela estava dando a Delora uma carranca.

— Você parece um pouco fora de si hoje.

— Na verdade não, — Delora tentou rir. — Apenas imersa em pensamentos.

Os lábios de Reia se estreitaram em linhas tão apertadas que ficaram brancas e quase desapareceram, e seus olhos se estreitaram em olhares de dúvida.

— Mentirosa. — Então ela suspirou. Ela cruzou os braços atrás da cabeça para descansar contra a parede da casa e o encosto. — Então, novamente, não meu circo, não meus macacos.

Delora franziu o nariz. — Afinal, o que isso quer dizer?

— Significa que não é problema meu, nem da minha conta. — Seus lábios se curvaram ligeiramente. — E você já me mordeu a cabeça algumas vezes por procurar informações que não quer dar. Você é muito reservada, sabia?

— Quando você vem da aldeia que eu vim, é melhor ficar de boca fechada ou todo mundo vai saber o que aconteceu na sua casa.

Delora podia se lembrar *vividamente* do dia em que ela confidenciou a um 'amigo' sobre como Hadith às vezes não queria fazer sexo com ela. Isso levou todos a pensar que havia algo errado com o pau dele porque o 'amigo' dela havia dito isso a todos. Isso então colocou Delora em uma situação horrível, onde ela aprendeu que não havia nada de errado com seu pau além da pessoa a quem estava ligado.

Ela só estava procurando por conselhos, procurando uma maneira de apimentar o relacionamento deles fora do quadrado de seus pensamentos. Em vez disso, ela e Hadith foram humilhadas, e ele ficou furioso com ela.

Aqueles que viveram ao redor deles depois daquela noite confirmaram que não havia nada de errado com sua habilidade de se apresentar no quarto porque eles foram ouvidos a noite toda.

Delora estremeceu com a memória com repulsa.

— Provavelmente o mesmo para a minha, — Reia respondeu friamente. — Mas eu não tinha permissão para falar com ninguém, então eu sabia merda nenhuma sobre o que acontecia, exceto pelo que ouvi pegando minha comida. Jill estava traindo Jack. Hansel roubou sua irmã Gretel por suas migalhas de pão. Blá blá blá. Sempre achei a fofoca trivial e sem sentido.

— Parece certo, — Delora bufou com uma risada sem humor.

— Você sabe... embora, — Reia disse enquanto rolava a cabeça para o lado para enfrentar Delora. — Você pode falar comigo. A quem eu vou contar? Orpheus? — Ela apontou o polegar na direção do Caminhante do Crepúsculo com caveira de lobo ajudando Magnar a segurar a mesa para que ele pudesse prender outra perna da mesa. — Nós não nos importamos com o que acontece entre vocês dois, desde que você esteja bem. Você é a humana nesta situação, vivendo em um lugar como o Véu, isolada do resto da humanidade.

— Obrigada, — Delora disse em voz baixa, desejando que sua incapacidade de confiar nas pessoas não fosse tão quebrada.

Embora ela agora pensasse em Reia como uma amiga, ela não a conhecia bem o suficiente. Ela não sabia se suas opiniões ou conselhos seriam úteis ou do que ela precisava, já que elas tinham duas personalidades muito diferentes. Ela também poderia apenas um dia... mudar.

Muitas vezes as pessoas não eram quem pareciam ser, colocando uma fachada porque era mais fácil do que revelar sua verdadeira natureza.

— Como está esse pequenino? — Reia estendeu a mão e roçou o topo do crânio de Fyodor com o nó dos dedos enquanto eles se deitavam no colo de Delora. — Eles parecem um coelho feroz.

Delora baixou o olhar para sorrir para eles. Ela não pôde evitar quando os pegou em seus braços e deu-lhes um abraço apertado enquanto balançava ligeiramente de um lado para o outro. Eles eram tão fofos que ela só queria esmagá-los em adoração.

— Eles são bons. Um pouco pesado para carregar agora, mas acho que isso está me deixando mais forte.

— Você vai ficar bem por alguns dias sem nós?

Delora assentiu.

Reia e Orpheus estavam planejando uma viagem para a Vila dos Demônios. Eles originalmente vieram apenas para dizer que não os visitariam por um tempo, mas então Magnar pediu a Orpheus alguma ajuda para fazer a mesa, já que era difícil fazer sozinho.

— Você me perguntou se eu precisava de alguma coisa. Você poderia me dar alguns itens de cozinha, como algumas facas adequadas?

— Sim, claro. Parece fácil. Também vou pegar mais tecido. — O rosto de Reia se iluminou em um sorriso. — Fazer roupas para nós duas está me mantendo entretida. Isso me dá algo para fazer.

Os lábios de Delora também se curvaram, sabendo que ela agora tinha um segundo vestido para usar desde que Reia o trouxe para ela.

— Você deveria vir e me deixar te ensinar como usar uma espada. Horas de diversão sem fim.

— Não, obrigada! — Delora riu. — É mais provável que eu corte minha própria perna do que seja capaz de matar um Demônio.

Orpheus escolheu aquele momento para começar a caminhar na direção delas, a mesa agora completa. Magnar estava alguns passos atrás, levantando tudo sozinho. Reia ficou de pé e se espreguiçou levantando os braços no ar e entrelaçando os dedos, indo até as pontas dos pés enquanto soltava um grunhido nada feminino.

— Tudo bem, vamos acabar com essa caminhada longa e chata, — Reia disse enquanto descia os degraus.

Orpheus bufou, mas estendeu o braço como se estivesse ansioso para tocá-la. Ele enrolou a mão em volta da cintura dela.

Não houve adeus, como nunca houve porque eles voltariam em breve.

Delora observou Magnar virar a mesa de lado, passando duas pernas pela porta antes de fazer uma curva para passar as duas últimas.

Ela sorriu conscientemente.

O velho Magnar estaria parado na porta, imaginando como ele

deveria passar pela mesa, já que era larga e desajeitada, provavelmente coçando a cabeça em perplexidade.

*Eu meio que sinto falta dele sendo bobo.* Mas ela também gostava desse novo Magnar.

Delora sentiu o ar frio da noite roçando seu ombro exposto quando Magnar se moveu lentamente para rastejar para fora do ninho. Ele fez questão de cobri-la, mas Delora foi perturbada em seu sono, ficando mais sensível a seus movimentos enquanto ele desaparecia todas as noites.

Ela não sabia se tinha adormecido ou não, mas quando abriu os olhos, percebeu que nunca teve a chance de vê-lo partir. Ela estava completamente envolta em escuridão.

E sozinha.

*Onde ele foi?* O que ele estava fazendo e por quê?

Ela se sentou cautelosamente, certificando-se de que as cobertas permanecessem sobre Fyodor. Eles continuaram a dormir como uma bola, alheios ao mundo.

Tudo estava quieto. Tão quieto que tudo o que ela podia ouvir eram as respirações minúsculas, geralmente imperceptíveis, de Fyodor.

O ar estava frio, mas não gelado contra sua pele descoberta. Delora mordeu o interior de sua bochecha enquanto debatia consigo mesma se deveria ousar encontrar Magnar.

Ela nunca perguntou a ele o que ele estava fazendo à noite. *Todo mundo merece momentos privados para si.*

Ela também pode estar procurando por alguém que não estava lá. Delora não queria parecer um cachorrinho perdido procurando pateticamente por seu dono.

Depois de uma feroz luta interna, Delora tomou sua decisão quando olhou pela janela. A lua brilhava através da névoa em uma noite sem nuvens. Deveria ser o suficiente para dar a ela algum tipo de luz para que ela não andasse cegamente.

Por mais que ela quisesse levar o cobertor para se aquecer, Delora o deixou para trás para não mexer com Fyodor. Ela saiu de casa na ponta dos pés, fechando a porta da frente com cuidado.

*Ok, vou apenas circular o quintal ao redor da casa, ela pensou consigo mesma. Se eu não conseguir encontrá-lo, simplesmente voltarei para*



*dentro. Ela duvidava que fosse capaz de dormir, no entanto.*

*Ou talvez eu possa perguntar a ele onde ele foi quando voltar.* Ela tentou fazer isso na noite passada, mas voltou a dormir.

Abraçando-se para se aquecer, pensando que talvez devesse ter vestido roupas de verdade em vez de andar por aí com uma das camisas de Magnar, ela desceu os degraus.

Delora não o viu na frente. Ela virou para a esquerda para ver se talvez ele estivesse atrás, onde ficava o jardim.

A lua tornava a névoa mais branca, mais densa ainda, o que fazia com que a área parecesse assombrada – como se a qualquer momento um Fantasma pudesse espreitar de qualquer lugar. As árvores pareciam assustadoras, pois muitas delas haviam perdido as folhas, aparecendo como garras ameaçadoras na escuridão e se movendo como se quisessem atacar.

*Eu nunca estive lá fora sozinha à noite antes. Velhos hábitos tornavam difícil não ser cautelosa. É muito mais assustador do que eu pensei que seria.*

Os humanos hoje em dia tinham medo do escuro, considerando que havia uma chance real de não estarem sozinhos nele.

Um barulho fez seus ouvidos tremerem, e sua cabeça se animou.

Um bufo, profundo, mas curto, flutuou sobre o vento como se tivesse ecoado nas proximidades. Delora hesitou quando soube que tinha vindo de dentro da floresta logo após o pátio parcialmente limpo.

*Talvez não seja uma boa ideia... E se for um Demônio? Ela mordeu a bochecha novamente. Pare de ser um gato assustado. Nenhum Demônio pode entrar na ala de proteção.*

Pelo menos... eles não conseguiram antes.

Puxando uma respiração forte e calmante, Delora se dirigiu na direção que ela ouviu o barulho, tentando não fazer muito barulho apenas no caso de ser algo que ela não queria tropeçar.

Magnar poderia estar comendo algo estranho pra *caralho*, pelo que ela sabia.

Outra bufada, que foi mais profunda desta vez e até soou

trêmula, redirecionou seu caminho. Seguiu-se um ronco baixo.

E então ela o encontrou.

As árvores aqui não eram densas e permitiam apenas o luar brilhar entre as lacunas das folhas para vê-lo claramente.

As orbes de Magnar estavam pretas, sinalizando que seus 'olhos' estavam fechados, enquanto seu focinho estava apontado para o céu. Suas presas separadas lançaram uma nuvem em sua expiração profunda e ofegante. Ele estava abaixado no chão de joelhos e, a princípio, ela pensou que ele estava apenas... sentado ali, sem fazer nada.

*Por que ele está...*

Levou um momento para Delora realmente registrar o que estava acontecendo. Quando ela o fez, o calor queimou em suas bochechas antes de se espalhar pelo peito e se acumular em seu estômago. Ela teve que se apoiar contra um tronco de árvore quando seus joelhos tremeram.

Seus pés de repente ficaram enraizados no chão.

Pela visão lateral que ela tinha, ela podia ver que ele tinha uma mão descansando sobre o joelho, enquanto a outra segurava firmemente seu pênis grosso. Ela observou o longo comprimento que se projetava entre seus quadris sendo acariciado enquanto ele lentamente, como se não pudesse evitar, empurrava em seu punho.

Ele deu um gemido trêmulo, um que fez sua cabeça torcer ligeiramente antes de tremer.

*Oh meus deuses.*

Seus quatro, longos e grossos na base, tentáculos se contorciam no ar, mas ele não estava preocupado com eles. Ele apenas baixou o punho ao redor deles para que pudessem envolver sua mão antes que ele puxasse para cima e para longe. Então ele esfregou a estranha cabeça que tinha protuberâncias perceptíveis ao redor da borda que podiam ser vistas à distância.

Os olhos dela seguiram seus movimentos, sua mão grande engolindo algo que ela não achava que seria capaz de colocar em torno dela.

A visão era completamente erótica, Magnar masturbando seu

pênis com apenas uma pitada de luar caindo sobre ele. Ela teve que se firmar ainda mais contra o tronco da árvore quando juntou as coxas.

Os mamilos de Delora se transformaram em pontos duros, sentindo-se notavelmente coçando e carente contra o material macio da camisa que ela vestia.

Parte dela queria se juntar ao que ele estava fazendo serpenteando a mão entre as coxas para se tocar. A outra parte só queria assistir descaradamente a cena magnífica acontecendo.

Ela mastigou o canto da boca.

*Eu quero vê-lo vir.*

Ela queria testemunhar o que *sabia* ser uma fonte de sêmen jorrando dele em abundantes cordas. Ela sabia que haveria um som maravilhoso para acompanhar. Um gemido que seria estrondoso, desumano e não oculto.

Sua boceta se apertou novamente com o pensamento, as pontas dos dedos começaram a pulsar junto com o resto de seu corpo. Seu sangue bombeado com um alto.

*Está tão quente. Eu me pergunto se vai vaporizar.* Ela seria capaz de vê-lo fazendo isso com o quão frio o ar estava?

Seus chifres eram como galhos ameaçadores atrás de sua cabeça, suas garras brilhavam ao luar, suas presas se abriam para deixar o ar sair para fora e mostravam o quão afiadas e perigosas eram.

Ele parecia uma besta monstruosa em sua posição, mas também parecia um deus selvagem da fertilidade.

E seu pênis estava *brilhando* com seu lubrificante, pingando de seus dedos para respingar contra o chão. Ele estava obviamente tão excitado com o que estava fazendo que ela podia até ouvir um som molhado.

Ela agarrou a barra de sua camisa, pensando seriamente em enfiar os dedos em suas dobras, quando teve que apertar as coxas com mais força para aliviar um pouco do latejar que sentia em seu clitóris latejante.

Então sua língua saiu para lamber suas presas como ele estava gostando disso, estava gostando de se tocar, masturbando seu pau.

Seus orbes eram negros. *Ele está... imaginando a mim ou a nós?*

Sua mão parou no meio do caminho assim que seus orbes piscaram em roxo. Sua cabeça estalou em sua direção.

Delora foi pega.

Ela deveria saber que ele eventualmente sentiria o cheiro dela ali, talvez até ouvisse seu coração gaguejante e ofegante, mas ela foi incapaz de fazer qualquer coisa, exceto *assistir*. Ela não queria que ele parasse.

Ela pensou que seus orbes iriam piscar para um rosa avermelhado ao serem pegos. Ou talvez, que ele se afastasse dela embaraçado.

Em vez disso, ela recebeu um grunhido, – *Delora* – assim que a mão dele se moveu para baixo para terminar o golpe.

Esse baixo, o estrondo. Era como uma ressonância que viajava desde seus ouvidos até seu âmago.

Os joelhos de Delora quase desmoronaram quando sua boceta estremeceu em reação, arrepios e formigamento agredindo seu corpo inteiro. Se Delora tivesse a capacidade de gozar sem ser tocada, esse seria o momento.

Ele lambeu seu focinho ossudo novamente, desta vez seu olhar roxo e cheio de luxúria fixo nela. Sua mão começou a trabalhar mais rápido, como se ele estivesse *animado* por ela estar lá, por ser capaz de vê-la.

Mas aquela lambida com a língua parecia uma expressão de convite, e seu pé deu um passo mais perto sem pensar, sem hesitar.

– *Fique*, – ele exigiu, seus movimentos parando. Ele agarrou seu pênis com força bem atrás da cabeça, fazendo-o inchar.

Para onde sua mente inteligente foi, ela não sabia. Ela também não se importava. Assim que o pensamento de colocar as mãos em seu pênis brilhante veio a ela, para substituir a dela pela dela, Delora não conseguiu se concentrar em mais nada.

Ela tropeçou com a exigência dele, como se algum lugar em seu subconsciente dissesse que se aproximar era uma má ideia, até perigosa, mas seus pés continuaram se movendo.

– *Delora*, – ele alertou desta vez, mas a profundidade de sua

voz distorcida de barítono só a fez se sentir mais bêbada em sua própria necessidade.

*Meu nome vindo dele soa como um pecado.*

Desde que ela estava indo para ele do lado, Delora avançou seu caminho até que ela estivesse na frente dele. A maneira predatória como a cabeça dele seguiu o movimento dela a fez lambear a costura dos lábios, sentindo-se repentinamente ressecada.

Quanto mais perto ela chegava, melhor ela podia ver que uma bolha de líquido branco estava formando uma pérola em seu olho esquerdo. Com ela mais perto, cresceu até que ela pensou que começaria a escorrer pela cabeça a qualquer momento.

Seus olhos permaneceram fixos nele, e ela caiu de joelhos bem na frente dele com as mãos estendidas.

— Posso fazer isso por você, se quiser.

Ela queria. Foda-se... não, ela *precisava*.

Não era como se ela estivesse lhe dando muita escolha quando ambas as palmas roçaram a ponta de sua cabeça bulbosa. O lodo espesso e o calor a saudaram, mas ela não teve escrúpulos sobre o líquido quando sentiu a dureza dele crescer sob seu leve toque.

Ele soltou um suspiro, um que foi abalado pelo prazer, quando ela estendeu as mãos sobre a cabeça e encontrou seu punho logo atrás dela. Tinha um aperto tão forte que parecia estar estrangulando seu pênis, o líquido borbulhando entre os nós dos dedos. Quando as pontas dos dedos dela roçaram a mão dele, ele a puxou para trás como se tivesse sido empurrado pela força fraca dela.

Ela continuou a empurrar, embora não estivesse realmente colocando força nisso, até que eles estavam na metade do caminho. Ele soltou seu pênis quando ela o envolveu com ambas as mãos. *Eu tinha razão*. Mal cabia nas lacunas de suas palmas onduladas, as pontas dos dedos mal se sobrepunham.

Umidade e textura saudaram suas palmas sensíveis, e ela absorveu tudo. O sulco profundo sob todo o comprimento de seu pênis. As linhas emparelhadas de nódulos que desciam por três lados dele – o topo e os lados. As muitas veias que ela podia sentir e ver pulsavam fortemente. Elas estavam grossas, inchadas e bombeando

sangue rápido na dureza de seu pênis que quase parecia pedra.

Magnar soltou um gemido estrangulado quando sua cabeça caiu para trás, a mão que ele estava usando para se masturbar subindo para espalhar seu lubrificante por todo o lado de seu rosto e pescoço. Ele escorregou para segurar a parte de trás de sua cabeça, mergulhando em seu cabelo.

Ele deu a ela um estremecimento profundo, como se seu toque fosse demais para suportar.

Ela foi forçada a trazer seu rosto apenas um fôlego longe da ponta quando suas mãos desceram, sentindo cada centímetro glorioso que ele tinha para oferecer. Seus tentáculos envolveram seus antebraços, agarrando-se a ela com ainda mais umidade, mas ela apenas se sentiu aquecida por eles, deliciosamente acariciada por eles, em vez de repulsa.

— Foi bom acariciar seu próprio pau? — ela perguntou com uma voz ofegante.

Ela puxou para trás, puxando com força para fazer seus tentáculos se soltarem para que ela pudesse fazer seu primeiro golpe de volta. Massageando seu pênis com tudo o que tinha, tentando espremer-lo com toda a força, já que era tão duro que dava tanta resistência contra ela, uma humana, ele resistiu em suas mãos quando ela alcançou a borda de sua cabeça.

— *Sim*, — ele gemeu em resposta, seus quadris empurrando em sua mão uma segunda vez quando ela começou a descer a cabeça.

Essa gota de branco cresceu.

Ela pensou com o quão perto ela estava que ele cheiraria... engraçado. Salgado ou talvez com um sabor estranho no ar na frente do nariz. Tudo o que ela podia cheirar era doçura.

Delora lambeu os lábios antes de morder o inferior.

— Foi melhor do que eu tocar seu pau?

Um ofego curto soou logo antes de seu pênis inchar, aumentar, engrossar sob as palmas de suas mãos, afastando suas mãos até que não se tocassem mais. Aquela gota branca ficou muito pesada à medida que mais líquido se formava, e começou a transbordar, escorregando pelo sulco na cabeça que seguia por toda a extensão dele.

Ele estava tenso, seu corpo inteiro rígido, e ela podia ver que ele queria tocá-la com a outra mão quando ela se ergueu no ar. Em vez disso, ele o agarrou e o trouxe de volta para o joelho, enquanto a mão que segurava sua cabeça suavizou sua pressão contra ela.

– Não.

Delora sentiu um arrepio de prazer percorrê-la com isso.

Ela acariciou para baixo mais rápido desta vez e foi até o fundo, sentindo onde sua fenda havia se aberto e estava empurrando seu pênis para frente com a base dentro dele para apoiar sua posição para frente. Ela encontrou duas saliências redondas e ovais na base de seu pênis que estavam embutidas embaixo.

Delora se encolheu quando ele empurrou seus quadris para cima com um grunhido raivoso. Suas presas se separaram quando ele lançou seu rosto para baixo em sua direção, o vermelho brilhando em seus orbes. Suas garras cravaram na parte de trás de sua cabeça enquanto sua outra mão disparou para frente para agarrar seu ombro.

Ela congelou com as mãos sobre eles. — Eu machuquei você?

– *Sensível*, — ele rosnou, saliva pingando entre suas presas. — *É daí que vem a minha libertação. É uma sensação boa.*

– Aqui? — Ela esfregou as pontas dos dedos sobre eles como se estivesse tentando fazer cócegas neles.

Seu pênis empurrou bem na frente de seu rosto, e ele soltou um gemido. *Ahhhh, ele gosta disso.* Talvez tocá-los tão rudemente tenha sido muito bom, mas seu toque mais suave provocou uma resposta melhor, uma que não foi tão violenta.

Ela se perguntou se brincasse demais com eles, se ele entraria em combustão espontânea contra seu rosto.

Ela estava disposta a isso, mas talvez não agora.

Não quando aquele buraco cortado na ponta de seu eixo estava a apenas uma respiração de distância. No entanto, a gota branca perolada ali, que tinha uma linha riscada saindo dela para o sulco dele, estava chamando por ela. *Desafiando-a.*

Sua própria respiração saiu mais quente quando ela olhou para ele.

Delora abriu os lábios. *Por favor.* Ela deixou sua língua cair

sobre o de baixo. *Por favor, não seja nojento.* Nada iria impedi-la de avançar e passar a língua sobre ele para que pudesse pegá-lo e espalhá-lo sobre suas papilas gustativas.

Ela estava preocupada que o lubrificante ou a semente dele fossem nojentos. Dar-lhe um boquete nunca pareceu atraente simplesmente porque ele estava coberto de lodo. Ela pensou que teria um gosto estranho.

No momento em que ambos tocaram suas papilas gustativas, os olhos de Delora piscaram lascivamente. Seu abdômen se apertou com um espasmo tão pesado que ela sentiu sua própria excitação vazar pela fenda de sua entrada.

Seu lubrificante tinha gosto de uma versão diluída de seu perfume, e seu sêmen tinha gosto de floresta fresca. Estranho.

Isso enviou uma corrida através dela. Delora afundou o máximo de sua boca que pôde ao redor da grande cabeça, girando sua língua para coletar cada pedacinho dela.

Magnar rugiu, suas garras mordendo-a pelo que ela havia feito. Suas mãos ainda estavam se movendo, mas ele puxou sua cabeça para trás, segurando seu cabelo e puxando.

– *Não lamba,* – ele estrangulou.

Ela olhou para cima para ver que seus orbes estavam brilhando em um roxo brilhante no meio, mas escuro por fora.

– Por que não? – ela perguntou com uma respiração ofegante.

– *É muito bom. Eu machucarei você.*

Delora lambeu os lábios para sentir o gosto dele. Não havia como ela ceder a sua exigência, não agora que ela sabia o quão maravilhoso e delicioso era.

– Então mantenha suas mãos para si mesmo, – ela ordenou, antes de lançar a cabeça para frente e acariciar a ponta de seu pênis com toda a língua.

Suas mãos voaram para longe dela, assim quando ele soltou um latido surpreso, estrangulado, como uma raposa. Ele agarrou seu peito, e ela podia ver seu abdômen afundado e cerrado.

Delora se aproximou e massageou seu pênis inchado e latejante enquanto começava a lambê-lo, buscando cada pedaço de lubrificante.



Tinha acumulado dentro de seu sulco, e ele tremeu quando ela mergulhou a língua dentro para seguir seu caminho para cima. Ela nem chegou ao topo antes de sua língua ser saudada por sêmen pingando.

Ela o recolheu enquanto continuava seu caminho.

Ela até mergulhou a ponta da língua no pequeno buraco fendido de onde vinha, roubando tudo antes de roçar os lábios nas laterais da haste saliente e sacudida. Ela sentiu os nódulos contra eles e começou a brincar com as pequenas protuberâncias, provocando-as com os lábios, dentes e língua.

Sua mente estava vidrada, ela realmente não sabia ou se importava mais com o que estava fazendo. Ela estava saboreando cada centímetro dele e era recompensada sempre que seu pênis crescia e inchava enquanto mais lubrificante subia da própria carne que o cobria e o molhava novamente, dando-lhe mais.

Não importava que estivessem do lado de fora, onde o ar chegava. Estava sendo tocado, massageado, o que o mantinha úmido e sem dor, exceto pelo que devia ser uma dor terrível e carente. Uma dor que ela queria aprofundar até que o agarrasse.

Às vezes ela podia ver em seu periférico que as mãos de Magnar pairavam no ar ao redor de sua cabeça, como se ele quisesse agarrá-la. Ele sabia que não podia. Em vez disso, elas se contraíram e tremeram ao redor dela.

*Ele está sendo tão bom.*

— Isso é bom, Magnar? Você gosta que eu prove seu pau?

Sua única resposta foi um rosnado ameaçador.

Uma parte dela desejou que ela pudesse fazer isso com uma mão para que ela pudesse enfiar a mão entre as coxas e imitar seus movimentos. Seus mamilos estavam duros, doloridos, e seus seios pesados balançando contra sua camisa eram notáveis, sabendo que eles eram tão sensíveis por causa de como ela estava excitada.

Ela queria gozar enquanto tinha a boca ao redor do pênis deste Caminhante do Crepúsculo.

Ela apertou com força, tentando ter certeza de que ele sentia isso até o âmago. Suas mãos trabalhavam em uníssono, acariciando

para frente e para trás, mas ela era lenta para prolongar isso. Ela até se aninhou em seu pênis, abrindo os primeiros botões de sua camisa para poder moldar seus seios ao redor da base.

Delora não iria de forma alguma apressar isso. Especialmente porque ela esperava explodir a mente desse Caminhante do Crepúsculo inexperiente com o que ela esperava ser o orgasmo de sua vida.

*Eu gostaria de poder afundar minha boca em torno dele.*

Delora tentou novamente, espalhando os lábios sobre a ponta. Ela só conseguiu alcançar a cabeça três quartos do caminho até que a borda larga ficasse muito larga. Só um pouco mais e ela pensou que poderia. Com o quanto ela estava adorando isso, ela provavelmente teria tentado engolir a coisa impossivelmente grande.

— Você gosta da minha boca em você, Magnar?

Ela olhou para ele enquanto se movia para sugar o lado dele, passando a língua para misturar com a sucção que ela estava tentando dar a ele.

Magnar envolveu um de seus punhos em torno de seu pênis, logo atrás da cabeça, quando as mãos dela desceram para seus sacos de liberação. As pequenas bolas ovais embutidas nele se moviam sob suas cócegas.

Ela podia ver que ele estava mutilando seu pênis pela quantidade de líquido espremido por entre seus dedos, mas agora ele estava bombeando seus quadris. Ele estava fodendo seu pênis em seu punho, contra sua boca e suas mãos.

— *De...lo...ra.* — Seu gemido assombroso foi quebrado, ofegante, e ainda tinha o tom de um rosnado, como se realmente não viesse de onde ele falou. Seus olhos brilharam de luxúria.

Ela queria pegar o lubrificante dele e usá-lo para se dedilhar, queria espalhar por toda a sua boceta até substituí-lo por seu próprio orgasmo. Mas ela não se atreveu a soltar seu pênis, não quando podia sentir aquelas bolsas afundando nas laterais de sua cintura, não quando seus tentáculos envolveram seus braços para segurá-los com força.

*Ele está perto.*

Delora sabia o que estava prestes a acontecer.

Ela tinha muitos avisos, embora ele não tivesse dado a ela. Ela poderia ter recuado. Ela poderia ter se esquivado.

Em vez disso, ela girou sua língua em anéis ao redor da ponta de seu pênis enquanto afundava seu rosto nele.

Sua mente ficou vidrada, seus olhos ficaram nebulosos e seu corpo assumiu quando ele soltou um rugido. Ela sentiu o primeiro jato forte de sua liberação encher toda a sua boca.

Sua língua subia e descia para ele enquanto trabalhava para movê-la na direção certa enquanto ela engolia, e engolia, e *engolia* toda vez que o sentia inchar antes de mais líquido quente e espesso disparar em sua boca. Sua garganta se abriu para permitir isso. Ela agarrou seu pênis, puxou com as mãos e empurrou com o rosto para manter os lábios apertados sobre ele enquanto ele fodia descontroladamente seu pênis roxo em seu próprio punho.

E era selvagem, especialmente com a forma como ele se contorceu e estremeceu de seu próprio orgasmo.

O calor correu por ela, agrupado dentro dela, e sua boceta apenas respondeu com uma necessidade vazia, à beira do orgasmo, mas não teve ajuda para ser empurrada além desse limite.

Cada gota era *deliciosa*. Impossivelmente.

Ela gemeu contra a ponta. *Mais. Dê-me tudo isso.*

Quase se afogando, Delora ofegou por ar quando parou e ela abaixou a cabeça.

Magnar estava caído de joelhos, com as costas de uma das mãos apoiadas no chão enquanto a outra ainda se segurava com força. Bufando erráticamente enquanto seu peito bombeava com respirações rápidas, sua cabeça estava voltada para o céu com seus orbes roxos, como se ele estivesse apenas olhando para cima em um transe cheio de felicidade.

Com os poucos minutos de calma entre eles, demorou um pouco para sua mente vir à tona.

Ela cobriu a boca e o estômago com os olhos arregalados.

*Eu bebi tudo.* O calor queimou em suas bochechas. *E eu me sinto muito cheia.* Ela não achava que tinha perdido uma única gota caindo.

*Eu realmente fiz isso?*

Mas, enquanto ela olhava para seu pênis que estava lentamente ficando flácido, os tentáculos girando em torno da base enquanto ele ia para dentro, Delora passou a língua na costura de seus lábios.

Ela *sabia* que ia querer fazer isso de novo.

A sensação dele, o gosto dele, tudo era viciante.

*Se eu soubesse que ele tinha um gosto tão bom, provavelmente teria feito isso antes.* Ela teria *vivido descaradamente* daquele líquido espesso como se fosse a porra de um doce.

O focinho de Magnar caiu para a frente e ele olhou para ela por um longo tempo com suas presas abertas para ofegar. Então suas mãos dispararam para frente, agarrando uma coxa e um braço para arrastá-la para mais perto.

Suas garras desceram por suas costas em um golpe maravilhoso, fazendo-a arquear bruscamente enquanto ele lambia a parte inferior de sua mandíbula.

— Você está excitada. Eu posso sentir o cheiro. — Delora pensou que estava prestes a entrar em combustão quando ele murmurou essas palavras contra seu ouvido, forçando um grito agudo dela. — Você cheira como se estivesse pingando para mim, como se precisasse ser tocada.

Ele estava certo. Delora estava ansiosa por isso. Mas seu senso de raciocínio o empurrou de volta para escapar.

— N-Não — ela rebateu, querendo desesperadamente vacilar.  
— Só você esta noite.

— Mas você me provou. *Lambeu-me.* — Ele lutou para arrastá-la de volta... e venceu. Seu corpo estava franzido e inchado, fazendo-o parecer maior e ainda mais fofo. — Eu quero provar de volta. Prometo que vou tentar ser bom, que não vou machucar você.

Delora agarrou as duas mãos dele com as dela e as segurou com força. Ela o impediu de segurar seus quadris com mais força e arrastá-la para seu colo.

— Por favor, Magnar? — ela implorou, trazendo seu olhar para ele com uma sobrancelha enrugada.

Seus orbes brilharam em azul quando ele fez uma pausa. Seu

aperto sobre ela suavizou quando seus ombros cederam. Ela odiava que ele parecesse tão derrotado.

— Você não quer meu toque?

O coração de Delora doeu, mas ela sorriu para ele e levou as mãos ao queixo dele, erguendo-se para poder roçar os lábios na ponta do focinho dele.

— Eu quero. Eu realmente amo.

Ela queria isso mais do que tudo.

— Então por que? — O roxo havia desbotado permanentemente para afogar sua visão naquela cor triste e decepcionada.

— Porque eu queria te presentear com isso, — ela disse enquanto beijava seu focinho novamente. — Presentes devem ser dados sem expectativa de recebimento. Estou compensando todas as vezes que você me fez sentir bem.

Essa não era toda a verdade.

*Eu não quero estragar isso.*

Esta foi a primeira vez que eles puderam ser íntimos sem que algo desse... errado. Este era um começo. Um verdadeiro começo.

Se ele a tocasse, poderia endurecer novamente. Por mais que Delora doesse, ela se preocupava com qual seria o próximo passo.

Ela sabia que parte da razão pela qual Magnar temia estar perto dela era porque ele não queria machucá-la. Se ela mostrasse a ele que isso era possível, que as coisas não tinham que terminar com ela em lágrimas ou dor, então ela esperava que eles pudessem fazer isso de novo.

E ela queria chupá-lo novamente. Para lambar cada centímetro daquele pau delicioso. Ela queria fazer isso agora.

Mas quanto mais eles pressionavam, maior a probabilidade de algo dar errado.

Só *uma vez* ela queria que tudo corresse bem. Se ela precisasse, se ele tentasse se afastar dela no futuro, ela queria uma prova de que tudo ficaria bem, desde que fosse devagar.

Magnar havia mudado, mas nenhum dos dois sabia o quão profundamente. O sexo da última vez terminou com a pele de Delora

rasgada em pedaços.

Isso foi o suficiente por enquanto. Esta noite tinha sido perfeita. Ela o havia acalmado, isso por si só a deixava satisfeita.

Afinal, ele merecia.

Quando o azul não levantou, Delora se inclinou para trás para que ela pudesse vê-lo completamente. Então ela lhe deu um sorriso perverso.

— Talvez na próxima vez?

Roxo ergueu-se suavemente em seus orbes, e ele apontou a garra de seu dedo indicador contra o peito.

— Você quer fazer isso de novo comigo?

Delora se atreveu a deixar cair o olhar para seu pênis que desaparecia completamente protegido por seus tentáculos, observando-o deslizar de volta para dentro. Então sua fenda se fechou, a pele criando uma linha quase perfeita.

Ela já estava com saudades.

*Ah sim, garotão. Eu realmente quero.*

A última coisa que Delora pensou que teria que fazer era procurar por Magnar e Fyodor. Normalmente, tudo o que ela precisava fazer era gritar, e Fyodor vinha correndo ao som de sua voz. E ela só precisava chamar Magnar, e ele viria.

Enquanto ela estava pintando no jardim, estendendo o lado de fora para torná-lo maior e adicionar à cena, ela percebeu que Fyodor havia se arrastado para longe dela em algum momento.

Ela agora entendia como era fácil para Magnar não perceber que eles estavam se mudando desde que isso foi feito com ela. O pequeno Caminhante do Crepúsculo geralmente se agarrava às costas ou ao peito, mas às vezes se movia ao redor de seu corpo. Ao senti-los descendo por suas pernas, pensou que iam investigar algo no jardim arrastando a cabeça pelo chão para alcançar o que havia despertado seu interesse – geralmente um inseto raro.

Levou um tempo para ela perceber que eles nunca haviam rastejado de volta para cima de seu corpo, e quando ela se virou... eles se foram.

*Talvez eles estejam com Magnar?* ela pensou depois de verificar debaixo de todas as folhas deliciosas, mas grossas, no jardim.

Ela chamou os dois quando não conseguiu encontrar nenhum deles pela casa, mas não obteve resposta.

*Magnar foi embora?* Seus lábios franzidos. *Mas ele nunca fez isso antes.* Ela duvidava que ele fizesse isso sem falar com ela primeiro.

Apesar de seus pensamentos racionais, Delora começou a entrar em pânico, correndo pelo quintal e quase tropeçando em seu vestido até que agarrou a saia e a levantou. Ela não estava correndo, não tão em pânico ainda, mas ela estava se movendo rápido enquanto tentava ouvir um sinal de qualquer um deles. Ela também não queria correr para o caso do pobre Fyodor estar perseguindo-a, mas ela pensou que teria ouvido seu pequeno estridente se eles estivessem.

Ela começou a se mover pela floresta.

*Porra. Onde eles foram?*

— Magnar! — ela gritou enquanto corria.

O alívio disparou através dela quando ouviu a voz de Magnar chamando de volta à distância. Ela se dirigiu naquela direção, surpresa por ele não ter vindo cumprimentá-la no meio do caminho.

No entanto, seu alívio foi extremamente equivocado quanto ao motivo de ele não ter vindo até ela. Assim que ela chegou ao pequeno espaço entre as árvores perto da borda da ala de proteção, Delora engasgou.

*Fyodor! Não!* Ela foi direto para eles com o rosto enrugado em linhas tensas e preocupadas. Ela não podia acreditar que isso estava acontecendo! Aquele Magnar estava permitindo!

O cheiro horrível de podridão fazia o ar cheirar azedo... e apenas um tipo de criatura produzia aquele tipo de cheiro de revirar as entranhas e fazer subir a bile.

— Você não me ouviu chamando de volta para você? — Magnar perguntou, deixando a cena horrível acontecer diante dele com os braços cruzados.

Ele até riu disso, enquanto a preocupação apertava seu coração e fazia seus pulmões parecerem estrangulados.

— Oh meus deuses! — Ela agarrou a perna de um pequeno Demônio e começou a se afastar, se perguntando por que Magnar não estava tentando intervir. — Não coma isso!

Ela cavou no salto de suas botas, tentando tirar o Demônio parcialmente comido da boca de Fyodor, mas o pequeno Caminhante do Crepúsculo resistiu forte. Seus pés deslizaram pelo chão enquanto eles balançavam a cabeça de um lado para o outro, tentando desalojá-la enquanto lutavam por sua refeição.

— Pare-os! — Delora gritou, pegando um cheiro mais forte do Demônio pútrido, cujo sangue escuro, quase preto estava fazendo ela engasgar.

*Acho que vou passar mal.*

Em vez de fazer o que ela pediu, Magnar passou os dois braços em volta da cintura dela e a ergueu do chão. Ela acidentalmente deixou cair a carcaça morta de surpresa e observou Fyodor correr para o lado com ela.

— Não interfira com eles enquanto comem, Delora, — Magnar



disse com seus orbes brancos. — A maioria dos Mavka são defensivos sobre suas presas. Eles podem atacá-la.

Ela chutou as pernas e golpeou seus antebraços, tentando escapar de seu aperto suave, embora estivesse a pelo menos um metro do chão.

— Mas é um Demônio. Isso é tão nojento! — Um estremecimento de repulsa a atingiu quando seu rosto se contorceu em uma careta. Delora quis vomitar. — E se isso os tornar super estranhos?!

Se os Caminhantes do Crepúsculo se transformavam no que comiam, então ela não queria que Fyodor se tornasse algo como um demônio nojento.

*Se eles crescerem um terceiro braço, eu posso até vomitar!*

Fyodor, arrancando um braço do Demônio, jogou-o no ar e o engoliu inteiro. Seu estômago revirou ainda mais.

— Mavka não absorve Demônios como fazemos com todo o resto, — Magnar a informou. — Também não nos deixam particularmente com fome.

— Então por que diabos você deu a eles?

Ela cobriu o rosto e desviou o olhar, curvando-se para o lado para poder enterrá-lo no peito de Magnar. Ela desejou que isso ajudasse a esconder os sons de sucção e mastigação. O cheiro horrível. Pelo menos protegeu sua visão.

Ele a abaixou até que ela pudesse sentir seus pés tocando o chão. Ela cambaleou.

— Os demônios nos tornam mais fortes. Tomamos a força deles. — Então Magnar soltou um braço dela para poder acenar na direção de Fyodor. — Espero que isso torne Fyodor maior.

— M-mas eu gosto deles do jeito que são.

Magnar roçou suas garras em seu cabelo suavemente, passando as pontas em seu couro cabeludo. Então ele usou uma garra para levantar a cabeça dela para encará-lo, colocando-a sob o queixo.

Ela percebeu que a outra mão grande dele havia atravessado a protuberância de seu quadril e o estava apertando. Não de uma forma que estava tentando controlá-la, mas como se ele apenas quisesse

apreciá-la ali.

— Fyodor não consegue sustentar o crânio deles, Delora. — Seus orbes começaram a ficar azuis bem diante de seus olhos, e ela sempre sentia seu coração afundar quando eles ficavam dessa cor. — Fico chateado em vê-los arrastando isso por aí. Isso é tudo que eu queria. Para Fyodor poder andar por aí sem que isso os incomode.

Os ombros de Delora caíram quando ela mordeu o lábio inferior. Essa era uma razão bastante justificável para fazê-lo, especialmente porque assistir à luta de Fyodor também a incomodava.

— Você poderia ter me perguntado. Poderíamos ter voltado à superfície e conseguido um animal para eles. — Ela não ousou olhar na direção de Fyodor e se encolheu quando pensou ter ouvido o estalo de ossos entre suas presas. — Um Demônio, Magnar? Isso é apenas ... além de grosseiro. Eu posso sentir o cheiro de como é ruim daqui!

— Eu não pensei que isso iria incomodá-la. — Então Magnar soltou uma risada ao dizer: — Isso é normal para Mavka. Comemos de tudo.

Ela tentou virar a cabeça, derrotada, mas Magnar se manteve firme. Ela desviou o olhar pelo canto dos olhos, olhando para a floresta.

— Eu acho, mas... eu não sei. Parece errado deixá-los comer Demônios.

— Eles farão isso no futuro, — afirmou Magnar antes de virar a cabeça na direção de Fyodor. Ele a deixou ir atrás deles, percebendo que Fyodor havia terminado e farejando por mais. Eles estavam indo em direção ao círculo externo da ala de proteção, fora de segurança, pouco antes de Magnar pegá-los. Suas perninhas se contorceram no ar em protesto. — Não faz sentido tentar impedi-los de fazer isso agora, especialmente quando isso os ajudará.

Ele os colocou no chão aos pés dela. *Acho que parecem um pouco maiores.* O crânio deles ainda era grande demais para o corpo, mas pelo menos eles conseguiram levantá-lo para cheirá-la.

Eles deram um gorjeio feliz, seus estridentes tornando-se menos aparentes como uma forma de comunicação quanto mais eles cresciam. Então eles começaram a tentar subir pelas pernas dela.

— Ah, não, não! — Ela os pegou e os segurou no ar, longe de seu corpo, com o nariz enrugado. — Você *não* vai sujar meu vestido com sangue de demônio. Olhe para suas garras. Que nojo!

Delora voltou para a casa. Eles abriram e fecharam suas patinhas animadas em sua direção, querendo mais perto e estendendo a mão para ela com outro gorjeio feliz.

— Vou precisar de água nova depois disso.

Ela pretendia usar o que havia sobrado para enfiar esse fedorento e bagunceiro bebê Caminhante do Crepúsculo no balde assim que voltasse.

Eles estavam absolutamente saturados de sangue de demônio, desde o crânio de coelho até suas longas patas negras, como se estivessem *brincando* nele. O cheiro era ainda pior de perto, e arrepios subiram em sua carne em desgosto – forçando-a a respirar pela boca.

— Você não deveria lavá-los, Delora. Eles tentaram mordê-lo inúmeras vezes por isso. Eu farei.

Magnar correu para tirá-los dela, mas ela puxou os braços para o lado. Ela também não queria que ele se sujasse.

— Tudo bem, mas ainda não vou dar a você até que estejam na água. O cheiro se apega ao seu pelo.

Magnar riu baixinho enquanto acariciava com suas garras o cabelo de Delora, desembaraçando-o de seu dia, como ele pensava. Pentear o cabelo dela enquanto ela dormia era algo que ele gostava de fazer; isso o fazia sentir como se a estivesse mimando silenciosamente.

Apesar de ter ficado bastante irritada o dia todo, o que foi alarmante porque ela estava especialmente irritada com ele, ela *ainda* permitiu que Magnar se deitasse com ela enquanto ela dormia.

Ela estava descansando pacificamente, como fazia todas as noites em que ele estava ao seu lado. Ele esperava que fosse porque sua presença a fazia se sentir à vontade. Magnar gostou que ele fosse assustador o suficiente para afugentar seus pesadelos.

Mesmo depois que Magnar esfregou o choroso Fyodor até que cheirassem a seu sabonete, ela se recusou a deixar de lado sua raiva.

E ainda... aqui estava ele, sendo permitido sentir o corpo dela enquanto brincava com as mechas brilhantes e tentadoras de seu cabelo cor de penas de corvo.

*Ela gosta de mim por perto.* Apesar de seu péssimo humor, ela ainda desejava estar perto dele. Isso fez as entranhas de Magnar doerem da maneira mais incrível.

Com a forma como as coisas aconteceram na noite anterior, ele esperava poder instigar algo semelhante antes que ela tentasse dormir.

*Seus lábios em volta do meu pau...* Ele roçou o lábio de baixo com a ponta do polegar.

Apenas a lembrança disso fez com que seus orbes piscassem instantaneamente para roxo de desejo - mesmo quando ela deu a ele um olhar *adorável do outro lado do quintal*.

*Lambendo-me.*

Ele quase queria empurrar o polegar mais fundo e roçá-lo contra sua língua maldosa e travessa. Ele nunca fantasiou que ela pudesse fazer algo assim com ele.

Ela estava abrindo sua mente para muitas coisas. Mesmo apenas olhando para o corpo macio dela, ele se mexia constantemente, mas Magnar se sentia no controle - principalmente.

Cada coisa nova que ela lhe ensinava, quanto mais contente ela parecia com ele, queria estar em seus braços mesmo enquanto ela dormia, mais Magnar sentia essa sensação *de queda* em seu peito e estômago. Ele sabia que seu desejo por ela estava se aprofundando.

*Eu quero me relacionar com ela.*

Não apenas na alma, mas no coração, na mente e no corpo. Para se conectarem até que fossem iguais, entrelaçados, inquebráveis e inseparáveis. Um espírito completo e inteiro.

Se ele pensasse que ajudaria, ele teria aberto suas mandíbulas e deixado ela rastejar dentro dele até que eles fossem um.

Mas isso não era possível, e ele não achava que ajudaria. Só uma coisa faria.

*Quero estar dentro de você, pensou enquanto batia com a ponta do focinho no rosto adormecido dela. Eu quero cobrir você com meu cheiro enquanto você me cobre com o seu. Eu quero ouvir seus pequenos sons, sentir seu corpo ao redor do meu.*

*Eu quero que você puxe minhas penas de mim. Ele queria comê-la até que ela o limpasse porque ela se agarraria desesperadamente a ele. Quero que haja um mar de penas cobrindo nossos corpos quando terminarmos.*

Com um olhar preguiçoso fixo neles, ele continuou brincando com os lábios dela.

Não seria um acidente desajeitado desta vez. Não seria ele aprendendo. Ele estaria afundando nela sabendo exatamente o que estava fazendo, o que queria, e que iria apaziguar seu desejo *desesperado* por ela.

*Não sei como instigar isso. Havia alguma música ou dança estranha que ele deveria executar como tinha visto alguns animais fazerem? Não conheço os costumes dos humanos.*

Ele estava esperando por Delora, e até ontem à noite, ele pensou que estaria esperando para sempre. Mesmo que tenha passado menos de uma semana desde que ele ganhou mais humanidade, parecia uma eternidade. Cada momento dentro de sua presença queimava para ele, acendendo chamas escaldantes até que ele pensou que iria fulminar em pó na próxima vez que ele pudesse tocá-la.

*Ela veio até mim.* Ela disse que era um presente, e foi o mais doce presente. O pelo e as penas de Magnar incharam na memória.

Ele queria mais, sempre iria querer mais. Uma nova fome que não pôde ser saciada. Mas Magnar queria saber se ele realmente *poderia* ficar satisfeito.

Haveria um ponto que ele poderia alcançar onde não poderia mais ficar e não seria nada mais do que um amontoado cheio de êxtase? Onde sua mente e corpo nada mais eram do que irradiando prazer, acariciados e maravilhosamente entorpecidos?

Só havia uma maneira de descobrir, mas descobrir era esperar.

Ele sufocou seu gemido silencioso. Ele a puxou para mais perto dele e acariciou seu focinho contra ela de forma suplicante. *Eu não quero esperar.*

E, claro, como acontecia todas as noites desde que ele começou a ficar acordado com ela, o roxo brilhou à sua vista.

Ele nem precisava provocá-la um pouco tocando-a ou acariciando perto de sua orelha, seus próprios pensamentos o enviaram para o desejo.

Cautelosamente, ele cuidadosamente começou a se afastar de Delora para que pudesse sair, pretendendo retornar em breve.

Desde a primeira noite que ele partiu para aliviar seu desejo por ela, Magnar começou a se sentir mais calmo. Ele estava se acostumando com seu corpo, aprendendo a manejá-lo.

Uma vez que ele liberasse a pressão de sua semente, ele era capaz de retornar e apenas cantarolar contente ao lado dela, penteando seu cabelo com suas próprias garras para que ela não tivesse que fazer isso pela manhã. Ele gostava bastante de fazer essa tarefa, especialmente porque a fazia se aproximar dele.

Assim que ele se livrou de seus membros e do cobertor, a mão dela disparou para a frente para agarrar a frente de sua camisa. Ele fez uma pausa, virando o rosto para ela com seus orbes laranja porque ele a acordou.

— Você vai sair? — Sua voz era rouca, mas não completamente grogue, como se ela não tivesse dormido profundamente.

— Sim.

Ele se perguntou se isso era algo que o deixaria envergonhado. Era estranho que ele estivesse fazendo isso consigo mesmo? Era bom, então ele não via problema nisso.

— Eu não queria te acordar.

Ela não soltou a camisa dele, mas afundou um pouco sob o cobertor, como se estivesse tentando se esconder dele. Ela até abaixou o rosto por baixo, mas ele notou que suas bochechas ficaram vermelhas.

— Você... você quer que eu vá com você?

Só haveria uma razão para ela querer ir com ele quando soubesse o que ele estava fazendo. E a maneira como seu cheiro mudou, apimentando o ar com sua excitação picante, fez Magnar gemer.

*Ela quer me tocar de novo.*

Antes que ela pudesse mudar de ideia, ele cavou sob o cobertor e a ergueu da cama. Ele escorregou dela, e ela foi libertada quando ele começou a carregá-la para fora do quarto com pressa.

— Magnar.

Ele virou a cabeça para ela enquanto caminhava pelo corredor. *Ela quer que eu a coloque no chão?* Ele esperava não ter interpretado mal o sinal que pensou que ela estava dando a ele.

Ele nem teve a chance de responder antes que ela pressionasse os lábios contra o focinho dele que agora estava voltado para ela.

Chocado, Magnar tropeçou um passo. *Ela me beijou...*

Separando suas presas, ele respondeu a seu beijo traçando sua língua sobre aqueles lindos lábios.

Ela os separou, permitindo que ele entrasse, enquanto envolvia os braços em volta do pescoço dele e se levantava. Ela mudou de posição até que ela estava montando ele em torno de suas costelas inferiores. Isso deu a ele a liberdade de segurá-la embalando sua bunda inteira em uma de suas mãos. Ele enfiou os dedos enquanto o outro foi para a parte de trás de sua cabeça.

Assim que ele estava chegando à porta da frente para levá-los para fora, ela fez algo que o fez bater contra a porta. *Porra!* Ela *chupou* sua língua, trazendo-a mais fundo em sua boca.

Magnar soltou um grunhido enquanto empurrava seus quadris inutilmente contra o ar.

Ela estava muito alta em seu corpo para lhe dar qualquer fricção enquanto seus tentáculos se moviam para envolver seu pênis extruso. Ele ainda não tinha o controle para mantê-lo dentro de sua costura, mas o fato de ter sua proteção significava que ele poderia ficar excitado e não ser vítima de seus próprios desejos.

Seus seios grandes e caídos, soltos dentro da camisa que ela usava, estavam apertados contra o peito dele. Seu estômago moldou ao redor dele, e suas coxas eram uma almofada macia quando ele a apertou contra a porta.

Ele estava dividido entre querer dançar sua língua muito mais longa e fina ao redor da dela ou enfiá-la em sua garganta para que pudesse ser saudado por ela. A suavidade, o aperto, o sabor disso. E a maneira como ela se apertou da última vez foi maravilhosa.

O aroma que enevoava a mente dela estava ficando mais forte, sufocando-o a cada inspiração. Ele sentiu seus sentidos diminuindo a cada segundo.

Delora puxou a cabeça para trás, mas ele a seguiu. Ele se recusou a permitir que ela escapasse.

— Fique, — ele exigiu, tentando fazer com que a língua dela brincasse com a dele novamente. Ele queria lambê-la, sentir sua textura granulada até conhecer cada uma de suas papilas gustativas pessoalmente.

Ela mordeu a língua dele, fazendo-o retraí-la com seus orbes queimando em vermelho. Suas garras desembainhadas e cravadas em sua pele.

— Fora, — ela implorou, sua respiração ofegante e aguda. — Leve-me para fora.

*Sim. Fora.* Ele lambeu o focinho para responder ao convite dela. *Fora.*

Magnar recuou apenas o suficiente para permitir-lhe espaço para bater a maçaneta para abrir a porta. Ele a ouviu fechar atrás dele enquanto atravessava a varanda, traçando sua língua sobre cada pedacinho de pele que podia alcançar. Sua bochecha, a parte inferior



de sua mandíbula, sobre sua jugular. Cada vez tentando pegar sua orelha apenas para fazer sua respiração engatar - ele até esmagou a língua contra a concha dela.

Sem prestar atenção para onde estava indo, muito preocupado com a atraente mulher em seus braços, ele tropeçou no último degrau da varanda. Eles foram lançados ao chão. Ele a pegou completamente de joelhos e cotovelos, certificando-se de que nenhum pedaço dela tocasse a terra até que ele mesmo a colocasse lá.

Ele só deu a eles um momento de separação antes de sua língua explorar o interior de sua boca novamente. Ele empurrou um dos joelhos dela para o lado para que pudesse separá-los, gostando do jeito que as coxas dela grudavam uma na outra e demoravam um pouco para abrir.

*Mais. Eu preciso tocar cada centímetro dela.*

Ele deslizou a mão por essa abertura, pelos músculos internos de sua coxa, tentando mostrar a ela que tinha o controle de suas garras mortais, mas agora embainhadas.

Pelo menos, ele esperava que sim.

Ele estava se perguntando se talvez ela não o tivesse deixado tocá-la na noite anterior porque tinha sido cautelosa com elas. Ele também estava, mas precisava testar os limites, queria, se isso significasse que poderia fazer esta fêmea se separar para ele.

Ela gemeu em torno de sua língua quando ele fez cócegas na parte interna de sua coxa. Seu perfume era mais forte agora que suas coxas estavam separadas, e isso fez com que seu corpo ondulasse em resposta.

Suas mãos mudaram de direção quando ela ergueu os quadris em saudação. Ele se moveu por cima de suas coxas para que pudesse agarrar uma de suas nádegas carnudas, sentindo-a descansar perfeitamente em sua grande palma. Não era pequena, o que tornava mais fácil para ele segurar, para ele brincar, enquanto sentia a pele dela se moldar entre seus dedos.

Ele gemeu ao senti-la, amassando-a com força.

— Você é tão mole.

Ele moveu a mão para cima para agarrar a bolha de pele que

fazia os quadris dela se abrirem ainda mais. Ele fez isso ao lado de seu estômago, sendo mais gentil desde que ela o impediu de ser capaz de tocar aqui no passado. As respirações de Magnar ficavam mais pesadas a cada novo lugar que ele explorava.

— Você entende como é bom simplesmente segurar você? — Ele gostava de falar com ela, dizendo-lhe como se sentia. A única vez que ele se sentiu confortável fazendo isso foi quando ela o recebeu. Isso fez Magnar querer divagar desesperadamente com ela. — Só de ter você pressionada contra mim me deixa desesperado para tocá-la.

Com a língua dele ainda dançando com a dela, tudo o que ela pôde fazer foi responder com outro gemido. Mas ela espiou abrindo os olhos para dar a ele um olhar terno. Ela agarrou a mão dele enquanto a colocava contra seu estômago, então ela a apertou, dizendo a ele que não havia problema em tocá-la ali.

Mas Magnar tinha outro lugar para onde queria ir.

Sua camisa de dormir foi levantada enquanto ele lentamente revelava seu corpo nu por baixo dela. Ele se separou de seu 'beijo' para que pudesse passar a língua em sua mandíbula, assim como seus dedos encontraram os montes caídos de aparência pesada de seu peito. Ele apertou um quando ela não ofereceu resistência.

Ele prendeu a respiração no momento em que ela engatou, e ele rodou a língua contra a linha do cabelo logo atrás da orelha quando encontrou o pequeno mamilo duro com o polegar. Ele a acariciou de um lado para o outro.

Delora estava com uma auréola roxa à vista dele.

*Eu gosto de olhar para ela assim. A cor combina com ela.*

Especialmente quando ela virou a cabeça para o lado enquanto mordida o lábio inferior, tentando abafar um som. Era erótico saber que ela estava sob seu toque enquanto sua visão estava quente.

Ele abaixou a cabeça enquanto envolvia uma das mãos ao redor do seio direito por baixo e traçava com a língua o botão rosado. O monte balançou em sua expiração abalada, suas costas arqueando quando ela o empurrou contra ele.

Agarrando o outro, fez o mesmo, segurando ambos enquanto se apoiava nos cotovelos. Ele lambeu um e depois o outro, tentando

obter todas as reações dela que pudesse.

Sua respiração engatou. Seu corpo acenou como se quisesse se jogar contra ele ou se afastar em hipersensibilidade. Suas pálpebras tremeram.

Ele estava ansioso para tocá-la ali novamente, o lugar que ele tocou pela primeira vez e que começou tudo entre eles. Um lugar que ele conhecia fez seu desejo se aprofundar.

*Ela gosta disso.*

Ele poderia ter uivado de triunfo se não estivesse tão preocupado em aprender as curvas de seu peito, seus belos seios que eram todos para ele.

— Magnar, por favor, — ela implorou quando ele começou a fazer flatulência, lambendo cada mamilo, traçando o lado de fora para explorar as pequenas protuberâncias que formavam um anel rosado ao redor deles.

Quando ele olhou para cima, viu que as costas da mão dela cobriam a boca e que seus olhos terrenos o observavam.

— O que você precisa, meu pequeno corvo?

Ele lambeu seu focinho para mostrar a ela seu interesse, seu rabo batendo momentaneamente atrás dele.

Ele era novo nisso. *Ela está implorando por algo.* E Magnar não queria nada mais do que dar a ela.

— V-você realmente vai me fazer pedir isso? — ela sussurrou com uma voz rouca. Ele inclinou a cabeça em resposta antes de passar a língua ao redor do mamilo – não nele, apenas ao redor. — Eu não posso acreditar que você está realmente me provocando... — Suas pálpebras se enrugaram no que ele pensou que poderia ser angústia. — Foda-se, por favor, toque minha boceta. Eu quero tanto que você me faça gozar.

Ele se levantou para olhar para baixo, vendo que ela havia aberto as coxas completamente para ele. Sua visão vacilou quando ele viu seu monte inchado e os lábios rosados e inchados um pouco além dele. Eles eram lisos e espalhados, e seu pênis quase passou por seus tentáculos protetores apenas com a visão fascinante dela.

*Tocar... ou lambem?*

No momento em que o pensamento de pressionar sua língua contra sua boceta passou por sua mente, ele estava rapidamente passando por seu corpo. De repente, parecia seca, ressecada, e ele queria que ela a molhasse.

Ele lambeu seu estômago enquanto se abaixava ainda mais, sentindo entalhes como se sua pele tivesse cicatrizes ou estrias. Ele adorava todas as texturas de Delora, que partes dela eram lisas enquanto outras mais ásperas. Tantos aspectos dela o fascinavam, cada um lindo porque pertencia a ela. Ele até lambeu uma pequena cicatriz escura que encontrou no lado dela.

Então os ombros dele estavam entre as pernas dela, que ela teve que abrir para acomodar seu corpo maciço.

Ele envolveu seus braços ao redor de suas coxas macias e roliças para ter certeza que ela não poderia fechá-las, não poderia escapar dele, enquanto ele lambia a parte externa de suas presas. A antecipação estava comendo nele.

Os lábios de suas dobras estavam entreabertos, um rosado carente e inchado, cobertos por seu líquido, e a poça dele na depressão de sua entrada estava transbordando.

— Seu cheiro é tão bom. — Magnar estremeceu antes mesmo de provar, sabendo que o que ele estava prestes a fazer iria quebrá-lo.  
— Eu esperei tanto tempo para fazer isso.

Magnar sabia desde o início, quando lambeu os dedos pela primeira vez para absorver sua essência, que poderia beber dela assim.

Ele abriu suas mandíbulas e colocou sua língua sobre suas presas inferiores para que pudesse protegê-la quando ele empurrou sua cabeça mais perto. Ele correu tudo contra toda a fenda de suas dobras, começando com a parte de trás de sua língua até a ponta.

A sensação de seus lábios se espalhando sob a pressão de sua língua, a sedosidade, as reentrâncias, as dobras e até mesmo a protuberância dura de seu clitóris, fez com que seus olhos oscilassem entre o roxo e o preto como se quisessem escurecer com a maravilhosa experiência. Mas foi quando ele realmente registrou o gosto dela que sua visão ficou preta, e seu corpo inteiro inchou quando sua carne formigou.

– *Nnhhnn*, – ele gemeu violentamente.

Magnar teve que liberar uma coxa para que ele pudesse envolver sua mão em torno de seus tentáculos, forçando-os a segurar seu pênis enquanto ele quase extrudava além de seus comprimentos. Seu eixo estava latejando, dolorido pela tensão, pelo mero sabor dela.

Se ele tivesse inchado mais, ele pensou que poderia ter vindo contra seus tentáculos que o embainhavam.

Ele girou sua língua contra seu clitóris, ouvindo-a choramingar quando suas costas arquearam. Quando ele fez isso de novo, os quadris dela empurraram contra ele e então não pararam. Ela começou a igualá-lo descaradamente enquanto tentava se mover contra ele.

Mas no momento em que ele lambeu para coletar a nova poça de orvalho que se formou em sua entrada, então a espetou com sua língua enquanto suas mandíbulas se abriam sobre sua pélvis, suas mãos dispararam para agarrar as bases de seus chifres.

– Ahhh! – ela gritou, puxando-o como se quisesse mais fundo.

Ele rosnou quando deu a ela e empurrou com mais força. Ele girou sua língua ao sentir cada ondulação de seu interior, e descobriu que havia um lugar que parecia mais áspero e quente. Quando ele roçou nela deliberadamente, ela tentou enrolar a perna livre em volta da cabeça dele com outro grito.

A saliva escorria entre os dentes de trás quando ele começou a salivar. Ele empurrou a língua para frente e para trás, flexionando o membro constantemente para que ela o sentisse se contorcendo dentro dela.

Sua respiração engatou e suas coxas tremeram contra ele.

Ela soltou um de seus chifres para bater com a palma da mão em seu focinho para empurrá-lo para trás quando ele lambeu todo o caminho até o fim até sentir sua língua dobrar contra seu colo do útero.

– Oh, *Deuses*. E-é demais.

Ele considerou parar, mas quando a boceta dela apertou sua língua para agarrá-la e *sugá-la* ainda mais, Magnar recusou.

Ele a sentiu fazer isso antes... mas em torno de seus dedos, em torno de seu pênis. Ele sabia que se continuasse, o que iria

cumprimentá-lo em um momento o deixaria quase espumando de alegria. Ela já tinha um gosto maravilhoso. Ele só podia imaginar como seria o orgasmo dela.

— Dê-me, Delora, — ele exigiu, movendo sua língua dentro dela rapidamente, espetando-a mais e mais com ela, enrolando-a para que roçasse cada superfície de seu canal. Seus seios balançaram quando ela estremeceu, suas respirações tão abaladas que ele sentiu. — Venha até mim. Preciso *provar*.

Sua boca estava aqui implorando por isso.

*Por favor.* Ele até deu um gemido curto como um apelo.

— Ah, porra. Ah, p...

Sua vagina se apertou, então ele sentiu o líquido saindo dela. Cobriu sua língua completamente e encheu sua boca.

Seu pênis se projetava enquanto ele rosnava, e ele apertou suas presas nela para que ela não pudesse se libertar. Ela estava lutando descontroladamente, seu abdômen e estômago se esvaziando enquanto ela soltava um grito cheio de prazer.

Magnar rasgou a calça para liberar seu pênis totalmente estendido, precisando tirá-lo do pano áspero antes de agarrar ambas as coxas dela com firmeza. Então ele puxou para trás, levando sua boceta deliciosa com ele, enquanto se endireitava de joelhos.

Ela soltou seu chifre e rosto quando ele a pendurou de cabeça para baixo contra seu corpo, mas ela não teve um segundo para respirar. Não quando Magnar estava rapidamente tentando fazê-la gozar novamente, segurando-a com uma mão em volta da coxa enquanto a outra se movia para cruzar seu corpo para apoiá-la.

Seu corpo e chifres projetavam uma pequena sombra enquanto ele pairava sobre ela.

Delora não parecia se importar que ela estava de cabeça para baixo, não com os pequenos gemidos agudos e quebrados que ela deu a ele. Sua camisa, que era muito grande nela, escorregou de seu corpo para cair no chão, deixando-a completamente nua para ele.

Magnar nunca tinha visto nada mais celestial do que as coxas de Delora separadas em torno de seu crânio, o cabelo pendurado na cabeça, os lábios entreabertos, enquanto ele brincava com seu interior.

Levou um momento para perceber que ele libertou seu pênis. Ela só o fez quando dois de seus tentáculos começaram a se enredar em seus longos cabelos negros.

Com a visão aberta com um profundo brilho púrpura, ele a observou se virar sem hesitação e começar a chupar o lado de seu pênis enquanto ela segurava o outro lado para empurrá-lo para mais perto.

Outro gemido escapou dele, seus lábios e mãos como uma tortura sobre ele. Linda, maravilhosa, tortura.

Ela lambeu os nódulos do lado antes de passar a cabeça por baixo para pressionar o sulco, o que fez parecer que ela estava tocando o centro dele. Ambas as mãos dela estavam acariciando o comprimento dele em lugares diferentes, a esquerda esfregando um círculo sobre a cabeça sensível enquanto a outra apenas subia e descia, acariciando-o por inteiro.

*Eu a estou provando como ela está me provando.* Era um êxtase compartilhar esse tipo de toque exploratório de mãos e línguas.

Seu estômago mergulhou, com espasmos, enquanto seu pênis estremecia e então inchava, produzindo uma gota pesada de sêmen que imediatamente se encheu demais e começou a pingar.

Ela gemeu quando alcançou sua língua e então o som de sucção que veio dela encheu seus ouvidos. Sorvendo contra seu eixo, ela continuou roubando seu lubrificante, deixando-o arder até que ele produzisse mais. Mas de alguma forma a dor disso parecia... boa. Ela estava persuadindo-o a fazer mais, embora ele já estivesse bastante revestido, seu gosto por si só o suficiente para manter seu pênis lubrificado.

Ela fez uma pausa quando ele sentiu sua boceta apertando novamente, e ela espremeu a boca contra o lado de seu pênis enquanto chorava docemente contra ele. Ele teve que lambe do poço de seu canal para trazê-lo para dentro de sua boca quando ela começou a gozar desta vez, levando-o *gota a gota* com sua língua escavada.

Seu corpo caiu quando ela relaxou. Ele empurrou seu pênis para frente através do ar quando ela parou de tocá-lo, parou de brincar com sua boquinha faminta.

— Continue, Delora.

Ele *precisava* dela para cuidar dele.

— Estou ficando muito tonta — ela falou arrastada.

Ele notou então que o rubor em seu rosto era muito mais escuro do que o normal quando ela estava excitada. O sangue parecia estar subindo à cabeça devido à sua posição.

Por mais que ele estivesse gostando da visão tentadora dela assim, ele mudou para uma posição que poderia ser melhor para ela.

Querendo o peso dela em cima dele, Magnar moveu as pernas os lados de si mesmo até que pudesse se deitar. Ele não desistiria de seu prêmio, cravando suas presas em sua carne, mas precisava que ela continuasse a tocá-lo.

Ele estava muito duro, muito inchado, para seus tentáculos controlarem. Ele estava além do ponto de ser capaz de parar. Se ela não continuasse, ele ficaria feliz em assumir com o punho.

Ele ofegou contra ela quando ela imediatamente virou de lado e chupou a ponta com um pequeno 'mmm' satisfeito vindo dela. Ela o ensabou com beijos preciosos, acariciando suas mãos em uníssono por seu pênis até que alcançou os ovais embutidos na base. Ela fez cócegas neles.

Um gemido seco explodiu dele quando suas pernas chutaram contra a terra, sua cauda tremendo enquanto sua espinha arqueava.

*Não aguento quando ela faz isso comigo.*

Cada vez que ela os acariciava tão levemente que parecia uma vibração, ele pensava que ia ejacular espontaneamente.

Ela fez isso de novo, olhando para ele com uma expressão acalorada desta vez, como se soubesse o que estava fazendo com ele. Ele não sabia o que era o som mutilado que vinha dele, mas era como uma combinação distorcida de ganido e rosnado.

Ela fez com que o sêmen começasse a fluir de seu pênis entusiasmado em um fluxo leve e constante.

Sua virilha doía e ele mal conseguia manter os quadris imóveis. Ele podia sentir que o pelo de sua cauda havia inchado, assim como a maior parte dele cobrindo sua carne. Parecia que todo o seu corpo estava excitado, não apenas seu pênis.



Mas ao tentar alcançar as bases com as mãos, ela estava se afastando da boca dele. Magnar rosnou antes de puxá-la profundamente entre suas presas. Ela cedeu até querer começar a explorar sua língua mais abaixo.

Ela começou a se afastar, cada vez mais fascinada por seu pênis, brincando com ele, chupando e lambendo, enquanto suas mãos se moviam. Ela era muito baixa para alcançá-lo mais abaixo se ele quisesse continuar saboreando-a.

Ele a puxou de volta, o vermelho queimando em seus orbes. — *Ficque.*

— Por que seu pau tem que ter um gosto tão fodidamente bom?— ela perguntou com uma respiração ofegante, esfregando a costura de seus lábios sobre a borda da cabeça de seu pênis. — É tão grande. Eu gostaria de poder colocar minha boca - *oh!* Ali. Sim, n-não pare.

Desde que ela foi capaz de falar quando sua mente parecia estar em mil pedaços, ele mergulhou o polegar dentro de sua boceta também, esticando-a e acariciando aquela seção inchada e áspera que a fazia tremer toda vez que ele a tocava. A teia entre o polegar e o dedo indicador também esfregou contra suas dobras, a protuberância de seu clitóris, e ela ficou onde estava quando começou a se mover para frente e para trás sobre ele.

Seus movimentos se tornaram mais frenéticos, sua boca correndo sobre ele antes de parar para gemer, apenas apertando seu eixo com as mãos. Então tudo ficou apertado. Seu corpo se encheu de tensão, sua boceta apertou seu polegar e sua língua, e suas mãos tentaram esmagar a dureza de pedra de seu pênis.

*Se ela gosta tanto do gosto do meu pau, então ela pode beber dele de novo.* Ele tirou o polegar dela quando ela gozou, enchendo sua boca e fazendo-o tremer quando explodiu contra sua língua.

Ele teve que remover o polegar. Suas garras começaram a desembainhar quando seu pênis inchou, e seus sacos de semente levantaram e afundaram, quentes e apertados, contra ele. Ele agarrou a parte de trás de sua cabeça e dirigiu sua boca para a ponta de seu pênis, esperando que ela o agarrasse como tinha feito na noite anterior.

Seu corpo estremeceu ao sentir a primeira bolha de seu sêmen subir, o latejar que sentia era insuportável, doloroso – a pressão era imensa.

Se ele não pudesse encher sua boceta com ele, então ele queria que sua boca fosse preenchida. Para ter seu cheiro nela de alguma forma, para ela possuí-lo.

Ela segurou a cabeça com as duas mãos e girou a língua como se estivesse tentando convencê-lo dela mesma, quando já era tarde demais para impedir.

Com um rugido, seu gemido se juntou a ele, e Magnar liberou jorro após jorro grosso de seu pênis pulsante. Ele tentou ao máximo não agarrá-la quando seu corpo foi baleado com a tensão como se ele estivesse sendo atingido por um raio.

Vindo com ela ao mesmo tempo, ambos bebendo um ao outro, Magnar sentiu a euforia tomar conta. Seu rugido se transformou em um gemido impotente. Sua visão escureceu, sua mente ficou em branco, e tudo que ele ouviu e sentiu foram eles.

Apenas eles depois do calor, da necessidade, da *paixão*.

Felicidade e contentamento flutuaram através dele.

Quando ele terminou, ele finalmente deslizou sua língua dela quando toda a força em seu corpo cedeu. Seus chifres bateram no chão quando sua cabeça caiu para trás, mas ele não se importou. Ele apenas bufou enquanto olhava para as estrelas cintilantes que podia ver através da névoa.

Elas pareciam mais brilhantes do que o normal.

Por apenas alguns segundos, ambos ficaram ofegantes. Havia uma mistura de aromas no ar, mas os que o roubaram foram seus aromas de liberação sexual.

*Isso foi incrível.* Magnar deu a seu clitóris uma última lambida apreciativa, mas preguiçosa. *Ela é tão maravilhosa, tão sedutora.*

Ele não sabia de onde ela tirava a energia quando ela começou a se mover, rastejando confortavelmente sobre ele até que ela estava escarranchada em sua cintura para poder olhar para ele. Ela estava completamente em cima dele, seus joelhos descansando sobre suas costelas salientes, como se ela soubesse que ele poderia lidar com seu

peso leve e humano.

Ele a empurrou para cima e para baixo enquanto bufava.

Com os seios pressionados juntos, mas pendurados no peito com as mãos pressionando contra as dele, ela sorriu para ele, seu cabelo bagunçado rastejando sobre um ombro para deslizar para frente.

— Pareço melhor agora? — ela perguntou a ele com os olhos brilhando.

Mechas de cabelo estavam grudadas no líquido branco que ele podia ver cobrindo seus lábios, bochechas e queixo, como se ela não tivesse conseguido pegar toda a sua liberação desta vez.

Seu próprio focinho estava brilhando em seus sucos também, e ele lambeu seu focinho para um gosto final.

Ela estava sorrindo para ele... coberta por sua liberação que até pingou em seus seios enquanto estava sentada em cima de seu torso que se movia rapidamente.

Magnar nunca tinha visto nada tão bonito, nunca havia sentido a profunda ternura que o dominou naquele momento.

*Eu quero ela.* Ele ergueu a mão até roçar as garras na lateral do pescoço dela. *Isso não é o bastante.*

Ele precisava dela para aceitá-lo, para tomá-lo, para uni-los até que fossem um só.

Verde escuro, um brilho possessivo, brilhou em seus orbes.

*Eu quero mais dela.* Ele queria consumir cada pedacinho de seu desejo.

Magnar disparou para frente, rolando os dois até que ela caiu no chão com *força*. Ela engasgou quando ele agarrou seus pulsos e os prendeu no chão acima de sua cabeça.

Suas coxas estavam ao redor de sua cintura, mas agora seu pênis, que estava amolecendo, estava contra a fenda de sua boceta. Ele se afastou e esfregou sobre ela com um rosnado estrondoso saindo dele.

Seus tentáculos se deslocaram para se mover em torno de seus quadris para capturá-la da melhor maneira possível. Eles queriam a facilidade de envolver em torno de seu corpo quando seus quadris

estavam contra os dela porque ela o engoliu completamente inteiro.

– *Você é minha*, – ele rosnou para ela.

Ela estremeceu antes de olhar para baixo e ondular contra seu pênis, *cumprimentando* seu movimento. Então, ele fez isso de novo, e de novo, querendo que ela desejasse tanto quanto já desejava afundar no calor dela.

Lambendo a costura de seus lábios, ela soltou um gemido agudo, que a fez ofegar rapidamente por trás dele. Ela não estava lutando contra ele, não estava tentando fugir, não estava lutando para libertar as mãos. Ela estava sendo complacente, submissa até.

Ela olhou para ele, e a maneira como ela mordiscou o lábio, os olhos brilhando com uma sugestão de *algo*, o fez estremecer. Ela resistiu em seu pênis novamente, desta vez mais fundo, já que ele estava ficando duro. Inchava para lubrificar e ficar úmido.

*Eu quero tanto meu pau dentro dela. Para ela cuidar de mim, me abraçar, me confortar com todo o seu ser.* Seu olhar disparou para seus corpos deslizando um contra o outro, antes de levantá-lo para seu rosto hipnotizante, sentindo-se perdido na expressão inebriante que ela deu a ele. *Eu quero que ela me deseje.*

– Magnar, – ela sussurrou, quase como um apelo. – Eu quero você...

Um estridente horrível chamou a atenção de ambos. Uma sensação fria correu por ele assim que ela soltou um suspiro agudo.

Foi um lembrete.

Um lembrete de que mesmo que Magnar quisesse isso, quisesse se conectar e estar dentro de Delora, ele realmente... não poderia.

*Eu quero estar com ela.* Ele não queria nada no caminho, mas parecia interminável. Mesmo depois de tudo isso, mesmo depois desta noite e do prazer que compartilharam, ainda havia uma barreira entre eles.

A batida na porta enquanto aquele estridente continuou e ficou mais frenético fez Magnar soltar as mãos de Delora lentamente, sem vontade de deixá-la ir enquanto deslizava as pontas de suas garras por dentro de seu pulso. Mas ele sabia que precisava.

– Eu deveria ir até eles, – Delora sussurrou, virando a cabeça

para o lado e desviando o olhar.

Fyodor. Magnar se importava profundamente com eles, mas eles eram um lembrete constante do que aconteceria se fossem íntimos.

*Podemos tocar e provar, mas nada mais.*

Porque... Magnar sabia que se ele estivesse dentro dela, nada o deteria até que ele a enchesse com sua semente.

Então haveria um segundo filhote, e Magnar e Delora mal poderiam cuidar adequadamente do primeiro. Ele também não achava que poderia suportar ter que vê-la ficar doente novamente.

Ele não queria ter que recomeçar a jornada.

Eles poderiam compartilhar o prazer, isso tinha que ser o suficiente por enquanto.

Apesar da tristeza que tomou conta dele, Magnar se inclinou e bateu com a ponta do focinho na parte inferior da mandíbula dela.

— Você pode ir até eles, — ele disse a ela, esperando que o estrondo sombrio vindo de seu tom fosse sedutor. — Mas todas as noites, meu delicioso corvo, vou querer provar esta linda boceta. Vou lambê-la até você gozar, até cobrir meu focinho com seu cheiro, só para que eu possa respirar no dia seguinte enquanto trabalho na casa.

Ela estremeceu e esfregou a bochecha contra ele mesmo quando começou a ficar de joelhos.

— Você não deveria prometer coisas assim, — ela respondeu oh-tão-docemente, colocando a palma da mão em seu pênis coberto de tentáculos que desaparecia antes que ele desaparecesse. — Eu posso ser muito gananciosa em troca.

Magnar riu.

— Você pode pegar o quanto quiser.

Na verdade, ele esperava que ela o fizesse.

Enquanto estava sentado no chão com as pernas cruzadas, Magnar olhou para Delora, que estava de pé com um pincel fino entre as pontas dos dedos. Ele sentiu o frio deslizar enquanto ela acariciava as cerdas molhadas contra seu crânio e o calor conflitante que vinha dela segurando a parte inferior de sua mandíbula para mantê-lo firme.

Fyodor estava aninhado em seu colo. Agora que cresceram – quase do tamanho de uma *criança humana* – e eram capazes de apoiar a cabeça, pareciam preferir deitar sempre que podiam. Eles ainda se agarravam aos corpos de Delora e Magnar, mas começaram a andar cegamente e farejando enquanto sempre permaneciam próximos.

Magnar acariciou suas garras em suas costas. Eles tremeram e viraram para o lado em contentamento enquanto ele olhava para Delora com sua visão de um flamingo rosa brilhante.

O sol refletido de lado fez seu olho direito ficar tão claro que parecia que queria ficar dourado. O outro era de um marrom mais claro que o normal, e ele ficou encantado com o fato de ela estar olhando para ele e dando-lhe toda a sua atenção.

Ele perguntou se ela gostaria de pintar seu crânio novamente quando viu que ela não tinha certeza do que queria pintar na parede dos fundos da casa. Estava cheio lá, e ela parecia ter completado o quadro colorido.

Ele atualmente estava sentado no meio do jardim e estava agradecido por ter dado o salto para fazer isso. Ele queria que ela desenhasse padrões em seu crânio novamente desde a primeira vez. Também permitiu que ele passasse um tempo com ela de perto.

Tão perto, na verdade, que ele podia ver suas lindas sobrancelhas se contraindo enquanto ela se concentrava. Seus lábios franziram assim que ela começou um golpe antes de relaxar.

Parecia íntimo. Isso o fez se sentir totalmente próximo dela, mas de uma forma que não era sexual. Seus olhos eram rosa brilhante em vez de roxo, e ele tinha uma sensação leve e fofa em seu peito. Em vez de seu corpo sentir calor, era como se sua alma, sua própria essência, estivesse sendo aquecida.

E toda vez que ela se aproximava ainda mais para passar um pouco de tinta nele, seu coração começava a bater descontroladamente como um tambor. Embora desejasse que parasse de se mover, seu rabo batia no chão.

Mas seu coração e sua mente não paravam, esperando que ela chegasse um pouco mais perto. Era como se seu coração estivesse batendo freneticamente em antecipação, na esperança nervosa de que ela o faria.

Estava se tornando insuportável, especialmente quando ela começou a pintar logo acima da testa dele, afastando-se, mas ainda se aproximando.

Quando os lábios dela se moveram novamente, ele não conseguiu resistir ao impulso desta vez. Antes que ela pudesse colocar o pincel contra ele, ele ergueu o focinho e o empurrou para frente, pressionando as presas dianteiras contra eles. A suavidade carnuda e quente de seus lábios moldando-se ao redor de suas presas enviou um arrepio de prazer por todo o seu ser.

Ela se recostou e cobriu a boca com a mão que mantinha a cabeça dele imóvel.

— Você acabou de roubar um beijo? — ela perguntou por trás de seus dedos.

— Eu fiz.

Mesmo sabendo que não deveria, ele lambeu suas presas no fantasma do toque que ainda podia sentir. Ele queria sentir o gosto do beijo roubado em sua boca.

— Nããão! — ela choramingou, colocando a mão sobre as presas dele para tentar detê-lo. — Eu disse para você não fazer isso até secar! Você vai borrrá-lo.

Magnar agarrou seu antebraço, engolindo-o em seu punho, enquanto puxava sua mão para trás e lambia sua palma. Seu rosto estremeceu quando ela deu um pequeno suspiro antes que ele passasse a língua por dentro de seu pulso. Sua contração ficou mais intensa quando ela soltou um ruído estrangulado.

Seu rosto ficou vermelho *bonito*. Ela endureceu, mas não se afastou dele. — I-Isso faz cócegas.

— Você é muito sensível, meu pequeno corvo.

Ele soltou seu braço para que pudesse deslizar ambas as mãos sob a parte inferior de sua saia para arrastar as pontas de suas garras desde a parte de trás de seus tornozelos até suas coxas. Suas pernas dobraram para dentro sob sua carícia, especialmente quando ele chegou na parte de trás de seus joelhos. Ele a firmou antes que ela pudesse cair, segurando a parte inferior de suas coxas por trás.

— Magnar. — Ela mordiscou a parte interna do lábio inferior, seu perfume amadurecendo levemente em algo muito mais atraente do que apenas maçãs vermelhas e geadas.

— Você é a criatura mais linda que eu já vi, — ele murmurou, começando o caminho de suas palmas para cima novamente. — Eu não posso resistir a querer tocar em você.

Ele desejou que ela não tivesse removido a mão para colocá-la em seu ombro. Ele queria lambê-lo para mostrar a ela seu apreço por ela enquanto deslizava suas garras sobre os punhados redondos de suas nádegas que eram notavelmente macias por fora, mas firmes se ele as agarrasse. Mas ele não as amassou. Ele apenas continuou seu caminho pelos lados dela, passando por cima de seus quadris e depois pelo puxão acima dele.

— Não deveríamos estar fazendo isso agora, — ela sussurrou, mas seu tom era fraco — como se não fosse realmente o que ela queria.

Seus olhos dispararam para o colo dele, para o pequeno Fyodor descansando sobre ele. Ele queria Delora sob seu toque, debaixo de sua língua, gemendo para ele sempre que quisesse, mas seu filhote estava sempre com eles.

Ontem à noite, ele deliberadamente, mas astutamente, a despertou de seu sono antes de se levantar, esperando que ela pudesse querer ir com ele. No momento em que ela abriu os olhos, ela estava mordendo o lábio, preguiçosamente olhando para ele antes mesmo que ele tivesse a chance de se levantar.

Era lamentável que eles só pudessem iniciar o contato dessa maneira. Ela tinha que ficar quieta e dormindo antes que eles pudessem começar, mas toda vez que eles tentavam deixar Fyodor sozinhos quando não estavam completa e totalmente embalados, eles



soltavam um grito. Embora não tivessem tentado, não precisavam saber que deixar Fyodor sozinho não era uma opção adequada. Eles batiam o crânio contra a porta da frente, implorando e lutando para estar com eles.

Todas as vezes isso afligia Delora, e Magnar achava difícil se concentrar nessa beleza quando ela se preocupava.

E ele podia ver que tentar tocá-la enquanto eles estavam por perto não ia acontecer.

Magnar, tomando cuidado com a pintura do rosto, bateu com a ponta do focinho no queixo dela e colocou as mãos em volta da cintura dela. Suas grandes mãos quase se encaixavam na depressão de seu torso, seus dedos mindinhos espalhados sobre seus quadris arredondados, mas eram apenas suas garras que se tocavam. Se ele estivesse segurando uma humana menor, ele sabia que seus dedos estariam sobrepostos, e ele teria se preocupado o tempo todo em quebrá-la ao meio.

— Eu não vou tocar mais, — ele prometeu, esperando que ela simplesmente o deixasse segurá-la de alguma forma.

Havia algo em sua forma que o deixava eufórico sempre que tinha a oportunidade de segurá-la. Era quente e sensual e parecia uma felicidade absoluta. Seu corpo era tão sensível que mesmo o menor movimento de suas garras roçando sua espinha ou apenas sob aqueles adoráveis montes redondos em seu peito a fazia tremer em seu aperto, quase derretendo por ele.

Agora que tinha permissão para tocar, Magnar ansiava por tocar mais do que antes. Ele não podia estar dentro dela, uma dor incômoda que se recusava a ceder, e a única maneira que ele poderia encontrar paz era o paraíso contra qualquer parte dele.

Fazia três noites desde que ela o provou pela primeira vez, e havia um perfume persistente nela que o deixou tranquilo.

Quando ele conheceu Reia, ela cheirava a gravetos e espinhos, frescos e limpos. Mas em algum momento, depois que eles se aventuraram juntos na Vila dos Demônios, ela começou a cheirar a uma doçura salgada, algo que se tornou um enorme impedimento para ele.

Cheirava como uma possessão, uma marca, uma que ele sentiu até o estômago para não interferir. Magnar não tinha entendido. Ele só sabia que não deveria se aproximar muito de Reia ou deveria ficar desconfiado de quem havia dado a ela essa marca de cheiro - Orpheus.

Era o mesmo cheiro que agora estava impregnado em Delora, mas vinha dele.

Por mais que ela lavasse a pele, ela não conseguia se livrar dela imediatamente. Ele embotou ao longo do dia, os óleos naturais do corpo dela umedecendo-o até que ele o recolocou na noite seguinte.

Por três noites, Delora tinha estado, de alguma forma, coberta por sua semente. Quer fosse internamente por beber - ele estremecia toda vez em memória, seus orbes piscando em roxo por um milissegundo - ou por gotas faltando em seus lábios e cobrindo seu rosto e peito.

Parecia que ele a reivindicava, mesmo que não pudesse reivindicá-la totalmente. Ela era dele, e agora estava afastada de outros Mavka.

— Orpheus e Reia devem ter alcançado a Vila dos Demônios agora, — Magnar afirmou quando Delora relaxou em suas mãos e começou a pintar seu crânio um pouco mais. Suas mãos estavam um pouco instáveis.

Ele queria que Orpheus voltasse para que ele pudesse saber, sentir o cheiro de que Delora era dele, apenas por estar em sua presença. Orpheus tinha Reia, e Magnar sabia que não queria Delora, mas queria poder se vangloriar diante dele por ter chegado a esse estágio sozinho.

Ele também *precisava* que ele voltasse.

*Devo perguntar a ele se há uma maneira.* Eles não criaram seu próprio Fyodor, então o que Magnar poderia fazer para evitar isso?

Porque, por mais que saborear, tocar e devorar sua noiva suprimisse o pior de seus desejos, eles estavam sempre crescendo. Ele estava ficando agitado, não com ela, mas com isso.

Mesmo ontem à noite, depois de ter certeza de que ambos gozariam, ele permaneceu duro, ansioso para aninhar seu pênis dentro de sua pequena boceta quente. Ele ardia por isso, precisava senti-la

confortando-o por dentro, preenchendo-a até que ela soubesse que pertencia a ele, até que seu corpo se moldasse para caber no dele e ele o quebrassem permanentemente para si mesmo.

*Vou precisar refazer o feitiço?* A que mudou seu corpo para ele? Ela seria deliciosamente apertada e atraente, ou maravilhosamente ajustada a ele para que ele pudesse simplesmente enfiar seu pênis dentro dela?

Um grunhido suave começou a sair do fundo de sua garganta até que ele abaixou as mãos, empurrando seus dedos em garras através da malha de suas coxas. Ela estremeceu ao dar um pequeno gemido, a parte interna de suas coxas um lugar que ele sabia que ela gostava de ser tocada. Mas ele não subiu mais alto para cumprir sua promessa.

Não havia espaço entre suas coxas e sua carne começou a aquecer as pontas dos dedos para ele.

*O que eu não daria para liberar meu pau e puxá-la para ele agora.* A ideia era voraz e tomou conta dele como um inferno rugindo, chamuscando sua mente e corpo com calor. Violento e frenético.

Magnar se encolheu quando Delora correu para frente e pressionou um beijo duro no final de seu focinho antes de recuar.

— Eu não sei o que está incomodando você, mas seus olhos estão ficando vermelhos, e você está me machucando com suas garras.

Magnar soltou a pressão que tinha, mas manteve as mãos onde estavam, sem vontade de soltá-la. Sua visão voltou ao verde habitual, e ele limpou a garganta para se livrar da emoção densa e entupida nela.

— Sinto muito, — ele respondeu. — Eu ficarei quieto novamente para você.

O sorriso que ela lhe deu lavou suas preocupações.

*Ela é tão misericordiosa.* Magnar estava grato por isso, pois muito do que ele fez exigia perdão.

— Não precisa, já terminei! — Então ela se virou ligeiramente para colocar o pincel em uma tigela de tinta antes de colocar as mãos nos quadris. — Obrigada por me deixar fazer isso. É muito divertido. Talvez da próxima vez você possa pintar a minha, mas prometo que serei uma estátua melhor do que você.

— Eu gostaria disso — disse ele, removendo uma mão para que pudesse passar as costas de suas garras sobre seu cabelo trançado. Sua visão seguia seus movimentos.

Ela mencionou que a incomodava sempre que tentava pintar.

Era a primeira vez que ele a via fazer alguma coisa com ele, e ele gostava dos cruzamentos longos e cruzados. Para mantê-lo unido, ela amarrou uma tira de pano rasgado na ponta.

Foi por pura sorte que uma de suas penas conseguiu cair e grudar nela, o que o levou a puxar mais algumas e enfiá-las na trança. Ela tinha sido surpreendentemente complacente com isso, o que ele apreciava totalmente.

Magnar começou a ficar de pé, erguendo-se abaixo dela até que ele estava se elevando em sua presença, mas o olhar destemido que ela deu a ele era doce. Fyodor, sendo repentinamente acordado, correu para suas quatro patas para semi-andar e semi-pular.

Delora se abaixou para agarrá-los pelo torso quando parecia que eles estavam prestes a bater em uma tigela, rindo quando eles gritaram.

*Gosto de observá-los juntos*, pensou ele, enquanto Fyodor chutava suas pernas até que Delora os abraçasse contra o peito.

Ela aninhou sua bochecha contra o topo de sua cabeça.

— Você é um bom Caminhante do Crepúsculo. Não é, Fyodor?

Magnar escolheu aquele momento para recuar, odiando ter conversas desajeitadas sobre a separação, pois não sabia como fazê-lo sem problemas. Enquanto ele se afastava, sua visão se cruzou várias vezes enquanto tentava ver o que ela havia pintado em seu focinho.

Ele entrou na casa e foi até as prateleiras sem porta acima dos balcões da cozinha, alcançando-as para obter sua pedra de amolar em sua nova casa. Então ele voltou para fora e pegou seu machado na beirada dos degraus da varanda antes de se sentar neles. Ele usou a pedra de amolar para afiar a lâmina.

Sua visão vagou sobre seu território protegido.

*Eu me pergunto qual árvore devo cortar a seguir*. Pode não parecer para os outros, mas ele estava selecionando cuidadosamente quais ele removia. Ele queria manter grande parte da floresta, mas reduzi-la era

seu objetivo para que não parecesse tão densa ou enervante.

Ele gostava do conforto do escuro e queria poder ver as folhas mudarem com as estações. No entanto, ele também não queria que sua fêmea tivesse que testemunhar uma cena tão agourenta, esperando criar a ilusão de que eles não estavam no Veu infestado de demônios.

— Volte aqui, seu malandro! — ele ouviu Delora gritar do lado.

Ela estava correndo pelo quintal, perseguindo Fyodor, que conseguiu roubar um de seus pincéis e fugiu com ele. Magnar riu, mesmo quando seu jovem cego bateu de cabeça em uma árvore.

Imperturbáveis, como se Fyodor não sentisse nenhuma dor - porque *nunca* sentiam - eles balançaram a cabeça e bateram nela novamente quando tentaram contorná-la. Após a terceira tentativa, quando Delora estava prestes a alcançá-los, eles conseguiram passar por ela e entrar na floresta.

Magnar sabia que eles não iriam longe.

Desde que comeram o Demônio e ficaram maiores, Fyodor estava mais ativo durante as tardes.

Essa era a segunda vez que eles fugiam com alguma coisa, a primeira sendo uma colher que ela usava para cozinhar. Assistir Delora persegui-los dentro da casa foi bem engraçado até Fyodor bater em suas pernas e derrubá-la.

Sua canela começou a sangrar de um corte feito por Fyodor. Delora se tornou incorpórea e os impediu de entrar em uma fúria cheia de fome. Magnar então os colocou no quarto enquanto ele pegava seu ferimento para curá-la.

Eles pareciam não ter desejo de comer Mavka, mesmo quando Magnar estava sangrando na presença deles.

Sua visão disparou pela floresta enquanto ele observava o fio de Delora correndo em direções esporádicas, o amarelo do contentamento enchendo sua visão.

*Se eu não tivesse limpado um pouco a floresta, ela poderia ter me alcançado agora.* Talvez o incidente de Fyodor com a árvore os tenha ensinado a farejar o caminho pela floresta.

Então, ele não conseguiu vê-los por um tempo.

Ele abaixou a cabeça para observar o que estava fazendo com a

pedra de afiar, certificando-se de não danificar a lâmina.

— Magnar! — ele a ouviu chamar. Ele se levantou rapidamente com o pânico que ouviu em seu tom. — Eles estão indo para a fronteira!

Seus músculos ficaram tensos, o branco entrando em sua visão, enquanto o medo o agarrava até a medula de seus ossos.

*Não!* Sem pensar duas vezes, Magnar descuidadamente jogou tudo para o lado e correu na direção em que ouviu a voz dela.

Ele era rápido, empurrando uma árvore ocasional para acelerar seu ritmo frenético. Ele seguiu o cheiro dela até a fronteira - onde ele instantaneamente o perdeu.

*Ela se tornou incorpórea.* O que significava que ele não podia seguir nenhum de seus cheiros na floresta. *Eles não estão seguros lá fora!*

— Delora! — ele gritou, passando pela ala de proteção e direto para o Véu.

— Por aqui!

Ela estava por perto, apenas alguns metros além das árvores, mas fora de vista. Assim que ele correu para lá, com o coração disparado no peito, ele viu um lampejo de branco correndo entre as árvores.

Delora, sua fêmea geralmente cautelosa, estava enfrentando o Véu apenas para ficar de olho em seu filhote para ter certeza de que não os perderiam para sempre. Para ter certeza de que não seriam comidos ou roubados por um Demônio que poderia estar à espreita por perto.

Apesar de seus orbes estarem brancos de preocupação, ele foi dominado pelo orgulho. *Ela está ficando forte.*

Assim que ele a alcançou, ele viu Fyodor correndo com o pincel ainda na boca. Eles correram por entre arbustos, ocasionalmente tropeçaram em raízes, mas se recusaram a diminuir a velocidade. Depois de apenas alguns longos passos, Magnar mergulhou e os pegou em seus braços. Ele rolou para a frente, tomando cuidado com seus chifres grandes e ramificados, antes de cair de bunda com os pés batendo na terra à sua frente.

*Tunk. Tunk.*

O brincalhão bebê Mavka deu um estridente animado ao ser pego, contorcendo-se para se livrar de seu aperto. Seu coraçãozinho batia descontroladamente com alegria em suas grandes palmas e cheirava baforadas úmidas pelo buraco do nariz.

Magnar soube instantaneamente que esse seria um problema recorrente com o quanto eles pareciam se divertir.

— Você está bem? — Magnar perguntou a Delora enquanto ela olhava para os dois com os olhos arregalados.

Ela não estava bufando desde que estava em sua forma fantasmagórica, mas parecia um tanto exausta.

— Não, — ela admitiu suavemente. — Isso me assustou pra caralho. Eu sei que você não pode sentir o cheiro deles, e se um Demônio viesse!?

— Eu os tenho agora. — Ele levantou os braços para gesticular para eles, sua tensão diminuindo agora que ele segurava Fyodor. Ele já havia entrado em pânico antes. — Mas devemos voltar rapidamente.

Ele podia ouvir farfalhar nas proximidades, e o cheiro fétido de um Demônio na cauda do vento.

Não havia necessidade de correr enquanto faziam o caminho de volta, já que Fyodor não havia conseguido se afastar muito da fronteira.

Uma vez que todos estavam na segurança de sua barreira, Delora tirou o pincel da boca de Fyodor.

— Talvez você devesse construir uma cerca ao redor da barreira para que isso não aconteça novamente, — Delora sugeriu.

— Eu estava pensando a mesma coisa.

Daria muito trabalho, mas ele estava satisfeito por ter algo para fazer. A maior parte da mobília da casa foi construída, exceto uma cama e guarda-roupa para o quarto deles, bem como o que ela quisesse no segundo quarto. Ele havia originalmente planejado construir uma segunda cama menor lá para ela, mas ela disse a ele que não queria uma.

Ela queria dormir com ele à noite.

Enquanto caminhavam de volta para a casa, Magnar colocou Fyodor no chão, sabendo que eles não iriam correr agora que não

tinham nada para fazê-la persegui-los.

*Vou ter que começar a construir imediatamente.* Magnar ficou descontente com seus pensamentos. *Levarei muito tempo para abranger toda a barreira.*

Seriam semanas de trabalho.

*Vou ter que parar tudo o que estou fazendo.*

Ele não achava que Delora se importaria, não quando a segurança de Fyodor era sua primeira prioridade.

O som de um bufo profundo chamou sua atenção, um que era rápido e bufante. Magnar rapidamente puxou Delora para o seu lado quando o cheiro de um Mavka, um que ele conheceu, mas com o qual não estava familiarizado, flutuou sobre uma rajada de vento.

Passos de patas batendo, quatro delas como se o Mavka estivesse de quatro, podiam ser ouvidos vindo nessa direção - e *rápido*. Sua espécie poderia atingir uma velocidade mais rápida do que qualquer coisa na Terra, e ele sabia que levaria apenas alguns momentos antes que o Mavka que se aproximasse os alcançasse.

Isso se ele pretendesse vir por aqui.

— Delora, se trans... — Antes mesmo que ele pudesse terminar de dizer a ela para se tornar intangível, ela o fez.

No mesmo momento, um conjunto de esferas flutuantes brancas apareceu na escuridão da floresta do Véu.

O Mavka rompeu a linha das árvores e entrou na barreira. Apenas mantinha fora os Demônios, o que significava que sua espécie estava livre para ir e vir, mesmo que eles quisessem fazer mal. Um círculo de sal pode ter impedido seu acesso, mas Magnar, vendo o branco absoluto de seus orbes, sabia que ele não estava aqui para ser malicioso.

Assim que ele estava seguro dentro da barreira, o Mavka derrapou até parar na terra. Ele parou ao lado deles, sua forma mais monstruosa inalando e exalando com respirações tão profundas que Magnar pensou que iria engasgar ou parar de respirar a qualquer momento.

Ele estava coberto de detritos da floresta. Parecia e soava como se ele estivesse correndo por um tempo excepcionalmente longo.



Então o Mavka disparou sua cabeça para eles, revelando um crânio felino com chifres de carneiro nas laterais. Ele tinha espinhos semelhantes a lagartos saindo de suas costas sobre os ossos protuberantes da coluna, e outros menores desciam por seus antebraços.

Com presas felinas afiadas e finas separadas, sua língua se movia para frente e para trás enquanto ele lutava para respirar.

No entanto, uma sensação horrível tomou conta de Magnar com o foco de sua visão, algo que o fez se sentir oco até o fundo de sua alma.

Sangue roxo escuro estava pingando pesadamente de uma *rachadura* em seu crânio. A rachadura começou no topo de seu crânio, entre os chifres de carneiro, antes de descer pelo rosto e circundar a cavidade ocular esquerda. O sangue escorria e pingava de seu nariz em gotas pesadas e contínuas.

*Ele foi atacado.*

Alguém tentou matá-lo. Alguém que *sabia* como matar Mavka. Alguém com força para desferir um golpe tão debilitante.

Os orbes de Mavka com chifres de carneiro ficaram pretos antes que ele finalmente caísse de lado, muito fraco pela perda de sangue ou muito cansado de correr para permanecer acordado por mais tempo, agora que sabia que estava um pouco seguro.

Ele estava escolhendo confiar neles.

A única palavra que saiu dele foi gargarejo, mas soou como um nome.

– *Mayumi.*

Então ele caiu completamente, flácido e inconsciente.

Magnar deu um passo em direção ao desconhecido Mavka hesitante, mantendo-se na frente de Delora, que se tornou física atrás dele. Ele então se agachou para obter uma inspeção mais detalhada do crânio do Mavka.

Havia um ponto em sua testa, logo atrás da sobrancelha, onde parecia que algo pontiagudo, mas pequeno, o havia perfurado – talvez uma garra.

– Ele está bem? – Delora perguntou, pressionando-se contra suas costas enquanto espreitava por cima do ombro.

– Eu não sei, – Magnar respondeu com sinceridade.

No entanto, ele podia sentir seu coração afundando.

O Mavka com chifres de carneiro estava respirando de forma instável em um ritmo pesado e rápido, mas seu crânio estava rachado. Atualmente estava sangrando profusamente e há muito tempo considerando os múltiplos rastros de sangue em seu rosto. Poderia parar de sangrar em algum momento, mas... Magnar sabia que não seria capaz de curar isso.

Ele conheceu outro Mavka brevemente em sua vida, um mero passar por uma distância, e seu crânio foi permanentemente marcado com marcas de garras. Algumas pareciam *velhas*.

Este Mavka nunca iria curar esta ferida, nem mesmo em um dia, e se continuasse a quebrar... ele morreria, permanentemente. Para sempre. Para nunca mais voltar.

Fyodor deu a volta para cheirar o rosto ferido de Mavka. Magnar pensou que eles deviam entender que algo estava errado com ele considerando o sangue e sua respiração. Especialmente quando seu filhote apenas se sentava na frente dele e choramingava.

Em um nível instintivo, Fyodor entendia que algo estava errado.

Magnar não sabia se Delora poderia dizer que ele estava se sentindo triste, mas a pequena mão dela esfregando suas costas entre suas omoplatas tensas era o conforto que ele precisava.

– Você conhece ele? – perguntou Delora.

— Não — ele respondeu com um aceno de cabeça. — Na verdade. Acho que a maioria dos Mavka já se deparou quando vagamos pelo Véu, mas só troquei algumas palavras com eles. Este eu encontrei mais do que os outros além de Orpheus, mas nossas conversas foram breves.

— Então, você o considera seu amigo?

Ela deu a volta para o lado dele e dobrou o corpo para o lado para que pudesse ver que seus orbes haviam se tornado de um azul profundo.

Sua trança preta caiu de seu ombro. Uma pena se soltou, caindo na poça de sangue escuro que começava a se formar sob o Mavka das extensas feridas que ele tinha em seu corpo.

Enquanto o Mavka continuava deitado ali, sua forma monstruosa começou a desaparecer. Ao contrário de Magnar, que apenas começou a usar calças apropriadas e uma camisa de botão nos últimos meses, este Mavka já as usava quando elas se erguiam através de sua carne. Seus pés estavam descalços, e Magnar imaginou que era para que ele pudesse vagar livremente.

— Orpheus e Reia são meus amigos. Você é minha noiva. — Magnar virou o rosto para Delora. — Ele não é ninguém. Eu não confio nele.

Suas sobrancelhas se juntaram para formar um nó apertado com seus lábios se estreitando.

— Mas ele não é ninguém, Magnar. Na verdade, ele e Orpheus são seus irmãos. Todos vocês vieram da Coruja Bruxa e daquele espírito do vazio. Isso significa que você é da família.

*Família?* Ele pensou, mais uma vez olhando para o Mavka diante dele. *Irmão?*

Sua visão errante parou em Fyodor ainda sentado lá.

Se Delora e ele fizessem um segundo filhote, eles seriam irmãos. Irmãos, provavelmente, e eles seriam da família. Eles teriam uma conexão única. *Tipo pai e filho? Noiva e Mavka? Estas são todas as famílias? Eles são todos especiais para mim?*

O mundo estava interligado entre os relacionamentos, alguns mais próximos do que outros, mas o aqueceu ao saber que, se ele

realmente olhasse para o seu passado, nunca estaria verdadeiramente sozinho. Ele teve pais, irmãos... só não sabia entendê-los.

O inverso também era provavelmente verdadeiro.

No entanto, esse entendimento significava que a sensação de afundamento em seu peito estava ficando mais dolorosa a cada segundo.

Ele não queria que ninguém importante para ele morresse – mesmo aqueles que ele ainda não conhecia.

– Talvez seja por isso que Orpheus me ajudou quando não precisava. Porque ele sentiu uma conexão comigo. Você está certo, ele é mais do que meu amigo. Ele é minha família. – Então ele virou a cabeça e bateu carinhosamente com a ponta do focinho nela. – Obrigado por me mostrar isso.

Os cantos de seus lábios queriam se curvar, mas eles apenas se contraíram por causa da triste realidade que estava diante deles.

Algo dentro dele precisava desesperadamente segurá-la. Necessitava o conforto e o calor de seu corpo unindo-se ao dele para apagar a terrível frieza que sentia.

*Por alguma razão, sinto-me... sozinho.*

Assim que ele começou a estender a mão com a intenção de envolver sua nuca para puxá-la para mais perto, o pelo e as penas que cobriam sua carne se arrepiaram.

Um terrível cheiro fétido se infiltrou no ar pouco antes de ele ouvir o estrondo de *vários* passos vindo em sua direção.

– Encontrei-o, – uma voz desconhecida, sombria, profunda e cruel cuspiu logo além da barreira de proteção.

Era um cheiro novo, que se aproximou, mas apareceu *de repente*.

Magnar virou a cabeça para o lado e rapidamente puxou Delora contra suas costas para protegê-la. Ele também se viu caminhando em direção ao inconsciente Mavka de forma protetora quando viu que a pessoa parada diante deles tinha sangue seco que cheirava a Mavka em uma de suas mãos - especialmente em torno de um de seus polegares.

– Fique, – ele alertou para Delora, precisando saber que ela

estava segura ao senti-la pressionada contra ele, antes de dar um profundo e contínuo grunhido de advertência.

*O Rei Demônio*, ele pensou com um rosnado, sua visão se transformando em um vermelho carmesim brilhante.

O som de pés batendo ficou mais alto a cada segundo antes de um Demônio irromper pela linha das árvores.

Ele se juntou ao Rei Demônio, que estava diante deles vestindo calças de gênio azul claro que estavam amarradas acima de seus fortes músculos da panturrilha. Seus pés estavam descalços e enrolados com pequenas garras.

Ele não usava camisa, em vez disso se adornava com joias de ouro como um colar e braceiras que cortavam a protuberância de seus músculos, mais à esquerda do que à direita. A pele bronzeada envolvia a carne de seu corpo, enquanto suas orelhas eram longas e pontiagudas. Havia também dois chifres escuros que se projetavam de sua linha do cabelo, enrolando-se para trás sobre seu longo cabelo branco-azulado.

Ele respondeu ao rosnado de Magnar mostrando suas presas, seus olhos escuros se estreitando em um olhar cheio de ódio e desprezo.

Mais Demônios entraram, talvez seis no total.

Um deles era familiar, e não demorou muito para Magnar localizar onde o tinha visto. Ele parecia um humano, exceto por seus olhos vermelhos, pele vazia e o fato de estar andando de quatro.

*Esse é o Demônio que falou comigo quando estávamos voltando da vila.* Ele encontrou o Mavka com chifres de carneiro que estava atrás e, ao fazer isso, eles o machucaram.

A vergonha rasgou através de Magnar, fazendo com que seus orbes piscassem momentaneamente em um rosa avermelhado.

*Eu deveria ter feito alguma coisa. Eu deveria tê-lo matado.*

Se Magnar tivesse, este Mavka estaria bem e ileso? Mas... ele não tinha entendido as ramificações de não interferir naquela época.

Ele estava focado em garantir que Delora estivesse segura.

A visão vermelha de Magnar pousou nos múltiplos Demônios com Jabez, o Rei Demônio. Ele tinha muitas caçadas para seu

companheiro Mavka.

Seu estômago deu um nó como um peso pesado em seu estômago.

Jabez cruzou os braços sobre o peito musculoso e ergueu uma de suas sobranceiras brancas para Magnar. Então ele inclinou a cabeça para o lado para falar baixinho com o Demônio que Magnar conheceu na floresta.

— Você não me disse que o Mavka de chifres de cervo de tinha uma humana.

A tensão disparou através de Magnar e agarrou seus ossos. Delora estava sob os olhos do Rei Demônio, e ele não a queria perto dele. Ele não queria que ninguém indigno olhasse para sua preciosa noiva, ninguém que pudesse machucar sua pele macia, nem manchar seu perfume maravilhoso com seu próprio sangue.

Ele estendeu o braço para trás para empurrá-la contra ele. Não fazia sentido ela se tornar incorpórea, ela estava segura dentro da barreira de proteção, segura contra ele - isso é tudo que importava.

Ela estava com ele. Ao seu lado para ele proteger.

— Ele não tinha uma antes, — o Demônio respondeu com a cabeça inclinada para o lado, olhos vermelhos tentando olhar ao redor de Magnar. — Da última vez ele tinha uma companheira Espírito. Esta é diferente.

O rosnado que escapou de Magnar foi ainda mais cruel para o Demônio de quatro. Ele não queria um único olho vermelho nela que não fosse o dele.

— Eu também não sabia que ele tinha feito uma casa aqui, — o Demônio continuou, tentando olhar através da linha das árvores. — Caso contrário, eu o teria informado, senhor. É difícil vê-lo além das árvores, e provavelmente é por isso que não o vi.

Magnar estava desbastando as árvores, então tinha certeza de que algumas partes estavam visíveis - talvez o canto da casa, o degrau da varanda ou a grade.

— Tenho estado tão ocupado perseguindo o com chifres de carneiro que não estou de olho em todos eles. — Jabez levantou um único braço e o usou para dar de ombros sem entusiasmo. Então ele

finalmente estreitou os olhos de volta para Magnar, zombando com as presas afiadas cerradas com força. — Eu não tinha percebido que você se mudou daquela pequena caverna patética que você chamava de lar. Você deveria ter ficado lá. Ficado fora do meu reino.

— O Veu é o lar de todos os que vivem dentro dele. Você não pode me dizer onde posso ou não viver, — Magnar retrucou.

— Eu fiz isso! — ele rugiu, abrindo os braços para mostrar suas garras com os dedos cerrados abertos. — Se não fosse por mim, ainda seria a floresta que começou! Se eu não tivesse usado minha magia para fazer a floresta crescer e o desfiladeiro maior, então nenhum de vocês Mavka teria um lugar para residir que não fosse infestado por humanos inferiores.

Magnar sentiu Delora agarrando a parte de trás de sua camisa com mais força a cada grito do Rei Demônio.

— Isso ainda não a torna sua.

— Você sabe o que? — Jabez relaxou os ombros e jogou para trás as longas mechas de cabelo que caíam sobre o rosto. Parecia que ele estava acostumado a explosões frequentes antes de recuperar o controle fugaz. — Eu não dou a mínima de qualquer maneira. Se nenhum de vocês se juntar ao meu exército, todos morrerão eventualmente. — Então ele levantou a mão para apontar uma garra para o inconsciente Mavka no chão. — Apenas me dê ele, e eu vou deixar você viver sua vida triste e patética com sua humana, por enquanto. Ele é tudo que eu quero.

Magnar lançou a cabeça para o lado enquanto se arrastava para trás. Ele pressionou o tornozelo contra o corpo até saber que sua posição agachada havia escondido parcialmente o Mavka com chifres de carneiro.

— Não — ele rosnou. — Você já rachou o crânio dele. Não vou deixar você matá-lo.

Delora estava fazendo um trabalho maravilhoso em controlar seu medo, escolhendo se enrolar nas costas de Magnar. Ela confiava nele, confiava na barreira protetora, confiava que não precisava ter medo.

Se fosse assim, se ela começasse a soltar o cheiro disso, enviaria

os Demônios da área para um alvoroço para chegar até ela. Talvez ela também soubesse que isso afetaria Fyodor e permaneceu calma apenas para eles.

Ela estava sendo corajosa, e Magnar sentiu orgulho dela por isso - especialmente porque ela já teve pavor de demônios.

Parecia que ela estava ficando mais corajosa a cada dia.

Os lábios de Jabez se curvaram de raiva antes que ele batesse o punho contra a ala protetora. Deu uma explosão de relâmpago em sua bolha verde transparente, mas não mostrou sinais de vacilar ou quebrar.

— Não queremos lutar — continuou Magnar. — Sua guerra não é nossa.

— Como você saberia pelo que estou lutando? — Jabez disse de volta. — Estou lutando pela injustiça de minha própria espécie. O que estou fazendo é rebater nossos opressores por tudo o que fizeram para nos levar à quase extinção até chegarmos aqui. Merecemos viver.

— Nós também.

Magnar tentou relaxar seus ombros rígidos, esperando alcançar algum tipo de trégua com o Rei Demônio - não apenas para si mesmo, mas para todos os Mavka.

Orpheus foi impedido pelo ódio de Katerina, nunca teve a oportunidade de falar com o Rei Demônio com calma. Ela tinha sido uma barreira, uma barreira odiosa.

Magnar não tinha isso.

Ele nunca cruzou caminhos com Jabez. Eles nunca tiveram um conflito. De certa forma, Magnar teve sorte.

Sorte porque Delora literalmente caiu do céu para se tornar dele - como se o destino tivesse entrelaçado seus destinos muito antes de se conhecerem. Sorte porque teve Orpheus para orientá-lo sobre como ser um Mavka melhor. Sorte porque ele tinha Reia para mostrar a ele como cuidar de uma humana por estar perto de uma. E sortudo porque, além do Demônio Serpente, ele raramente teve alterações com Demônios e, portanto, Jabez.

— Mas não é por isso que você está lutando — continuou Magnar. — *Você está começando uma guerra com os Elfos por causa*



de como eles o trataram. Orpheus me explicou tudo. Como você trouxe os Demônios aqui através do seu portal, como você tornou esta terra habitável para eles, deu-lhes as coisas de que precisavam para se tornarem fortes. Você não está fazendo nada disso por eles, mas por si mesmo.

— Você não tem ideia de como eles me trataram, — Jabez rosnou, seus punhos cerrados. — Fui colocado na porra de uma gaiola e experimentado porque eu era meio elfo e meio demônio. Uma raridade porque nenhum elfo se deitaria *voluntariamente* com um demônio. Mas foram os Demônios que me salvaram. Eles! — Ele gesticulou com as mãos de volta para os vários Demônios que o cercaram por trás. — O povo élfico é cruel. Eles nos fizeram o que somos e depois tentaram nos destruir por causa do que precisávamos comer para sobreviver. Estou lutando pela injustiça que não apenas recebi, mas eles também. — Então ele encarou Magnar com seus olhos afiados e mortais antes de mostrar suas presas novamente. — Eu não fui o único colocado em uma gaiola.

— Se você estivesse realmente lutando pela justiça dos outros, você nos deixaria Mavka — Magnar tentou argumentar. — Não fizemos nada de errado. Por que devemos morrer só porque não vamos lutar na sua guerra?

— Porque seu maldito Mavka continua matando nossa espécie!

— Porque sua espécie nos ataca! — A subida e descida do peito de Magnar crescia mais rápido a cada minuto, seu coração batendo descontroladamente em seu peito. A calma que ele estava procurando foi perdida para o fracasso que ele podia ver chegando. — Demônios não nos deixam com fome. Seu tipo cheira mal. Nós só comemos sua espécie quando eles atacam porque sucumbimos à fome de nossa sede de sangue. Para os humanos, Mavka e Demônios não são melhores que os outros.

— Isso é o que acontece na guerra, — Jabez respondeu friamente, sua expressão se tornando indiferente. — Vítimas acontecem, e sempre que alguém fica no caminho, não importa de que lado esteja, ou de lado nenhum, eles morrem. É para um bem maior. Pedi a muitos de sua espécie que se juntassem a mim, tentei ser

complacente. Todos vocês disseram não. Você mesmo disse isso agora há pouco. Então, que valor você tem para mim além de estar no caminho? Deixei você sozinho quando poderia tê-lo atacado a qualquer momento porque você sempre permaneceu na fronteira do Véu - até recentemente, ao que parece. Você não passa de um Mavka, então como você realmente entenderia as complexidades que devo enfrentar como um rei que deseja o melhor para seu povo?

Magnar ponderou sobre as palavras de Jabez.

Era verdade, Magnar não tinha ideia do que Jabez teve que suportar em sua autoproclamada posição. O Rei Demônio *poderia* estar lutando do lado certo da guerra que ele estava criando, mas Magnar não conseguia se livrar da *amargura* de que sua espécie estava sendo alvo.

Havia espaços em branco em sua mente, pensamentos que se desenrolavam enquanto se formavam, lembrando-o de que ele ainda não havia obtido humanidade suficiente para realmente entender... tudo. Ele ainda estava atrofiado, então como ele poderia imaginar o peso repousando sobre os ombros de Jabez?

*Eu quero entender.*

Ele queria ajudar sua espécie de qualquer maneira que pudesse, mas não queria lutar em uma guerra. Ele não queria lutar de jeito nenhum.

Ele queria viver em paz com sua fêmea e filhote. Com seus amigos e irmãos e desvendar os mistérios de seus laços.

O caminho que Jabez queria que eles trilhassem estava coberto de derramamento de sangue. Mavka seriam soldados perfeitos. Eles eram difíceis de matar e quase impossíveis de enfraquecer quando enfurecidos.

Mas Jabez também não viu que Mavka matariam *tudo* à vista quando eles sucumbissem à sua raiva. Lutavam para se proteger e tudo era visto como inimigo.

Eles eram monstros, verdadeiros monstros - mesmo comparados aos Demônios. Eles eram maiores, mais rápidos e muito mais perigosos e astutos - mesmo quando subdesenvolvidos.

— Dê-me o Mavka com chifres de carneiro, ou vou encontrar

uma maneira de matar aquela pequena humana que você tem atrás de você. — Jabez cruzou os braços sobre o peito e ergueu o queixo superiormente. — Quer você o dê para mim agora, ou eu o encontre quando ele deixar seu círculo de proteção, ele *morrerá*. A única diferença é que, se você me ajudar, posso considerar deixar você e sua humana vivos. Ele matou muitos Demônios, você não, e contanto que você continue a deixar minha espécie ilesa, então eu vou poupá-lo.

Magnar engoliu em seco.

Parecia que o Rei Demônio não sabia que havia matado muitos Demônios desde que Delora entrou em sua vida. Ele não temia por si mesmo, mas se preocupava com sua noiva e seu filho, que seriam alvejados a qualquer momento se fossem pegos fora da ala de proteção.

Eles precisavam deixá-lo para obter comida. Ele não queria que a ala se tornasse uma prisão para eles.

Então... algo se registrou em sua mente. Algo *imperdoável*.

Magnar finalmente se levantou para se levantar, mas, ao fazê-lo, sua visão ficou ainda mais violenta de vermelho, as bordas externas deles oscilando em preto. Ele flexionou os dedos, verificando a força que tinha neles e em suas garras enquanto abria as presas para mostrar seu comprimento letal.

O rosnado que ele deu foi mais profundo do que qualquer outro que ele lançou. E ele sabia, pela sensação de sua pele sobre os músculos, que suas penas e pelos tinham inchado para ficar completamente em pé, tornando-o maior, mais assustador.

— *Você se atreve a ameaçar minha fêmea?* — Sua voz soava distorcida, e a cada segundo ele percebia que Jabez realmente havia ameaçado sua Delora, a queimadura que sentia em seus músculos exigia retribuição. — **NÃO darei a você o Mavka, nem permitirei que você a machuque. Eu sou Magnar, seu protetor, e vou protegê-la com cada gota do meu sangue!**

Qualquer ameaça para ela era imperdoável.

Todo o calor ardente que ele sentiu de repente saiu dele em uma onda de frio, tão frio na verdade que parecia que ele tinha sido mergulhado em água gelada. *Não. Volte*. Seus orbes ficaram de uma cor

totalmente branca, enquanto um breve gemido escapou dele.

Ele estava tão focado em Jabez que não percebeu que um problema estava ocorrendo bem antes deles.

Lá estava Fyodor, caminhando lentamente para a borda da barreira em direção ao Rei Demônio.

*Eles estavam ao meu lado um segundo atrás.* Eles estavam adotando uma postura protetora com Delora, e Magnar pensou que eles permaneceriam lá. Ele bloqueou a visão de Delora deles, mantendo-a pressionada contra ele.

*Eu cometi um erro.* Um grande.

Sua preocupação não diminuiu, nem mesmo quando Fyodor parou dentro da barreira para cheirar os pés do Rei Demônio. Ele não pareceu notar que eles se aproximaram, ou que eles existiam, como se ele também tivesse se concentrado apenas na conversa deles. Uma que não estava indo bem para nenhum deles.

Magnar tinha certeza de que se não houvesse barreira entre eles, uma luta teria ocorrido.

O corpo de Magnar ficou ainda mais tenso quando um Demônio, um pequeno que parecia bastante travesso com as costas curvadas, rastejou para frente para inspecionar Fyodor. Sua cabeça estava meio afundada, como se tivesse levado uma pancada no crânio e sobrevivido.

Jabez golpeou o Demônio endiabrado.

— Você se atreve a tentar ficar na minha frente?! — ele rosnou, mostrando suas garras.

Ele correu de volta com pressa antes de apontar na direção de Fyodor.

— Há um pequeno Mavka, senhor.

Magnar ficou de quatro em apreensão quando o olhar de Jabez disparou para o jovem a seus pés. Jabez se encolheu para eles com desgosto, seu lábio superior levantando para revelar parte de suas gengivas escuras quando Fyodor se inclinou para cheirar.

— Magnar, — Delora sussurrou com um grito rachado. — Por favor. *Por favor*, vá buscá-los.

Um leve emaranhado de medo surgiu de seu cheiro, mas

felizmente uma pequena rajada de vento o empurrou na direção oposta dos Demônios, poupando-os do caos.

Magnar começou a rastejar lentamente para a frente. Ele sabia que, se disparasse, poderia assustar Fyodor e fazê-los tropeçar para fora da barreira em que estavam.

— Um Mavka cego e sem chifres? Você está brincando. — Jabez disse enquanto se aproximava e se agachava diante da barreira para inspecioná-los. Ele ergueu os olhos para Magnar. — Sua espécie pode se reproduzir? Você fez um bebê com aquela humana?

Então ele acenou com a mão na frente do rosto de Fyodor, chamando a atenção deles pelo cheiro passando pelo focinho. A cabeça deles seguiu.

— *NÃO!* — Magnar rugiu.

Era tarde demais. Fyodor avançou alguns passos, saindo da barreira de proteção para morder a mão de Jabez.

O Rei Demônio uivou de dor, as presas de Fyodor tão afiadas e mortais quanto as dele, e se levantou enquanto agarrava a parte superior de seu focinho. Magnar correu para frente antes que qualquer coisa pudesse acontecer.

A distância era muito grande. Jabez conseguiu separar suas mandíbulas, libertando-se de sua mordida.

As mãos de Jabez se curvaram em torno de cada parte da mandíbula na frente de seu focinho, mantendo-o aberto enquanto ele os segurava perto de seu peito para controlar Fyodor enquanto eles lutavam. Então ele enviou a Magnar o sorriso mais cruel e perverso que ele já tinha visto, os cantos superiores de seus lábios virando para cima enquanto mostravam suas presas.

O brilho malicioso em seus olhos escuros fez Magnar parar imediatamente. Ele começou a andar cautelosamente.

— *Dê-os para mim,* — Magnar implorou.

Ele tentou não mostrar seu medo por seu filhote, mas sabia que o brilho branco de seus orbes o denunciava.

— Afaste-se, Mavka.

Fyodor deu um grito estridente, sua língua se enrolando entre suas presas separadas à força. Seu filhote vulnerável chutou seus

braços e pernas, contorcendo-se no ar para agarrar algo para que não ficassem pendurados pelo pobre pescoço.

O sorriso de Jabez ficou ainda maior quando Magnar fez o que lhe foi dito, recuando alguns passos para colocar o espaço que não queria entre eles.

*Se eu atacar, ele vai machucá-los.*

Magnar sabia que, se tentasse, Fyodor seria morto antes mesmo de chegar à metade do caminho - e Jabez estava ciente disso.

*Por que?* Por que Fyodor teve que ir até lá? Por que eles tiveram que sair do lado deles? *Eu sou o pai deles... devo mantê-los protegidos.*

Um pequeno gemido saiu de seus pulmões em colapso.

— O campo de jogo acabou de mudar, Mavka, — Jabez riu, separando as presas de Fyodor um pouco mais até que Magnar pudesse ver a pele com membranas que prendia suas mandíbulas inferior e superior juntas de dentro de sua boca. Não havia dor para Fyodor, nunca houve, mas eles pareciam desconfortáveis. — Você pode salvar um, mas não os dois. Dê-me o chifre de carneiro ou este *morre*.

Não houve hesitação de Magnar.

Sua visão deixou Fyodor apenas por uma fração de segundo enquanto ele recuava em direção ao inconsciente Mavka, mas era para que ele pudesse colocar seu olhar em Delora. Ela parecia completa e totalmente pálida, sua tez bronzeada esbranquiçada pela angústia. Suas mãos estavam até em concha em seu peito, como se seu coração pudesse estar batendo tão freneticamente quanto o dele.

Seus olhos se encontraram, e a expressão dela deixou seu estômago cheio de ácido. Seu olhar cintilou sobre suas feições. Ele sabia quando alcançavam seus chifres, seu focinho. Eles caíram em seus orbes brancos que brilharam com um azul profundo que ressoou a dor que ele sentia pelo que estava prestes a fazer.

Ele não queria sacrificar sua própria espécie, mas nada se interporia entre ele e seu filhote, nem ele e sua fêmea. Seu *irmão* pode ser algo que ele queria proteger, mas não a um custo tão alto.

*Ele... ele provavelmente morrerá de qualquer maneira.* Isso é o que ele disse a si mesmo, pelo menos. Qualquer coisa para aliviar a dor fria

que ele sentia, como se fragmentos de gelo tivessem se formado em suas veias, enquanto ele agarrava o pulso do Mavka com chifres de carneiro.

Foi então que o branco dos olhos de Delora ficou vítreo e rosa, lágrimas começando a brotar na linha líquida. Seus lábios tremiam, suas sobrancelhas franzidas, e havia algo em sua expressão que era angustiante de se ver.

Sua agonia interna se intensificou quando ele deu outro lampejo de azul em seus orbes que durou um pouco mais do que antes. Sua expressão se aprofundou quando ela viu a mudança.

Então ela o endureceu assim que Magnar deu seu primeiro puxão.

Seu rosto endureceu em algo frio como pedra. As emoções a deixaram, algo que Magnar nunca tinha visto nela, antes que ela virasse a cabeça para enfrentar Jabez.

— Você vai matá-los de qualquer maneira, — ela zombou do Rei Demônio.

O estômago de Magnar apertou quando sua cabeça virou para Jabez, que ergueu a sobrancelha. Seus lábios se contraíram.

— Você está me chamando de mentiroso, humana?

Ela se aproximou dele com os braços abertos, dando-lhe uma pose de submissão e rendição.

— Não há nenhum benefício em mantê-los vivos. Eles são apenas mais um Caminhante do Crepúsculo em seu caminho, um que você não pode controlar. Eles são jovens, provavelmente mais perigosos do que os outros que consumiram humanos suficientes para pensar e entender. — Ela cruzou os braços sobre o peito grande e então ergueu uma de suas próprias sobrancelhas. — É a jogada mais antiga do jogo. Assim que ele lhe der o outro Caminhante do Crepúsculo, você simplesmente os matará de qualquer maneira.

— Como rei, — Jabez começou, levantando a cabeça e jogando os ombros para trás para oferecer uma postura superior. — Devo cumprir meus próprios votos e promessas. Eu ofereci uma barganha, portanto devo...

— Besteira! Você está mentindo! Eu posso ver isso em seu

rosto. — Delora então apontou o polegar para Magnar. — Ele pode não ser capaz de ver, mas eu sou humana e já vi merdas como essa várias vezes.

*Ver o que?* Magnar pensou, sua visão caindo sobre Jabez para procurar por algum sinal que ele estava perdendo.

— É uma armadilha. Ofereça-se para dar a alguém algo de que ela precisa, mas no momento em que você conseguir o que deseja, você desiste de sua parte no acordo. — Delora deu uma risada sem humor quando ela deu a Jabez seu lado. — Os humanos fazem isso o tempo todo. Por que você, um Demônio, seria melhor do que nós?

O olhar escuro de Jabez caiu sobre Magnar antes de seus olhos enrugarem nos cantos. Ele soltou uma risada enquanto jogava a cabeça para trás.

— Você me pegou. E aqui estava eu, pensando que poderia me safar. Eu esperava que ele tivesse passado pela barreira para que eu pudesse matá-lo também. Três Mavka mortos em um dia? Não é sempre que me sinto tão afortunado. — No entanto, o humor de Jabez desapareceu quando ele voltou seu olhar para Delora. Começou a escurecer de irritação. — Mas então você só tinha que ir e arruiná-lo. — Seus olhos se voltaram para Magnar com seu ressentimento queimando mais forte. — Você tem sorte de sua humana ser inteligente o suficiente para salvar suas vidas, mas isso ainda não salva a porra do seu filho.

Seus bíceps ficaram tensos enquanto ele preparava as mãos na mandíbula de Fyodor. Delora e Magnar avançaram com movimentos rápidos, ambas as mãos se estendendo antes que ele pudesse começar a puxar.

— *Espere!* — Magnar gritou, tentando puxar o pesado Mavka com chifres de carneiro para mais perto para mostrar que ele faria o que ele havia dito!

— Pare! — ela gritou, correndo mais perto do que Magnar pensou que ela ousaria ir. Ela levantou as duas mãos e acenou para baixo como se para parar Jabez. — Tenho uma ideia melhor. Por que não usá-los?

Isso chamou a atenção de Jabez. Ele fez uma pausa, relaxando



seu aperto em Fyodor, que deu um rosnado, passando as mãos para cima inutilmente. Eles não conseguiam passar do focinho.

Um estranho os segurava, uma ameaça – foi tudo o que seu filhote registrou.

– Usá-los? – Jabez deu um gemido pensativo enquanto inclinava a cabeça. – Como eu faria isso? Mavka não pode ser controlado. Eles fazem o que querem sem ordem.

Magnar não tinha ideia do que estava acontecendo, mas quase cedeu de alívio quando o aperto em Fyodor diminuiu. Delora estava na frente dele a alguns passos de distância. Ele só podia ver o lado dela quando ela cruzou os braços e bateu uma de suas botas contra o chão.

– Como eu disse, *eles são* jovens. Claro, você não pode controlá-los, mas eu posso. Eu sou a mãe deles, afinal. Eles me conhecem, confie em mim. – Ele viu os lábios dela se curvarem em um sorriso perverso. – Imagine ter um bebê Caminhante do Crepúsculo como seu animal de estimação. Um cão de guarda, se preferir. Eles se parecem muito com cachorros em suas formas maiores.

O aperto de Magnar no antebraço de seu irmão diminuiu quando ele sentiu que algo estava... *errado*.

*O que... o que ela está fazendo?* ele pensou, balançando a cabeça em sua direção com confusão. *Parece quase como se ela...*

Jabez deu uma risada, uma que era sombria e sem humor. – Você dirá qualquer coisa para salvá-lo, não é? Por que você me ajudaria?

– Porque eu ainda sou a mãe deles, não importa o que eles sejam.

– Você está com um *deles*. – Ele acenou com a cabeça em direção a Magnar. – Você fodeu com ele e então deu à luz a um de sua espécie. Por que devo confiar em qualquer coisa que você tem a dizer? Sua espécie me enganou no passado e matou minha concubina favorita ao fazê-lo.

Delora bufou uma risada.

– Você acha que eu pedi para ser colocada nessa situação? Ser levada por um Caminhante do Crepúsculo? Era ficar aqui com ele ou

morrer. Essas eram minhas duas opções. Não havia muita escolha? — Então ela levantou a cabeça para esnobar o próprio Rei Demônio. — E você acha que eu *pedi* para fazer um Caminhante do Crepúsculo? Eu fiz sexo com ele, e daí? Uma garota não pode simplesmente ter tesão por um pau grande? Eu não tinha ideia de que faríamos a porra de um bebê! Um que eu não pedi e não havia nada que eu pudesse fazer depois que soubesse.

— Delora? — Magnar perguntou, sem saber por que Delora estava sendo assim.

Ele não gostou. Ela parecia fria e insensível com ele e seu filhote. E cada palavra dita por seus lindos lábios fazia com que o medo se aprofundasse dentro dele, como um animal escavador.

A cabeça dela virou para ele.

Então, ela zombou com um tom desagradável: — *O quê?*

O corpo de Magnar tremeu em aversão sob o olhar assombroso que ela deu a ele. Era sem vida e ousado e não tinha afeição.

— Eu nunca tive escolha sobre nada, então não tente atrapalhar.

Suas palavras cortaram profundamente porque... porque ele sabia que era verdade. Laranja levantou-se momentaneamente em seus orbes, sua culpa uma vez aliviada retornando dez vezes.

Delora voltou-se para Jabez e deu um passo à frente, fazendo os Demônios se aproximarem de seu mestre.

— Você está me dando uma terceira opção, uma que eu nunca pensei que fosse possível. Tire-me daqui, dele, desta casa estúpida no meio do nada, e eu vou treinar aquele bebê Caminhante do Crepúsculo para ser o que você quiser que ele seja. Você quer um soldado? Vou te dar um. Você quer uma criada? Você terá. Você só quer que eles sejam um cachorro de colo? Vou ensiná-lo a acariciar a cabeça da maneira certa, para que nunca ladrem ou mordam. Tudo o que peço é que você me leve para aquele castelo grande e chique que vi à distância quando fui levada para a Vila dos Demônios, e eu serei sua. Contanto que eu viva, isso é tudo com o que me importo. — Delora desdobrou um único braço para encolher os ombros. — Você pode fazer o que quiser comigo, mas obviamente para treiná-los, você precisará me manter

viva.

— *Delora*, — Magnar choramingou. — O que você está fazendo?

Ela o estava fazendo sentir como se não fosse... nada para ela. Que ele não tinha sido nada, que ela o tolerava, o odiava, não queria estar com ele. Magnar não gostou do gosto dessa traição, ou de como parecia que seu coração estava congelando e pararia de bater a qualquer momento.

— O que eu preciso, — ela respondeu sem nem mesmo se virar para ele, como se ele não *merecesse* ser olhado.

Jabez começou a fechar lentamente a boca de Fyodor, mas ainda segurou firme para não ser mordido.

Magnar soltou o Mavka com chifres de carneiro e se aproximou de Delora enquanto estava agachado. Ele deslizou a mão ao redor de um dos tornozelos dela, desesperado para sentir sua pele contra a sua. Ele precisava senti-la, *esperando* que seu toque pudesse mudar tudo o que ela acabara de dizer.

— Não me toque! — ela gritou, pulando para longe do aperto de Magnar.

Ele tropeçou para trás com o tom alto de seu grito.

Um gemido escapou de seus pulmões estrangulados enquanto ela recuava alguns passos. Ela colocou mais distância entre eles, aproximando-se de Jabez.

— Fique longe de mim. Me deixe em paz.

— Você soa como Katerina — disse Jabez, olhando-a de cima a baixo. — Mas você é um pouco mais bonita. Eu tenho desejado uma nova humana. Minhas concubinas Demônios simplesmente não parecem... quentes o suficiente. Você parece divertida de se brincar.

O vermelho brilhou nos orbes de Magnar. A ideia do Rei Demônio tocando sua Delora enviou uma raiva desenfreada através dele.

— *Ela é minha!* — ele rosnou.

Ele não se importava com o que ela dizia, Delora era *dele*.

— Aparentemente não! Ela não parece querer você. — Jabez deu uma risada brilhante. Então ele arrulhou para Delora, — Você

quer um homem mais bonito, não quer mulher? Um com um rosto real.

— Você me deu sua alma! — Magnar rugiu. — Você não pode me deixar!

Ele não a *deixaria* deixá-lo!

— Tenho certeza que ele pode descobrir uma maneira de contornar isso — disse Delora enquanto apontava o polegar para Jabez. — Parece que ele tem muita magia forte, o suficiente para fazer uma floresta totalmente nova. E pense no seu filho, Magnar. É melhor você torcer para que eu não volte, senão ele provavelmente vai matá-los.

A chama envolvente da raiva fugiu mais rápido do que entrou nele.

Ele não sabia o que fazer, como parar isso, mas suas palavras ecoaram verdades dolorosas. Nem mesmo seu cérebro atrofiado poderia ignorar a realidade diante dele. Ele era inteligente o suficiente para entender que não havia nada que pudesse ser feito.

*Se Delora não for com Jabez, Fyodor morrerá.*

Mas isso deixaria Magnar em paz. Ele perderia os dois de qualquer maneira. Ele não queria perder Delora, mas a ideia de seu filho morrer era horrível.

*Eu não quero que eles se vão.*

A dor em seu coração era pior do que qualquer coisa que ele já sentiu, mas ele recuou e se rendeu.

Desistiu porque não havia outra alternativa.

Se ele forçasse Delora a ficar de alguma forma, Fyodor nunca mais voltaria, e ele ficaria preso com uma mulher que não queria estar ao lado de Magnar. Ela iria odiá-lo, ressentir-se dele, e ele duvidava que houvesse qualquer ternura dela para aliviar sua perda de perder seu filhote.

Se Fyodor não estivesse aqui, não estivesse sendo usado como moeda de troca para manter Magnar complacente, ele sabia que teria lutado com presas e garras para manter Delora. Ela deveria ser sua noiva.

Então, o que isso significava para ele agora?

— Então, — Delora disse com um sorriso para Jabez. — Temos um acordo, garotão?

Os olhos de Jabez viraram para cima enquanto ele pensava por um tempo excessivamente longo, como se quisesse extrair sua resposta. Como se ele só quisesse fazê-los prender a respiração.

Para piorar isso para Magnar.

— Quer saber, estou realmente muito satisfeito com isso. — Ele deu um sorriso satisfeito. — Estou disposto a desistir do chifre de carneiro pelo meu próprio Mavka sob meu comando e uma nova fêmea. Você tem um acordo.

Com isso, Magnar assistiu Delora caminhar de bom grado até Jabez e então sair da barreira de proteção. O Rei Demônio imediatamente segurou Fyodor por um braço, enquanto eles se contorciam em protesto, a fim de segurar seu antebraço com força.

Magnar esperava secretamente que ela não o fizesse, que ela não fosse até ele, mas seu rabo se enrolou entre as pernas agora que a viu ali.

— Vamos deixar você ir por enquanto, Mavka. Mas saiba que no futuro, se você vier buscá-la, farei com que você pague por isso.

Magnar sentou-se de cócoras. O azul escuro que começou a brilhar em seus orbes era tão escuro que ele mal conseguia ver, mas tudo o que viu foi o olhar morto de Delora sobre ele.

*É assim que Orpheus se sentia?*

Não é de admirar que ele fosse tão defensivo e possessivo com a única mulher que queria estar com ele. A solidão ecoante já era demais para suportar, e suas entranhas estavam rastejando como se ele estivesse cheio de insetos terríveis que queriam comê-lo por dentro.

Sua visão caiu sobre seu filhote.

*Não, isso é muito pior.* Tinha que ser porque ele estava prestes a perder Fyodor também.

Eles deram gritos altos e estridentes que perfuraram seus ouvidos, mesmo com a distância entre eles. Magnar esperava que fosse porque eles de alguma forma sabiam o que estava acontecendo e estavam protestando contra isso.

— Ugh, — Delora gemeu com os olhos rolando. — Apenas dê-

os para mim. Eles sempre fazem aquele barulho horrível, e só vai piorar.

Era óbvio que ele não queria a princípio, mas quando Fyodor realmente começou a lutar, alcançando Delora em busca de segurança, ele começou a grunhir. Ele estava tropeçando sob a contorção frenética e em pânico de Fyodor.

— Certo. Aqui. — Jabez jogou-os nos braços de Delora enquanto segurava seu antebraço com firmeza. Então ele recuou, silenciosamente gesticulando para que os Demônios se tornassem um bloqueio entre Magnar e eles. Aquele com a cabeça afundada avançou para cheirar os pés de Delora. Ela olhou com cautela, mas não recuou como faria no passado. — Voltem para suas casas ou ninhos por enquanto. Vou levar a humana e o bebê Mavka para o meu castelo.

Eles estavam prestes a sair. Como Magnar deveria lidar com isso? *Eu vou perdê-los.*

Gotas frias começaram a flutuar em torno de seus orbes, refletindo o mesmo azul que ele via. Ele sabia que eles estavam vindo de seus orbes, mas não conseguiu parar o líquido enquanto ele flutuava e depois flutuava ao redor de seu crânio para desaparecer.

*Isso dói. Eu não gosto disso.* Ele olhou para a fêmea cuja alma ele mantinha, de repente desejando que ela nunca tivesse caído do céu apenas para traí-lo.

O olhar dela encontrou o dele, e ele queria ver remorso. Em vez disso, ele viu algo afiado. Um clarão, quase.

Suas entranhas estremeceram com a dor que sentiu ao ser direcionada a ele. Era como uma adaga perfurando sua própria essência.

E então ela se foi...

Não porque Jabez os materializou, já que ele podia se transportar por meio de sua magia. Foi porque ela se tornou incorpórea nas garras do Rei Demônio e disparou para o lado para correr para a floresta enquanto segurava Fyodor.

Levou um momento para que todos percebessem o que havia acontecido.

Jabez ergueu a mão vazia para inspecioná-la antes de levantar o

rosto na direção que ela tinha ido.

— Ela é como a Coruja Bruxa, — Jabez murmurou baixinho. Então sua confusão desapareceu quando ele virou sua expressão furiosa para Magnar. — Isso é o que acontece quando um humano dá a vocês Mavka, sua alma. Não é de admirar que a outra humana tenha voltado à vida. Elas são a porra de Espíritos!

Magnar estava muito chocado para se mover, olhando para a abertura das árvores que ele viu Delora correr. A névoa sempre constante presente e agourenta. *Ela fugiu?*

Jabez falou com os Demônios.

— Mantenha-o aqui. Vou matar aquela cadela mentirosa.

Com um rugido, Jabez desapareceu no ar com suas garras em exibição. Os Demônios se aproximaram da barreira de proteção e deram silvos e rosnados, barrando o caminho que Delora tinha ido.

Magnar sabia duas coisas.

Delora *não* queria ir com o Rei Demônio.

E ela estava em perigo terrível.

*Oh meus Deuses! Por que eu fui assim?!* A mente de Delora gritou enquanto ela corria pela floresta.

Em sua forma incorpórea, ela parou de correr para poder avaliar os arredores, descobrindo que não tinha absolutamente nenhuma ideia de que caminho seguir. Tudo parecia o mesmo, não importa para onde ela se virasse. Eram apenas árvores sem fim, e nada a apontava de volta para a casa e sua barreira protetora.

*Porra!*

Ela sabia por que tinha ido desse jeito, e era a razão mais estúpida, considerando que ela podia literalmente flutuar através das coisas. Era aquele maldito Demônio que estava farejando seus pés, bloqueando seu caminho direto para Magnar.

Sua mente não estava pensando com clareza, seu coração disparado com adrenalina, enquanto ela tentava tudo em seu poder para não cheirar a medo. Tudo o que ela queria era afastar Fyodor do Rei Demônio e fugir com eles para um lugar seguro.

Isso era tudo o que sua mente havia registrado – apenas a saída, *qualquer* saída. Seu medo a tornara irracional, tolamente.

*Mas aquele Demônio...* Delora estremeceu em repulsa.

Ela estava grata por não ser física, caso contrário, ela sabia que teria bile subindo para sua garganta.

Tinha sido extremamente grotesco. Sua cabeça estava afundada de um lado com um globo ocular perdido de sua órbita. Aquele olho... estava pendurado para baixo, balançando contra sua bochecha como um pêndulo orgânico, enquanto algum estranho líquido preto escorria por entre seus dentes quebrados.

E o cheiro disso... era pior do que qualquer coisa que ela já experimentou. Ela preferia abraçar um cadáver em decomposição.

E estava cheirando o tornozelo dela! Quase a *tocou*.

Ela fez tudo ao seu alcance para não chutá-lo no maldito cosmos, mas era entre ela e Magnar.

Delora só queria ficar longe disso.

Houve uma única lacuna entre os Demônios que começaram a



cercá-la e o Rei Demônio. Sua mente estava completamente fora do ar, e ela agiu como se fosse física, correndo para a brecha em vez de ir para o lugar mais seguro possível.

Assim que ela começou a correr, ela imediatamente percebeu seu erro e começou a ir para a casa.

Ela nunca a encontrou, nem o brilho verde da barreira sob as sombras das árvores.

*Onde diabos estou?*

Ela girou em um círculo e foi em outra direção. Mas toda vez que ela mudava de caminho, Delora ficava mais preocupada.

*Espero não estar indo pelo caminho errado.* Ela poderia estar se afastando mais da casa do que na direção dela. Manter a si mesma e a Fyodor seguros era algo que ela poderia fazer em sua forma incorpórea, mas... *Se um dia passar...*

Ela se preocupou em se transportar de volta para Magnar sem Fyodor, deixando-os sozinhos na floresta sem nenhuma maneira de rastreá-los.

*Não. Eu vou voltar. Eu tenho que voltar.*

Se ela tivesse sido física naquele momento, Delora sabia que ela cheiraria a medo e teria lágrimas escorrendo pelo rosto.

*Eu sou estúpida. Eu sou estúpida. Eu sou tão estúpida.*

Então, novamente, Delora nunca foi a aluna mais brilhante da classe.

Ela queria chamar Magnar, mas não tinha ideia do que havia deixado para trás, se ele estava lutando para vir buscá-la ou se queria mesmo.

*Por favor, perdoe-me,* implorou ela, esperando que chegasse até ele. *Eu não conseguia pensar em outra maneira.*

Olhar para ele sentado lá em derrota enquanto ela foi para o lado do Rei Demônio foi doloroso de testemunhar. Havia estranhas gotas brilhantes flutuando de seus orbes azuis - tão azuis que pareciam as profundezas do oceano, algo que ela leu era quase interminável, e tão escuro que era impossível ver lá embaixo.

Eram lágrimas etéreas - como se o fundo delas fosse feito de vidro.

Delora tinha machucado Magnar.

*Eu não tive escolha.*

Fyodor estava em perigo. Magnar estava em perigo. E ela poderia dizer que o Rei Demônio estava mentindo – e mesmo que ele não estivesse, ela se recusava a arriscar Fyodor de qualquer maneira.

*Agora eu só tenho que voltar para ele.* Ela foi em uma nova direção, esperando que sua determinação de retornar a Magnar a ajudasse a encontrar o caminho. *Eu vou explicar tudo. Eu resolvo isso.*

Delora soltou um grito horrorizado quando o Rei Demônio de repente se materializou bem em seu caminho.

– Encontrei você, sua putinha!

Ele mostrou suas presas afiadas em fúria letal.

Ela tentou evitá-lo, já que o corpo de Fyodor era intangível como ela, mas o crânio deles não. O Rei Demônio seguiu seus movimentos, golpeando seu corpo fantasmagórico, mas seu golpe passou por ela. Ela ainda estava livre - ela só tinha que permanecer assim.

Delora continuou correndo, seus olhos procurando ainda mais freneticamente por um brilho verde.

*Cadê? Por favor!*

O Rei Demônio se materializou na frente dela novamente, seu olhar estreito ainda mais furioso do que antes.

– Você pode ser intangível, mas posso ver que seu crânio não é.

Antes que Delora pudesse sair do caminho, o Rei Demônio avançou com uma rapidez que nenhum humano poderia igualar.

O Rei Demônio agarrou o crânio de Fyodor e puxou para frente. Felizmente, Fyodor estava em estado de sono, mas Delora foi com o puxão do Rei Demônio para não feri-los. Seu corpo fantasma balançava em todas as direções que ele ia para não permitir que ele brincasse de cabo-de-guerra com seu corpinho!

Então Delora fez algo que nunca pensou que faria.

Ela se tornou física, seus pés caindo no chão com força, e mordeu a mão do Rei Demônio. Fyodor deu um grito de pânico, sem saber o que estava acontecendo.

Mordendo com tanta força que ela ouviu algo quebrar em torno de seu dedo mindinho que ela agarrou, pungente, repugnante, sangue escuro encheu sua boca. A bile não subiu, não quando ela estava muito frenética para liberar Fyodor de suas garras, não importa o quê, não importa *como*.

O Rei Demônio deu um rugido estrondoso.

O próximo sabor a atacar suas papilas gustativas foi seu próprio sangue quando ele bateu com o punho no lado de seu rosto. Ele soltou Fyodor ao mesmo tempo, dando a Delora uma chance de se afastar dele com segurança.

A agonia irradiava por sua bochecha a ponto de quase parecer que estava quebrada. Garfos de dor se espalharam por sua cabeça até que ela foi forçada a experimentar um dos piores tipos de enxaqueca que já havia sentido. O sangue em sua boca vinha dos três dentes posteriores superiores que ele havia deslocado. Ela quase os engoliu quando tentava limpar o sangue de sua boca.

Ela os cuspiu para o lado.

Delora lutou para segurar Fyodor, que começou a estalar suas mandíbulas a milímetros de seu rosto, o cheiro de seu sangue os levando a um frenesi. Ela manteve o focinho fechado à força antes de se tornar incorpórea mais uma vez.

O Rei Demônio se aproximou, *perseguindo-a* com suas garras prontas.

— Eu poderia ter te dado uma saída, mas ao invés disso você escolheu seu destino.

— Por que diabos eu iria com você? — Delora gritou enquanto recuava. — Você tentou matar um bebê indefeso! Você é um maldito doente.

Bem... ele *era* um Demônio afinal.

— Não passa de um Mavka imundo! Se eles não seguirem meu comando, então todos eles merecem morrer. — Ele disparou para a frente para agarrar o crânio de Fyodor novamente. Delora girou para longe de seu aperto, então suas garras atravessaram seu ombro transparente. — Mas eu terei aquele Mavka! Você está certa, é jovem. Mesmo sem você, tenho certeza de que posso controlá-lo assim que

aprender o que significa me temer.

Seu corpo incorpóreo vacilou com a ameaça dele.

Ele estava falando sobre torturá-los até a submissão!

— Apenas nos deixe em paz! — Delora gritou, antes de começar a correr com seu corpo incorpóreo para a floresta. Ela moveu as pernas como se elas pudessem ajudar a pairar mais rápido. — Eu não vou deixar você levá-los!

O Rei Demônio se materializou na frente dela.

*EEP!* Ela fugiu para o outro lado.

— Magnar! — Delora gritou. — Magnar!

Ela esperava evitar a detecção, mas agora que estava sendo perseguida por um louco cruel, ela não podia mais ficar quieta. Ela estava perdida, sozinha e assustada com o filho deles.

*Eu não posso fazer isso sozinha.*

Ela correria para sempre se fosse necessário, mas não para sempre. Ela tinha um dia, e isso se o Rei Demônio não conseguiu falar com Fyodor novamente.

Um rugido de grandes pulmões veio de longe.

Delora sabia que aquele rugido assustador e bestial pertencia à única criatura em quem ela mais confiava no mundo inteiro. Ela foi naquela direção.

O Rei Demônio continuou a se materializar ao redor dela, forçando-a a evitá-lo e redirecionar seu caminho momentaneamente.

Ela ouviu passos pesados a apenas alguns passos de distância, mas eles passaram por ela e não em sua direção.

Por uma fração de segundo, ela se tornou física para que ele pudesse rastrear seu cheiro e gritou seu nome novamente. Ela foi forçada a virar incorpórea para a direita quando o Rei Demônio golpeou suas garras na parte superior do peito dela enquanto ele ia para Fyodor. Gotas de sangue flutuaram pelo ar e se espalharam pelo chão.

Ela soltou um grito, e suas formas tremularam, incapazes de permanecer fantasmagóricas contra a dor repentina e lancinante.

*Uau! Uau! Merda!* Ela sibilava em uma respiração sempre que seu corpo piscava para o físico. *Isso machuca muito.*

Ela conseguiu recuperar o controle antes que ele pudesse pegá-la com suas garras novamente, perdendo por pouco Fyodor sendo agarrado no processo. Ela não se importava com o que acontecia com ela. Ela só se importava com o bebê Caminhante do Crepúsculo em seus braços.

*Eu tenho que ficar viva. Eu tenho que protegê-los. Mantê-los longe desse bastardo.*

Delora parou de correr e, em vez disso, apenas recuou do Rei Demônio, esperando que Magnar pudesse rastrear seu cheiro. *Eu preciso parar de me mexer. Preciso dar a ele uma chance de nos encontrar.*

O rosnado ecoante que ela ouviu ao lado enviou alívio através dela. Sua profundidade, seu tom contínuo e reverberação ameaçadora eram como um baixo suave.

No momento em que Magnar rompeu a linha das árvores em sua forma mais monstruosa, correndo de quatro, Delora se tornou física e jogou Fyodor nele a uma distância segura.

— Pegue eles! — ela gritou, atacando o Rei Demônio quando ele desviou sua atenção para Magnar agora segurando seu filho.

Delora era como nada além de um gatinho para o Rei Demônio e foi empurrado para longe sem nem mesmo fazê-lo tropeçar. Ela atingiu o chão com força, seu corpo impactando e rolando antes de se acomodar.

Ele deu uma risada maldosa, avançando em direção a Magnar com suas presas e garras expostas.

— Então, você não matou todos eles antes de vir para cá. — Era difícil confundir o som de vários passos vindo em sua direção. — Acho que isso é perfeito para mim. Vou ver você morrer e levar aquele bebê Mavka. Será a ferramenta perfeita. Já posso imaginar todos os elfos que ele matará.

O Rei Demônio disparou para frente. Quando Magnar respondeu a seu ataque com seus orbes carmesim e outro rugido, ambos os braços fixos em torno de Fyodor, que se contorcia descontroladamente, Delora correu para seus pés.

Ela pulou e agarrou o longo cabelo branco do Rei Demônio por trás. Ela puxou, puxando a cabeça dele para trás com toda a sua força.

Delora até colocou seu peso nisso.

Ela se recusou a deixá-la ir, mesmo quando ele golpeou suas garras nas costas em sua direção.

— Corra, Magnar! — Era um apelo desesperado, *desesperado*.

— *Eu não posso deixar você aqui, Delora.*

Magnar hesitantemente deu um passo à frente como se quisesse atacar antes de recuar enquanto apertava os braços em torno de Fyodor.

— Por favor, Magnar!

O Rei Demônio conseguiu estender a mão e agarrar seu braço, rasgando a carne quase até o osso.

Delora se recusou a diminuir seu aperto, apesar do grito que a deixou e das lágrimas de agonia que brotaram. Ela apertou mais a mão direita quando sentiu a esquerda ficando fria e dormente enquanto rastros de líquido carmesim corriam por sua pele.

— Eu posso voltar. Eles não podem.

*Você não pode.*

Delora não sabia o que aconteceria com ela se Magnar morresse, mas ela não se importava com isso. Tudo o que ela sabia era que este mundo merecia aquele Caminhante do Crepúsculo grande, doce e às vezes sem noção no mundo para vê-lo pelo que era.

Que era colorido. Que tinha beleza mesmo em um lugar horrível como o Véu.

Delora desapareceu, a escuridão revirou o estômago e a tontura tomou conta, antes de se materializar com o Rei Demônio bem na frente de Magnar. Usando seu longo cabelo como alavanca, Delora pulou e cravou suas longas unhas em seu rosto por trás, errando seus olhos, mas dando um grito dele.

Quando Magnar não se moveu, exceto para colocar espaço entre eles, seu desejo de protegê-la como um espinho em seu lado, Delora fechou os olhos com força contra as garras que começaram a esfaquear seus pulsos.

— Por favor, proteja nosso filho, Magnar. Estou confiando em você.

Ele choramingou em resposta, fazendo seu coração apertar.

Ela ouviu seus passos pesados saindo pouco antes dos outros Demônios entrarem na área.

— Não! — o Rei Demônio gritou quando ele arrancou as mãos de seu rosto. — Pegue-o antes que ele entre na barreira!

Os Demônios correram atrás de Magnar, indo em uma direção ligeiramente diferente, como se para interrompê-lo. Eles deram silvos rosnados, e Delora ouviu o movimento dentro das árvores.

Eles estavam pedindo ajuda.

— Você. — Segurando Delora no ar por um braço, ele se virou para ela com um rosnado ameaçador. — Aquele Mavka vai chegar à barreira, não importa o que façamos, a menos que meus Demônios possam atrasá-lo. Vou fazer você se arrepender de ter escolhido o lado deles. Você vai se arrepender de ficar no meu caminho.

Com os lábios trêmulos, seus olhos se estreitaram em um olhar odioso. Delora coletou todo o sangue e saliva em sua boca e então cuspiu em seu belo rosto Élfico-Demoníaco.

A espessa e pegajosa bola carmesim de líquido respingou contra sua bochecha, e ele se encolheu de surpresa. Ele continuou a pingar em uma gota pegajosa entre seus lábios.

— Apodreça no inferno, bastardo.

Ela deveria tê-lo provocado? Provavelmente não. Mas Delora tinha apenas uma tarefa agora, que era morrer para mantê-lo aqui o máximo que pudesse.

Magnar sempre a protegeu, era a vez dela fazer o sacrifício por ele, por Fyodor.

— Você acha que isso é nobre? — Ele *tsked* para ela enquanto a trazia para mais perto. Ela desejou que ele não estivesse segurando seu braço dilacerado enquanto ela estremecia, o peso de seu próprio corpo pendurado em seu punho era insuportável. — Sua espécie é vingativa. Seu sacrifício não significará *nada* quando ele perceber que você está morta, que você sofreu. Ele virá de bom grado através daquela barreira para lutar comigo, como os idiotas de sua espécie são!

Não havia como conter seu medo, mas ela apenas engoliu em seco e permaneceu física.

*Não importa a dor que estou prestes a sentir, eu voltarei.*

Ela não era uma heroína. Ela nunca quis ser uma. Delora também não podia lutar, e ela *sabia* que uma humana fraca como ela não tinha chance contra ele.

— Vamos ver quanta dor você pode suportar, certo? — O sorriso maldoso que ele deu a ela fez um arrepio correr por sua espinha. — Você vai implorar para eu parar, chorando para que ele volte e salve você. — Então ele se inclinou para frente para passar a ponta do nariz contra o lado do pescoço dela. — E assim como a Coruja Bruxa, você voltará à vida, mas não antes de experimentar o pior tipo de agonia que posso lhe dar.

O calor se espalhou por seu braço como se sua pele estivesse pegando fogo, e ela olhou para cima para ver que estava borbulhando onde a mão dele agarrou sua carne. Ela mordeu os lábios para abafar o grito para que Magnar não fosse obrigado a ouvi-lo.

Em vez disso, ela soluçou baixinho enquanto chutava as pernas contra a magia queimando sua carne.

— Da próxima vez que isso acontecer... Quando eu vier buscar aquele bebê Mavka, vou me certificar de que tudo o que você possa fazer seja choramingar quando olhar para mim.

Videiras semelhantes a raízes dispararam do chão para se enredar em torno de seus braços e pernas, segurando-a no ar na frente de suas feições rosantes. Elas enrolaram apertado, cortando a circulação em suas extremidades.

Por instinto, ela tentou se tornar incorpórea, mas o estalo dos ossos do antebraço a fez gritar. Ele não ia deixá-la assumir aquela forma, e ela *choramingou* quando jogou a cabeça para trás para gritar. Ela encontrou seu olhar.

Ela estava dando tempo a Magnar.

Ela se arrependeu de sua decisão?

De todo o coração, de jeito nenhum.





*Correr parecia errado.* E ainda aqui estava Magnar, deixando Delora para trás quando cada fibra de seu ser exigia que ele se virasse para que pudesse protegê-la.

Seu único aperto em Fyodor aumentou. *Eu estou falhando com ela.*

Correr com três pernas desacelerou sua corrida, mas ele precisava manter seu filhote contra o peito. Quanto mais ele se afastava de Delora e do cheiro de seu sangue, mais eles se acalmavam contra ele.

Fyodor relaxou e começou a agarrar seu pelo e penas, permitindo que Magnar se concentrasse nos Demônios que o seguiam e vinham de lado.

Eles estavam se aproximando rapidamente, e seu coração disparou contra os sentimentos avassaladores que correram por ele.

Ele não conseguiria voltar para a barreira antes que os Demônios o pegassem. *Eu estou indo muito devagar.* Ele esperou muito tempo para deixar Delora para trás com o terrível destino que ele sabia que ela deveria estar enfrentando. Suas ações, sua hesitação, colocariam a si mesmo e a Fyodor em risco.

*Não. Ela confia em mim.*

Apesar do que ela disse ao Rei Demônio, como ela agiu, como ela o machucou, ela fugiu com Fyodor. Ele não sabia quais palavras dela eram verdades ou mentiras, mas ela disse a Magnar que confiava nele para protegê-los.

Isso é tudo que ele precisava por enquanto.

Logo antes que ele pudesse chegar em segurança, o verde brilhante da barreira iluminando entre as sombras das árvores, quatro Demônios o interceptaram.

Deslizando contra a terra para parar, ele bufou na direção deles. Mais três vieram atrás para circulá-lo.

*Não sei o que fazer,* pensou, enquanto dava bufadas molhadas de esforço pelo nariz ossudo.

Os Demônios soltaram risadinhas ofegantes, cada um deles de tamanho e formato diferentes. Um deles até tinha asas que usou para alcançá-lo mais rápido do que os outros - embora ainda não fossem

úteis para o vôo verdadeiro.

Eles não eram grandes o suficiente para combinar com seu tamanho, mas dois eram maiores que Delora. Isso significava que eles eram fortes.

Ele queria levantar a cabeça quando ouviu o farfalhar das árvores ao longe, dizendo-lhe que mais estavam se aproximando, mas ele se recusou a desviar sua atenção daqueles que estavam ao seu redor.

Segurar Fyodor com um braço para lutar o deixaria em desvantagem, mas ele sabia que não poderia correr através dos Demônios sem correr o risco de eles arranharem os dois. Eles poderiam se prender às suas costas monstruosas, permitindo-lhes acesso quando ele passasse pela enfermaria.

Se algum mal acontecesse a Fyodor, ele não se perdoaria.

Ele falhou com Delora. Ele *não* falharia com seu filhote também.

Olhos vermelhos se aproximaram enquanto tentavam diminuir a distância entre eles, esperando para ver o que Magnar faria. Eles eram inteligentes. Eles sabiam que perderiam a menos que fizessem isso estrategicamente. Ele já havia matado dois deles antes de ouvir Delora chamá-lo mais cedo.

E Magnar mal teve um arranhão nele.

*Eu devo ser inteligente.* Isso foi um desafio em si. *Devo manter a calma.*

No entanto, Magnar ouviu algo que incitou uma raiva terrível nele. Algo que fez seu pelo e penas crescerem até que ele quase parecesse ter o dobro de seu tamanho. Algo que fez seu rabo tremer em agressão, e suas garras e presas parecerem afiadas. Algo que tinha seus próprios olhos vermelhos brilhando mais escuro até que ele estava quase cego.

O grito cheio de dor de Delora alcançou a distância como uma adaga afiada e fria direto em seu crânio para perfurar a gosma de seu cérebro. Era mais feroz do que qualquer mão invisível que já tentou induzi-lo a um frenesi, muito mais brutal, e Magnar soltou o rugido animalesco mais profundo que já havia dado.

Ele soltou Fyodor quando os sentiu apertar contra sua carne.

Sua mente se concentrou em onde eles estavam em seu corpo para ter certeza de que ficariam com ele, antes que Magnar se lançasse contra os quatro Demônios diante dele.

Um gritou de medo antes mesmo de Magnar colocar a mão em sua perna traseira quando ele tentou recuar como um covarde. Magnar o agarrou, girou e jogou seu corpo contra outro Demônio. Então ele se apoiou nas patas traseiras e desceu com força, perfurando os corpos de ambos com suas garras dianteiras.

Ele puxou, separando os dois de lado até que se dividissem ao meio.

Por causa deles, por causa de Jabez, sua fêmea sofria. O grito de Delora ferveu seu sangue até que ele pensou que iria começar a vaporizar através de sua própria carne.

Ela voltaria, ele sabia disso, mas isso não impedia a necessidade desesperada de retribuição que ele sentia. Se não fosse pelos Demônios diante dele, que tentavam ajudar Jabez, Magnar poderia ter ficado com ela.

*Ela vai voltar para mim.* Ele girou a cabeça cento e oitenta graus, então estava olhando por cima de suas costas quando um Demônio pulou sobre ela. *Mas ela não deveria ter que fazer isso!* Ele estalou suas presas para frente, e elas envolveram a cabeça do pequeno Demônio.

Ele o esmagou em uma explosão de matéria cerebral.

Ele passou o braço para o lado para parar outro Demônio que tentou pular sobre ele. Era um dos Demônios maiores, aquele com asas, e as usou para escapar do ataque de Magnar. Em vez de agarrá-lo, Magnar conseguiu rasgar suas garras em seu braço e caixa torácica de um lado. Elas *racharam* sob sua força.

Fyodor se agarrou a ele, suas pequenas garras perfurando sua carne para se manterem presas a ele, e isso lhe deu a liberdade de que precisava para pular no ar. Felizmente, o cheiro de seu sangue nojento não o estava atraindo.

Magnar evitou dois novos Demônios que tentaram correr para ele de ambos os lados. Eles colidiram antes que ele caísse de volta no chão – bem em cima deles.

Ele riu sombriamente para eles quando começaram a assobiar e

ganir.

— *Acho que isso vai me tornar um alvo para Jabez*, — ele disse para eles, enfiando suas garras no rosto de um cujo crânio instantaneamente se esmagou e cedeu enquanto ele mordia o outro ao redor da mandíbula e arrancava sua cabeça. — *Mas se ele vier atrás da minha família novamente, não hesitarei em destruí-lo.*

Um Mavka era rápido demais para os Demônios em sua forma monstruosa. Eles podiam pular mais alto, mover-se rapidamente e contorcer seus corpos para fugir antes de dar um golpe de retorno que poderia ser devastador.

Magnar deu uma risada sombria.

Assim como ele disse ao caçador de demônios, os demônios eram fracos, como os humanos. É por isso que ambos tendiam a fugir de Mavka.

Um novo Demônio entrou na briga, um pequeno, e não passou de seu salto antes que Magnar batesse com a palma da mão e o lançasse por entre as árvores. Ele atingiu a base de uma árvore, seu corpo envolvendo-o até que Magnar ouviu vários ossos sendo triturados.

Ele caiu no chão, sem vida.

Algo afiado, como uma espada, perfurou suas costas. Ele agarrou Fyodor e os arrancou de seu corpo antes que eles pudessem ser feridos quando saíssem do outro lado.

Magnar virou-se para um dos Demônios finais.

Ele havia usado a ponta afiada de sua longa cauda para perfurar seu corpo. Ele rugiu para o Demônio espinhoso, parecido com um lagarto, que então baixou sua cauda para alargar a ferida. A dor que Magnar sentiu foi perdida em sua fúria.

Ele trouxe Fyodor de volta à segurança de seu corpo. Um Demônio os errou quando saltou sobre Magnar para agarrar o jovem que ele estava segurando no ar.

Ele estendeu a mão quando ela saltou novamente e conseguiu agarrá-la pela garganta. Ele a pulverizou em seu punho. Então ele envolveu a outra mão em torno da ponta da cauda do Demônio pontiagudo que ainda se projetava através de seu torso quando ele

sentiu que tentava deslizar para longe.

Ele largou a Demônio morta e puxou o rabo com as duas mãos, trazendo lentamente o Demônio pontiagudo para mais perto de suas costas. Com os olhos arregalados, o Demônio ficou de quatro para que pudesse arranhar o chão para fugir. Quando isso não funcionou, ele até tentou arrancar a própria cauda do corpo.

Mas era tarde demais. Uma vez que estava alcançando a distância, Magnar virou seu corpo ligeiramente e cortou suas garras, rasgando a garganta do Demônio e metade de seu rosto. Sangue escuro espirrou em todas as direções. Ele caiu na terra com um baque, ainda vivo, mas não por muito tempo.

Demônios mais ferozes viriam e o comeriam vivo, ou sangraria.

Depois de avançar para remover a cauda pontiaguda de seu corpo, o que fez o sangue escorrer de sua ferida e cair no chão, Magnar se virou para o último Demônio em pé.

Ele recuou sobre as duas pernas, o corpo coberto por roupas bem ajustadas. Alguns dos Demônios estavam bem vestidos, indicando que eram como os que ele conheceu na Vila dos Demônios. Talvez ele até os tivesse visto lá.

Levou um momento para perceber que era uma fêmea e que uma cauda fina se enrolou de emoção enquanto ela o encarava. Suas orelhas felinas estavam pressionadas contra o topo de sua cabeça.

— Eu nunca quis fazer parte disso, — ela sussurrou, seu torso arfando com respirações pesadas e em pânico.

— *E, no entanto, aqui está você* — respondeu ele, aproximando lentamente as patas e as mãos.

— Alguns de nós não têm mais interesse em participar de nada disso. — A Demônio felina começou a recuar, seu rabo se enrolando tão apertado que formava um anel na ponta. — Nós mudamos. Não queremos guerra; não queremos lutar. Nós... alguns de nós queremos viver em harmonia com os humanos, mesmo que isso signifique parar de comê-los.

A cabeça de Magnar virou na direção de onde ouviu um grito fraco. Ele sabia que Delora estava perdendo força contra o que Jabez estava fazendo com ela.

— *Você é parte da razão pela qual ela está com dor.*

— Você acha que eu quero isso? Eu não tive escolha! Se não obedecermos ao seu chamado, ele nos matará ou nos prenderá ou *pior*.

— Ela cerrou um de seus punhos enquanto seus olhos vermelhos se curvavam em uma expressão de agonia. — Esses queriam estar aqui.

— Ela apontou para o chão onde seus irmãos jaziam dilacerados ou moribundos. — Mas eu sou uma rastreadora habilidosa, uma das melhores. Por isso fui chamada.

— Mas você não é a melhor — disse uma voz masculina familiar do lado e acima.

Ambos viraram suas cabeças para o Demônio que Magnar tinha visto muitas vezes no último mês. Ele saltou da árvore sobre a qual estava rastejando e caiu no chão entre eles, seu corpo desfigurado, semelhante a um humano, andando de quatro.

Magnar deu a ele um rosnado espumante.

O ódio que ele sentia por esse Demônio em particular chamava seu lado mais sombrio.

— Eu sou mais rápida do que você jamais poderia ser, — ela rejeitou.

— Se você é mais rápida ou não, — ele zombou de volta. — Você *vai* lutar comigo, ou nosso rei terá sua cabeça.

Então, com uma velocidade rápida, surpreendente até para Magnar, ele correu em sua direção com um silvo estridente. Magnar tentou se esquivar pressionando-se contra o chão, mas o Demônio conseguiu agarrar um de seus chifres e puxou-se para o corpo de Magnar.

Ele rasgou as costas com as duas mãos. Magnar tentou afastá-lo, girando o pescoço até olhar para trás, mas o Demônio recuou para evitar os múltiplos estalos de suas presas. O Demônio se colocou em um local onde Magnar não conseguia alcançar suas costas, mesmo com as mãos.

Ele começou a *cavar* na espinha de Magnar.

Magnar deu um ganido e um grito, recuando sobre as patas traseiras até bater com as costas contra uma árvore para esmagá-lo. O Demônio desviou para o lado para permanecer preso, voltando a cavar

no mesmo local quando Magnar estava de quatro.

*Isso machuca!* Magnar não conseguia agarrar o Demônio para se livrar dele - não importa o quão forte ele torceu seu corpo e estendeu a mão.

Então ele se foi e Magnar olhou para onde ouviu um barulho *de batida* ao lado.

Provando o quão rápida ela era, a fêmea Demônio havia abordado o macho que o estava atacando. Ela ganhou um talho no rosto enquanto ele se debatia sob ela, mas ela simplesmente lutou contra ele e desferiu um golpe em arco em sua garganta.

Ela bufou de joelhos acima dele quando ele parou de se contorcer. Agora que ele estava morto, mesmo que não fosse por suas próprias garras, ele sentiu um pouco de sua raiva diminuir.

*Ela me protegeu.*

Sua cabeça recuou em surpresa.

— Meu companheiro adora a fêmea do outro Mavka, — ela murmurou com respirações ofegantes, sentando-se em cima do Demônio com os ombros caídos. Ela olhou para o cadáver ensanguentado dele. — Ele estava tão alegre naquela noite depois que ela foi à livraria dele. Ele sempre quis falar com um, conhecer as criaturas que escreveram os livros que ele tanto ama.

Ela virou a cabeça para o lado para olhar para ele. Havia dor em seus olhos vermelhos em forma de gato.

— Eu estava lá quando ela voltou só para dizer... olá. Eu não tinha me importado com a vida dos humanos antes disso. Eles não eram nada além de comida para mim. Mas... agora entendo por que nos tornamos do jeito que somos, por que estamos tentando tanto imitá-los. Isso me faz pensar se os elfos também são assim. Eles têm medo de nós porque matamos muitos deles. Não tínhamos ideia do significado disso, como perder um dos seus poderia... doer, até que começamos a comer os humanos daqui e entendemos o que significava ser como eles, sentir como eles. Foi preciso muita morte para descobrirmos isso, e *muitos* de nós não desejam mais fazer parte disso.

Magnar conheceu o dono da livraria felina de quem ela estava falando. Foi onde Reia conseguiu o livro de instruções para construir a

casa e os móveis que vinha fazendo.

Surpreendentemente, o dono da livraria era muito menor do que ela.

— *Por que você está me contando isso?* — Magnar perguntou, dando um passo para o lado. Ele se aproximou um pouco mais da segurança de sua protegida.

Ela deu de ombros enquanto subia até as patas traseiras felinas.

— Porque eu sinto muito que tenha chegado a isso. Nosso rei fica mais agressivo ao matar Mavka porque o resto de nossa espécie está se desenvolvendo muito lentamente. Estamos aqui há mais de trezentos anos, e os elfos que o torturaram estão mortos. Ele fica impaciente para assumir aquela terra, para finalmente acabar com isso, e sua espécie matando a nossa, alguns de vocês dando proteção aos humanos para suas cidades, o irrita. Mas quero que saiba que alguns de nós estão... mudando. Um pouco mais a cada dia, cada vez que comemos um humano e ganhamos humanidade, assim como a sua espécie.

— *Se é assim que você realmente se sente... então saia,* — Magnar concedeu, inclinando o focinho para o lado. Ele colocou espaço entre eles para mostrar a ela que estava permitindo que ela fosse embora.

Sua postura ainda era agressiva, mostrando que ele ficaria feliz em ir até lá e despedaçá-la em um segundo.

Mas ele não *queria* odiar. Ele não queria ser cheio de raiva. Magnar só queria viver em paz com seus amigos e familiares.

Parecia que ela queria a mesma coisa.

— Eu não posso, — ela respondeu, assumindo uma postura de luta sem entusiasmo. — Se eu correr, ele vai me matar de qualquer maneira, ou torturar meu companheiro que não tem mais um osso agressivo em seu corpo. Eu só queria que você soubesse, antes de me matar, que não estou fazendo isso por ódio ou porque quero.

Magnar bufou, antes de ambos erguerem suas cabeças para um Demônio que se aproximava rapidamente.

Levou um momento para tomar sua decisão.

Ele correu em sua direção. Ela mostrou a ele suas verdadeiras intenções quando não fez absolutamente nenhum movimento para



atacar. Sua postura de luta não passava de uma fachada.

Magnar passou a mão em volta do pescoço dela e apertou com força. Ela engasgou, batendo em seu grande punho e antebraço.

— *Então durma*, — ele exigiu, cortando a circulação e a respiração dela.

Isso era tudo que ele podia fazer por ela.

— Obrigada..., — ela se esforçou, sua voz baixa como um sussurro.

Ela ficou mole.

Magnar a largou descuidadamente para que pudesse recuar para sua barreira de proteção, garantindo que ele e Fyodor estivessem a salvo de mais Demônios.

Ele mal teve um momento para recuperar o fôlego antes de Jabez se materializar na área. Um novo Demônio correu para a área ao mesmo tempo e se chocou contra a barreira. Seu corpo se amassou contra ela com um grito. Magnar sabia que não estava morto, apenas inconsciente, quando caiu contra a terra.

Jabez não fez nada além de dar uma expressão entediada antes de olhar para a carnificina que estava ao redor de seus pés. Seu olhar nunca mudou. Ele não estava triste ou irritado com a morte de sua própria espécie ao seu redor.

Fyodor começou a se contorcer com um grito estridente ao sentir o cheiro que emanava de Jabez. Magnar teve que segurá-los rapidamente quando uma frieza tomou conta de Magnar com o sangue, sangue *humano*, que escorria de suas garras. Também estava espalhado entre as presas e no queixo, enquanto gotas salpicavam seu peito, como se ele tivesse feito bagunça.

Jabez deu a ele um sorriso quando seus olhos brilharam em branco.

— Uma das minhas coisas favoritas sobre vocês Mavka ganhando um humano é a maneira como vocês reagem sempre que eu machuco um deles, — Jabez disse com uma risada sombria. — Às vezes vale a pena deixar vocês escaparem só para ver seus olhos ficarem brancos ou azuis ou aquelas estranhas lágrimas patéticas que você chora. Esse é o custo da humanidade, sentir dor e perda.

— *Você não passa de crueldade*, — Magnar rosnou, sua visão se transformando em um tom avermelhado mais uma vez.

Jabez curvou um de seus dedos indicadores em forma de garra na direção de Magnar, persuadindo-o a ir até ele.

— Vamos, você não quer se vingar dela?

Magnar queria, sua raiva tão intensa e predominante, mas ele ficou onde estava enquanto colocava a mão em concha sobre Fyodor.

Seu filhote era uma barreira de muitas maneiras, impedindo-o constantemente de fazer muitas coisas que queria fazer.

— *Não*, — Magnar mordeu. — *Eu não sou estúpido*.

Jabez ergueu uma sobrancelha em surpresa, sem dúvida pensando que Magnar já estaria atacando. Então ele riu.

Magnar já estava cansado do som.

— Ela finalmente gritou seu nome. Magnar, não é? — Jabez ergueu as costas da mão e lambeu os nós dos dedos, trazendo o sangue de Delora para a boca. — Foi um pouco fraco no final, ela quase não teve forças, mas foi lamentável. Ela não gostou quando comecei a comê-la viva. — Então ele levantou o braço para dar de ombros indiferente. — Eu estou me perguntando se ela ser um Espírito vai me dar algum tipo de novo poder, e é por isso que eu não a deixei para os outros Demônios que vieram vê-la morrer. Sempre fico emocionado quando recebo uma nova magia.

Magnar sabia o que estava tentando fazer. Ele estava tentando alcançar o lado mais animalesco e primitivo de Magnar para que ele atacasse tolamente. Ele o estava provocando.

Ele segurou Fyodor com mais firmeza, usando-os para ancorar sua mente sobre por que ele não podia. Delora implorou a Magnar para protegê-los, mesmo ao custo de tudo isso. Ele não trairia isso só por causa de tolice – porque ele estava sendo um Mavka irracional.

Quando Magnar não fez o que Jabez queria, o Rei Demônio rugiu em sua direção.

— Ataque-me, seu maldito inútil Mavka!

— *Não!*

Magnar recuou e bateu no inconsciente Mavka dentro de sua barreira - a razão pela qual tudo começou.

Se ao menos ele tivesse ido para a casa de Orpheus. Nada disso teria acontecido. Magnar nem conseguiu pedir a ajuda de Orpheus porque eles não estavam por perto.

— Certo! Você tem sorte de ter esta proteção para salvá-lo por enquanto. — Jabez gritou. — Mas estarei de olho em você, Mavka. Se você estiver dentro do Véu, sempre poderei vê-lo, sempre poderei ir até você em um piscar de olhos. — Ele mostrou suas presas para Magnar. — Estou cansado de sua espécie usando as coisas que criei para seu benefício. Se algum de vocês vier à Vila dos Demônios novamente, não viverá para escapar.

Então, com um rosnado persistente, Jabez desapareceu.

Ele deixou para trás a bagunça que Magnar havia criado, como sua própria espécie e suas mortes eram insignificantes para os esquemas maiores de seus planos.

Tudo ficou quieto, exceto pelos gemidos dos Demônios restantes que ainda estavam esperando para morrer e aquele que veio e começou a comer sua própria espécie.

Depois de alguns momentos, Magnar caiu de cócoras, exausto e esgotado.

Ele foi ferido e sua mente e coração doíam terrivelmente.

Isso era demais para ele. Ele nunca esperou experimentar algo assim, e *nada* que ele aprendeu o preparou para tais eventos. Nada.

— *Delora*, — ele choramingou com um grito estridente, como o de uma raposa.

Magnar não sabia quanto tempo ficou sentado no chão, esperando. Ele assistiu a gata Demônio levantar-se com as patas traseiras e sair em algum momento enquanto ele permanecia de cócoras.

Ele não sabia se estava esperando que Delora voltasse para ele, que o Mavka ao lado dele acordasse, ou que os Demônios terminassem de comer sua própria espécie.

Não foi nenhuma dessas coisas que aconteceu primeiro.

Uma figura transparente entrou em sua barreira protetora pelo lado, e Magnar ergueu a cabeça na direção da Coruja Bruxa.

Uma vez dentro da barreira, ela se tornou física, mas ele notou o cheiro forte e doce de um aroma de camuflagem escondendo seu cheiro. Havia sangue vermelho empastando seu vestido branco coberto de penas e lama em seus braços e pernas.

Seus pequenos pés descalços batiam no chão enquanto ela se aproximava com os olhos baixos.

Metade de seu rosto estava rasgado por profundas marcas de garras, a carne aberta e inchada para revelar o branco de sua bochecha. Sua garganta foi perdida por pouco, mas seu ombro foi rasgado, assim como seu lado e o músculo da panturrilha esquerda, deixando-a mancando perceptível.

*Ela não devia querer que Mavka acordasse e tentasse comê-la*, pensou ele, já que o aroma de sua camuflagem era tão forte que escondia o cheiro de seu próprio sangue.

Ela não prestou atenção a Magnar quando caiu de joelhos ao lado do inconsciente Mavka.

— Eu sinto muito, — ela chorou, colocando seu crânio quebrado em seu colo. Ela pressionou a testa contra a ossuda dele. — Sinto muito por ter deixado você lutar sozinho. Por favor me perdoe.

Ele não pôde deixar de olhar para ela, sentindo pena dela. Ele tinha seu próprio filhote. Ele entendeu por que ela estava chateada ao ver seu filho ferido.

Isso era algo que ele conseguia entender sozinho, não precisava

que ninguém o ensinasse. Com uma de suas mãos ainda sobre eles, Magnar agarrou Fyodor mais perto. Fyodor o agarrou em troca.

— Você está machucada — Ele ergueu a mão para poder agarrar o braço dela. — Deixe-me ajudá-la.

Ela levantou a cabeça para que pudesse franzir a testa em sua direção. Então ela olhou para baixo para ver seus ferimentos desaparecendo.

Sua respiração exalando guinchou de suas feridas recém-adquiridas, mas ele não fez nenhum outro som de desconforto. Isso era pouco para ele. A ferida em seu peito causada pela cauda do Demônio era muito mais dolorosa, doendo cada vez que ele respirava. O buraco que havia sido cavado em suas costas também era insuportável. Mais alguns pequeninos não eram nada em comparação.

— Você não tinha que fazer isso por mim, — ela disse enquanto franzia as sobrancelhas, como se ela não entendesse por que ele faria isso por ela. — Eu teria me curado eventualmente com as ervas e remédios certos, ou quando voltasse para casa para ser curada por seu pai.

— Está tudo bem — ele respondeu, virando-se para olhar para o ferido Mavka. — Você o deixou para ser atacado?

Seus olhos castanhos escuros ficaram vidrados e vermelhos, mas nenhuma lágrima brotou como se ela as controlasse com sua vontade.

— Eu tive que fazer isso — ela sussurrou, olhando para ele também. — Por favor. Por favor, trabalhe.

Suas mãos começaram a inchar com areia preta enquanto ela segurava seu crânio rachado, segurando-o com força a ponto de tremer, e seus dedos escuros ficaram pálidos. A areia preta e brilhante tentou invadir a rachadura em seu crânio, mas não fez nada além de estancar o sangramento e curar suas outras feridas.

*Ela não pode se curar assim?* Então, novamente, foi semelhante à magia que curou suas próprias feridas. Talvez só tenha funcionado para Mavka.

O feitiço que ela estava fazendo se dissipou quando seus ombros caíram. Ela pressionou a testa entre os chifres de carneiro dele.

— Caramba. Eu sabia. Não adianta uma vez que sua espécie danifica seus crânios.

No momento em que Magnar estava prestes a perguntar *por que* ela havia recuado em vez de ficar para ajudá-lo, considerando que ela era um Espírito e poderia voltar à vida, algo se moveu sob o manto de penas que ela usava.

De repente, uma cabecinha preta apareceu onde a base do capuz estava em volta do pescoço dela. Sem visão e pequeno, Magnar pensou que parecia exatamente como Fyodor antes de obterem o crânio de coelho.

— Existem mais de nós? — Magnar perguntou incrédulo.

Ele nunca soube que ela carregava filhotes nas costas, escondidos sob a capa.

Uma protuberância começou a subir, um segundo filhote mais baixo em suas costas, antes que eles simplesmente reajustassem sua posição. Eles se deitaram mais uma vez, tornando-se completamente indetectáveis.

— Quando ele quiser mais de vocês criados, devo obedecer, — a Bruxa Coruja disse com um suspiro, inclinando-se para trás em seus tornozelos para olhar para as árvores acima deles. Magnar pensou que ela poderia estar falando do espírito do vazio, seu pai criador. — É por isso que sou dele, só para fazer isso, para fazer mais da sua espécie. Eu apenas tolerarei no começo apenas para poder viver eternamente com a magia que ele me concedeu em troca, mas... vocês estão se tornando tão especiais. Quanto mais velhos vocês ficam, ficando mais fortes e ganhando mais humanidade, mais eu vejo que vocês são maravilhosos. — Então uma lágrima solitária desceu por sua bochecha enquanto seus lábios tremiam. — Mas eu não posso fazer isso. Não posso proteger todos vocês ao mesmo tempo. Sou uma pessoa tentando protegê-los de alguém que tem um exército literal.

Ela bateu as mãos e mais areia preta começou a se formar. Ela espalmou o ar quando ela as jogou para frente.

Quatro círculos em espiral começaram a aparecer, cada um mostrando uma imagem de seis Caminhantes do Crepúsculo.

Uma era de Magnar e o Mavka com chifre de carneiro na área

em que eles estavam atualmente. Um segundo era de Mavka com chifre de touro que estava caminhando por uma floresta que não parecia ser o Véu – as árvores eram diferentes. Um terceiro círculo mostrava dois Mavka em suas formas mais monstruosas que pareciam estar lutando entre si ou brincando - considerando que nenhum deles realmente ia para um golpe prejudicial.

E, finalmente, o último círculo mostrava Orpheus e Reia. Reia estava incorpórea, flutuando ao lado de Orpheus que estava em sua forma monstruosa. Ele estava correndo de quatro, itens amarrados em seu corpo enquanto os demônios os perseguiam.

*Jabez ordenou que eles fossem atacados?*

– Como vou fazer isso sozinha? – A Coruja Bruxa virou o rosto para ele, seus cachos castanhos apertados balançando em volta da cabeça. – Eu só posso voar rápido com meu feitiço de coruja. Não posso estar aqui e ali ao mesmo tempo. Não posso lutar até a minha própria morte quando sei que isso deixará esses dois sozinhos no Véu para serem mortos.

Ela estendeu a mão para acariciar os buracos do nariz do jovem que ainda tinha a cabeça saindo de sua capa.

Magnar permaneceu em silêncio. Ele não tinha a resposta que ela procurava.

Como ele não dissesse nada, ela baixou o olhar para o colo e acariciou o crânio que estava sobre ele.

– Vocês todos deveriam sair daqui. Jabez não pode ver além do Véu com sua magia, não claramente, pelo menos pelo que posso dizer. É melhor se arriscar com os humanos do que ficar aqui.

– Não há lugar no mundo para Mavka – respondeu Magnar, sabendo dessa verdade há muito tempo.

Ele sabia disso quando o único lugar seguro parecia sua caverna que estava situada na fronteira entre o mundo da superfície pertencente aos humanos e a floresta que pertencia aos Demônios. Mavka estava preso no meio.

– Não pertencemos aqui, nem na superfície. Devemos suportar e proteger o que temos.

– Mas se...

— Eu não quero mais matar humanos desnecessariamente, — Magnar interrompeu com um peso no peito. — Apenas o suficiente para ganhar humanidade para entender minha noiva. Isso é tudo que me importa. Se formos para a superfície, eles virão atrás de nós com suas espadas e Caçadores de demônios. Somos vistos apenas como a morte, então vamos ser a morte para os Demônios.

*Não estaremos seguros, não importa para onde vamos. Não há lugar para nós neste mundo.* Magnar ergueu o focinho para poder olhar através das folhas e ver o tom roxo e laranja do crepúsculo — um momento de luz e escuridão.

— Acabei de colocar minha barreira de proteção — continuou ele. — Existe apenas um lugar no mundo para mim, e é onde Delora está mais segura. E ela está mais segura sob minha magia.

Uma pequena brisa farfalhou tanto o pelo e as penas dele quanto o cabelo e a capa dela, e o silêncio ecoou entre eles enquanto ambos pensavam nas palavras dele. A verdade ecoou no silêncio, e hoje Magnar percebeu seu lugar neste mundo cruel e sombrio.

Ele era *outro*. Uma criatura que vivia em ambos os mundos, mas também em nenhum. Uma criatura do amanhecer, crepúsculo, noite e dia, que era capaz tanto de vida quanto de morte, e dando a habilidade de existir no meio. Uma criatura que poderia ir a qualquer lugar e, se tivesse acesso pelo espírito do vazio, a lugar nenhum.

Mavka — Caminhantes do Crepúsculo — estavam no limbo.

Havia apenas um lugar ao qual ele sentia que pertencia, e que atualmente parecia um buraco desolado em seu peito. Ele pode ser a âncora viva de Delora, mas ela também era agora sua razão de ser — e ele se preocupava que ela realmente não o quisesse.

Sua visão tornou-se um profundo poço de azul quando ele baixou o olhar para Fyodor. Ela tinha feito tudo ao seu alcance para salvar seu filhote, isso ele sabia com certeza. Ela cuidou de seu filho, desde o momento em que começou a carregá-los, mas... ele agora não tinha certeza se ela também compartilhava esses sentimentos por ele.

*Ela disse que não tinha escolha para Jabez.* Ele sempre soube disso, mas achou que estava tudo bem quando ela o assegurou de que estava feliz por ter escolhido esse caminho com ele. *Ela mentiu porque não havia*



*outra opção a não ser me aceitar?*

Por que isso o fazia se sentir mais como um monstro feio do que antes?

*Sem ela... nada terei.*

— Tudo bem se ele ficar aqui com você até que ele acorde? — a Coruja Bruxa perguntou baixinho, quebrando Magnar de seus pensamentos tristes. — Você vai mantê-lo seguro para mim?

— Sim.

— Então devo partir. Agora que você me curou, devo ajudar Orpheus e Reia o máximo que puder.

A Coruja Bruxa gentilmente colocou o crânio de Mavka com chifres de carneiro no chão e ficou olhando para ele por um longo tempo.

*Eu não sabia que ela se importava tanto conosco.* Mesmo tendo passado recentemente por uma batalha terrível, ela não queria descansar quando mais de seus filhos estavam em perigo.

Ela se virou, colocando o capuz de penas sobre a cabeça e começou a se transformar em uma coruja branca de tamanho humano. Antes mesmo de deixar sua linha de visão, ela decolou em vôo, disparando entre as árvores antes que ele a visse voar para cima, como se planejasse voar sobre o Véu.

Não houve adeus dela.

Fyodor ergueu o crânio e cheirou o ar como costumavam fazer, mas a falta de cheiro de Delora os fez choramingar. Eles se enrolaram em Magnar confortavelmente.

A apreensão cresceu dentro dele.

Seu coração acelerava a cada minuto que passava, ele estava sozinho, esperando seu retorno enquanto o temia totalmente.

*Estou cansado... e tudo dói.*

Ele ficou com o Mavka para vigiá-lo. Ele não sabia quanto tempo passou, um minuto? Uma hora? Mas, eventualmente, uma figura transparente apareceu ao lado. Delora estava deitada no chão enrolada em uma bola, momentaneamente inconsciente como se estivesse dormindo.

Ela se mexeu. No momento em que seus olhos se abriram, um

suspiro rasgou dela, e ela rapidamente olhou em volta. Seus olhos se arregalaram quando eles caíram sobre ele, então ela se tornou física e se levantou.

Ela quase tropeçou enquanto corria, tendo que se apoiar em uma mão contra a terra.

Magnar não quis recuar quando ela estava na frente dele, estendendo a mão para Fyodor. Ela não pareceu notar quando olhou para baixo e acariciou o crânio deles com as duas mãos. Alívio deixou seus ombros caírem instantaneamente.

Fyodor deu um estridente alegre, aninhando o focinho em suas mãos.

— Obrigada, — ela disse com um sorriso, seus olhos castanhos brilhando com lágrimas, mas também com apreço por ele. — Eu sabia que você poderia fazer isso. Eu sabia que você os protegeria.

A pele de Magnar se arrepiou com sua proximidade. Seu coração batia em seu peito de uma forma extremamente desagradável.

Assim que ele começou a entregar Fyodor para ela para que pudesse se afastar de sua presença, Delora saltou e jogou os braços em volta de seu pescoço grosso. Ela o apertou enquanto enterrava o rosto em suas longas penas.

— Sinto muito, Magnar. Eu sei que você deve estar confuso.

Apertando com mais força, ele tentou não reclamar quando ela pressionou contra suas feridas sensíveis. Felizmente, ela estava totalmente ilesa.

— Eu tinha que dizer essas coisas, tinha que fazer com que ele confiasse em mim para que eu pudesse pegar Fyodor. Se eu fizesse parecer que odiava você, odiava estar aqui, que ele poderia treinar Fyodor como um animal de estimação, então eu poderia resgatá-los. — Ela deu uma risada, uma que era cheia de humor, mas também soava sombria. — Tentei ser como aquela mulher de quem Reia e Orpheus me falaram, Katerina ou sei lá qual era o nome dela. Achei que se ele a levasse porque ela queria fugir, ele tentaria me levar também.

A tensão em seu corpo não diminuiu.

Quando seu aperto em Fyodor ficou mais forte, como se ele não quisesse mais largar a única criatura que ele *sabia* que queria estar ao

seu lado, Delora desenrolou os braços ao redor de seu pescoço.

Ela foi saudada pelo brilho azul escuro de seus orbes - suas dúvidas persistentes recusando-se a se dissipar.

Delora segurou a ponta de seu focinho com ambas as mãos para se certificar de que ela seguraria seu olhar, olhando diretamente para ele sem um único pingo de hesitação em sua expressão. Em vez disso, suas sobrancelhas estavam franzidas com determinação, seus lábios apertados com isso.

— Eu quero estar aqui com você, Magnar. Você é tão inteligente, legal e adorável de se ter por perto.

— Você disse que eu não lhe dei escolha, — Magnar retumbou, seu estômago revirando. — E eu já te disse que sabia disso.

Ele tentou desviar o crânio para o lado. Ela se manteve firme, inclinando-se do jeito que ele foi para segui-lo quando ela não conseguiu vencer sua força. Ela não ia deixá-lo desviar o olhar.

— E eu já te disse que estou grata por você não ter feito isso. — Delora acariciou a palma da mão ao longo de seu focinho. — Por favor acredite em mim. Eu disse isso você porque sabia que você seria corajoso e forte o suficiente para proteger Fyodor quando eu não pudesse. Eu sabia o que estava fazendo quando lhe disse para me deixar para trás, Magnar. Que provavelmente eu iria me machucar e deixei que ele fizesse essas coisas para que eu pudesse lhe dar tempo.

Uma dor dolorosamente sensível irradiava por seu peito.

— O que ele fez?

Ele não sabia por que estava perguntando. Ele realmente não queria saber a verdade.

— Não importa, — ela disse suavemente com um sorriso amargo. — Eu só queria te dar um tempo. — Quando ele não disse nada, as sobrancelhas dela se juntaram com força. Ele podia ver a incerteza em sua expressão. — Eu sempre voltarei para você, mas isso não significa que eu tenha que ficar aqui com você.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente.

— O que você quer dizer?

— Se eu realmente não quisesse estar aqui, se eu odiasse tanto, eu poderia simplesmente vagar pelo Véu. Claro, eu voltaria para você,

mas poderia simplesmente recomeçar todos os dias.

Seu aperto em Fyodor afrouxou, nunca tendo pensado nessa opção para ela. *Ela poderia ter me deixado.* Ela teria sido como um Espírito viajando pela floresta sombria.

— Mas eu nunca quis. Mesmo no começo, quando eu realmente não queria mais viver, encontrava conforto ao seu lado.

*Mesmo desde o início?* Ele não tinha certeza se ela estava dizendo a verdade ou não, mas Magnar *queria* acreditar nela com cada fibra de seu ser. Seu coração solitário estava desesperado por isso.

— Então por que você fez isso? — Magnar perguntou, o azul em seus orbes recusando-se a sair de sua vista. — Você diz que não havia outra opção, mas isso poderia ter sido evitado se eu tivesse dado a ele o Mavka.

Magnar gesticulou para ele ao seu lado.

— Porque eu pude ver que você não queria, — ela respondeu, sentando-se em seu quadril como se estivesse cansada de estender a mão para ele. Ele tinha certeza de que ela estava exausta. — E eu não queria que você fizesse isso. Ele não merece morrer por causa daquele idiota. Eu não poderia ficar parada vendo você entregar seu próprio irmão para proteger Fyodor. Eu... eu não queria fazer nada como sempre faço. Você me protegeu uma e outra vez. Foi a minha vez de fazer esse sacrifício para que você não tivesse que suportar a dor de perder Fyodor ou ele. Eu era a única que poderia correr esse risco sem consequências duradouras.

Um calor começou a crescer em suas entranhas, ajudando a livrá-lo da tristeza fria que vinha experimentando.

— Você fez isso... por mim?

— Sim, — ela respondeu severamente, seus olhos firmemente sobre ele.

Ele não viu um pinga de dúvida em seu olhar.

— Caso contrário, eu poderia ter ficado lá e não feito nada. Eu tinha uma escolha, e fiz uma — mesmo que doesse pra caralho. — Então ela coçou a nuca e riu. — Meu plano original era correr de volta para você, mas em vez disso corri para a floresta como uma idiota.

Verde explodiu em sua visão enquanto ele ria, suas palavras e

risadas substituindo sua mágoa. Ele passou o braço ao redor dela para poder trazê-la para mais perto em um abraço que ela imediatamente acolheu.

— Não se chame dessas coisas, meu pequeno corvo. Você sempre foi inteligente.

— Isso não é verdade! — ela gritou, mas colocou os braços em volta do pescoço dele, e desta vez ele aceitou totalmente, feliz por ela querer retribuir o abraço. — Eu tenho meus momentos, Magnar.

Os batimentos cardíacos de Delora vibraram em seu peito e irradiaram através dele. Magnar se concentrou nisso, precisando saber que ela estava segura e viva, e queria estar com ele o suficiente para permitir que ele fosse embalado por isso.



*Ele me perdoa.*

Delora abraçou Magnar com mais força. Ela se recusou a se demorar no que acabou de acontecer com ela, recusou-se a reconhecê-lo.

Ela já havia enfrentado tanto e não queria que a lembrança de sua agonia com o Rei Demônio fizesse parte dela. Ela recusou. Ela, Magnar e Fyodor estavam seguros. Esse tinha sido seu objetivo, e isso era tudo o que ela queria lembrar.

*Está tudo bem.*

Um movimento repentino fez com que Delora ofegasse e empurrasse instintivamente para o lado de Magnar. No entanto, ela também foi rápida em agarrar Fyodor, recusando-se a cometer o mesmo erro duas vezes. Com outros em quem ela não confiava, Delora nunca deixaria Fyodor fora de seus braços – não que eles jamais fizessem qualquer tipo de complacência.

Magnar assumiu uma postura protetora, empurrando o outro lado de seu corpo para frente, escondendo-a um pouco quando o Caminhante do Crepúsculo com chifres de carneiro correu de quatro

em uma explosão de movimento.

Suas roupas afundaram sob sua pele enquanto ele se tornava mais monstruoso, seus espinhos de lagarto ficando maiores e mais ameaçadores em suas costas e braços. Ele bufou enquanto se afastava deles, antes de estender a mão para tocar seu crânio felino rachado.

O ganido felino que veio dele a gelou ao ponto que os arrepios atravessaram sua carne como uma onda. O Caminhante do Crepúsculo começou a balançar a cabeça de um lado para o outro, seus orbes tão brancos que pareciam vazios absolutos.

Então ele começou a verificar seu corpo em busca de outras feridas, que de alguma forma haviam desaparecido. Delora olhou para Magnar em busca de respostas, pois sabia que este Caminhante do Crepúsculo havia sido gravemente ferido antes.

– *Já faz um dia?* – ele perguntou a Magnar, lento com suas palavras.

Magnar balançou a cabeça ossuda.

– Não. A Coruja Bruxa veio e tentou curá-lo de suas feridas e da rachadura em seu crânio. Ela não conseguiu.

Deve ser por isso que ele acordou agora, considerando que ela pensou que ele estaria dormindo por um longo tempo. Ela também notou que o céu estava escurecendo. Parecia mais brilhante quando ela foi *comida* pelo Rei Demônio. Delora estremeceu.

– *Não,* – ele murmurou em uma voz baixa e de partir o coração.

Ele deu uma patada na fenda novamente, seu rosto apontando para o lado, antes de abaixar para o chão, enquanto absorvia esta informação. Sua situação.

– Se ela não pôde curar você... – Magnar começou.

– *Então nada pode ser feito.*

Seus orbes começaram a se levantar com uma cor azul pálida, como se o medo e a tristeza fossem muito fortes dentro dele para ter prioridade.

Por um longo tempo, ele olhou para o nada.

Seus braços começaram a escorregar para o chão, as costas de seus ossos brancos descansando sobre a terra enquanto seus ombros

caíam. Era como assistir alguém perceber que não havia nada que pudesse fazer para evitar sua própria morte e estivesse tentando aceitar isso.

O Caminhante do Crepúsculo começou a se transformar de volta ao normal. Suas roupas subiram por sua carne, a parte inferior da calça em farrapos, mas fora isso estava praticamente intacta. Sua camisa, no entanto, estava coberta de várias marcas de garras.

*Ele parece terrível. Ele deve ter enfrentado tanta coisa.*

— Obrigado — ele murmurou antes de virar lentamente a cabeça para eles. — Por me proteger. Por não me entregar ao Rei Demônio. E obrigado por me deixar descansar aqui.

— H-Há quanto tempo você está correndo? — Delora perguntou, espremendo-se em Magnar para o caso de vocalizar que ela estava ali era uma péssima ideia.

— Dois dias. — Ele virou a cabeça para ela, mas não fez nenhum movimento para se aproximar. — Vejo que você tem uma humana que lhe deu sua alma. Sinto muito se trouxe perigo para você e sua noiva.

Ele colocou a mão em volta do focinho em pensamento profundo, laranja piscando em seus orbes muito parecido com o que Magnar fazia quando sentia culpa.

Apesar de seus problemas e do futuro que ela tinha certeza que ele sabia que deveria enfrentar, uma faísca amarela brilhou em seus orbes brilhantes enquanto ele farejava o ar em sua direção. Ele se aproximou e acenou com a mão em seu colo.

— Mas o que é isso? Um bebê Mavka?

Magnar levantou a mão para proteger Fyodor da vista.

— Eles são meus filhotes.

O Caminhante do Crepúsculo inclinou a cabeça para Magnar.

— *Seu* filhote? Não podemos procriar com humanos, é impossível. Nós somos diferentes.

— Ela é um Espírito agora.

Sua cabeça disparou até a alma parcialmente enegrecida de Delora presa aos chifres de Magnar.

— Entendo, — ele disse pensativo, sua mão subindo para

esfregar o queixo de sua mandíbula felina. — Então é isso que acontece quando ganhamos a alma de um humano. Nós os mudamos, os tornamos mais parecidos conosco? Não que eu vá experimentar isso agora.

Levou um momento para Delora perceber, mas este Caminhante do Crepúsculo era mais inteligente do que ela pensava que ele seria. Ele era mais como Orpheus, que já sabia e entendia tudo.

Ele soltou uma risada tão sombria e sem humor que quase soou insana, como um louco rindo da parede.

— Pelo menos eu aprendi mais uma coisa sobre o mundo antes de deixá-lo, porra.

Delora não pôde deixar de morder o lábio inferior, desejando que houvesse algo que ela pudesse dizer para aliviá-lo.

*Não há nada que o faça se sentir melhor.* Ninguém no mundo poderia ter consolado Delora quando ela foi arrastada para o Véu para ser descartada. *Eu sei como é saber que sua própria morte está chegando.*

Ela queria estender a mão para ele, uma parte dela queria abraçá-lo em desculpas, mas ela não o fez. Em vez disso, ela levantou Fyodor em seus braços em sua direção, vendo que ele não era perigoso.

— Você... você talvez gostaria de conhecê-los? Se você é o irmão de Magnar, isso tecnicamente os tornaria seus sobrinhos ou sobrinhas, dependendo do gênero humano que eles comem primeiro.

— Ah, então... — ele riu, desta vez um pouco mais calorosamente. — Você sabe que a Coruja Bruxa é nossa mãe.

— Você já sabia? — Magnar perguntou, seus orbes refletindo amarelo.

— Lembrei-me do cheiro dela de quando eu era jovem. Ela estava sempre lá, e lembrei-me da sensação dela quando me agarrei a ela, lembrei-me de seu cheiro, de sua voz. — Ele levantou a cabeça no ar, seus maneirismos lentos, mas calculados. — Talvez seja porque ela me abraçou algumas vezes depois de me salvar. O Rei Demônio sempre vem atrás de mim, por algum motivo. Pode ser porque estou sempre no anel interno do Véu, falando com os Demônios que residem lá.



As sobranceiras de Delora franziram profundamente.

— Então por que você vai lá?

— Porque era melhor do que ficar sozinho na minha caverna, — ele afirmou com firmeza. Então ele abaixou a cabeça para ela e assentiu. — Sim. Se estiver tudo bem, eu gostaria de conhecer seu filhote, já que nunca poderei experimentar o meu. Sempre tive curiosidade sobre os humanos e suas famílias.

Saindo do aperto de Magnar, que estava apreensivo em deixá-la ir, ela e o Caminhante do Crepúsculo se aproximaram um do outro. Eles se encontraram no meio, e ela colocou Fyodor em uma posição ligeiramente sentada de frente para ele.

— Posso tocá-los? — ele perguntou, parecendo sentir que isso era uma coisa delicada e íntima que ele estava fazendo.

Ele também olhou para Magnar para ter certeza de que ele estava aceitando isso.

Magnar de alguma forma, no fundo de sua humanidade adquirida, entendeu o significado de tudo o que estava acontecendo. Ele assentiu enquanto se aproximava, colocando o braço em volta das costas de Delora para segurá-la.

O Caminhante do Crepúsculo com chifres de carneiro gentilmente colocou sua mão no crânio de Fyodor e o acariciou. Fyodor cheirou sua grande palma, mas não ficou furioso ou hesitante - talvez porque eles se acostumaram com ele enquanto ele estava inconsciente.

Os olhos do Caminhante do Crepúsculo ficaram amarelos brilhantes quando ele abriu a mandíbula.

— Notável, absolutamente notável. Então, era assim que éramos antes de obter nossos chifres e visão. Nunca pensei que fôssemos tão pequenos e indefesos. — Fyodor ergueu a mão deles e a enrolou em torno de um de seus dedos grandes. — Até nossas garras são mais macias quando jovens.

*Uau... ela pensou, olhando para ele através de seus cílios. Ele é tão diferente de Magnar e Orpheus. Ele é tão amigável.*

Embora ambos fossem gentis, Orpheus era muito mais reservado com Delora, e Magnar ainda estava aprendendo tanto que

muitas vezes parecia desajeitado e deslocado. Este Caminhante do Crepúsculo parecia se encaixar perfeitamente com eles, não mostrando nenhuma hesitação ou grosseria – mesmo apesar de sua situação sombria.

*Quase parece que estou falando com um humano.*

*Isso significa que ele é mais velho que eles? Ou, pelo menos, mais desenvolvido. Ou ele apenas viajou mais?* Orpheus, pelo que ela sabia, havia passado os últimos duzentos anos sofrendo e tentando encontrar um humano até encontrar Reia.

Magnar raramente havia deixado o Véu ou sua caverna até recentemente.

– O que você vai fazer agora? – Magnar perguntou, observando o Caminhante do Crepúsculo inspecionar seu filho.

Como se estivesse apenas tentando se distrair, o Caminhante do Crepúsculo suspirou e puxou a mão para trás. Seus orbes suavizaram em sua tonalidade amarela, fixando-se, e Delora se perguntou se essa era sua cor natural.

– Acho... que vou deixar o Véu.

– Como ir para a superfície? – Delora perguntou enquanto virava Fyodor em seus braços para que eles pudessem se abraçar.

– Sim. – Ele ergueu a mão e tocou na rachadura que cobria seu crânio. – Não sei se vou morrer. Talvez se eu for cuidadoso eu possa escapar da morte. Mas se eu permanecer no Véu, onde o Rei Demônio virá atrás de mim, não terei chance.

– Existem caçadores de demônios embora, – Magnar o lembrou.

– Isso é bom. Eles são fáceis de escapar. Há... também há alguém que eu gostaria de ver se eu morrer.

– Mayumi? – Magnar perguntou, inclinando a cabeça ligeiramente.

Um rosa avermelhado brilhou nos orbes do Caminhante do Crepúsculo.

– Como você...?

– Você disse esse nome logo antes de desmaiar.

– É uma mulher? – Delora esperava que sua curiosidade não

fizesse parecer que ela estava ultrapassando seus limites.

O Caminhante do Crepúsculo coçou desajeitadamente a nuca. Isso fez com que seus espinhos de lagarto balançassem atrás de sua cabeça enquanto a pele se esticava e se movia.

— Ela não é ninguém. Ela não sabe que eu existo. — Então ele trouxe sua mão para frente para olhar para suas garras. — Tenho certeza que se ela tivesse feito isso, ela já teria tentado me matar.

As sobrancelhas de Delora se juntaram. — O que isso deveria significar?

— Nada, — ele riu, estendendo a mão para tocar a ponta de uma garra na parte de trás da cabeça de Fyodor. — Obrigado por me deixar conhecer seu filhote. E obrigado novamente por me permitir descansar aqui.

Delora estava grata por Magnar não ter mencionado que ele quase o entregou ao Rei Demônio. E ela estava ainda mais confiante de que, apesar da dor horrível que experimentou ao se sacrificar, valeu a pena depois de falar com ele.

Ela não queria mencionar que havia salvado a vida dele, não havia necessidade. Ela não queria gerar desconfiança entre ele e Magnar, e também não o fazia por gratidão.

*Todos eles merecem viver.* Do fundo do coração, ela sabia disso. Ela sabia que não eram monstros, mas algo muito mais terno.

— Você vai sair agora? — Magnar perguntou quando começou a se levantar, seguindo sua liderança levantando-se sobre seus próprios pés.

Delora também se levantou, já que não queria ser cercada por gigantes Caminhantes do Crepúsculo, o que teria parecido ainda mais assustador se ela tivesse permanecido ajoelhada no chão. Ela permitiu que Fyodor vagasse ao redor de seus pés, mas ficou de olho neles, pois ainda estavam perto da fronteira.

— Não vejo sentido em ficar, e tenho certeza de que você me quer fora de seu território.

Magnar coçou desajeitadamente a ponta do focinho com a ponta de uma garra.

— Eu não me importo se você ficar um pouco mais. Você

parece saber muito, e eu gostaria de falar com você para aprender o que você sabe.

— Devo admitir, — o Caminhante do Crepúsculo disse brilhantemente. — A última vez que te vi, você estava bem subdesenvolvido. Você parecia ter ganhado muita humanidade recentemente. No entanto, por mais que aprecie a oferta, temo que meu tempo neste mundo agora seja limitado e não quero gastar meu tempo no outro mundo com arrependimentos. Existe alguém que eu gostaria de proteger, mesmo que não saiba que estou ali. Se eu puder passar o resto do meu tempo fazendo isso, então é isso que eu gostaria de fazer.

— Bem... — Delora começou enquanto arrastava os olhos sobre a roupa rasgada dele. — Pelo menos deixe-nos dar-lhe algumas roupas novas. Magnar recentemente obteve um pouco mais da Vila dos Demônios.

— Magnar? — ele disse, inclinando a cabeça em sua direção. — Você recebeu um nome próprio?

Magnar envolveu sua mão grande e calmante ao redor do pescoço e ombros de Delora.

— Ela me deu. Significa que sou o protetor dela.

Um pequeno sorriso levantou os cantos de seus lábios.

— Se estamos compartilhando nomes, você pode me chamar de Kitty.

*Gatinho?* Ela olhou por cima de seu crânio felino com uma de suas sobranceiras levantadas. *Acho que combina com o rosto dele, mas não é um nome que você daria a alguém. Talvez ele tenha se nomeado?*

Essa era uma maneira de ter um nome, ela imaginou.

— E se você está oferecendo roupas, eu também poderia incomodá-lo por uma capa nova? A minha foi arrancada de mim e prefiro usar uma se quiser viajar pela superfície.

— Claro, — Magnar disse, assim como Delora assentiu.

*Hoje foi um longo dia.* Ainda nem tinha acabado, o sol ainda estava se pondo, e ela queria ir para a cama.

Todos então começaram a caminhar de volta para a casa. Kitty ficou surpreso ao vê-la — e demorou-se um pouco mais para

inspeccioná-la com curiosidade.

— Eu consertei isso! — Delora gritou, correndo para fora da casa com Fyodor perseguindo seus calcanhares. — Magnar! Olhe, eu consertei!

Tendo estado mais fundo na floresta, Magnar veio correndo por entre as árvores. Ele provavelmente estava cortando mais árvores para fazer a cerca da barreira ou procurando madeira para a lareira.

— Você me assustou, — Magnar disse quando ele veio até ela de pé na varanda. — Quando ouvi você gritar, pensei que algo tivesse acontecido.

— Oh, desculpe, — ela riu desajeitadamente, antes de levantar as mãos para mostrar a ele. — Eu consertei a caixa de música, viu?

Ele apontou para o topo dela. — Mas você quebrou ainda mais.

A caixa agora estava permanentemente destrancada e ela abriu a tampa para revelar o interior. Um pequeno carrossel de metal com três cavalos foi revelado, ao lado da base da caixa de música que ela destruiu para chegar ao cilindro e ao pente musical.

Ela usaria uma das ferramentas de corte de metal de Magnar que ele ocasionalmente usava para martelar pregos para cortar a alavanca do buraco da fechadura para que ela pudesse enrolá-la com os dedos.

— Aqui não. Eu vou te mostrar.

Ela enfiou a ponta dos dedos no buraco de tamanho decente que havia feito e começou a girar a alavanca. O pente de metal moveu-se ligeiramente quando ela o bateu para fazer um barulho de *ting*.

Uma vez que estava pronto, ela o soltou e começou a tocar uma melodia suave.

Os orbes de Magnar se transformaram em amarelo brilhante enquanto sua cabeça se contorcia e se inclinava a cada nota que era tocada, fazendo o som de ossos batendo vindo dele. Ele a pegou das mãos dela com cuidado e a ergueu ao lado da cabeça.

— Eu nunca ouvi nada assim antes, — ele afirmou com admiração em sua voz. — Gosto muito.

— Você gostou? — Ela não conseguiu conter o sorriso que se

espalhou em seus lábios.

A música parou de tocar.

Ele deu a ela enquanto perguntava: — Você poderia tocar de novo?

Ela girou a alavanca. Quando suas órbitas escureceram como se ele tivesse fechado a visão, Delora percebeu que estava gostando tanto do som da música que estava saboreando.

Uma emoção, terna e dolorosa, borbulhou em seu peito.

Ela agarrou a mão dele, fazendo-o tropeçar para frente em choque quando ela o arrastou de volta. Assim que a música parou de tocar, ela girou a alavanca e a colocou no degrau inferior da varanda.

— O que você está fazendo? — ele perguntou quando ela colocou uma de suas grandes palmas ao longo do corpo quase cobrindo toda a largura, antes de agarrar a outra com a sua.

Ela colocou a mão em seu bíceps quando começou a balançá-los.

— Chama-se dançar, — ela disse suavemente, tentando ter certeza que a música estava mais alta que sua voz. — Humanos às vezes fazem isso juntos. Isso se chama valsa. É uma dança que os amantes costumam fazer juntos.

Delora bravamente desviou os olhos de seus pés e olhou para Magnar enquanto os guiava em um círculo lento. Ela estremeceu quando ele pisou no lado de seu pé.

— Eu não sei como fazer isso, Delora, — ele disse com uma voz trêmula, tentando se afastar dela. — Eu machucarei você.

Ela tropeçou nos pés dele quando cruzou as pernas do jeito errado. Ele a pegou, e ela continuou tentando fazê-lo balançar com ela.

— Tudo bem. Eu também não sei dançar, para ser honesta. Podemos aprender juntos. — Ela estremeceu novamente e ele levantou o pé de repente. — Apenas tente não pisar nos meus pés, ok?

Saber que Delora também não era muito boa nisso pareceu aliviar sua tensão, e ele permitiu que ela assumisse o controle com passos desajeitados. Ela sabia que ele estava olhando para os pés deles, já que seu focinho estava apontado para baixo com a cabeça torcida para que ele pudesse ver além dele.

A única vez que eles se separaram foi para que ela pudesse virar a caixa de música novamente, dando-lhes pelo menos um minuto sólido de dança sem interrupção.

Ele ficou mais confiante e seus passos se tornaram menos hesitantes.

O sorriso de Delora ficou mais suave. *Ele sempre aprende tão rápido.*

Ele a puxou para mais perto envolvendo seu braço ao redor dela, seus dedos com garras se curvando entre as lacunas de seus próprios dedos muito menores até que ele engoliu sua mão completamente. Ele os pressionou juntos, os quadris dela encontrando suas coxas enquanto eles olhavam um para o outro.

Os dois eram péssimos, nenhum dos dois sabia o que estava fazendo, mas no final da quarta vez, a música acabou, ambos haviam se esquecido da música e continuaram a dançar muito tempo depois que ela silenciou.

Ela notou o rabo balançando de um lado para o outro.

Seus orbes desbotaram em um rosa brilhante, e isso fez com que seu estômago se acumulasse com calor, embora ela não entendesse o seu significado. Ela sabia que era importante, que significava *alguma coisa*, mas ainda estava tentando descobrir o que sentia por ele para começar a entender o que ele sentia por ela.

*Ele me faz sentir tão segura.* Mais segura do que jamais se sentira, mesmo quando era uma criancinha cercada pelos braços amorosos e cobertos de carvão de seu pai.

— Eu... gosto disso, — ele finalmente murmurou, inclinando-se para que pudesse pressionar a ponta de seu focinho contra o lado de sua cabeça. — Eu gostaria de dançar com você de novo.

Delora colocou a testa contra o torso duro dele com os lábios apertados.

*O que diabos eu sinto por ele?* Apenas dançar com ele estava fazendo seu coração disparar como se estivesse ameaçando sair de seu peito para chegar até ele.

Enterrar o rosto contra ele encheu seus sentidos completamente com seu cheiro convidativo, e fez com que suas pálpebras



estremecessem involuntariamente com euforia. Seu calor era tão inebriante, fazendo com que sua pele corasse de prazer.

Até mesmo sua voz era mais tentadora do que a caixa de música que há muito se calou, dando a ela a capacidade de ouvir seu suave batimento cardíaco e sua respiração profunda.

Ele começou a acariciar o lado de sua mandíbula logo acima de sua orelha.

Fazia dias desde o incidente com o Rei Demônio. Desde então, as coisas entre eles estiveram mais próximas do que nunca. Delora se sentiu querida, especialmente porque Magnar sentiu a necessidade de pairar... quase protetoramente.

Ela adorou.

Eles estavam tão envolvidos no momento que nenhum deles percebeu que estava prestes a serem interrompidos até que ouviram uma risadinha.

Suas cabeças dispararam para o lado para ver Reia e Orpheus se aproximando. Delora se afastou de Magnar com um rubor intenso aquecendo suas bochechas.

— Estamos interrompendo alguma coisa? — Reia riu, afastando-se de Orpheus que estava derrubando um cervo de seus ombros no chão.

— Não — Delora gritou antes de limpar a voz com um grunhido. — Nós estávamos, uh, apenas dançando. Consegui fazer a caixa de música funcionar.

— Realmente? — As feições de Reia se iluminaram. — Você tem que me mostrar! Eu estava realmente começando a ficar preocupada que você não fosse capaz de fazê-la tocar.

— Você nos trouxe carne? — Magnar perguntou a Orpheus.

Orpheus deu um breve aceno enquanto se aproximava, deixando o cervo onde estava para que ele pudesse se aproximar. Fyodor cheirou os pés antes de ir para Reia para correr em volta dela em saudação, completamente confortável com essas duas pessoas.

Delora sorriu amorosamente para ele.

— Sim. — Orpheus acenou com a mão para o lado. — Eu sabia que você não seria capaz de deixar a barreira para ir caçar depois do

que aconteceu no outro dia. Reia sugeriu que voltássemos a caçar para você até que as coisas se acalmassem.

Todos falaram sobre aquele dia em que Reia e Orpheus vieram nos visitar pela última vez.

Magnar concordou com a cabeça enquanto colocava a mão na ponta do focinho.

— É verdade. Não pretendo sair do lado dela por um tempo.

Desde aquele dia agitado, mais Demônios tendiam a perambular pela casa. Ainda com pouca frequência, mas com mais frequência... e nem sempre eram do tipo animalesco.

Eles estavam sendo observados, cuidadosamente.

No entanto, eles não atacaram. Era óbvio que eles sabiam que morreriam, especialmente se Orpheus e Magnar se unissem.

Jabez, como Delora veio a descobrir que ele foi nomeado, não podia ver dentro da barreira de Magnar com sua magia. Atualmente, a casa deles era o lugar mais seguro para se estar.

— Reia também disse que gostaria de jantar aqui hoje, se estiver tudo bem para vocês dois. É por isso que trouxemos o cervo inteiro em vez de apenas alguns pedaços dele.

Magnar olhou para Delora em busca de aprovação, e ela sorriu com um aceno de cabeça em resposta.

— Claro. Isso significaria que vocês ficariam aqui por mais tempo, e isso tornaria a construção da cerca mais rápida.

— Mostre-me a caixa de música, — Reia disse com um sorriso animado, interrompendo Delora ouvindo a conversa. — Eu nunca ouvi uma antes.

Com um último olhar para Fyodor, que estava apenas farejando o chão, Delora caminhou até a caixa de música no degrau mais baixo da varanda.

Magnar e Orpheus continuaram a falar, mas ela não conseguia ouvir o que eles diziam enquanto se afastavam.

— Você está bem? — Delora perguntou a Reia enquanto ela se abaixava para pegar a caixa de música. — Vocês estão seguros?

— Pfft! Você sabe com quem está falando? — Reia riu, seu sorriso torto e quase diabólico. — Não só tenho Orpheus por perto,

que fica literalmente feliz em *partir* Demônios ao meio por tentar sibilar para mim, mas também sou muito boa com minha espada.

Sempre havia uma amarrada na cintura de Reia.

— Eu sei, é só...

Delora não queria saber que eles estavam em perigo. Não apenas Reia, mas Orpheus também. Ela se importava com os dois.

— E você? Parece que Jabez provavelmente terá como alvo vocês especificamente agora.

Delora suspirou depois de abrir a caixa de música.

— Ele provavelmente vai. — Então ela deu de ombros. — Eu mal sei que os Demônios existem por causa da floresta dentro da barreira. Eu realmente não acho que eles podem nos ver, nem nos ouvir.

— Eu sei que outro dia você disse que estava bem, mas tipo... Fyodor quase foi tirado de você.

Surpreendentemente, Delora sentiu seus lábios se curvando para sorrir.

— Mas eles não foram. Magnar os manteve seguros.

*E eu também.* Delora estava orgulhosa de si mesma pelo que tinha feito. Ela nunca teria sido capaz de fazer isso no passado.

— O que aconteceu, aconteceu. Não posso mudá-lo, nem devo me demorar nele. Cansei de olhar para as coisas ruins do passado. — Ela não pôde evitar que seus olhos pousassem em Magnar enquanto uma ternura se espalhava em seu peito. — Eu só quero pensar nas coisas que importam.

No momento em que ela terminou de girar a alavanca e a música começou a tocar, todos se aquietaram.

Orpheus inclinou a cabeça repentinamente com o som, seus orbes brilhando em amarelo brilhante, assim como os de Magnar.

As sobrancelhas de Reia franziram profundamente quando ela virou a orelha na direção da caixa. Então ela começou a cantarolar. Seu zumbido estava com algumas notas erradas, mas a melodia era semelhante à que estava tocando.

Quando parou, Orpheus e Magnar se aproximaram enquanto Reia gesticulava com as mãos para ver se Delora a deixaria girar a

alavanca sozinha.

— Eu não sei o nome da música, — Reia murmurou, levando a caixa ao ouvido quando começou a tocar novamente. — Mas soa muito parecido com o que minha mãe costumava cantar para mim antes de morrer.

— O que é isso? — Orpheus perguntou, apontando uma garra em sua direção.

— Uma caixa de música — Magnar respondeu rapidamente, estufando o peito de orgulho — por algum motivo.

— Entendo, — ele respondeu, seus orbes piscando mais brilhantes. — Posso segurar?

— Claro, — Delora disse, e Reia entregou a ele.

Suas costas enrijeceram quando ele começou a enfiar uma de suas garras dentro da caixa com toques curiosos, fazendo-a ranger. Então ele balançou a cabeça para o lado enquanto girava a alavanca levemente, fazendo seus sinos de trompa e a caixa de música tocarem ao mesmo tempo por um segundo curto e fugaz.

*Ele é um funileiro*, Delora pensou com os olhos enrugados de alegria. Talvez se Orpheus fosse humano, ele poderia ter tentado trabalhar como relojoeiro ou algo com pequenos mecanismos.

Reia pegou dele, vendo o mesmo potencial que Delora viu para ele quebrá-lo. Ela girou a alavanca, colocou-a no degrau da varanda e, descaradamente, virou-se para Orpheus.

— Venha aqui, seu grande cabeça-dura. Quer dançar? — Reia estendeu a mão com ambas as sobranceiras subindo e descendo maliciosamente.

Apesar de não saber o que estava prestes a fazer, Orpheus estendeu a mão com confiança para pegar a mão de Reia sem hesitar.

— Dançar?

Ela agarrou sua outra mão e girou os dois em um círculo rápido, fazendo-o tropeçar. Então ela os colocou em uma posição semelhante à que Delora havia feito com Magnar.

Era óbvio que Reia pode ter dançado no passado pela forma como se movia, mas nunca com um parceiro ao tropeçar nos pés de Orpheus. Eles eram muito mais confusos em suas ações, pois estavam

mais à vontade um com o outro.

— Você pisou no meu pé — resmungou Orpheus.

Reia fez isso de novo, de propósito pelo que Delora poderia dizer.

Em retaliação, Orpheus a pegou e a girou no ar com seu corpo encostado nele. Reia riu, e Delora trouxe seu olhar para Magnar que os observava.

Ele estava tenso, seus olhos verdes escuros – muito mais escuros do que o normal.

— Você quer dançar de novo? — Delora perguntou, oferecendo a mão para ele.

— *Sim*, — ele ralou com aspereza, colocando a palma da mão na dela.

Ele os colocou na mesma posição de antes, aquela em que estavam mais próximos, mas tentou girá-los juntos como tinha visto. Delora tentou mostrar a ele como jogá-la para o lado para que ela pudesse girar de volta para ele.

Ele riu, seus orbes voltando ao seu verde natural.

— Isso parece complicado.

— Pode ser. — Ela os balançou de um lado para o outro. — Já dancei algumas vezes, mas não muito. Posso ensinar-lhe mais movimentos mais tarde.

Reia girou a alavanca novamente, assegurando-se de que ela poderia continuar tentando convencer Orpheus a dançar com ela. Finalmente, pela primeira vez em sua vida, a felicidade aqueceu Delora.

Ela tinha amigos, pessoas que valorizavam quem ela era sem julgamento, e ela nunca se sentiu tão... livre.

Suas bochechas começaram a esquentar com um rubor tímido enquanto ela olhava para o crânio com cabeça de raposa de Magnar. Seu coração voou. *Eu acho que eu sou...*

Antes que Delora pudesse terminar seus pensamentos, tanto Magnar quanto Orpheus pararam e lançaram seus rostos ossudos na mesma direção.

— Você cheira isso? — Orpheus perguntou, afastando-se de

uma Reia descontente, que quase caiu quando de repente parou de se mover.

— Sim, — Magnar respondeu rapidamente. Então ele soltou Delora, seu olhar varrendo o quintal. — Onde está Fyodor?

Delora empalideceu, sentindo o medo rastejando para acabar com sua felicidade completamente. Ela procurou também, descobrindo que eles não estavam brincando com os pés de todos como normalmente fariam.

— O que está errado? — Delora perguntou, seu coração gaguejando em batidas rápidas. — Reia? Você os viu?

Ela balançou a cabeça.

— Sinto cheiro de sangue, — Magnar disse, deixando-a ir na direção em que ele cheirou.

Alguma parte dela relaxou. *Fyodor não sangra*. Eles também não tinham cheiro, e seu corpo não podia ser prejudicado, pois apenas moldava o que estava sendo esfaqueado neles.

— O cervo se foi — afirmou Orpheus.

Delora olhou para onde uma vez esteve no chão para ver que havia desaparecido. Seus olhos se arregalaram.

— Espere...

Delora correu à frente de Magnar, indo um pouco mais fundo na linha das árvores. Ela só precisava chegar a uma ou duas árvores de profundidade antes de encontrar Fyodor, que já havia começado a separar o cervo.

Seu tamanho já havia crescido exponencialmente, e cada mordida os fazia explodir em largura e massa.

Não sobrou muito, apenas a metade superior do torso do cervo. Todos perceberam tarde demais o que estava acontecendo.

Pelo menos eles estavam seguros, ainda...

— Não! — Delora gritou, correndo para a cabeça do cervo para começar a puxar seus chifres para fugir deles.

*Eles são muito grandes!* Estavam quase na altura do quadril e ela não queria que aumentassem!

Fyodor bateu a mão com garras no cervo e rugiu, suas presas cobertas de sangue se abrindo em advertência em sua direção. Delora

não se importou, ela apenas continuou puxando.

Magnar foi rápido, agarrando Delora pela cintura e levantando-a do chão, mas ela se recusou a soltar o cervo. Ela chutou as pernas no ar em uma tentativa de se livrar.

— Solte, Delora, — ele implorou, arrastando-a de volta e fazendo o cervo vir com ela.

Fyodor estalou suas presas antes de agarrar o outro lado da carcaça do cervo, puxando-o na direção oposta a ela. Seu rosnado era horrível, abafado pela carne em sua boca. Tornou-se mais feroz quando eles ganharam outro salto em sua massa.

*Eles nem parecem uma criança agora.* Eles deixaram completamente de ser uma criança.

Orpheus e Reia, que vieram para testemunhar, recuaram quando Magnar finalmente conseguiu que Delora a soltasse. Fyodor ficou em cima de sua refeição e rosnou.

— Pare-os, — Delora implorou.

— Não é sábio ficar entre um Mavka e sua refeição — afirmou Orpheus. — Se algum de nós se aproximar, eles atacam. Você realmente quer que nós os machuquemos, ou vice-versa?

Seu rosto se enrugou de preocupação sobre o quão grande Fyodor ficaria. Ela não seria mais capaz de segurá-los, tê-los aconchegados em seu colo.

*Não, mas...* Ela não queria isso.

Ela gostava de Fyodor como eles eram. Que eles eram adoráveis e pequenos.

Forçada a vê-los comer o cervo sem poder interferir, Fyodor cresceu cada vez mais. Pelos curtos começaram a brotar em suas extremidades externas, antes que mais pelos de coelho se tornassem óbvios em torno de seus ombros, costas e peito.

Seus ouvidos formigavam com o som grotesco de pele sendo rasgada, ossos sendo triturados e engolidos. Delora não queria nada mais do que se afastar, mas não o fez.

*Eles até comeram a cabeça.* O crânio deles havia crescido, como se os ossos que comeram tivessem ajudado na transformação, e eles mastigavam tudo com facilidade.

A areia preta começou a corroer dois círculos no topo de seu crânio quando os chifres começaram a se formar. Esses chifres então se separaram em galhos bifurcados com barbante pegajoso que grudou nas pontas e bordas até cair sobre o crânio.

Depois de terminar a refeição, Fyodor ficou em pé nas patas traseiras de coelho e nas pontas dos dedos dos pés. E todos, incluindo os dois grandes Caminhantes do Crepúsculo, cautelosamente recuaram.

*Eles são enormes!* Fyodor atingiu uma altura de pelo menos trinta centímetros mais alto do que Magnar.

Suas garras haviam endurecido e eram longas, até mesmo nos dedos dos pés, mas seu corpo parecia oco e desengonçado. Era malformado e afundado em torno do osso, como a coluna onde ela pensou que quase poderia envolver as mãos.

Isso os fazia parecer vazios de órgãos e músculos.

A única coisa que os impedia de parecer realmente retorcidos era o pelo de coelho fofo. Ela percebeu então que os Caminhantes do Crepúsculo cresciam quando comiam.

Eles começaram do tamanho de alfinetes, mas eventualmente dois orbes verdes, que combinavam com a cor de Magnar, começaram a crescer em uma rotação como um vórtice de fogo.

Fyodor começou a bater suas mandíbulas enquanto dava guinchos de coelho que soavam profundos e distorcidos.

Delora tentou dar um passo adiante, apesar do domínio protetor de Magnar sobre ela. Ele a puxou de volta.

Pela primeira vez na vida, seu filho olhou para ela com seus próprios olhos. Verde e tão acolhedor quanto o de Magnar.

Isso foi até que eles ficaram totalmente brancos e Fyodor deu um rugido bestial.

Eles golpearam suas garras em advertência enquanto recuavam, a confusão óbvia pela maneira como eles trocaram o olhar entre todos eles. Ela percebeu que houve uma falta de pensamento, que eles não entenderam quando Fyodor deu gritos.

Todas essas mudanças abruptas trouxeram o caos à sua mente.

Delora se tornou incorpórea para se livrar dos braços de



Magnar.

— Fyodor, — ela sussurrou, sua voz falhando quando ela bravamente se tornou física na frente deles.

Em seu próprio nome, ou talvez apenas pela familiaridade dele, seus sons angustiados pararam. A cabeça deles virou de cabeça para baixo de forma quase bizarra enquanto eles davam um passo hesitante para frente. De quatro, com as patas traseiras de alguma forma não os fazendo tropeçar, eles farejaram o ar bem na frente dela.

Em seu periférico, ela poderia dizer que Magnar havia se aproximado cautelosamente o suficiente para resgatá-la se necessário. Ela tinha certeza de que a única razão pela qual ele não estava interferindo era porque ela tinha a habilidade de se tornar incorpórea.

Delora não estava com medo. Ela se recusou a ter medo de Fyodor, seu próprio filho, mesmo que isso significasse que ela estava em perigo.

Mas ela estava sozinha, a única pessoa à vista de Fyodor, e o vento sutil empurrava sua saia na direção deles.

Eles lentamente se aproximaram um pouco mais, e ela não conseguiu evitar que seus olhos se curvassem de preocupação.

Um guincho alto saiu dela logo depois que os orbes brancos de Fyodor ficaram rosa brilhante e eles a atacaram. Ela teve que colocar as mãos no focinho deles para empurrá-lo para trás, inutilmente, quando eles começaram a lamber seu rosto com longas lambidas babadas.

— Oh meu Deus. Bruto! — ela riu debaixo deles. — Alguém me salve!

Magnar se aproximou. Depois de um breve rosnado de advertência antes que Fyodor reconhecesse que a pessoa que eles podiam *ver* diante deles tinha um cheiro familiar, Magnar conseguiu fazer com que eles a soltassem.

Ela se levantou enquanto enxugava o rosto com o antebraço. Não foi o suficiente para se livrar da saliva espessa, e ela foi obrigada a usar a saia do vestido para limpar o rosto.

Fyodor sentou-se, mas seu corpo era tão grande que eles tinham quase a mesma altura que ela, embora sua bunda estivesse firmemente pressionada contra o chão. Eles pareciam satisfeitos

consigo mesmos.

Apesar de seu novo tamanho, ela não pôde deixar de achá-los fofos – especialmente porque seu rabo de coelho fofo estava obviamente balançando.

– Eles são tão grandes agora. – Delora se aproximou e segurou seu focinho carinhosamente antes de acariciar as mãos até os lados de sua mandíbula. Ela balançou afetuosamente a cabeça deles enquanto a segurava. – Você não é mais meu pequeno Fyodor.

– Acho que não vamos mais caber no ninho – disse Magnar com um murmúrio pensativo.

Apesar de Fyodor não ser mais uma criança e parecer ter o tamanho de um Caminhante do Crepúsculo adulto, o que deixou um pouco de dor em seu peito, ela não pôde deixar de rir do que Magnar disse.

– Talvez não confortavelmente, – ela respondeu com um sorriso terno. – Mas aposto que vai ser muito aconchegante.

– E quente, – Reia riu, fazendo com que todas as três cabeças se voltassem para ela e Orpheus. Ela levantou um braço e deu de ombros. – É outono agora, mas está ficando mais frio a cada dia. Quanto mais calor, melhor. Certo?

Orpheus, parado logo atrás de Reia, colocou as mãos nos ombros dela. Ele se inclinou para bater o lado de seu focinho contra a orelha dela.

– Se você quiser mais calor como este, podemos fazer o nosso próprio...

– Não! – Reia gritou com uma risada, avançando para fugir. – *Ainda* não estou pronta.

Orpheus recuou com um grunhido indiferente, deixando cair as mãos de seu ombro para que pudesse cruzar os braços com um bufo, como uma criança imatura. Ele até virou a cabeça para o lado.

– No entanto, devo admitir, Fyodor me deixa mais curiosa a cada dia. – Fyodor farejou na direção de Reia quando ela se aproximou, mas eles pareciam estar se adaptando melhor agora às suas mudanças. Eles nem sequer lhe deram um grunhido quando ela levantou a mão para que pudessem cheirar a parte de trás de seu

pulso. — É incrível vê-los crescer e entender como é para os Caminhantes do Crepúsculo. A Coruja Bruxa fez com que parecesse muito pior. Então, novamente... talvez para ela, foi.

Orpheus inclinou a cabeça para a frente, mas não parecia inclinado a vir conhecer Fyodor como seu eu adulto. Na verdade, ele parecia bastante cauteloso por Reia estar tão perto, seu pelo obviamente inchado sob a roupa.

— O que você quer dizer? — Delora perguntou, suas sobrancelhas franzidas.

Seus olhos verde-floresta se fixaram nos de Delora, e o olhar que ela mantinha era severo.

— Você tinha Magnar e nós. Não imagino que ela tenha alguém em quem se apoiar.

— Você esquece, — Orpheus rebateu, relaxando quando Reia baixou a mão para dar atenção a ele. — Ela tem o espírito do vazio.

— Algum de vocês já o conheceu para saber como ele é?

Delora piscou quando Orpheus e Magnar levantaram suas cabeças na direção um do outro e então simultaneamente inclinaram suas cabeças em direções opostas.

— Eu não — afirmou Magnar. — E parece que ele também não.

— Não conheceu. — Orpheus balançou a cabeça antes de virar para o lado com o que ela só podia imaginar que era um olhar pensativo. — Mas eu... o senti. Ele permanece em todos os lugares dentro do Véu, e muitas vezes acredita-se que ele é a causa da névoa negra.

— Não adianta especular, — Delora se intrometeu, virando-se para Fyodor, que esperava pacientemente que ela lhes desse atenção. Suas esferas verdes piscaram para rosa imediatamente sob seu olhar.

— Nós realmente não sabemos, e eu quero voltar para casa agora.

Delora não queria ficar perto da barreira. Poderia haver Demônios observando-os, e ela não queria que o Rei Demônio soubesse das novas mudanças de Fyodor.

Ela olhou mais fundo na floresta, constantemente cautelosa.

Todos eles começaram a voltar - todos menos um deles.

— Fyodor? — Delora perguntou, pensando que eles teriam

começado a seguir.

Em vez disso, eles estavam olhando para o Véu, com a cabeça virada completamente para o outro lado. Foi só quando ela disse o nome deles, ou talvez porque ela havia falado, que eles viraram o rosto para ela.

Ela deu um tapinha nos joelhos, tentando puxá-los para ela. Eles ficaram enraizados no chão, torcendo a cabeça com falta de compreensão.

— Vamos. Me siga.

Ela deu um tapinha de novo, e a cabeça deles só virou para o outro lado.

Seu coração começou a afundar, especialmente quando Magnar apareceu ao lado dela e envolveu sua cintura com a mão.

Felizmente, embora muito lentamente, Fyodor começou a andar de quatro para segui-lo.

— Eu me pergunto se podemos trazer Fyodor para dançar conosco, — Reia riu lá na frente na área mais limpa do pátio.

Delora teria rido também, mas ela não conseguia aliviar o poço sombrio que sentia em seu peito.

*Eles não vieram até mim imediatamente.*

— Eles vão embora, não vão? — Delora perguntou a Magnar quando ele se sentou nas escadas da varanda ao lado dela.

Ele se sentou com as mãos cruzadas entre os joelhos separados.

A área estava quase escura. Ainda não estava anoitecendo, mas as sombras da floresta do Véu tornavam tudo mais escuro. Eles sempre lançavam um tom azulado à área, e a névoa ajudava na coloração sombria nessa hora.

O vento fraco fazia com que parecesse mais frio do que o normal, as copas das árvores eriçadas.

Ela optou por se sentar nos degraus em vez do banco simplesmente porque queria poder ver o quintal totalmente. Fyodor estava vagando por ela, como costumavam fazer nos últimos três dias, mas a cada dia, pouco a pouco, eles avançavam cada vez mais para dentro das árvores.

Delora não fez nada além de observá-los, preocupada com o quão longe eles iriam. Várias vezes ela foi forçada a correr atrás deles e de alguma forma convencê-los a voltar. E toda vez, Fyodor olhava para a floresta por um tempo antes de finalmente segui-la.

*Eles parecem tão inquietos.*

Exceto quando eles estavam dormindo, o que não era tanto quanto antes, Fyodor andava. Eles andavam de um lado para o outro no quintal constantemente.

Ela os seguiria, sem vontade de deixá-los ir, mas... ela podia ver.

Eles eram diferentes. Eles não eram mais um bebê. Eles não sentiam mais a necessidade de se agarrar a ela agora que eram grandes e podiam ver.

Os dedos entrelaçados de Magnar se apertaram com mais força, como se a pergunta dela tivesse causado tensão nele.

— Sim, — ele respondeu lentamente, sua voz mais sombria que o normal, como se estivesse triste.

Seu coração deu uma dor dolorosa, do tipo que parecia que estava tentando quebrar.

— É por isso que ela está aqui? — Delora ergueu os olhos para o topo da casa onde a Coruja Bruxa estava atualmente situada em sua forma de coruja. — Ela está... esperando que eles saiam?

A Coruja Bruxa virou a cabeça na direção de Delora e então não fez nada além de encará-la com seus brilhantes olhos amarelos de coruja. Não havia emoção em sua expressão, mas Delora sentiu como se estivesse tentando dizer um milhão de coisas com seu olhar intenso.

— Acho que ela está esperando que você os solte.

Foi então que as sobranceiras de Delora se juntaram com tanta força que ela sentiu uma forte pressão em sua testa. Seu lábio inferior começou a tremer.

Ela desviou os olhos da Coruja Bruxa para enterrar o rosto nas mãos.

— Mas eu não quero que eles indo embora.

A carícia suave e quente da mão de Magnar começou em seu ombro esquerdo e correu pelas costas em uma diagonal antes de envolver seu lado. Ele a deslizou para mais perto. Ele a pressionou firmemente contra seu torso, levantando a outra mão para poder pressioná-la contra a nuca dela e enterrá-la contra o lado de seu peito firme.

— Eu sei, mas... — ele começou.

— Acabamos de salvá-los. — Ela sentiu Magnar envolver seus braços em torno dela mais como se estivesse tentando protegê-la completamente em seu grande abraço. — E-e se o Rei Demônio vier atrás deles? Eles serão levados, ou feridos, e... e... oh, Deuses, Magnar. E se algo acontecer com eles e nunca soubermos?

— É por isso que ela está aqui, Delora. Ela está nos informando que protegerá Fyodor.

Mas Delora já tinha um pressentimento de que era isso que a Coruja Bruxa estava planejando.

Na primeira noite em que Fyodor cresceu, ela ficou dentro de casa observando-os cuidadosamente enquanto preparava o jantar. Delora a vira se aproximar de Fyodor. Ela nunca saberia o que a Coruja Bruxa disse a eles, mas ela deu um tapinha no focinho de Fyodor e, depois de um pouco de incerteza deles, eles finalmente

aceitaram.

Ela os estava acostumando com ela.

— Eles não estão mais felizes aqui, Delora, — Magnar disse da maneira mais gentil que pôde. Sua voz era suave, suplicante, mas só a fez soluçar contra ele. — Não me lembro da primeira parte da minha vida, mas lembro-me de ter passado grande parte da minha vida caçando. Eu estava sempre com fome e não fazia nada além de tentar me livrar daquela dor.

— Eles estão com dor?! — ela gritou indignada.

Por que ele diria a ela algo assim?!

Apesar de seu grito, Magnar deu uma risada solene.

— Sim e não. É mais como quando seu estômago ronca, me dizendo que meu pequeno corvo não come há algum tempo. O meu fazia muito isso. É como uma irritação constante.

Delora mordeu o lábio inferior.

*Eu sei que eles estão com fome.* Ela sabia porque sempre que os abraçava à noite, sempre ouvia seu estômago borbulhar. Fyodor não fazia barulho de angústia, mas eles eram tão magros que eram tão altos... e irritantes.

As últimas noites foram difíceis para Delora porque ela foi capaz de sentir Fyodor se esvaindo cada vez mais. Não fisicamente, mas mentalmente. O coração deles queria vagar, e a única coisa que os impedia era... ela.

O pobre Magnar começou a rastejar para fora do ninho sozinho à noite. Era porque ele estava muito desconfortável, porque não havia espaço suficiente para ele depois que Delora persuadiu Fyodor a dormir, ou porque ele estava sendo... travesso sozinho na floresta.

Mas ela o observou sair uma noite, incapaz de se mover desde que Fyodor a abraçava enquanto roncava *alto*.

Ela pensou que se eles fossem embora, ela também sentiria falta disso.

— Por que você está tão calmo sobre isso? — Havia uma acusação em seu tom, e ela não sabia por que queria começar uma briga com ele. Especialmente desde que ela pensou que iria desmoronar se ele se afastasse dela. Suas emoções pareciam

descontroladas. — Você não se importa com Fyodor?

— Claro que eu me importo. — Magnar se afastou apenas o suficiente para poder trazer uma de suas mãos para frente e envolvê-la em torno de seu queixo e mandíbula, levantando seu rosto manchado de lágrimas em direção a sua raposa. Foi então que ela pôde ver que seus orbes estavam de um azul profundo. — Eu me preocupo profundamente, mas... isso é natural para nós. Eu posso sentir profundamente que isso é algo que eles devem fazer, o que me faz... entender. É como se eu estivesse me observando.

— Desculpe. — Ela se levantou e passou os braços em volta do pescoço dele, permitindo que ele a colocasse de lado em seu colo. — Só tenho pensado em como me sinto.

Ela sabia que ele estava certo, mas não conseguia parar de doer. Nenhuma mãe deveria assistir seu filho passar de um bebê a quase um adulto no espaço de alguns minutos. Havia coisas que ela havia perdido, coisas que ela deveria testemunhar.

*Não é justo.*

— Está tudo bem, Delora. Eu não me importo. — Ele pressionou o lado de sua mandíbula ossuda contra o cabelo dela. — Você está sofrendo, e eu não sei como aliviá-la. Se te faz sentir melhor ficar com raiva de mim, que assim seja.

Magnar acariciou suas costas em um gesto reconfortante, que ajudou a aliviar a tensão que ela sentia. Seu calor e sua voz calma e profunda ajudaram a tornar isso... não tão doloroso. Ela não estava sozinha passando por isso, nem era a única sofrendo.

Magnar compartilhou sua dor, mas ele também estava sendo forte o suficiente para os dois, lógico para os dois - o que era tão estranho.

Mas a forma como seus braços estavam apertados em torno dela, uma parte dela também sabia que ele precisava dela para abraçá-lo também, para confortá-lo.

— Onde eles vão? — Delora perguntou, sentindo-se finalmente se acomodando.

Ela espiou por cima do ombro para ver Fyodor andando entre as árvores antes que eles olhassem para ela como se esperassem que



ela começasse a ir atrás deles.

— Eles se encontrarão na superfície eventualmente. — Um pio soou atrás deles como se a Coruja Bruxa estivesse confirmando isso. — Eu acho que ela planeja levá-los até lá. Será mais seguro.

— Mas e os humanos? Os humanos vão atacá-los.

Era estranho pensar em sua própria espécie como o inimigo, mas se eles machucassem seu precioso Fyodor, ela os desprezaria para sempre.

— Eles podem não parecer, mas são fortes. Demos a eles uma lebre, e as lebres são muito rápidas. Não é com Fyodor que você precisa se preocupar.

Delora recuou apenas o suficiente para olhar diretamente para seus orbes brilhantes.

— O que você está tentando dizer?

Seu tom era firme quando ele disse: — Qualquer humano que os cruzar morrerá rapidamente, Delora. — Ele levantou a mão para poder segurar o lado de sua cabeça e passar o polegar em sua bochecha. Ele foi tão cuidadoso com sua longa e afiada garra enquanto enxugava a evidência de suas lágrimas daquele lado. — Nosso Fyodor é um Mavka, um faminto ainda por cima, e os humanos não sabem como nos matar. Não importa se eles *são* feridos, eles só vão voltar, mais fortes do que eram antes. E com a humanidade que receberam daqueles que conseguiram comer antes de sucumbir.

Ela sabia que Fyodor era forte, que eles seriam rápidos... mas seguros? Isso era tudo com o que ela se importava, e a confiança de Magnar conseguiu aliviar alguns de seus medos.

Agora ela só tinha que lidar com a dor de saber que sentiria falta de seu próprio filho.

Delora se enrolou em Magnar enquanto virava a cabeça para observar Fyodor, que começou a cavar na base de uma árvore em busca de qualquer coisa interessante que pudessem cheirar ali.

Ela sabia que precisava aceitar isso. Toda mãe passou por isso de alguma forma. E embora o fizessem, ela também sabia que isso era... diferente. Fyodor não era um humano prestes a dar os primeiros passos na vida adulta encontrando sua própria casa dentro da aldeia,

se não decidisse deixá-la.

Eles eram um Caminhante do Crepúsculo *selvagem*. Um que ela podia ver... que queria ir.

— Você acha que Fyodor sentirá nossa falta? Lembrará de nós? — ela perguntou em voz baixa. Quando ela não obteve resposta, ela olhou para cima e sua atenção nele fez com que seus orbes se tornassem um azul mais profundo. — Magnar?

— Eu não quero ferir seus sentimentos, Delora.

Ele virou o rosto como se quisesse esconder isso dela. Ela sabia que ele odiava não poder esconder suas emoções dela. Suas orbes mudando de cor sempre o delatavam.

Era uma das muitas coisas nele que ela achava encantadoras.

— Eles não vão, vão? — Um sorriso triste curvou seus lábios. — Acho que prefiro isso.

Ele o virou de volta para ela para poder inclinar a cabeça em questão.

— Você prefere?

— É... não quero que eles fiquem tristes. — Ela trouxe seu olhar para Fyodor mais uma vez. — Eu prefiro que eles apenas sejam seus grandes Caminhantes do Crepúsculo, sem nenhuma ideia de quem ou o que eles deixaram para trás. Só espero que possamos encontrá-los novamente.

— Vamos. — Ele puxou-a impossivelmente mais apertado. — Eu conheci todos os Mavka. É quase como se nos sentíssemos e nos aproximássemos sem querer. Fyodor nos encontrará, ou nós os encontraremos quando estivermos na superfície.

— Ainda acho que sua ideia de me levar a uma aldeia humana para obter suprimentos e me esperar do lado de fora é muito inteligente de sua parte, Magnar.

Ele ergueu a mão apenas para poder momentaneamente e desajeitadamente coçar a ponta do focinho, constrangido.

— Não foi. Reia disse que queria fazer isso quando você não estivesse por perto.

— Então você apenas jogou como se fosse sua própria ideia?! — Ela deu um tapa no peito dele de brincadeira. — Que rude!

Um rosa avermelhado brilhou em seus orbes enquanto ele acenava com a cabeça. — Bem... você nunca me perguntou de onde tirei essa ideia.

— Acho que não quero que você obtenha mais humanidade, Magnar. Você está ficando muito astuto. — Então ela zombou enquanto balançava a cabeça. — Nesse ritmo, você vai dar uma corrida para Orpheus por seu dinheiro.

— Eu... não sei o que essa frase significa, mas se fizer Orpheus correr, então me sentiria melhor.

*Ele realmente não gosta que Orpheus o provoque.* Como esse Caminhante do Crepúsculo poderia fazê-la quase rir quando seu coração estava doendo tanto?

— Delora, — Magnar disse, roçando o canto de sua mandíbula para seduzi-la a olhar para o quintal.

Fyodor estava se afastando, indo mais fundo na floresta antes de quase desaparecer de vista.

Sua frequência cardíaca aumentou, seu peito tremendo sobre os pulmões trêmulos, mas uma sensação de... compostura tomou conta dela. Ela sabia há dias que eles queriam ir embora e estava se preparando mentalmente - mesmo que ela não quisesse.

Isso não impediu que seus olhos lacrimejassem.

— Eu... eu acho que estou pronta para dizer adeus.

— Mas você está prestes a chorar de novo, — afirmou Magnar, seu tom cheio de tanta preocupação por ela.

— Tudo bem. — Ela se contorceu apenas o suficiente para que ele a soltasse e a deixasse ficar de pé. No entanto, ela levantou a mão em sua direção com as bochechas esquentando — Mas você poderia... você poderia por favor segurar minha mão? Eu não quero fazer isso sozinha.

Sua ansiedade e estresse foram imediatamente combatidos quando ele colocou sua mão grande, quente e reconfortante na dela.

— Eu vou seguir você em qualquer lugar, meu lindo corvo. — Magnar se levantou. — Tudo o que você precisa fazer é pedir.

Ele inclinou sua enorme altura para frente apenas o suficiente para que fosse mais confortável para ela segurar sua mão.

Delora o levou para a floresta, e Magnar acompanhou seu ritmo enquanto se curvava para que eles pudessem se aproximar de Fyodor.

De quatro, eles levantaram a cabeça de onde estavam farejando. Fyodor veio cumprimentá-los, e Delora ergueu a mão livre para poder segurar a lateral do crânio de coelho.

— Você meio que me assustou no começo quando entrou na minha vida, mas estou muito feliz por isso. — Então Delora encostou a testa na deles e observou como seus orbes ficaram pretos em boas-vindas. — Eu sei que vou sentir muito a sua falta, mas está tudo bem. Eu sei que você quer ir. Apenas fiquem seguros, ok?

Ela deu um passo para trás e apenas deixou as lágrimas caírem livremente, sem vergonha delas. Ela sabia que Magnar não a julgaria por elas e não queria fingir que não estava triste.

Estava tudo bem em ser vulnerável.

Ele apertou a mão dela, de alguma forma sabendo que ela precisava ser lembrada de que ele estava lá, embora fosse difícil perder sua presença avassaladora.

O focinho de Fyodor balançou levemente enquanto eles farejavam o ar, chegando mais perto antes de lamberem sua bochecha. Delora soltou uma risada, cheia de humor e dor.

— Um dia, eu vou te encontrar novamente e espero que você tenha ganho humanidade suficiente para que eu possa falar com você. — Ela apertou a mandíbula quando sua voz começou a tremer, tentando abrir caminho através de suas palavras. Ela limpou a garganta e fungou. — Vou te dizer que sou sua mãe e que te amo muito e que fiquei muito feliz por você ter nascido.

Fyodor apenas inclinou a cabeça para ela, sem entender uma única palavra que saiu de sua boca. Ela não se importava. Ela sabia que eles provavelmente não se lembrariam de nada disso, mas uma pequena parte dela esperava que eles pelo menos entendessem a mensagem que ela estava tentando transmitir.

— E... E é melhor você me deixar te abraçar, Fyodor. Caso contrário, vou ficar muito brava com você.

Ela não sabia como seu coração podia se sentir mais pesado e

mais leve ao mesmo tempo, mas pelo menos ela conseguiu se despedir do seu próprio jeito. Isso foi mais do que muitos outros conseguiram nesses tempos sombrios e cheios de demônios.

Ela voltou seu olhar para Magnar.

Depois de alguns momentos dela olhando para ele, ele finalmente começou.

— Devo dizer alguma coisa?

Suas sobrancelhas franziram profundamente.

— Você não tem nada que queira dizer a eles?

Magnar coçou as penas em volta do pescoço.

— Não sei o que devo dizer ou fazer. — Apesar disso, ele ainda ergueu a mão e apenas... deu um tapinha no topo da cabeça deles, batendo levemente algumas vezes, fazendo o crânio de Fyodor quicar.

— Você é estranho, e sua presença tem sido confusa para mim. Mas não deixe o espírito do vazio levá-lo, caso contrário, irei para a vida após a morte e o repreenderei por isso.

Então ele virou a cabeça rapidamente para Delora.

— Isso é o que os pais fazem, certo? Eles repreendem seus filhos?

— Como você...

Não demorou muito para Delora somar dois mais dois. Ela revirou os olhos. *Reia deve ter explicado isso para ela.*

Depois de balançar a cabeça, a estranheza de Magnar sobre a coisa toda de alguma forma tornando isso mais fácil para ela, ela voltou sua atenção para Fyodor. Ela deu-lhes um beijinho doce entre as órbitas ocas que estavam cheias das esferas verdes brilhantes de Magnar.

Seu filho não se parecia em nada com ela, mas ela amava cada pedacinho deles.

— Seja um bom Caminhante do Crepúsculo e fique forte. E não deixe ninguém intimidar você. — Então ela virou a cabeça de Fyodor em direção à floresta, em direção ao Véu para o qual eles estavam lentamente se dirigindo. — Agora vá, antes que eu mude de ideia e mantenha você aqui para sempre.

Quando Fyodor não se mexeu, ela os empurrou para a frente

até que estivessem de pé. Eles hesitaram no início, mas lentamente começaram a se aprofundar na floresta, constantemente olhando por cima do ombro.

Delora acenou. Ela achou fofo quando Magnar a imitou, provavelmente apenas para fazê-la se sentir à vontade para fazer isso.

No momento em que eles estavam fora de vista, duas coisas aconteceram. A Coruja Bruxa voou diretamente sobre eles para seguir Fyodor, suas asas sibilando no ar.

E Delora não conteve mais sua tristeza quando um soluço se rompeu.

Magnar tentou o seu melhor ao longo da noite e no dia seguinte para consolar sua mulher perturbada. Ele tentou acalmá-la enquanto ela ocasionalmente chorava profundamente no dia seguinte após o desaparecimento de Fyodor.

Ele acariciou o cabelo dela enquanto ela se aninhava contra ele em seu ninho, tocou a caixa de música que tanto a alegrara no dia anterior e preparou o chá que Orpheus lhe mostrara como fazer.

Suas lágrimas eram raras e vinham em rajadas, e ela parecia querer fazer pouco mais do que estar ao lado dele.

Agora, já passava do meio da noite, e ele se deitou silenciosamente com ela dormindo, o rosto dela manchado de lágrimas rosa e esmagado em seu peito, enquanto ele pensava consigo mesmo.

Por mais que ele sentisse falta de Fyodor à sua maneira, uma parte dele absolutamente acolheu isso porque Delora parecia se acomodar apenas quando ele a estava segurando. E por mais que ela estivesse triste, ela também tentou confortá-lo, sem perceber que, embora ele se preocupasse e sentisse falta de Fyodor, a maior parte de sua preocupação era com ela.

Talvez ele estivesse desconectado de realmente se sentir triste por causa do que ele era. Ele pode ter ganhado humanidade, mas foi limitado pelo fato de ser um Mavka.

A alma de Delora tinha entorpecido fortemente em seu brilho com a partida de Fyodor, mas estava começando a retornar ao seu novo normal – mais brilhante com a vida do que quando ela o presenteou pela primeira vez.

Havia apenas uma fissura de escuridão deixada em sua alma, uma que se estendia desde o seio direito até o quadril esquerdo. Ele não sabia como removê-lo, e era a última peça que o impedia de se transformar completamente em chamas.

*Ela não lida bem com sua tristeza.* Magnar escovou uma mecha de cabelo que estava presa em seus lábios entreabertos. *Mas eu não me importo.* Ele correu uma garra sob sua mandíbula para que seu rosto se inclinasse ligeiramente para que ele pudesse olhá-la. *Ela é linda, não*

*importa o estado de seu rosto.*

Ele meio que gostou do rosado em suas bochechas e nariz. Mostrava que ela era cheia de vida. Ele preferia muito mais do que as olheiras que ela costumava ter sob seus olhos sem vida e sombrios.

Ele desenhou uma garra sobre o lado de sua bochecha quase em reverência. Apesar de tudo nos últimos dias tristes, Delora sentiu vontade de beijá-lo algumas vezes, e cada uma fez seu coração palpitar.

Ela também o acolheu em troca, como se quisesse estar mais perto dele, quando ele achou muito difícil resistir a lambe-los lábios. Ela dançaria sua língua com a dele. Eles compartilharam esse tipo de beijo, o único que ele poderia fazer, mas nenhum deles foi além disso.

Parecia que ela desejava proximidade.

Por mais que Magnar quisesse tocar Delora intimamente, ele não queria que ela pensasse que ele não se importava com sua dor.

*Quando ela estiver se sentindo melhor, podemos tentar então.* Ele bateu o focinho contra ela. *Estou contente em esperar por ela.*

Quando o amanhecer se aproximou, Magnar se permitiu descansar fechando a visão. Ele não saiu como antes de Fyodor sair de casa, preocupado que ela ficasse perturbada se ele não estivesse ao seu lado.

Ele não esperava acordar antes do nascer do sol. Ele sabia que devia ter procurado por ela, apenas para descobrir que ela estava ausente de seu ninho.

Ainda era a escuridão da noite.

Ele se moveu para se levantar, mas não sentiu necessidade de se apressar quando ouviu a respiração vindo de dentro da casa.

Delora estava de joelhos em uma de suas camas, a lareira acesa para mantê-la aquecida e fornecer luz. Havia também duas velas ao seu lado, iluminando a parede que ela pintava na sala.

— O que você está fazendo, Delora? — Magnar perguntou enquanto se aproximava.

— Eu não conseguia dormir, — ela murmurou baixinho, nunca tirando os olhos da parede. — E eu decidi que não quero mais chorar.

O que ela estava pintando não passava de uma malha de



bolhas e linhas, o começo de uma grande obra de arte. Atualmente ela estava pintando uma forma semi-triangular branca em cima de uma bolha preta com membros. Era pequena, mas ele podia ver que o contorno desenhado de duas outras formas próximas a ele de cada lado eram muito maiores.

*Fico feliz que ela tenha parado de chorar.* Seu rosto não estava vermelho como nos últimos dois dias, o que significava que ela não chorava desde que acordou. *Ela está curando.*

Ele se ajoelhou ao lado dela, não querendo afastá-la de uma tarefa que talvez a fizesse se sentir melhor.

Olhando para o que ela estava criando, ele perguntou: — O que você está pintando?

— Nós. — Ela estendeu a mão para enxugar a ponta do pincel em uma tigela com tinta branca, antes de continuar. — Eu estava preocupada em esquecer a aparência de Fyodor. Mesmo que os veja novamente, sei que serão grandes, mas queria me lembrar deles quando eram pequenos.

Ele percebeu então que as formas que ela estava pintando eram sua família, com Fyodor pequeno, e Delora e Magnar de joelhos logo atrás de seu filhote.

Suas sobrancelhas escuras estavam franzidas em um nó de concentração, seus lábios franzidos com a mesma emoção. *Ela é tão fofa assim.*

Quando ela percebeu que ele estava apenas olhando para ela, ela olhou para ele com o canto do olho.

— Desculpe. Isso não deve ser muito divertido para você. Você quer ajudar?

— Eu? — Sua visão recaiu sobre as cores e pincéis adicionais em tigelas. — Eu não sei como fazer isso.

Ela tentou dar a ele um sorriso tranquilizador, mas era óbvio que era fraco e falso.

— Tudo bem. Aqui. — Ela entregou a ele a ponta de um pincel que tinha tinta preta pingando. — Talvez você possa se pintar? Apenas tente ficar dentro da linha que desenhei, mas mesmo que você saia dela, posso consertar.

Silêncio confortável, exceto pelo crepitar do fogo e suas respirações, ecoou entre eles quando Magnar começou a trabalhar o pincel contra a madeira. Ele obteve uma nova tinta quando ela diluiu, tentando ao máximo não cometer erros.

Seus orbes piscariam em um rosa avermelhado quando ele o fizesse, mas sua garantia de que tudo ficaria bem permitiu que voltassem ao verde com facilidade.

Mas... Magnar não se interessava por pintura.

Ele gostava de vê-la fazer isso, mas não era uma tarefa que o interessasse. Pintar uma parede tinha pouco valor para ele.

Ele finalmente abaixou a mão e mais uma vez ficou absorto na visão tentadora dela.

A lareira lançou luz contra ela, iluminando algumas áreas dela enquanto outras estavam sombreadas. À sua maneira, ele pensou nela se misturando com vários tipos de luz como arte. Sempre o hipnotizava ver seus olhos brilharem ou a maneira como sua pele bronzeada brilhava com um tom dourado.

Ele não percebeu que pintou suas garras até que ele as acariciou sob sua bochecha para acariciar as sombras lá.

*Eu a marquei.* Ele olhou para suas garras, antes que sua visão encontrasse o caminho de volta para ela.

Seu coração batia estranhamente em seu peito. Ele *gostou* de ver a evidência de seu toque nela – um que não causava dor. Sua visão se fixou na mancha negra.

– *Delora,* – ele murmurou, sua garganta entupida com uma emoção que o deixou com uma sensação de desejo. Ela virou seus lindos olhos castanhos para ele, e eles refletiam uma cor tão quente e convidativa com a luz do fogo brilhando neles. Eles estavam quase derretidos, tão ricos e vibrantes. – Eu... gostaria de pintar você em vez disso.

Seus olhos caíram para sua colocação na pintura. – Quer mudar de lado, então?

Ele balançou a cabeça enquanto mergulhava as pontas de suas garras em uma cor aleatória, descobrindo que era verde quando levantou a mão para acariciá-la na têmpora.

— Não. Tipo como você pinta meu crânio.

Sempre lhe trazia alegria quando ela fazia isso por ele, ele esperava que fizesse o mesmo por ela.

*Eu quero ver o sorriso dela.*

Ela nunca saberia o quão viciante ele os achava. Eles não eram mais novos, ela tinha lhe dado muitos sorrisos, mas sempre causavam uma sensação fofa em seu peito.

— Oh. — Seus olhos voaram para a pintura que ela estava fazendo, e ele percebeu que ela ainda queria continuar sua tarefa, que ela ansiava. No entanto, ela se ajoelhou enquanto colocava o pincel para baixo para dar a ele uma visão frontal completa. — Claro. Eu gostaria que você tentasse isso. Eu posso, uh... sempre voltar a isso mais tarde.

Apesar de suas palavras, seus orbes mudaram para azul – e ele desejava que não.

— Você não quer.

Magnar não queria obrigá-la a fazer algo que ela realmente não queria fazer com ele. Ele poderia fazer isso mais tarde, pelo menos agora ele sabia que era algo que ele gostaria de tentar no futuro.

Ela rapidamente estendeu a mão e agarrou seu pulso.

— Não, por favor. — Ela se arrastou para frente, já que ele era muito pesado para ela levá-lo para mais perto. — Eu gostaria que você me pintasse. Caso contrário, eu teria dito não.

Havia uma sugestão suplicante em sua expressão franzida. Ele percebeu que ela realmente queria, não apenas porque ele queria, mas por causa de seus próprios motivos – aqueles que eram importantes para ela.

— Só saí da nossa cama porque pude ver que você estava dormindo e não queria ficar acordado sozinho. — Delora virou o olhar para o lado enquanto fazia beicinho. Ela resmungou: — Eu meio que queria estar com você.

Delora tinha estado muito pegajosa nos últimos dias. Algo que Magnar acolheu de todo o coração.

O calor acendeu em seu peito, e ele se inclinou para mergulhar suas garras na tinta verde. Ele queria ver a cor de seus orbes em seu

estado normal nela. Ele passou as costas deles sobre sua bochecha.

Ele estremeceu com a mancha dele contra sua pele lisa.

Não demorou muito para que ele estivesse mergulhando as pontas dos dedos no azul para poder passá-lo acima de sua testa e para baixo na curvatura de seu nariz. Ela fechou os olhos para ele, permitindo que ele fizesse o que quisesse.

Ele passou vermelho nos lábios dela, sentindo a parte inferior sob sua carícia.

Não havia nenhum plano em seu trabalho enquanto ele a tocava, quase adorando os traços de seu rosto. Sua sobrancelha suave, mas arqueada, suas bochechas arredondadas, seu lábio inferior carnudo que era muito mais cheio que o superior.

Seu rosto era uma confusão de cores, e ele gostou de ver cada uma delas, sabendo como a acariciou para criar sua marca permanente, mas gentil.

Ela soltou um pequeno suspiro rouco quando ele puxou a garra do polegar de seu queixo ao longo de sua mandíbula, e ela até inclinou o lado de sua cabeça para ele.

Ele acariciou sua jugular, e aquele cheiro doce e erótico começou a sair dela. Isso o informou que ela estava gostando disso, seu toque coberto com tinta fria e úmida, tanto quanto ele. Cada nova carícia provocava uma profunda admiração dentro dele.

Cada parte dela valia a pena louvar, adorar, e ele queria *adorar* mais com seu toque.

*Eu quero ir mais para baixo*, ele pensou enquanto desenhava uma combinação de cores no esterno dela, onde a camisa que ela vestia estava ligeiramente aberta.

Esquecendo-se da tinta em seus lábios, ela os lambeu antes de morder o de baixo. Como se ela tivesse conseguido ler seus próprios pensamentos, a cabeça inclinada para o rosto dela em surpresa quando as mãos dela subiram para desfazer o botão superior. Ela moveu-o para baixo para que ela pudesse expor a redondeza de seus ombros.

Seu sangue disparou ao vê-los. Com antecipação vibrando, ele acariciou toda a sua grande mão sobre um, manchando sua pele com todas as cores com as quais cobriu sua palma.

Ele fez o mesmo com a outra mão, mergulhando por baixo da camisa para também pintar parcialmente a parte de trás do ombro dela enquanto acariciava para frente e por cima dele, descendo pela parte plana do peito acima do seio.

Delora abriu os olhos e Magnar fez uma pausa com seu olhar sobre ele. As partes de sua carne que ainda podiam ser vistas ficaram vermelhas com o calor, e quanto mais ela olhava para ele, mais ele podia sentir o cheiro de sua *excitação* crescendo.

Mover-se atrás de sua costura fez seu estômago apertar, seu corpo reagindo a ela, a esse perfume tentador que ele queimava para ter em sua língua novamente.

Fazia alguns dias que ele não conseguia dar prazer a ela com os dedos ou a boca, e Magnar ardia por isso. Ele também queria desesperadamente sua boca gananciosa e as mãos sobre ele novamente.

*Ela está triste. Ela não vai querer fazer isso comigo agora.*

Talvez ela só estivesse deixando ele fazer isso como uma distração, mas Magnar não se importava. Ele estava contente em apenas ter permissão para fazer isso.

Delora desabotoou o resto da camisa. Ela a tirou do corpo, dando a ele uma visão dela nua, exceto pela tira de pano que ela amarrara nos quadris como roupa íntima.

Ela parecia um pouco nervosa. Até ele podia sentir isso com o jeito que ela se mexeu levemente. No entanto, ela estava confortável o suficiente para se expor para ele, e sua visão atraiu seus seios grandes, adoráveis e ligeiramente caídos. Ele estremeceu com desejo *feroz*.

Então, de que cor ele queria pintá-los?

Todas as cores possíveis.

Magnar agora estava cheio de um senso de urgência. Ele colocou uma palma na tinta azul, a outra vermelha, e então juntou as mãos para poder fazê-las girar. Ele não sabia que ficaria *roxo* nos lugares que tocavam e misturavam, mas uma emoção o percorreu.

Era a cor perfeita para ela, para eles.

Ele segurou ambos os seios e ela se encolheu com o frio antes de pressioná-los profundamente em suas mãos grandes para mais. Ele

se inclinou um pouco mais perto dela, sua respiração mais ofegante do que antes, enquanto seus tentáculos se moviam atrás de sua costura para envolver seu pênis e impedi-lo de sair.

Uma pequena batalha começou dentro de seu corpo enquanto ele batia em seus lindos mamilos com os lados de seus polegares. Seu interesse pela pintura morreu. Em vez disso, ele agora estava completamente focado em tocar Delora e seu corpo macio e maleável.

Ainda mais quando ela deu a ele um pequeno gemido delicioso quando ele deu um aperto hesitante, mas forte, em seus seios.

Suas mãos deslizaram para longe para que ele pudesse colocá-las sobre seus lados, suas garras a apenas alguns centímetros de tocá-la enquanto espalhava restos de tinta sobre ela.

Ele podia sentir a textura de suas estrias e acariciou algumas delas, querendo senti-las, para dar-lhes a adoração que mereciam. Ele fez o mesmo com cada mergulho de pele, cada marca, cada parte que era mais gorda que o resto dela.

— Magnar — ela gemeu, inclinando-se para a frente e pressionando os lábios na ponta do focinho dele enquanto passava os braços em volta do pescoço dele. Suas penas incharam em reação.

Suas mãos mergulharam em sua calcinha para que ele pudesse deixar marcas de palma em sua bunda enquanto ele a agarrava com um estremecimento destruindo todo o seu corpo.

Ele cumprimentou os lábios dela com a língua, e ela o beijou confusamente. Ela pegou a língua dele algumas vezes com os lábios, então ela os separou para que ele pudesse mergulhá-la dentro.

*A tinta*, pensou de repente.

Ela poderia parar se ele não tivesse nenhuma, e ele gostava que ela estivesse tentando alcançá-lo.

Ele procurou cegamente por tigelas de tinta para mergulhar as mãos enquanto enrolava a língua na dela, ouvindo as tigelas baterem no chão. Ele sabia que derramou uma. Ele não sabia com que cor revestia a parte de trás de suas coxas, mas não se importava. Ele amassou a carne delas.

Magnar nunca esperou que ela o fizesse, mas Delora começou a desabotoar rapidamente seus botões antes de tirar a camisa dele. Ele

não se importava com o motivo, apenas que isso significava que eles estavam mais próximos. Ele a ajudou antes de colocar os braços ao redor dela e puxá-la para seu colo enquanto se ajoelhava no chão de madeira.

Ele grunhiu quando ela desabotoou sua calça e empurrou a mão contra sua costura. A batalha dentro dele foi instantaneamente perdida sob sua carícia, e seu pênis protegido por tentáculos foi extrusado em sua palma à espera.

— Delora? — ele perguntou com incerteza, afastando sua língua entre os lábios dela.

— Tire-as, — ela exigiu quando começou a puxar a calça dele. Por mais que ele e Delora estivessem se tocando ultimamente, Magnar nunca havia sido realmente despido na presença dela. — Tire!

Ele fez o que ela exigia, erguendo os dois enquanto a segurava com um braço. Ele tirou a calça do corpo.

Ele pensou que ela iria sair de cima dele para se ajoelhar entre suas coxas como de costume quando ele voltasse à posição anterior, mas ela permaneceu sobre ele. Em vez disso, ela acariciou seus tentáculos, persuadindo-os a liberar seu pênis.

Ela brincou com os lábios e a língua contra as presas dele até que conseguiu persuadi-lo a deslizar a língua de volta para dentro de sua boca. Sua primeira incursão fez com que uma respiração escorregasse dele.

Magnar congelou, seu coração até parou por um momento, quando ela espalmou a parte superior de seu pênis para que pudesse pressionar a parte inferior contra os lábios de suas dobras expostas. Delora desamarrou e tirou a calcinha em algum momento enquanto ele tirava a calça, pegando-o desprevenido.

*Eu só queria pintar o rosto dela.* No entanto, foi ela quem os trouxe para esta posição, para abaixar sua roupa até que ela a removesse – e a dele. Ele começou a se perguntar por quê.

Isso foi até que ela resistiu contra o comprimento dele. Ele empurrou de volta, todos os seus pensamentos ficaram quietos. Seu clitóris estava aninhado na ranhura na parte inferior de seu pênis, ambos os pontos sensíveis em seus corpos, e ambos emitiram um

ruído de prazer ao mesmo tempo.

Magnar não se importava que ela estivesse espalhando tinta por todo o pelo dele ou que ele estivesse arruinando as marcas que havia colocado em seu corpo. Ele apenas a pressionou mais perto e a ajudou a se mover contra ele.

*Eu gosto disso.* Eles nunca se chocaram um contra o outro até a liberação, mas ele gostou de como... quase macio era.

Ela afastou a boca e olhou para baixo de seus corpos com a cabeça pressionada contra um de seus músculos peitorais. Seu eixo estremeceu quando ele percebeu que ela estava assistindo eles se moverem.

— Dentro de mim, — Delora sussurrou com uma voz rouca. — Eu preciso tanto de você dentro de mim, Magnar. *Por favor.*

Seu corpo inteiro se apertou, seu pênis inchando enquanto pulsava, ante sua súplica. Suas garras cravaram em suas coxas, talvez um pouco profundamente, já que ele cheirou uma gota ou duas de sangue.

*Porra.* Magnar gemeu mentalmente, estremecendo. *Eu quero isso também.* Ele precisava disso, especialmente porque podia sentir sua boceta deslizando por baixo dele como uma provocação travessa e terrível. *Eu quero que ela me engula tão inteiro que eu desapareça. Eu quero empurrar dentro dela até que ela se espalhe em cima de mim e me cubra com seu perfume.*

Apesar de seus pensamentos, Magnar se afastou e segurou o lado do rosto dela para poder levantá-lo, forçando-a a encontrar seu olhar.

— Eu não vou ser capaz de me impedir de gozar dentro de você.

Ele sabia que era a verdade.

Seus tentáculos já *doíam* para se agarrar a ela, para forçar seu corpo sobre ele para que ela não pudesse escapar e nem ele. Eles ansiavam por torná-los inseparáveis até que ele terminasse, até que ela estivesse completamente preenchida com sua semente.

Ele ofegou apenas com o pensamento, com a própria memória de fazer isso. Sua cabeça girou quando ele caiu mais fundo em sua



névoa cheia de luxúria.

— Sim, — ela gemeu, esfregando-se contra ele e quase fazendo-o perder a vontade. — Por favor, Magnar. Eu quero sentir você gozar dentro de mim novamente. Estava tão quente e úmido e *em todos os lugares*. Tem um gosto tão bom, mas também é bom pra caralho.

Ela estremeceu tão profundamente que ele sentiu. Ela tentou se mover mais rápido sobre ele, mas também mais alto, como se estivesse tentando fazer isso sozinha, para enterrar seu pênis e aquecê-lo por dentro.

— *Pare*, — ele rosnou, agarrando sua bunda e quadris para detê-la.

Ele precisava detê-la antes que ele se enfiasse tão profundamente dentro dela que temesse quebrar os dois.

Delora se afastou, e a expressão que ela deu a ele era de mágoa inconfundível.

— Você não quer?

Quando parecia que ela estava tentando escapar, Magnar a segurou com força com um braço e segurou a parte de trás de sua cabeça com a outra mão. Seus dedos se enroscaram em seu longo cabelo.

— Faremos outro filhote se o fizermos. E... acho que não consigo lidar com isso.

Assistir Delora todos esses meses deu a ele uma mistura de emoções. Ele não gostou de ver sua doença quando aconteceu pela primeira vez ou sua dor quando ela os trouxe ao mundo. Depois, havia as outras batalhas que eles tiveram que enfrentar juntos – algumas agradáveis, muitas não.

Ele queria que Delora fosse dele, não algo que fosse compartilhado. Ele se importava com Fyodor, mas eles eram carentes e pegajosos, sempre atrapalhando, sempre querendo a presença dela.

*Eu só quero que ela seja toda minha.*

Delora não pôde deixar de se sentir rejeitada.

Aqui ela estava se oferecendo, e Magnar estava dizendo... não. Arranjar desculpas para *não* o fazer.

Ela começou a se afastar, sentindo-se notavelmente tola por ter começado isso.

Para Delora, revelar-se foi um salto feito com confiança. Com *confiança*. Ela cobriu os seios com um braço enquanto o outro cruzava para proteger seu monte púbico. Sua carne aquecida de repente parecia muito desconfortavelmente exposta.

Magnar a manteve firme.

— Você poderia simplesmente sair, — ela murmurou, quebrando o contato visual e olhando para qualquer lugar, menos para ele.

Ele deu uma risada cheia de humor, uma que era estrondosa e profunda. Ele lambeu a borda de sua mandíbula, o lado virado para ele sem pintura, mas ela tinha a sensação de que ele não teria se importado de qualquer maneira.

— Você realmente acha que eu seria capaz de resistir à tentação de encher completamente sua boceta com minha semente uma vez que estivesse dentro de você? — Magnar disse de uma maneira provocante, forçando arrepios a formigar em sua carne ao som de sua voz e sua língua deslizando por ela. — No momento em que eu estiver dentro de você, você se envolverá em meu pau, não vou deixar você escapar.

Seu estômago vibrou assim que suas paredes internas se apertaram, querendo sentir tudo isso. Parte de sua apreensão diminuiu.

— Eu quero você marcada por ele, coberta. Quero que você o roube de mim e o reivindique como seu enquanto o segura para mim. — Ele começou a morder bem a frente de suas presas na lateral do pescoço dela, sendo cuidadoso com ela enquanto beliscavam. Ela deu um suspiro rouco, inclinando a cabeça para trás para que ele pudesse chegar a sua carne mais fácil. — Mas eu não quero que você devolva

nada. Não serei capaz de me afastar, Delora.

Seu rosto se enrugou em linhas agonizantes. — Então, como vamos...?

*Ele quer. Isso aliviou suas preocupações, mas sempre havia algo no maldito caminho! Eu quero... eu quero tanto fazer sexo com ele.*

Seu corpo estava implorando por isso, pingando de necessidade e desejo por *ele*. E ela sentiu isso toda vez que eles se tocaram no passado recente, seu corpo vibrando com a expectativa de que ele a preenchesse, mas algo sempre a impedia de falar sobre isso.

Hoje à noite, ela finalmente deu aquele salto. Para apenas... descaradamente e bravamente pedir isso a ele, em vez de se perguntar por que ele mesmo não o fez.

*Então, por que não podemos?*

— Eu posso evitar, — ele afirmou, e ela virou o rosto para ele quando ele se afastou. — Falei com Orpheus, e ele me contou sobre um feitiço que posso fazer para evitar que você dê à luz qualquer filhote até que eu o remova.

— Sim. Ok. — Ela se aproximou. — Faça isso.

Ela faria qualquer coisa para poder tê-lo.

— Não obtive sua permissão totalmente da última vez quando mudei você. — Ele aninhou seu focinho contra ela, fazendo sua pele formigar com mais arrepios quando ela sentiu sua respiração quente envolvendo sua garganta. — Eu queria ter certeza de que receberia desta vez antes de fazer algo em seu corpo. Pode doer um pouco.

Magnar levantou a mão para poder morder o lado dela para tirar seu próprio sangue. Ele esfregou os dedos contra a palma da mão, espalhando-a sobre ela até que estivesse coberta.

*Ele não precisou de seu próprio sangue da última vez.* Ela só o tinha visto usar seu sangue para magia ao criar seus banhos.

Ela estava tão agradecida por ter uma banheira agora.

Delora virou os olhos para baixo para assistir, afastando-se para dar-lhe espaço quando ele espalmou seu estômago para espalhar seu sangue roxo nela. Seu olhar percebeu que seus tentáculos se moviam ao redor de seu pênis para proteger o que podiam, mas ela podia dizer que a ponta mais escura estava secando. Estava se

projetando entre eles, e ela gostou de vê-lo descansando contra seu quadril e a lateral de seu estômago dobrando sobre ele.

Ela o esfregou para que umedecesse, e ele soltou um pequeno suspiro, pressionando seu pênis mais fundo em suas mãos.

— Obrigado. — Ele posicionou as pontas de suas garras contra sua carne, e ela sabia que ele estava olhando para ela pela forma como seu crânio estava posicionado. — Pronto, meu pequeno corvo?

Ela estava pronta para finalmente tê-lo dentro dela novamente?

— Sim.

— Você sabe quanto tempo eu estive esperando por isso? — ele raspou contra sua garganta quando a trouxe para mais perto agora que sua mão estava em posição. — Estava esperando você pedir isso?

*Ele tem esperado* — Delora engasgou quando ele a espetou com suas garras, e ela sentiu uma estranha sensação de picada e beliscão lá no fundo. Ela agarrou seu pelo, mas abafou qualquer outro ruído que ameaçasse sair.

A última vez que ele fez isso com ela, ele estava movendo seu pênis dentro e fora dela, dando-lhe dor e prazer ao mesmo tempo. Isso trouxe apenas dor.

Um símbolo verde quase tão grande quanto a mão dele começou a brilhar na barriga dela, mostrando a ambos que o que quer que ele estivesse fazendo estava funcionando. Quando ele puxou suas garras, o brilho verde permaneceu permanentemente em torno de seu umbigo.

— Pronto — disse ele. — Está...

Antes que ele pudesse terminar de falar, Delora agarrou os cantos de sua mandíbula ossuda e empurrou a ponta de seu focinho contra seus lábios.

Sua boceta latejava, seu clitóris formigava, e agora que estava pronto, ela não queria atrasar mais.

— Eu preciso te foder. Eu preciso *sentir* você, — ela implorou, tentando acariciar o que podia de seu pênis parcialmente exposto. — Eu te quero tanto e por *tanto* tempo.

Seus tentáculos se soltaram. Ele empurrou contra ela, e ela o cumprimentou de volta. Suas mãos foram rápidas para segurar a parte

de trás de sua cabeça e cintura para puxá-la para mais perto.

Ela podia sentir o pelo dele contra suas canelas, joelhos e a parte de trás de seus pés. Como cobria a frente dela enquanto ela se pressionava contra seu corpo firme. Ela passou mais tinta nele.

*Eu não posso esperar mais.*

Ela estava ficando com mais tesão a cada segundo, frustrada até por isso, e ela estava tão excitada que temia entrar em combustão.

Delora agarrou o lado de seu pênis logo abaixo da cabeça larga, os pequenos nódulos cumprimentando sua palma, e levantou seu corpo mais alto. Desde que ela estava sentada completamente em cima dele, seus tentáculos envolveram seus tornozelos quando ela não esperava. Eles seguraram firme, apertando-a.

– *Delora*, – ele gemeu quando ela pressionou a entrada de sua boceta até a ponta.

Uma cintura inacreditavelmente dura a cumprimentou. A umidade de seu lubrificante espalhou-se sobre os lábios de suas dobras já escorregadias. E o calor, tão estranho e quente, a aqueceu.

A cabeça de seu pênis não era lisa por causa do sulco que alcançava o buraco no topo, e ela se esfregou sobre ele apenas para provocar os dois.

– *Ah*. – Ela deu um pequeno gemido de satisfação quando ele começou a puxá-la, impaciente para que ela se sentasse em seu pênis.

Havia a dor que vinha de não ter algo tão... inacreditavelmente enorme dentro dela por tanto tempo, e a cabeça era difícil de estourar, especialmente com suas protuberâncias. Ela engasgou, e seu estômago mergulhou em êxtase quando isso aconteceu.

*Tão grande*. Ela estava se *esticando* para ele, tomando-o e forçando seu corpo a aceitar. *Tão quente*. Suas pálpebras vibraram de euforia quando ela se espetou até a metade. *Meu*. *Ele é meu*. *Este pau é meu*.

Como se ele fosse capaz de ouvir seus pensamentos, uma vez que ela estava maravilhosamente sentada o mais fundo que podia ao redor dele, ele rosnou, – *Minha* – em troca.

– Ohhh, porraaa – ela gritou.

Ela estava tremendo ao redor de seu pênis, seu corpo

visivelmente tremendo de necessidade. Sua cabeça caiu para trás quando seus lábios se separaram. Seu peito subiu mais alto. Ela continuou segurando o pescoço dele apenas para poder ficar atordoada e se concentrar completamente na maneira como ele era dentro dela.

Ela começou a se mover em cima dele.

Havia uma umidade em ambos que dava a impressão de que tudo estava superlubrificado, e ela *adorou*. Seu pênis pressionou em todos os lugares, enchendo-a – mas ela queria mais forte, mais profundo, tudo dele. Ele empurrou para dentro dela, permitindo-lhe apenas um simples gosto do que ela precisava.

Seu cheiro de baunilha e creme envolveu seus sentidos. Ela tentou sugar mais profundamente o ar só para ter mais.

Houve um som estrondoso vindo de seu peito enquanto grunhidos suaves tremiam nas pontas com um rosnado leve. Tudo o que ela sentia era calor, por dentro e por fora, e seu pelo fazendo cócegas em seus mamilos endurecidos e sensíveis. Seu torso massageava sublimemente seus seios pesados.

Nenhum dos dois se importava com a tinta que ela estava esfregando em seu torso, especialmente porque Delora já se sentia perdida em seu próprio prazer.

– Muito... *lento*, – ele gemeu antes de agarrar sua bunda e cintura mais forte para puxá-la para baixo, para começar a trabalhar em seu pênis. Ele inchou, fazendo-a ofegar e suas entranhas o apertarem. – Mmm, assim é melhor.

Delora sentiu-se deslizando em torno de seu pênis mais rápido, Magnar puxando-a para cima até que ela sentiu sua entrada puxando ao redor da borda gorda de sua cabeça do pênis, antes de empurrá-la para baixo com força e rapidez, arrancando um grito patético dela.

– *Sim*, – ela murmurou, tentando resistir a ele enquanto suas unhas cavavam através de seu pelo para esfaquear sua carne dura. – Mais.

Ele empurrou para cima mais rápido e ajudou a movê-la para que ela caísse com mais força.

Ela ganhou força suficiente para inclinar a cabeça ligeiramente

para frente para que pudesse olhar para o rosto estranho dele, encontrando seus orbes de uma cor tão atraente de roxo que a fez estremecer.

*Por que eu os acho tão bonitos?*

— Você sabe quanto tempo eu desejei estar dentro de sua boceta novamente? — Ele disparou para frente para poder passar sua língua áspera pelos lábios dela. — Quanto sofri por isso? Para ter suas entranhas se contorcendo em volta do meu pau assim? — Ele deu um estremecimento, seu corpo inchando enquanto seu pênis inchava novamente. — Toda vez que eu provei você, estive a momentos de enfiar dentro de você. Eu *queimei* por isso. Eu preciso sentir você vindo ao meu redor, Delora. Preciso sentir, provar, sentir esse perfume em meu corpo enquanto você me cobre com sua essência.

*Oh Deuses.* Suas paredes internas se apertaram, sentindo-se inchadas com seu orgasmo iminente, assim como seus olhos se curvaram em vincos de agonia. *Eu...*

— E ter você em cima de mim... — Magnar soltou um gemido tão assombrado, seu corpo tremendo debaixo dela enquanto ela o cavalgava. — Para que você se foda com meu pau... Movendo-se para cima de mim como se precisasse de mim tanto quanto eu tenho fome de você...

*Acho que estou apaixonada por ele.* Seu coração apertou em seu peito, irradiando com uma dor tenra que parecia... linda de se ter. *Estou apaixonada por Magnar.*

Ela tinha que estar. Por que mais ela teria *implorado* por seu pênis? Por ele?

Sua cabeça caiu para frente para que ela pudesse colocá-la contra ele, querendo estar ainda mais perto do que já estavam. Parecia que havia algo vibrando em seu peito, tão leve e despreocupado, enquanto seu corpo cantava de prazer, cada golpe de seu pênis empurrando-a para mais perto da borda.

*Ele se sente tão bem dentro de mim.* Como se ele pertencesse ali, como se sempre tivesse pertencido ali.

— Não sei quanto tempo mais poderei me segurar — disse ele.  
— Eu preciso que você venha para mim antes que eu desista, Delora.

Quando ela não o fez, ele colocou a mão na parte de trás da cabeça dela e puxou-a para trás para que ela fosse forçada a colocar seu olhar cheio de vertigem nele. Seu nariz estava embaçado, seus olhos mais úmidos do que o normal enquanto ela ofegava desesperadamente em seu rosto etéreo.

Seu coração palpitava em adoração a ele. De seus orbes roxos cheios de luxúria, o osso branco de seu crânio que foi destacado pela lareira e velas próximas. De seus chifres lançando uma sombra sobre ela, erguendo-se ameaçadoramente acima de sua cabeça.

— Venha. Para. Mim. — Ele rosnou com um lampejo de vermelho piscando em seus orbes, batendo nela para pontuar cada palavra enquanto ela estava trazendo sua boceta para baixo sobre ele.

Seu corpo apertou. Seus músculos ficaram tensos por todo o corpo.

Assim como ela estava jogando a cabeça para trás para gritar quando seu orgasmo começou, o calor aumentou por dentro. Ela viu sua alma explodir em uma explosão de chamas entre os chifres dele.

O rugido ensurdecedor e estrondoso que soou dele quando sua alma se transformou em uma chama completa e ela começou a ordenhar seu pênis foi o único aviso que recebeu.

Ele se lançou para frente, jogando-a contra o chão e tirando o oxigênio de seu corpo. Magnar começou a martelar seu pênis dentro e fora dela descontroladamente.

Delora não podia fazer um som enquanto cada estocada tirava o fôlego dela, estrangulando seus pulmões sob o ataque. Ela deslizou as pernas ao redor dele, cravando os calcanhares nas laterais das pernas dele para se segurar a ele. Os braços dela se moveram para estar ao redor de seu torso em vez de em volta de seu pescoço para segurar suas estocadas.

Seus tentáculos deslizaram ao redor de seus quadris para se agarrar, cavando com tanta força que ela os sentiu apertando.

Mas isso não foi suficiente para Magnar.

Com um baque distinto, ele bateu os galhos bifurcados de seus chifres contra o chão. Eles apoiaram os dois quando ele levantou a si mesmo e a ela do chão enquanto permanecia de joelhos.



Seus braços envolveram ainda mais apertado em sua bunda e ombros, entrelaçando-os de modo que ela ficou completamente e totalmente incapaz de se mover.

A liberdade de seus corpos no ar permitiu que ele se movesse ainda mais rápido, batesse ainda mais fundo.

E aqueles pequenos nódulos que se estendiam por toda a extensão de seu pênis em três lados deslizando para dentro e para fora dela pareciam uma *vibração*. Fez cócegas em sua entrada e no fundo, fazendo seus olhos se arregalarem quando ela percebeu.

Delora gozou quando um rosnado se soltou, seus impulsos tão ferozes e descontrolados que a enviaram para a borda novamente. Ela se foi, perdida para ele, para isso, para o prazer e como seu pênis vibrando suavemente deslizava dentro dela.

Ela queria implorar para ele transar com ela. Ela queria sussurrar que sim, dizer a ele como era bom, que era incrível. Mas ela não podia.

Não havia nada que Delora pudesse fazer além de soltar gritos cheios de prazer e arrancar suas penas dele até que ela foi forçada a agarrar outra parte de suas costas para que ela tivesse algo para se segurar. Mais se soltou.

— *Você é minha!* — ele alertou, seu rosnado parecendo piorar.  
— *Você sempre será minha!*

— Sim! Sua. — Ela tentou gritar, mas suas palavras saíram apenas como um sussurro.

Ela sentiu suas garras cavando, mas ela apenas se arqueou nelas. Em vez de ficar assustada, ela apenas as achava perigosamente excitantes. Era como se ele quisesse se enterrar sob sua pele.

O estalo e o esmagamento de seus corpos se encontrando quando ele estava sentado profundamente era alto em seus ouvidos. Seus movimentos eram rápidos demais para parecer que estavam ali, e ambos estavam tão molhados que era imperdível.

Ela tentou espalhar suas coxas impossivelmente mais ao redor de seu corpo maciço. Ele estava tão profundo, mais do que qualquer ser humano poderia estar, mas Delora queria que ele a tomasse até que a quebrasse em dois. Ela queria senti-lo amanhã, mancar com dores e

sofrimentos, sabendo que ela tinha sido apaixonadamente corroída, desejada, necessária.

— É tão bom, — ela sussurrou, incapaz de resistir a ele como ela queria. Suas unhas cravaram em suas costas, agarrando tudo o que podia de seu corpo. — Você é tão bom. *Sim. Por favor, não pare.*

Magnar estava enrolando-a tão rápido que ela sabia que iria gozar novamente. *Nunca fui levada assim.*

Onde ela era fodida violentamente, mas também mantida como se fosse preciosa. Segurada com tanta força como se temesse perdê-la.

Um gemido suavizou sua voz quando ele murmurou, — *De... lora.*

Ela o apertou, seu pequeno gemido fazendo-a tremer.

Então, no meio de suas estocadas rápidas, ela sentiu um calor líquido preenchendo seu núcleo. Seus joelhos dobraram quando suas paredes internas se contraíram ao redor de seu pênis como se seu próprio corpo estivesse tentando sugar aquele líquido mais fundo.

— Oh! — ela gritou, seu gemido atado em sua própria voz. — *Você veio?*

Ele ainda estava empurrando forte, ainda empurrando contra ela rápido. Ele soltou um gemido, e ela sabia que era sua maneira de responder agora enquanto ele a enchia com sua semente enquanto se *movia*, como se ele não estivesse disposto a se livrar de como suas entranhas o acariciavam.

Delora quase ficou vesga, contorcendo seus quadris contra ele, embora seus tentáculos estivessem tão apertados que era quase doloroso. *Está tão quente. Encha-me, dê-me tudo.* Ela tentou girar para cima e para baixo, para cumprimentá-lo apenas para que se sentisse ainda melhor para ele, para que ele lhe desse ainda mais.

*Ah, porra. Ah, porra.* A sensação a levou ao limite, e ela mordeu o próprio lábio com tanta força que sabia que havia tirado sangue.

Ele deu um estremecimento que percorreu todo o seu corpo, pouco antes de ela sentir o barulho familiar daquele intenso volume de líquido começando a transbordar e sair dela em gotas grossas.

Quando ela sentiu as cócegas escorrendo pelas curvas de sua bunda e através de seu monte púbico para deslizar sobre seu quadril,

ela queria sentir mais, adorando, amando, se contorcendo enquanto gozava com ele.

Quando seu pênis parou de inchar repetidamente, ele finalmente desacelerou. Ele finalmente relaxou. Ela sentiu seu batimento cardíaco rápido contra sua bochecha, mais rápido do que ela já tinha ouvido, e ela esperava que ele pudesse sentir o dela contra seu abdômen.

Ele se contraiu como se tremores secundários estivessem queimando dentro dele.

Depois de alguns momentos de ambos se abraçando neste brilho posterior, Magnar finalmente a abaixou no chão, como se estivesse ficando fraco em sua satisfação. Ele não se mexeu, não parou de pairar sobre ela, como se fosse incapaz de soltá-la.

Ela sorriu quando seus olhos encontraram profundas marcas de garras em seu próprio ombro e na lateral de sua bunda.

— Você me curou imediatamente? — ela perguntou, estendendo a mão para acariciá-lo logo abaixo das feridas.

Elas não eram profundas, então ele não deve tê-la cortado tanto quanto da última vez, mas eles ainda pareciam doloridos.

— Sinto muito, — ele disse, seus orbes ficando rosa-avermelhados de vergonha. — Eu pensei que seria capaz de fazer isso sem machucar você, mas eu estava errado.

Seus tentáculos se abriram quando ele colocou as mãos no piso de madeira para se firmar, seus chifres levantando-se do chão. Ele começou a afastar seu eixo amolecido.

Sem hesitar, Delora agarrou um daqueles membros contorcidos e puxou-o.

— Onde você pensa que está indo? — ela rosnou, sua voz rouca e quebrada de tanto gritar. — Eu sei que esse seu pau pode gozar uma segunda vez.

Ele fez uma pausa quando estava quase totalmente fora dela.

— Mas eu te machuquei de novo, Delora.

— E aqui estou eu, querendo mais de você. — Ela ergueu os quadris para cima e para baixo para agitar o orgasmo transbordante dentro dela. Olhando para baixo, ela observou enquanto se fodia com

a ponta de seu pênis roxo, ganhando um pequeno gemido de satisfação quando ele agarrou seu ombro. Era como se ele precisasse que ela parasse, estivesse tentando fazê-la parar. — Eu não me importo que você tenha me arranhado. Eu quase nem senti. Eu só... não quero parar. Eu precisava disso há tanto tempo.

Como se ele fosse incapaz de se conter, apreciando o movimento dela por baixo, ele afundou um pouco mais.

— E se eu...

— Talvez você se saia melhor da segunda vez, — ela rapidamente rebateu por cima dele. Ela virou a cabeça e mordeu a lateral do braço dele, tentando convencê-lo com dor a ser travesso com ela novamente. — Talvez você só precise praticar. — Ela mordeu a palma calejada quando ele estremeceu de prazer e a virou para ela. Ela afundou os dentes no músculo firme logo abaixo do polegar. — Para foder minha boceta de novo, e de novo, e *de novo* até que você se acostume a enchê-la, gozar dentro dela, torná-la sua.

— *Delora* — ele murmurou, abaixando-se enquanto tremia.

Lentamente, sendo persuadido por seus dentes, ele deslizou seu pênis endurecido de volta para dentro dela até que estivesse enterrado até o fim.



Magnar abriu suas presas quando seu pênis estava completamente protegido no ninho reconfortante de seu canal, deixando escapar um suspiro gemido.

Com algumas respirações, ele finalmente declarou: — Boceta? Eu não conheço essa palavra.

— Ainda há tanto para te ensinar, — ela riu, seus olhos cheios de humor e calor. — É outro nome para minha vagina.

Sua *boceta* — como ela a chamava — estava pulsando, abraçando-o com seu calor inchado e umidade misturada. Parecia o céu absoluto,

e ele parcialmente se deitou sobre ela em suas coxas e mãos, firmando-se através dele.

Como se estivesse insatisfeito com apenas uma vez, seu pênis já estava totalmente inchado e dolorido. A necessidade de gozar novamente agarrou sua virilha como uma fome terrível, exigindo que ele voltasse a comer seu corpo. Seu sangue parecia estar cheio de fogo, bombeando calor por todo o seu ser e aumentando seus músculos, batendo em seu pênis em batidas pesadas e fazendo seu pelo e penas incharem.

— É sua, Magnar, — ela disse abaixo dele, fazendo-o perceber que fechou a visão enquanto se deleitava com a felicidade dela. — E eu também.

Ele abriu a visão para descobrir que as bordas estavam de um roxo profundo, envolvendo-a em uma névoa.

— Você é a criatura mais linda do mundo, — ele ralou, as palavras saindo dele sem pensar.

Grande parte da pintura em seu corpo era irregular e manchada, revelando um mamilo rosado e a carne levemente bronzeada de seu outro seio, ambos se movendo e tremendo com cada uma de suas respirações ofegantes. Ela era linda com seu cabelo escuro bagunçado, olhos castanhos e corpo suave. Ele estava totalmente apaixonado por ela, ainda mais quando seus lábios se curvaram em um sorriso.

Foi aquele sorriso que o capturou completamente.

Ele se preocupou se ele se deitasse sobre ela, ele iria esmagá-la. Ele manteve os braços esticados enquanto abria as coxas, tentando ficar ao nível dela. Ele arqueou suas costas profundamente. Seu tamanho era muito grande entre suas coxas, mas suas pernas estavam abertas e largas em boas-vindas, permitindo que ele pudesse envolver seus tentáculos ao redor de seus quadris.

Ela abaixou uma de suas mãos para que pudesse envolvê-la ao redor da base de seu pênis e tocar os lábios abertos de sua boceta.

— Você pode me ter sempre que quiser, — ela disse enquanto se inclinava para cima. Ela pressionou os lábios no peito dele e, em seguida, sob sua longa mandíbula, fazendo sua cabeça inclinar-se para

cima enquanto ele expunha a parte de baixo para ela, sua longa cauda tremendo. — Eu quero que você me foda até que você conheça cada centímetro de mim. Quero que me use até ficar satisfeito, até *ser você* quem quer parar.

— Eu não acho que isso seja possível, — ele resmungou, puxando seus quadris para trás apenas para empurrá-los para frente um segundo depois. Ela deu um miado como recompensa. — Acho que nunca vou me cansar de você, meu pequeno corvo.

Apesar de seu desejo de se mover mais rápido, Magnar não o fez. Ele queria prolongar isso, saborear seus sons, o barulho de seus corpos se cumprimentando.

Ele queria ser gentil e ver se podia brincar com suas entranhas, provocá-la e induzi-la ao orgasmo em vez de forçá-lo sobre seu corpo com velocidade e profundidade. Magnar queria ver como Delora se quebraria ao redor de seu pênis quando ele finalmente estivesse no controle de si mesmo... e dela.

Ele queria que ela ansiasse por seu pênis, por seu próximo orgasmo. Para fazê-la implorar e implorar por isso, como ela fez para ele preenchê-la.

Ele se sentia inegavelmente inteiro dentro dela, mas se perguntava se seria possível intensificar esse sentimento para ambos.

Magnar queria aprender tudo o que havia sobre isso. E ele ficou emocionado por ela querer mostrar a ele, sabendo que se ela comesse a tentar ativamente, ela teria Magnar à sua mercê. *Ela já me excita*. Apenas seus lindos olhos nele fizeram seu corpo se mexer. Ele estaria felizmente condenado.

Olhando com um ritmo lento, ele abaixou-se apenas o suficiente, fodendo-a apenas com a ponta, para que pudesse passar a língua por todas as partes sensíveis de seu peito e garganta. Suas orelhinhas a faziam tremer, e ele se concentrou em uma só para que ela soltasse um grito.

No momento em que seus lábios se separaram, ele a obrigou a engolir sua língua quando ela soltou aquele som assombroso, fazendo seu corpo se contrair de surpresa. Ele não percebeu que o sentiria ao redor de seu pênis quando ela quase o estrangulou com as paredes

internas de sua boceta.

Desta vez, Magnar seria brincalhão. Ele ia adorar seu corpo do jeito que sempre quis.

*Quero vê-la ficar tão desesperada quanto eu.*

# EPÍLOGO

Delora deitou-se confortavelmente em cima de Magnar com os braços cruzados sob o queixo, girando preguiçosamente o dedo indicador pelo longo pelo que cobria o peito dele. Ela olhou para ele descansando contra o chão, seu focinho apontado para o teto.

Eles estavam deitados torso com torso, ambos cobertos da cabeça aos pés com tinta colorida que haviam manchado um ao outro.

Eles também derrubaram muitas de suas tigelas de tinta, dando-lhes mais para brincar, enquanto manchavam o piso de madeira com a evidência de sua foda rigorosa. Havia traços dele por toda parte, marcas de mãos, pegadas, manchas que ela não sabia que parte móvel do corpo fazia.

Havia também algumas poças de branco que ela *sabia* que não eram tinta. Em algum momento, seus seios escorregaram por uma delas quando ele a pegou por trás. Magnar ficou cada vez mais animado quando descobriu que poderia colocá-la em diferentes posições e deixá-la louca.

A lareira estava quase morta de chamas, já que nenhuma das duas tinha aumentado. Ela não precisava do calor; Magnar a estava aquecendo. Além disso, o sol havia nascido *há muito* tempo, fornecendo toda a luz de que precisavam.

Com suas coxas moldadas ao redor de seus quadris enquanto seus tentáculos a rodeavam, ela estava bastante contente em ter seu pênis longo, mas macio, aninhado dentro dela.

*Quem diria que fazer sexo me faria sentir melhor?*

E definitivamente tinha. Ela estava triste, mas não era tão prevalente quanto antes, considerando que seu corpo cantava de contentamento.

Delora girou mais padrões no peito de Magnar, tentando evitar as múltiplas marcas de garras que ele tinha em seu próprio corpo de quando ele a curou durante a noite.

Ela acidentalmente levantou-se parcialmente de seu eixo e então se enterrou nele ainda mais do que antes, esperando sentir seu batimento cardíaco mais profundo dentro.



Seu peito ofegante apertou enquanto ele gemia fervorosamente. Ele acidentalmente deu um tapa na bunda dela quando a agarrou e a empurrou para baixo enquanto empurrava os quadris para cima.

Um gemido saiu dela desta vez.

— Não mais, — ela implorou, enterrando o rosto contra o pelo macio dele. — Eu pego de volta. Estou cansada agora.

— Você é a única que queria ficar aí. — Ela levantou a cabeça quando sentiu que ele se moveu para olhar para ela. Suas orbes amarelas de contentamento brilharam em roxo antes que ele lambesse suas presas com a língua enrolada no topo de seu focinho. — Seu corpo parece o paraíso. Não é minha culpa. Eu avisei que nunca me cansaria disso.

— Já foram quatro vezes! — Com um olhar indiferente, ela apontou para a janela da sala. — O sol nasceu, Magnar. Já está no ar há horas!

*Eu só queria dormir com ele dentro de mim.*

Ela gostava dele lá, fazendo-a sentir-se querida e completa. O abraço quente de seu pênis era íntimo, e o calor dele cuidava de seu núcleo macio. Ela temia que se ele se separasse dela começaria a doer.

Seus chifres bateram contra o chão, empurrando sua cabeça ligeiramente para frente em um ângulo estranho, enquanto ele voltava a descansar.

Ele puxou suas garras para o lado de sua coxa apenas para fazê-la estremecer. Ele também fez o mesmo com a coluna dela, e suas costas arquearam como um gatinho – o que fez sua boceta escorregar em torno dele.

— Eu gosto quando você faz isso, — ele retumbou com uma risada. — Seu corpo é muito sensível às minhas garras.

— Faça isso de novo, e eu vou te morder, — ela avisou.

— Você vai agora?

Ele arrastou as pontas afiadas de suas garras pela coxa e pela espinha dela, e seu corpo tremeu violentamente. Seu corpo arqueado em ondas, movendo seu pênis dentro e fora dela.

Magnar gemeu, como se isso fosse o que ele queria o tempo todo.

Delora enterrou o rosto contra ele e mordeu o mais forte que pôde ao redor da parte inferior de seu músculo peitoral, o pelo mais curto que a metade superior. Foi um grave erro da parte dela – ela o sentiu começando a engrossar e endurecer dentro dela assim que ele começou a empurrar rápido, espremendo seu pênis amolecido para dentro e para fora.

– Magnar!

O bastardo riu!

– Isso é divertido – disse ele quando terminou. – Espero que você me morda mais. Isso me faz querer puni-la com meu pau.

Delora soprou uma mecha de cabelo para longe dos olhos.

– Podemos fazer uma pausa agora?

– Acho que isso não é mais possível.

Ela podia sentir pela pressão dentro dele que ele estava quase totalmente ereto agora, e Delora plantou seu rosto contra ele.

– Não – ela retrucou sem entusiasmo.

Ele gemeu em resposta.

Ela ergueu a cabeça apenas para poder olhar para ele sem acreditar.

– Você realmente acabou de *reclamar* de mim? – Ele fez isso de novo! Mas o clarão roxo que surgiu em seus orbes disse a ela que ele estava apenas tentando ser duvidoso. Ela deu um tapa no peito dele. – Lamentar não dá tudo o que você quer. Isso apenas o torna imaturo.

– Tudo bem – ele resmungou, lambendo o interior de sua boca em agitação. Ele fechou a visão para que seus orbes ficassem pretos. – Mas você não pode sair de onde está agora. Você pode descansar assim, conosco como um.

*Bom.* Ela retomou padrões rodopiantes em seu pelo. A ação era reconfortante e ajudou a deixar seus olhos mais pesados.

Mas havia algo que a impedia de adormecer e já fazia um tempo.

As bolhas de emoções que ela sentia se recusavam a deixá-la descansar, exigindo que ela as derramasse ou ela poderia estourar. Ela mordeu o lábio inferior ansiosamente, o último fragmento de sua

insegurança na presença dele a segurando.

Ela teve que forçar a coragem do fundo de seu ser. Quase vacilou quando ela abriu os lábios para falar.

— Eu... te amo, — ela disse baixinho, meio que esperando que ele não tivesse ouvido.

O silêncio a cumprimentou.

Então Delora ficou irritada quando pensou que ele não tinha ouvido quando ele definitivamente deveria ter ouvido. Ela pode ter sussurrado, mas ele geralmente tinha habilidades auditivas sobre-humanas.

*Ele me ignorou?* Ela meio que esperava que ele perguntasse a ela sobre isso.

Ela notou o batimento cardíaco dele aumentando desde que sua mão estava descansando sobre ele.

— Magnar?

Ele ergueu a mão e passou as garras pelo cabelo dela, acariciando-a enquanto as pontas raspavam deliciosamente em seu couro cabeludo.

— Eu também te amo, Delora.

— P-perdão? — ela gaguejou, confusa sobre por que ele disse isso de volta.

Ele ergueu a cabeça mais uma vez e abriu a visão, revelando brilhantes orbes rosa flamingo. Ele torceu seu crânio de raposa para ela.

— Eu também te amo. — Os lábios dela se abriram em surpresa desta vez, e ele virou a cabeça para o outro lado. — Você disse isso para mim, mas isso não é algo que você queria ouvir?

Ela pressionou as mãos contra o torso dele para se sentar com as sobrelanceiras franzidas em sua direção.

— Bem, sim. É só... eu não esperava que você dissesse isso de volta. — Ela não pôde deixar de desviar o olhar. — Você ao menos entende o que isso significa?

Ela só trouxe seus olhos de volta para ele porque ele segurou o lado de seu rosto e o guiou.

— Claro. Perguntei a Orpheus por que eu continuava vendo a

cor que vejo agora. — Seus olhos dispararam entre cada uma de suas esferas rosa brilhantes. — E ele explicou o significado disso. Eu sei o que significa, Delora. Já faz muito tempo que sei que te amo.

— Se isso é verdade, por que você não me contou?

— Eu não sabia se isso era algo que você queria de mim. Não queria pressioná-la com meus sentimentos e me contentei em apenas amá-la, mesmo que você não sinta o mesmo.

Seu coração apertou em seu peito, e ela não conseguia parar as lágrimas que brotavam de seus olhos curvados.

— Mas por que? Eu... fui tão fria com você.

— Eu achei você atraente desde o início, Delora. Você estava quebrada e precisava de cura, mas isso não a tornava menos bonita ou digna de cuidados. Comecei a te amar quando você estava triste, mas só aumentou a cada sorriso que você me presenteou. E cuidar de você me fez sentir como se tivesse um propósito. Você me fez sentir como se não fosse apenas um monstro feio que come tudo, mas algo que vale a pena o seu afeto. — Ele acariciou o polegar em sua bochecha para roubar uma lágrima. — Porque você está chorando?

— Não sei. — Ela se encolheu até ficar pressionada contra ele, agarrando-se ao pelo dele com os punhos cerrados. — Estou feliz por estar aqui. Estou tão agradecida por ter conhecido você, Magnar. Você é maravilhoso, gentil e paciente, e acho que estou aliviada por você me amar de volta.

Magnar envolveu seus braços reconfortantes ao redor dela e a apertou contra seu torso, permitindo que ela chorasse alegremente contra ele. *Ele me ama.*

— Eu sou seu, minha pequena noiva corvo. — Ele bateu o canto de sua mandíbula ossuda contra o lado de sua testa afetuosamente, com ternura e *amor*. Ela sentiu todo o caminho até sua alma brilhante e totalmente flamejante entre os chifres dele. — Para sempre e sempre, só seu.